

Márcio de Jagun

Ewé

A chave do portal

O conceito de saúde e doença conforme a filosofia ioruba, a ritualística do equilíbrio físico e espiritual através do elemento vegetal

LITTERIS EDITORA

INSTITUTO ORI

Copyright desta edição © 2019 by Márcio de Jagun
Direitos em Língua Portuguesa reservados a Litteris Editora.
ISBN - 978-85-374-0474-4 (2020)
ISBN - 978-85-374-0472-0 (versão impressa)
Conversão: Cevolela Editions



Litteris Editora Ltda.
Av. Marechal Floriano, 143 - Sl. 805 - Centro | 20080-005 Rio de Janeiro - RJ
tel (21) 2223-0030; (21) 2263-3141
litteris@litteris.com.br
www.litteris.com.br

Márcio de Jagun

Ewé - A Chave do Portal

O conceito de saúde e doença conforme a filosofia ioruba, a ritualística do-equilíbrio físico e espiritual através do elemento vegetal

Realização: INSTITUTO ORI

Rua Inimutaba, 06 – Pedra de Guaratiba – RJ

ori@ori.net.br

2019 – 1ª Edição

Esta obra encontra-se devidamente registrada no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional e não poderá ser reproduzida, parcial ou totalmente, por quaisquer meios, sem prévia autorização do autor, com base na Lei 5.998/73.

Sumário

1. Capa
2. Apresentação
3. A Sabedoria da Folha
4. Tem Poderes...Sabe das Coisas
5. As Folhas que nos Encantam
6. Nossa Herança Ancestral
7. Notas do Autor
8. PARTE 1- ESTRUTURANDO CONCEITOS
    1. Capítulo 1 - Noções sobre a Gramática Ioruba
        1. A Origem do Idioma
        2. O alfabeto e som das letras
        3. As vogais puras e as vogais nasais
        4. Vogais alongadas
        5. Os caracteres, os sons e os tons da fala
        6. Fonética
    2. Capítulo 2 - O Complexo jêje-nagô
    3. Capítulo 3 - A Palavra e suas Possibilidades
        1. Encantabilidade
        2. Transmutabilidade
        3. Transbordabilidade
        4. A Palavra e o ase
        5. Orin (a palavra cantada)
        6. Ofo (a palavra encantada)
        7. Oriki (a palavra louvada)
        8. Itan (a palavra narrada)
        9. Owe (a palavra sentenciada)
        10. Adura (a palavra rezada)
        11. Ese (a palavra refletida)

12. Okudu (o silêncio da palavra)
4. Capítulo 4 - A natureza e o homem
5. Capítulo 5 - Corpo Individual e o Corpo Coletivo
    1. Esu e o corpo
    2. Ori, a divindade no corpo
    3. Enikeji, o corpo Emocional
    4. Os requisitos da vida no corpo
    5. O corpo como altar
    6. Corpo tabu
    7. Hunbe: a educação do corpo individual e coletivo
    8. O corpo enquanto ferramenta para o destino
    9. O corpo como elemento do culto
6. Capítulo 6 - A Noção de Saúde Física e Mental
    1. Escolhas feitas antes do nascimento e durante a vida
    2. Fatores ligados à ancestralidade
    3. Equilíbrio ou o desequilíbrio energético
    4. A saúde mental
7. Capítulo 7 - O Surgimento da Doença
8. Capítulo 8 - Os Ajogun
9. PARTE 2 - ESPECIFICANDO CONTEÚDOS (ramos de conhecimento)
    1. Capítulo 9 - A Medicina Ioruba
        1. O Princípio do sacrifício
        2. Veneno e antídoto - comportamento do homem diante da doença
        3. As Substâncias curativas
        4. Os Processos curativos
        5. A água nos processos curativos
        6. O Poder da fala e a cura
    2. Capítulo 10 - Osanyin, o dono de todos o vegetais
        1. Origem do culto
        2. Características e regências

    3. Osanyin e Aroni
3. Capítulo 11- A Folha e a sabedoria
    1. A Rivalidade entre Osanyin e Orunmila
    2. A disputa entre Oferenda e Remédio
    3. Herbologia e ifalogia
    4. Paridade e imparidade
    5. A relação entre Osanyin e Esu
    6. Qualidades e oferendas
4. Capítulo 12 - Omolu, o grande médico
    1. Origem e releitura brasileira
    2. Omolu, Nana e o ferro de Ogun
    3. Obaluwaiye, seu surgimento e as divindades das doenças
    4. O mito da esmola
5. Capítulo 13 - Os awon Orisa se apoderam das folhas
    1. Osanyin, o proprietário das folhas
    2. Folhas, divindades e energias
    3. As Ervas e os elementos da natureza
6. Capítulo 14 - O Sistema Ioruba de Nomenclatura e Classificação das Plantas
    1. A taxonomia clássica
    2. O sistema de classificação ioruba
    3. Denominação pela referência ao orisa
    4. Denominação pelas características ostensivas
    5. Denominação dada pelo sabor
    6. Denominação pela referência a animais
    7. Denominação pela propriedade / utilidade
    8. Denominações genéricas
    9. As ervas escravas
    10. Classificação pelo porte
    11. Classificação pelo elemento da natureza e pelo sexo
    12. Plantas do lado direito e esquerdo

13. Paridade e imparidade
14. Ervas, elementos da natureza e divindades

7. Capítulo 15 - O ritual do Sasanyin
    1. Objetivo e finalidades
    2. Os procedimentos do Sasanyin
8. Capítulo 16 - As plantas, seus cantos e encantos
    1. A ciência encontrou Osanyin
    2. Os cantos genéricos

10. Glossário de ervas: ficha catalográfica
11. Glossário de aplicação das ervas
12. Glossário por nome de ervas: português
13. Glossário por nome de ervas: ioruba
14. Glossário por nome de ervas: nome científico
15. Glossário de ervas por Orisa
16. Glossário de palavras em ioruba utilizadas no texto
17. Apêndice
18. Bibliografia
19. Sobre o Autor

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos ancestrais, por me permitirem fazer parte desse mundo e ao Criador, por oferecer a natureza que é viva em mim e em torno de mim.

Agradeço a todos aqueles que me ensinaram e me ensinam; aos que me incentivam e me fortalecem.

Agradeço a todos que, antes de mim, pesquisaram e se dedicaram nos fornecendo seu vasto e valoroso conhecimento.

Agradeço aos meus familiares e à minha comunidade religiosa, pela paciência e compreensão durante o período em que me dediquei intensamente a esta obra.

Agradeço às minhas queridas amigas: Professora Telma Gama, pela generosidade no fornecimento de vasto material para pesquisas e reflexões, todas exúdicas para a construção deste livro; às Professoras Denise Pini Rosalem Fonseca e Stela Guedes Caputo pelo incentivo e apoio constantes.

Agradeço pelas oportunidades, fáceis ou difíceis, que contribuíram para minha formação e amadurecimento.

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra a todos aqueles que percebem as plantas como irmãs; como seres sagrados que nos vestem, acolhem, curam, alimentam, ensinam e nos ligam ao Criador.

APRESENTAÇÃO

O Candomblé é conhecido como a "Religião dos Orixás". E estes, são expressões da natureza, sentimentos, emoções, espelhadas em ancestrais divinizados.

O relacionamento, pois, entre a humanidade e os *Òrìṣà*, é o mesmo que o relacionamento entre a humanidade e a própria natureza. E, sem dúvida, a chave desse portal se dá através das ervas, que no idioma ioruba são chamadas "*ewé*".

A humanidade sempre garantiu sua sobrevivência através do elemento vegetal. Com as fibras de plantas, se veste; com suas cores, se orna; com seus princípios ativos, se cura; com suas propriedades, se alimenta; com sua sombra, se refaz do calor; graças às suas folhas, respira melhor; com seus exemplos, se inspira; e com seu *àṣẹ*, se liga ao Criador.

A dita "civilidade", anula nossa relação com o natural, assim como anula nossa relação com a natureza que está dentro de nós e que também nos envolve neste mundo. Muitas vezes, vivemos nossas vidas passando por plantas, das quais colhemos frutos, sem jamais reconhecermos sua generosidade. Aproveitamos sombras acolhedoras, sem sequer notarmos a gentileza das folhas que nos refrescam. Enquanto isso, vetustas árvores nos vêm transitar pelas mesmas calçadas, por anos a fio. Observam-nos crescer, dia após dia. Acompanham a quem damos as mãos. Silenciosamente, riem com nossos sorrisos, choram com nossas lágrimas. Observam-nos enquanto passamos por este mundo.

A preocupação ocidental com a preservação do ambiente é bastante recente. No entanto, os africanos, notadamente a etnia ioruba, há milhares de anos atrás, não só percebiam esta relação intrínseca e vital com a natureza, como também reconheciam nela suas divindades. A natureza para eles era e é divina. Divina em sua essência, divina em sua generosidade, divina em seu poder, divina em sua beleza pura e simples.

O iorubano então, desde há muito, estabeleceu um vínculo de amor e de devoção com a natureza que o sustentava, não apenas física, mas também espiritualmente.

Este trabalho oferece uma reflexão sobre o conceito filosófico que o

ioruba tem sobre a saúde e a doença. Como ela se constitui e se reconstitui.

Os conceitos da medicina ioruba vão nos descortinar a relação com o corpo individual, o corpo coletivo as doenças físicas e emocionais, bem assim os princípios da polaridade: veneno/ antídoto para as males físicos e emocionais.

A reflexão acerca do surgimento da doença no universo mítico ioruba, revelará como esse povo compreende a atuação divina e humana em relação à saúde.

A manipulação das plantas proporciona então um caminho mágico entre homens e deuses. A sabedoria ioruba ensina a despertar os poderes existentes nas folhas, propiciando assim, aos seres humanos, um contato espetacular com os quatro elementos da natureza e com as divindades que em cada qual destes se insere.

Embora cada *Òrìṣà* tenha mitologicamente se apropriado de determinadas plantas, *Ọ̀sányìn*, o deus ioruba dos vegetais, é aquele que detém o domínio soberano sobre todas elas. Somente esta divindade pode permitir que as ervas desprendam suas propriedades e estas possam ser utilizadas pela humanidade, conforme a filosofia ioruba.

As plantas são também essenciais à liturgia do Candomblé. Sem o manejo correto dos elementos vegetais, não é possível a prática de nenhum ritual na religião dos *Òrìṣà*. As folhas são indispensáveis ao contato com os deuses. Daí o provérbio *"Kò sí ewé, kò sí Òrìṣà."* (Sem folha, não há Orixá).

Entretanto, para isso, *Ọ̀sányìn* precisa ser reverenciado desde antes da colheita das plantas, até o momento alquímico da transformação das espécies vegetais em fórmulas rituais, litúrgicas e terapêuticas.

É necessário cultuar adequadamente *Ọ̀sányìn*. É imprescindível conhecer a forma e o horário certos de se buscar as ervas. Conhecer a influência da lua, identificar o elemento da folha apropriado para cada finalidade, compor sabiamente o equilíbrio entre as plantas excitantes e as calmantes. Mister, colher corretamente e proferir as palavras de encantação (*ọfọ̀*), cânticos litúrgicos (*korín ewé*) e rezas (*àdúrà*) indispensáveis nesta liturgia.

Todo este processo constitui um dos mais importantes fundamentos religiosos do Candomblé, o *sàsányìn* (*asà Ọ̀sányìn* = cerimônia a *Ọ̀sányìn*).

A manipulação mágica do *àṣẹ* através das folhas, os conhecimentos sobre o *Òrìṣà Ọ̀sányìn*, o ritual do *sàsányìn*, o complexo e fascinante sistema de nomenclatura e de classificação das ervas conforme a cultura jêje-nagô, o reconhecimento das ervas e a aplicação das mesmas na cura de enfermidades, bem como no reequilíbrio do homem, serão objetos deste nosso estudo.

Ewé: a Chave do Portal, dedica-se a desvendar esse incrível mundo que nos rodeia, de forma que possamos compreender melhor a natureza que há em nós e em torno de nós e, sobretudo, nos ajudar na busca deste saudável equilíbrio através do culto aos *Òrìṣà*.

A SABEDORIA DA FOLHA: EQUILÍBRIO E TRANSMUTAÇÃO

No dia 22 de outubro de 2018, durante a II Conferência Internacional e Interdisciplinar de religiões africanas e afrodiaspóricas globais, realizada na UFJF, ouvimos o professor nigeriano Jacob Olupona, que leciona Tradições Religiosas Africanas (Harvard Divinity School), proferir a palestra de abertura intitulada: "O Local e o Global no Estudo e Prática da Religião Africana". Olupona acredita que, embora muitos pensem as religiões africanas como étnicas ou locais, uma grande quantidade de religiões africanas foram além de seus pontos de origem se enraizando em muitos lugares e podem ser encontradas atualmente florescendo por todo globo, contrariando essa visão estreita localizada.

Por isso mesmo, de acordo com Olupona, pesquisadores das tradições africanas (em seus diferentes aspectos), precisam articular como a globalização dessas tradições deve mudar a forma como pensamos e nos dedicamos a ela, o que possibilitará não somente repensar as tradições, mas também repensar como praticamos essas tradições. Para tanto, uma das sugestões de Olupona, é intensificar o foco na pesquisa de arquivos que possibilite aprofundar mais o passado eem como os antigos praticantes experenciavam as tradições. *"É um lugar comum que a maior parte dos estudos sobre religiões africanas carecem de perspectivas históricas profundas. Nesse momento, existem pouquíssimos trabalhos que podemos nos referir como história das religiões africanas no continente e na diáspora. Parte desse problema é que sociedades e nações que não encaram suas próprias tradições com seriedade, quando construindo suas visões de mundo, irão continuar escravizados por ideias e sistemas de pensamentos ocidentais"*, diz Olupona.

A segunda sugestão de Oluponaé entender que as tradições religiosas africanas possuem suas próprias cosmogonias e cosmologias que fornecem alicerces para interpretar as realidades atuais da existência africana. De acordo com ele, são essas ferramentas que devem ser utilizadas para estruturar e compreender os problemas e desenvolver adequadamente

soluções para eles.

Já em terceiro lugar, diz Olupona, devemos reperguntar a questão básica: o que é religião? Essa linha de pesquisa nos possibilitará interrogar a natureza da religião vis-à-vis às tradições africanas e da diáspora. Contanto precisaremos não somente evitar debates irrelevantes dos quais temos um número demasiado, mas também reconhecer a contribuição que o campo das religiões africanas pode representar para questão de método e teoria em estudos mais amplos da religião. Um exemplo de debate considerado por ele como irrelevante diz respeito ao sincretismo, já que, no entendimento de Olupona, religiões africanas e sensibilidades culturais africanas reconhecem o pruralismo e abominam visões de mundo obtusas intransigentes e exclusivismos doutrinários.

Não só por essa obra: "*Ewé: a chave do portal - O conceito de saúde e doença conforme a filosofia ioruba, a ritualística do equilíbrio físico e espiritual atravésdo elemento vegetal*", que agora o leitor e a leitora têm em suas mãos, como também pelas anteriores, "*Orí: a cabeça como Divindade – História, Cultura, Filosofia e Religiosidade Africana*" (2015) e "*Yorubá – vocabulário temático do Candomblé*" (2017), o Babalorixá e pesquisador Márcio de Jagun, demonstra que, já há muito,enfrenta os desafios apontados pelo pesquisador nigeriano Jacob Olupona, articulando a maneira como pensamos, praticamos e pesquisamos tradições africanas, mais especificamente as que chegaram ao Brasil em consequência da escravização.

Dizemos que sim, Jagun enfrenta há algum tempo, os desafios apontados na conferência de 2018 por Olupona, mas não o faz de qualquer modo. Já em seu primeiro livro, "*Orí, a cabeça como Divindade*", Márcio de Jagun evidenciaria que, como escritor, colheria, digamos assim, assuntos singulares e imprescindíveis não só para a liturgia mas para a filosofia do candomblé. Nessa sua preciosa obra de estreia, o próprio autor diz, na apresentação, que teve por objetivo resgatar valores étnicos, culturais e religiosos e compartilhar a beleza, profundidade e sabedoria da cultura que embasa o candomblé. De tantos temas, colheu com precisão original, a divindade Orí (a cabeça) e foi com vasta pesquisa que detalhou história, motivos e elementos para seu culto.

Dois anos depois, seria a vez de "*Yorubá – vocabulário temático*". Uma

obra inestimável. Nela, Márcio de Jagun revela algumas características preciosas e de diferentes nascentespara um pesquisador. Citarei apenas três de modo a não me alongar. A primeira seria o respeito profundo pelos antepassados que mantiveram, geração após geração, o idioma iorubá vivo nas casas de candomblé, seja cantando, rezando, dançando, cozinhado, conversando, saudando, brincando. Uma segunda se refere ao amor e cuidado com a pesquisa. De igual modo, amor e cuidado com novos pesquisadores e pesquisadoras. O esforço imenso de Márcio de Jagun suaviza nossos caminhos de pesquisa já que colocou em nossas mãos, um conjunto imenso de verbetes fundamentais para a compreensão não só do que pesquisamos, mas, muitos de nós, praticamos. Verbetes que, precisamos dizer, vão muito além da descrição informativa pois reúnem história, filosofia, geografia, liturgia, teologia, etc. Ao mesmo tempo, o trabalho de Márcio nos incita ao compromisso de também nos esforçarmos imenso em nossos estudos. A terceira é que, sendo de dentro do culto, que lhe é familiar, já que é um Babalorixá, ele não deixa de estranhar o culto impedindo assim, como destacou Da Matta (1974), que na ausência de "porquês", o que nos é tão comum, possa nos petrificar por dentro. O que destaquei serve para as obras anteriores e para esse seu novo livro.

Agora Márcio de Jagun publica *Ewé: a chave do portal* e, continua sincronizado com o que Olupona sugeriu lá na palestra já mencionada: "*foco na pesquisa de arquivos que possibilite aprofundar mais o passado e em como os antigos praticantes experenciavam as tradições*". Ocorre que o iorubano é um povo extremamente ligado à natureza e, por conseguinte, o candomblé nascido no Brasil é herdeiro dessa ligação ancestral. Portanto, à todo arsenal historiográfico já produzido pelas pesquisas sobre essa cultura, soma-se um imenso, poderoso e perfumoso arquivo: as florestas e matas. Focando em ambos, o cuidadoso pesquisador promove reflexões raras de uma infinidade de *ewé* (folhas), classificadas, como ele mesmo ensina, conforme os quatro elementos da natureza: ***ewé iná*** (folhas do fogo); ***ewé ilẹ̀*** (folhas da terra); ***ewé omi*** (folhas da água); ***ewé afẹ́ẹ́fẹ́*** (folhas do ar).

Outros pesquisadores já escreveram importantes trabalhos sobre *ewé*. Verger (2012), Pessoa de Barros e Napoleão (2013), por exemplo. Mas além da infinidade de *ewé*, suas características, ligações com os *Òrìṣà*, elementos, usos litúrgicos e terapêuticos essa nova pesquisa de Jagun reflete e nos dá a

refletir sobre o conceito filosófico que o ioruba tem a respeito da saúde e da doença. Vamos compartilhar com o autor da concepção de medicina dos iorubas e de sua relação com o corpo individual e coletivo, bem como com as doenças físicas e emocionais e também do princípio da polaridade: veneno/ antídoto para as males físicos e emocionais. E é nisso que, ouso dizer, encontramos o *ọkàn* (coração) do livro. No fino e necessário equilíbrio que a sabedoria iorubana nos ensina a buscar.

Por óbvio nos encontraremos com *Ọ̀sányìn*, o deus ioruba dos vegetais. Nosso autor explica que, embora cada *Òrìṣà* tenha mitologicamente se apropriado de determinadas plantas, *Ọ̀sányìné* aquele que detém o domínio soberano sobre todas elas. Somente esta divindade, diz Jagun, pode permitir que as ervas desprendam suas propriedades e estas possam ser utilizadas pela humanidade, conforme a filosofia ioruba.

O que Jagun demonstra com seus esforços para estudar seriamente a história, as culturas africanas e a filosofia, em especial, dos iorubas, é fundamental: não há dicotomia entre compromisso espiritual, cultural, de pesquisa e político. Muito pelo contrário. A unidade dessas dimensões é imprescindível par manter, reinterpretar, defender e seguir adiante com tão rico patrimônio deixado por nossos ancestrais.

Por fim quero agradecer ao autor o convite para escrever esse prefácio. Tenho aprendido muito não só com suas obras, mas com seu exemplo de sabedoria e humildade. Enquanto lia, ia pensando que mais importante do que sempre ressaltarmos que o candomblé é uma religião envolta emritos e segredos, seja necessário perceber que o candomblé é uma religião que tem História, tem Ética, tem Fundamento, tem Filosofia e Doutrina. E, se entendemos isso, precisamos fazer as perguntas que brotam dessa percepção: para que servem a História, a Ética, os Fundamentos, a Filosofia e a Doutrinade nossa religião? Para cultuarmos nossos ancestrais? Sim, isso já sabemos. Então... para que servem, enfim, os terreiros? Para nos proteger e curar do esquecimento do mundo e da indiferença para com o mundo.

Que *Ọ̀sányìn* nos ajude! *Ewé o asà!*

Stela Guedes Caputo
Dofonitinha de Logunnedé
Professora da UERJ. Coordenadora do Kékeré (PROPED/UERJ).

TEM PODERES... SABE DAS COISAS

Há quase um quarto de século atrás, Pierre Fatumbi Verger lançou o livro *Ewé, o uso das plantas na sociedade iorubá* (1995). Seria impossível apresentar *Ewé, a chave do portal* (2019), de Pai Márcio de Jagun, sem partir deste marco fundante do conhecimento fitológico sagrado iorubá no Brasil.

Do *uso* à *chave*; da *sociedade* ao *portal*, mais do que duas décadas de escolhas de palavras se passaram e, se a confluência botânica, cultural e sagrada (*Ewé*) permite confundir estas duas obras, o hiato conceitual e histórico que existe entre elas – afirmo sem medo de errar – é abissal.

Como sou fruto de outra cultura e sacralidade, sem desejar me perder em inócuas traduções, permito-me interpretar a distância que existe entre *usar* e *acessar* (*chave*) a partir do segundo elemento dos subtítulos dos dois livros (*sociedade* e *portal*).

Para mim,o que se contrapõe aqui são as ideias de *presente* (a *sociedade* humana que construímos em cada contexto histórico) e *devir* (o *portal* ou limiar de cada tempo de transformação). O exercício de comparar e contrastar estes títulos torna claro o que se busca em cada uma das obras, a partir do domínio do conhecimento dos segredos ancestrais da natureza.

Inspiram esta minha reflexão as surpreendentes sinergias que identifico nas escolhas de ideias e conceitos utilizados por Pai Márcio de Jagun, já na Apresentação do seu trabalho, com a abertura da Encíclica Papal *Laudato Sí*, da qual destaco a seguinte passagem:

> Essa nossa irmã [a natureza] (...) que nos sustenta e governa e produz variados frutos com flores coloridas e verduras (...) clama contra o mal que lhe provocamos (...) crescemos a pensar que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la. A violência (...) vislumbra-se nos sintomas de doença que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos (Papa Francisco, *Laudato Sí*, 2015).

A diferença essencial que sinto na comparação das obras de Fatumbi e Pai Márcio talvez seja decifrada pelo texto de Papa Francisco: o salto filosófico – ou seria teológico (?) – do conceito *usar* para a ideia de *cuidar* que o aparecimento da perspectiva do adoecimento da natureza e dos seres

vivos sugere.

O conceito *cuidar* é uma ideia muito cara aos terreiros de todas as denominações de matriz africana no Brasil desde seus primórdios, e vem se tornando cada vez mais importante em suas práticas socioculturais na atualidade. Mas creio que a dimensão sagrada do cuidado se torna muito mais densa e profunda quando Pai Márcio trata, por exemplo, do *sàsányìn* com tanta reverência e delicadeza.

Na década de 1990 Fatumbi nos entregou uma obra magistral sobre o uso das plantas na tradição iorubá, em África e no Brasil. Para além da descrição de milhares de espécies botânicas, são detalhados 447 trabalhos (ervas e *ofós* incluídos) utilizados pelas comunidades ancestrais africanas para enfrentar – com os meios que a natureza oferece e o engenho humano apropria e transforma – toda sorte de mazelas que a vida apresenta.

Iniciado no Candomblé em África em 1953, Pierre Fatumbi Verger admitia que conhecer "*os trabalhos das plantas medicinais e litúrgicas*" constitui "*direito* e *dever*" daqueles que se preparam para ser Babalaôs.

Para os recém-chegados, Babalaô (em iorubá: *bàbáláwo*) é uma justaposição de ideias (*pai* e *segredo*) que define um sacerdote do Culto de Ifá na religião iorubá, das culturas Jêje e Nagô. Esta foi a dignidade a que Fatumbi teve acesso no Brasil e em África ao longo de uma vida dedicada à sabedoria ancestral iorubana, apesar das suas pertenças racial e cultural originárias.

Todo sacerdote é – em essência – um mediador entre duas partes que desejam dialogar a despeito de suas diferenças. Se preferirem, todo sacerdote é um tradutor de códigos, um cuidador de chaves.

Pai Márcio de Jagun vem decifrando códigos da cultura iorubá no Brasil já tem algum tempo. Em 2015 ele publicou o extraordinário *Orí: a Cabeça como Divindade*, uma detalhada e bem construída atualização da História, Cultura, Filosofia e Religiosidade Africana que elevou o seu fazer religioso e docente a um patamar acadêmico e que permitiu voos mais altos e mergulhos mais profundos.

Três anos depois ele publicou *Yorùbá: Dicionário temático do Candomblé* (2018), uma obra de fôlego completamente fora de moda que inclui mais de dez mil verbetes sobre ritos, saudações, comidas litúrgicas, ervas e rituais, cargos hierárquicos e aspectos teológicos e filosóficos sobre

as divindades e seus elementos rituais.

Passou-se pouco mais de um ano e lá vem ele outra vez com uma obra espetacular de quase mil laudas sobre as ervas medicinais, seus usos e significados na cultura iorubá, que está repleta de paz, de sabedoria e encharcada no conhecimento do caldo espesso e ardente iorubano.

Ewé, a chave do portal é uma obra tão grandiosa que dispensa que alguém "de fora" – como eu – tente apresentá-la, interpretá-la ou decodificar.

Reencontrei meu amigo Márcio após um ano sem que nos falássemos. Ele estava completamente transformado pela vivência da dor e o enfrentamento altaneiro de um adoecimento entre os seus. Não há equívocos para a Mãe Natureza. Crise superada e os seres cruzam portais que os transformam, tornando-os mais sábios, mais reflexivos, mais criativos, mais produtivos e muito melhores.

Em 1996, quando se reeditou *Ewé* de Fatumbi, nada menos que Jorge Amado foi convidado para fazer um prefácio tal como este. Não tenho a verve do escritor baiano, mas também poderia começar meu texto me fazendo a pergunta que alguém teria feito a ele: "*Pierre Verger realmente existia ou era mais uma invenção baiana*"?

Perguntando-me sobre a virtual impossibilidade de produzir semelhante obra em tão curto espaço de tempo, eu poderia dar a mesma resposta que Jorge Amado ofereceu sobre Fatumbi:

> Não é uma invenção a mais pois ele existe, trabalha, escreve, corre mundo. Feiticeiro, decerto. Não há como esconder, como negar (...) Cuidado com (...) [Pai Márcio] ele é feiticeiro, tem poderes (...) sabe das coisas".

Denise Pini Rosalem da Fonseca
Historiadora e professora.

AS FOLHAS QUE NOS ENCANTAM

Márcio de Jagun me faz passear pelos bosques, pelas matas e florestas. Me fez ver as plantas com outros olhos: com olhos de quem enxerga melhor, de quem lê as entre linhas.

O livro *Ewé a Chave do Portal*, já nasce antológico. Imediatamente se une às obras de referência existentes sobre o tema (deve ser colocado na mesma prateleira!). O livro não sucede, não copia, não complementa, simples e totalmente abre uma fenda – o conceito de saúde e doença na filosofia ioruba – e imediatamente a preenche de forma plena, inconteste. Daí porque o título em trocadilho: "*As folhas que nos encantam*", faz alusão às plantas (tratadas na obra) e também às páginas (bem escritas do livro).

Enquanto lia os originais para elaborar este prólogo, em meu afã crítico, tentava a todo momento classificar (porque não dizer "rotular"?) a obra. Seria um livro religioso ou técnico? Filosófico ou teológico? E me lembrei de Foucault e de Borges... Me lembrei que esses grandes escritores, analisando as obsessões classificatórias dos cientistas para chancelar algo como "*científico*", nos fazem ver o quão as classificações podem ser aleatórias, arrogantes e ridículas. E concluí que Márcio de Jagun, sem em nenhum momento perder o prumo acadêmico, passeia pela religião destrinchando a teologia e a filosofia nagôs com maestria e poesia. O autor, em várias passagens, além de esclarecer e fundamentar brilhantemente sua obra com citações pertinentes de outros especialistas, ele próprio atua horas como teólogo (graças ao seu indiscutível saber religioso), horas como filósofo (oferecendo suas percepções e visões existenciais). Portanto, mesmo sem precisar classificar (mas já classificando), poderia dizer que esta obra é um pouco de cada gênero: é epistemológica, teológica, filosófica e, por que não dizer, também religiosa.

Esclarecido o título do meu preâmbulo e esclarecida a "*classificação*" do gênero da obra, passo então à análise do miolo...

Sempre fui admiradora da relação intrínseca entre os Candomblés, seus praticantes e o elemento vegetal. Curiosa, achava lindo o ritual do *Sassãe*...

Nos terreiros que visitei, sobretudo na Casa de nosso saudoso José Flávio Pessoa de Barros, da qual fiz parte por longos anos, amava ver a manifestação viva do orixá *Ossãe*, fazendo sua coreografia sagrada, dançando *com* as plantas, dançando *como* as plantas, transformando-as em remédio para nossos males físicos e espirituais.

Outros livros li e aprendi sobre o uso ritual das ervas no Candomblé e na Umbanda, embora as dinâmicas sejam próprias. No entanto, foi em *Ewé - a Chave do Portal*, que notei, pela primeira vez, uma abordagem anterior ao manuseio das plantas. Pois Márcio de Jagun nos oferece uma reflexão prévia, distinta de tudo, absolutamente precursora.

O autor, antes de explicar ricamente a liturgia feita com as ervas no complexo jêje-nagô, nos propõe compreender questões primeiras. Assim, pela perspectiva filosófica e teológica da cultura ioruba, Márcio aborda o conceito de saúde e de doença; a relação entre a doença e o destino; os tipos de doenças, sejam elas adquiridas, genéticas, desenvolvidas; a relação entre livre arbítrio e doença; as buscas e as formas de curar.

De maneira absolutamente intrigante e rica, Jagun aborda os conceitos do corpo individual e suas potências; do corpo coletivo e suas abrangências – como discussão alicerçal à busca de cura pelas ervas.

Outro conceito pioneiro oferecido pelo autor como recheio desta grande obra, é a percepção do indivíduo como ser dotado de dois corpos: o individual e o emocional. Trata-se de entendimento calcado na cultura ioruba, mas revelado por Jagun como primeiro registro na literatura do gênero.

As práticas referentes à hidroterapia surpreendem positivamente, pois jamais foram reveladas neste contexto.

A ficha catalográfica das ervas é também ilustrada e inovada, em relação aos trabalhos que o precederam.

O capítulo "*A ciência encontrou Ọ̀sányìn*" é interessantíssimo. Apresenta pesquisa do cientista alemão Peter Wohlleben sobre o comportamento das plantas em sua obra "*A Vida Secreta das Árvores*", na qual conseguiu provar a comunicação entre os vegetais e suas estratégias de sobrevivência. Assim, Jagun fez um paralelo entre a pesquisa contemporânea de Wohlleben na Alemanha e as descobertas milenares dos iorubas na África.

Os didáticos *Glossários* são manuais práticos que muito facilitam a pesquisa, o manuseio do conhecimento pelos leitores e o uso prático dos conhecimentos abordados na obra: o idioma ioruba, os nomes populares, científicos, originários das ervas, bem como a aplicação prática das mesmas.

E o fechamento da obra, que o autor chama de "*Apêndice*", é um libelo pós moderno do Candomblé, que justifica sua menção neste prefácio. Márcio de Jagun é original também neste tema, por ser o primeiro sacerdote de Candomblé a publicar em livro um conceito vanguardista acerca das oferendas, impactos ambientais e responsabilidades sociais.

Enfim, uma obra que dá prazer ao ler: inova, renova, surpreende e "*verdifica*" nossa existência.

Telma Rosina Simoni da Gama
Profª e Coordenadora Executiva do Programa de Estudos e Pesquisas das Religiões na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PROEPER/UERJ)

NOSSA HERANÇA ANCESTRAL

Foi em meados de 1974 que eu tive um contato mais íntimo com as tradições jéje-nagó através daquela que viria a ser a minha *ìyálòrìṣá* Nitinha de *Osún*, do *Àṣẹ Ìyá Naso*, ou Casa Branca em Salvador-BA. Este contato me reportou à minha infância na cidade de Parnaíba no Piauí, onde eu, pelo fascínio que tenho pelos vegetais, adquiri o costume de, frequentemente, penetrar em matas para observar plantas e a natureza ao redor. Conheci espécies que jamais imaginaria que um dia eu iria estudá-las à luz da etno-botânica. Lembro-me de jatobás, cajazeiras, umbuzeiros, sapotizeiros, sem contar com várias herbáceas como pega-pinto, camapú, erva-de-santa-maria e muitas outras.

Com o advento da minha participação no *ilé-àṣẹ*, fiquei perplexo ao observar que a grande maioria dos vegetais utilizados em rituais naquela casa não eram nada mais que os da minha infância.

Fui iniciado. O tempo passou e cada vez mais eu era levado a descobrir sobre as funções dos vegetais naquele contexto. Dessa maneira ficou fácil para mim a compilação de um grande número de vegetais e suas utilidades, o que, em 1999, deu origem ao lançamento do livro "*Ewé Òrìṣá*", feito em parceria com meu "irmão de barco", o prof. José Flávio Pessoa de Barros.

Já em 1993, José Flávio publicou "*O Segredo das Folhas – Sistema de Classificação de Vegetais no Candomblé Jéje-Nagó*". Este livro, por ter sido pioneiro no assunto de folha, tornou-se um paradigma para o estudo das plantas litúrgicas assim, como, "*Ewé Òrìṣá*" foi considerado referência para pesquisas das plantas sagradas no Brasil. Após estes fatos, poucos trabalhos importantes surgiram. Entendo que qualquer estudo sério sobre etno-botânica tem que ser aprofundado para poder alcançar na íntegra o conhecimento metodológico jéje-nagó.

Hoje me sinto honrado e, porque não dizer recompensado, por ter sido convidado pelo amigo Márcio de Jagun para prefaciar seu livro "*Ewé: a Chave do Portal*", esta obra servirá como um referencial para todos nós que somos de raízes africanas. Nele, ressalto a noção de vocabulário iorubá com

sua gramática, fonética e as informações sobre sons e tons que enriquecem o conteúdo do trabalho, uma vez que, na atualidade o idioma iorubá está sendo largamente utilizado por todo o "povo-de-santo".

Igualmente importante, são os fatos históricos da diáspora que, com seu legado cultural e as consequentes adaptações têm ajudado os afrodescendentes e adeptos a reconhecer melhor sua origem, sua cultura e seu legado através de uma gama de informações sobre etnias, mitos, ritos, liturgias e outros.

O texto sobre as normas da "Casa de Oxumaré" foi extremamente informativo e tem uma estreita relação com o tema principal do trabalho: "*Conceito de Saúde e Doença conforme a Filosofia Iorubá, ritualística do Equilíbrio Físico e Espiritual*" uma vez que normas e hierarquia sempre foram utilizadas na organização das casas para definir comportamento tanto, quanto, a manutenção da saúde física e mental de seus componentes. Sendo estas normas, assunto que requer grande atenção dentro das casas de culto.

Embora poucas obras sobre este tema sejam publicadas, gostaria de ressaltar o excelente trabalho da Drª Maria Lina Leão Teixeira. Sua tese de Doutoramento apresentada no Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 1994: "*A Encruzilhada do Ser: Representação da (Lou)Cura em Terreiros de Candomblé*", onde ela aborda exaustivamente as "loucuras" que nos levam a ingressar numa casa de *àṣẹ*.

Ressalto, finalmente, a parte de mitologia, medicina e classificação de vegetais, temas que nunca se esgotam, que coroama conclusão desta obra.

Este trabalho, embora seja focado no tema "Folhas, Saúde e Doença" traz em seu bojo um cabedal de informações úteis à pesquisa e ao conhecimento de todos os integrantes das religiões de matrizes africanas.

Eduardo Napoleão

Professor de História, escritor, pesquisador de plantas utilizadas nos cultos afro brasileiros e Babalorixá.

NOTAS DO AUTOR

01. o autor mantém no livro palavras em ioruba com grafias distintas de sua versão, sempre que transcreve textos de outras obras;
02. a versão gramatical ioruba utilizada pelo autor nesta obra, decorre de seus estudos e pesquisas e pela adoção do padrão proposto pelos autores clássicos daquele idioma;
03. as palavras escritas em ioruba não foram flexionadas para a concordância com o texto em português, tendo em vista que a forma plural daquela língua difere de nosso idioma;
04. o autor não coloca as palavras em ioruba entre aspas, tendo em vista que estas já foram devidamente dicionarizadas, conforme sua obra *Yorùbá* – Vocabulário Temático do Candomblé;
05. são usadas no texto as seguintes abreviaturas: "s." (substantivo), "v." (verbo), "V" (ver); "adj." (adjetivo), "prep." (preposição);
06. alguns *ìtàn*, *orin* e *ọfọ̀*, foram transcritos a partir de fontes diretas de pesquisa junto às comunidades sociorreligiosas frequentadas pelo autor, ou através de suas viagens pelo Brasil e pelo Sudoeste da África;
07. para grafar os ícones da língua ioruba, o autor precisou decodificar as gravações de entrevistas feitas no aparelho celular, através da utilização do aplicativo "SwiftKey", disponível no *Google Play*: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.touchtype.swiftkey&hl=pt_BR;
08. para redigir no computador as letras e acentuações existentes no ioruba, o autor utilizou o programa *Microsoft Word 2010* e constituiu os seguintes "atalhos": (a) entrar na tela do Word; (b) na linha de **"menus"**, clicar em **"inserir"**; (c) clicar na janela **"símbolo"**; (d) clicar na opção **"mais símbolos"**; (e) na janela "subconjunto" procurar "Latim Estendido Adicional"; (f) localizar cada letra e sinal desejado (Ẹ, ẹ, Ọ, ọ, Ṣ, ṣ, ̀, ́) e deixar o cursor em cima; (g) clicar na janela **"tecla de atalho"**; (h) na janela **"Pressione a nova tecla de atalho"**, digitar o atalho desejado (Ex.: **alt + x**); (i) clicar em **"atribuir"**; (j) clicar em **"fechar"**. Repetir o procedimento para cada letra pretendeida. Ex.: **Ẹ = alt + e**; **ẹ = alt + r**; **Ọ = alt + O**; **ọ = alt + p**; **Ṣ = alt + s**; **ṣ = alt + x**; ̀ (acento grave) = alt + w; ́

(acento agudo) = alt + q;

09. a metodologia do trabalho teve como propósito explicar como o ioruba se relaciona com o elemento vegetal, qual a importância deste para a sua saúde e para a sua noção de espiritualidade. A abordagem qualitativa do trabalho toma por base percepções e análises: o autor interpreta e reproduz informações filosóficas, culturais, comportamentais e religiosas dos iorubas conforme a matriz africana e conforme tais conceitos foram reproduzidos no Brasil. O contexto pesquisado foi o dos Candomblés de origem jêje-nagô do Rio de Janeiro-RJ e de Salvador-BA, sendo o *lócus* definido pelos ambientes de maior acesso pelo autor: a Casa de Oxumarê (Salvador-BA) e o *Ilé Àṣẹ Àiyé Ọbalúwàiyé* (Rio de Janeiro-RJ). O objeto pesquisado foi a tradição do culto e do uso das ervas no ambiente sócio religioso do Candomblé e o procedimento aplicado em tal liturgia. O autor não se restringiu aos ritos praticados exclusivamente em uma Casa, Nação, ou Raiz de Candomblé. Escolheu pesquisar e apresentar suas conclusões tomando por base autores e visões diversas sobre o tema, conforme a cultura jêje-nagô. Os dados foram então coletados no *lócus*, através de entrevistas, gravações em áudio e vídeo feitas com aparelho celular, análises, percepções. Neste diapasão, os documentos considerados foram diversas obras relativas ao tema (ínsitas na bibliografia relacionada), impressas e disponíveis na internet, publicações acadêmicas como artigos, revistas e periódicos, depoimentos em palestras e seminários e também ensinamentos, orientações e observações adquiridos pelo prisma ioruba: vendo, ouvindo, calando, refletindo. Todo o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, foi feito a partir do lugar de fala do autor, quer seja, na condição de adepto do Candomblé – exercente de função sacerdotal – e também como pesquisador. Por assim ser, o tema é trazido para o leitor não como resultado de mera pretensão analítica, mas por uma percepção sentida, experimentada e vivenciada;

10. as plantas elencadas nos glossários foram arroladas considerando seu uso terapêutico e ou litúrgico na matriz africana e na tradição brasileira jêje-nagô, independentemente da origem da espécie;

11. a nomenclatura ioruba dada às espécies vegetais segue a forma como foram identificadas, muitas vezes, já em território brasileiro;

12. as indicações terapêuticas das plantas citadas nesta obra, foram

pesquisadas em literaturas especializadas (citadas na bibliografia) e também fruto das entrevistas com herbalistas e sacerdotes, não sendo o autor proveniente da área biomédica. Logo, em qualquer caso, recomenda-se o acompanhamento médico;

13. a eficácia dos elementos vegetais e dos tratamentos elencados neste trabalho de pesquisa, não pode ser comprovado pelo autor;
14. no capítulo em que descreve os cânticos e as propriedades das ervas pelo prisma da liturgia e da herbologia, o autor não segue o padrão clássico das "fichas técnicas", mas cria uma catalogação que melhor coaduna com a cultura jêje-nagô.

PARTE 1 |

Estruturando Conceitos (raízes do conhecimento)



Capítulo 1

Noções sobre a Gramática Ioruba

Como nosso estudo se pauta na filosofia e na teologia iorubas, assim como na cultura jêje-nagô estruturada no Cadomblé, utilizamos inúmeros conceitos e vocábulos naquele idioma, inclusive na nomenclatura de ervas litúrgicas, cânticos, rezas e encantamentos. Logo, entendemos necessários alguns esclarecimentos básicos sobre o idioma ioruba.

A Origem do Idioma

Apesar das várias etnias que pronunciavam diferentemente a língua e apesar dos diversos dialetos, o ioruba acabou se consolidando em torno do padrão falado em *Ọ̀yọ́*.

Estudiosos apontam a existência de cerca de 1.250 línguas africanas diferentes, conforme o critério de agrupamento idiomático utilizado.

Desde os idos do século XIX, os europeus tentam compreender esta variedade, criando métodos de agrupamento que facilitem o estudo. Desta forma, organizaram pesquisas e passaram a criar critérios para a reunião de línguas que parecem possuir origem em comum e estruturas semelhantes.

O ioruba pertenceria ao grupo dos idiomas níger-congo, que cobrem quase a metade da África e são classificados em cinco ramos: o oeste atlântico, o *gur* ou *voltense*, o *kwa*, o *benué congo* e o adamaua oriental.

No ramo *kwa* compreende o *kru*, o *kwa* ocidental (ou *ewe-akan* com o *evé* ou *ewe*, o *fon*, o *axante*, o *fante* o *gã*), o *igala*, o *nupe*, o *edo*, o *ibo*, *ijó* e o ioruba.

A fim de ajudar a nos situar em relação ao tempo, vale dizer que a separação do idioma ioruba do grupo níger-congo, contaria seis mil anos. Um pouco mais recente, a distinção do ioruba das línguas dos *ibo*, dos *edo*, e dos *ijó*, teria cinco mil anos; e o apartamento do ioruba do igala, dois mil anos. Cada um desses ramos se fraciona em centenas de dialetos, num processo iniciado há aproximadamente dois milênios.

A língua ioruba, embora milenar, não era grafada. Sua origem se dá no ocidente da África, onde hoje se localizam Nigéria e Benin. Contudo, a gramática ioruba só foi criada por missionários que se interessaram por estudá-la, já no século XIX.

Foi em 1852 que o Bispo Samuel Adjayi Crowther codificou o ioruba. Crowter, nascido na cidade africana de *Òṣóògùn* (localizada dentro da iorubolândia), foi linguista e o primeiro bispo anglicano de origem africana. Antes dele, Clapperto, chamava o idioma de Yariba.

O reverendo Crowther, em 1821, tinha apenas doze anos quando juntamente com sua mãe e um irmão bebê, foi capturado por salteadores

muçulmanos fulani, tornando-se escravo. Posteriormente, foi vendido a traficantes portugueses, mas antes que o navio que o transportava deixasse o porto, uma embarcação da marinha real britânica, comandada pelo capitão Henry Leeke, fez a abordagem e confiscou a "carga humana".

O jovem Crowther foi então levado para Freetown, Serra Leoa e conduzido à Sociedade Missionária da Igreja Anglicana, onde já livre, foi educado. Ele se converteu ao cristianismo, foi batizado pelo Rev. John Raban e tomou o nome Samuel Crowther, em 1825.

No ano seguinte, foi para a escola paroquial de Islington, Inglaterra. Em 1827, retornou a Freetown. Após completar seus estudos ele começou a lecionar. Ele também casou-se com Asano Susan, uma diretora de pensionato, que assim como ele, havia sido capturada pelo mesmo navio que trouxe Crowther originalmente para a Serra Leoa.

No ano de 1841, Crowther foi selecionado para acompanhar o missionário JFSchön numa missão ao longo do rio Níger. Juntamente com Schön, ele era esperado para aprender sobre o uso hausa para empreitada. O objetivo da tarefa era o de espalhar o comércio, ensinar técnicas agrícolas, a propagação cristianismo e ajudar a pôr fim ao tráfico de escravos. Na sequência da expedição, Crowther foi levado a Inglaterra, onde foi treinado como um ministro ordenado e pelo bispo de Londres. Ele retornou à África em 1843 e com Henry Townsend, abriu uma missão em *Abẹ́òkúta*, no atual Estado de *Ògún*, na Nigéria.

Rev. Dr. Crowther começou a traduzir a Bíblia para a língua ioruba e elaborou um dicionário Ioruba/Inglês. Ele também começou a codificar outras línguas africanas. Na sequência da British Níger Expedições de 1854 e 1857, Crowther produziu uma cartilha para o idioma ibo em 1857, uma outra linguagem para o nupe em 1860, e um completo vocabulário e gramática do nupe em 1864.

Em 1864, Crowther foi ordenado como o primeiro bispo africano da Igreja Anglicana. Nesse mesmo ano, ele também recebeu um Doutoramento em Divindade pela Universidade de Oxford.

Apesar de dedicar-se também a outros idiomas africanos, Crowther empenhou-se na tradução da Bíblia Sagrada (*Bíbélí Mímọ́*) para o ioruba, que ficou concluída em meados dos anos 1880.

Em 1891, Crowther sofreu um acidente vascular cerebral e faleceu em 31

de dezembro.

Seu neto Herbert Macaulay se tornou um dos primeiros nigerianos nacionalistas e desempenhou um importante papel para o fim do colonialismo britânico em seu país. Graças a esse homem, podemos hoje ter um melhor acesso ao idioma.

Cerca de 25 milhões de pessoas falam ioruba na Nigéria. Devido ao Candomblé, outros tantos milhões utilizam esse idioma no Brasil e em Cuba atualmente.

O ioruba litúrgico falado no Brasil, no entanto, é uma língua considerada arcaica, em comparação ao idioma atualmente falado nos seu país de origem, Nigéria.

O ioruba é um idioma "tonal", ou seja, as palavras devem ser "cantadas" corretamente para sua compreensão. Esse método é diferente da estrutura dos idiomas inglês e português, por exemplo.

A dificuldade de assimilar esse idioma, fez com que Crowther elaborasse uma espécie de alfabeto comparativo, para reduzir em letras os fonemas originais. Quase como na transcrição do japonês para as línguas ocidentais.

Desta forma, criou o alfabeto ioruba com 25 letras, sendo 18 as consoantes e 7 as vogais.

O alfabeto e som das letras:

Vamos então entender como o alfabeto e como as letras em ioruba devem ser pronunciados.

- A (a) = A (como em areia). Ex.: *adé* (coroa)
- B (bí) = B (como em bife). Ex.: *bọ* (vir)
- D (dí) = D (como em dígrafo). Ex.: *dan* (cobra)
- E (e) = Ê (como em ele). Ex.: *èkuru* (comida ritual)
- Ẹ (ẹ) = É (como em ela). Ex.: *ẹbọ* (oferenda)
- F (fi) = F (como em faca). Ex.: *fìlà* (gorro)
- G (gí) = G (som gutural como em galo; nunca como em gente). Ex.: *gèlè* (pano de cabeça)
- GB (gbí) = GB (o "g" não é mudo devendo ser levemente pronunciado). Ex.: *ìgbálẹ̀* (qualidade de *Ọya*)
- H (hí) = RR (como em rito). Ex.: *hey* (saudação)
- I (i) = I (como em igreja). Ex.: *ilé* (casa)
- J (jí) = DJ (como em Djanira). Ex.: *jẹ* (comer)
- K (kí) = KÍ (como em quibe). Ex.: *karé* (qualidade de *Ọdẹ* e *Ọ̀ṣùn*)
- L (lí) = L (como em líder). Ex.: *láròyé* (saudação a Èṣù)
- M (mí) = M (como em milho). Ex.: *mi* (pron. poss. meu, minha)
- N (ní) = N (como em Nilton. Quando seguido de consoante, passa a ter som anasalado = UN). Ex.: *Nànà* (divindade)
- O (o) = Ô (como em ovo). Ex.: *oníré* (qualidade de *Ògún*)
- Ọ (ọ) = Ó (como em cola). Ex.: *ọba* (rei)
- P (pí) = KP (o "k" não é mudo devendo ser levemente pronunciado). Ex.: *pẹ́pẹ́iyẹ* (pato)
- R (rí) = R (som leve como em vareta). Ex.: *rárá* (não)
- S (sí) = S (como em santo). Ex.: *sàsányìn* (ritual a *Ọ̀sànyìn*)
- Ṣ (ṣí) = X (como em xisto). Ex.: *Ṣàngó* (divindade)
- T (tí) = T (como em tábua). Ex.: *titun* (novo)
- U (u) = U (como em urso). Ex.: *unlẹ̀* (ritual)

- W (wí) = U (como em Wilson). Ex.: *èwọ̀* (proibição)
- Y (yí) = YÍ (como em Yone). Ex.: *yèyé* (mãezinha)

Observemos que na língua ioruba não existem as letras **C**, **Q**, **V**, **X**, **Z**. Portanto, sempre que estas letras forem notadas em palavras utilizadas no cotidiano dos terreiros de Candomblé, certamente derivam de outro idioma, como o *bantu*, *kimbundo*, *fon*, *ewe*, etc.

As vogais puras e as vogais nasais:

As vogais puras (*àwọn fáwẹ̀lì àìránmùpè*) são: **A**, **E**, **Ẹ**, **I**, **O**, **Ọ**, **U**.

Quando as vogais são unidas à letra "N" formam as chamadas vogais nasais (*àwọn fáwẹ̀lì àránmùpè*) e mudam a pronúncia:

AN = ÔN

ẸN = ÉIN

IN = IN

ÔN = ÓN

UN = UM

As vogais nasais **AN** e **ON** produzem o mesmo som (**ÔN**). Por isso, existe uma regra para utilização das mesmas.

ON – é usada após as consoantes B, F, GB, M, P, W

Ex.: *yànpọnlá* (compulsão); *gbọnṣẹ̀* (defecar); *fọ̀n* (começar)

AN – é usada após as demais consoantes

Ex.: *takántakán* (enorme)

As vogais nasais **AN**, **IN**, **ỌN**, **UN** quando antecedidas por **M** ou **N**, perdem o símbolo nasal constituído pela letra **N**. Contudo, sua pronúncia permanece.

Ex.: *Yemọja* (divindade dos mares): lê-se "*Yemọnja"*

omi **(água): lê-se** *omin*

ọ̀nà (caminho): lê-se *ọ̀nan*

ọmọ (filho): lê-se *ọmọn*

Nàná (divindade da vida e da morte): lê-se *Nànán*

Ìjìmú (uma das qualidades de *Ọ̀ṣùn*): lê-se **Ìjìmún**

Iná (fogo): lê-se *inán*

Vogais alongadas:

Quando vogais idênticas forem escritas juntas, devem ser lidas com o som alongado (e não separado).

Ex.: *ààrin* (meio), *oore* (bondade), *ààlà* (fronteira).

Contudo, quando duas vogais se juntarem, mas tiverem grafias, ou acentuações diferentes, cada qual deve ser pronunciada respeitando os respectivos tons.

Ex.: *aláàfin* (soberano de *Ọ̀yọ́*), *àlàáfíà* (paz), *ẹlẹ́ẹ̀rí* (testemunha)

Os caracteres, os sons e os tons da fala:

As vogais E/Ẹ, O/Ọ e as consoantes S/Ṣ, são distinguidas como letras diferentes, possuindo nomes e sons distintos, graças aos pontos em baixo (pontos subjacentes, ou marcas oxímoras). Logo, os pontos subjacentes não devem ser entendidos como "acentos", mas como marcas que determinam letras próprias.

As vogais E/Ẹ, O/Ọ, assim como as demais vogais, podem receber acentos graves e agudos, variando seus sons. As possibilidades são muitas, contudo nos dão a noção exata de como devem ser pronunciadas.

O Ò Ó Ọ Ọ́ Ọ̀

E È É Ẹ Ẹ́ Ẹ̀

No idioma português, por comparação, embora não tenhamos tantas possibilidades de acentuação, às vezes uma única letra pode produzir sons diferentes sem nenhum indicativo, ou acento, confundindo bastante o leigo.

Cola/ sa**c**i; **S**opa/ Ca**s**a; **E**le/ T**e**to; **O**vo/ **o**va; **G**elo/ **G**ato; **B**olo /Ro**b**son

Mas ao entendermos a fonética ioruba, fica mais fácil. É simples: basta compreender que existem apenas os **sons aberto/ fechado** e os **tons alto/ baixo/ médio**.

Ex.: Ẹ (som aberto) = cego

E (som fechado) = ele

Os acentos grave (`) e agudo (´), servem apenas para dar um tom baixo, ou alto na pronúncia das letras abertas e fechadas. As letras sem acento possuem um tom médio. Portanto:

- Ẹ́ = som aberto, com tom alto (como a nota musical "mi") – *ẹlẹ́mọ̀ṣọ́* (s. cargo)
- Ẹ̀ = som aberto, com tom baixo (como a nota musical "dó") – *ẹ̀rọ̀* (s. calma)
- E = som fechado, com tom médio (como a nota musical ("ré") – *ewé* (s. folha)

Importante observar que o ponto abaixo da letra (ponto subjacente, ou marca oxímora), nada tem a ver com o acento de cima (acento diacrítico). Eles têm funções independentes.

Os pontos subjacentes servem para abrir o som da vogal. O acento de cima, tem a finalidade de indicar tom alto, ou tom baixo.

Fonética:

A fonética é o estudo dos sons da fala. Ela nos indica como as letras e as palavras formadas são pronunciadas, conforme o idioma. A fonética nos ajuda a compreender e a falar melhor a língua que estamos estudando.

Como o ioruba é um idioma essencialmente tonal, no qual as diferentes entonações de cada letra e palavra distinguem o próprio significado das mesmas, é fundamental entendermos os sons para podermos compreender o sentido do que está sendo expressado em cada reza (*àdúra*), cântico (*orin*), conto (*ìtàn*), etc.

As regras básicas da fonética ioruba são as seguintes:

1- não existem letras mudas. Logo, todas devem ser adequadamente pronunciadas;

2- cada letra possui um único som. Assim, não há sons diferentes, ou duplos de uma mesma letra;

3- todas as palavras são oxítonas. Portanto, sempre a última sílaba será tônica, seja em tom alto, baixo ou médio;

4- todos os verbos terminam sempre por vogais, sejam elas pura, ou vogais nasais.



Capítulo 2

O Complexo jêje-nagô

O tráfico negreiro teve no Brasil quatro ciclos bem definidos, de acordo com a conveniência e as facilidades comerciais:

III- da Guiné (século XVI);

III- de Angola (século XVII);

III- Costa da Mina e Golfo do Benin (século XVIII a 1815);

IV- ilegalidade (de 1816 a 1851).

O império português, desde 1500, já dominava o mercado mundial de comércio de açúcar, valendo-se de suas colônias africanas.

A partir de então, as terras brasileiras seriam uma ótima alternativa para ampliar seu potencial. Seja pela qualidade do solo, pela temperatura propícia, seja pela facilidade de mão de obra indígena (a primeira a ser utilizada como escrava no Brasil).

A escravização dos nativos não funcionou pelas resistências culturais, e finalmente foi definitivamente estancada pela proibição oficial da Coroa em

1556 (atendendo à bula Veritas Ipsa do Papa Paulo III, promulgada em 1537), que vetou a escravização dos indígenas. Os africanos de origem bantu, foram então a segunda opção.

Portugal, há cem anos, se valia da força escrava dos bantus em suas outras colônias. Estes, quando escravizados, já dominavam as práticas agrícolas. Significavam, portanto, uma mão de obra qualificada e afeita ao trato da terra.

O Império português procurou então suprir sua demanda de mão de obra com os africanos daquela etnia, para ampliar as plantações brasileiras de cana-de-açúcar visando a exportação.

Enquanto os escravos de origem bantu foram trazidos maciçamente para o Brasil no primeiro e no segundo ciclos, a chegada em maior quantidade dos jêje e dos nagô se deu, basicamente, entre 1770 e 1850, segundo Pierre Verger (VERGER, 1996).

Vale dizer que grande parte do contingente oriundo deste complexo cultural, já foi trazido na clandestinidade, após a proibição do tráfico negreiro no Brasil, a partir da Lei nº 581, promulgada em 4 de setembro de 1850, de autoria do então Senador Eusébio de Queirós.

Nosso estudo se fixará na cultura e na religiosidade do chamado complexo "jêje-nagô".

Pessoa de Castro concluiu que:

> "*Entre as influências oeste-africanas no Brasil, destaca-se a presença dos iorubas e dos povos de língua ewe, principalmente os fon. Enquanto esses últimos ficaram conhecidos pela denominação genérica de jêjes ou minas, os iorubas são tradicionalmente chamados de nagôs. Sobre outro plano, estes fatos se explicam pela introdução maciça durante o século XVIII, enquanto levas numerosas de jêjes foram introduzidas para as plantações de tabaco no Recôncavo baiano para a região das minas no interior de Minas Gerais e Bahia...*" (CASTRO, 2001).

Os jêje são oriundos basicamente do Benin, Dahomé, Savé, Mahi, Hevioso, Sogbo e Badé.

Curiosamente o termo "jêje" não é utilizado para designar escravos desta mesma etnia em outros países como Haiti, Cuba, Trinidad, entre outros, que receberam escravos daquela região de origem na África.

A expressão "jêje" aparece pela primeira vez documentada no Brasil, apenas no ano de 1835, relatando escravos importados para a Bahia.

Mesmo na África, o termo "jêje" só é notado ao final do século XIX, nos

escritos dos padres pertencentes às *Missions Africaines de Lyon*, grafado como "*djédji*", referindo-se aos guns, habitantes adjas de Porto Novo. A administração colonial francesa também utilizava esta expressão para nominar a etnia *gun*.

Não é pacífica a origem da expressão "jêje" entre os pesquisadores. Para Verger, a palavra "jêje" deriva do etnômio "adja". Contudo, a evolução fonética não corrobora a tese, pois é muito acentuada a diferença entre as palavras "adja" e "jêje".

Nicolaou Parés, diz que "*idjè*" é como se autodenominavam os povos adjas. Os iorubas os chamavam de "*ahoris*", ou de "*ohoris*", termo que os fons pronunciavam como "*holli*". A administração colonial francesa teria passado a denominá-los "*hollidjè*".

Proponho que o vocábulo "*hollidjè*", tendo sido aportuguesado, possa ter originado a expressão "jêje".

Outra tese, esta defendida por Vivaldo da Costa Lima, é que a expressão "jêje" derive da palavra ioruba "âjèjì", a significar forasteiro, estrangeiro. Esse estudioso afirma que os iorubas referiam-se aos invasores adjas vindos do oeste, como "ajeji", ou simplesmente "jêji". Esta última teoria conta com o respaldo dos mais antigos membros do Candomblé brasileiro, que transmitem esta raiz histórica em seus relatos orais.

Na literatura, encontraremos também as expressões ewe (línguas da região setentrional do atual Togo e Gana), *fon* (língua do antigo *Daomé*) e simplesmente *ewe-fon*, para designar genericamente os jêje, sua etnia, sua cultura e religiosidade.

Os jêje adoravam seus deuses denominados *Vodun* e utilizavam basicamente os idiomas *ewe* e *fon*. Os Nagôs cultuavam os àwọn ò*rìṣà* (orixás) em sua língua ioruba. Os dois povos habitavam o sudoeste da África, avizinhando-se.

Jêjes e nagôs eram originariamente inimigos. Embora vizinhos, eram povos que possuíam enorme rivalidade entre si. Inúmeras guerras ao longo de séculos dividiam essas etnias de cultura, idioma e deuses diferentes.

Os nagô, ou iorubas, ocupavam principalmente os reinos de *Kétu*, *Ọ̀yọ́*, *Ègbádò*, Ìjèṣà, *Ègbá* e *Ifè*.

O termo "nagô" é bastante moderno. Trata-se de uma reinvenção da

identidade ioruba já na América, pós-diáspora.

O antropólogo americano William Bascom, esclarece que o termo "nagô" (*nàgó*) se refere ao subgrupo ioruba *ifo-nyin*. (BASCOM, 1943)

Para R.C. Abrahamns, a palavra "*nàgó*" seria originária do idioma fon "anago" e serviria para designar os iorubas de *Ipó Kiyà*, localidade da Cidade de *Abẹ̀òkúta*, onde também viveriam alguns descendentes do povo popo do antigo *Daomé*. (ABRAHAMNS, 1934)

Segundo Nicolau Parés,

> *"... nagô, anagô ou anagonu era o etnômio ou autodenominação de um grupo de fala ioruba que habitava a região de Egbado, na atual Nigéria, mas que emigrou e se disseminou por várias partes da atual República do Benim. Ao mesmo tempo, os habitantes do Daomé, reino que se manteve desde meados do século XVII até o final do século XIX, começaram a utilizar o termo "nagô", que na língua fon tinha provavelmente um sentido derrogatório, para designar uma pluralidade de povos ioruba-falantes sob a influência do reino de Oyo, seu vizinho e temido inimigo. Desse modo, uma autodenominação étnica, restrita a um grupo particular, passou a ser utilizada por membros alheios a essa comunidade para assinalar um grupo de povos mais amplo."* (PARÉS, 2007).

No passado, o substantivo "*nàgó*" significaria "piolhento". Fora utilizado para identificar os iorubas que chegavam na fronteira do Daomé, fugindo de conflitos étnicos. Como chegavam maltrapilhos, esfomeados e repletos de piolhos, eram ridicularizados pelos daomeanos com a designação de "*nàgó*".

Não se sabe exatamente quando os iorubas começaram a ser chamados de nagô em terras brasileiras. Mas, ao que tudo indica, devem ter sido os escravos de origem fon que os denominavam dessa forma, quando chegavam ao Brasil após a deplorável travessia do Atlântico, já na condição de escravizados.

De qualquer forma, é imperioso entender que não existe nenhum idioma conhecido como nagô, nem este termo identifica qualquer etnia específica de origem africana. É simplesmente uma designação conjectural que ganhou força em território brasileiro, para nominar escravos de língua ioruba.

A proximidade entre jêjes e nagôs, querendo ou não, foi também fator de assimilação cultural. Os fronteiriços passaram a conhecer os costumes uns dos outros, assim como sua língua e valores religiosos.

Juntos, jêjes e nagôs constituíram o maior contingente de escravos vendidos para o Brasil. Em razão disso, grande parte de seus costumes,

práticas e tradições, foram extintas na África e transferidas para cá com a diáspora.

Aqui no Brasil, jêjes e nagôs eram forçados a conviver na mesma senzala, dividindo o espaço exíguo, o mesmo sofrimento, chorando as mesmas perdas.

Venceram suas diferenças pela dor. Solidarizaram-se. Passaram a se proteger e a rezar juntos.

Essa bela lição de tolerância, resistência e perdão foi tão forte e poderosa que deixou sua marca até hoje. O culto aos *Òrìṣà* no Brasil é assim também, inigualável. Só aqui o *ṣiré* (cerimônia pública de reverência às Divindades) invoca deuses de todos esses povos, sem distinção, sem preconceito e em plena harmonia.

Divindades que no passado eram invocadas por rivais para a destruição dos inimigos, hoje dançam e festejam no mesmo ambiente, emocionando a todos, abraçando a todos e trazendo a paz entre os descendentes dos homens que no passado remoto se odiaram.

Este fato dá ao Candomblé uma dimensão nítida de religião; de caminho capaz de religar a humanidade à sua espiritualidade. E, sobretudo, de servir como meio de engrandecimento do ser humano, proporcionando virtudes como a fé, o perdão, a paz e a solidariedade.

Jêjes e nagôs, além de vencerem as antigas diferenças, criaram um único espaço sócio cultural capaz de assimilar elementos das duas culturas como os mesmos temperos, danças, adornos, rituais e até as características de seus diferentes deuses.

Começava ali um processo sincrético inigualável. Deu-se a fusão de cultos, mitos, crenças e costumes. Surgia a partir de então a cultura jêje-nagô no Brasil e posteriormente o Candomblé nagô-vodun.

Os terreiros de Candomblé atuais, sejam de origem jêje ou nagô, por mais tradicionais que sejam, misturam em sua nomenclatura palavras e elementos uns dos outros. Por exemplo, as Casas de *Kétu* (origem Nagô-Iorubá), denominam os tambores rituais de *Hun*, *Hunpi* e *Lé*. Palavras de língua *fon* (jêje). Ainda nestes terreiros, é comum serem cultuadas divindades como *Dan* e *Ṣọ̀pọ̀ná*, cuja origem é do território jêje.

Por outro lado, nas Casas jêje, reverencia-se *Ọdẹ*, tido como o *Òrìṣà* rei

da cidade de *Kétu* (Nagô), assim como o uso da sineta ritual portada pelos sacerdotes para invocar os *Voduns*, é o *adjárín* uma palavra de origem nagô-iorubá.

Embora cantado em ioruba e voltado ao culto a *Ọ̀sányìn*, o ritual do *sàsányìn* é praticado tanto nos terreiros jêje, quanto nos nagô. O *sàsányìn* é fruto desta indissociável e fantástica composição.

Pertinente destacar que na prática litúrgica do *sàsányìn*, assim como no culto aos elementos vegetais, os deuses *Ọ̀sányìn* (*Òrìṣà* originário da cidade ioruba de Ìràwò – fronteira com o Daomé) e *Agẹ* (*Vodun* originário do *Daomé*), são sincretizados e reverenciados juntos, como um único deus ou como qualidades/vertentes de uma única energia.

Conheceremos mais a fundo o ritual da *sàsányìn*, assim como as divindades *Agẹ* e *Ọ̀sányìn*, nos capítulos próprios.



Capítulo 3

A Palavra e suas Possibilidades

Para compreensão da cultura ioruba, é preciso entender a palavra como um dos seus princípios norteadores básicos.

A palavra (*ọ̀rọ̀*), não é vã, supérflua, nem irresponsavelmente utilizada. A palavra é uma realização. Isto, porque juntamente com a palavra é emitido o hálito (*ẹ̀mí*), elemento sagrado para os iorubas. Portanto à palavra agrega-se uma parcela cósmica.

De acordo com a filosofia ioruba, o Criador, *Ọlọ́run*, soprou vida nas criaturas. Logo, o *ẹ̀mí*, simboliza o elemento criacional presente em nós e transbordado pela palavra. Assim, cada palavra por nós pronunciada, carrega consigo uma partícula do Criador.

As palavras têm poder, as palavras possuem força divina transformadora, realizadora. Por esta razão devemos cuidar do que falamos, pois aquilo que é dito quando sai de nossa boca já não nos pertence mais.

A palavra tem um sentido mágico. Ela é portadora de *àṣẹ*. Ela é

condutora de energia e tem força. As rezas, os encantamentos e as invocações, são ao mesmo tempo transmissores dos mitos, das crenças, da história, das emoções e também de força realizadora.

O ioruba é um idioma tonal, cuja entonação dada à palavra pode alterar seu significado. Também se caracteriza por ter verbos polissêmicos, ou seja: com inúmeros significados distintos. Estas peculiaridades conferem à relação entre os interlocutores uma importância enorme. As pessoas que conversam precisam estabelecer um contato. O narrador precisa perceber se o ouvinte compreendeu efetivamente o que está sendo dito. As palavras não são articuladas despretensiosamente. Elas formam elos entre os indivíduos.

Ulli Beier (VERGER, 1995), assim aduz:

> *"Os iorubas não apenas são altamente conscientes dos significados dos nomes, mas gostam também de interpretar cada palavra que usam. Eles acreditam que foi contraída através de uma série de elisões a uma só palavra. Naturalmente, na tentativa de reconstruir a frase original, podem chegar a vários significados."*

E Paul Ottino, também citado por Verger na obra acima, arremata:

> *"Contrariamente à lógica ocidental, que requer uma relação direta entre significante e significado, a forma de expressão pode ser entendida de diferentes formas. A compreensão se dá em função do grau de conhecimento da pessoa."*

A palavra tem muitas propriedades: é dotada de encantabilidade, pois é capaz de depositar energia nos elementos; possui transmutabilidade, pois transforma a energia existente nos elementos; e também nela há transbordabilidade, pois ela possibilita que a energia retida nos elementos transborde de si.

A Encantabilidade:

A encantabilidade pode ser percebida quando objetos artesanais, minerais, animais e vegetais, são encantados pelo poder das palavras e se transformam em símbolos, inclusive vivos, da presença e do poder das divindades. Observemos o *ṣàṣàrà* de *Ọmọlu*, ou o ìbírí de *Nàná*. Dois apetrechos rituais feitos artesanalmente que, após o encantamento pela palavra, são transformados em poderosos instrumentos de saúde e de vida, respectivamente. Após o advento da encantação, são capazes de ser reverenciados com o mesmo grau de importância da presença das próprias divindades. Tocar, ou ser tocado pelo *ṣàṣàrà*, significa ter saúde ou ser curado. As pedras (òkúta) usadas nos assentamentos dos Òrìṣà (*igbá*) são encantadas e passam a representar a divindade corporificada materialmente. Animais e plantas, rezados ou "tocados" pelo poder encantador da palavra, passam a agir e a reagir. As atitudes destes, a partir de então, significam símbolos da vontade dos deuses.

A Transmutabilidade:

A transmutabilidade da palavra se caracteriza quando a energia de ambientes, objetos, pessoas, plantas, animais, etc. mudam pela força da palavra, positiva, ou negativamente.

O ritual denominado de *kasípálara*, no qual é realizada uma limpeza espiritual do corpo (conhecido popularmente como sacudimento, ou *ẹbọ* de limpeza), os elementos utilizados são todos "rezados", ou "cantados". Ou seja, durante a concretização do ato, o oficiante pronuncia cânticos com o propósito de que os apetrechos usados, sejam eles símbolos sagrados, comidas, ervas ou animais, promovam a alteração do *status* físico, mental ou espiritual da pessoa oficiada.

A limpeza de ambientes, *nù lára ènià*, cerimônia do Candomblé que consiste na limpeza energética de recinto ou de pessoa [literalmente: *nù* (v. limpar) + *lára* (adj. material) + ènià (s. pessoa)], tem a mesma base, só que em relação a locais. Em ambas as situações citadas, a palavra é a catalisadora da mudança da situação física, ou ambiental.

A transmutabilidade da palavra também é notada quando, através do uso ritual de ervas e animais, estes se transformam durante o ato. Plantas murcham e animais, por vezes, morrem durante ou logo após a manipulação da palavra. É a palavra que os faz absorver vibrações negativas de pessoas e locais, como esponjas energéticas.

A transmutação tem outra exemplificação interessante: o momento mágico em que uma erva passa literalmente a ser outra, quando pronunciado o *ọfọ̀* adequado. É o caso das ervas substitutas ou ervas "escravas". Mais detalhes acerca deste processo no capítulo que trataremos do *sàsányìn*.

A transbordabilidade:

A transbordabilidade é o condão de fazer expandir os potenciais já contidos nos elementos. O ritual do *sàsányìn* um exemplo clássico desta potencialidade da palavra.

Durante o *sàsányìn*, as palavras vão esculpindo rezas (àdúrà) e cânticos (*kórin ewé*) para que os princípios ativos das plantas sejam gradativamente sobejados. Ao final, o líquido derivado da maceração, resultará em remédios para o corpo e para a alma. É a palavra quem viabiliza este fenômeno.

A Palavra e o *àṣẹ*:

Assim como o idioma, a cultura ioruba originariamente é ágrafa. Não há registros escritos de sua liturgia, nem de suas normas. Por isso à palavra é adicionado o componente da verdade. Se não há contrato, a palavra é que tem que valer. A palavra é o próprio documento, seja ele histórico, religioso, científico, etc. Por isso o iorubano não tolera a mentira.

O povo ioruba tinha por costume só escolher e pronunciar o nome de uma criança recém-nascida, após o rito adequado (*ìkómọjáde*), pois seu significado ao ser dito, começaria a provocar uma reação cósmica.

Ìkómọjáde, cerimônia de batizado ou consagração do nascimento através do nome, é realizada ao 9º dia de nascido para meninos, ao 7º dia de nascida para meninas e 8º no caso de gêmeos. Este rito consiste (para recém-natos de ambos os sexos) no ato de enterrar o cordão umbilical e a placenta (*olóbi*) ao pé de uma árvore nas cercanias da casa paterna (ou no terreiro) para, após consultar o oráculo com esta finalidade específica, em um ritual denominado *ìkọsèdáyé*, a fim de saber o *odù* (destino) daquele bebê. Assim, a criança recebe um nome conforme seu clã, sua origem espiritual ou ainda conforme as características de sua energia, numa liturgia chamada de *ìsọmọlórúkọ*. Em seguida, a criança é abençoada com a energia de elementos como o dendê, o sal, a cana-de-açúcar, o mel, a terra, o peixe etc...

O *ìkómọjáde* também é conhecido como "culto à placenta". Conforme a mitologia ioruba, a placenta (*olóbi*) é impregnada pelas últimas lembranças do espírito que escolhera seu destino, antes de nascer. Enterrar a placenta na terra é solidificar as escolhas feitas antes do nascimento, para que se cumpram durante sua permanência no mundo.

Em todo esse processo, a palavra funciona como ativadora do *àṣẹ*. É através dela que o nome do recém-nato é pronunciado, criando uma conexão entre a sina por ela escolhida e sua trajetória no mundo. A palavra é a propulsora de sua energia e do poder dos ancestrais. O homem pisa no destino com a herança dos ancestrais. E a palavra é o liame que une o material e o imaterial: desejo e realização. Tudo contido em um nome. E, cada vez que esse nome for pronunciado, ao longo da existência daquele indivíduo, novamente será ativada aquela energia.

A tradição oral é uma maneira filosófica de se transmitir conhecimento de forma dosada, no momento exato em que o interlocutor estiver maduro para conviver com o novo saber. Para a cultura ioruba, o que se sabe é diferente do que se vivencia. Por isso, o Candomblé é uma religião vivencial, onde a experimentação jamais poderá ser substituída pela teorização.

A oralidade, portanto, não é traço de primitivismo, como alguns precipitados equivocadamente julgam. Antes pelo contrário, a oralidade constitui uma filosofia de vida, uma visão ímpar de transmissão do saber.

A palavra desperta o *àṣẹ* e este é o elemento essencial à existência. Imaterial, o *àṣẹ* é a energia contida em todos os seres e coisas. O *àṣẹ* é a capacidade de realização, a vontade e a ação. Ter "*àṣẹ*" é ter poder de realizar.

Segundo Beniste, é

> "*... um fluido mágico que não tem forma mas é sentido, e que dá vida e forma a tudo que existe. Se a pessoa está viva, está com o àṣẹ de Olódùmarè."* (BENISTE, 2000).

Os sacerdotes de Candomblé são denominados por alguns, como *Bàbálàṣẹ* ou *Ìyálàṣẹ* (Pai de axé ou Mãe de axé).

A própria Casa de Culto, é definida como *Ilé Àṣẹ* (Casa de Axé).

A palavra *àṣẹ* é também utilizada como forma de saudação. Desejar "*àṣẹ*" a alguém é querer bem.

Responder "*àṣẹ*" a algum pedido, louvação ou invocação positiva, significa dizer "que assim seja".

Cada *òrìṣà*, enquanto expressão da natureza, sentimentos e emoções, tem seu próprio *àṣẹ*, como energia compatível e correspondente.

Os símbolos e paramentos litúrgicos de cada òrìṣà são portadores do àṣẹ das divindades.

O *abẹbẹ* (leque) de *Ọṣùn* é a própria representação da vaidade, do encanto, da sensualidade e da feminilidade regidas por essa divindade. O *abẹbẹ* é a expressão do àṣẹ de *Ọṣùn*.

A paz, a saúde, a felicidade, o dinheiro, são também expressões de *àṣẹ*. Quando estamos equilibrados, ficamos em sintonia com o *àṣẹ* positivo.

O culto aos *àwọn òrìṣà* (orixás), através da liturgia do Candomblé serve justamente para buscar a moderação entre a humanidade e seus deuses,

através da manipulação do àṣẹ dos elementos da natureza usados nos rituais.

As oferendas e os sacrifícios são cuidadosamente prescritos pelos sacerdotes, como maneiras de interligar os fiéis aos deuses, através do *àṣẹ* de cada ingrediente.

As folhas utilizadas nos banhos rituais devem ter o *àṣẹ*, enquanto elemento apropriado, à necessidade do paciente. Daí a necessidade de conhecer as folhas de apaziguamento, ou as de energização, por exemplo.

Os iorubas há milhares de anos, já haviam descoberto que o universo não é feito de átomos, mas de *àṣẹ*. O *àṣẹ* seria a menor partícula do cosmo. Portanto, os átomos também seriam compostos desse elemento tão especial. É o àṣẹ que nos move, nos conduz, nos complementa, nos cerca e nos constitui, física e espiritualmente.

A interação entre os homens e a natureza que os cerca passa a fazer mais sentido quando compreendemos que tudo à nossa volta é composto pela mesma partícula primordial: o *àṣẹ*. Como ele está em nós, assim como está em nossos semelhantes, nos animais, nas plantas, etc., é mais do que necessário enxergarmos todos os seres como nossos irmãos: todos constituídos da mesma essência, da mesma matéria prima, da mesma "lama primordial".

A arte da vida e os mistérios da morte giram em torno desta força tão poderosa e ao mesmo tempo sutil, o *àṣẹ*.

No trato das ervas, é através da palavra rezada que *Ọ̀sányìn* é invocado para permitir a colheita, para autorizar o aproveitamento e, sobretudo, para despertar do *àṣẹ* de cada planta.

A palavra pode tomar várias formas e propósitos, como ***orin*** (cântico); ***ọfọ̀*** (encantamento); ***oríkì*** (louvação); ***ìtàn*** (conto); ***òwe*** (provérbio), àdúrà (reza) e ***ẹsẹ*** (poema de *Ifá*). Vale dizer que em cada formato, ganham um estilo diferente, caracterizando-se em ferramentas adequadas a cada finalidade. Ora mais curtos e objetivos, como os òwe; ora mais longos e detalhados, como os ìtàn; enigmáticos como os *ọfọ̀*; metafóricos, como os *oríkì*; ou descritivos, como os *orin*. É bem verdade que muitas destas características permeiam todos os estilos, mas alguns atributos são mais presentes neste ou naquele formato.

Inequívoco é que a palavra é a ferramenta de comunicação entre homens e deuses, despertando o àṣẹ desejado.

No trato com as ervas, são utilizadas todas essas potencialidades da palavra.

***Orin* (a palavra cantada):**

A cada música sagrada entoada, a palavra faz com que a planta desperte seu potencial. homem e natureza se fundem e refundem através da palavra, equilibrando seu convívio.

Pertinente observar no exemplo abaixo, como a palavra cantada no *orin*, entre versos, metáforas e símbolos, determina à planta o que fazer:

Biribiri bì màrìwò
Jẹ́ Ọ̀sányìn wálè màrìwò
Biribiri bì màrìwò
Bá wa orò sé màrìwò
Intensamente arremesso o mariô
Permita Osanyin fixar o mariô em casa
Intensamente arremesso o mariô
Mariô ajude-nos no ritual de proteção

O *màrìwò* é um elemento utilizado em rituais de Candomblé, feito à base de folhas de dendezeiro desfiadas manualmente, através de ritual próprio.

O cântico diz que o oficiante lança o *màrìwò* e roga a *Ọ̀sányìn* para que este símbolo ingresse em sua casa. O propósito é de receber a proteção em seu lar.

E na última frase, o oficiante clama para que o *màrìwò* o ajude no ritual. Trata-se da folha apoiando o humano, situação esta viabilizada pela palavra.

O ser humano pode reequilibrar-se sacando da própria natureza os recursos propícios a isto.

Ọfọ̀ (a palavra encantada):

Ọfọ̀, é o encantamento. Caracteriza-se pela declamação que objetiva transformar, despertar ou imbuir elementos de energia. Os *ọfọ̀* são pronunciados em diversos ritos e situações: durante a realização de alguns *ẹbọ*, no uso de certas ervas; no preparo de alguns apetrechos rituais, antes de determinados ritos etc. Não existe uma liturgia específica para a utilização dos *ọfọ̀*. Mas, o momento em que são declamados é revestido de atenção e reverência.

Os *ọfọ̀* conservam e preservam tradições, símbolos, valores filosóficos e conteúdos religiosos herdados pelo Candomblé.

O *ọfọ̀* é uma afirmação verbal da situação desejada. A palavra tem poder, pois provoca no ser humano e no objeto encantado, um alinhamento com a realidade que se deseja.

A palavra então direciona a mente (*orí*) a uma proposição, e esta passa a exercer sua influência assertiva no convencimento do próprio corpo ou do elemento externo, conforme o caso.

No exemplo abaixo, através da palavra, as plantas são sentenciadas a curar. O *ọfọ̀* as faz deixar de serem plantas, e as transforma em remédios (VERGER, 1995):

Ójà*[1] *já ikó kúrò l´órùn
bó[2] ***bó ikó kúrò l´órùn.***
Òjà, arranque (já) a tosse da garganta.
Òròmbó, descasque a tosse da garganta

O *òròmbó*, assim como o *ójà*, são potencializados a "arrancar" e a "descascar" a tosse da garganta. Ou seja, passam a ser "agentes removedores" da doença em relação ao corpo (VERGER, 1995).

Ọ́ọ́yọ́*[3] *àjẹ́, wà àrùn ẹ̀hìn
Awùsá*[4] *mú àrùn ẹ̀hìn nlọ
Agbe*[5] *gbé àrùn kúrò
Àlùkò*[6] *kó àrùn ẹ̀hìn
Ọ́ọ́yọ́ planta feiticeira, remova a
doença das costas
Awùsá pegue a doença das

costas e a leve embora.

Agbe, carregue a doença e a leve para longe.

Àlùkò não deixe a doença sobre minhas costas

Os elementos citados, sejam vegetais (plantas *ọ́ọ́yọ́*, *awùsá* e *agbe*) e animais (ave *àlùkò*), trabalhados em conjunto, são encantados para que retirem o fardo pesado da doença do corpo e a levem para longe.

Segundo Verger (VERGER, 1995), os objetos encantados passam a ser "palavras materializadas".

***Oríkì* (a palavra louvada):**

A louvação é uma fórmula de enaltecer o poder de alguma divindade e, a partir deste processo, atrair os efeitos deste potencial para o fim desejado.

Ọ̀sányìn ẹlẹ́sẹ̀kan,
Irúnmọlẹ̀ àgbénigi,
Ọ̀sányìn onísègùn ewé asà!
Osanyin que possui uma perna só,
Espírito divino que vive na árvore,
Osanyin que cura com as folhas
faz o ritual!

Ọ̀sányìn, a divindade dos vegetais, é aqui louvada em *oríkì* por suas características físicas: aquele que só tem uma perna, como a árvore que possui um único tronco. *Ọ̀sányìn* é como a árvore. Ele "vive" na árvore, porque da árvore Ele é o espírito. Em última instância, *Ọ̀sányìn* "é" a própria árvore. Por isso, com "suas" folhas faz o ritual e cura.

O ioruba reconhece as suas divindades em expressões da natureza, emoções, sentimentos e energias. Portanto, percebem que esses deuses estão dentro dos humanos. Por este olhar, as louvações podem ser entendidas como uma espécie de fortalecimento da energia interior, como revitalização, abastedimento da autoestima.

***Ìtàn* (a palavra narrada):**

Através dos ìtàn (contos, histórias míticas), são transmitidos oralmente os conhecimentos milenares sobre as divindades, seus feitos, suas histórias, seus poderes. Os ìtàn têm estrutura similar às parábolas, onde metáforas são utilizadas para provocar a reflexão e difundir conhecimento acerca de temas e situações.

Os *ìtàn* perpetuam tradições, símbolos, valores éticos, morais e rituais do Candomblé. Sempre os narradores são mais velhos (em idade ou em tempo de iniciação) do que seus interlocutores. Nas terras iorubas, os narradores de *ìtàn* eram preparados por anos para desempenhar este ofício, a fim de preservar a memória destas histórias e de seu povo. Eram denominados *òfófó*.

Em torno dos *ìtàn*, configura-se uma bela tradição de agregar gerações diferentes em rodas, para ouvir e contar as histórias míticas dos *àwọn òrìṣà* (orixás) através dos quais seus feitos, regências, interditos e poderes são ludicamente transmitidos geração, após geração, por milhares de anos.

No trato das folhas, os *ìtàn* personificam as plantas narram sua relação com os seres humanos. Através desses contos, os mais velhos e experientes vão enaltecendo, aos mais jovens, a importância de algumas espécies vegetais, bem como sua determinante influência na vida dos homens e ainda a razão de serem utilizadas litúrgica ou medicinalmente.

Passemos a analisar o ìtàn do baoba, *Adansonia digitata (Bambaceae)*, também denominada pelos iorubas como *osè*, *oṣè*, ou *oṣè ígbéèlùjù*.

Existem muitos ìtàn sobre o baoba, dada a relevância desta árvore para a cultura, economia e filosofia iorubas. Um deles, diz: *O baoba era a árvore mais velha do mundo. O baoba era uma árvore muito velha e rabugenta.*

Quando *Ọlọ́run* começou a fazer seu trabalho sobre o mundo, o baoba passou a reclamar de tudo. O baoba em tudo colocava defeito.

Baoba fífisùn àwọn odò, kí ti ni wíwọ́
púpọ̀ kò ọ̀gbọnran.
Baoba fífisùn oòrùn, kí ti ni gbígbóná
púpọ̀ kò tútù.
Baoba fífisùn alẹ́, kí ti ni dúdú púpọ̀

kò funfun.

Baoba fífisùn àwọn ẹranko, kí ti yọlẹ́nu ọkàn-túútù rẹ.

Ti fífisùn àwọn ọ̀bọ kékeré, kí ti fikọ́ ní ẹ̀ka rẹ.

Ti fífisùn erin nlá akọ, kí ti ṣu àìjìnnà. Baoba ti fífisùn...

Ti fífisùn òkúta yìí.

Ti fífisùn ewé yẹn.

lọ́run ti dó láti gbìn baoba orí ní ìsàlẹ̀.
Orí baoba ti fimọ ní erùpẹ̀. Igi àtijọ́, kò ti gbọ́dọ̀ láti rí. Igi àtijọ́, kò ti gbọ́dọ̀ láti fọhùn.

Baoba ti ní gbòngbò rẹ láti ọ̀run.

O baoba reclamou dos rios, que eram sinuosos e não retos.

O baoba reclamou do sol, que era quente demais e não fresco.

O baoba reclamou da noite, que era muito escura e não clara.

O baoba reclamava dos animais, que perturbavam sua tranquilidade. Reclamou do macaco que se pendurava em seus galhos.

Reclamou do grande elefante macho, que defecava perto.

O baoba só fazia reclamar...

Reclamava desta pedra.

Reclamava daquela planta.

Ọlọ́run resolveu então plantar o baoba de cabeça para baixo.

A cabeça do baoba ficou enterrada na areia. Assim, a velha árvore não poderia mais ver nada. Assim, a velha árvore não poderia falar nada para reclamar.

O baoba teve suas raízes viradas para

o céu.

Através do conto, os jovens são ensinados a respeitar a natureza e a vontade do Criador. A história do *baoba* demonstra mais do que a personificação de uma árvore. Significa que o ser humano pode aprender com os vegetais. Mais do que um personagem, o *baoba* figura no *ìtàn* como um exemplo de comportamento a não ser seguido. Os valores trazidos também merecem destaque: a resiliência, o respeito aos outros seres vivos, a busca da boa convivência e, sobretudo, a consequência de não observar estes predicados: o indivíduo se torna cego, surdo e mudo, caso não adquira tais virtudes.

***Òwe* (a palavra sentenciada):**

Òwe são provérbios, adágios, através dos quais são ensinados valores culturais. Os provérbios são capazes de unificar formas de pensar e agir. Ensinam, às vezes ludicamente, a refletir e a se comportar. Os provérbios devem ser sempre declamados, para que sejam revestidos da força da palavra.

Existe um òwe que ensina a preservar o *akòko*[7]. É um tabu cortar esta árvore com faca, ou machado, conforme o provérbio:

> ***Ò sé po, a ki akóko***
> *Não acerte completamente, nós*
> *saudamos o akóko*

A árvore do *akóko* simboliza o elo mítico entre os nove espaços siderais, conforme a mitologia ioruba. Logo, não deve ser podado de forma convencional, sob pena de romper a ligação entre este mundo e os demais. Por assim ser, cortá-lo com faca ou machado significaria abater gravemente a árvore. Por isso, o *akóko* só pode ter seus galhos retirados à mão. Ou seja, apenas ramos pequenos podem ser arrancados, para que seu crescimento e pujança não sejam comprometidos.

Segundo a tradição da etnia *fon* (jêje), o cajado do sábio deve ser feito desta árvore, a qual denomina de “ahoho”, de forma a atrair a proteção do *Vodun Togbo*, para abrir caminhos e facilitar a caminhada. (SANTOS, 2014).

***Àdúrà* (a palavra rezada):**

Àdúrà é a reza. As rezas podem ser invocatórias, louvatórias ou de agradecimento. As orações estão presentes em muitos momentos na liturgia do Candomblé. Praticamente todos os ritos são antecedidos por preces de rogação às divindades. As orações devem ser sempre pronunciadas, sendo, em geral, cantadas em diversos ritmos litúrgicos.

As rezas, assim como os cânticos, possuem uma tônica: sempre começam com o solo do mais velho e são "respondidas", com o coro dos demais.

As rezas não costumam ser acompanhadas por instrumentos de percussão, à exceção do *agogo* (instrumento litúrgico composto por uma espécie de sino metálico com duas campanas, ritmado por uma vara de madeira, ou ferro).

A cadência das rezas, em geral, segue algum dos ritmos litúrgicos dedicados à divindade invocada.

O *àdúrà Ọ̀sányìn* abaixo é cantado no ritmo *àgẹ̀rẹ̀*:

Kì Ọ̀sányìn ewé
Kì Ọ̀sányìn igi
Rí onísègùn fì afẹ́ẹ́fẹ́
Ewé fì àrùn
Proclamo Osanyin na folha
Proclamo Osanyin na árvore
Vi o médico balançando ao vento
A folha balança a doença

Nesta significativa oração, percebe-se que *Ọ̀sányìn* é proclamado nas ramas e nas árvores, com as quais se confunde como médico e como folha. *Ọ̀sányìn*, como a folha, balança ao vento. *Ọ̀sányìn*, como médico, tem a capacidade de "balançar" a doença para que esta se mova e deixe o doente.

Ẹsẹ (a palavra refletida):

Ẹsẹ é a denominação dos poemas de _Ifá_. Toda a sabedoria contida na ifalogia, é compilada e declamada através de versos. Há cerca de 600 poemas para cada um dos 256 _Odù_ de _Ifá_.

No passado, a dinâmica da consulta oracular consistia na seguinte sequência: o olhador jogava o oráculo e, conforme o _odù_ que se apresentasse na caída, ele declamaria um dos 600 poemas correspondentes. A partir de então, caberia ao consulente interpretar a mensagem em conformidade com seu momento de vida. Somente a partir disto, poderia o olhador prescrever alguma oferenda ou procedimento.

Os _ẹsẹ_ têm um estilo enigmático, quase indecifrável. Mas, funcionam como um profundo exercício de reflexão. Notemos, sobretudo, que o poema funciona como um elo entre os três participantes da consulta ao oráculo: divindade, olhador e consulente. Interessante perceber que o poema propõe que o consulente participe da solução do problema e não apenas seja um mero coadjuvante do destino. À medida em que reflete, interpreta, interage e se responsabiliza pelo porvir. O _ẹsẹ_ dá à consulta oracular um propósito divinatório e não adivinhatório. Esta ferramenta da palavra revela-se como literatura, arte e filosofia. Vejamos um exemplo de um dos _ẹsẹ_ do _Odù Éjì Ogbè_, cuja síntese é "A Insubordinação" e ao qual está relacionado _Èṣù_ (ABIMBOLA, 1973):

> *"Tudo que meus colegas estiverem fazendo,*
> *Eu devo fazer.*
> *Divinação de Ifá foi feita para o Ovo de galinha*
> *Que era amigo de Kànàkànà,*
> *Ambos estavam indo para fazer guerra contra a cidade de Ìgbòmokò Eségi.*
> *Foi lhes dito que fizessem sacrifício.*
> *Ovo de galinha foi avisado para não ir.*
> *Mas, ele disse que iria.*

Assim que eles chegaram nos portões da cidade
Eles começaram a dançar,
Onde quer que Kànàkànà fosse, era com veemência.
Que ele fazia seu caminho.
Quando ovo de galinha tentou fazer o mesmo,
Ele caiu,
E quebrou-se em pedaços.
Foi com pesar que ele começou a louvar seu sacerdote de Ifá
Ele disse "o que quer que meus companheiros façam Eu tenho que fazer."
Foi divinado Ifá para Ovo de galinha
Que era amigo de Kànàkànà
Ambos estavam indo para fazer guerra contra a cidade de Ìgbòmokò Eségi.
Não é muito tempo.
Não é muito distante.
Venha e veja-nos conquistando através do sacrifício."

No exemplo acima, o homem é comparado a um ovo de galinha: frágil, perecível e previsível. A teimosia do ovo em repetir as atitudes alheias, foi mais forte do que sua disciplina em cumprir a recomendação. O indivíduo que não se sacrifica, disciplinando suas ações, se espatifa como um ovo de galinha. E o poema encerra ressaltando que "Não é muito tempo. Não é muito distante", como a nos lembrar que as consequências de nossa insubordinação, a toda hora e bem próximo de nós, nos mostram os resultados.

***Òkúdù*, o silêncio da palavra:**

Nada é possível fazer sem a palavra. Entretanto, nesta cultura calcada na busca do equilíbrio, em confrontação a toda a importância que a palavra (*ọ̀rọ̀*) possui, existe também a relevância do silêncio, chamado de *òkúdù*.

O silêncio está presente em muitos e importantes momentos, situações e sentimentos admiráveis para os iorubas.

Na saudação a *Ọmọlu*: "*atótóo*!" *("silêncio em respeito a Ele!"),* percebe-se a deferência que se deve ter àquela divindade, expressando-a através de reverente silêncio.

O silêncio é parte do rito, na cerimoniosa liturgia das Águas de *Òṣàlà*, quando todos os presentes devem evitar barulho, até que a etapa final da procissão seja concluída. Este procedimento, que tem por objetivo renovar os propósitos éticos e também rogar por uma temporada de chuvas fecundas e garantidoras de boa colheita e da sobrevivência de humanos, vegetais e animais, tem no silêncio um marco.

No rito fúnebre do *aṣéṣé*, a comunidade inteira deve demonstrar respeito à divindade da morte (*Ikú*), postando-se em silêncio ao longo de diversos momentos. Nem mesmo os atabaques podem soar no terreiro. A vida e a morte são tenuemente repartidas pelo silêncio.

Em outras tantas situações cotidianas de um terreiro de Candomblé, o silêncio é ensinado como respeitoso gesto perante homens e deuses. Como por exemplo, o neófito recolhido em seu período de retiro iniciático, que só deve dirigir a palavra aos seus mais velhos em situação de necessidade e, ainda assim, precisa antes pedir licença para falar, batendo palmas no ritual do *pawọ́*.

Outra situação em que o silêncio é parte da liturgia se dá quando os adeptos realizam a limpeza protocolar dos *igbá* (elementos sacralizados de culto às divindades). A mesma condição de silêncio é necessária, durante o trato dos animais imolados ou quando do preparo das comidas votivas.

Ìrònú, o pensamento, a reflexão, a meditação, carecem do silêncio. A meditação não é praticada enquanto ritual específico. É considerada pela filosofia ioruba como um comportamento a ser buscado. Não é um rito

litúrgico, mas é uma conduta habitual.

Um *ìtàn* do *Odù Éjì Onílẹ̀*, recomenda a prática da meditação ao dizer:

> *"Ọ̀rúnmìlà ensina que as coisas devem ser feitas pouco a pouco. Deve-se medir o comprimento e a largura. (...) É pedaço por pedaço que se come a cabeça do peixe. (...) Nenhum colar é tão longo quanto o colar que é usado pela divindade Yẹmidérégbẹ – aquela que atinge a sublimação através de uma respiração adequada".* (Santos, 2014).

Muitas vezes o perseverante (*àìrẹ̀wẹ̀sì*) se imbui do silêncio como companheiro.

A piedade (*ìyọ́nú*) e o perdão (*fójì*), não raro, estão contidos no silêncio e não nas palavras.

As principais virtudes buscadas pelos iorubas, são: ***ìbúra*** (a promessa); ***oore*** (a bondade); ***sùúrú*** (a paciência), ***ọ̀wọ̀*** (o respeito), ***òótọ́*** (a verdade), ***òdodo*** (a justiça), ***ìfẹ́ni*** (a caridade), ***èèwọ̀*** (o tabu), ***ìwà*** (o caráter – resumo de todas as demais). Todas podem ser praticadas apenas e tão somente com o silêncio.

Um *orin* (cântico) dedicado à folha da costa (*ewé ọdúndún*), popularmente conhecida como saião[8], assim nos ensina (SANTOS, 2014):

> ***"Ọdúndún bàbá tè rọlẹ̀***
> ***Ọdúndún bàbá tè rọlẹ̀***
> ***Ma dé tè rọlẹ̀***
> ***Báde tè rọlẹ̀***
> ***Ọdúndún bàbá tè rọlẹ̀***
> *Folha da costa, a folha do Pai, eu lhe venero através do silêncio*
> *Com a folha da costa, eu pretendo cobrir meus olhos e calar-me*
> *Ser convenientemente, respeitando-O, Pai através do silêncio*
> *Com a folha da costa, eu pretendo cobrir meus olhos e calar-me*
> *Ọ̀sányìn, o deus ioruba dos vegetais, é notoriamente reconhecido como um ser enigmático, introvertido, solitário, de poucas palavras.*
> *Ọ̀sányìn está presente em todas as folhas, inclusive na folha da costa."*

O silêncio é reverenciado neste *orin*, como exemplo de sabedoria

praticado pela folha da costa e por *Ọ̀sányìn*: olha mais não fala. Da mesma forma, deve o ser humano, por vezes, ver, sentir, refletir, processar sentimentos, para depois fazer um uso profícuo das palavras.

Arere (o silêncio perfeito) é louvado em um cântico sacro ioruba (SANTOS, 2014):

> ***"Má ojú ète má sọ̀rọ o***
> ***Má ojú ète má sọ̀rọ o***
> ***Bi wò bi wiwi***
> ***Bi wò bi wà***
> ***Má ojú ète má sọ̀rọ***
> *Não intenciono olhar nem falar*
> *Não intenciono olhar nem falar*
> *Nem perguntar, olhar, indagar,*
> *conversar*
> *Nem perguntar, olhar, indagar*
> *Não intenciono olhar nem falar."*

Florentina Souza (SOUZA e LIMA, 2006), assim conclui sobre o assunto:

> *Nas comunidades de terreiro a regra é ouvir mais do que falar, principalmente entre os mais novos. A coexistência entre o tempo da fala e do silêncio é o momento de penetrarmos em nós mesmos, no espaço onde se ouve e se elabora aquilo que é preciso dizer com toda inteireza e vigor. É o fato de que não se deve falar só por falar".*

O silêncio e a palavra coabitam no limite da sabedoria. São fronteiriços. Ambos importantes, pertinentes e necessários. Como dia e noite, se alternam, carecendo um do outro. Completam-se e se afastam como intangíveis auroras e crepúsculos em busca de equilíbrio. Entre do relacionamento da palavra e do silêncio, nasce *awo*, o segredo.



Capítulo 4

A Natureza e o Homem

A cosmogonia ioruba propõe uma visão de mundo bastante diferente das referências ocidentais. Para eles, Deus (*Ọlọ́run*), não criou os animais, minerais e vegetais para "servir" ao homem. Todos os seres vivos, por esta perspectiva, ocupam o mesmo patamar de importância na vida terrestre. Logo, os homens não exercem nenhuma preponderância, poder ou domínio sobre os demais reinos.

Segundo a folosofia ioruba, todos os ocupantes do mundo (*àiyé*) estão em pé de igualdade. Portanto, ***aráiyé*** (a Humanidade), ***ẹ̀dá ewéko*** (o Reino Vegetal), ***ẹ̀dá ẹlẹ́mí*** (o Reino Animal) e ***ẹ̀dá inù ilé*** (o Reino Mineral), estão em pé de igualdade. Homens, animais, vegetais e minerais devem se respeitar e coabitar o mundo em harmonia. Em razão disto, o ioruba consegue encontrar a deidade em uma árvore (*Ìrókó*), assim como em um animal (*Dan*).

Por este prisma, mesmo o caçador que tem a vida ceifada por uma fera, não odeia o animal: o respeita como um guerreiro que venceu a batalha pela vida naquele dia. O ioruba desenvolve, então, um comportamento socioambiental e espiritual bastante respeitoso em relação às outras espécies.

A lógica ioruba de que o homem não é "dono" do mundo, o impede de usar e fruir, a seu bel-prazer, dos demais seres vivos. Neste contexto, descabem a destruição, a poluição e a extinção de espécies.

Os iorubas concebem o mundo por uma quadríades, estas compostas sempre por dois pares.

A vida só é possível a partir da união dos pares: homem/ mulher, dia/ noite, céu/ terra, deuses/natureza. A própria aquisição das virtudes, objetivo da religiosidade ioruba, está composta a partir do par: materialidade/ espiritualidade, que elege oito virtudes principais (2 X 4): ***oore*** (a bondade), ***sùúrú*** (a paciência), ***ìbúra*** (a promessa), ***ọ̀wọ̀*** (o respeito), ***òótọ́*** (a verdade), ***òdodo*** (a justiça), ***ìfẹ́ni*** (a caridade), ***èèwọ̀*** (o tabu). ***Ìwà*** (o caráter) é o resumo de todas elas.

Quatro gomos (dois pares unidos) constituem o *obì àbàtà* (fruto sagrado). Também quatro são os pontos do mundo que representam o universo: ***ìlà-oòrùn*** ou ***ọ̀tún àiyé*** (leste, oriente, nascente); ***ìwọ̀-oòrùn*** ou ***òsì àyié*** (oeste, ocidente, poente); ***àríwá*** (norte); ***gúsù*** (sul).

Òṣùpá, a lua, se revela em quatro fases: ***ìwọ̀ọ̀kùn*** (lua nova); ***òṣùpá kíkún*** (lua cheia); ***òṣùpá nídàgbà*** (lua crescente); ***òṣùpá rẹ̀wẹ̀sì*** (lua minguante).

O mundo foi criado em quatro dias, conforme o mito ioruba. Por esta razão, a semana daquela etnia (*lọ́sẹ̀*) era composta por apenas quatro dias, os quais representavam os quatro princípios da sua filosofia, respectivamente: ***ọjọ́ awo*** (a sabedoria), ***ọjọ́ ògún*** (a luta pela sobrevivência), ***ọjọ́ jàkúta*** (a justiça) e ***ọjọ́ ọbàtálá*** (a criação).

Os deuses protagonistas da criação do mundo, de acordo com a cosmogonia ioruba, também são em número de quatro: ***Ọlọ́run***, ***Ọbàtálá***, ***Odùduwà*** e ***Èṣù***.

Para representar a gênese e o útero primordial, os iorubas utilizam o *igbá-odù* (ou *igbádù*): uma cabaça pintada de branco, cortada horizontalmente ao meio em duas metades que devem manter-se sempre

unidas, contendo em seu interior quatro pequenos recipientes de casca de noz de coco cortado ao meio contendo: ***ẹfun*** (branco), ***osùn*** (vermelho), ***wájì*** (preto) e ainda ***ẹrẹ̀*** (lama – matéria prima do homem). Estes elementos significam também os quatro *odù* principais: ***Èjì Ogbè*** ("A Insubordinação"), ***Ọ̀yẹ̀kú Méjì*** ("A Dúvida"), ***Ìwòrì Méjì*** ("A Obstinação") e ***Òdí Méjì*** ("A Calma").

São quatro os filhos nascidos da relação entre ***Ikú*** (a morte) e ***Àrùn*** (a doença): ***àìdára*** (a deformidade); ***wèrè*** (a loucura) e ***èèmọ̀*** (a apreensão) e ***èèràn*** (a infecção).

O corpo humano é repartido filosoficamente em quatro partes: ***apá iwájú*** (frente do corpo – ligado ao futuro); ***apá ẹ̀yìn*** (parte posterior – ligada ao passado); ***apá ọ̀tún*** (lado direito do corpo – masculino); e ***apá òsì*** (lado esquerdo – feminino).

Segundo a concepção ioruba, para que o ser humano seja e esteja integral neste mundo, é preciso que ele detenha quatro elementos essenciais: ***orí*** (a cabeça), ***òjìji*** (sombra), ***ẹ̀mí*** (o hálito sagrado) e ***ẹlẹ́dá*** (Deus).

E finalmente são também em quatro os elementos principais da natureza: ***omi*** (a água); ***ilẹ̀*** (a terra); ***iná*** (o fogo) e ***afẹ́ẹ́fẹ́*** (ar).

Vale observar que cada um dos citados elementos, não se resume aos fenômenos naturais. Água, ar, fogo e terra são também expressados em emoções, em sentimentos. Em nosso ser, guardamos fragmentos dos quatro elementos da natureza.

A água está presente em cerca de 80% do corpo humano, bem assim em todos os nossos alimentos, como as verduras, os animais e as frutas. Este elemento representa a vida, a própria fecundidade. Por isso concentra em si a energia feminina.

A terra é a fertilidade. É considerado um elemento masculino. A terra significa a fonte de onde os seres encontram sustento e o alimento. Nela o homem se estabelece e pode exercer seu destino. No corpo humano, o elemento terra está presente nos ossos.

O fogo sempre existiu e sempre esteve presente em torno do homem, na lava, nos raios do sol, nas descargas elétricas naturais. Só que este elemento teve que ser descoberto. Neste momento, surgiu o poder. Quem dominava o fogo passava a exercer poder sobre o outro. Poder de criar, de transformar e de destruir. Lidar com o fogo é sempre ambíguo: ele pode agregar (em torno

do fogo as pessoas se reúnem e se constituíram as primeiras sociedades), mas ele também é perigoso e poder ferir (é o elemento das guerras e da violência).

O fogo está no corpo humano através das descargas elétricas cerebrais provocadas pelos neurônios e elétrons. Por isso é associado à chama dos pensamentos, o forno de idéias. Ele é o maior símbolo da consciência e do livre arbítrio. Utilizar o fogo com sabedoria pode significar progresso, ou ao contrário, destruição. O fogo é um elemento masculino.

O quarto elemento é o ar. Do sopro da vida surgiu a primeira forma viva individualizada do universo, *Èṣù Yangí*.

O ar é também um elemento feminino. É o símbolo da divindade. Assim como *Ọlọ́run*, ninguém o vê, nem o toca, nem o prova; mas todos sentem sua presença em si, quando enchem o pulmão. *Ọlọ́run* e o ar estão sempre em nós percebamos ou não, queiramos ou não.

Por ser etéreo, só os mais sensíveis e sábios conseguem senti-lo e valorizá-lo. Quase imperceptível, o ar é não menos poderoso que os outros elementos e também vital para a existência dos seres.

Os *àwọn òrìṣà* (orixás) possuem energias ligadas aos elementos da natureza. Vejamos aqueles cultuados no Brasil: *Nàná*, *Yemọja*, *Ọ̀ṣùn*, *Yẹwà* e *Ọbà*, são divindades ligadas ao elemento água.

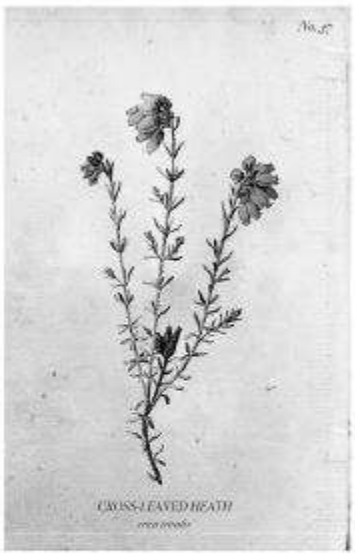
Ògún, *Ọ̀ṣọ́ọ̀sì*, *Ìrókò*, *Ọ̀sányìn*, *Ọbalúwáiyé* e *Ọmọlu*, são associados ao elemento terra.

Ao fogo, integram-se *Ṣàngó* e *Èṣù*.

Ao elemento ar, estão coligados *Oṣàlúfọ́n*, *Ọ̀ṣàgiyán* e *Ọya*.

Ọ̀ṣùmàrè e *Logunedé*, por suas características duais, enquadram-se em mais de um desses compartimentos, pertencendo ambos, simultaneamente, aos elementos água e terra.

Todos os quatro elementos da natureza estão em nós e em torno de nós. Eles são indissociáveis e fundamentais à vida.



Capítulo 5

Corpo Individual e Corpo Coletivo

Ara ènià ou simplesmente *ara*, são as formas como o ioruba denomina o corpo humano.

No processo iniciático, o corpo é sacralizado. A partir de então, torna-se um altar vivo do òrìṣà. É no corpo que são realizados procedimentos rituais que sacralizam a matéria: pinturas, a raspagem da cabeça, os banhos, incisões, o *bọrí*, etc.

Segundo José Flávio Pessoa de Barros:

> *"Vale ainda lembrar mais uma vez que o corpo é considerado como centro das inscrições e símbolo do contrato sociorreligioso que se estabelece a partir da iniciação."* (BARROS, 1989).

O corpo é então um veículo da comunicação entre homens, deuses, forças da natureza, através do qual o indivíduo tenta harmonizar todas essas energias.

A divindade mora neste "altar", manifesta-se, age, reage. O *òrìṣà* é então

reconhecido no corpo do adepto. O adepto já não mais faz do corpo o que individualmente quer: passa a consultar os deuses e a respeitar a vontade deles acerca do uso de seu *ara*. Já não come, bebe, veste, ou vai onde deseja. Ele obedece aos interditos impostos pelas divindades a seu próprio corpo.

Não somente o indivíduo iniciado reconhece o corpo como a morada do seu *òrìṣà*. Toda a comunidade o faz. Suas mãos são beijadas, em sinal de respeito à divindade que mora nele; seu corpo é vestido com trajes litúrgicos por outras pessoas; seu corpo é abraçado durante o transe, como um porto aonde as pessoas acessam o divino.

Observa-se, assim, a noção de um corpo coletivo, um altar comunitário. Na condição de "corpo-altar", o *òrìṣà* é louvado e cultuado no "corpo individual", pelo "corpo coletivo".

Analisando as dimensões coletivas do corpo, a Profª Telma Rosina Simoni da Gama, Coordenadora Executiva do Programa de Estudos e Pesquisas das Religiões (Proeper/ CCS/ Uerj), assim assinala (GAMA, 2014):

> *"O comportamento humano se parece muito com o neurônio. Um neurônio não consegue sobreviver individualmente. Ele precisa de uma vida-em-rede, como a humanidade que funciona em grupo e através dos grupos sociais, absorvendo a cultura em que está envolvida. Em toda experiência, os "neurônios especializados", com um só objetivo, são ativados juntos. Quando percebemos as atitudes, os movimentos sociais, os grupos em manifestações coletivas, verificamos que estes se movimentam para aquilo que lhes parece resoluções de problemas. Há nesse movimento um automatismo e uma sincronização muito parecida com o funcionamento de uma célula".*

O indivíduo, a divindade e a comunidade se entrelaçam através do corpo. Diz Nina Rodrigues (RODRIGUES,1977):

> *"A maneira de ser do adepto do Candomblé exprime esta valoração dada pela perspectiva religiosa que se imprime no corpo, estipulando seus usos e marcando a estrutura somática individual, de forma que o psíquico, o físico e o coletivo possam formar um complexo que somente a abstração pode separar".*

Analisando as profundas palavras de Nina Rodrigues, podemos depreender que, com o advento da iniciação, o corpo individual já não é mais apenas seu. O *ara* converte-se em um compêndio físico, psíquico, espiritual de efeitos pessoais, sociais e coletivos.

Apesar de o corpo ser entendido como um todo, os iorubas fazem questão de compreender filosoficamente o que cada parte significa, representa e qual sua energia específica.

No processo iniciático existe um rito denominado *unlẹ̀*. Este ritual consiste numa apresentação lúdica, feita ao neófito, no idioma ioruba, de diversos apetrechos rituais, elementos de culto, cargos hierárquicos do terreiro e animais votivos. No momento do *unlẹ̀* também são apresentadas as partes do corpo humano a este indivíduo que "renasceu" pela religião.

Interessante notar que a semântica da palavra *unlẹ̀* remonta os seguintes vocábulos: *un* (pronome pessoal eu) + *lẹ̀* (verbo procurar). Literalmente: "eu procuro".

O sacerdote promove, assim, atravé do *unlẹ̀*, que o indivíduo se reconheça, se descubra enquanto Ser, enquanto membro de um grupo; bem como conheça os valores e elementos do contexto sociorreligioso; sobretudo o corpo como ferramenta para este convívio e integração.

A dinâmica de ser "apresentado" a seu próprio corpo, aprendendo as palavras em ioruba que correspondem a cada membro, objetiva ensinar-lhe não apenas a tradução, mas a dimensão do corpo em suas múltiplas significâncias e importâncias, pelo prisma filosófico e religioso ioruba.

As partes do corpo são quatro: ***apá iwájú*** (frente do corpo), sobretudo ***iwájú orí*** (a testa) – está ligada ao futuro; ***apá ẹ̀yìn*** (parte posterior), especialmente ***ẹ̀yìn ọ̀rùn*** (a nuca) – ligada ao passado; ***apá ọ̀tún*** (lado direito do corpo) – considerado masculino; ***apá òsì*** (lado esquerdo) – feminino.

Os membros inferiores ***ẹsẹ̀/ lẹ́sẹ̀*** (pés/ pernas) estão ligados aos ancestrais: sendo lado direito dos ancestrais masculinos e o esquerdo, dos femininos. Os pés devem estar descalços no início do processo iniciático, para que o neófito sinta onde pisa, para que os seus ancestrais (expressados por suas pernas e pés) o conduzam sem tropeços. Os iniciados são acordados do sono, tocando-se a sola dos pés, para que despertem com a bênção e a memória dos antepassados. O equilíbrio do corpo em pé, tem no calcanhar seu eixo de gravidade. O calcanhar fica na parte ancestral do corpo. Logo, é o passado que estrutura nosso presente e nos habilita a c-aminhar pelo futuro.

Os membros superiores, especialmente ***ọwọ́*** (mãos), são consideradas como entrada e saída das forças das divindades. As mãos são realizadoras. As mãos são beijadas, pedindo-se bênçãos à divindade que foi sacralizada naquela pessoa.

Ayùn-ara (a genitália) não é entendida pelo ioruba como mero instrumento reprodutor: é também fonte de prazer e equilíbrio.

Orí (a cabeça) é uma divindade a parte. É ela que conduz o corpo pelo destino. Por ter nascido antes do corpo, a cabeça é entendida como "*mais velha*", portanto, dentro destes valores étnicos, torna-se hierarquicamente mais importante que o restante do corpo. Cabe assim, a ela, impor-lhe comando. Um *ìtàn* conta a saga de *Èṣù* quando este foi escolher um lugar do corpo humano para acomodar o sexo (BARROS, 1989):

> ***Inicialmente, Èṣù experimenta colocar o sexo nos pés. O que provocou desconforto de tê-lo sempre empoeirado e sujo. Experimenta novamente, colocando o sexo embaixo do nariz, também não fica satisfeito, pois os odores que dele exalam incomodaram o Òrìṣà. Na terceira tentativa, Èṣù coloca o sexo nas axilas, porém o suor constante o impede de deixá-lo nesta posição. Finalmente Èṣù descobre a posição ideal, ficando o sexo fixo entre as pernas, em local que o Òrìṣà considera preservado e confortável. Esta posição é considerada privilegiada, pois está a meio caminho entre os pés e a cabeça, em ponto visto como central o que ressalta a relevância da sexualidade para esta visão de mundo".***

Não por acaso cabe a *Èṣù* esta tarefa. Compete a esta divindade a regência sobre a energia sexual, o sexo, a fecundação. O elemento símbolo de *Èṣù*, é uma parte do corpo humano: um falo ereto (*ọ̀gọ̀*).

Èṣù tem como uma de suas regências a comunicação. E Ele faz a comunicação entre os dois mundos também através do sexo, promovendo o nascimento dos espíritos reencarnados.

No *ìtàn* que narra a separação entre o céu e a Terra, *Èṣù* é descrito como um menino travesso, que subverte as normas, causa a ruptura entre os

mundos por sua desobediência, mas consegue delimitar o caminho que une matéria e infinito (JAGUN, 2015):

> ***"Nesta época, o ọ̀run, o céu, não era separado do àiyé, o mundo, e homens e deuses transitavam livremente entre os dois mundos.***
>
> ***Havia um camponês que morava exatamente no limite entre o ọ̀run e o àiyé. A mulher dele era estéril. Este homem rogou muito a Ọ̀ṣàlá que a mulher dele pudesse parir. Ọ̀ṣàlá o atendeu e a mulher do camponês deu à luz um menino. Contudo, Ọ̀ṣàlá decretou como interdito que aquele menino jamais deveria ultrapassar os limites da terra, nunca podendo ir ao orun.***
>
> ***O camponês ensinou a proibição ao menino e tomava todos os cuidados para que o garoto nunca conhecesse o caminho que ligava os dois mundos.***
>
> ***Mas a curiosidade e a rebeldia foram maiores. Certo dia, o pai teria que entregar umas sementes no ọ̀run. Encheu um saco, o pôs nas costas e começou a trajetória. O menino esperto fez um pequeno furo no saco de sementes e assim ficou conhecendo o caminho do ọ̀run ao àiyé.***
>
> ***No dia seguinte, seguiu o rastro e chegou ao ọ̀run. Não só descumpriu o interdito, como desafiou os deuses, se dizendo mais esperto e contando vantagem.***
>
> ***Ọ̀ṣàlá ficou irado, pegou seu cajado e naquele momento separou o ọ̀run do àiyé. Limitou assim o espaço dos homens e dos deuses, impondo uma nova ordem e uma nova relação entre os seres e as divindades.***
>
> ***Entre o ọ̀run e àiyé formou-se um vão, que foi preenchido pelo sopro de Ọlọ́run, dando origem à atmosfera (sánmọ̀). Este vão possui nove espaços, sendo quatro superiores e quatro inferiores (ọ̀run ìsàlẹ́ mẹ́rin), postando-se a Terra no espaço central.***
>
> ***O menino transgressor chamava-se Èṣù. Èṣù foi aquele capaz de criar o caos e recriar a ordem universal."***

Assim *Èṣù*, o Senhor dos Caminhos (*Ọlọ́nà*), é a energia que aproxima e distancia a materialidade do corpo, da sensibilidade do espírito.

É a força capaz de trazer espíritos do *ọ̀run* para o *àiyé*, através do sexo.

A cultura ioruba remete a reflexões constantes e profundas sobre o homem e seu corpo. Todas as partes do corpo são tidas como elementos importantes para sua trajetória na Terra (*Àiyé*). O corpo é reverenciado, invocando-se o poder e a força que possui, através de cada uma de suas partes. Na louvação sagrada do povo ioruba (*oríkì*), transcrita abaixo, esta visão é destacada (JAGUN, 2015):

1- Ìbà o
2- Mo júbá okó dorí kodò ti ò ro
3- Mo júbá ẹ̀lẹ̀ to dorí kodò ti ò sàn
4- Mo júbá pẹ̀lẹ́bẹ́ ọwọ́
5- Mo júbá pẹ̀lẹ́bẹ́ ẹsẹ̀
6- Mo júbá àtélesè ti ò burun to fi dé jogbolo itan
7- Mo júbá ìyá mi Ọ̀ṣòròngà:

08- Afínjá àdàbà ti í jẹ láàrin àṣá
09- Afínjú ẹyẹ ti í jẹ ni gbangba oko.
10- Ìbà Èṣù láróyè! Arágbó!
11- Láfián, ọmọ ẹlẹ́bọ ti í jorí eran
12- Èṣù dákun, má ṣẹ̀ mí lóde ilè láéláé
13- Ọlọ́jọ́ Òní, mo júbá bàbá mi.
14- Ojúure lagbé fi í waró
15- Ojúure làlàkò fi í wosùn
16- Ojúure lògbólógbòó odíderé fi í wo
17- Osóolé, e fojúure wò láti wá o.

01- Saudações, oh!
02- Eu saúdo o pênis que pende para baixo sem pingar
03- Eu saúdo a vagina que se abre para baixo sem fluir
04- Eu saúdo a palma das mãos
05- Eu saúdo a sola dos pés
06- Eu saúdo a perna lisa desde a sola do pé até a grossura da coxa
07- Eu saúdo minha mãe Òṣòròngà
08- A pomba escrupulosamente elegante que se alimenta entre os falcões
09- O pássaro escrupulosamente elegante que se alimenta nas terras abertas
10- Homenageio a Èṣù, Salve a controvérsia! Corpo maduro!
11- Láfían, a criança do ofertante do sacrifício, que come a cabeça do animal sacrificado
12- Èṣù, por favor, não me torne sua desventurada vítima
13- Senhor de Hoje e de Todos os Dias, meu humilde respeito a Você, meu Pai
14- O àgbé olha com bondade para a honra
15- O àlùkò olha com bondade para a autoridade
16- O grande e velho papagaio olha com bondade para o tempo
17- Osóolé, por favor, olhe para nós com perdão.

O corpo inteiro é cuidadosamente citado no *oríkì* acima. Os órgãos genitais masculino e feminino saudáveis, enquanto elementos de reprodução, prazer e manutenção da etnia, são valorizados.

A palma das mãos, através das quais o homem trabalha, luta, constrói e se solidariza, é saudada. Vale dizer que em algumas tradições do Candomblé, tanto a palma, quanto as costas das mãos são beijadas em sinal de reverência. A palma das mãos representa os feitos do homem e as costas da mão, a divindade que habita aquele corpo.

A sola dos pés e a perna, membros responsáveis por não deixar o indivíduo inerte, recebem deferência. As marcas de sua trajetória neste mundo são perpetuadas pelas pegadas, pelos passos produzidos por pés e

pernas.

Nesta cultura que integra a humanidade e a natureza de forma una, o corpo é louvado fazendo-se diversas alusões aos animais.

Nos versos 7 a 16, diversos e simbólicos pássaros são mencionados na louvação ao corpo: *òṣòròngà* (representando as *Ìyámi* – mães ancestrais); a pomba e os falcões (aves que atingem grandes alturas, como a alma que anima o corpo); o pássaro "escrupulosamente elegante" (que inspira a mesma postura corporal); *àgbé* e *àlùkò* (duas aves votivas, às quais são atribuídas boas novas e fortuna) e *odídẹ* (o papagaio sagrado do qual se retira a pena vermelha – *ìkódídẹ* – que representa a fertilidade).

No verso 10 a 12, *Èṣù* é citado. Não por acaso esta divindade se mistura à temática corporal. Afinal, um dos sinônimos de *Èṣù* é *Bara*. Este último vocábulo é a assimilação das palavras iorubas ba (verbo esconder) ara (substantivo corpo). Logo, *Èṣù*, o "*Bara*", é "aquele que está escondido em nosso corpo".

Um dos títulos de *Èṣù* também faz menção à sua ligação com o corpo humano: *Ẹlẹ́gbára* ou *Ẹlẹ́gbá* (O Dono do Poder do Corpo).

No verso 13, o Criador é aludido por seu título de *Ọlọ́jọ́ Òní* (O Senhor de Hoje e de Todos os Dias). Para o ioruba, o corpo é um empréstimo que nos é dado pelo Criador. Desta forma, cada indivíduo deve cuidar de sua matéria, devolvendo-a, ao final da vida, nas melhores condições possíveis. Por este entendimento, o homem pode usar, mas não destruir, prejudicar, nem deformar o corpo. Após a morte, o corpo deve ser enterrado, para que possa se decompor e restituir vida ao mundo.

***Èṣù* e o corpo:**

A divindade *Èṣù* é comumente denominada como *Bara*. São palavras sinônimas a designar uma única energia.

O vocábulo *Bara*, é a assimilação dos seguintes vocábulos oriundos do idioma ioruba: *ba* (verbo esconder) + *ara* (substantivo corpo). Daí, tem-se que *Bara*, ou *Èṣù*, é a divindade que mora em nós.

Adotamos assim uma visão filosófica de que *Èṣù* está escondido em nosso próprio corpo. Logo, nós humanos assumimos as regências de *Èṣù*, tais como a ambição, a controvérsia, a comunicação, etc. Ao compreender que *Èṣù* mora dentro de si, o homem se reconhece como *Èṣù*. Por esta razão, os antigos costumavam dizer que *Bara* é "nossa energia vital".

Diante de quadros de tristeza profunda, apatia e inércia, recomendava-se, como até hoje se costuma fazer, a realização de oferendas a *Èṣù*, a fim de reativar esta força de movimentação interna.

Justamente por este princípio, *Èṣù* possui o título de *Ẹlẹ́gbára*: o dono do poder do corpo.

Partindo-se desta premissa, tanto por outros motivos, quanto por este apresentado, *Èṣù* jamais poderia ser comparado, associado ou confundido com o demônio judaico-cristão. Ele não é uma divindade que se ocupa de destruir a obra da Criação, nem se coloca como figura confrontante em relação ao Criador. *Èṣù* é a energia presente em todos os seres humanos que os torna ambíguos. E quem decide acerca dessas ambiguidades, é outra divindade que mora no corpo: *Orí*.

Orí, a cabeça, é considerada pelos iorubas como um deus subjetivo, pessoal, individual. É o òrìṣà que tem por atribuição conduzir o homem pelo seu próprio destino.

O ser humano, portanto, tem a ambiguidade no corpo (*Èṣù*) e o poder divino e libertador de fazer suas próprias escolhas (*Orí*). O corpo material é então morada dos deuses, altar de divindades.

Juana Elbein dos Santos associa *Èṣù* às cavidades do corpo: o percurso de entrar e sair, penetrar, excretar, caminhar, é percorrer o caminho do corpo. E *Èṣù* é o Senhor dos Caminhos (*Olọ̀nà*), inclusive dos caminhos do corpo.

Segundo Elbein (SANTOS, 1986), na cavidade da cabeça, *Èṣù* está associado a *orí-inú* e ao destino; na boca, *Èṣù* é ligado à comunicação e à alimentação (daí seu título de *Ẹnugbárijọ* – A Boca Coletiva); à cavidade do pênis, *Èṣù* estaria coligado ao sexo, à procriação e, assim, à continuidade da etnia, à perpetuação da cultura; ao ânus, *Èṣù* seria conectado à atividade de excretar os excessos que não servem mais ao corpo.

No corpo humano, o sangue (***ẹ̀jẹ̀***) é o maior símbolo da vida e da criação. Este elemento representa a energia, a determinação de viver e realizar. O sangue é o veículo da vida.

Segundo a filosofia ioruba, existem três tipos de sangue na natureza: ***ẹ̀jẹ̀ funfun*** (sangue branco), ***ẹ̀jẹ̀ dúdú*** (sangue preto) e ***ẹ̀jẹ̀ pupa*** (sangue vermelho).

Os iorubas costumam dizer que a divindade mais importante é *inú* (o estômago), posto que recebe oferendas todos os dias e, sem ele, não há manutenção da vida. Novamente o corpo sendo reconhecido como divindade.

***Orí*, a divindade no corpo:**

Não há dúvidas de que o corpo humano inteiro é importante. Contudo *Orí*, a cabeça é considerada uma divindade a parte, pessoal, subjetiva.

Orí muda ao longo da vida em concepções e amadurecimento. *Orí* muda a própria vida, por consequência de suas escolhas autônomas. *Orí* pode mudar o corpo, o sexo, a sociedade. Por assim ser, *Orí*, a cabeça, é entendida como uma divindade.

Conforme a filosofia ioruba, *Orí* deve ser cultuada diariamente, é ela que tem por regência conduzir o homem por seu destino. Esta filosofia ioruba acerca do livre arbítrio é bastante libertária, pois concede ao indivíduo a autonomia de escolher e realizar seu destino, sem subordinar sua vontade a nenhuma força externa, nem mesmo ao Criador.

Se os demais *àwọn òrìṣà* (Orixás) possuem muitos "filhos", *Orí* só possui um: o indivíduo que porta sua própria cabeça.

Conforme o conceito de senioridade do ioruba, quanto mais velho, mais importante hierarquicamente. E a cabeça (*Orí*) é a parte do corpo que "nasce primeiro". Logo, passa a ser considerada como o membro do corpo mais "velho" e, por assim ser, mais "importante".

Mas, a cabeça não anda sozinha... Carece do corpo, precisa de *Èṣù*. Se *Èṣù* não é o bem, nem o mal – Ele é a controvérsia –, compete a *Orí* decidir sempre qual destes caminhos seguir. Logo, não se pode falar de corpo, sem falar de *Orí* e não se pode conceber *Orí*, sem relacioná-lo com *Èṣù*.

***Ẹnìkéjì*, o corpo Emocional:**

Conforme Juana Elbein dos Santos (SANTOS, 1986), cada indivíduo possuiria um "doble":

> "*O doble do indivíduo que reside no ọ̀run pode ser invocado ou representado*." Diz ainda: *"Cada elemento constitutivo do ser humano é derivado de uma entidade de origem que lhe transmite suas propriedades materiais e seu significado simbólico. Essas entidades de origem, ou progenitores, existência genérica ou "matérias-massas", ancestrais divinos ou familiares, são os símbolos coletivos míticos dos quais partes individualizadas se desprendem para constituir os elementos de um indivíduo. Esses elementos possuem dupla existência: enquanto uma parte reside no ọ̀run, o espaço infinito do mundo sobrenatural, a outra parte reside no indivíduo, em regiões particulares de se corpo, ou em estreito contato com ele".*

O que Elbein chama de "doble", os iorubas denominam *ẹnìkéjì* (literalmente, o segundo eu, ou segunda pessoa).

Nossa interpretação teológica acerca de *ẹnìkéjì* difere da visão da pesquisadora argentina. Enquanto para Elbein haveria uma segunda pessoa vivendo em paralelo no *ọ̀run*, durante a existência do indivíduo neste mundo, nossa análise contextualizada pela filosofia e cultura religiosa ioruba, nos leva a crer que *ẹnìkéjì* seja um corpo emocional, que estaria presente aqui mesmo, acompanhando, sendo acompanhado e intrinsecamente ligado ao corpo material (*ara*). Ou seja, cada indivíduo teria, a nosso ver, dois corpos: o ***ara*** (corpo material) e o ***ẹnìkéjì*** (corpo emocional). O primeiro (*ara*), seria a sede das ações; o segundo (*ẹnìkéjì*) seria a sede das emoções. Entre ambos, uma relação permanente indissociável durante a vida. O que o corpo sente, reflete na emoção e o que a emoção propõe, é espelhado no corpo.

A própria ciência moderna já admite que partes do corpo são suscetíveis a absorver e a reproduzir consequências das emoções. Por exemplo, o coração pode sofrer um infarto se o indivíduo passar por sérias decepções, tristezas, ingratidões. O estômago pode desenvolver úlceras nervosas; assim como o tecido epitelial pode reagir alergicamente ante situações emocionais de repulsa. Ou seja, o corpo físico reproduzindo emoções.

A contrário senso, a emoção também resta alterada em razão de abalos físicos. Notemos o caso de pessoas que sofrem acidentes e perdem membros do corpo. Não raro, passam a enfrentar tristezas e até depressão. O mesmo ocorre com aqueles que possuem disfunções no corpo e sofrem com o

preconceito social. Tais pessoas, às vezes, desenvolvem baixa estima, depressão e outros males emocionais.

Corpo e emoção entrelaçados como continentes ligados por pontes invisíveis, mas concretas.

A título de curiosidade, pertinente fazer menção à Gestalt-Terapia, a qual possui uma técnica que coloca o indivíduo em contato com o sintoma. Ou seja, este método propõe que a pessoa identifique a pressão emocional que está depositando nas partes do corpo doentes, ou afetadas.

Jung escreveu (JUNG, 1954):

> *"Desde que a psique e a matéria no único e mesmo mundo, e, além disso, em contato ininterrupto entre si (...) não é só possível, mas extremamente provável, que psique e matéria sejam aspectos diferentes da única e mesma coisa.*"

Ao contrário senso, situações físicas podem causar emoções, como vaidade, constrangimento, vergonha, depressão, etc.

Nas palavras de Lépine (LÉPINE, 1978):

> *"A alma tem qualquer coisa de material e o corpo tem alguma coisa de espiritual".*

Segundo a pesquisadora norte-americana Danah Zohar (ZOHAR, 2012):

> *"O modelo ocidental de pensamento, portanto, é inadequado. Pensar não é um processo inteiramente cerebral, não apenas uma questão de QI. Pensamos não só com a cabeça, mas também com as emoções e com o corpo (QE) e com o espírito, com as visões, esperanças, percepção de sentido e valor (QS). Pensamos com todas as complexas redes nervosas entrelaçadas em todo o organismo. Todas elas fazem parte da inteligência do* homem. *A linguagem comum reconhece esse fato quando dizemos coisas como: 'Ele pensa com a barriga' ou 'Ele pensa com o coração'."*

Desta forma, entendemos que *ẹnìkéjì* não é um duplo etéreo vivendo em um mundo paralelo. Trata-se de uma forma mítica de reconhecer que cada pessoa possui um corpo emocional interligado ao corpo material.

Os requisitos da vida no corpo:

Segundo a concepção ioruba, para que o ser humano seja e esteja integral neste mundo, é preciso que ele detenha quatro elementos essenciais: ***orí*** (a cabeça), ***òjìji*** (sombra), ***ẹ̀mí*** (o hálito sagrado) e ***ẹlẹ́dá*** (Deus). Sem eles, não há vida no corpo do indivíduo.

- ***Orí*** (cabeça, enquanto divindade detentora da capacidade de escolhas individuais), será o elemento garantidor da autonomia, do arbítrio. A sede das decisões. Se a pessoa já não tiver consciência, nem capacidade plena, ou lucidez, sua vida não é mais integral.
- ***Òjìji*** (a sombra), é o reflexo da vida: mortos não possuem sombra... Só quem está vivo, de pé, é capaz de produzir sombra. Logo, doentes que não se levantam mais, filosoficamente, já estariam com parte da vida fora do corpo.
- ***Ẹ̀mí*** (o hálito sagrado), é a partícula divina disseminada através da fala. Significa a capacidade de transmitir *àṣẹ*. Todo ser humano que vive, precisa ter a capacidade de espargir energia. Quem não troca energia, quem não pode falar, perdeu parte da vida. Ao contrário senso, somente quando a criança começa a balbuciar palavra, é considerada plenamente vinculada a este mundo. Nos antigos terreiros de Candomblé do Rio de Janeiro e da Bahia, só se poderia consultar o *Òrìṣà* das crianças, quando estas já conseguissem falar.
- ***Ẹlẹ́dá*** (Deus), significa a própria fagulha divina que anima o corpo e que mantém a parcela material da vida, ligada ao Criador. Por este prisma, podemos compreender que todos os corpos estão conectados a um Ente superior.

Estes quatro elementos revelam-se como verdadeiros requisitos à existência plena de vida. A observância deles, conjuntamente, será capaz de auferir se há vida no corpo, ou se ela já não mais existe. Logo, a partir deste conceito, poderemos compreender, pela ótica ioruba, quando um indivíduo doente, ou senil, por exemplo, já estaria deixando, gradativamente, este mundo, à medida que tais "requisitos" fossem desaparecendo.

O corpo como altar:

O corpo, observado a partir de sua compleição, da disposição simétrica e proporcional de seus membros, já indica a busca de estabilidade, de harmonia.

A saúde física é alcançada a partir do equilíbrio entre o corpo e as emoções. Neste contexto, o culto à natureza se apresenta como mediador entre tais elementos. Harmonizar homens, deuses, corpo e natureza, é o objetivo de todos os ritos e liturgias do Candomblé.

O corpo físico é um veículo e é um detentor de *àṣẹ*. Por tal razão, os iorubas entendiam a necessidade de reativar este *àṣẹ* através de obrigações rituais periódicas, como *ẹbọ* de limpeza, banhos e demais liturgias. Afinal, o corpo do iniciado torna-se um altar vivo da divindade.

Nos ritos iniciáticos, o corpo recebe incisões, oferendas, pinturas, banhos de vários tipos e procedências, os cabelos são raspados. O corpo é "limpo", purificado e apresentado à rua, à mata, ao tempo, à praia, à cachoeira e ao *ilé ìbọ òkú* (local de culto aos ancestrais).

O corpo é assim preparado para se tornar um elemento divino, um corpo-altar, imantado pela natureza e integrado aos ancestrais.

Através do corpo, a divindade irá se manifestar. Pela boca do iniciado, o *Òrìṣà* falará. Por suas mãos, a divindade promoverá cura, alento, energia.

Nas palavras de José Flávio Pessoa de Barros (BARROS, 1989):

> *"Vale ainda lembrar mais uma vez que o corpo é considerado como centro das inscrições e símbolo do contrato sociorreligioso que se estabelece a partir da iniciação".*

O "contrato sociorreligioso" citado por Barros deve ser compreendido não como um fardo, mas como um elo de compromisso responsável, estabelecido através do rito iniciático.

O corpo é um veículo de comunicação entre homens, deuses e as forças da natureza. Indivíduo, divindade e comunidade se entrelaçam através do corpo.

O corpo de um adepto acaba compondo uma espécie de egrégora[9], algo como um compêndio sócio-cultural-religioso, juntamente com os corpos dos outros membros da comunidade. Os efeitos sobre os corpos individuais

ressoam no grupo. A saúde e o equilíbrio espiritual de um, pode repercutir nos outros.

Segundo Nina Rodrigues (RODRIGUES, 1977):

> *"A maneira de ser do adepto do Candomblé exprime esta valoração dada pela perspectiva religiosa que se imprime no corpo, estipulando seus usos e marcando a estrutura somática individual, de forma que o psíquico, o físico e o coletivo possam formar um complexo que somente a abstração pode separar".*

Por este princípio, quando um adepto está "recolhido" (em situação de retiro espiritual), toda a comunidade fica imersa em cuidados coletivos com seus corpos: devem evitar o consumo de álcool, sexo, discussões ou assuntos não edificantes; devem usar trajes litúrgicos dentro das dependências do templo; devem se lavar com banhos de ervas, etc.

Todos esses procedimentos, ou preceitos, relativos aos corpos de cada membro do *ẹgbẹ́* (sociedade), objetivam que não haja qualquer energia negativa que atrapalhe a sacralização do corpo do indivíduo. Eis uma prova inequívoca de que corpo individual e o "corpo coletivo" são entrelaçados por elos de comprometimento social e energia espiritual. Daí, o princípio da "irmandade" presente nas comunidades de terreiro.

Embora o corpo seja um "compêndio" interpessoal e internatural, sua individualidade é ensinada pedagogicamente ao homem.

Quando um neófito é iniciado, após a cerimônia do *dárúkọ*[10] que culmina tal processo, é realizado um rito denominado ***unlẹ̀*** (literalmente: *un* = pron. pess. "eu" – usado no tempo futuro + *lè* = verbo procurar). Esta cerimônia tem o propósito de reapresentar ao indivíduo seu próprio corpo; porém, agora sob outro prisma. O indivíduo "procura" uma nova dimensão do seu corpo. E quem lhe ensina isso é o grupo, a comunidade. Neste procedimento, cada parte do corpo daquele que foi iniciado, lhe será apresentado no idioma ioruba.

Considerando que o processo iniciático propõe o renascimento do indivíduo, no *unlẹ̀* este "novo ser" aprenderá, ou reaprenderá a conhecer-se e a compreender seu corpo como uma ferramenta para realização do seu destino.

A descrição do corpo no idioma ioruba ganha relevância, à medida que a "dimensão da palavra" é diferente da "tradução da palavra". No percurso da tradução, muitas vezes se perde a contextualização cultural e filosófica, o que altera a semântica do vocábulo.

Para o ioruba, por exemplo, *ọkàn* significa muito mais do que coração. A palavra (e esta parte do corpo) é entendida como sentimento, espírito, consciência. *Ọwọ́*, representa mais do que mão; simboliza apoio, solidariedade, poder de realização.

Desta forma, o "reconhecimento" do corpo pelo iniciado, ganha a proporção de um rito, repleto de ludicidade, filosofia e espiritualidade.

O iniciado retomará seu destino usando agora um corpo sacralizado. Logo, reaprender a identificar as potencialidades do seu corpo, farão significativa diferença nesta nova etapa da jornada pelo mundo.

Corpo tabu:

Levando-se em consideração a correlação entre corpo individual e corpo coletivo, a organização social das comunidades de terreiro é promovida através de normas sociorreligiosas que regulam as relações interpessoais.

A gestão dos terreiros é feita diretamente pelo(a) líder religioso(a): *Bàbálórìṣà* (Pai de Santo), ou pela *Ìyálórìṣà* (Mãe de Santo), ou ainda por pessoa(s) designada(s) por estes. Mas, as regras são estabelecidas em um sistema teocrático. Ou seja, as leis divinas são as leis dos homens.

***Hunbe*: a educação do corpo individual e coletivo:**

As condutas e protocolos são fixados por intermédio de tabus comportamentais, de alcance pessoal e também coletivo, que compõem o chamado *hunbe*. A partir deste conceito, se estabelece uma "educação de *àṣẹ*", capaz de identificar a postura daquele que é, ou não iniciado.

O *hunbe* é transmitido ao neófito pelo(a) sacerdote(isa) e pelos(as) detentores(as) de cargos próprios dentro da estrutura hierárquica do terreiro. Entretanto, este regramento comportamental é também pedagogicamente ensinado a cada gesto, a cada exemplo corriqueiro e despretensioso de todos os membros da comunidade.

O *hunbe* é compreendido como um código oral de procedimentos e protocolos de comportamento sociorreligioso ensinado cotidianamente aos adeptos do Candomblé. As normas do *hunbe* servem para balizar os adeptos dentro e fora do espaço do terreiro.

Existem algumas variações entre as regras de *hunbe* nas diversas casas de Candomblé, conforme suas origens e tradições. Tomando como base de pesquisa a Casa de Oxumarê[11], o *hunbe* elenca cerca de 120 mandamentos comportamentais, dentre aqueles de alcance pessoal, os de âmbito coletivo, os de prática no terreiro, os de cumprimento fora do terreiro, os religiosos, os profanos e os hierárquicos.

Em entrevista, o *Bàbá Ẹgbẹ́,* Leandro Encarnação da Mata, da Casa de Oxumarê (Salvador-BA), este relata:

> *"O hunbe é a educação de àṣẹ. É a forma como os filhos de santo são ensinados a se comportar dentro da Casa de Santo e também fora, na vida particular. O filho de santo que tem hunbe aprende a ser alguém na vida, porque se comporta como alguém que tem educação. O povo de santo educado prospera na vida, sabe entrar e sair de qualquer lugar, não faz vergonha. É honesto, trabalhador e espiritualizado.*
>
> *Aprende desde cedo que não se deve roubar, que não se deve deixar louça na pia de casa, à noite, assim como a rezar de manhã e a tomar bênção aos mais velhos".*

Reproduzimos abaixo, as normas do *hunbe* descritas pelo *Bàbálórìṣà Pésè* de *Òṣùmàrè* e pelo *Bàbá Ẹgbẹ́* Leandro Encarnação, conforme praticado na Casa de Oxumarê há cerca de 190 anos:

01- evitar a inércia na vida profana e religiosa;

02- jamais negar água e comida a quem tiver necessidade;

03- jamais se apropriar do que não lhe pertence;
04- evitar gastar todos os recursos que obtém através de seu trabalho;
05- manter os segredos que lhe são confiados;
06- manter diariamente o asseio de seu corpo e de sua moradia;
07- não se prostituir por dinheiro, vantagens, nem interesses;
08- não mutilar seu corpo;
09- não marcar seu corpo com tatuagens, sem prévia autorização oracular;
10- jamais apossar-se de algo, sem prévia anuência do dono;
11- procurar levantar cedo, ou antes do sol esquentar;
12- pela manhã, antes de dirigir palavra a quem quer que seja:
  a) lavar a boca;
  b) beber três goles de água;
  c) saudar seu próprio *Orí* rogando um dia próspero e realizador;
13- não deixar que falte sal em sua moradia;
14- antes de sair de casa, jogar água na rua, para refrescar os caminhos a serem trilhados;
15- nunca sentar de costas para rua;
16- não dormir em decúbito dorsal (de barriga para cima);
17- não dormir com as mãos sobre o peito;
18- não ficar com as mãos atrás da cabeça, ou sob o queixo;
19- somente acordar as pessoas tocando levemente na sola de seus pés;
20- cumprir as promessas feitas e honrar as dívidas contraídas;
21- não transitar em via pública no horário entre às 23:00 h e 03:00 h, mantendo-se abrigado(a);
22- manter a boa conduta religiosa e o cumprimento do *hunbe*, dentro ou fora do terreiro;
23- jamais caluniar, difamar ou promover intriga;
24- não promover o ódio, a vingança, o rancor, a inimizade, nem o afastamento entre pessoas;
25- não comer em panela;
26- pensar antes de falar;
27- ceder o lugar e a vez aos mais velhos;

28- lembrar que os mais velhos devem dar exemplos positivos aos mais novos;
29- lembrar que os mais novos devem respeitar, proteger e ajudar aos mais velhos;
30- procurar sempre dar exemplos positivos em todos os aspectos da vida, sejam no campo amoroso, profissional ou pessoal;
31- reconhecer que todo alimento é sagrado, não permitindo que seja desperdiçado, nem estragado desnecessariamente;
32- não fazer uso exagerado de qualquer alimento ou bebida;
33- não permitir que o consumo de bebidas, ou de quaisquer substâncias, tirem a lucidez;
34- evitar quaisquer vícios;
35- não andar sujo, com roupas amassadas ou rasgadas;
36- não andar arrastando chinelos, ou quaisquer calçados;
37- a mulher deve sentar-se sempre à esquerda do homem;
38- o mais velho posiciona-se sempre à esquerda do mais novo;
39- jamais descumprir os tabus, ou interditos constantes do resguardo;
40- ser fiel, amar e respeitar os Orixás e voduns;
41- não poluir, destruir ou desrespeitar a natureza;
42- respeitar as tradições religiosas;
43- não portar elementos e trajes litúrgicos em ambientes inadequados;
44- não envergonhar-se de suas vestes e insígnias religiosas;
45- não portar elementos sagrados, nem trajes rituais durante relacionamentos sexuais;
46- evitar discussões verbais e lutas corporais;
47- somente usar os ìlẹ̀kẹ̀ cruzados no peito, quando em serviço;
48- não deixar roupa no varal durante a noite;
49- não deve dormir com pratos sujos na pia;
50- não varrer em direção da rua;
51- não colher folhas rituais à noite;
52- não entrar nos ambientes através da janela;
53- não passar sobre correntes, cercas, ou cordas de animais;
54- pedir licença antes de entrar em todos ambientes;

55- realizar oferendas antes de entrar nas florestas;

56- quando for visitar um terreiro, deve-se ofertar utensílios de rituais como presentes, ou ainda velas, azeite de dendê, *obì*, *orógbó*, flores, etc.;

57- ao chegar em um terreiro, deve-se:

a) limpar os calçados antes de entrar;

b) pedir licença ao *Èṣù*, o guardião da porteira;

c) despachar a rua com água;

d) retirar maquiagem, bonés e piercings;

e) purificar o espírito e corpo por meio do banho de folhas;

f) não utilizar palavras de baixo calão;

g) não falar alto;

h) não se esquecer de purificar sua boca;

i) fazer uso das roupas rituais adequadas;

j) portar seus *ìlẹ̀kẹ̀*;

k) saudar as divindades e ancestrais do terreiro;

l) saudar o(a) sacerdote(isa);

m) saudar os membros da comunidade presentes, trocando bênçãos;

n) saudar às demais pessoas presentes, mesmo não pertencentes à comunidade, com educação e respeito;

§ Único: considera-se que cabe sempre à pessoa que chega em um ambiente cumprimentar os que já estejam presentes, independentemente de título hierárquico ou tempo de iniciação;

o) levar e fazer uso de seu prato, caneca, tolha e lençóis de cama;

p) cooperar com ajuda em trabalho;

q) cumprir o dá *èésú*, contribuindo pecuniariamente para o terreiro;

r) evitar comentários que desabonem o terreiro, ou seus membros;

s) evitar relacionamentos com membros da comunidade e visitantes;

t) não fazer, nem trocar carícias;

u) durante os ritos, não fazer uso de bebidas alcoólicas, nem de qualquer substância entorpecente;

v) manter os ambientes em ordem, responsabilizando-se por consertar tudo o que eventualmente quebrar e arrumar tudo o que tenha desarrumado;

x) pessoas de qualquer sexo, que sejam de divindades masculinas, devem portar adornos discretos;

w) é vedado o uso de brincos e piercings aos *Ọ̀gá*;

y) não assobiar;

z) não entrar no terreiro com roupas inapropriadas, que sejam:

III) de cor preta;

III) decotadas;

III) curtas;

IV) transparentes;

IV) fantasiosas.

VI) só entrar em ambientes, ou participar de rituais, se for convidado;

58- jamais questionar, ou afrontar a autoridade do(a) *Bàbálórìṣà/ Ìyálórìṣà*, ou de qualquer detentor de cargo hierárquico;

59- somente mulheres poderão carregar as esteiras rituais;

60- não olhar diretamente nos olhos dos mais velhos durante uma conversa;

61- ao falar com um mais velho, abaixa-se em sinal de respeito;

62- procurar dormir no terreiro na véspera das cerimônias;

63- permanecer no terreiro em resguardo, enquanto seu *Òrìṣà* estiver no *orò*;

64- manter abstinência de sexo e bebidas alcoólicas, ao menos 24 horas antes das obrigações rituais;

65- sempre que realizar *orò*, permanecer no terreiro por 3 (três) dias, até o ritual do *Ẹ̀ta*;

66- não sentar na mesma altura do(a) sacerdote(isa), ou de portadores de cargos hierárquicos que correspondem à alta cúpula do terreiro;

67- observar que o uso de cadeiras é exclusivo dos portadores de cargos hierárquicos;

68- observar que o uso de bancos de madeira e de esteiras, incumbe aos neófitos e demais membros da comunidade;

69- o assento nas extremidades da mesa são reservadas única e exclusivamente ao(à) *Bàbálórìṣà/ Ìyálórìṣà*;

70- sempre que o(a) *Bàbálórìṣà/ Ìyálórìṣà* adentrar no mesmo ambiente em que um membro da comunidade esteja sentado, este(a) deve levantar-se em sinal de respeito, voltando a sentar-se apenas com a anuência do(a)

sacerdote(isa);

71- jamais um mais jovem senta enquanto seu mais velho estiver de pé;

72- não entregar objetos pontiagudos diretamente nas mãos das pessoas;

73- não passar por baixo de arame farpado;

74- não pisar calçado nas esteiras rituais;

75- não entrar calçado nos Templos dos *Òrìṣà*;

76- levantar-se em sinal de respeito sempre que:

a) o *Òrìṣà* patrono do terreiro esteja sendo louvado através de rezas, ou cânticos;

b) o *Òrìṣà* para o qual foi iniciado esteja sendo louvado através de cânticos;

c) o *Òrìṣà* do(a) *Bàbálórìṣà/ Ìyálórìṣà* esteja sendo louvado através de rezas, ou cânticos;

d) o(a) *Bàbálórìṣà/ Ìyálórìṣà* adentre no terreiro;

77- não se ausentar do ambiente durante a realização de *orò*;

78- tratar com respeito quaisquer divindades manifestadas, independentemente do tempo de iniciação do médium;

79- segurar chaves com cuidado e responsabilidade, não as deixando cair;

80- sempre que o(a) *Bàbálórìṣà/ Ìyálórìṣà* estiver dançando, deve-se:

a) sendo *ìyàwó*, ou *abíyán*: ficar de joelhos e erguer a mão direita em sinal de respeito;

b) sendo *Ẹ̀gbọ́n*, *Ọ̀gá*, ou *Èkéjì*: curvar-se levemente e erguer a mão direita em sinal de respeito;

81- sempre reverenciar o título da pessoa que formos chamar, ou nos referir;

82- não falar de pessoas que estejam ausentes;

83- diante dos mais velhos, em sinal de respeito, deve-se ouvir mais do que falar;

84- abaixar-se para servir, ou para conversar com os mais velhos;

85- não transformar em comércio os saberes e ensinamentos;

86- estar sempre disponível e atento para ouvir ensinamentos emanados dos mais velhos, ainda que já os conheça;

87- sempre, após ouvir algum ensinamento emanado de um mais velho, pedir sua bênção;

88- às refeições, servir primeiro o mais velho, ou esperar que ele se sirva antes;

89- cumprir os *àwọn èèwọ̀* (interditos) pessoais, do terreiro e da Casa Matriz.

§ Único: São interditos da Casa Matriz o consumo de jaca, cajá, aranhola e carneiro;

90- não gritar ao chamar alguém;

91- observar que o silêncio é uma prece e potencializa nossas evocações;

92- deve se curvar ao passar perante os *àṣẹ* das divindades de pessoas mais velhas, em respeito à sua sabedoria e ancestralidade;

93- ao entrar em um ambiente, independente de posto hierárquico ou idade de santo, deve-se pedir licença e aguardar a permissão;

94- antes de ingressar em ambientes sagrados do terreiro, deve-se bater na porta e curvar-se;

95- não se deve ficar ouvindo a conversa de mais velhos, nem interrompê-lhes;

96- quando houver a necessidade de interromper conversa de pessoas, independentemente de idade ou cargo, deve se pedir licença e aguardar a permissão;

97- em homenagem e respeito a *Òṣàlá*, às sextas feiras deve-se:

a) trajar-se de branco;

b) evitar o consumo de bebidas alcoólicas, café, azeite de dendê e carne vermelha.

§ Único: como exceção, nas Sextas-Feiras Santas, é possível o consumo de azeite de dendê nas comidas rituais;

098- aos *ìyàwó* e *abíyán* é vedado visitar quaisquer terreiros sem prévia anuência de seu(ua) sacerdote(isa);

099- Dentro dos terreiros, deve-se observar o seguinte protocolo de vestimentas:

a) homens sempre devem cobrir suas cabeças com *fìlà*;

b) mulheres devem manter os cabelos presos ou trançados, jamais deixá-lo fora do pano da cabeça;

c) o uso de pano da costa (*ọ̀já ẹ̀hìn*) na cintura e de pano de cabeça (*ọ̀já*

orí) é exclusivo para pessoas nascidas biologicamente como mulheres;

100- ao consultar o oráculo deve-se estar preparado para:

a) oferecer um sacrifício a *Èṣù*, seja pecuniário, ou comportamental;

b) a eventual prescrição de *ẹbọ*;

101- não transitar pela casa com fogo;

102- só fazer necessidades fisiológicas e cuspir, dentro de banheiros;

103- sempre que luzes forem acesas à noite, deve-se pedir bênção aos mais velhos presentes no ambiente;

104- não comentar problemas internos da comunidade, fora do terreiro;

105- não permitir que problemas pessoais interfiram no comportamento dentro do terreiro;

106- diante de problemas do terreiro, deve-se agir com solidariedade, justiça e prudência, ajudando a solucioná-los;

107- ser solidário com todos os membros da comunidade, diante da necessidade destes;

108- agir com humildade e disciplina;

109- não pretender impor a autoridade profana dentro do ambiente do terreiro;

110- respeitar todos os terreiros, sejam eles humildes, ou portentosos, novos, ou antigos;

111- observar que não existe *Òrìṣà* melhor, ou pior; maior, ou menor, independentemente do tempo de iniciação de seus adeptos, devendo reconhecer a todos igualmente como divindades;

112- não usar aparelhos celulares, câmeras fotográficas, gravadores, nem filmadores durante rituais;

113- observar que todos os ensinamentos devem acontecer no tempo apropriado;

114- manter os *ìdí òrìṣà* de suas divindades sempre limpos, asseados em com as quartinhas providas de água;

115- cuidar de seu terreiro como uma extensão de sua própria casa.

Como se pode depreender, as regras de *hunbe* são mescladas entre questões antigas e modernas, bem como entre conceitos de ética e moral (temporais e atemporais) e ainda norteadoras de procedimentos profanos e

religiosos.

O *hunbe* é, assim, um compêndio de normas para disciplina do corpo e do espírito. Este código é ensinado dentro do ambiente de terreiro, mas possui alcance também em ambientes externos. O propósito do *hunbe* é educar o adepto para a vida religiosa e profana. O *hunbe* educa o corpo para que este se comporte aonde ele transitar.

A origem do *hunbe* mescla orientações de cunho diretamente espiritual e também ordenamentos administrativos emanados do(a) sacerdote(isa).

O destino do corpo individual está, até certo ponto, entrelaçado ao destino do "corpo coletivo". Razão pela qual, os regramentos do *hunbe* são individuais, com efeitos coletivos e vice versa.

Podemos compreender o *hunbe* como um sistema de regras sociorreligiosas, calcado no princípio pedagógico da disciplinarização da vontade.

A transgressão dos tabus pode redundar em desequilíbrio espiritual e o contato com forças negativas. Por via de consequência, tal descumprimento é capaz de desarmonizar o corpo, gerando adoecimento. E, assim, prejudicar a conservação do mesmo e o cumprimento da jornada do destino.

O corpo enquanto ferramenta para o destino:

O ioruba parte do princípio filosófico de que os seres humanos escolhem seu destino aos pés do Criador, antes do nascimento. E o corpo funciona como uma ferramenta para esta jornada. Neste diapasão, o corpo não pertence ao homem: trata-se de um empréstimo do Criador especificamente para aquela temporada.

Assim, os seres humanos deverão cuidar de seu corpo da melhor maneira possível, a fim de restituí-lo ao mundo, no final da existência.

O corpo então será enterrado para que dele surja vida, no ciclo infinito e transformador do universo.

Daí, uma série de cuidados que o homem deve ter com seu corpo, seja na lida espiritual, como religiosa.

Por exemplo, o corpo precisa "descansar" antes de ingressar no processo de recolhimento (retiro espiritual). Deve-se tomar banho de ervas, para "limpar" o corpo antes de se entrar em ambientes sagrados. Até mesmo o consulente, antes de ser atendido, deve "descansar o corpo".

Corpo e espiritualidade devem estar em harmonia e equilíbrio. Esta é a busca do ioruba.

O corpo conserva uma memória ancestral em seu DNA. Esta memória ancestral funciona como elo de ligação com os antepassados. Eles se mantêm vivos em nós. A energia do passado mantém-se presente e conspira para o futuro. O *àṣẹ* dos ancestrais está mantido no *ara*.

O corpo será sempre adequado ao destino que escolhemos. Neste diapasão, o DNA garantirá a adequação bioenergética para que o *ara* possua todas as características necessárias ao meu *odù*.

Por este prisma, podemos compreender a relação entre o indivíduo, sua família, sua herança energético-espiritual e a presença de propensões intelectuais, físicas e espirituais que o mesmo terá adquirido sobretudo a pertinência destes à sua caminhada.

Até mesmo quando o corpo tiver propensões à doenças, deficiências, ou quaisquer restrições, estas sempre serão úteis ao caminho que escolhemos percorrer ao longo do nosso destino.

Este olhar permite ao homem ver certas contingências como parte das próprias escolhas voluntariamente feitas e não como "punições" divinas, ou como consequências decorrentes de erros do pretérito.

O ioruba crê na existência de ciclos reencarnatórios, que são denominados de *àtúnwá* – reencarnação; ciclo de vidas sucessivas; regresso; retorno.

Para cada vida, um destino é escolhido. Para cada vida, será necessário um corpo. E o corpo adequado a cada uma dessas jornadas, não será "escolhido" com base em méritos, nem nos deméritos das vidas passadas. O que é considerado como critério para aquisição do corpo, será a necessidade/ compatibilidade com o destino que o homem percorrerá, conforme sua própria escolha anterior ao nascimento.

O corpo como elemento do culto:

No Candomblé, as divindades e os adeptos são representados materialmente. Os deuses são simbolizados através dos chamados *igbá*, ou *ìdí òrìṣà*. Este procedimento é denominado como "assentamento" das divindades.

Trata-se do ato de sacralizar elementos com a energia da divindade em um recipiente litúrgico de culto ao *Òrìṣà*. Literalmente: *ì* (pref. adicionado ao verbo para formar substantivo) + *dí* (verbo atar, prender, amarrar) + *òrìṣà* (substantivo divindade ioruba).

Já o corpo dos adeptos, é traduzido por uma "quartinha" (*ọtùn*) – talha de barro, ou de louça, cheia de água, que fica postada ao lado do *igbá*. Esta talha representa o corpo do adepto. Daí a designação dada ao Candomblé como culto "*lẹ̀sẹ̀ Òrìṣà*". Literalmente: *l* (preposição em, no, na) + *ẹ̀sẹ̀* (substantivo pés); ou seja, culto "aos pés do *Òrìṣà*". Com base nisso, quando da morte do adepto, a primeira providência dos ritos fúnebres, é justamente derramar a água contida na "quartinha" que fica aos pés do *igbá*, para representar que naquele corpo não existe mais vida.

A noção de corpo coletivo é ainda expressada nos ritos de Candomblé através da figura do *ojúbọ*: altar coletivo. Se, para o Candomblé, o corpo individual é um altar da divindade, cuja representação material se dá com o *ìdí òrìṣà* (assentamento do *Òrìṣà*), existe também o "assentamento coletivo": *ojúbọ*. Esta palavra define local de culto, altar e, sobretudo, o assentamento de uma divindade que gera efeitos não apenas para um indivíduo, mas para todo o grupo.

O *ojúbọ* de *Èṣù*, por exemplo, em algumas tradições do Candomblé, será o elemento material daquela divindade, onde todos os membros do terreiro irão fazer oferendas de forma coletiva. Trata-se de um elemento que está vinculado ao todo, à comunidade, ao corpo coletivo.



Capítulo 6

A Noção de Saúde Física e Mental

Antes de falarmos sobre a noção de saúde física e mental no contexto ioruba, é preciso fazer algumas reflexões preliminares acerca deste tema. Qual seria o conceito de saúde? Como e por que o homem adoeceria? E como este homem encontraria a cura?

Pois bem, podemos observar que há percepções distintas e multifacetadas sobre este assunto, pelos prismas ocidentais e orientais.

Elencamos ao menos três enfoques acerca do que seja doença, na ótica ocidental: pelo ângulo médico, jurídico e social.

O entendimento médico sobre o que seja doença, passa pela observação do distúrbio de funções, grupos de funções, ou sistemas interpessoais. Para a medicina, o estado do doente não é proposital. Doença pressupõe incapacidade. Além disso, o estado de doença é estabelecido em vários níveis.

O conceito jurídico de doença implica em comprovar uma situação de inaptidão física, ou mental que pode redundar na obtenção de direitos, ou benefícios ao enfermo, ou àqueles que dele cuidam. Razão pela qual, a condição de doença requer comprovação, atestado. A doença tem que ser provada e não percebida. A ótica do direito não se preocupa, à primeira vista, com o reconhecimento, nem com o tratamento da doença; mas com sua materialidade legal e, a partir daí, com os direitos e deveres dela decorrentes.

Pelo aspecto sociocultural, o conceito de doença não está restrito a um mal físico, nem a um risco de contágio. A doença passa a ser reconhecida por olhares mais subjetivos. Estigmas sociais como obesidade, neurose de guerra, ansiedades, podem ser percebidas como doenças capazes de afetar o indivíduo. Por este aspecto, compreende-se a relação social com a doença e suas consequências.

Pertinente refletirmos, agora, sobre o conceito de saúde, conforme a Organização Mundial de Saúde – OMS declarou em 1948: *"Saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades"*.

Modernamente, a OMS amplia seu conceito e reconhece que fatores emocionais podem ser determinantes à saúde:

01- renda, *status* social e educação;

02- ambiente físico: água potável, ar puro, ambiente de trabalho sadio, casa segura e comunidade bem planejada;

03- rede de apoio social, incluindo família, amigos e comunidade;

04- genética, que influencia a expectativa de vida e o risco de desenvolvimento de determinadas doenças;

05- gênero: homens e mulheres enfrentam riscos de saúde diferentes em diferentes fases da vida.

O psiquiatra Marcos de Noronha (BARROS, 1998) assim se posiciona:

> *"Embora consideremos as diversas linhas, tanto na medicina oficial como nas medicinas paralelas, algumas características, grosso modo, são distintas entre elas. A medicina científica é de base predominantemente analítica, enquanto as medicinas paralelas são de base dialética, ou seja, a primeira separa, dissocia para determinar sua ação, e a segunda associa os sintomas e os fenômenos. (...) A medicina oficial visa a diagnosticar e esfacelar os sintomas apresentados e sua ação é fundamentalmente superficial, temporária, enquanto as medicinas paralelas procuram, com maior*

> *profundidade, atuar nas causas das doenças, que consequentemente necessitam de uma ação individualizada (o doente sobrepondo a doença). (...) As medicinas paralelas, ao invés de tentarem resolver os sintomas e as doenças com seus procedimentos terapêuticos, procuram recuperar no indivíduo seu equilíbrio, para que ele próprio exerça o combate à doença."*

Pela ótica oriental, interessa-nos a percepção do ioruba sobre a doença. Este possui um conceito não ocidentalizado de saúde. Para ele, a saúde é uma triangulação equilibrada entre corpo, mente e emoção. Os fatores que levam ao estado de saúde, ou à perda deste, são: a) escolhas feitas antes do nascimento e durante a vida; b) fatores ligados à ancestralidade e c) equilíbrio, ou o desequilíbrio energético. Analisemos cada um destes fatores:

a) Escolhas feitas antes do nascimento e durante a vida:

Segundo a filosofia ioruba, todo ser humano escolhe seu próprio destino antes de nascer. Este momento é mitologicamente explicado como sendo uma audiência feita com o Criador. Neste ato, o indivíduo decide as linhas principais de sua nova trajetória.

Portanto, a noção de destino para o ioruba difere em muito de um conceito de pré-determinismo, de imutabilidade, ou ainda de um destino estipulado unilateralmente por Deus.

Daí porque a melhor tradução do vocábulo ioruba *odù*, dentro desta contextualização, seria "trajetória de vida" e não simplesmente "destino". Traduzir "*odù"* como "destino", nos remeteria à compreensão judaico-cristã, bem diferente do entendimento ioruba acerca do assunto.

O homem é parte responsável por sua vida e por suas escolhas ao longo dela. Deus, para o ioruba, não é um "gestor de destinos", mas um macro "organizador de sua Obra". Por isso um de seus títulos é *Àgbáyé-gún* (O Regulador do Universo).

Após o nascimento, o indivíduo terá esquecido conscientemente tais escolhas. Porém, as conservará em seu inconsciente – *ìpọ̀rí*.

Ìpọ̀rí, seria o elemento do *Orí* que concentra a essência de cada ser humano registrando suas experiências, emoções e sabedoria ao longo das encarnações (*àtúnwá*). Em uma tradução literal, a palavra *ìpọ̀rí*, seria: "o final de *Orí*": *ìpín* (s. final) + *orí* (s. cabeça).

Detentor dos registros relativos às escolhas do destino, *Orí* será a capacidade de discernimento do indivíduo. Ele terá então noções, intuições sobre quais escolhas fazer, sobre quais passos trilhar. O *orí* (o poder de escolhas) guia-se pelas sensações que experimenta.

O homem será senhor do seu destino e não deus, nem os deuses. O ioruba entende-se dotado de liberdade de escolha – elemento sagrado respeitado até mesmo pelo Criador.

Ìfẹ́-àtinúwá, ou livre arbítrio, para os iorubas, significava mais do que o direito de discernir. É a capacidade de tomar decisões que dão ao indivíduo o bem-estar de agir conforme o seu oráculo interior. Por isso, eles entendem

ìfẹ́-àtinúwá como certa sensação de que a escolha feita proporciona tranquilidade, harmonia, bem-estar, paz de consciência. Eis que a tradução desta palavra já nos indica o que pensa o ioruba a respeito: *ìfẹ́* (s. desejo) + *àtinuwá* (adj. agradável).

Esta competência de refletir acerca das escolhas, de deliberar os caminhos e, portanto, arbitrar o que fazer, como fazer e com quem fazer, dota o ser humano de uma autonomia libertária. O indivíduo pode "conversar com sua cabeça". E tal "diálogo" seria respondido por um oráculo interior: *ifá àyà* – o conceito ioruba de que todos nascem com as noções de ética dentro de si. Cada ser humano teria a capacidade inata de discernimento.

Os *àwọn Òrìṣà* (Orixás), são as divindades intermediárias entre criaturas e Criador. Porém, nem mesmo as divindades detêm a possibilidade de interferir na soberania das decisões humanas. Os deuses podem equilibrar, orientar, proteger, mas jamais interferir na vontade do homem.

Reza o VI poema de *Ifá*: *"O que Orí não quer, nem o Òrìṣà pode"*. Portanto, todas as escolhas feitas antes do nascimento e durante a vida, estão intrinsecamente ligadas a *Orí*.

Como desenvolvemos em *Orí* – a Cabeça como Divindade (JAGUN, 2015):

> *"Todas as ações do* homem*, norteadas por seu Orí, ocasionam consequências a si próprio, à sua família e ao destino dos que o cercam. Por sua capacidade de escolha, Orí está decisivamente ligado ao destino (odù). Orí é soberano em suas decisões. Ele cumpre os norteamentos de Olódùmárè, se quiser. Mas ao final da vida, o Deus maior fará o julgamento de todas as ações do homem.*
>
> *Esta noção nos afasta do determinismo com o qual alguns percebem o destino. Enquanto o homem submeter seu destino puramente ao acaso, à vontade dos deuses e à sorte, estará minimizando seu próprio poder de influir e de objetivar seu futuro. Estará desprezando a capacidade de seu Orí".*

A canção de louvor a Orí, abaixo transcrita, é bastante oportuna (JAGUN, 2015):

Bí o bá máa lówò;
Béerè lówò orîì re;
Bí o bá máa sòwó,
Bèèrè lówó orí re wò;
Bí o bá máa kólé,
Bèèrè lówó orîì re;
Bó o bá máa láya o,
Bèère lówó orîì rè wò

Orí, máse pekùn dé
Lódò re ni mo mbò,
Wá sayéè mi di rere
Se queres ter dinheiro,
Pergunta à tua cabeça;
Se queres iniciar um negócio
Pergunta primeiro à tua cabeça;
Se queres construir uma casa,
Pergunta à tua cabeça;
Se queres uma esposa,
Pergunta primeiro à tua cabeça
Cabeça, por favor não feche a porta
É por ti que venho aqui,
Vem fazer próspera a minha vida.

Interessante, que o cântico acima recomenda aos homens que diante das perguntas essenciais da vida, questionem primeira e diretamente seu *Orí* (seu Deus pessoal). A orientação não é para a consulta aos *àwọn Òrìṣà* (Orixás), nem aos oráculos. Tal fato não os desmerece, mas os coloca em posição suplementar ao *Orí*. Ou seja, *Òrìṣà* e divinações, podem apoiar, ajudar, amenizar as decisões do *Orí*, mas jamais podem suplantar a capacidade do homem conduzir-se pelo seu próprio destino.

Costumeiramente os homens procuram as religiões e seus deuses em busca de prosperidade. Associam a fé à obtenção de bens materiais e riqueza. Criam sistemas imaginários de escambo espiritual, onde pensam poder trocar dedicação religiosa e preceitos rituais por proteção e contrapartidas financeiras e amorosas.

No meio desta alucinação ambiciosa, os homens quando são contrariados em suas expectativas, culpam os deuses como se eles tivessem de fato celebrado esse pacto tosco. Nem todo ser humano convive serenamente com a responsabilidade de ser o deus de seu próprio destino.

Logo, **as escolhas feitas antes do nascimento e durante a vida**, são consideradas como o primeiro fator para as doenças, segundo a filosofia ioruba.

Assim, a doença é compreendida como uma opção do próprio homem. O ser humano poderia, então, com plena autonomia de seu *orí*, escolher um *odù* para já nascer doente, ou para adquirir determinada doença (ainda que

incurável), motivado pela necessidade de desenvolver virtudes a partir desta experiência.

b) fatores ligados à ancestralidade:

As doenças ligadas à ancestralidade remetem a questões bioespirituais. Quer seja, considerando a possibilidade da autoescolha do destino, o homem pode optar por nascer com propensões biológicas, para cumprir uma trajetória espiritual. A doença seria viabilizada mediante a genética de seus ascendentes, com a finalidade de propiciar ao indivíduo a aquisição de virtudes.

Se não há harmonia entre a saúde e *Orí*, o homem não a alcançará enquanto viver na Terra.

Em se tratando de doenças decorrentes de fatores ligados à ancestralidade, a realização de *ẹbọ* e até mesmo de *bọrí* para instalar sintonia entre a saúde e *Orí* pode ajudar, mas nunca poderá alterar o destino preestabelecido pelo homem.

A saúde é uma dádiva para o corpo. Mas, como vimos, o indivíduo pode escolher não nascer herdeiro desta fortuna. Fazendo o paralelo com outras formas de riqueza, temos que a divindade que rege a fortuna é *Ajé Ṣàlúgà*. *Ajé* recebe oferendas junto com *Orí*, durante o ritual do *bọrí*. As comidas oferecidas a *Ajé* devem ser manipuladas com as mãos pelo oficiado (sem a ajuda de talheres), ingeridas e os dedos ainda sujos da refeição, devem ser limpos na cabeça, como forma de celebrar a integração física entre *Ajé* (a riqueza) e *Orí* (a cabeça). Logo, se a riqueza não estiver na cabeça, não será encontrada pelos olhos, nem tocada com as mãos, ou carregada com os braços, nem usufruída pelo resto do corpo.

Da mesma forma mítica, se a saúde corporal (*dídára*) não estiver na cabeça (*Orí*), não será encontrada. Outra vez a cabeça é tratada como a sede das decisões, a capital das escolhas e a governadora do corpo.

Ora, em se tratando de doenças, não há dúvidas de que *Orí* está igualmente e absolutamente interligado à saúde. Seja pelas escolhas feitas antes do nascimento, pelas escolhas feitas ao longo da vida, ou ainda pelas questões ancestrais (também objeto de escolhas) individuais e coletivas. Os destinos dos membros de um clã se entrelaçam. Alegrias e tristezas são compartilhadas. Saúde e doença acabam por ser divididas por uma família.

Assim, o indivíduo que escolha um destino objetivando desenvolver

virtudes como a perseverança (*àìrẹ̀wẹ̀sì*), a paciência (*sùúrù*), por exemplo, pode transitar por um destino no qual encontre a doença como aliada e não como algoz.

Neste sentido, todos os elementos necessários conspirarão a favor: sua ancestralidade (genética), sua energia preponderante (*Òrìṣà*), sua trajetória (*odù)*.

Mesmo que a escolha tenha sido um destino saudável, poderá o homem, com base em seu livre arbítrio, alterar tal situação. Seja qual for a motivação (depressão, revolta, negligência, etc.) o indivíduo sempre poderá afetar sua saúde.

Um diabético, por hipótese, que seja consciente de tal diagnóstico e, ainda assim, faça a ingestão lesiva de açúcares, estará decidindo por sua doença.

As escolhas feitas antes do nascimento, ou durante a vida, poderão ser causadoras das doenças, na concepção ioruba.

Intervenções pontuais, em uma situação, ou em outra, tanto poderão amenizar as dificuldades (no primeiro caso), como poderão favorecer o reequilíbrio (no segundo caso).

Portanto, ritos como oferenda (*ẹbọ*), culto à cabeça (*bọrí*) e até a iniciação (*ìbẹ̀rẹ̀*), poderão ser úteis. Mas sempre dependerão do *odù* escolhido e de *Orí*.

c) equilíbrio, ou o desequilíbrio energético:

Além dos fatores anteriores, o ioruba concebe a possibilidade de a doença surgir também por conta do desequilíbrio energético.

O equilíbrio *(agbára ọgbọ́n)* é compreendido como o autocontrole dos nervos, a serenidade. Esta expressão surge a partir de: *agbára* (s. força, poder) + *ọgbọ́n* (s. sabedoria). Quer seja: o poder da sabedoria que é capaz de controlar o corpo.

Embora profundamente emotivo, simbólico, metafórico e naturalista, o ioruba tem plena consciência de que não é o corpo que o guia, mas sua cabeça. Ou seja, ele entende que até mesmo os sentimentos são escolhas. Logo, não se vê como uma carruagem levada por cavalos indômitos de emoções. É o indivíduo que escolhe o que sentir. Por alguma razão de carência, simpatia, afinidade, antipatia, ele se vê amando, ou odiando. O ioruba compreende este processo como algo natural. Não se vê acometido por amores, embora ame. A diferença, é que ele sabe por que amar e a quem deve amar. Talvez este ponto de vista explique a antiga tradição ioruba de casamentos previamente negociados.

Os iorubas costumam dizer que o amor é como uma água posta para ferver: começa fria e deve esquentar aos poucos. Diferente das relações amorosas ocidentais, que geralmente iniciam ao contrário.

O homem equilibrado, então, é também capaz de harmonizar seu corpo, mantendo-o são.

Sua cabeça não lhe "impõe" dores emocionais. Seu corpo não padece por escolhas ruins. Seus órgãos não se destroem por rancores.

O ioruba concebe energia (*okun inú*) como força interior. Portanto, o desequilíbrio energético poderia ser entendido como falta da força interior necessária para a manutenção do equilíbrio. Algo como força de vontade, ou determinação.

Assim, o ser humano que estiver fraco, desequilibrado, com baixa estima, depressivo, terá grande propensão, segundo a filosofia ioruba, de adoecer.

Qualquer fator emocional que seja capaz de turbar sua serenidade, como

preocupações financeiras, ansiedades, cansaço excessivo, comportamentos e pensamentos obsessivos, sentimentos excessivos, poderá causar doenças físicas.

Por este conceito "não ocidental" de saúde, temos que a saúde é resultante de uma triangulação que relacionada: corpo (*ara*), mente (*orí*) e emoção (*ìkálára*).

Logo, a doença resultante do desequilíbrio energético, seria uma espécie de "não conformidade".

A cultura da pressa, do trabalho em excesso e da urbanização, acabam por afastar o homem de suas relações naturais, desgastam sua energia e o desequilibram, fazendo com que possa adoecer.

Segundo o Prof. Samuel Jegede, da Universidade de *Ìbàdàn*-Nigéria (JEGEDE, 1994):

> "*Portanto, o conceito de saúde e doença deve idealmente ser examinado a partir de uma perspectiva cultural, para um melhor planejamento da saúde".*

E prossegue:

> *"Sociedades com seus relacionamentos e crenças adoecem, matam e curam de diferentes maneiras".*

Em vista das palavras de Jegede, *é* pertinente compreendermos a cosmovisão ioruba. Ou seja, como este indivíduo se entende cultural e espiritualmente no mundo e como ele se relaciona com o Criador e com as criaturas.

Segundo Mbiti (MBITI, 1969), a cosmovisão ioruba pode ser resumida em cinco itens:

""1- Deus como a melhor explicação da gênese e sustento do homem *e todas as coisas;*

002- espíritos, constituídos por seres sobre-humanos e espíritos de antepassados;

003- homem*, incluindo seres humanos vivos e aqueles que ainda não nasceram;*

004- animais e plantas ou os restos da vida biológica; e

005- fenômenos e objetos sem vida biológica".

A Saúde mental:

Para valorizar-se a saúde mental, é preciso compreender a loucura e seus meandros.

O ioruba, através de sua cultura oral, explica todos os fatos de seu cotidiano material e imaterial, por meio de contos. E a loucura (*Wèrè*), segue o mesmo modelo.

A loucura é descrita miticamente pelo ioruba, como um espírito nascido do casamento entre *Ikú* (a morte) e *Àrùn* (a doença). Seria um dos *Ajogun*, divindades que causam dor à humanidade.

Como poderemos observar no capítulo que trata dos *Ajogun*, tais divindades não agem contra a vontade do Criador. Antes pelo contrário, fazem parte de sua Obra e servem para o propósito de regular o universo e promover a aquisição das virtudes pela humanidade.

O conceito ioruba de doença mental é intrigante. Os iorubanos acreditam que as doenças mentais podem ser de três tipos diferentes, de acordo com as pesquisas de *Odebiyi* e *Ogedengbe* (1995): as ***ìran*** (hereditárias: herdadas geneticamente), as ***àmútọ̀runwá*** (sobrenaturais: causadas pela ira das divindades ou por feitiçarias) e as ***àfisè*** (naturais: originadas por acidentes, aflições ou traumas).

O Prof. Samuel Jegede da Universidade de Ìbàdàn-Nigéria (1994), por sua vez, seleciona seis fatores que podem levar à doença mental:

> ***àìsùn*** (insônia), ***àìwọ́*** (agitação), ***àìjẹ*** (incapacidade de comer), ***àìmu*** (incapacidade para beber), ***àìtọ̀*** (incapacidade de urinar), e ***àìṣu*** (incapacidade para defecar). Segundo ele, *"...há um processo de interação entre essas variáveis, em que uma atividade leva à outra. Mas um colapso da interação levaria à desordem social, e isso é intensificado pela inquietação (**àìwọ́**), que os iorubas consideram como **a principal de todas as doenças**".*

A falta de descanso do corpo pelo sono renovador, devido à insônia (*àìsùn*), poderia ocasionar doença mental para o ioruba.

A neurociência moderna, já admite que a falta de sono possa causar irritabilidade, confusão mental e perda de memória. E vai mais longe: noites maldormidas ainda podem gerar aumento da pressão arterial, da frequência cardíaca, dos níveis de glicose no sangue, além de problemas hormonais. A neurociência admite que a falta de sono possa causar danos irreversíveis ao cérebro e até a morte.

Àìwọ́ (a agitação), é considerada a pior de todas as doenças e a principal causadora da loucura. A agitação é compreendida como atividade desordenada, um problema de alteração de comportamento, um misto de nervosismo e excitação que tornam a pessoa inquieta, com indicativos de tensão e irritabilidade.

A interessante descrição de Jegede nos indica que a capacidade de excretar (*àìtọ̀* e *àìṣu*) também seriam fatores causadores de loucura. Isto, porque o homem acumularia em seu corpo sensações incômodas, sentimentos de mal-estar e ainda elementos tão nocivos, que o levariam à perda da lucidez.

A filosofia ioruba acredita que o corpo humano é composto por vários elementos, cada qual exercendo importantes e distintas tarefas (embora complementares) ao longo da vida; sendo as mais relevantes: ***orí*** (cabeça), ***ojú*** (olho), ***apá*** (braço), ***ẹsẹ̀*** (perna), ***etí*** (orelha), ***imú*** (nariz), ***ẹnu*** (boca). Mas é o satisfatório equilíbrio entre essas "peças" do corpo que garantem a boa saúde ao organismo com um todo.

O corpo do ioruba, como vimos no capítulo próprio, é compreendido por ele como uma dádiva do Criador, uma ferramenta para sua jornada pela vida. Por isso, o corpo é louvado. Cada parte do corpo é entendida e saudada, não apenas por seu pragmatismo, mas por sua simbologia. Assim, percebe que a cabeça (*orí*) é muito mais do que um membro superior do corpo: é a sede dos sentidos, das escolhas – a essência do indivíduo; *ojú* (o olho), significa a possibilidade de discernir; *apá* (o braço), a força, a capacidade de realização; *ẹsẹ̀* (a perna), a superação da inércia, o movimento; *etí* (a orelha), seu poder de ouvir para aprender; *imú* (o nariz), a habilidade de perceber o outro; *ẹnu* (a boca), a probabilidade de comunicação e transmissão de *àṣẹ*.

O conceito ioruba de "saúde mental" decorre então da harmonia entre as partes do corpo humano. Porém, a parte mais importante de todas é *Orí* (a cabeça), por ser ela a responsável por coordenar as demais. Logo, se o *Orí* está doente, frágil, ou desestabilizada, poderá danificar consequentemente os outros elementos corporais que lhe estão subordinados.

Nesta perspectiva, se nosso fígado vai mal, significa que nossa cabeça nos levou a beber demais; ou se nosso estômago funciona mal, possivelmente nossa cabeça nos levou a comer algo prejudicial; e assim sucessivamente.

A pesquisadora Ruth Mylius Rocha (BARROS, 1998), entende que a

> *"... medicina, assim como a religião, a linguagem ou o parentesco pode ser considerada como um sistema cultural, com significados simbólicos ancorados em arranjos das instituições sociais e modelos de interações interpessoais. Os mecanismos de cura e a eficácia terapêutica psicosociológica vão, portanto, variar de acordo com as diferentes construções clínicas da realidade."*

Esta relação entre medicina, saúde mental e cultura foi estudada, entre outros, por Kleinman (1980):

> *"A cultura afeta o cerne das atividades clínicas e direciona as condutas culturais de cuidado à saúde, ou seja, como as crenças e normas culturais estruturam a procura de cuidados e as relações terapêuticas psicológicas e biológicas".*

Estes pertinentes conceitos nos fazem desembocar na moderna etnopsiquiatria que, nas palavras de Nathan (1989), assim a define:

> *"Uma disciplina que se propõe experimentar os conceitos de psiquiatria, da psicanálise e da psicologia, arriscando as teorias dos grupos cujos dispositivos terapêuticos ela estuda."*

Esta ciência se calca na validade universal dos conceitos psicanalíticos e tenta encontrar métodos adequados a cada cultura, modelo de crença e comportamento.



Capítulo 7

O Surgimento da Doença

Os iorubas identificavam a realidade e a explicavam mitologicamente. Por isso, os fatos precedem os mitos e os mitos justificam os ritos. E o fato é que a doença existe. A forma de compreendê-la, de explicá-la e de curá-la, é mitologicamente narrada. E os ritos buscarão a recomposição da saúde.

Conheceremos agora o conto (*ìtàn*) que de forma lúdica, revela a concepção dos iorubas acerca do surgimento das doenças e moléstias humanas no mundo.

Reza um poema do Odù Ògúndá Méjì, que após Ọlọ́run criar os Òrìṣà masculinos (ọkùnrin) e os femininos (obìnrin), quis que estes gerassem descendentes para povoar o mundo.

Assim, os Òrìṣà foram procurar Ọ̀rúnmìlà, posto que o Grande Adivinho já tinha feito oferendas à Àiyé (Mundo), propiciando que

este pudesse concebê-los.

Somente Ikú (a morte) e sua esposa Àrùn (a doença), não foram a Ọ̀rúnmìlà. Entre este casal e Ọ̀rúnmìlà havia uma rusga, pois Ọ̀rúnmìlà dificultava tudo para eles no ọ̀run.

Contudo, certo dia Àrùn resolveu procurar Ọ̀rúnmìlà, já que ela tinha grande desejo de ser mãe. Ọ̀rúnmìlà a recebeu, fez ẹbọ e Àrùn deu à luz a quatro filhos: a apreensão (èèmọ̀), a loucura (wèrè), a infecção (èèràn) e a deformidade (àìdára).

Dos filhos de Àrùn, nasceram 603 netos e bisnetos. Mas todos eram inofensivos no ọ̀run. Um dia, quando todos estavam descendo ao Aiyé, cumprindo ordens de Ọlọ́run, Èṣù colocou todos os filhos de Ikú e Àrùn dentro de um enorme búfalo e os trouxe à Terra.

No Àiyé havia um caçador chamado Atapa Olorí Ọdẹ, que era muito ambicioso. Um dia, Atapa Olorí Ọdẹ foi consultar Ifá. Ifá lhe disse que não fosse avarento querendo acumular muito dinheiro, porque isto poderia acarretar para ele e para a Humanidade muitos e terríveis males. Ifá lhe recomendou ẹbọ e Atapa Olorí Ọdẹ começou a caçar todos os tipos de animais com muita fartura.

Um dia, Atapa Olorí Ọdẹ avistou no pasto o grande búfalo que foi trazido ao mundo por Èṣù. Quando Atapa Olorí Ọdẹ armava seu arco para flechá-lo, o búfalo lhe disse:

— Não me mates! O que queres para não me matar?

O caçador respondeu ao búfalo que queria um palácio e muito dinheiro. O animal então disse a Atapa Olorí Ọdẹ que este poderia voltar para casa, pois lá chegando, veria que seus desejos haviam sido realizados. Quando chegou em casa, viu que todas as suas exigências haviam sido cumpridas.

Alguns dias depois, Atapa Olorí Ọdẹ voltou ao

pasto em busca do animal e lhe fez novas exigências, querendo mais dinheiro e poder. E novamente o búfalo atendeu aos pedidos do caçador. E outras vezes, e outras vezes Atapa Olorí Ọdẹ repetiu suas ações, sempre em busca de mais e mais riquezas.

Atapa Olorí Ọdẹ foi novamente consultar Ifá e o Oráculo lhe disse que parasse com sua gana de acumular riquezas, pois sua avareza iria causar um grande mal a ele e à humanidade. Ifá lhe disse que ele já tinha se tornado um rei, que já tinha adquirido muita riqueza e que já possuía tudo o que precisava para viver bem.

Mas, passados 21 dias, movido por sua ambição, Atapa Olorí Ọdẹ novamente foi em busca do grande búfalo para fazer novas exigências a fim de não matá-lo. Dessa vez, Atapa Olorí Ọdẹ exigiu que o búfalo lhe desse o poder sobre todo o Àiyé, para que o caçador se transformasse no Dono da Terra (Bàbálúwáiyé, ou Ọbalúwáiyé). O animal lhe respondeu dizendo que não poderia atender a tal pedido, pois somente Ọlọ́run poderia lhe dar esse poder. Mas Atapa Olorí Ọdẹ não se contentou. Insistiu e discutiu com o búfalo, até que o grande animal lhe disse:

— Pensando bem, lança tua flecha e mata-me. Pois somente assim poderás ser o Ọbalúwáiyé. Em seguida, o caçador armou seu arco, mirou bem e lançou sua flecha sobre o grande búfalo. Um grande estrondo foi ouvido em toda a Terra.

Naquele momento, todos os filhos, netos e bisnetos de Ikú e de Àrùn tinham escapado do interior do grande búfalo. Os filhos da Morte e da Doença estavam livres e se espalharam pelo mundo, assolando a humanidade.

Atapa Olorí Ọdẹ foi o primeiro a ser atacado pelos filhos de Àrùn. Somente ele viu a face de todos os descendentes de Ikú e de Àrùn.

Porém, quando percebeu o mal que havia provocado, lutou bravamente contra eles até morrer. Mas, antes de morrer, conheceu de perto todos os perigos e fraquezas dos filhos de Àrùn.

Todos os animais e todos os humanos foram pedir auxílio ao Grande Sábio, Ọ̀rúnmìlà, a fim de lograrem proteção contra as pragas. Ọ̀rúnmìlà então lhes disse que pegassem o que havia restado de Atapa Olorí Ọdẹ e colocassem tudo dentro de um recipiente de barro e tampassem, deixando apenas alguns orifícios na tampa. Mandou ainda que lhe fizessem um trono e que o adorassem como o Ọbalúwáiyé; pois este havia sido o último título que havia ganhado antes de morrer e só Ele havia visto pela primeira vez a face de todos os filhos de Àrùn, com os quais lutou bravamente até a morte, mas antes lhes conhecendo de perto todos os perigos e fraquezas.

Foi assim que Ọ̀rúnmìlà, por meio do Odù Òbúkọ Kó Ẹpọ̀n ("Bode que carrega testículo") para auxiliar a todos os humanos e animais que lhe pediram proteção contra os filhos de Àrùn, foi procurar Ọ̀sányìn, o Òrìṣà dono das folhas para que este, junto com Ọbalúwáiyé, ajudassem os seres vivos a vencer as doenças e pragas.

Analisando o conto, temos que a apreensão (*èèmọ̀*), a loucura (*wèrè*), a infecção (*èèràn*) e a deformidade (*àìdára*), são filhas míticas nascidas do casamento entre a morte (*ikú*) e a doença (*àrùn*). Logo, da relação entre morte e doença, decorrem os males que contém a mesma "carga genética" de seus "pais". Por este prisma, todos os "filhos" deste casamento são herdeiros da morte, são descendentes da doença. Estão, por assim ser, intimamente ligados, fazem parte da mesma "família".

Os filhos da morte e da doença nascem com uma ajuda divina. Foi *Ọ̀rúnmìlà* (o deus da sabedoria) que atendeu ao pedido de *Àrùn* para ter filhos. Logo, foi a própria sabedoria divina quem facilitou a criação de

todos os espíritos que causam dor à humanidade. Não por negligência, mas por justiça (segundo o mito). Se os outros *Òrìṣà* podiam, *Àrùn* teria o mesmo direito de procriar. Note-se que por esta concepção, os "filhos da doença" foram gerados graças à sabedoria divina, mas não causariam mal à humanidade.

O comunicador entre os dois mundos – *Èṣù* – incumbe-se de esconder os filhos de Àrùn em um grande animal, a pedido do próprio Criador (*Ọlọ́run*). Contudo, até então, continuam incubados, completamente isolados dos humanos.

Foi a ambição desmedida do homem, personificada no caçador *Atapa Olorí Ọdẹ*, que espalhou pelo mundo os "filhos da doença e da morte". Não foi deus, mas o homem. Este, não soube conviver com o poder, nem se contentou com o dinheiro. Frise-se que o búfalo encantado – a natureza – deu a ele toda a riqueza que lhe foi solicitada. O homem foi para casa e encontrou lá, em seu lar a fortuna. Mas não se sentiu satisfeito. Queria outras riquezas além daquelas que já possuía em sua casa. Por querer sempre mais, negligenciou o alerta que recebera e não pensou nas consequências nefastas que causaria à humanidade. Destruiu a natureza (o búfalo) e assim prejudicou o mundo inteiro.

Mas sua luta final contra os males o redime. Ele logra virtudes e é deificado. Eis a concepção ioruba do homem comum, errôneo, falho, que jamais foi perfeito e que não o será. Entretanto, embora imperfeito, não sofre com isto, nem se angustia. Este homem não carrega o peso, nem a culpa pela sua imperfeição. Ele acabou sendo deificado pelas virtudes.

Assim, a doença é vista filosoficamente pelo ioruba como uma divindade concebida pelo próprio Criador. A morte, a doença e suas derivações, não foram criadas para causar mal aos seres vivos, mas para regular a Obra de *Ọlọ́run*. A humanidade é a verdadeira causadora da dissipação da doença e dos demais males.

Contudo, existe a possibilidade, a esperança de que o ser humano possa se integrar positivamente ao Criador. Pode a humanidade ser também divina, se enfrentar esses males. Homens podem ser deuses, se viverem a experiência de ver a face da doença e de seus filhos e lutarem bravamente, como o caçador personagem do conto.

Mas nunca o homem estará sozinho, pois *Ọlọ́run* designou divindades

para que este não ficasse desamparado na luta contra a doença: *Ọ̀sányìn*, o dono do elemento vegetal e *Ọbalúwáiyé*, o dono da saúde são aliados da humanidade neste enfrentamento remissor.

A doença enquanto fato surge, portanto, quando o homem se desequilibra. E o mito da doença, como vimos acima, é a forma lúdica de explicar este fenômeno. Logo, como se vê, a mitologia indica que o homem é o propulsor das doenças. Ele não as criou, mas as disseminou por conta de seu desequilíbrio.



Capítulo 8

Os Ajogun

Os *Ajogun* são forças que habitam o lado esquerdo do cosmo, segundo a crença ioruba.

O número total de *Ajogun* é de 200 + 1, o que significa seu poder infinito de multiplicação.

Embora sejam considerados como divindades, causam dores à humanidade. Eles fazem um contraponto aos *Irúnmọlẹ̀* (entidades que acalentam o homem), e que ocupam o lado direito do cosmo, totalizando o número de 400 +1 (igualmente para indicar a capacidade de surgimento de novas divindades).

Só existe saúde, porque há doença. A vida só é valorizada, porque existe a morte...

O fato de existir o dobro de entes que agem pela felicidade, em relação àqueles que causam dor, demonstra que há mais possibilidades da humanidade ser feliz, do que triste.

Os oito principais *Ajogun* são: ***Ikú***: a morte, o rei dos *Ajogun*; ***Àrùn***: a doença (a peste), considerada a esposa de *Ikú*; ***Ọfọ̀***: a avareza; ***Ẹgbà***: o ócio; ***Ọràn***: o problema; ***Èpè***: a maldição; ***Èwòn***: a prisão; ***Èse***: a aflição (compêndio de todos os demais males).

Mais do que uma verdade absoluta, a morte (*Ikú*) é necessária à vida. Graças à existência da morte, a humanidade pôde sobreviver. Não haveria espaço físico, nem comida, ou água para todos no mundo, se não houvesse morte. A sensação de finitude é extremamente benéfica. Graças a ela nos preocupamos em acelerar providências, em resolver pendências, em realizar.

A doença (*Àrùn*) é considerada esposa, *partner* da morte, pois andam juntas. A doença é também fator relevante para a valorização da saúde. Se as pessoas não adoecessem, destruiriam seu corpo. Portanto, é o risco da doença que proporciona a saúde.

A avareza (*Ọfọ̀*) é causadora de dor como *Ajogun*, pois ela desgasta relações, ela torna o homem egocêntrico, solitário. A avareza é egoísmo. É ato de reter, inclusive o conhecimento, de forma desmedida e não respeitosa.

O ócio (*Ẹgbà*) é profundamente nocivo, pois, em uma cultura na qual a energia vital é divina (*Bara*), o homem precisa realizar, mover-se, edificar a vida. O homem próspero é aquele que realiza e que, portanto, poderá ser lembrado por seus feitos.

O problema (*Ọràn*) pode ser entendido como as dificuldades que, genericamente, entrecruzam a trajetória humana. Variados e amplos, os problemas são constantes habitantes de nossas vidas.

A maldição (*Èpè*) é a teia energética negativa. Pode ser tecida por terceiros, ou por si mesmo. O homem amaldiçoa a si próprio, quando faz escolhas equivocadas.

Èwòn, a prisão, ganha aqui uma conotação metafórica, mas também possui um aspecto bastante concreto. Todo vício, todo sentimento engessador é considerado como uma prisão. Todavia, *Èwòn* ganha ares de realismo, quando homens e mulheres do continente africano passam a ser encarcerados e vendidos como escravos.

Èse, a aflição, é considerado como o compêndio de todos os demais males. A ansiedade aflitiva retira o homem da inércia. A responsabilidade traz consigo um pouco de aflição. Entretanto, a aflição desmedida causa

profundos danos e dores.

Os iorubás acreditavam que o próprio *Ọlọ́run* teria criado os *Ajogun*, com a finalidade de equilibrar sua Obra e também para favorecer que os seres humanos conquistassem virtudes.

Logo, a atuação dos *Ajogun* é realizada conforme a vontade de *Ọlọ́run* (O Deus Criador). Ou seja, *Ikú* (a morte) só pode encerrar a vida de alguém cujo destino tenha chegado ao fim ou, antes disso, se este indivíduo descumprir as leis divinas e convocar precipitadamente *Ikú*. A morte não age por vontade própria.

Da mesma forma, *Égbà* (a paralisia), só iria molestar uma pessoa por ordem de *Ọlọ́run*, ou por convite do homem. Aquele que se tornasse paralítico ao longo da vida, certamente teria feito escolhas antes do nascimento, ou ao longo da vida.

Partindo-se do princípio de que os *Ajogun* e seu poder não têm fim, podemos entender males contemporâneos, como o câncer, as drogas, a síndrome do pânico, o HIV, a poluição, os desastres coletivos, etc.

Da mesma forma que a dor se perpetua e se modifica, também o poder benigno pode ser notado nos dias de hoje. O avanço da medicina, o desenvolvimento científico, as preocupações com a sustentabilidade social, podem ser vistas como ações dos *Òrìṣà* para a proteção e ajuda aos homens.

Os *Ajogun* e os males por eles trazidos ao *Àiyé* (mundo dos vivos) são oportunidades para que os seres humanos adquiram as virtudes. Afinal, é diante das dificuldades apresentadas pelos *Ajogun* que conseguimos fortalecer a fé, a determinação, a humildade, a união, etc.

Portanto, diferente da visão judaico-cristã de demônio, na cultura ioruba não existe a personificação de uma entidade do mal, mas sim energias que trazem dor. Porém, também proporcionam o amadurecimento espiritual dos homens.

Muitas vezes, somente quando somos visitados pelo "espírito da doença", repensamos valores, perdoamos, nos aproximamos de familiares.

Não raro, quando alguém recebe a morte em seu seio, acaba sendo instada a realizar, a tomar iniciativas altruístas e de relevante alcance social.

A filosofia ioruba nos indica que esses espíritos agem pela vontade de Deus. Portanto, não são meras punições, nem dores aleatórias. Estes

espíritos nos visitam por razões específicas, por escolhas que fizemos antes de nascer, ou durante a vida.

A presença dos *Ajogun* entre nós sempre possui uma razão e uma finalidade. Não são maus, são dores necessárias.

Podemos sempre observar um fator positivo que pode ser revelado pelo contato com os *Ajogun*, em que pese o halo de dor que trazem aos seres humanos. Aprendemos com os *Ajogun*. Sua presença é pedagógica. Mas, quando entendemos o motivo de sua visita, eles então vão embora. Quer seja, quando a doença, a loucura, ou os problemas são compreendidos, já não fazem mais parte de nossa vida. Serão curados, deixam de existir, ou serão resolvidos. De uma forma, ou de outra, eles se dissipam. Mas o aprendizado e a virtude ficam como aquisições eternas.

Logo, pensar sobre a doença, no aspecto cultural ioruba, é conceber que esta, assim como todos os chamados *Ajogun*, possui um aspecto positivo e outro negativo; é pensar que a doença, por pior que seja, pode trazer consigo sempre algum fator positivo.

PARTE 2 |

Especificando Conteúdos (ramos de conhecimento)



Capítulo 9

A Medicina ioruba

Os médicos iorubas, os *onísègùn*, pautavam seu ofício na milenar sabedoria dos conhecedores das ervas. Sacerdotes de *Ọ̀sányìn*, os *onísègùn* eram verdadeiros alquimistas, que não só conheciam as plantas e suas potencialidades, mas que conseguiam transformá-las em remédios capazes de equilibrar o corpo e o espírito.

Numa época em que a medicina alopática não existia, os *onísègùn* gozavam de grande importância e *staus* na sociedade ioruba. Eram eles que apaziguavam a ira dos deuses, que combatiam as temidas pestes, que ajudavam as mulheres a serem férteis. Manipulavam raízes, cascas, flores, sementes, frutos e folhas através de beberagens, banhos e emplastros, para recobrar a saúde e afastar os males. Eles sabiam dos mistérios da morte (*Ikú*) e da doença (*Àrùn*), assim como dos males que eram filhos desses dois *Ajogun*. Por isso, buscavam afastá-los valendo-se do potencial da natureza e da energia dos *àwọn òrìṣà* (Orixás).

Interessante observar que este método científico africano, embora ainda não reconhecido pela medicina ocidental a contento, se mostra fiel às origens naturais do homem.

Neste sentido, anota oportunamente a Profª Fátima Regina Gomes Tavares (*in* Numen, 2002):

> *"A medicina do século XIX, ainda envolvida no ideal iluminista da natureza benfazeja, passa, então, por uma transformação acentuada: a natureza se dissocia do homem, fazendo com que a medicina assuma uma atitude bélica diante dos terríveis inimigos, responsáveis pelos processos causadores das doenças. Afastada, assim, dos dois grandes leitos por onde caminhou a arte da terapêutica desde os gregos, a medicina moderna inaugura uma nova fase: a ciência contemporânea não escuta a natureza para se curar, pois não lhe atribui valor positivo; procura dominá-la e submetê-la a seus próprios desígnios, dos quais a cura pode fazer parte. Esta cura, no entanto, não é nem um processo de autoaperfeiçoamento, como queriam os gregos com o mito de Higéia, nem transformativo, de mutação provocada por uma interação com forças externas, como seria Panacéia."*

O princípio do sacrifício:

Ao longo da vida, existe um processo constante de troca entre o homem e a natureza que o cerca e que o constitui.

Para o ioruba, esta relação entre humanos e a natureza é normal, integral. Ela se estabelece por meio de um sistema permanente de sacrifício recíproco. Assim, para que o homem e a natureza existam e coexistam, uns se sacrificam pelos outros.

Morte e vida entre vegetais, animais, minerais e hominais, se alternam. Uns vivem e morrem pelos outros. A morte de uns significa a vida de outros. Para a vida de uns, haverá a morte para outros.

A compreensão da troca baseia, inclusive, os rituais sacrificiais no Candomblé (*rírúbọ*). Trata-se de um princípio filosófico. Da mesma forma que o homem saca da natureza um elemento para alimentá-lo, no momento de fome; da mesma forma como o homem busca na natureza o elemento que restituirá sua saúde, diante da doença; o homem, ao enfrentar um desequilíbrio energético, também buscará na natureza o *àṣẹ* necessário para seu reequilíbrio, seja ele de origem animal, vegetal, ou mineral.

O homem também morre para que a natureza em torno dele sobreviva, se expanda, se harmonize. Por este princípio, perceberemos as catástrofes naturais por outro ângulo. Enxergaremos doenças, vírus, endemias, como mortes do homem pela e para a natureza. Evidentemente, devemos sempre buscar as soluções, o reequilíbrio, a saúde individual e coletiva. Porém, o Criador, enquanto grande regulador do universo, poderá ser visto não como um déspota perverso, mas como alguém que mantém sua criação sem privilegiar nenhuma espécie das criaturas.

Ao morrer, o ioruba, conforme seus costumes e cosmovisão, deve ser enterrado e não cremado. Ele quer que a morte do seu corpo gere vida.

Veneno e antídoto: o comportamento do homem diante da doença

Conforme a medicina ioruba, toda doença possui um "veneno" originário e todo "veneno" possui um antídoto.

É o *Odù Ọyẹ̀kú Nilogbe* quem diz que *"O Caçador abriu sua bolsa e retirou o veneno, Ọ̀sányìn abriu a sua e retirou a medicina."* Ou seja, o homem é quem traz o veneno, a doença; enquanto é *Ọ̀sányìn,* a divindade, quem apresenta a cura. Portanto, toda doença possui sua cura. E o mistério desta solução está nas mãos do grande médico: *Ọ̀sányìn.*

O ensinamento intrínseco no poema de *Ifá* (***ẹsẹ***), citado acima, indica que o homem é o responsável e o portador/ transmissor da doença. Miticamente, é o ser humano quem cria e quem difunde a doença.

Mesmo quando o ser humano é "contaminado" por insetos, animais, vegetais, ou minerais, originalmente, foi ele (homem) quem ocasionou a doença.

É o homem quem corrompe rios, lagos, nascentes, ou faz mau uso de substâncias que infectam a natureza.

É o homem que possui comportamento negligente, ou desrespeitoso, em relação à natureza e acaba, consequentemente, sofrendo com os resultados.

Novamamente a filosofia ioruba remete o homem à responsabilidade pelo seu destino, pela sua felicidade, pela sua prosperidade, pelas suas condições de vida, pela sua saúde e longevidade.

As escolhas míticas feitas pelo homem para seu destino, anteriormente ao seu nascimento, assim como as escolhas que o homem faz ao longo de sua trajetória da vida, redundam em um desenrolar de aflições, ou paz; saúde, ou doença.

Os sacerdotes de *Ọ̀sányìn,* aqueles que exercem a medicina entre os iorubas há milhares de anos, já compreendiam o mesmo que a medicina moderna hoje reconhece: que a cura pode ser obtida a partir do princípio da polaridade. Ou seja, a vacina advém do próprio veneno, inclusive com a aplicação deste em quantidades pequenas, para que o organismo aprenda a reagir. Assim, a saúde nasce do contato com a doença, assim como a virtude é oriunda do nosso contato com os *Ajogun*.

Quantas vezes o ser humano só se cura de sua arrogância, quando é vítima deste mesmo comportamento?

Quantas vezes o homem só aprende o que é o preconceito, quando também sofre com ele?

Nenhuma violação social é desejável, nem justificável. Nenhum desrespeito à dignidade humana deve ser buscado como ensinamento. Contudo, pelo prisma filosófico, muitas vezes essas e outras tantas indesejáveis dores nos ensinam o que não devemos fazer, ou como devemos deixar de nos comportar.

O princípio é o mesmo: veneno e antídoto. O pensamento, assim como o organismo, reagem quando em contato com doses do mesmo mal.

O ioruba busca meios para que a doença seja curada. Porém, percebe que antes, a doença deve ser entendida.

Conforme a filosofia que permeia a mítica ioruba, quando se compreende o motivo da visita de *Àrùn* (a doença), ela se despede e vai embora. Ou seja, quando o homem entende o motivo da doença, encontra a solução, seja pela cura física, seja pela libertação mental.

Pode ser que, biologicamente, a doença conviva com o ser humano durante toda a sua vida. Pode ser ainda que a doença mate seu corpo. Mas o espírito estará curado. A saúde é, por este ângulo, um estado de plenitude.

Como vimos no capítulo sobre os *Ajogun*, as dores enfrentadas pela humanidade, podem ser oportunidades divinas de aprendizado, conscientização e aquisição de virtudes.

Mesmo os seres que nascem doentes, ou até que adquiriram determinados males ao longo da vida, teriam feito esta escolha conscientemente, antes do nascimento. O ioruba acredita que o enfrentamento de certas adversidades, pode ser uma opção para que aquele espírito (e o de seus familiares) desenvolva virtudes, como união, fé, resiliência, solidariedade, perdão, caridade, etc.

Otunba Adekumle Aderonmu (ADERONMU, 2015), diz:

> "*O Yorùbá crê que todos carregamos "saquinhos" pelo corpo onde estão os "venenos" das enfermidades e que, quando quebramos o equilíbrio de nosso organismo, seja pelo tipo de comportamento, pela má alimentação, pelo contato com outras pessoas ou qualquer outro ser vivo, esses "saquinhos" atingem seu limite e se rompem, deixando extravasar seu conteúdo e, por meio da corrente sanguínea, se espalha pelo corpo e a doença se instala."*

Segundo Aderonmu, a doença estaria permanentemente "incubada" no indivíduo. Entretanto, o "estado de doença" apenas se configuraria mediante o desequilíbrio das relações, dos comportamentos, ou das emoções.

A "incubação" da doença, segundo a compreensão ioruba revelada por Aderonmu, poderia nos ajudar a compreender diversos portadores de enfermidades que, em equilíbrio, não teriam a moléstia manifestada, ou ainda teriam um enorme grau de resistência à contaminação.

O desequilíbrio poderia não apenas deixar o indivíduo suscetível às doenças incubadas, mas também mais sensível ao meio em que se insere, tornando-se frágil às doenças contagiosas, desenvolvidas e adquiridas.

O quadro emocional do indivíduo redunda em seu estado clínico. Na linguagem corrente entre os médicos ocidentais: o indivíduo "apresenta", "desenvolve", ou "faz" a doença.

Conforme a filosofia ioruba, a grande busca do homem é equilibrar-se com a natureza que existe dentro dele e em torno dele. Neste contexto, a natureza é deificada. As expressões da natureza são louvadas como divindades.

O homem ioruba mostra-se em permanente busca por um convívio harmônico com os seres que coabitam o mundo conjuntamente com ele. Tal comportamento faz com que o ioruba reze à natureza/ *òrìṣà* pedindo saúde e busque na natureza/ *òrìṣà* a saúde almejada.

O propósito da medicina ioruba é fazer com que a pessoa volte a se harmonizar consigo própria e com o meio em que está inserida. Para tanto, os remédios utilizados farão com que os "venenos" sejam eliminados pelas excreções do próprio organismo (fezes, urina e suor).

Surgem assim ***àjẹsára*** (o remédio propedêutico, a vacina); ***egbògi*** (o remédio terapêutico, o antídoto).

Ìṣègùn, a medicina, a cura, ou a arte de curar dos iorubas, levará em conta ***ìwọ̀n*** (a medida). Ou seja, a dor e a cura não podem exceder a capacidade do indivíduo. A medida, assim, será resultante da avaliação de peso, quantidade, dose, temperatura e tamanho. Daí ***ìwọ̀n oògùn*** (dose de remédio) e ***ìwọ̀n ìwúwo*** (quantidade de peso), serem considerados no processo curativo da medicina ioruba.[12]

Substâncias curativas:

A medicina ioruba, na busca desses objetivos, se vale de três tipos de substâncias curativas: as amargas (***korò***), as ácidas (***ta***) e as picantes (***kon***).

As substâncias curativas sejam elas amargas, ácidas ou picantes, são classificadas dentro das três cores primordiais: o branco (***funfun***), o vermelho (***pupa***) e o preto (***dúdú***), seguindo a mesma categoria dos três tipos de sangue encontrados na natureza.

As substâncias curativas ***funfun*** são: ossos, manteigas vegetais, metais e pedras brancas. As ***pupa*** são: dendê, mel, cascas, sementes e metais amarelo-avermelhados. Já as ***dúdú*** são: pós-obtidos através de ervas, ou ossos torrados, seiva de plantas e carvão mineral.

Processos curativos:

Há ainda três tipos distintos de aplicações das substâncias curativas: a inalação, a ingestão ou a aplicação.

Interessante perceber como o corpo novamente surge como protagonista. É o corpo que recepciona a doença, assim como é ele o próprio veículo de cura.

Por mais que as substâncias sejam utilizadas em suas peculiaridades, por mais que os procedimentos sejam realizados, é o corpo que efetivamente deverá reagir.

No corpo será instaurado o processo de cura: a cabeça deverá "entender a doença" e o restante do organismo deverá "convidar a doença a se retirar".

Contudo, sempre antes da prescrição, é necessária a consulta ao oráculo, a fim de verificar qual o tipo de enfermidade (se espiritual, emocional ou física), como curá-la e quais os ingredientes necessários.

Grande parte das vezes, a doença manifestada no corpo é apenas uma consequência de emoções. Afecções cutâneas por alergias precisam ser investigadas para que a real causa (por vezes emocionalmente oculta) seja identificada e saneada.

Na quantidade da composição dos ingredientes de cura, observamos um meticuloso método que relaciona elementos e números. A expressão "numerologia" acaba nos levando a uma compreensão descontextualizada. Por isso, prefiro criar o neologismo "ifalogia", para explicar este princípio. A ifalogia seria a ciência pela qual o ioruba se baseia em princípios filosóficos de *Ifá*, para reconhecer nos números energias e potencialidades. A imparidade, a paridade, o àṣẹ dos *odù* e a compatibilidade entre eles e os àwọn *òrìṣà* (orixás) pode ser entendido como "ifalogia".

Logo, com base na ifalogia, o ioruba, seguindo à orientação oracular, irá conciliar o número de elementos/ princípios ativos para compor o remédio. Assim, observaremos que a quantidade de ervas para o banho, para o chá, ou o número de elementos utilizados para os *ẹbọ*, seguirá esta lógica.

A medicina pode ser preventiva. Neste caso, novamente através do oráculo, o consulente saberá quais devem ser seus impedimentos *(èèwọ̀)* a

serem respeitados para evitar desequilíbrios energéticos e materiais. Os *èèwọ̀* podem determinar o que não deve ser comido, feito, ou vestido. O cumprimento dos *èèwọ̀*, além do caráter disciplinar, também pode ser determinante para se evitar que a doença, o desequilíbrio e os perigos se instalem na vida do indivíduo.

Nos seus métodos curativos, os iorubas consideravam as folhas (***ewé***), frutas (***èso***), flores (***òdòdó***), sementes (***kóró***), cascas (***ìyangbẹ***), talos (***kùkùté***) e raízes (***ẹkàn***), de onde extraíam os princípios ativos, necessários.

Para o melhor aproveitamento dos efeitos curativos e energéticos, as plantas eram colhidas quando ainda molhadas pelo orvalho e deixadas para secar à sombra, pois acreditavam que a ação do sol retirava parte do poder das ervas.

As raízes seguiam o mesmo método. Contudo, eram bem lavadas e picadas em pequenos pedaços, antes de serem postas para secar.

Após a secagem geral, dispensavam as partes machucadas, ou estragadas. Separavam para uso apenas as mais viçosas e perfeitas.

As folhas, os talos, as raízes e as flores, que não fossem utilizadas de imediato, eram conservadas em *atọ́* (cabaças destinadas para este fim) mantidas em locais secos e protegidas do sol. Quando acumulavam umidade, eram postas novamente para secar à sombra. Caso acumulassem mofo, eram descartadas em definitivo, pois já não serviriam para as finalidades herbológicas.

Seus preparados (de ingestão, ou aplicação), consistiam em unguentos (***ìpara***), pastas (***àkunra***), sumos (***omi èsokéso***), saladas (***ẹ̀fọ́***), papas (***ẹ̀bà***), emplastros (***egbògi***), óleos (***epo***), tinturas (***àwọ̀ ewé***), xaropes (***oyin tegbògi***) para gargarejos (***yọnu***), inalações (***gbin***), banhos (***ìwẹ̀ ewé***), compressas (***tẹ̀yà***), pós (***atin***) ou chás (***àsèmu***).

Podemos observar que muitas das técnicas descritas abaixo, são ainda hoje utilizadas na cultura tradicional jêje-nagô, assim como nos tratamentos medicamentosos ocidentais (porém, com outras denominações).

Os ***ìpara*** (unguentos) eram confeccionados à base de azeite de dendê ou banha de *orí* levados ao fogo e acrescidos do sumo da maceração da erva coada após o ritual do *sàsányìn*. De uso externo, os unguentos eram usados desde contusão, tensão nervosa, problemas de pele, dores musculares ou ósseas e para tratamento em órgãos internos.

As ***àkunra*** (pastas) também tinham por base o dendê ou a banha de *orí*. Contudo, ao serem levados ao fogo, eram acrescidos de um pouco de cera de abelha, atin e do sumo da maceração da erva sem coar, após o ritual do *sàsányìn*. Serviam para males como isônia, inapetência, desmaios, dores localizadas e esquecimento. O uso das pastas era sempre externo, com aplicação sobre o órgão correspondente à moléstia tratada.

A obtenção dos ***omi èsokéso*** (sumos ou sucos) se dá a partir de folhas frescas, ou de frutas, com a utilização de pilões ou, conforme o caso, espremendo manualmente e depois coando o líquido. As doses nunca chegavam a um copo inteiro, como estamos habituados. Algumas gotas dos sumos ou sucos deveriam ser diluídos em água (na medida aproximada de uma colher de sopa) e tomados a cada duas horas, sendo: cinco gotas para adultos; três gotas para jovens de 10 a 15 anos; 2 gotas para crianças de 5 a 10 anos; 1 gota para crianças de 2 a 5 anos; 1 gota para bebês. Os sucos e sumos deveriam ser elaborados apenas no momento do consumo.

O consumo de ervas cruas como ***ẹ̀fọ́*** (saladas) era praticado pelos iorubas não apenas na culinária, mas também como tratamento curativo, considerando-se o princípio ativo de cada espécie. Geralmente, as saladas eram recomendadas como tratamentos preventivos de doenças, ou como método curativo para problemas pulmonares, febres, desiterias, prisão de ventre, escorbuto, malária e cegueira.

As ***ẹ̀bà*** (papas ou sopas) eram bastante frequentes. Seu preparo se dava a partir do cozimento de certas folhas, rizomas, tubérculos, ou raízes, puras em água; ou em conjunto com espécies diferentes. Às vezes algum tipo de farinha de inhame era acrescido para dar mais consistência. As papas e sopas eram sempre muito nutritivas e recomendadas como fortificantes para pessoas em convalescença, mulheres no estado puerperal, idosos e crianças, de forma geral.

Os ***egbògi*** (emplastros) eram feitos com as folhas piladas, puras ou com sal grosso, diretamente aplicados na parte doente do corpo. Também de uso externo, indicadas para feridas, doenças de pele, dores ósseas e musculares.

Os ***epo*** (óleos) eram preparados através de várias técnicas, variando conforme a escolha do herbalista. Uma das fórmulas mais simples era a seguinte: o material vegetal (talos, raízes, cascas, folhas, flores ou frutas) era pilado, colocado em um saco de pano e levado para ferver lentamente. Após

esfriar, o óleo observado na superfície da água era delicadamente retirado e depositado em um recipiente tapado por um pano. Este material deveria ficar à sombra por algumas semanas para que evaporassem os últimos resquícios de água. Outro método era fazer esse procedimento sem ferver a água, apenas valendo-se da luz do sol. Havia ainda os óleos/ resinas extraídos diretamente do caule de plantas vivas. De forma geral e conforme os respectivos princípios ativos, os óleos eram utilizados externamente como antissépticos, no combate ao nervosismo, insônia, prisão de ventre, enxaqueca, tratamentos de pele, dores de ouvido, sinusite, problemas articulares. Alguns óleos poderiam ter uso interno, e outros, externo. Havia óleos preparados especificamente como perfumes para reis, noivos e autoridades.

As ***àwọ̀ ewé*** (tinturas), extratos concentrados a partir da conservação de ervas em líquidos alcoólicos. Basicamente o procedimento consistia em colocar o elemento vegetal imerso em algum destes líquidos por alguns dias. Segundo os relatos, no continente africano usava-se inicialmente o vinho de palma (*ẹmu*), ou a cahaça (*ọtí*). Posteriormente, passou-se a utilizar-se o álcool. As tinturas eram preparadas a partir de folhas, cascas, raízes, caules, flores ou frutas e conforme o princípio, ativo e a finalidade, poderiam ser ingeridas, ou aplicadas externamente. Há registros de tinturas para emagrecimento, para favorecer a menstruação, tratamento do fígado, estômago, doenças pulmonares, manchas na pele, fortalecimento do organismo, entre outras.

Os ***oyin tegbògi*** (xaropes), eram preparados a partir da fervura de cascas, folhas, raízes e frutas, misturadas a mel de abelha ou melado e água. Usados no tratamento de doenças pulmonares, febres, fraquezas e vermes.

Os ***atin*** (pós), constituídos por diversas cascas, sementes, ossos e raízes secas raladas, piladas e peneiradas. Outro processo utilizado na preparação dos pós é denominado de *sundérú*. Este é o ato de queimar elementos e triturá-los até virarem pó, vulgarmente chamado de "moquiar". Os pós tinham vários usos, desde a ingestão a aplicação nas partes doentes, ou sua dispersão em ambientes, dependendo da finalidade e ingredientes.

Os produtos da herbologia eram aplicados através de gargarejos (***yọnu***), inalações (***gbin***), lavagens (***fọ̀ inú***), banhos (***ìwẹ̀ ewé***), compressas (***tẹ̀yà***), massagens (***fipa***) ou chás (***àsèmu***).

Os gargarejos (***yọnu***) eram preparados mediante a decocção ou a infusão de ervas. Sua realização deveria ser feita pela manhã (em jejum), ou à noite (antes de dormir).

As inalações (***gbin***) eram feitas da seguinte forma: punha-se as ervas destinadas a este fim para ferver bastante. Depois, o paciente deveria ficar sentado, coberto da cabeça aos pés, mantendo a vasilha da fervura também embaixo do pano, para que ele pudesse respirar e absorver a fumaça pelos poros.

As lavagens (***fọ̀ inú***) eram muito frequentes. Eram preparadas a partir da decocção de ervas. Os líquidos, ainda mornos, eram coados e introduzidos por via anal, uretral ou vaginal. Recomendava-se este tratamento em casos de constipação, vermes, infecções renais e uterinas.

Os banhos (***ìwẹ̀ ewé***) possuíam dupla finalidade: equilibrar as energias espirituais e também favorecer a absorção de propriedades terapêuticas pelos poros. Muitas vezes, o banho e o chá da mesma erva eram ministrados simultaneamente ao paciente, a fim de que o tratamento fosse mais rápido e eficaz, expulsando-se as negatividades e venenos do corpo. O líquido dos banhos era preparado por maceração. Para certas finalidades, os banhos poderiam ser ministrados frios, ou quentes.[13]

As compressas (***tẹ̀yà***) eram feitas com água quente, ou fria. Usava-se um pano embebido na água (pura ou com ervas próprias) para aplicar o líquido na parte doente, durante cerca de trinta minutos. Após este período, fazia-se uma leve massagem com um pano umedecido em água fria e depois cobria-se a parte tratada. As compressas quentes eram indicadas para dores abdominais, cólicas menstruais, cálculos renais, disenteria, indigestão, constipação, inflamações no abome, bronquite, água na pleura, pneumonia, terçol, dor de dentes, de ouvido e contusões. Aplicadas nas costas, facilitavam o sono.

As compressas frias seguiam o mesmo procedimento. Todavia, com a utilização de água fria, pelo mesmo período de tempo. Eram indicadas para meningite, apendicite, artrite, congestão cerebral e peritonite.

As massagens (***fifa***) consistiam em fricções feitas a seco, com óleos, unguentos ou pomadas tratativas, diretamente no corpo do indivíduo. Havia técnicas próprias, não sendo praticadas por curiosos, sob pena de errar o local exato da tarefa, seja para evitar o deslocamento de músculos, tendões,

ou ainda o aumento da dor desnecessariamente.

Os chás (***àsèmu***) eram meticulosamente elaborados e merecem detalhamento a parte. Flores, raízes, cascas, talos e folhas, não cozinhavam juntos. Os tempos de fervura, o momento da colocação da água, a temperatura da água em contato com as ervas e o período de descanso, produziam efeitos distintos. Por isso, os chás tinham as seguintes formas diferentes de preparo:

a) **tisana**: ervas colocadas na panela após a ebulição da água. Permaneciam tapadas em fervura por cerca de 5 minutos e depois retiradas do fogo para repousar por mais alguns minutos. Em seguida, eram coadas e servidas;

b) **infusão**: água fervida em separado e depositada sobre a erva em uma vasilha, que deveria ficar tapada, descansando, por cerca de dez minutos. Mais recomendada em caso de flores e folhas. Na infusão de raízes e talos, o descanso duraria cerca de vinte minutos;

c) **decocção**: água fria colocada sobre as ervas cruas e posta para ferver de cinco a trinta minutos (talos e raízes), ou de cinco a dez minutos (para flores e folhas. Após, descansa-se o preparado por mais alguns minutos, coa-se e serve-se;

d) **maceração**: as ervas deveriam ficar de molho em água fria por cerca de dez a doze horas. No caso de cascas, talos e raízes maleáveis, cerca de dezoito horas e quando de consistência mais rígida, em torno de vinte e quatro horas. Após o respectivo descanso, as ervas eram piladas ou maceradas à mão, depois coadas e servidas. Observar que este processo de maceração difere daquele descrito no ritual do *sàsányìn*. Aqui, a maceração seria para ingestão como chá. Na cerimônia à *Ọ̀sányìn*, o resultado da maceração serviria para banho.

De uma forma geral, seguiam o seguinte critério para a dosagem dos chás: “uma cuia funda” (cerca de 20 g, ou uma colher de sopa) para uma *ahá* (cabaça usada como copo, comportando cerca de uma xícara de chá, ou 240 ml).

A dosagem acima corresponderia ao uso das folhas frescas. No caso de folhas secas, a dosagem empregada cairia para a metade, quer seja: 10 g para uma xícara de chá.

Ao ministrarem os chás aos pacientes, levavam em conta sua idade e peso/ tamanho. Logo: cerca de cinco doses diárias para adultos; quatro para

jovens; três para crianças entre 5 e 10 anos; duas para crianças de 2 a 5 anos; uma para crianças de 1 a 2 anos; e meia para bebês.

Para potencializar os efeitos, os chás eram e são recomendados preferivelmente em jejum, pela manhã, ou ao deitar-se, duas horas após a última refeição.

No preparo e conservação dos chás, não se recomenda utensílios de alumínio, ferro, ou de qualquer outro metal. São indicadas panelas de barro, ou de esmaltados. O mesmo se estende aos sumos e sucos de frutas e folhas.

Os chás, sumos e sucos não devem ser adoçados com açúcar, mas, se for o caso, com mel natural.

A tradição jêje-nagô costuma sugerir o preparo dos chás, sucos e sumos no dia do consumo, para evitar que os preparados fermentem.

O momento da ingestão dos líquidos curativos é revestido de certa solenidade e atenção especial: não devem ser bebidos juntamente com outros líquidos, nem durante as refeições. Deve-se observar sempre um interstício de duas horas entre a ingestão de alimentos e as doses.

Os tratamentos com chá não costumam ultrapassar o período de dez dias, devendo ser o paciente avaliado neste período pelo herbalista.

Para tatamentos energéticos externos, em pessoas ou em ambientes, a cultura jêje-nago toma por base, em geral, três procedimentos:

a) ***ìfínra*** (defumação): feita com a queima de ervas secas, ritualmente colhidas, em carvão. Objetiva dispersar energias negativas através da fumaça produzida pelas plantas que têm esta propriedade. Também é possível fazer defumações para atrair energias positivas e prosperidade. Neste caso, as folhas utilizadas serão outras, as quais detêm este poder. A defumação pode ser realizada em ambientes, ou em pessoas;[14]

b) ***kasípálara*** (limpeza do corpo): ritual de limpeza energética do corpo; sacudimento. Espécie de ẹbọ ou trabalho realizado com a utilização de folhas que detenham tal propriedade, bem como com velas, certas comidas rituais, tecidos, elementos simbólicos etc. A complexidade e os elementos, são definidos previamente pelo sacerdote(*isa*), através de consulta oracular. Outro ritual com o mesmo propósito chama-se ***nù lára ènià*** (limpeza energética de ambiente ou de pessoa), um sinônimo do popular ritual de sacudimento;[15]

c) ***ẹbọ*** (oferenda): conforme a filosofia ioruba, a oferenda consiste em um sacrifício, em um empenho, em um esforço daquele que oferta. Este é o princípio basilar. É preciso que o ofertante mobilize a energia de seu esforço em prol de algo que almeja. Os *ẹbọ* podem ter várias finalidades: apaziguamento, agradecimento, limpeza espiritual, por exemplo. São constituídos por comidas votivas, folhas e demais elementos simbólicos, passados no corpo, ou diretamente oferecidos às divindades.

Vale dizer que, preventiva, ou terapeuticamente, o culto à cabeça (***bọrí***) sempre é avaliado pelo sacerdote como forma de tratamento propedêutico, ou terapêutico. A recomendação do *bọrí* é feita através da consulta oracular. Tal cerimônia pode então ser a única forma de tratamento para a doença, ou vir na sequência de outro ritual/ procedimento curativo.

A água nos processos curativos:

A utilização da água nos processos curativos merece ser observada. Os antigos herbalistas e sacerdotes de origem jêje-nagô mantinham a tradição de recomendar diversos procedimentos terapêuticos com a utilização da água.

Vale notar que na cultura ioruba a água (*omi*) é uma expressão da natureza de grande significância. Elemento feminino que representa a vida e a fecundidade, a água é um dos quatro elementos primordiais da natureza: ***omi*** (água), ***iná*** (fogo), ***afẹ́ẹ́fẹ́*** (ar) e ***ilẹ̀***, ou ***igbó*** (terra). A água, embora sutil, demonstra perseverança e poder, através dos rios e mares. A placidez dos lagos e lagoas proporciona serenidade e abastece os seres vivos do essencial. A água está presente em todos os ritos do Candomblé, dos iniciáticos, aos fúnebres. Quando um adepto morre, o primeiro ato é derramar a água contida nas quartinhas de seus elementos de culto, demonstrando que a vida se foi. A água está presente no corpo humano, compondo cerca de 70% do mesmo. Para equilibrar sua temperatura, o ser humano bebe água e transpira água. Sem ingerir água, o homem morre.

No panteão do Candomblé de origem nagô, os *òrìṣà* ligados ao elemento água, são: *Yemọja, Yẹwà, Ọ̀ṣùn, Ọbà, Lógun* (terra e água), *Òṣùmàrè* (terra e água) e *Òṣàlá* (água e ar).

Na cultura ocidental, o tratamento com a água é chamado de hidroterapia. Esta terapia consiste no tratamento pela água, em seus vários estados e temperaturas, como veículo de cura para o corpo. Os especialistas em hidroterapia afirmam que a água aplicada ao corpo humano provoca modificações que afetam o sistema nervoso, gerando efeitos no sistema circulatório e por via de consequência, sobre a regulação do calor. Por assim ser, o tratamento com a água acarreta reações nervosas, circulatórias e térmicas.

O Prof. Alfons Balbach (BALBACH, 1992) assim ensina sobre os efeitos da água no organismo humano:

> *"A água fria excita a sensibilidade periférica, razão pela qual produz uma sensação de bem estar e reanimação, funcionando como um verdadeiro tônico para o sistema nervoso. (...) A água quente, assim como a água fria, produz a excitação da sensibilidade periférica. Contudo, a principal diferença é que a água fria é mais tônica e sedativa do que a água quente".*

Mas os iorubas, na África, já empregavam técnicas muito parecidas, há milhares de anos, com a denominação de ***àdìmọ́ omi***, literalmente: abraço da água.

Passemos a conhecer algumas dessas técnicas utilizadas na tradição jêje-nagô brasileira, observadas até hoje em algumas Casas de Candomblé e ainda prescritas por antigos herbalistas.

- **Banho quente (*ìwẹ̀ omi gbígbóná*)**: o indivíduo deve manter o corpo inteiro em uma tina, ou banheira e a água deve ser despejada gradativamente de morna até quente. A duração é de cinco a dez minutos. Recomendado a obesos, pessoas que sofrem de gota, reumatismo e no alívio de convulsões. O banho quente ajuda a revelar doenças incubadas, como sarampo, escarlatina e rubéola. Este procedimento auxilia na eliminação das substâncias venenosas escondidas no corpo. À água quente, pode-se incluir algumas folhas dedicadas a tratamentos específicos. Antes do banho quente, recomendava-se beber muita água fria e, durante o banho, usar compressas de água fria na cabeça.
- **Banhos de água morna (*ìwẹ̀ omi nílọ́wọ́ọ́wọ́*)**: recomendação para pessoas anêmicas, nervosas, insones e débeis. Também é recomendada a compressa de água fria na cabeça durante o banho de imersão do corpo inteiro. A duração é de dez a vinte minutos.
- **Banhos de água fria (*ìwẹ̀ omi tútù*)**: imersão completa de meio minuto a dois minutos. Usado apenas duas horas após a refeição. O indivíduo deve ter o corpo aquecido antes da imersão. Usados para debelar a febre, inclusive tifoide. As pessoas com a saúde frágil devem começar com água morna e depois ir acrescentando a fria.
- **Banho de assento (*ìwẹ̀ jókó*)**: corpo sentado em tina, bacia funda, ou banheira, água quente cobrindo as nádegas e a pélvis até a altura máxima do umbigo. Os pés devem estar mergulhados em outro recipiente com água também quente. A duração é de dez a 20 minutos. Neste período, o corpo deve estar coberto, deve beber-se água fria e manter-se uma compressa de água fria na cabeça. Recomendado para indigestão, doenças no estômago, dos órgãos genitais, do fígado, rins e coração. Alivia as cólicas menstruais e as dores gerais nos órgãos doentes.

Os banhos de assento feitos com água morna, seguindo o mesmo procedimento daqueles com água quente, são indicados para grávidas nos

dois últimos meses de gestação, para facilitar o parto e para pessoas insones.

Os banhos de assento com água fria devem durar de dois a cinco minutos. Os pés devem estar imersos na água quente. Eram recomendados para dores abdominais, hemorroidas, hemorragia uterina, intestinal e vaginal.

Há casos em que os banhos de assento são alternados com água fria e água quente, a cada cinco minutos, com duração de quinze a vinte minutos. Esta situação é usada para amenizar os efeitos do reumatismo, cálculos renais e afecções urinárias.

- **Banho de tronco (*ìwẹ̀ àìyà*)**: como o próprio nome sugere, esta modalidade é restrita ao tronco humano. Era fabricada uma banheira com esta exclusiva finalidade, a qual possuía a parte das costas bem longa e inclinada em diagonal, favorecendo que o tronco ficasse imerso. A água deveria alcançar dos quadris até o umbigo, em temperatura média. Os pés não ficavam de molho. As partes do corpo não banhadas (ombros, pernas, pé, peito), deveriam ficar agasalhadas. Usado para moléstias nos olhos, laringe, cabeça, pescoço e doenças sexuais. Não se deve ingerir comida logo em seguida.
- **Banho vital (*ìwẹ̀ ìyè*)**: a água fria deve ser depositada em uma bacia. Sobre esta coloca-se uma tábua, na qual o indivídio deve se sentar sem molhar o corpo. Os pés são colocados em um balde com água quente. Com o auxílio das próprias mãos, ou de uma cabaça, a água fria da bacia vai sendo jogada no ventre do paciente, enquanto o mesmo vai sendo levemente massageado. Duração de dez a vinte minutos. Indicado para fomentar a circulação sanguínea e para o funcionamento do intestino.
- **Banho genital (*ìwẹ̀ ayùn-ara*)**: a água fria deve ser depositada em uma bacia. Sobre esta coloca-se uma tábua, na qual o indivídio deve se sentar sem molhar o corpo. Deve-se encharcar o pano na água e esfregar levemente a parte externa da genitália. A duração é de quinze a trinta minutos. Mulheres no período menstrual devem abster-se deste procedimento. Recomendado para febres, infecções e para tonificar o sistema nervoso.
- **Escalda pés (ì*wẹ̀ lẹ́sẹ̀*)**: os pés devem ficar imersos em uma tina com água quente cobrindo os tornozelos. A duração é de dez a vinte minutos, devendo ser trocada a água quente neste período. A cabeça deve levar compressa de

água fria. Utilizado em casos de gripe, friagem, congestão, espasmos, falta de menstruação, dor de dente, tumores, suores nos pés e lesões. Não se recomenda para mulheres grávidas. Ao final do tempo, os pés devem ser colocados em água fria por um minuto.

O banho dos pés pode ser também com água fria. Neste caso, a quantidade de água será maior: até a altura da panturrilha, com duração de dois a três minutos apenas. O procedimento excita a circulação local, sendo recomendado para quem sofre de pés frios e também para insones.

Também existe o escalda-pés alternado, com água quente seguido de imersão em água fria. O tempo é de cinco minutos em água quente e um em água fria, não passando de vinte minutos ao todo. Deve-se terminar o período na água fria. Indicado para ativar a circulação de sangue nos pés.

- **Banhos de vapor (*ìwẹ̀ èéfín*)**: para esse banho era necessário um compartimento próprio, uma espécie de caixa de madeira, na qual a pessoa ficava sentada em um banquinho, só com a cabeça de fora. Embaixo do banco, era colocada uma bacia com água pura fervente, ou com ervas próprias. O banquinho era preparado com várias perfurações pequenas, para que o vapor pudesse passar. Duração de quinze a trinta minutos, período no qual o indivíduo deveria ingerir bastante água fresca e usar compressas de água fria à cabeça. Após o período, a pessoa deveria ser banhada com água fria, do pescoço para baixo. Este banho era compreendido como um tratamento preventivo. Logo, mesmo as pessoas saudáveis deveriam utilizar este método periodicamente para ativar a circulação do sangue e depurar as impurezas retidas no organismo.

O Poder da fala e a cura:

A ativação dos elementos curativos se dá sempre através do poder da fala. É a palavra pronunciada nos encantamentos *(ọfọ̀)*, que será capaz de despertar o *àṣẹ* dos elementos para realizar a cura.

Imperioso notar que as formulações partem de consultas oraculares, que são individuais. Além de apresentarem situações momentâneas pelas quais passa aquele Ser, em determinadas ocasiões de sua vida. Desta forma, cada remédio só serve àquela pessoa, naquele momento. Diferente da medicina ocidental moderna, que desconsidera a individualidade e propõe remédios iguais a todos, não levando em conta as diversas fases da existência humana.



Capítulo 10

Ọ̀sányìn, o dono de todos os vegetais

Origem do culto:

O *Òrìṣà Ọ̀sányìn* é originário da cidade africana de *Ìràwò* (no território da atual Nigéria). Portanto trata-se de uma divindade de origem nagô/ ioruba.

Ìràwò fazia fronteira com o ex-Daomé (atual Benim). Em razão disso, confunde-se com a divindade de origem jêje *Agẹ* (palavra que significa "perneta").

Agẹ é um *Vodun*, existente no Daomé. Seu Templo foi construído entre os locais de adoração de *Mawu* e *Lisa*, e localiza-se em Abomé, no bairro de Djena.

Le Hérissé (HÉRISSÉ, 1903), define *Agẹ* como sendo "a terra". Já Herskovits (HERSKOVITS, 1959) o descreve como sendo

> *"... um caçador, é um deus da mata e os animais estão sob seu controle. Agẹ domina a mata com os animais que ali existem. É por isso que aqueles que dançam para Agẹ trepam nas árvores, como fazem os caçadores."*

A assimilação entre as Culturas Jêje e Nagô, proporcionou que no culto brasileiro a *Ọ̀sányìn*, este fosse saudado com os ritmos *bàtá*, *bravún* e *satọ̀*, típicos das etnias jêje (*fon, ewé*).

O culto a *Ọ̀sányìn* se estendeu a *Ibàdàn* e a toda a região, nas terras iorubas. As saudações a *Ọ̀sányìn* nos terreiros jêje-nagô são: ***Asà o!*** *("Oh, a Proteção!")*; ***Ewé o!*** *("Oh, a folha!")*; e: ***Ewé asà!*** *("A folha é proteção!")*.

Usa-se ainda: ***Ẹrú àjẹ́!*** *("O Erva é Enfeitiçada!)*. Contudo, esta expressão trata-se, em verdade, de encantamento (*ọfọ̀*) utilizado em rituais, para encantar certas folhas, transformando-as em substitutas de outras. Lit.: *ẹrú* (s. escravo) + *àjẹ́* (s. feiticeira).

Nas palavras da saudosa Mãe Stella de Oxossi (SANTOS, 2014): *"Ọ̀sányìn nasceu da mãe morte – Nànã – para dominar os segredos da vida."*

Características e regências:

Ọ̀sányìn é um *Òrìṣà* masculino, de características ímpares. É descrito sempre com dualidade. Embora frágil fisicamente, revela-se poderoso pelo conhecimento que detém sobre as ervas. Apesar de ser personificado por um homem que tem apenas uma perna, ele domina todos que têm duas...

Ọ̀sányìn tem apenas uma perna, assim como as árvores possuem um só tronco. Para que se derrube um tronco forte, muitos homens de duas pernas são necessários.

O *oríkì* abaixo revela estas características (VERGER, 2000):

"Àgbénigi, òròmọdìẹ abídí ṣónṣó
Aquele que habita as árvores, ave pequena que tem um rabo pontudo.

Ẹṣinṣin kí ní ẹ̀dọ̀ láìàwo kíní-kíní.
Aquele que possui o fígado delicado como da mosca.

Kòògo egbòrò irin
Aquele que é tão forte quanto uma barra de ferro.

Aképè nígbà ọ̀ràn kò sunwòn
Aquele que é invocado quando as coisas não estão bem.

Tíotio tin, ó gbà aṣọ òkùnrùn, ta gièǵiè.
O esbelto que quando recebe a roupa da doença, se move como se fosse cair.

Ẹlẹ́sẹ̀ kan jù ẹlẹ́sẹ̀ méjì lo.
O que tem uma só perna e é mais poderoso que os que têm duas.

Ewé gbogbo kíki oògùn
Todas as folhas têm viscosidade que se tornam remédio.

Àgbénigi, èsìsì kosùn
Àgbénigi, o deus que usa palha.

Agogo nlá sẹ̀ agbára
O grande sino de ferro que soa poderosamente.

Ó gbà wọn là tán, wọn dúpé tẹ́ni-tẹ́ni
A quem as pessoas agradecem sem
reservas depois que ele humilha as doenças.
Àròni já si kòtò di oògùn máyà
Àròni que pula no poço com amuletos em
seu peito.
Ẹlẹ́sẹ̀ kan ti ó lé ẹlẹ́sẹ̀ méjì sáré
O homem de uma perna que faz os de duas
pernas correrem."

O símbolo de *Ọ̀sányìn* (sua ferramenta ritual) é uma haste de ferro encimada por um pássaro, cercada por mais seis lanças apontadas para cima, de tamanho menor que a principal.

O pássaro retratado na ferramenta de *Ọ̀sányìn* é a própria representação de seu poder.

A ave atua como sua mensageira, voa para toda a parte e retorna pousando na cabeça de *Ọ̀sányìn* para fazer seu relato.

O pássaro é relacionado à *Ọ̀sányìn* não por acaso. As aves são fundamentais às plantas. São elas que polinizam. São elas que levam as sementes e fazem as florestas crescerem.

Originalmente na África, os sacerdotes de *Ọ̀sányìn* (*Olóòsanyìn*) não incorporavam esta divindade. Os *Olóòsanyìn* eram sempre do sexo masculino. Mas no Brasil, seus *elégún* (médiuns) o incorporam. Aqui, os encarregados de colher e realizar o culto às ervas podem ser homens (*bàbálosányìn*), ou mulheres (*ìyálosányìn*).

Ọ̀sányìn recebe os títulos de *Bàbá Ewé* (O Senhor das Folhas) e *Onìísègùn* (o Grande Médico).

***Ọ̀sányìn* e *Àrọ̀nì*:**

Conforme creem os iorubas, por ser muito metódico e reservado com seus mistérios e magias, *Ọ̀sányìn* não gosta que entrem na mata sem a sua permissão. Por isso, determina ao seu auxiliar *Àrọ̀nì* (um anãozinho perneta e de um só braço, que teria um olho pequeno e um grande – só enxergando com o pequeno, uma orelha pequena e uma grande – só escutando com a pequena) que se incumba de afastar as pessoas indesejáveis das florestas.

Verger relata em sua Obra "Notas sobre o Culto aos Orixás e Voduns" (EDUSP, 2ª edição, 2000) a seguinte descrição sobre *Àrọ̀nì*:

> *"Na África, dizem que foi Aroni quem levou o fogo para os homens, que não o conheciam. Ele o roubou no céu para dá-lo aos seres humanos. É descrito como um homem de um só pé, um só braço e um olho no meio da testa."*

Ellis (ELLIS,1894) descreve *Àrọ̀nì* da seguinte forma:

> *"Aroni é o deus da floresta (conhece a medicina tão bem quanto Ọ̀sányìn) e seu nome significa "aquele que tem os membros estropiados". É sempre representado em forma humana. Com uma perna só, a cabeça de um cachorro e uma cauda de cachorro."*

Na África conta-se que *Àrọ̀nì* agarra e devora pessoas na floresta, mas só os que tentam fugir. Os que o enfrentam sem demonstrar medo, são levados pelo próprio *Àrọ̀nì* para sua morada no interior das matas, onde os mantém por cerca de três meses e neste período lhes ensina a usar as plantas. Só depois desse aprendizado *Àrọ̀nì* os liberta e dá a estes escolhidos um pelo de sua cauda, como prova deste contato.

Àrọ̀nì se apresenta através dos redemoinhos de vento que fazem as folhas voarem alto. Esses redemoinhos são denominados por A.K. Ajisafe como *Ààjà*. Segundo este autor, *Ààjà* leva os homens para as florestas por um ano ou mais e durante este tempo, são alimentados por um ser sobrenatural, com o qual aprendem a fazer talismãs e magias com as plantas. Depois deste período, acordam em suas próprias casas sem saberem ao certo como foram parar ali de volta.

Um *korín ewé* (cântico das folhas), no ritmo *àgẹ̀rẹ̀*, comumente utilizado nos louvores a *Ọ̀sányìn*, menciona *Ààjà*:

Ààjà wú iná burúru
Ààjà wú iná burúru
Ààjà wú iná wú iná

Ààjà abre caminho difícil
Ààjà abre caminho difícil
Ààjà abre caminho difícil como fogo

Àrọ̀nì é por diversas vezes confundido com o próprio *Ọ̀sányìn* e assimilado no Brasil como o Saci Pererê (elemento do nosso folclore, conhecido por suas artimanhas).

É comum a utilização de um orin (cântico ritual) no ritmo *àgẹ̀rẹ̀*, durante a louvação a *Ọ̀sányìn*, mencionando *Àrọ̀nì*:

Ó igi igi òta Àrọ̀nì o
Ó igí igí òta Àrọ̀nì
Ewé bọ igi igi ni àwòrò òógun mọ̀
Ó igi igi òta Àrọ̀nì

A grande árvore é pedra de Àrọ̀nì, oh!
A grande árvore é pedra de Àrọ̀nì
O culto às ervas e às grandes árvores
pertence a quem conhece a medicina e
a magia
A grande árvore é a pedra de Àrọ̀nì.



Capítulo 11

A Folha
e a sabedoria

A rivalidade entre *Ọ̀sányìn* e *Ọ̀rúnmìlà*:

De acordo com a lenda colhida pelo pesquisador Bernard Maupoil (MAUPOIL,1943), *Ọ̀sányìn* seria um escravo comprado por *Ọ̀rúnmìlà*, quando este veio ao mundo:

> ***"Ọ̀rúnmìlà determinou que Ọ̀sányìn fosse capinar a terra para depois lavrar. Quando Ọ̀rúnmìlà levou Ọ̀sányìn ao campo para lhe mostrar o local do trabalho, foi indicando quais as plantas que deveriam ser cortadas.***
> ***Ọ̀rúnmìlà apontou a primeira a Ọ̀sányìn e esse disse: "Esta não pode ser cortada, é erva que cura as dores!" Ọ̀rúnmìlà apontou a segunda. Diante de uma planta que curava hemorragias, Ọ̀sányìn disse: "Esta estanca o sangue, não deve ser cortada". Ọ̀rúnmìlà apontou a terceira. E em frente de uma planta que curava a febre,***
> ***Ọ̀sányìn disse: "Esta também não pode ser cortada, porque refresca o corpo".***
> ***Ọ̀rúnmìlà que era um grande bàbáláwo ordenou que Ọ̀sányìn ficasse junto dele nos momentos de consulta, e que o ajudasse a curar os enfermos com o uso das ervas miraculosas. E assim Ọ̀sányìn acabou sendo conhecido como o grande médico."***

Fazendo-se a devida leitura do simbolismo envolvido, tem-se que *Ọ̀rúnmìlà*, a divindade do oráculo, é personificado como a sabedoria; e *Ọ̀sányìn*, o deus ioruba da cura é reconhecido como o próprio elemento vegetal. Logo, podemos interpretar que a "sabedoria", para que possa fazer uma boa leitura oracular, precisa da "presença" constante da folha. É através do oráculo que serão prescritas oferendas e remédios capazes de restituir a saúde. Assim, sabedoria que não tem folha por perto não faz bom jogo.

Existe uma rivalidade latente entre os adoradores de *Ọ̀rúnmìlà* e os de

Ọ̀sányìn. Há histórias que refletem a competição entre os *Oníṣègùn* (os grandes médicos) e os *Bàbáláwo* (consultores do oráculo), como o *ìtàn* a seguir (VERGER, 2000):

> ***"Ifá foi consultado por Òrúnmílá. Òrúnmílá estava partindo da Terra para o Céu. Ele estava indo apanhar todas as folhas.***
>
> ***Quando Òrúnmílá chegou ao Céu, Olódùmaré disse:***
>
> ***"Eis todas as folhas que queria pegar. O que fará com elas?"***
>
> ***Òrùnmílá respondeu que iria usá-las para beneficio dos seres humanos na Terra.***
>
> ***Todas as folhas que Òrunmílá estava pegando, Òrúnmílá carregaria para a Terra.***
>
> ***Quando chegou à pedra Àgbàsaláààrin ayé lòrun (esta pedra que se encontra no meio do caminho entre o céu e a Terra), aí Òrúnmílá encontrou Ọ̀sányìn no caminho e lhe perguntou:***
>
> ***"Onde vai?"***
>
> ***Ọ̀sányìn disse:***
>
> ***"Vou ao Céu. Vou buscar folhas e remédios."***
> ***Òrúnmílá falou:***
>
> ***"Já fui buscar folhas no Céu para benefício dos seres humanos da Terra. Olhe todas essas folhas!***
>
> ***Ọ̀sányìn pode apenas conduzir todas as folhas. Ele poderia fazer remédios (feitiços) com elas, porém não conhecia seus nomes.***
>
> ***Foi Òrúnmílá quem deu nome a todas as folhas. Assim Òrúnmílá nomeou todas as folhas naquele dia.***
>
> ***Ele disse, você Ọ̀sányìn carrega todas as folhas para a Terra, disse, volte, iremos para Terra juntos.***

Foi assim que Òrúnmílá entregou todas as folhas para Ọ̀sányìn naquele dia. Foi ele quem ensinou a Ọ̀sányìn o nome das folhas apanhadas."

Conforme este mito, já não teria sido *Ọ̀rúnmìlà* a aprender as folhas com *Ọ̀sányìn*, mas vice versa. Ou seja, o pano de fundo desta disputa é saber quem é mais capaz de curar: a sabedoria (personificada por *Ọ̀rúnmìlà*), ou o elemento vegetal (representado por *Ọ̀sányìn*).

A disputa entre Oferenda e Remédio:

Outro interessante *ìtàn* relata a disputa entre *Ọ̀rúnmìlà* e *Ọ̀sányìn* pelo título de "mais velho".

Vale dizer que na cultura ioruba, a senioridade é símbolo de valor, conhecimento, poder, sabedoria e, portanto, de respeitabilidade. Logo, o mais velho seria aquele que teria mais importância sobre o outro e maior reconhecimento social. Este é um dos mais belos contos da religiosidade ioruba (BARROS, 1993):

> ***"Ossaim tinha um filho chamado "Remédio" e Orunmilá um filho chamado "Oferenda".***
>
> ***Os pais queriam disputar para saber qual dos dois era mais velho.***
>
> ***Resolveram então procurar o rei Àjàláyé. Àjàláyé sugeriu promover uma competição entre Ossaim e Orunmilá. O rei mandou que os dois rivais trouxessem seu filho mais velho.***
>
> ***Orunmilá chamou então Oferenda e Ossaim chamou Remédio.***
>
> ***Cada qual ficaria enterrado por sete dias num buraco. Aquele que fosse chamado e sobrevivesse, daria ao pai o título de mais velho. E assim foi feito. Dois buracos fundos foram cavados um ao lado do outro. Sacrifício e Oferenda foram enterrados.***
>
> ***Orunmilá assim que enterrou o filho, foi para casa consultar Ifá. Ifá recomendou que ele oferecesse èkuru, pimenta-da-costa, um galo, um bode, um pombo, um coelho e dezesseis búzios. Os ebós deveriam ser colocados em quatro lugares: um na estrada, um na encruzilhada, um para Exu e um na praça do mercado.***

Orunmilá obedeceu. Sacrificou o coelho e Exu colocou dentro dele seu poder e o ressuscitou. O coelho cavou um buraco na encruzilhada diretamente para a cova onde estava enterrado o Filho de Orunmilá. Assim o coelho levou comida para Oferenda.

Já haviam se passado três dias. Remédio, filho de Ossaim, nada comera, mas conhecia os feitiços da terra e conseguiu chegar até o filho de Orunmilá.

Ao se aproximar de Oferenda, perguntou o que o filho de Orunmilá havia comido naqueles três dias. Oferenda respondeu que seu pai havia enviado comida através do ẹbọ.

Remédio pediu ajuda. No entanto Oferenda relutou... Estavam no meio de uma disputa importante que envolvia seus pais!

Mas Remédio insistiu. Disse que não sobreviveria. Disse ainda que no 7º dia, quando fossem chamados, não responderia, dando a vitória à Oferenda.

Oferenda resolveu então ajudar. Deu comida a Remédio.

No sétimo dia, chamaram o filho de Ossaim:

Remédio! Remédio! Remédio!

Mas ninguém respondeu.

Chamaram então pelo filho de Orunmilá:

Oferenda! Oferenda! Oferenda!

E Oferenda se levantou! Estava são e bem disposto!

Mas para surpresa de todos, em seguida Remédio também se mostrou vivo, são e bem disposto!

Remédio explicou que Oferenda lhe salvara a vida e que haviam por isso feito

um pacto.

Daí surgiu um provérbio dizendo que as "oferendas" são mais eficientes do que os "remédios".

Assim Orunmilá ganhou mais prestígio do que Ossaim."

Reginaldo Prandi, em Mitologia dos Orixás, relata um *ìtàn* ainda indicando as disputas entre *Ọ̀rúnmìlà* e *Ọ̀sányìn* (PRANDI, 2001):

"Ossaim é mutilado por Orunmilá

Ossaim vivia numa guerra não declarada contra Orunmilá,

Procurando sempre enganá-lo,

Preparando armadilhas, para transtorno do velho.

Um dia Orunmilá foi consultar Xangô para descobrir

Quem seria aquele inimigo oculto que o atormentava.

Xangô aconselhou-o a fazer oferendas.

Devia oferecer doze mechas de algodão em chamas e doze pedras de raio, edum ará.

Se isso fosse feito, seria desvendado o segredo.

Ao iniciar o ritual, Orunmilá invocou o poder do fogo.

No mesmo momento, Ossaim andava pela mata procurando novamente algo para enfeitiçar Orunmilá.

Ossaim foi surpreendido por um raio, que lhe mutilou um braço e a perna e o cegou de um olho.

Orunmilá seguiu para o local onde se via o fogo e ouviu gemidos do aleijado.

Ao tentar ajudar a vítima encontrou Ossaim, descobrindo por fim quem era seu misterioso inimigo."

Herbologia e ifalogia:

Me permito criar os neologismos acima, com o propósito de distinguir minimamente o caráter filosófico e científico concernentes a estas práticas iorubás. Mesmo que os alicerces acadêmicos ocidentais ainda não dêm conta de compreender metodologias e ciências que diferem do padrão eurocentrado, é imperioso reconhecer procedimentos, experimentos e acúmulos de conhecimento que se estabelecem com outra lógica. A rivalidade entre os seguidores de *Ọ̀sányìn* e de *Ọ̀rúnmìlà* talvez resulte da proximidade das duas ciências dominadas por cada uma destas divindades: o herbalogia (*Ọ̀sányìn*) e o ifalogia (*Ọ̀rúnmìlà*).

A prescrição do número de ervas a serem utilizadas nos banhos, deve corresponder a um princípio numerológico, ou melhor, um princípio relativo à ciência de *Ifá*. Tal princípio baseia-se no numeral do *odù* correlacionado ao *Òrìṣà* em questão, tomando por base a ifalogia (ciência que estuda a filosofia e a manipulação prática do Oráculo de *Ifá*).

Assim, em determinadas Casas de Candomblé, para a iniciação de um neófito do *Òrìṣà Ọmọlu*, por exemplo, devem ser empregadas 7 ervas desta divindade, pois "7" é o número do *odù* deste *òrìṣà*: *Odí*.

Em outros templos de Candomblé, o número das folhas está relacionado à busca do equilíbrio entre as plantas com propriedades excitantes (*gún*) e as calmantes (*ẹ̀rọ̀*). Desta feita, no *àgbo* (banho de ervas) usam-se 8 ervas *gún* e 8 *ẹ̀rọ̀*, perfazendo o total de 16, que corresponde ao *Odù Àlàáfíà*.

De uma forma ou de outra, a ifalogia sempre resta presente no manuseio das ervas.

Ifalogia e herbologia são tão próximas que em algumas situações se confundem. Como no caso de *ìròsùn*. Esta palavra dá nome a um *odù* no sistema de *Ifá* e também é o nome de duas plantas utilizadas na herbologia: BAPHIA NITIDA e PTEROCARPUS OSUN, ambas do tipo Leguminosae Papilinoideae.[16]

Observa-se, a partir de então, a forte ligação entre *Ọ̀sányìn* e *Ọ̀rúnmìlà*.

Cada vez que *Ọ̀rúnmìlà* é consultado através do oráculo, um *odù* aparece indicando algo. Todas as providências e prescrições decorrentes

correspondem ao número do referido *odù*.

Por assim ser, os *Bàbáláwo* (“pais do segredo”, olhadores do oráculo), ao consultarem o processo de divinação de *Ifá* através dos 256 *àwọn odù* (odus), necessitam conhecer as ervas adequadas para procederem aos encantamentos, as curas e as proteções pertinentes. Ou seja, também devem levar em conta a herbologia (ciência ioruba que se incumbe de conhecer os princípio ativo material e imaterial dos elementos vegetais e empregá-las no culto e no reequilíbrio físico e emocional).

Por outro lado, os *Bàbálósányìn* (“pais das virtudes das ervas”), precisam ter noções relativas aos *àwọn odù* (odus), para encontrarem os números precisos da composição das ervas a serem manipuladas.

O *ìtàn* de *éjì onílẹ̀*, signo de número 8 do Oráculo de *Ifá* relata a ligação indispensável entre as *àwọn ewé* (ervas) e os *àwọn odù* (odus):

> ***“Um homem que estava prestes a ser visitado pela morte, sentindo a aproximação desta visita, foi consultar Ifá. Ifá o aconselhou a fazer um ebó com peixe assado, preá e jenipapos verdes. O peixe assado e o preá ele tinha que levar como oferendas. Mas os jenipapos verdes ele deveria passar em todo o corpo, o que lhe deu uma cor escura. Dias depois a morte foi visitá-lo, mas quando chegou em sua casa não o reconheceu. Desta forma a morte foi embora sem levar a quem procurava. Durante muito tempo o homem viveu sem infortúnios.”***

Este é um exemplo da utilização do elemento vegetal para solucionar um problema indicado mediante a consulta do Oráculo de *Ifá*. Observa-se que a manipulação do oráculo por si só, nem a ifalogia foram suficientes. Foi necessário o conhecimento da herbologia para utilização da planta adequada (jenipapo), a fim de lograr o objetivo de livrar o personagem da morte.

Abaixo transcrevemos um exemplo inverso, onde a utilização das ervas para o fim necessário depende da manipulação correta do *odù* (VERGER, 2000):

> ***“268- TRABALHO PARA AGRADECER AO SER SUPREMO***

Folha de ANOGEISSUS LEIOCARPUS, Combretaceae

Folha de GARCINIA KOLA, Guttiferae

Folha de ALLIUM CEPA, Liliaceae (cebola)

Sabão-da-costa

Pilar com sabão-da-costa. <u>Desenhar o odù em ìyèròsùn (odù de nº Ɛ, regido por Yemọja)</u>. Misturar tudo. Usar esponja nova para lavar a cabeça à tarde no rio e pedir o que se deseja."

(grifos nossos)

Originariamente na África, o trato ritual das ervas e a consulta ao oráculo eram praticados cada qual por seus respectivos especialistas. Mas no Brasil, pela escassez destes conhecedores, tal tradição acabou por se perder.

Anos atrás, era comum que terreiros famosos de Candomblé chamassem alguns *Bàbáláwo*, até mesmo de outros Estados, para fazerem consultas especiais. Assim como os *Bàbálósányìn* eram também "importados" de outras comunidades para orientações específicas.

Atualmente, os sacerdotes (*Bàbálòrìṣà*) de cada terreiro costumam acumular ambas as funções às suas atribuições cotidianas. Quando muito, designam membros da Casa de Candomblé para exercerem tais misteres, concedendo-lhes cargos próprios.

Paridade e imparidade:

Na cultura ioruba, os números ímpares indicam a noção de movimento, mudança de etapas. O ímpar é o "incompleto". Logo está em processo de alteração para o numeral "par".

Já os números pares pressupõem equilíbrio, moderação, estabilidade.

José Flávio Pessoa de Barros (BARROS, 1993), refere-se a *Ọ̀sányìn* como aquele que

> *"... possui a sua imparidade afirmada por certas características: tem uma só perna, um só olho, um só braço, como insistentemente descrito por nossos informantes e como colocado na literatura, por vários autores, entre eles Cabrera, Thompson, Simpson e Ellis."*

O *odù* regido por *Ọ̀sányìn* é *Ikà*, de número 14, que remete a inovações. Embora 14 seja par, a soma dos números 1 e 4, resulta em um numeral ímpar.

A relação entre *Ọ̀sányìn* e *Èṣù*:

Esta capacidade de transformar, de inovar, de interligar, de movimentar as coisas em seu estado natural, leva *Ọ̀sányìn* a uma associação direta com *Èṣù*.

Èṣù é o mensageiro entre os *àwọn òrìṣà* (orixás) e os homens. É *Èṣù* quem transmite as mensagens das divindades através do oráculo para os olhadores.

Assim como *Ọ̀sányìn*, *Èṣù* é um intermediário entre dois mundos. *Ọ̀sányìn*, intermedeia o mundo dos homens e dos vegetais. *Èṣù*, intermedeia homens e deuses. Ambos interligam materialidade e imaterialidade.

Ọ̀sányìn, Senhor dos mistérios das plantas, medeia homens e natureza através do uso das plantas. Ele é quem possui a chave do portal que dá acesso ao poder das ervas. No processo de iniciação do Candomblé, para transformarem-se em altares vivos de seus deuses, os seres humanos precisam banhar-se com o elemento vegetal. Precisam que *Ọ̀sányìn* desperte as propriedades das ervas. Homens não podem ser iniciados para nenhum dos deuses sem antes *Ọ̀sányìn* dar acesso, sem antes Ele abrir o portal.

É *Ọ̀sányìn* quem promove a ligação entre os quatro elementos da natureza, através dos *àwọn òrìṣà* que se enquadram em cada um destes compartimentos e os homens.

Ọ̀sányìn e *Èṣù* podem não têm correspondência ritual no Candomblé, nem correlação litúrgica, nem mesmo histórica. Mas suas funções são as mesmas, apesar de possuírem regências diferentes.

Outros autores reforçam a tese. Thompson (THOMPSON,1969) afirma:

> *"... Èsù enganador dos Yorùbá e, como esta divindade, Òsányìn age como mensageiro entre este mundo e o outro."*

Ainda da mesma obra, recolhemos interessante texto que retrata tais funções/ atribuições de *Ọ̀sányìn*:

> ***"Espírito Òsányìn, propulsor dos deuses***
> ***da floresta.***
> ***Sino dançarino do poder.***
> ***Mensageiro do céu.***
> ***Curvam-se perante o pai (Òsányìn).***

Pênis do mal, lâmina cortante.
Vagina do mal, esfregada com preparações.
Visível e invisível.
Parte da palmeira, potente desde o início.
Homem de uma só perna que corre mais rápido que os de duas.
Floresta malvada, que não reconhece superior.
Oh! Floresta que recolhe as dívidas dos homens."

Por fim, podemos afirmar pelo princípio balisador do equilíbrio, alicerce da cultura ioruba, que *Èṣù* e *Ọ̀ṣányìn* formam um par complementar, indispensável à interligação de homens e deuses.

Sem *Èṣù*, as divindades não podem se comunicar com os seres humanos, pois é *Èṣù* quem responde no oráculo, trazendo a mensagem da sabedoria.

Sem *Ọ̀ṣányìn*, os homens não conseguem adentrar aos mistérios da natureza por meio das propriedades das ervas. É *Ọ̀ṣányìn* quem promove a ligação entre os *àwọn òrìṣà* (orixás), os elementos da natureza e os homens.

Roger Bastide (BASTIDE, 1955) também indicou a relação entre *Èṣù* e *Ọ̀ṣányìn* através de seus símbolos, os dois com 7 barras de ferro em seus assentamentos rituais: *"...significando os 7 caminhos do Reino."*

Cabrera (CABRERA, 1992) notou a relação entre estes dois orixás também em Cuba:

> *"Para muitos velhos, a feitiçaria que Eleggua (Èṣù) guardava nas três cabaças e que "falava" tinha por nome Ossaim."*

Assim como *Ọ̀ṣányìn*, *Èṣù* também é representado em seus assentamentos pelo elemento ferro. Tanto os ferros de *Èṣù* como os de *Ọ̀ṣányìn*, costumam conter sete barras, apesar de possuírem diferentes desenhos.

Para José Flávio Pessoa de Barros (BARROS, 1993),

> *"Assim como Èṣù, Ọ̀ṣányìn não é macho, nem fêmea, e muito menos andrógeno, possibilidade esta que daria ensejo à recondução da ordem. Eles não têm uma sexualidade, eles são a sexualidade."*

A ambiguidade de *Ọ̀ṣányìn* também se revela pela erva mais importante em seu ritual: a *patìọba (Syagrus Botryophora)*.[17] Esta erva tem uma forma alongada (fálica), contudo em sua parte posterior pode ser observado um

folíolo, o qual se apresenta como um órgão sexual feminino. Por este motivo, a *patìọba* é considerada na liturgia do Candomblé uma folha de "dois sexos".

A tradução do nome desta planta (*patìọba*), significa: "de um dos lados fica o rei", indicando a dualidade de sentidos e significados.

É com a folha da *patìọba* que se criou a mística dos rituais através dos quais supostamente seria possível a troca da orientação sexual de uma pessoa.

Qualidades e oferendas:

Na maioria dos terreiros, os colares rituais dedicados a *Ọ̀sányìn* são feitos com miçangas de vidro na cor branca leitosa, rajadas de verde-escuro.

Os filhos de *Ọ̀sányìn* costumam ter como *èèwọ̀* (interdito), a ingestão de raízes de todas as plantas.

No Brasil, *Ọ̀sányìn*, a exemplo de outras divindades africanas, passou por um processo de sincretismo e fusão, a partir do qual deuses de origens diversas eram condensados em uma só divindade tendo como critério suas similaridades. E a maneira de harmonizar estas peculiaridades, foi considerando-as como "qualidades" do mesmo *òrìṣà*.

Para efeito exclusivamente informativo, elencamos duas das chamadas "qualidades" de *Ọ̀sányìn* cultuadas no Brasil e catalogadas em nossa pesquisa:

- ***Agẹ*** – oriundo da assimilação do *vodun Agẹ* originário da cidade jeje do Daomé. Seu Templo foi construído entre os locais de adoração de *Mawu* e *Lisa*, e localiza-se em Abomé, no bairro de Djena. Para os *fon*, *Agẹ* representa "a terra". É um caçador. *Agẹ* domina a mata com os animais que ali existem. Foi assimilado como um auxiliar de *Ọ̀sányìn*, ou como uma qualidade deste no Candomblé. Na Casa Branca do Engenho Velho (Salvador-BA), um dos mais tradicionais terreiros do Brasil, nas cerimônias públicas de louvor aos *Òrìṣà* (*ṣiré*), canta-se para *Ọ̀sányìn* e, em seguida, para *Agẹ*.
- ***Àrọ̀nì*** – nome de uma divindade dos vegetais descrita como um anão (duende), que só tem uma perna, um braço e um olho, tido como auxiliar de *Ọ̀sányìn* ou por uma das qualidades deste no Candomblé. A palavra *àrọ̀nì* em ioruba, significa deformidade. Nas regiões Norte e Nordeste do Brasil é personificado por um anão que usa um gorro vermelho enfeitado com búzios, um cachimbo de barro e pula numa perna só. Nestas localidades, na base de seu assentamento, usam algodão. Para invocá-lo, utiliza-se fumo de rolo em cima da brasa e um ovo quebrado.

Uma interessante curiosidade que bem demonstra as peculiaridades e a diversidade em torno de *Ọ̀sányìn*: dois dos mais tradicionais terreiros de Candomblé do Brasil possuem visões distintas acerca da sexualidade desta

divindade: no *Ilé Àṣẹ Òpó Àfọ̀njá*, *Ọ̀sányìn* é cultuado como homem, mas no *Gantois* é uma mulher, recebendo cabras como oblação.

No Candomblé, *Ọ̀sányìn* é louvado através das seguintes oferendas litúrgicas:

• **Animais (*àwọn ẹranko*)**: bodes de cores variadas, porcos, preá, frangos de pescoço pelado (casal), galos, angolas (machos) e pombos brancos.

• **Comidas secas (*onjẹ bílẹ̀*)**:

abóbora de *Ọ̀sányìn* (*elégédé Ọ̀sányìn*): feita à base de uma abóbora moranga cozida sem o miolo, recheada com canjica cozida, enfeitada com tiras de fumo de rolo e temperada com mel;

acaçá (*àkàsà*): Mesmo que *ẹ̀kọ*. Feita a base de farinha de milho branco cozida em água até transformar-se em um mingau e depois envolvida em folha desidratada de bananeira (*ṣáfẹ̀*), podendo ganhar forma de pirâmide, ou travesseiro, conforme a tradição da Casa. Os principais rituais de Candomblé usam o *àkàsà* como elemento indispensável. Representa o corpo. Em sua forma piramidal, o *àkàsà* aponta para o céu, como que mostrando ao homem a direção do Criador. O *àkàsà* só deve ser desembrulhado no momento do rito, como que desnudando o corpo para a beleza do etéreo. Sua cor, imaculadamente branca, remete à cor de *Ọ̀ṣálà*: o branco da pureza, o branco do início e dos finais de cada ciclo;

acaçá de inhame (*àkàsà iṣu*): inhame (ou mandioca) descascado, e cozido. Depois, amassado e misturado com sal e azeite doce (sem levar ao fogo). A massa é embrulhada em folhas de bananeira e servida;

batata-doce (*òdùkún*): mesmo que *kúkúndùkún*, ou *ànàmọ́*. Batata-doce cozida, servida pura, ou amassada e refogada com azeite de dendê, camarão seco e cebola ralada;

espiga de milho (*eríkà*, *erín ìgbado*, ou *odidi àgbàdo*): espigas de milho cruas ou cozidas;

milho cozido (*àṣòṣò*): milho vermelho debulhado, lavado e cozido. Depois de escorrido, é refogado com dendê, camarão seco e cebola ralada. Quando servido, é enfeitado com lascas de fumo de rolo e temperado com mel.

frutas (àwọn èso): diversas.

salada doce (*ẹ̀fọ́ dídùn*): preparada com diferentes folhas verdes cruas, regadas com mel.

mandioca com folhas de fumo (*gbágùda pẹ̀lú tábà*): mandioca descascada e cozida (levemente). Após fria, é partida e cada pedaço temperado com sal e azeite. Depois, enrolado em folhas de fumo e servido em um alguidar.

mel (*oyin*): servido em coités ou cabaças, pode ser acompanhado de fumo de rolo.

papa de inhame (*ẹ̀bà iṣu*): constituída a partir de inhame descascado, cozido e amassado, servido em um alguidar forrado com folhas de fumo e regado com azeite.



Capítulo 12

Ọmọlu,
o grande médico

Origem e releitura brasileira:

Apesar de *Ọ̀sányìn* ser considerado entre os iorubas como *oníṣègùn* (o Senhor da arte de curar), outra divindade é responsável pela saúde e pela doença, no panteão do Candomblé: *Ọmọlu*.

Aqui no Brasil, *Ọ̀sányìn* teve sua regência restrita aos elementos vegetais, enquanto *Ọmọlu* passou a ser mais reconhecido como o grande médico.

Ọmọlu é um *òrìṣà* originário da região de Empe, ou Nupe no território Tapá no antigo Daomé, filho mítico de *Nàná*. No Brasil, *Ọmọlu* e *Ọbalúwáiyé* são considerados como um mesmo *òrìṣà*, sendo o primeiro uma versão mais velha, enquanto o segundo sua energia mais jovem.

Para a religião tradicional ioruba, *Ọmọlu* ("Filho da Quentura" – referência à febre), seria um dos títulos da divindade das doenças infecciosas: *Bàbálúwáiyè*.

***Ọmọlu*, *Nànà* e o ferro de *Ògún*:**

No culto a *Ọmọlu* e *Nànà*, há indícios que remontam eras anteriores à Idade do Ferro, posto que não são utilizadas ferramentas daquele metal fundido.

Há um *ìtàn* que explica este fato. O conto revela uma disputa entre *Nànà* e *Ògún*, o qual justificaria que *Nànà* e toda a sua descendência, não se valeriam do ferro (regido por *Ògún*) para se alimentarem.

> ***Ògún pegou o minério e o transformou em ferro. Forjou ferramentas para plantar, forjou armas para guerrear, forjou lanças e facas para caçar, matar e alimentar seu povo.***
>
> ***Sua inovação trouxe riquezas, glórias e muita fartura.***
>
> ***Ògún então se disse o mais importante òrìṣà, pois ele inventou o ferro e com isso trouxe prosperidade para seu povo.***
>
> ***Nànà, contudo, não aceita a petulância do jovem guerreiro. Diz que ela já existia sem o ferro e há muito tempo ela e toda sua prole faziam tudo isso antes de Ògún nascer. E para provar que tinha razão, a velha divindade da vida e da morte diz a Ògún que não precisa de seu invento. Nànà diz a Ògún que nem ela, nem sua descendência jamais usarão o ferro de Ògún para se alimentar.***

Contudo, segundo Verger (“Orixás, ed. Corrupio, Salvador, 2002”), esta disputa entre tais divindades poderia revelar um choque de religiões pertencentes a civilizações diferentes, sucessivamente instaladas em uma mesma região e datando de eras anteriores e posteriores à Idade do Ferro. Ou ainda, de conflitos culturais de povos vindos de regiões distintas, uns do leste da África (*Ògún*) e outros do oeste, anteriores à migração de *Odùduwà*.

A nosso turno, analisamos que o conflito mítico entre *Nànà* e *Ògún*,

perpassa estes e outros símbolos sociorreligiosos. No embate entre estas duas divindades, temos diferentes conflitos postos em cheque e personificados por *Ògún* X *Nàná*: o eterno conflito entre gerações (novos X velhos); a discussão sobre a importância, ou a imprescindibilidade do ferro em relação aos utensílios tradicionais (modernidade X a tradição); a rivalidade entre culturas (etnia ioruba X etnia *fon*); a independência do gênero feminino em relação ao masculino em uma sociedade patriarcal (homem X mulher).

***Ọbalúwáiyé*, seu surgimento e as divindades das doenças:**

Ọmọlu e *Ọbalúwáiyé*, assim como *Òsányìn*, estão associados ao elemento terra.

Na versão africana, *Ọmọlu* e *Ọbalúwáiyé* possuem regência sobre as doenças de pele e endêmicas, em geral.

Diversas outras divindades de origem nagô e também de etnia *fon* (jêje), têm atribuições sobre doenças, como *Pọsún*, *Ṣọ̀pọ̀ná* ou *Ṣọ̀npọ̀nná*, *Jagun*; *Azawany*; *Ajùnsún*, *Sakpàtá*. No Brasil, estes deuses foram gradativamente sendo fundidos como "qualidades" umas das outras. Portanto, apesar de suas diversas origens, histórias, culturas e ritos, passaram a portar, quase sempre, os mesmos objetos rituais, as tradicionais vestes litúrgicas feitas de palha, cânticos, rezas de louvor e até mesmo uma única saudação: *Atótóo*! (Silêncio em Respeito a Ele!).

É uma lenda de *Ifá* que esclarece a origem de *Ọbalúwáiyé* (VERGER, 2002):

> ***"Ọbalúwáiyé era originário de Empé (Tapá) e havia levado seus guerreiros em expedição aos quatro cantos da Terra. Uma ferida feita por suas flechas tornavas as pessoas cegas, surdas ou mancas. Ọbalúwáiyé-Ṣànpònná chegou assim ao território mahi no norte do Daomé, batendo e dizimando seus inimigos, e pôs-se a massacrar e a destruir tudo o que encontrava a sua frente. Os mahis, porém, tendo consultado um bàbáláwo, aprenderam como acalmar Ṣànpònná com oferendas de pipocas. Assim, tranquilizado pelas atenções recebidas, Ṣànpònná mandou-os construir um palácio onde ele passaria a morar, não mais voltando ao país Empê. O Mahi prosperou e tudo se acalmou. Apesar desta escolha, Ṣànpònná continua a ser saudado como Kábíyèsí Olútápà Lẹmpe."***

Ọbalúwáiyé e *Ṣàngó* regem energias antagônicas. Enquanto o primeiro possui uma energia fria e governa as doenças (em geral), as endemias e a decomposição, o segundo é o próprio fogo e rege a vida, a longevidade. Talvez por isso, alguns no Candomblé os vejam como incompatíveis e até como divindades que não possam habitar o mesmo ambiente. Todavia, desde os primórdios do culto a ambos na África jamais foi registrado por nenhum pesquisador, antropólogo ou historiador qualquer episódio, relato, ìtàn, ou fundamento litúrgico que referende tal assertiva. Antes pelo contrário, Verger ("Orixás, ed. Corrupio, Salvador, 2002") os qualifica como irmãos, sendo ambos nascidos em Nupe e *Ọbalúwáiyé* descrito como o mais velho.

Verger conclui em seus estudos que *Sakpàtá* seria a versão *fon* de *Ṣọ̀npọ̀nná* (ioruba). O culto a *Sakpàtá* seria localizado em *Mahi*, especificamente em uma aldeia por nome Pingini Vedji, próximo a Dassa Zumê, porém trazido pelos nagôs.

O principal elemento rirtual das divindades da saúde e da doença no Candomblé, são o *ṣàṣàrà* (para *Ọmọlu* e *Ọbalúwáiyé*) e *ọ̀kọ̀* (para *Ọbalúwáiyé*).[18]

Os títulos atribuídos tanto a *Ọmọlu* quanto a *Ọbalúwáiyé* no Candomblé, são: *Aynọn* (O Dono da Terra); *Olóde* (O Senhor do Indivisível); *Olóore* (O Senhor da Bondade); *Bàbá Ìgbóná* (Pai da Quentura – febre, calor).

O mito da esmola:

Os terreiros de Candomblé de tradição nagô homenageiam anualmente *Ọmọlu* e *Ọbalúwáiyé*, através da cerimônia do *olúbáję*.

No período que antecede o *olúbáję*, realiza-se o *ṣagbeję*. Trata-se do ritual de esmolar durante os ritos a *Ọmọlu*.

Faz parte da tradição das Casas de Candomblé levar seus adeptos para pedir esmolas em locais públicos, devidamente paramentados, em troca de *gúgúrú* durante a semana do *Olúbáję*. O ato reproduz a saga de *Ọmọlu*, que adbicou da condição de príncipe, para ajudar os doentes e necessitados. E o *ìtàn* que fundamenta esta prática e ainda explica a relação entre *Ọmọlu* e *Ọ̀sányìn* em relação ao poder de curar *é o seguinte:*

Ṣọ̀npọ̀nná era um príncipe muito rico da cidade de Nupê, onde vivia sem qualquer responsabilidade.

Certa vez Ṣọ̀npọ̀nná foi alertado pelo adivinho da comunidade para que mudasse seus hábitos, senão seu comportamento traria graves consequências para ele e para seu povo. Mas Ṣọ̀npọ̀nná desdenhou do profeta e continuou sua vida como antes.

No dia seguinte logo cedo, Ṣọ̀npọ̀nná iniciou viagem em busca de novas aventuras. Após alguns dias de cavalgada, Ṣọ̀npọ̀nná entrou em uma estalagem e pagou comida e bebida para todos os presentes, inclusive um grupo de baderneiros. Na alta madrugada, seguiu os arruaceiros a uma casa de prostituição, onde encantou-se por uma das mulheres com quem dormiu, sem imaginar que seria ela portadora de grave moléstia de incubação.

Na manhã seguinte, Ṣọ̀npọ̀nná acordou ao pé de uma grande árvore. Notou que haviam sido roubadas suas roupas, pertences e todo o dinheiro que carregava consigo.

Conseguiu retornar a sua cidade, sem, contudo, revelar a ninguém o que ocorrera. Uma semana após o ocorrido, Ṣọ̀npọ̀nná começou a apresentar febre alta e seu corpo cobriu-se de pústulas. Ṣọ̀npọ̀nná estava com varíola! Era a pior e mais grave doença da época! Não havia cura possível e seu contágio poderia trazer morte e desgraça para toda a população local!

Ṣọ̀npọ̀nná foi então expulso da cidade. Vagou por vários dias. A doença se agravou e fez com que ninguém se aproximasse dele. De suas feridas exalava um odor ruim e suas vestes apodreceram. A partir daí, passou a cobrir seu corpo com palhas desfiadas.

Caminhou sem destino, vivendo de esmolas. Por graça de Ọlọ́run, o deus maior, chegou à cidade de Irawô, onde vivia seu irmão Ọ̀sányìn, o grande médico, conhecedor do segredo de todas as folhas. Ọ̀sányìn então deu água e comida ao irmão que já estava muito fraco, começando imediatamente seu tratamento para livrar Ṣọ̀npọ̀nná da morte iminente. Ṣọ̀npọ̀nná ficou desacordado por vários dias. Quando finalmente acordou, arrependido dos malfeitos em sua vida e agradecido por ter

sobrevivido, resolveu que iria peregrinar pelo mundo, sem revelar sua identidade, apenas dedicando-se a curar os enfermos que encontrasse pela frente.

Ọ̀sányìn então lhe ensinou todos os mistérios das folhas e preparou Ṣọ̀npọ̀nná em sua nova missão.

Anos após, Ṣọ̀npọ̀nná iniciou sua jornada. Ficou conhecido por toda a África pelas curas que realizava. Certo dia foi procurado por um emissário de Nupê, sua terra natal. O jovem mensageiro não reconheceu o príncipe, devido às deformidades que a doença causara a Ṣọ̀npọ̀nná. Este, quando soube que sua cidade estava também infestada pela varíola, sentiu-se envergonhado, culpado e triste. Temeu ser reconhecido, mas sua vontade de acabar com a dor de seu povo foi mais forte. Assim, Ṣọ̀npọ̀nná decidiu atender ao pedido e partiu para Nupê.

Chegando em sua terra, Ṣọ̀npọ̀nná manteve-se envolto nas palhas e dissimulou a voz, para não ser reconhecido. Durante meses, virou dias e noites sem comer, ou dormir, dedicando-se a curar todos os enfermos. Seu esforço foi recompensado, pois conseguiu salvar muitas vidas. O povo lhe agradecia emocionado.

Quando todos os doentes estavam curados, Ṣọ̀npọ̀nná recolheu suas coisas e preparou-se para partir. Neste momento, foi abordado por um soldado que lhe disse que Nàná,

a rainha de Nupê, queria falar-lhe pessoalmente, para agradecer o que fizera por seus súditos. Ṣọ̀npọ̀nná tremeu num misto de medo, alegria e apreensão. Mas a escolta do soldado não lhe permitiu outra alternativa, senão seguir em direção ao palácio real.

Quando se viu diante da rainha, que era sua mãe, Ṣọ̀npọ̀nná paralisou-se. Abaixou a cabeça, balbuciou respostas disfarçando a voz para não ser reconhecido. Mas a rainha não se conteve. Levantou-se de seu trono e dirigiu-se a Ṣọ̀npọ̀nná para abraçar o médico que tanto se dedicara a salvar seu povo da varíola.

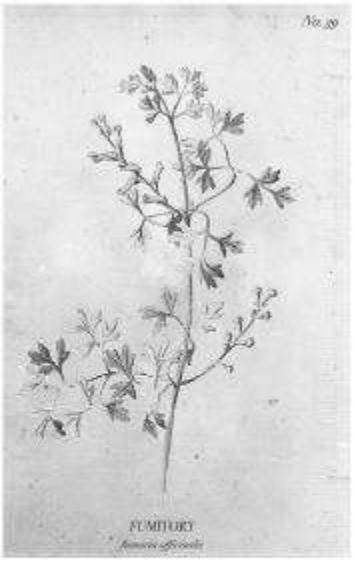
Num gesto materno, a rainha afastou as palhas do rosto de Ṣọ̀npọ̀nná para beijá-lo carinhosamente. Neste momento, num susto, reconheceu o rosto de seu filho, apesar do peso dos anos e das marcas da moléstia. Nàná chorou copiosamente abraçando o filho, que foi tomado pela mesma emoção.

Assim que se recompôs, Nàná mandou que providenciassem os aposentos do príncipe, assim como uma grande festa e roupas novas enfeitadas com pérolas. O banquete foi servido a todos pelo próprio príncipe Ṣọ̀npọ̀nná, que humildemente quis reverenciar seu povo. Apesar do acolhimento de todos, Ṣọ̀npọ̀nná, o príncipe de Nupê, decidiu continuar sua missão pelo mundo, curando os enfermos e estendendo a mão aos necessitados.

O ritual da esmola (*ṣagbejẹ*) realizado tradicionalmente no mês de agosto, quando são feitas as homenagens a *Ọmọlu*, reproduz a saga do *òrìṣà* da cura.

Os adeptos do candomblé, ao perpetuarem tradições milenares como esta, mantêm viva sua história e garantem a sobrevivência de sua religiosidade.

Compreender a razão dos rituais fortalece a fé dos praticantes e põe fim ao preconceito.



Capítulo 13

Os àwọn Òrìṣà se apoderam das folhas

Ọ̀sányìn, o proprietário das folhas:

O *ìtàn* abaixo (PRANDI, 2001) revela quando os *àwọn òrìṣà* (orixás) tomaram miticamente as ervas para si, escolhendo cada qual, as plantas que mais se afinizavam com suas respectivas energias, personalidades e regências.

> ***"Ọ̀sányìn guardava todas as suas folhas em uma cabaça e não ensinava a ninguém seus mistérios.***
>
> ***Todas as vezes que algum Òrìṣà queria usar uma folha, precisava pedir antes a Ọ̀sányìn.***
>
> ***Ọ̀ṣọ́ọ̀sì foi reclamar com sua esposa Oya que toda vez que queria uma folha, tinha antes que implorar a Ọ̀sányìn.***
>
> ***Para ajudar o marido, Oya resolveu soprar um vento, que foi aumentando até virar uma ventania. A ventania ficou tão forte que derrubou a cabaça de Ọ̀sányìn onde este guardava suas ervas, fazendo as folhas se espalharem por todos os lugares. Então, cada Òrìṣà pegou suas folhas.***

Também através de um cântico (*orin*), o mito da escolha das plantas pelas divindades foi eternizado. Esta música sacra, em ritmo *àgẹ̀rẹ̀*, segue abaixo transcrita (TOGUN, 1997):

> ***"Ewé kiká kiká Oyá ìgbálé o***
> ***wé kiká kiká Oyá ìgbálẹ̀***
> ***Ewé mi l´ Ọ̀sányìn ewé mi kò silè***
> ***Ewé kiká kiká Oyá ìgbálẹ̀***
>
> *Muitas folhas Oya varreu*
> *Muitas folhas Oya varreu*
> *Minhas folhas são de Ọ̀sányìn não as jogue no chão*
> *Muitas folhas Oya varreu"*

Ọ̀sányìn continuou a ser o dono de todas as folhas e a dominar o poder sobre elas. Tanto assim é que ao colhermos qualquer erva, independentemente do òrìṣà que tenha se apossado dela, pedimos licença exclusivamente a *Ọ̀sányìn*.

Logo, com este evento mitológico, temos o "proprietário" das ervas (*Ọ̀sányìn*) e os "posseiros" das ervas (os demais orixás).

A nomenclatura do Direito nos é útil para diferenciar as figuras jurídicas de proprietário e posseiro. Proprietário é o legítimo dono e detentor de todos os direitos sobre determinado bem, podendo usar e fruir. Já o posseiro, tem o uso regulado da coisa. Ele pode usufruir, mas depende do consentimento, da permissão do dono para fazer certos usos do bem.

Esta definição adequa-se bem à situação. *Ọ̀sányìn*, portanto, continua a ser o dono de todos os elementos vegetais. Porém, as outras divindades tomaram posse de algumas plantas.

Folhas, divindades e energias:

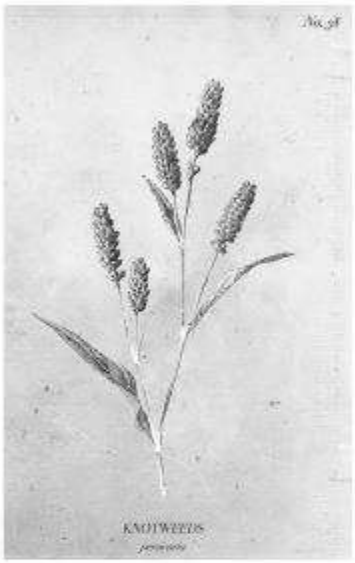
Necessário observar que a escolha, a posse dessas ervas pelos *àwọn òrìṣà* não foi aleatória. Durante a ventania provocada por *Ọya*, cada *òrìṣà* pegou as ervas com as quais mais se afinizava. Eram plantas cujas características energéticas, eram compatíveis com as regências e características daquela divindade. Ou seja, o *àṣẹ* de cada erva "escolhida" era harmonizado com cada *òrìṣà*.

Este entendimento faz ruir a prática de elaborar banhos de ervas contendo única e tão somente as folhas correspondentes aos *àwọn òrìṣà*. Ora, considerando-se que todas as plantas são de propriedade de *Ọ̀sányìn*, as liturgias devem ser elaboradas considerando-se prioritariamente a energia das folhas e seu princípio ativo bioenergético, e não as divindades que se apossaram delas. Logo, haverá banhos em que folhas de *Ọ̀ṣùn*, ou de *Yemọja*, serão prescritas para filhos de *Ọmọlu*, por exemplo. Pois a receita terá levado em conta que as plantas daquelas deusas detêm o *àṣẹ* capaz de acalmar, apaziguar, conforme a necessidade momentânea daquele *ọmọ òrìṣà* e não as folhas das quais *Ọmọlu* se apoderou.

As Ervas e os elementos da natureza:

Assim, as ervas também devem ser agrupadas conforme o elemento primordial ao qual corresponde o òrìṣà com as quais se relacionam.

Desta forma, temos as ***àwọn ewé omi*** (folhas da água), ***àwọn ewé iná*** (folhas do fogo), ***àwọn ewé afẹ́ẹ́fẹ́*** (folhas do ar) e ***àwọn ewé ilẹ̀***, ou ***àwọn ewé igbó*** (folhas da terra).



Capítulo 14

O Sistema Joruba de Nomenclatura e Classificação das Plantas

A taxonomia clássica:

O sistema de classificação básico dos seres vivos, utilizado atualmente em todo o mundo, foi criado no final do século XVIII, pelo botânico, zoólogo e médico sueco Carl Von Linné (Carlos Lineu). Ele é considerado o pai da taxonomia.

Taxonomia (do Grego verbo τασσεῖν ou *tassein* = "para classificar" e νόμος ou *nomos* = lei, ciência, administrar), em síntese, significa a ciência de classificar organismos vivos.

A taxonomia de Linné propunha ordenar os seres vivos hierarquicamente em três reinos básicos: plantas, animais e minerais e, em seguida, em cada compartimento, como ramo (ou filo), classe, ordem, família, gênero e espécie.

Todas as regras para a nomeação e para a classificação dos seres decorre, então, deste princípio. Logo, os nomes científicos dos animais, dos vegetais e dos minerais sempre procedem deste sistema, considerando primeiro o reino, depois o ramo, a classe, a ordem e assim sucessivamente. Por isso, segundo a taxonomia clássica, temos:

Exemplo 1:
Reino: *Animalia*
Ramo: *Chordata*
Classe: *Mammalia*
Ordem: *Primates*
Família: *Hominidae*
Gênero: *Gorilla*
Espécie: *Gorilla-gorilla*
Subespécies: (3) *Gorilla gorilla gorilla* (gorila ocidental das terras baixas), *Gorilla gorilla graueri* (gorila oriental das terras baixas), *Gorilla gorilla beringei* (gorila da montanha)
Nome comum: *gorila*

Exemplo 2:
Reino: *Plantae*

Ramo: *Magnoliophyta*
Classe: *Magnoliopsida*
Ordem: *Rosales*
Família: *Crassulaceae*
Gênero: *Aeonium*
Espécie: *Kalanchoe brasiliensis*
Subespécies: *Kalachoe crenata, kalanchoe gastonis bonnieri, kalanchoe pinnata, kalanchoe waldheime*
Nome comum: *saião*

O sistema de classificação ioruba:

Contudo, antropólogos têm observado que as taxonomias são inerentes à cultura local e aos sistemas sociais, servindo a várias funções. Neste sentido, o estudo mais conhecido e mais influente de taxonomias populares é o *The Elementary Forms of Religious Life*, de Emile Durkheim.

As teorias de Durkheim e também de Kent, influenciaram Claude Lévi-Strauss, o fundador do estruturalismo antropológico. Lévi-Strauss escreveu dois livros importantes em taxonomias: *Totemism* e *The Savage Mind*, nos quais descreveu longamente este ponto de vista, diferente do princípio utilizado por Linné.

Taxonomias como as analisadas por Durkheim e Lévi-Strauss são chamadas muitas vezes de **taxonomias populares** para distingui-las das **taxonomias científicas**.

Pois Kant, Durkheim e Lévi-Strauss e suas teorias sobre a taxonomia conforme a visão cultural de mundo e do contexto social e religioso dos povos, nos ajuda a compreender a classificação das ervas segundo a cultura jêje-nagô.

Vale dizer que o sistema de classificação e compreensão das plantas na cultura jêje-nagô, segue critérios totalmente distintos da taxonomia ocidental, proposta por Linné.

Pierre Verger (VERGER, 2000), assim explica:

> *"O sistema ioruba de classificação botânica, por ser diverso do elaborado por Lineu, usa diferentes características para a identificação e classificação das plantas. Na terra ioruba, a nomeação das plantas leva em conta seu cheiro, sua cor, a textura de suas folhas, sua reação ao toque e a sensação provocada por seu contato, entre outras."*

A partir deste princípio, encontraremos inúmeras ervas com um só nome ioruba, que correspondam a diversos nomes científicos.

Vejamos: *bùjé* é o único nome dado a várias plantas utilizadas na preparação de tinturas para o corpo, para o cabelo e tatuagens. Já no sistema de Linné, haveria muitos nomes científicos para cada espécie, como: *Morelia Senegalensis* (*bùjé dúdú*), *Rothmania whiffieldii* (*bùjé nlá*), *Rothmania Longiflora* (*bùjé*), *Keetia Leucantha* (*bùjé arúgbo*).

Denominação pela referência ao *òrìṣà*:

A nomenclatura das plantas, na concepção cultural jêje-nagô, pode seguir vários critérios, como a referência direta ao *òrìṣà*:

Exemplos:
Nome ioruba: ***abẹ̀bẹ̀ ọ̀ṣùn*** (leque de Oxum);
Nome popular: leque-de-Oxum
Nome ioruba: ***èkélẹ́gbára*** (*èké* = mentira; *ẹlẹ́gbára* = título de *Èṣù*: Senhor do corpo)
Nome popular: perpétua;
Nome ioruba: ***ewé idà Ọya*** (folha da espada de *Ọya*)
Nome popular: espada-de-Inhansã.

Denominação pelas características ostensivas:

As folhas podem também ser denominadas em referência direta às suas características:

Exemplos:
Nome ioruba: ***rínrín*** (molhada, molhada)
Nome popular: alfavaquinha-de-cobra
Nome ioruba: ***odón*** (brilho)
Nome popular: erva-de-passarinho
Nome ioruba: ***éfírín*** (sopro molhado)
Nome popular: manjericão.

Denominação dada pelo sabor:

Há ainda nomes dados em referência ao sabor:

Exemplos:

Nome ioruba: ***ewé kànkannésín*** (folha muito azeda de cavalo)
Nome popular: patinho-roxo
Nome ioruba: ***ewé kúnkún-dùkún*** (folha doce até morrer)
Nome popular: batata-doce
Nome ioruba: ***ewé kànèrí*** (folha de orvalho azedo)
Nome popular: carqueja

Denominação pela referência a animais:

Exemplos:
Nome ioruba: ***ewé àkùko*** (folha de galo)
Nome popular: folha-da-fortuna
Nome ioruba: ***agogo igún*** (sino do abutre)
Nome popular: jurubeba-roxa
Nome ioruba: ***olóbòtujé*** (pássaro pequeno abre e come)
Nome popular: pinhão-roxo

Denominação pela propriedade/utilidade:

Exemplos:
Nome ioruba: ***ìpésán*** (chama trovão)
Nome popular: bildreiro ou carrapateira
Nome ioruba: ***àgbólá*** (chama longa vida)
Nome popular: mata-pasto
Nome ioruba: ***jìmí*** (me acorda)
Nome popular: costa-branca
Nome ioruba: ***ségúnsété*** (vence a paralisia)
Nome popular: beldroega-pequena.

Denominações genéricas:

Exemplos:

dágunró: nome dado às plantas espinhosas;

èèmó: como chamam várias ervas que tenham sementes/ frutos ade-rentes, que portanto grudam no pelo dos animais e nas roupas.

wobomú: ("me matando"), é o nome dado pelos jêje-nagô a todas as plantas tóxicas e venenosas, como o "comigo ninguém pode".

O interessante na comparação entre o sistema de Linné e o jêje-nagô, é que na forma clássica ocidental a nomencatura é imposta de forma vertical e hierárquica. Ou seja: do cientista, para com a natureza. Já no método africano, o critério utilizado é a percepção da folha. Seus nomes são relativos ao que a planta "conta" sobre si mesma.

As Ervas escravas:

As plantas sob a mesma denominação principal, são consideradas ervas "substitutas", chamadas também de ervas "escravas" (*ewé érú*). Ou seja, pertencem ao mesmo elemento da natureza, mesmo gênero, têm as mesmas propriedades e, portanto, podem substituir a principal, ou até mesmo serem agregadas (misturadas com a principal) na busca do objetivo final.

A idéia de ervas principais e escravas, nos remete ao conceito de senioridade, um dos pilares da cultura ioruba.

Classificação pelo porte:

No mesmo sentido, todos os vegetais que possuem troncos de grande porte, são agregados na mesma categoria de "*igi*": ***igi ọmọ funfun*** (graviola), ***igi ọ̀pẹ*** (dendezeiro), ***igi ọya*** (casuarina), por exemplo.

Já as plantas rasteiras e também as arbustivas, são elencados como "*kékeré*": ***ewé bàbá*** (boldo), ***ewé àbámodá*** (folha-da-fortuna), ***ewé ọbẹ̀*** (salsa), ***ewé lóròg*un** (abre-caminho).

Os vegetais de características parasitárias e as trepadeiras, recebem o título geral de "*àfòmọ̀"*: ***àlùpàyídà*** (língua-de-galinha), ***irùgbọ̀n*** (barba-de-velho), ***òdòdó ọ̀tá*** (bromélia), etc. Vale dizer que a palavra *àfòmọ̀*, em ioruba, significa doença contagiosa. Não por acaso designa as plantas parasitárias. Estas espécies são muito utilizadas em trabalhos e banhos dedicados às divindades das doenças, como Ọmọlu.

Classificação pelo elemento da natureza e pelo sexo:

No que diz respeito à classificação das ervas no sistema jêje-nagô, temos como primeiro e mais abrangente critério, os elementos da natureza; e dentro de cada um deles, as folhas masculinas e as femininas, e finalmente as excitantes e as calmantes.

Conforme a cultura ioruba, o mundo é repartido em quatro elementos básicos: terra, água, ar e fogo. E assim como os *àwọn òrìṣà* (orixás) se enquadram em cada um destes compartimentos, as plantas pertencentes a estas divindades também devem ser classificadas como ***ewé igbó*** (folhas da terra ou da mata), ***ewé omi*** (folhas da água), ***ewé afẹ́ẹ́fẹ́*** (folhas do ar) e finalmente ***ewé iná*** (folhas do fogo).

As folhas principais por cada compartimento da natureza são: ***ewé iná***: *ewé iná* (folha-de-fogo); ***ewé afẹ́ẹ́fẹ́***: *dankò* (bambu-amarelo); ***ewé omi***: *òṣíbàtà* (golfo-de-flor-branca ou nenúfar); ***ewé igbó***: *igi ọ̀pẹ* (dendezeiro).

Os compartimentos que contêm as folhas do fogo (***ewé iná***) e as folhas da terra (***ewé igbó***), geralmente são associados ao elemento masculino – fecundante. Já os compartimentos das folhas da água (***ewé omi***) e as folhas do ar (***ewé afẹ́ẹ́fẹ́***), em geral estão ligados ao elemento feminino – fecundável.

Outros critérios são relevantes para compreensão, percepção e classificação dos elementos vegetais, de acordo com o sistema ioruba.

Plantas do lado direito e esquerdo:

De acordo com a cultura contextualizada, distinguem-se o direito/ positivo/ masculino ao esquerdo/ negativo/ feminino.

Assim, temos que as folhas macho (da direita), são as ***ewé apá ọ̀tún***, enquanto que as folhas fêmeas (da esquerda), são as ***ewé apá òsì***.

Notemos que existem alguns critérios que orientam esta compartimentação das folhas conforme o elemento da natureza/ gênero masculino e feminino. São consideradas a cor, a textura, o porte, as características da planta, o formato das folhas, o odor, o habitat, etc.

- Quanto à cor:

As plantas cujas folhas são mais escuras, assim como as avermelhadas, geralmente pertencem aos ***àwọn òrìṣà ọkùnrin*** (orixás masculinos). Em contrapartida, as de coloração mais clara, em geral pertencem às ***àwọn òrìṣà obìnrin*** (divindades femininas).

- Quanto à textura:

Acerca da textura, as plantas mais aveludadas, portanto com maior capacidade de reter água tornando-se, por isso, mais "úmidas" como a vagina, são associadas às divindades femininas.

- Quanto ao habitat:

No tocante ao habitat, as plantas que medram em matas densas, grotas, em lugares áridos, são de divindades ligadas ao elemento terra. São então folhas *igbó*/ masculinas.

Os elementos vegetais aéreos, como parasitas e bromélias, estão associados ao elemento ar. São *ewé afẹ́ẹ́fẹ́*.

As folhas que tenham habitat aquático, ou em locais úmidos, são relacionadas ao elemento água. Portanto, classificadas como *ewé omi*.

- Quanto à relação com o meio:

As ervas urticantes e espinhosas, pertencem ao elemento fogo/ masculino. São *ewé iná*.

- Quanto ao odor:

As folhas pertencentes ao elemento água (*ewé omi*) são sempre espécies vegetais que possuem frescor, delicadeza, odores agradáveis, assim como as divindades que estão ligadas neste compartimento da natureza: *Ọ̀ṣùn, Yẹ̀wà, Yemọja*.

- Quanto à sonoridade:

Até mesmo a sonoridade produzida pelas plantas ao contato com o vento, como o bambu e a casuarina, têm essas características consideradas na sua classificação pelo sistema jêje-nagô. Estas ervas "sonoras", por exemplo, pertencem ao elemento ar e são dedicadas a *Ọya*. São tidas como *ewé afẹ́ẹ́fẹ́*. Assim como as plantas alucinógenas.

- Quanto ao formato:

O formato das folhas é uma condicionante para sua classificação como macho ou fêmea. As folhas alongadas (fálicas) caracterizam o elemento masculino-fecundante. Já as arredondadas e cordiformes (uterinas), definem o elemento feminino-fecundado.

Portanto, via de regra, as folhas "macho/ positivas" estarão associadas aos deuses masculinos, enquanto as ervas "fêmeas/ negativas" estarão ligadas às divindades femininas.

Contudo, as exceções detectadas podem ser explicadas pela dualidade ou bipolaridade de alguns deuses, como *Lógun ẹ̀dẹ*, *Ọ̀ṣùmàrè* e *Ọ̀sányìn*.

Outro prisma para entender as exceções à regra é a percepção de que mesmo entre as divindades femininas, existem energias aguerridas. Por outro lado, também entre os deuses masculinos há sensibilidade e volatilidade. Compreender estas variáveis é também entender a multiplicidade da natureza (presente no homem, presente nos vegetais, nos animais e nas energias divinizadas).

- Quanto à energia excitante e calmante:

Outro critério neste interessante sistema classificatório é a montagem dos pares *gún* (excitantes) e *ẹrọ̀* (calmantes).

Exemplo:
pèrègun (pau-d'água)/ excitante X ***ọ̀dundún*** (saião)/ calmante.

Os vegetais excitantes enquadram-se nos elementos terra/ fogo/ masculino, e os calmantes nos elementos água/ ar/ feminino.

As folhas *gún* e *ẹrọ̀* também possuem seus espécimes principais: *gún*: *pèrègún* (peregun) e *ẹrọ̀*: *ọ̀dundún* (saião).

Paridade imparidade:

Imperioso notar que em todos os critérios, a paridade sempre se faz notar: 2 pares de elementos da natureza; 1 par formado pela contraposição das positivas x negativas; 1 par formado pela oposição excitantes x calmantes; 1 par decorrente do confronto fálicas x uterinas.

Observar que neste sistema a bipolaridade une os opostos e os equilibra.

Ervas, elementos da natureza e divindades:

Este sistema classificatório baseia-se claramente nas características dos deuses que se enquadram em cada qual dos elementos da natureza.

Esta sistemática revela a coerência lógica balizada pela cultura e pela religiosidade jêje-nagô.

Assim como os *àwọn òrìṣà* se enquadram em cada um dos quatro compartimentos da natureza conforme suas próprias vibrações, histórias, regências e características, as ervas seguem este mesmo princípio classificatório. Porém, levando em conta suas peculiaridades e propriedades.

O homem guarda em si, seja na sua personalidade, seja no seu destino, a influência direta de seu *òrìṣà*. A interação e o equilíbrio entre ambos se dá exatamente pela manipulação dos elementos vegetais que, através de uma dosagem energética, os harmoniza.

De acordo com esta linha, observaremos que, mesmo as plantas que, a primeira vista, não coadunassem com o critério principal, por exemplo: uma erva cuja forma fosse alongada/ fálica, remetendo inicialmente a uma divindade masculina e belicosa, mas que venha a pertencer a uma deusa do sexo feminino, certamente se associará a uma divindade que possui um aspecto ligado às guerras e disputas, como *Ọ̀ṣùn Ọ̀párà*, *Ọ̀ṣùn Ìpọ̀ndá*, *Ọya*, etc.

Vejamos alguns exemplos de folhas enquadradas em cada um dos compartimentos da natureza e seus respectivos *àwọn òrìṣà*:

***EWÉ OMI*:**

àlùbọ́sà (cebola) / *Ọ̀ṣùn*
efínrín (manjericão) / *Ọ̀ṣùn*
bánjókó (malmequer) / *Ọ̀ṣùn*
ewé ìyá (caapeba) / *Yemọja*
tótó (água de alevante) /*Yemọja*
ọ̀dundún (saião) / *Yemọja* / *Òṣàlá*
sènikawá (arrozinho) / *Yẹwà*

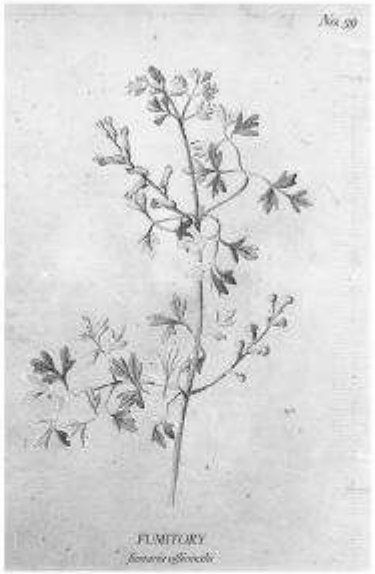
tannáposọ́ (maravilha) / *Yẹwà*
òṣíbàtà (golfo de flor branca) / *Yẹwà*
àbámodá (folha da fortuna) / *Nànà*
idé (feto) / *Nànà*
ìyábeyín (mãe boa) / *Nànà*

***EWÉ AFẸ́Ẹ́FẸ́*:**
àlúkerésé (dama da noite) / *Òṣàlá*
ápéjè (sensitiva) / *Ọya*
igi mẹ̀sàán (pára raio) / *Ọya*
dankò (bambu amarelo) / *Ọya*
lóbòtujẹ̀ (pinhão roxo) / *Ọya*
idà ọya (espada de Inhansã) / *Ọya*

***EWÉ IGBÓ*:**
àràbà (samaúma) / *Ògún*
pèrègun (peregun) / *Ògún*
idà òrìṣà (espada de São Jorge) / *Ògún*
àgbàdo (milho) / *Ọdẹ*
alékèsì (são gonçalinho) / *Ọdẹ*
èèmọ́ (carrapicho) / *Ọdẹ*
ewé lárà pupa (mamona vermelha) / *Ọ̀sányìn*
àrìdan (aridan) / *Ọ̀sányìn*
patìọba (patioba) / *Ọ̀sányìn*
àmú (sete sangrias) / *Ọbalúwáiyé*
àpèjebí (rabujo) / *Ọbalúwáiyé*
àfòmọ̀ (erva de passarinho) / *Ọbalúwáiyé*
kúkúndùnkún (batata doce) / *Òṣùmàrè*
ewé dan (jibóia) / *Òṣùmàrè*
ètìtáré (alfavaca de cobra) / *Òṣùmàrè*

***EWÉ INÁ*:**
ẹ̀gún (mandacaru) / *Èṣù*
èsìsì (urtiga) / *Èṣù*

ataare (pimenta-da-costa) / *Èṣù*
àgbaó (umbaúba) / *Ṣàngó*
àtòrìnà (sabugueiro) / *Ṣàngó*
osùn ẹlẹ́dẹ̀ (urucum) / *Ṣàngó*



Capítulo 15

O Ritual do Sàsányìn

Objetivo e finalidades:

Sàsányìn é a cerimônia do Candomblé que consiste na colheita, preparo, reza, cânticos e maceração das folhas e elementos rituais com a invocação do *Òrìṣà Ọ̀sányìn*, para obter das ervas suas propriedades materiais e espirituais.

Durante este ritual são feitas rezas e cânticos em louvor a *Ọ̀sányìn*. As folhas de maior importância litúrgica possuem cânticos próprios e são metodologicamente cantadas em sequências específicas, conforme suas propriedades energéticas.

O resultado da maceração das folhas em água, mediante o *sàsányìn*, é denominado *àgbo*. Vale dizer que todo adepto do Candomblé deve banhar-se com *àgbo* quando chega ao terreiro. Todo ritual é precedido pelo banho de *àgbo*, assim como todo elemento ritual deve ser lavado em *àgbo*.

O *àgbo* lava, purifica, previne e cura, tornando os corpos e os apetrechos litúrgicos aptos.

O *sàsányìn* é realizado em toda a obrigação ritual do Candomblé. Trata-se de uma cerimônia milenar, de origam africana, que perpassou o Candomblé de todas as diferentes Nações e se cristalizou como um dos ritos identitários mais fortes desta religião.

A palavra *sàsányìn*, literalmente, decorre da seguinte elisão gramatical da língua ioruba: *asà* (s. celebração, ritual) + *ọ̀sányìn* (s. divindade dos vegetais). Daí: "celebração a *Ọ̀sányìn*".

Portanto, o *sàsányìn* é um ritual imprescindível à prática do Candomblé. Somente a partir do *sàsányìn* o *àṣẹ* das plantas emana e pode ser utilizado religiosa e terapeuticamente. Sem o *sàsányìn* não são possíveis as iniciações de adeptos no Candomblé.

O *sàsányìn* praticado nos terreiros tradicionais de Candomblé funciona também como reduto de resistência cultural. Esta cerimônia, até hoje, realiza todos os ritos, rezas, invocações e louvações no idioma ioruba.

Diante disso, podemos afirmar que o *sàsányìn* é mais do que um ritual. Ele pode ser considerado como uma fórmula de resistência cultural, religiosa e ecológica. Quando os escravos eram proibidos de professar sua fé, só lhes restava o segredo como aliado.

Nesta situação, o acesso aos medicamentos convencionais também eram restritos e dependiam da boa vontade e do interesse dos senhores. Portanto, a manipulação ritual das ervas, era questão de sobrevivência do corpo e da alma.

No mesmo sentido, José Flávio Pessoa de Barros (BARROS, 1999) sacramenta:

> *"Em resumo, pode-se considerar que essa fitoterapia, ainda parte integrante da vida cotidiana dos terreiros, foi um dos aspectos relevantes da resistência cultural do negro no período escravocrata (ervas que produziam envenenamentos, abortos, feitiços...). E é hoje uma estratégia de parcela significativa da população que se reconhece, direta ou indiretamente, portadora de um legado cultural negro-brasileiro."*

Graças a este processo cultural/ religioso, inúmeras espécies fundamentais à liturgia africana, originárias daquele Continente, foram trazidas para o Brasil e introduzidas à nossa flora, como a mangueira, a jaqueira, a tamarindeira, o dendezeiro, o inhame, o obi e a mamona. Era também a recriação da flora africana na diáspora.

Com a sabedoria africana e a permissão de *Ọ̀sányìn*, os negros, mesmo escravizados, podiam proteger-se espiritualmente, curar suas chagas físicas e equilibrar-se emocionalmente.

Este método milenar de louvação, invocação e cura, já tradicional em território africano, foi reproduzido no Brasil e mantém-se vivo na maioria dos terreiros de Candomblé de origem jeje-nagô, ainda hoje realizado no idioma ioruba.

O *sàsányìn* é eficiente e produz resultados, a não ser que seu rito não seja observado corretamente. Como apregoa o *oríkì*:

Ewé njẹ́
Oògùn njẹ́
Ewé rè ní kò pè
Nítorípé ní ewé padànù
Folha funciona
Remédio funciona
Remédio que não funciona
É porque tem folha faltando

Durante o *sàsányìn*, é o *Òrìṣà Ọ̀sányìn* quem é invocado. Somente *Ọ̀sányìn* pode transformar os elementos vegetais em remédios. Ele, como grande médico, é o único conhecedor dos poderes de todas as ervas.

Portanto *Ọ̀sányìn* rege todos os passos inerentes ao *sàsányìn*, desde a busca das folhas, o local, o horário apropriado, a lua adequada, o lado no qual devem ser colhidas as folhas, como as espécies podem ser substituídas, sua dosagem e a composição entre as ervas empregadas.

Os procedimentos do *Sàsányìn*:

I- Quanto ao horário: as plantas e os astros

No tocante ao horário da colheita, o *Odù Éjì Ọlọ́gbọn* (13º Odù no Oráculo *Mẹ́rìndílógún*. Corresponde ao *Odù Òtùwá Méjì* no Sistema de *Ifá*. Representa "A Meditação"), narra através de um poema de *Ifá* (*ẹsẹ*) o interdito de se colher folhas à noite (SANTOS, 2014):

> ***"Ẹ̀jẹ́wésùn (Promessa de folha dormir) quis vir para esse mundo (àiyé). Alguns divinadores fizeram previsão para ele. Entre os olhadores estavam: Ẹ̀bí àbá pé òkú-jí pọ̀ (Errado bater palma para acordar quem está dormindo com barulho) e Adífá fún ọ̀dọ́-àgùtàn (Sacerdote de Ifá para jovem carneiro). Éjì Ọlọ́gbọn indicou a Ẹ̀jẹ́wésùn que fizesse sacrifício com uma ovelha e um pano vermelho, a fim de sobreviver às armadilhas que seriam feitas para ele no mundo. Ẹ̀jẹ́wésùn também deveria dar um bode para Èṣù. Porém, esta última orientação Ẹ̀jẹ́wésùn não seguiu.***
>
> ***É por isso que muitas pessoas descumprem a ordem de não retirar as folhas durante a noite. Entretanto, por Ẹ̀jẹ́wésùn ter feito sacrifício com a ovelha e o pano, outras tantas pessoas acatam o referido juramento.***
>
> ***O Odù Éjì Ọlọ́gbọn que também conta como ọ̀dọ́-àgùtàn (jovem carneiro) veio a ser chamado de Ẹ̀jẹ́wésùn: Quando ọ̀dọ́-àgùtàn (jovem carneiro) quis vir para este mundo, sua mãe foi secretamente***

procurar ajuda com Ọ̀rúnmìlà, na véspera da partida de seu filho. Foi indicado que jovem cordeiro fizesse sacrifício para Èṣù. Jovem cordeiro se recusou a fazer, mas sua mãe foi à cidade de Ọ̀rúnmìlà com o bode, logo depois do por do sol.

Ọ̀rúnmìlà disse para ela colher duzentas e uma folhas diferentes no mato, para lavar a cabeça de seu filho, no altar de Èṣù.

Já que não era possível lavar a cabeça de uma pessoa ausente, não havia jeito de fazer o sacrifício prescrito. Desesperada, a mãe de jovem cordeiro rogou que Ọ̀rúnmìlà improvisasse algo. E o deus da sabedoria disse que as folhas na floresta já estavam adormecidas e não deveriam ser perturbadas. Assim, o jovem cordeiro (ọ̀dọ́-àgùtàn) passou a se chamar Ẹ̀jẹ́wésùn (Promessa de folha dormir). Olódùmarè lhe disse: Olódùmarè ní bàbá àti ìyá ọmọ iṣẹ́ (Olódùmarè é pai e mãe dos filhos dedicados). Como Ẹ̀jẹ́wésùn partiu para o mundo na manhã seguinte, o sacrifício para Èṣù nunca foi feito."

Acredita-se que nos períodos de lua cheia, a seiva das plantas se concentra mais nas folhas, razão pela qual seu uso contará com as propriedades em condições mais intensas.

Interessante notar que o Candomblé, a exemplo de outras religiões de matriz africana, preservou a tradição de observar as fases da lua.

Não há registros de que os iorubas realizassem nenhuma correlação direta entre os *àwọn òrìṣà* e os astros, nem que seguissem algum método astrológico. Contudo, *òṣùpá* era reconhecida como a divindade da lua; e o luar, denominado de *ìmọ́lẹ̀ òṣùpá* (espírito da lua). A lua era considerada

como a filha mítica de *Ṣàngó*.[19]

O espírito da lua, conforme acreditavam os iorubas, fazia o mundo se acalmar trazendo o sono e o frescor, necessários ao refazimento das energias para a vida. O sono (*sísùn*) era entendido como o irmão do espírito da lua. O sono era uma forma de experimentarmos a morte todos os dias. Além de descansar o corpo, serve para nos acostumarmos e para não temermos a morte, como ensinam os iorubas.

As estrelas (*ìràwọ̀*) não passavam despercebidas. *Ìmọ́lẹ̀ ìràwọ̀* (o espírito do brilho das estrelas) era também reconhecido como irmão do luar. Ele servia para fazer os humanos se amarem e, assim, tornarem eterna a espécie humana.

Na Casa de Oxumarê, um assentamento sagrado na entrada do salão principal ostenta uma estrela de cinco pontas. Este elemento estaria relacionado a *Òṣàlá* (O Grande *Òrìṣà* criador da vida).

Os meteoros, ou estrelas cadentes (*àpàjá*), eram símbolos da fala de *Ṣàngó*. Cada vez que um meteoro era visto, os olhadores deveriam recorrer ao oráculo para buscar o recado que a divindade do fogo estaria trazendo para seu povo.

Também o sol (*oòrùn*) possuía, segundo os iorubas, uma presença constante entre os seres: *ìmọ́lẹ̀ oòrùn* (o espírito do sol), acordava a todos, garantia a vida e a subsistência das criaturas no mundo.

Muitos rituais do Candomblé, como obrigações periódicas, festas, oferendas, iniciações, também seguem o calendário lunar, conforme o propósito a ser buscado.

Assim, as tarefas cotidianas, bem como as cerimônias religiosas, eram meticulosamente realizadas ora nos horários em que o espírito da lua, ou do sol, estivesse na Terra, respeitando a influência dos astros.

As plantas para fins de saúde, prosperidade devem ser colhidas durante as fases de "lua boa": crescente ou cheia. Já as ervas com finalidades de limpeza energética e apaziguadoras, por exemplo, recomenda-se colher durante as luas minguante e nova.

II- Quanto à pessoa: quem vai à casa de *Ọ̀sányìn*

O *sàsányìn* requer uma liturgia requintada e complexa, que passaremos a

analisar agora.

A pessoa encarregada de colher as ervas tem o cargo de *bàbálosányìn* (se do sexo masculino), ou de *ìyálosányìn* (se do sexo feminino). Se ainda não foi empossada no respectivo cargo, ou se cumpre tal atividade interinamente, é apelidado(a) de "mateiro".

Pois seja quem for o incumbido de colher as ervas, deverá sempre estar desde a véspera da colheita com o "corpo limpo". Ou seja, sem ter tido relações sexuais, nem ter feito uso de bebida alcoólica.

Os interditos não pressupõem que tais comportamentos sejam nocivos. Compreende-se que a absteção é uma forma de sacrifício do adepto.

O objetivo desta preparação é colocar a pessoa que irá fazer a colheita em sintonia prévia com *Ọ̀sányìn*, despertando suas responsabilidades e capacidades intuitivas, desde antes do início da missão.

III- Quanto às oferendas prévias: o sacrifício pela folha

Antes de sair de casa ou do terreiro em direção à mata, o colhedor deve fazer uma oferenda a *Ọ̀sányìn*, pedindo que este não lhe "esconda" as ervas.

Neste particular, vale observar que estar em sintonia com a divindade dos vegetais é estar atento à tarefa de colheita do elemento vegetal. Tal comportamento garante que, dentro da mata, o mateiro perceba, identifique, veja o elemento procurado. Ou seja, não corra o risco de que *Ọ̀sányìn* oculte a planta.

A oferenda pode ser composta por um trago de cachaça com mel e um pouco de fumo de rolo, servido em um coité (recipiente feito com a casca do coco maduro) ou em uma cabaça. Recomenda-se também dar umas moedas correntes (de qualquer valor), para "comprar as ervas" de *Ọ̀sányìn*.

E, com este gesto, novamente observamos o princípio do sacrifício, da oferenda, da troca, sendo repetido.

Ao ingressar na mata, um novo agrado: um *àkàsà*, ou algumas outras moedas correntes, pedindo agora licença para ingressar no reino de *Ọ̀sányìn* sem correr riscos.

IV- Quanto ao local: onde e como se busca

Era tradição nos terreiros brasileiros só utilizar as ervas colhidas diretamente do mato/ floresta, não tendo serventia aquelas plantadas em jardins, ou hortas, ainda que dentro do espaço geográfico do Barracão de Candomblé. O princípio era de que as plantas deveriam ser dadas por *Ọ̀sányìn*. Logo, precisavam vir de seu reino mítico.

Contudo, face à urbanização das grandes cidades, nem sempre é fácil o acesso às florestas e matas. Em razão disto, passaram a ser toleradas as ervas plantadas e, até mesmo, as compradas em feiras e mercados, quando mais raras.

Independentemente do gênero das ervas, portanto sejam elas fêmeas ou machos, sempre deverão ser pegas quando à direita do colhedor. Assim, mesmo que durante o trajeto de entrada na mata sejam observas à esquerda, somente poderão ser retiradas na volta, quando ficarem à direita da pessoa que as está colhendo.

As ervas a serem colhidas levam sempre em consideração sua finalidade. Para banhos, ou praparados (sabão, pastas, chás), são usadas "frescas" (verdes); se para defumadores, deverão ser "secas". Neste último caso, são normalmente colhidas e postas para "secar" à sombra, penduradas em um varal com os galhos para baixo, a fim de que sua seiva acumule-se nas folhas.

Importante frisar que a natureza é a própria expressão da divindade celebrada. Portanto, a colheita objetiva sempre a utilização e equalização com a preservação. A sustentabilidade do meio ambiente é primordial. Logo, nenhuma espécie deve ser devastada, destruída e muito menos extinta. A possibilidade de substituição, de replantio e de preservação do elemento, jamais deve ser esquecida.

V- Quanto à composição: a alquimia das ervas

Partindo-se do pressuposto que cada planta possui diferentes propriedades (excitantes ou calmantes), a composição destas deve ser delicadamente decidida. Por isso, nem sempre um banho que seja bom para uma pessoa, atenderá às necessidade de outra. Ou ainda em relação ao mesmo indivíduo, em momentos distintos, diante de outras carências, pode ser que a composição do *àgbo* (banho de folhas) tenha que ser outra.

No caso dos banhos e preparados, as ervas deverão passar pelo ritual do *sàsányìn*, o que não se faz necessário com as plantas reservadas para defumação.

A escolha das folhas não é aleatória. Recomenda-se a utilização de critérios muito específicos.

Nos banhos de iniciação, conforme a Tradição de cada Casa de Candomblé, leva-se em consideração algum dos critérios abaixo para a preparação do *àgbo* – sumo resultante da trituração manual das ervas durante o ritual do *sàsányìn*:

1- O número do *Odù* correspondente ao *òrìṣà* em questão. Logo, se o *àgbo* for para *Yemọja*, podem ser utilizadas 4 ervas. Pois o nº 4 corresponde ao *Odú Ìròsùn*, associado a *Yemọja*.

Sendo certo que nesta composição sempre duas ervas terão características *gún* (excitantes) e duas *ẹ̀rọ̀* (calmantes).

Quando a situação levar a um número ímpar, como o *Odù Òdí*, de número 7, ligado a *Ọmọlu*, o sacerdote prescreverá qual a maior necessidade da pessoa cujo *òrìṣà* está sendo cultuado: acalmar-se, ou sair de uma situação de torpor carecendo de ervas excitantes. Conforme o caso, a maioria das ervas será *gún* ou *ẹ̀rọ̀*.

2- Outra possibilidade observada é a Casa de Candomblé manter sempre o número fixo de 16 ervas no *àgbo*. O número 16 corresponde ao *Odù Àlàáfíà*, que rege a tranquilidade, a paz, as realizações positivas e está ligado ao *Òrìṣà Òṣàlá*, considerado o mais vetusto e sábio entre todas as demais divindades.

Neste caso, o àgbo teria 8 ervas "fixas", as chamadas *ewé orò*, que seriam sempre utilizadas em todos os *àgbo* da Casa; e 8 ervas "variáveis" estas sendo alteradas conforme o *òrìṣà* a ser cultuado.

Por assim ser, uma Casa jêje-nagô que utiliza este princípio, e fosse de *Òṣàlá*, por exemplo, usaria sempre "fixas" 8 ervas, que comporiam suas *ewé orò* (*pèrègún, akòko, rínrín, ewé òwú, tètèrègún, àwúrepépé, ewé ogbò* e *òṣíbàtà*). Destas 8, observar que as 4 primeiras possuem características *gún* e as 4 últimas *ẹ̀rọ̀*. E mais 8 ervas "variáveis", correspondentes ao *òrìṣà* para o qual o *àgbo* será preparado. Estas "variáveis", ou *ewé òrìṣà*, também deverão ser escolhidas mantendo o equilíbrio entre as excitantes e as calmantes.

VI- Quanto à chegada no *Ilé*: *Ọ̀sányìn* no terreiro

Ao chegar na Casa de Candomblé com as ervas colhidas na mata, o mateiro deverá separar uma esteira de palha (*ẹní*) em frente à cumeeira (poste central do terreiro que simboliza a ligação mítica entre o céu-*ọ̀run* e o mundo-*àiyé*). Ali depositará cuidadosamente as plantas escolhidas em uma bacia com água, para que "descansem" e não ressequem.

A partir de então, o próprio *Bàbálósányín* presidirá o *sàsányìn*. Na ausência deste, será o Sacerdote de Culto (*Bàbálòrìsà*) quem conduzirá o ritual. Vale dizer que se não houver *Bàbálósányín* na Casa, outros dignatários do terreiro também poderão oficiar esta cerimônia litúrgica, mediante a autorização do Sacerdote.

A disposição da Casa durante o *sàsányìn* é a seguinte: o Sacerdote e os dignatários sentam-se em cadeiras e sacodem o *ààjà* (sineta ritual usada para invocar as divindades).

Os mais novos prostram-se em esteiras ajoelhados e com as cabeças abaixadas no chão por sobre as próprias mãos, contritos e em profundo sinal de respeito.

Em outra *ẹní* perante a cumeeira, diante da bacia contendo as folhas, o *bàbálósányín* estará sentado em um banco de madeira, ou no chão, com as pernas entre cruzadas.

Ao lado da bacia, é colocado um agrado para *Ọ̀sányìn*: um coité com mel e uma vela. O acabrunhado deus das ervas precisa ser adoçado para que, de boa vontade, permita a alquimia do *sàsányìn*.

A vela simbolicamente representa a claridade necessária para que *Ọ̀sányìn* enxergue bem as plantas e nossos propósitos.

VII- Quanto à sequência da cerimônia: a transformação

a) Louvação e saudação a *Ọ̀sányìn*:

Todos esperam a invocação de *Ọ̀sányìn*. O deus feiticeiro que conhece os segredos das folhas é louvado para permitir a mágica transformação de plantas em remédios. De nada valem as propriedades das ervas, se não são liberadas por *Ọ̀sányìn.*

E o Sacerdote então pronuncia um *oríkì* (louvação) à divindade dos vegetais:

Ọ̀sányìn ẹlẹ́sẹ̀kan. Irúnmọ̀lẹ̀ àgbénigi. Ọ̀sányìn onísẹ̀gùn! Ewé ó asà!
Ọ̀sányìn que possui uma perna só. O Òrìṣà que vive na árvore, Ọ̀sányìn que cura com as folhas! A folha faz o ritual!

O Sacerdote agora cumprimenta *Ọ̀sányìn* com a saudação deste *òrìṣà*:

Ewé o! Ewé asà!
Oh, a folha! A folha é a tradição!

No que todos os demais presentes respondem em coro, repetindo as mesmas palavras.

b) *Ìtàn*: o conto para perpetuação

Para fortalecer a sintonia dos presentes com o ato e também no intuito de ensinar/ preservar o rito, o sacerdote que preside a cerimônia então narra um *ìtàn* (história) sobre *Ọ̀sányìn*, ou sobre a(s) folha(s) em questão. Como a seguir:

Houve um rei que tinha três filhas muito bonitas. Quando elas chegaram à idade de casar, o rei disse que a mais velha casaria com quem adivinhasse o nome das três. Muitos pretendentes apareceram, mas todos fracassaram. Até que um dia chegou à cidade um rapaz que todos chamavam de Àrọ̀nì, o aleijado, porque tinha uma só perna. O aleijado se apaixonou pela filha do rei e se apresentou como pretendente. O rei lhe deu um prazo de três dias. Passeando perto do palácio, o aleijado descobriu um arvoredo onde as princesas passeavam. Subiu num pé de obì e, quando elas apareceram, fingiu ser o

Deus da Árvore e deu a cada uma delas uma noz de cola. Em troca delas disseram seus nomes. No dia marcado, foi à presença do rei, matou a charada e casou com a princesa. Só então revelou que era Ọ̀sányìn, o deus das folhas.

Neste momento, observa-se a dinâmica em que a comunidade se reúne para ouvir as histórias míticas dos àwọn *òrìṣà* (orixás).

As mesmas lendas são contadas no Brasil, assim como na África desde centenas de anos atrás. Juntos, novos e velhos, com qualquer fenótipo, nível de escolaridade e padrão econômico, rememoram estes contos tornando vivos seus antepassados, sua cultura e sua memória.

Os contos são sempre relatados pelos mais velhos aos mais novos, conservando o princípio da senioridade. Os mais sábios são bibliotecas vivas, arquivos de conceitos e mistérios revelados gradativamente aos mais novos da sociedade. O carinho, a curiosidade, a paciência e a imaginação se misturam nesses momentos fantásticos em que se encontram passado e presente, em um mesmo espaço físico.

c) A reza para *Ọ̀sányìn*:

Após contado o *ìtàn*, é hora do *àdúrà Ọ̀sányìn* (reza de *Ọ̀sányìn*):

Meré-meré, Ọ̀sànyìn ewé oh, ẹ jìn
Meré-meré, Ọ̀sànyìn ewé oh, ẹ jìn
Meré-meré ewé ẹ jìn ngbéná
Meré-meré ewé o ẹ jìn ngbéná
E jìn meré-meré Ọ̀sànyìn wá lè
Sutilmente, oh Ọ̀sànyìn, a folha vós nos destes
Sutilmente, oh Ọ̀sànyìn, a folha vós nos destes
Sutilmente a folha vós nos destes
seca no caminho
Sutilmente a folha vós nos destes
seca no caminho
Vós nos destes sutilmente, Ọ̀sànyìn, a
nós a magia

Através da prece, os adeptos reconhecem que as folhas provêm de *Ọ̀sànyìn*, que é o dono e senhor de todos os elementos vegetais. A assertiva põe os homens em situação de humildade perante a divindade.

Ao afirmar que as folhas foram dadas "secas no caminho", observa-se aí um trocadilho: não são "secas" no sentido semântico, posto que colhidas diretamente das árvores; são "secas", porque ainda não "despertaram" pelo poder mágico de *Ọ̀sànyìn*. Fato reconhecido na última frase: "vós nos destes sutilmente a magia..." É através desta "magia" de encantamento pela palavra pronunciada no *sàsányìn*, que *Ọ̀sànyìn* age na alquimia dos vegetais.

Durante a reza, o *bàbálósányín* vai separando as folhas dos galhos e caules. Só as folhas são "quinadas" (trituradas manualmente) no ritual do *sàsányìn*. O sumo das ervas é que deve ser aproveitado como *àgbo*.

d) Cânticos para o *sàsányìn*:

Feita a oração, começa o cântico das ervas (*korin ewé*), sempre no sistema solo (começado pelo oficiante da cerimônia)/ coro (repetido pelos demais presentes).

As cantigas entoadas dizem respeito aos feitos de *Ọ̀sànyìn*, aos vegetais que estão sendo empregados e descrevem as características das plantas manipuladas, ora quanto às suas propriedades (*gún*-excitantes/ *ẹ̀rọ̀*-calmantes), ora quanto às suas formas (*igi*-árvores; kékeré-arbustos e rasteiras; àfòmọ̀-parasitas e aéreas).

A título de exemplificação, propomos abaixo uma sequência de músicas rituais de *sàsányìn*. Na série, tomamos por base cânticos compilados por T ´ògún e Santos, sem a pretensão de seguir o modelo de um terreiro específico, tendo por objetivo demonstrar a lógica herbalista que perpassa as diversas tradições jêje-nagô.

As primeiras cantigas 1 a 3 (TÒGÚN, 1997), relatam que as folhas não foram escolhidas aleatoriamente, mas decorreram de consultas a *Ifá*. Servem para a abertura do ritual.

Após demonstrar que as plantas a serem consagradas foram prescritas pelo oráculo, é a divindade das ervas quem deve ser reverenciada. Os cânticos 4 e 5 (TÒGÚN, 1997), evocam o poder de *Ọ̀sànyìn* para realizar o encanto das ervas.

Da 6ª à 13ª cantigas (SANTOS, 2014), as folhas são então exaltadas em suas propriedades singulares, sempre na cadência equilibrada *gún – ẹ̀rọ̀*. Notar que as quatro primeiras músicas, referem-se às plantas *gún*; e as quatro subsequentes, às ervas *ẹ̀rọ̀*.

Os cânticos 14 a 16 (TÒGÚN, 1997), exaltam a obtenção dos propósitos desejados com o ritual. Logo, servem para o encerramento do mesmo.

Notar que o número de cantos litúrgicos chega ao número de 16, quer seja o numeral correspondente ao *odù àlàáfíà*. Ou seja, novamente a ifalogia e a herbalogia convergem. Desta feita, para que o ritual do *sàsányìn* obtenha as energias relativas ao citado *odù*: bons presságios, início de novas etapas, paz, alternância favorável do estado das coisas.[20]

RITMO *ÌLÙ*:

1- ***"Àgẹ̀ meré, Agẹ̀ meré ó dáfá lọ sígbó***
Agẹ̀ meré, Agẹ̀ meré ó dáfá lọ sígbó
A cabaça pequena tocada habilmente
pelos aldeões
Com a cabaça pequena tocada
habilmente pelos aldeões
Ele consultou o oráculo de Ifá para ir ao
bosque (floresta)
Com a cabaça pequena tocada
habilmente pelos aldeões, com
A cabaça pequena habilmente tocada,
ele consultou Ifá"

2- ***"Kíti-kìti igbó alẹ́ ni wọn ó dáfá lọ***
sígbó
Kíti-kìti igbó, alẹ́ si kó, alẹ si kó
Numerosos bosques à noite ele os tem
e consulta o oráculo
De Ifá para ir aos bosques, numerosos
são os bosques para à
Noite se refugiar, para à noite se

refugiar."

RITMO *ÀHAMÚNYA*:

3- ***"Ọ̀sọ́nyìn aláwo ọ̀rọ̀, agẹ̀ meré ewé sigbó dáfá***
Ọ̀sọ́nyìn aláwo ọ̀rọ̀, agẹ̀ meré ewé sigbó dáfá
Com a cabaça pequena tocada habilmente e as folhas
Para ir ao bosque ele consulta o oráculo de Ifá
Ọ̀sọ́nyìn é o sacerdote da palavra. (Ele adivinha através da palavra – ventriloquismo)."

4- ***"Ìgbàgbọ́ ṣé mi agẹ̀ ni Ọ̀rọ̀***
ae ae
Ìgbàgbọ́ ṣé mi agẹ̀ ni Ọ̀rọ̀ ae agẹ̀
Cabaça, faça-me crer em Ọ̀rọ̀ (duende travesso que habita as árvores), cabaça, faça-me crer em Ọ̀rọ̀, aê cabaça."

5- ***"Ìtòróró agẹ̀ agẹ̀ tóróró, Ọ̀sọ́nyìn,***
Ìtòróró agẹ̀ agẹ̀ tóróró, Ọ̀sọ́nyìn
A cabaça é ungida, e é Ọ̀sọ́nyìn quem unge a cabaça.
A cabaça é ungida, e é Ọ̀sọ́nyìn quem unge a cabaça.

RITMO *ÀGỌ̀RỌ̀*:

6- ***"Pèrégún wára wá tìtú***
Pèrégún wá lá wá tì tú
Pèrégún wá lá wá àṣẹ
Pèrégún wára wá tì tù"
Nativo, planta que abre totalmente os

caminhos de luta e guerra para Ògún, òrìṣà que sempre está apressado
Nativo, planta que abre totalmente os caminhos para que tem pressa em purificação
Nativo, planta que atrai boa sorte, bênçãos e purificação
Nativo, planta que manda embora, rapidamente, o morto que volta à Terra chorando em busca de favores."

7- ***"Tẹtẹ̀rẹ̀gún òjò domi pá ó***
Tẹtẹ̀rẹ̀gún òjò
A flexibilidade de teteregun evita brigas
teteregun é como a chuva que equilibra o ansioso
teteregun é como a chuva."

8- ***"Ibi bìrí bí tí Mariwo***
Mariwo yè ko sàn ni ko lé Mariwo
Bàbá tọrọ wà mi ṣe
Mariwo bàbá tọrọ wà mi ṣe Mariwo
Ibi bìrí bí tí Mariwo
Mariwo yè ko sàn ni ko lé Mariwo
Folha nova do dendezeiro, o mal ainda surge derrepente
Folha nova do dendezeiro, nós não somos perfeitos, melhore-nos, ajude-nos a evoluir,
a ter um grau espiritual mais elevado, para não sermos mais um na multidão, queremos ser como a folha nova do dendezeiro que é individualizada e, por isso, pode descobrir mistérios."

9- ***“Ìrókò kí sílẹ̀***
Ẹ̀rọ̀ Ìrókò ìso ẹ̀rọ̀...
A essência divina deve fixar-se
Saudamos Ìrókò, para que nos inspire
a termos calma para fixar idéias,
pensamentos e projetos.”

10- ***“Ẹ ti ẹ̀mí óré dé ìyàn o***
Ẹ ti ẹ̀mí óré dé ìyán
Àroyé ẹ̀mí óré dé rọ jọ́
Ojúoro ẹ̀mí óré dé rọ iyìn
Ẹti ẹ̀mí óré dé ìyàn
Na dificuldade da decisão, a essência
divina (òrìṣà) amplia a visão para que
se tenha argumentos
Nos debates, a essência
divina (òrìṣà) amplia a visão para que
se tenha argumentos
Ojuorô amplia a visão para que a
essência divina nos faça pensar
corretamente e sejamos capazes de
pedir perdão
Ojuorô amplia a visão para que a
essência divina nos faça ter
pensamentos afetuosos.”

11- ***“Ewé ìyá***
Ewé ìyá
Orí rere
Fún mi ní Yemọja
Folha de Mãe Yemọja (capeba)
Folha de Mãe Yemọja (capeba)
Dê para mim uma cabeça boa para eu
ter bem estar e prosperidade.”

12- ***“Bọ ti semin-semin***
Bọ ti l´oyin l´oyin
Agbè eyè àlukò, igi àgbá t´awo mi
Cultuamos com muita força a
vassourinha doce
Cultuamos com muita força a folha
mais doce que o mel
Aves e árvores ancestrais, iluminem
nossos mistérios.”

13- ***“Ọdúndún bábá tè rọlẹ̀***
Ọdúndún bábá tè rọlẹ̀
Ma dé tè rọlẹ̀
Báde tè rọlẹ̀
Ọdúndún bábá tè rọlẹ̀.
Folha da costa, a folha do Pai (Òṣàlá)
eu lhe venero através do silêncio
Com a Folha da costa eu pretendo
cobrir meus olhos e me calar
Ser conveniente, respeitando-o, pai
(Òṣàlá) através do silêncio
Com a Folha da costa eu pretendo
cobrir meus olhos e me calar.”

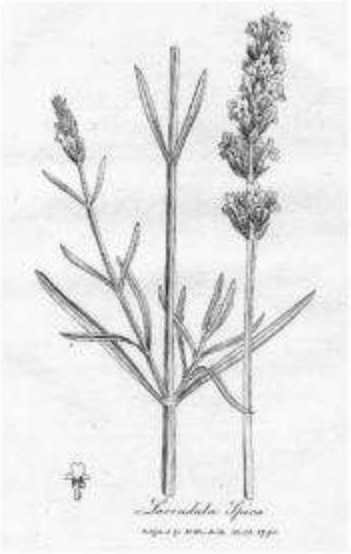
RITMO *ÌJẸ̀ṢÀ*

14- ***“O, o, o, o, o, o, Ọ̀ṣọ́nyìn ìrúnmọnlẹ̀***
ìrúnmọnlẹ̀ ki a dé ọ, o
Vos glorificamos, vos honramos
Ọ̀ṣọ́nyìn ó espírito sagrado
Vos glorificamos espírito sagrado que
chegou até nós.

15- ***“Àwúre kùtù Ọ̀ṣọ́nyìn,***
àwúre kùtù ní ewé ó.
Nós recebemos boa sorte em torno de

Ọ̀sọ́nyìn
Nós recebemos boa sorte ao redor das folhas."

16- ***"Agẹ̀ fígbó ẹ ti móòkè kún,***
agẹ̀ fígbó ẹ ti móòkè kún.
Agẹ̀ usou as matas e foi completamente bem sucedido
Agẹ̀ usou as matas e foi completamente bem sucedido."



Capítulo 16

As plantas, seus cantos e encantos

A ciência encontrou *Ọ̀sányìn*

Por tudo que pudemos analisar até aqui, conforme a cosmovisão ioruba, temos que o elemento vegetal significa muito mais do que um ser inanimado, capaz apenas de produzir sombra e de servir ao homem. Para os iorubas, os vegetais são coabitantes deste planeta (*àiyé*), tão importantes quanto a própria espécie humana.

A relação entre homem e vegetal, de acordo com a cultura jêje-nagô, é de troca constante, de sacrifícios de uns pelos outros, em um sistema de retro alimentação e equilíbrio. A planta cede ao homem alimento, cura, harmonia espiritual.

Na ritualística ioruba, base do Candomblé jêje-nagô, todas as liturgias direcionadas a estabelecer o contato entre homens e deuses, ou para alterar positivamente a condição humana, é realizado através do uso ritual do elemento vegetal.

O elemento vegetal, portanto, neste contexto, é divinizado e personificado em *Ọ̀sányìn*: o deus que tem por regência as plantas e o poder da cura. Contudo, *Ọ̀sányìn* é descrito como sendo a própria planta. *Ọ̀sányìn* é a folha e a folha é *Ọ̀sányìn*. Nesta equação filosófica, o ioruba vê a divindade no vegetal e o eleva a status de deus.

Neste diapasão, *Ọ̀sányìn* (a planta) é cultuado, reverenciado, agradado, louvado, rezado para que dele se obtenha a cura e o bem-estar espiritual. A planta (*Ọ̀sányìn*), então, é viva, divina, poderosa, inteligente, autônoma.

Em reflexão a esta constatação feita pelos iorubas há milhares de anos, interessante observar as recentes pesquisas do engenheiro florestal alemão Peter Wohlleben sobre o comportamento das plantas. Em sua obra *"A Vida Secreta das Árvores"* (2017), o Wohlleben atesta, através de suas pesquisas, que as árvores vivem em sociedades, se protegem de temperaturas e agressores, compartilham nutrientes.

Segundo o pesquisador alemão, entre as árvores há um comportamento inteligente capaz de dar tratamento especial às espécies mais idosas e também aos brotos. Em suas investigações, Wohlleben também notou rivalidades entre espécies, invasões de territórios em busca de luminosidade e alimentos, bem como a capacidade de comunicação entre as árvores. O

autor de *"A Vida Secreta das Árvores"* afirma que foi capaz de comprovar que espécies vegetais podem emitir sinais com o objetivo de atrair predadores para as "inimigas" por uma rede de comunicação formada por fungos, que se amplia por quilômetros.

Em seus relatos, Wohlleben cita um caso em que comprovou a solidariedade entre vegetais. Em sua pesquisa de campo, na floresta da cidade de Bonn, na Alemanha, Wohlleben encontrou restos de um tronco com mais de 400 anos de idade que permanecia vivo, graças aos nutrientes que recebia das árvores vizinhas e do musgo que o encobria.

Em entrevista ao Jornal O Globo (Sociedade – Meio Ambiente, 16.4.17, P. 38), Wohlleben afirmou sobre o caso:

> *As árvores não são egoístas, elas cuidam umas das outras. Esta foi, até agora, a visão que mais me fascinou em meus estudos. Eu não conhecia uma colaboração que durasse tanto tempo."*

As pesquisas do citado autor revelam ainda as adaptações de espécies a novos climas e a ataques de insetos, bem como a proteção das árvores-mães aos seus brotos, como em um período de "amamentação".

O ajuntamento de árvores é capaz de determinar o microclima da região em que elas vivem, chegando a regular a temperatura, e a umidade que impeçam, por exemplo, que todos os "indivíduos" sofram com a seca, ou com ataques predatórios biológicos.

Além da solidariedade, também foi possível comprovar comportamentos e sentimentos como hostilidade e medo. As pesquisas verificaram casos de espécies que competiam por espaço em bosques e se infiltravam dentro do tronco alheio para puxar água, nutrientes e para ultrapassar a altura das rivais, a fim de alcançar a luz solar. Neste processo, as árvores atacadas produziam "ramos de medo". Estes com características bastante singulares: são nascidos nas partes inferiores do tronco, produzindo folhas adaptadas que sobrevivem com menos luminosidade, fugindo ao padrão.

Na formação do ecossistema das florestas, Wohlleben afirma que árvores da mesma espécie se apoiam através de uma rede conectada pelas raízes. Esta rede realiza constante troca de nutrientes entre os indivíduos, priorizando o fortalecimento dos membros mais fracos da comunidade.

A comunicação entre as árvores, segundo as pesquisas citadas (WOHLLEBEN, 2017), é viabilizada de várias formas. Primeiramente,

pelos aromas. Quando feridas por mamíferos, ou predadores, as árvores enviariam substâncias no ar, para que as outras vizinhas da mesma espécie começassem a se preparar para o ataque.

Outra possibilidade de comunicação é feita pelo envio de substâncias químicas e sinais elétricos. Tal fato ocorreria próximo às raízes, com o apoio dos fungos. Estes transmitem rapidamente mensagens entre as árvores, como "cabos de fibra óptica da internet". Nas palavras de Wohlleben:

> *"Por ali passam notícias sobre ataques de insetos, de modo que as árvores possam se preparar contra os agressores."*

As pesquisas do Prof. Wohlleben concluíram que as árvores são também capazes de comunicação com outras espécies de vida. Segundo o pesquisador, pinheiros conseguem identificar a saliva de cada tipo de inseto e, assim, atrair predadores específicos. Por exemplo, apelam para as vespas, que costumam depositar seus ovos no corpo de lagartas, as quais comem suas folhas. Assim, a larva da vespa se desenvolve no interior da praga, que é devorada pouco a pouco.

O tempo e a paciência das árvores também foram observados por Wohlleben, como afirmou na mesma matéria em O Globo (2017):

> *"Vi árvores centenárias que tinham apenas um metro e meio de comprimento, esperando sob suas árvores-mães por décadas, até que estas morressem e, com isso, recebiam mais luz, proporcionando seu crescimento. Esta é uma demonstração perfeita de paciência. Em nosso mundo rápido, é bom ver que a natureza tem seu próprio tempo."*

Ante esta afirmativa, impossível não associar à saudação feita pelos iorubas à divindade *Ìrókò* (*Chlorophora excelsa – Moraceae*): *Ẹ̀rọ̀*! ("Calma!").

Ao saudar *Ìrókò* com a palavra "calma", o ioruba não está pedindo à árvore-deus que lhe conceda a calma. Mas está enaltecendo esta virtude em *Ìrókò*. Está reconhecendo que esta divindade sabe, pacientemente, esperar os dias se alternarem com as noites, as luas passarem suas fases, as marés subirem e descerem, as estações o visitarem, os príncipes se tornarem reis... O ioruba então se inspira na paciência de *Ìrókò* e o saúda dizendo *Ẹ̀rọ̀*! ("Calma!"), para que a palavra materialize a virtude.

Logo a ciência moderna constatou que existe autonomia, capacidade de comunicação, sociabilidade e sensibilidade nos vegetais. Pode-se, por assim dizer, que a ciência descobriu vida inteligente nos vegetais. Teria a ciência encontrado *Ọ̀sányìn*?

Por tudo isto, imperioso perceber o respeito que os vegetais devem merecer, enquanto seres vivos, tão próximos e parecidos com o homem. Mais ainda, ao notarmos o quão danoso ao ambiente é a poda indiscriminada de árvores e o plantio de uma única espécie por longos espaços geográficos, sem uma estratégia de apoio ecológico no entorno.

Essas atitudes abalam profundamente todo o ecossistema, afetam o clima, o solo, a sobrevivência de espécies vegetais, animais e ao próprio homem, único ser vivo neste planeta capaz de devastar florestas.

Enquanto o ocidente tem se preocupado com o meio ambiente nas últimas décadas, os iorubas há milhares de anos já percebiam a importância da natureza e já a haviam deificado.

Conheçamos agora as características de algumas espécies vegetais, o que elas nos oferecem generosamente, como elas podem ser louvadas na liturgia do Candomblé jêje-nagô e quais divindades se afinizam com elas.

Os cânticos genéricos:

Algumas músicas sacras descrevem as características das plantas pelo seu porte: *kékeré*, *igi* e *àfòmọ̀*; por suas capacidades excitantes, ou calmantes (*gún* e *ẹ̀rọ̀*), por sua idade no mundo, ou por serem frutíferas. Desta forma, servem tanto para o canto das ervas principais em cada qual destes compartimentos, quanto para suas "escravas" ou substitutas.

***Kékeré*:**

Aqui, um cântico genérico utilizado para todas as espécies ***kékeré*** (arbustivas, ou rasteiras), que não possuam orin próprio (VERGER, 2000):

RITMO *ÌLÙ*:

"E omodé kékeré ènyin
Ènyin n´sé idi n´kan nlá
Ènyin n´sé idi n´kan nlá
K`awa fún nwon láse o
Àwa nsé idi n´kan nlá
E omodé kékeré ènyin
Àwa nsé idi n´kan nlá
K`awa fún nwon láse o
Àwa nsé idi n´kan nlá

E! plantas pequenas, vocês
Vocês estão fazendo coisa grande
Vocês estão fazendo coisa grande
Nós damos axé a vocês
Nós fazemos coisa grande

Àfòmọ̀:

Cântico genérico utilizado para todas as espécies ***àfòmọ̀*** (aéreas e parasitárias), que não possuam orin próprio (VERGER, 2000):

RITMO *ÀGỆRỆ*:

"Àwa ká kól´ọmọ
Àwa ká kól´ọmọ
Àfòmọ̀ ti bí kanÀwa ká kól´ọmọ ẹgẹ́

Nós colhemos as folhas que nos
trazem filhos
Nós colhemos as folhas que nos
trazem filhos
àfòmọ̀ nos permitiu ter filhos em todo
lugar
Nós colhemos as folhas que nos
trazem filhos e nos enredam."

***Igi*:**

Cântico genérico utilizado para todas as espécies de plantas ***igi*** (árvores de grande porte), que não possuam *orin* próprio (VERGER, 2000):
RITMO *ÀGẸ̀RẸ̀*:

E Ìrókò kò ti kó o
O igi ẹiyẹ ti tèmi
O igi ẹiyẹ kò gbójò
Ah! Ìrókò a kín dégun
Ah! kín dégun, a kín dégun
Ah! Ìrókò a kín dégun

Ìrókò não semeado
Grande árvore do meu pássaro
Grande árvore do meu pássaro não
recebeu chuva
Ah! Ìrókò grande protetor
Ah! Grande protetor, grande protetor
Ah! Ìrókò grande protetor

Gún:

Para todas as ervas com propriedade ***gún*** (excitantes) que não possuam *orin* específico, pode-se cantá-las como *pèrègun* (ver cântico nº 6 deste capítulo).

Ẹ̀rọ̀:

Já para as espécies de propriedade ***ẹ̀rọ̀*** (calmantes) que não tenham cânticos próprios, usa-se, genericamente, o seguinte *orin* (SANTOS, 2014):
RITMO *ÀGẸ̀RẸ̀*:

"Ewé ẹni ẹ̀rọ̀
Ewé ẹ̀rọ̀ máa ní
Ewé ẹni ẹ̀rọ̀
A folha personifica a calma
Sempre tem tranquilidade na folha
A folha personifica a calma."

Igi àgbà:

Cântico genérico utilizado para todas as árvores consideradas mais antigas no mundo, as ***igi àgbà***: *baoba*, *akòko*, *mogno africano*, *orógbó*, *apáọ̀ká*, *cajazeira* e *ìrókò* (SANTOS, 2014).

RITMO *ÀGỌ̀RỌ̀*:

"Ewé asà kó jẹ́
Ewé gbogbo ni ti ṣe ogun
Ewé asà kó jẹ́ tantan
Ewé gbogbo ni tori ṣa

Saudamos as folhas antigas
Para que elas consintam que todas as
folhas maceradas sirvam como remédio
Saudamos as folhas antigas
Para que consintam, plenamente, que todas
as folhas, uma por uma, sejam abençoadas."

Ewé ẹlẹ́tùlójú:

Cântico genérico utilizado para todas as espécies frutíferas (***ewé ẹlẹ́tùlójú***), que não possuam *orin* próprio (SANTOS, 2014):

RITMO *ÀGỌ̀RỌ̀*:

"Ire ire ire o ire
Ire kun bẹ̀ lo so
Ire ire ire o ire
Ire kun bẹ̀ lo so
Ire ire ire o ire

Pedimos bênção, bondade, favor,
benefícios.
Pedimos mais bênçãos para ficarmos
plenos e produzirmos frutos

Pedimos bênção, bondade, favor,
benefícios.
Pedimos mais bênçãos para ficarmos
plenos e produzirmos frutos
Pedimos bênção, bondade, favor,
benefícios."

Ọtí bà:

Em vários rituais do Candomblé faz-se uso de bebidas de teor alcoólico obtidas a partir da fermentação de vegetais (***ọtí bà***) para temperar elementos sagrados, para serem oferendadas, ou para servirem como simbolismos das energias/regências das divindades, tais como: cachaça (***ọtí***), vinho branco (***ọtí funfun***), vinho tinto (***ọtí pupa***), espumante (***ọtí èhó*** ou ***ọtí ní bẹ***), vinho de palma (***ẹmu***), vinho de milho branco (***fúrá***) e aluá (***aluá*** – bebida sagrada dos deuses).

Todas essas bebidas são produzidas a partir de vegetais e se prestam a representar o poder de transmutação dos elementos, como inspiradores das próprias transformações que se espera do indivíduo.

Jean Chevalier (CHEVALIER, 1997), extrapolando o ambiente sócio religioso do Candomblé, assim define as bebidas fermentadas:

> *"fermentar designa todo processo através do qual uma substância, ou até mesmo um objeto, é posto em estado de acidificação e de efervescência, capaz de conferir-lhe maior influência sobre os seres que sofrem sua ação (ZAHB, 167). As bebidas fermentadas, portanto, são a imagem do conhecimento efervescente que permite ao espírito ultrapassar seus habituais limites, a fim de alcançar – pela intuição ou pelo sonho – o conhecimento profundo da natureza, o conhecimento do segredo das coisas, isso explica o consumo ritual de bebidas fermentadas, tais como a cerveja de milho miúdo, de mandioca, de banana e de milho, na África, na América e, de maneira geral, em todas as sociedades agrícolas."*

Na filosofia ioruba, o processo de fermentação representa a transformação da personalidade viva, gerando um novo elemento muito mais aprazível, agradável e festivo, capaz de reunir e distribuir essa felicidade a um grupo.

Logo, as bebidas alcoólicas preparadas através da fermentação, quando usadas como temperos de elementos sagrados, são também cantadas:
RITMO *ÌLÙ* (SANTOS, 2014):

> ***"Fẹ́ rẹ̀ fẹ̀rẹ̀***

Ọtí wa ti kọ́ fẹ̀rẹ̀
Tìwatìwa ọtí wà àlá ti
Ọtí wa ti kọ́ fẹ̀rẹ̀

Desejar aumentar o àṣẹ, com prazer
É o que as bebidas fermentadas nos ensinam
As bebidas fermentadas nos ensinam a aumentar o àṣẹ para ter coragem de buscar nossos sonhos com dignidade
É o que as bebidas fermentadas nos ensinam."

O vinho de palma (***ẹmu***), no entanto, é cantado especificamente em um *orin*:

RITMO *ÌLÙ* (SANTOS, 2014):

"Ẹmu bá ẹ mu kan
Dáni ìṣẹ́ bọ ré àbá
Ẹmu bá ẹ mu ọkàn
Dáni ìṣẹ́ bọ ré àbá o
Ẹmu bá ẹ mu kan
Dáni ìṣẹ́ bọ ré àbá
Ẹmu bá ẹ mu ọkàn
Dáni ìṣẹ́ bọ ré àbá o
Arúfin ẹrú dà
Tán ìṣẹ́ bọ́ rẹ̀ wá dá
Arúfin ẹrú dà
Tán ìṣẹ́ bọ́ rẹ̀ wá dá
Arúfin ẹrú dà
Tán ìṣẹ́ bọ́ rẹ̀ wá dá
Yé bàlé yé bá na
Ìtọsẹ kọ́ lọ̀na kọ́ lọ̀
Bara kóro anú wá fi tí si
Ẹ̀bẹ̀ ṣẹ kọ́ lọ̀na kọ́ lọ
Yé bàlé yé bá na
Ìtọsẹ kọ́ lọ̀na kọ́ lọ̀
Bara kóro anú wá fi tí si
Ẹ̀bẹ̀ ṣẹ kọ́ lọ̀na kọ́ lọ

Bebe-se vinho de palma para nunca mais
se um entre muitos
Para se ter o propósito e a esperança de

vencer a luta com abnegação, idolatria e cordialidade
Beber o vinho de palma faz encontrar o centro, faz encontrar a própria essência
Para ter o propósito e a esperança de vencer a luta com abnegação, idolatria e cordialidade
Bebe-se vinho de palma para que nunca mais ser um entre muitos
Para se ter o propósito e a esperança de vencer a luta com abnegação, idolatria e cordialidade
Beber o vinho de palma faz encontrar o centro, faz encontrar a própria essência
Para se ter o propósito e a esperança de vencer a luta com abnegação, idolatria e cordialidade
Libertar o prisioneiro de pesadas bagagens carregadas nas costas
Fazer acabar com as atribulações e o cansaço da busca
Libertar o prisioneiro de pesadas bagagens carregadas nas costas
Fazer acabar com as atribulações e o cansaço, para que ele se mova em direção da fixação da essência
Libertar o prisioneiro de pesadas bagagens carregadas nas costas
Fazer acabar com as atribulações e o cansaço da busca
Libertar o prisioneiro de pesadas bagagens carregadas nas costas
Fazer acabar com as atribulações e o cansaço, para que ele se mova em direção à fixação da essência
Que o alto nos ilumine para que compreendamos o significado de nossas buscas e encontremos logo o que buscamos
Que o Senhor dos Caminhos nos ensine a não chorar pelas coisas perdidas
Suplicamos um lenitivo para as buscas que

vêm arrastando-se, que elas tenham um
ponto final
Suplicamos ao Senhor dos Caminhos que nos
ensine a não chorar pelas coisas perdidas e
que nos tornemos pessoas plenas e
completas
Que o alto nos ilumine para que
compreendamos, para que
entendamos o significado de nossas buscas e
encontremos logo o que buscamos
Que o Senhor dos Caminhos nos ensine a
não chorarmos pelas coisas perdidas
Suplicamos um lenitivo para as buscas que
vêm arrastando-se, que elas tenham um
ponto final
Suplicamos ao Senhor dos Caminhos que
nos ensine a não chorar pelas coisas
perdidas e que nos tornemos
pessoas plenamente completas."

---

[1] ***Ójà*** (sem similar), planta africana utilizada medicinalmente.
[2] ***Òròmbó*** (CITRUS spp., Rutaceae), planta africana utilizada medicinalmente.
[3] ***Ọ́ọ́yọ́*** (Corchorus olitorius L., Tiliaceae), planta medicinal utilizada pelos iorubas.
[4] ***Awùsá*** (Trichilia monadelpha (Thonn.) J.J. de Wilde, Meliaceae), planta medicinal utilizada pelosiorubas.
[5] ***Agbe*** (Echinops longifolius (Compositae), planta medicinal utilizada pelos iorubas.
[6] ***Àlùkò*** (Tauraco ruspolli), ave africana silvestre de penas cor púrpura, que simboliza boas-novas, elos iorubas.
[7] ***Akòko*** (Newbouldia laevis Seem., Bignoniaceae)
[8] **Ewé ọdúndún** (Kalanchoe): saião, ou folha da costa.
[9] **Egrégora**: força espiritual criada a partir da soma de energias coletivas (mentais, emocionais) fruto da congregação de duas ou mais pessoas.
[10] ***dárúkọ*** **- 1**. v. mencionar o nome; **2**. s. cerimônia pública na qual o Òrìṣà do iniciado pronuncia seu nome iniciático. Em algumas tradições, usa-se como sinônimo a palavra ìsọmọlórúkọ. Momento mais esperado de todo o processo de iniciação do neófito. Ato é tradicionalmente conduzido por um "padrinho de santo", ou "madrinha de santo", que são escolhidos pelo sacerdote da Casa somente para este fim. Quando o Òrìṣà pronuncia seu nome, geralmente todas as divindades do Terreiro de manifestam, saudando o novo iniciado.
[11] Casa de Oxumarê (*Ilé Aràká Àṣẹ Ògòdó*), fundada em 1820 por *Tàlábí*, é considerada como uma das casas matrizes do Candomblé do Brasil.
[12] Lit.: *ìṣe* (s. costume, ação) + *oògùn* (s. remédio, medicamento, magia).
[13] Ver item "Água no processo curativo", neste capítulo, para informações mais detalhadas sobre o uso terapêutico da água.
[14][14] ***Ẹ̀ẹ́fín***: defumador. ***Àwo-tùrarí***: turíbulo.

[15] Lit.: ***nù*** (v. limpar) + ***lára*** (adj. material) + ***ènià*** (s. pessoa)**.**
[16] *ìròsùn*: 4º *Odù* no Oráculo *Mẹ́rìndílógún*. Corresponde ao *Odù Òdí Méjì* no Sistema de *Ifá*. Representa "A Calma". Quem percorre esse *Odù* é *Yemọja*. É ligado ao elemento terra.
[17] Ver nas páginas 457 e 458
[18] ṣàṣàrà – s. bastão feito de nervuras do dendezeiro, utilizado por Ọmọlu e por Ọbalúwáiyé para curar; ferramenta ritual de Ọmọlu e de Ọbalúwáiyé. Mesmo que ilẹ́wọ̀.
ọ̀kọ̀ – 1. s. lança; 2. s. ferramenta ritual de algumas qualidades de Ọbalúwáiyé.
[19] As fases da lua, na cultura ioruba: lua cheia (*òṣùpá kíkún*); lua crescente (*òṣùpá nídàgbà,* ou *ìdámẹ́rin nídàgbà*); lua minguante (*òṣùpá rẹ̀wẹ̀sì*, ou *ìdámẹ́rin rẹ̀wẹ̀sì*); lua nova (*ìwọ̀ọ̀kùn*, ou *òṣùpá tútù*).
[20] O autor preserva grafias diferentes da sua, bem como traduções, respeitando a interpretação dos escritores citados e valorizando a importância da manutenção do rito, em detrimento do rigor da escrita.

GLOSSÁRIO DE ERVAS

Ficha catalográfica

Nosso objetivo ao elencar as plantas utilizadas no universo litúrgico e herbalístico do Candomblé jêje-nagô, não é figurar como médicos, nem como especialistas que não somos. Mas de catalogar, compilar e demonstrar aqui, neste contexto, as inúmeras capacidades vislumbradas para equilíbrio do corpo, das emoções e da espiritualidade, a partir da potencialidade do elemento vegetal.

Nosso interesse foi revelar o olhar sobre a planta, a partir da percepção da cultura jêje-nagô, baseada na tradição dos seus ancestrais, assim como na visão daqueles que, antes de nós, já haviam se dedicado ao tema e aos quais recorremos como fonte de nossas pesquisas, tais como Pierre Verger, Mãe Stella de Azevedo Santos, José Flávio Pessoa de Barros, Eduardo Napoleão, Alfons Balbach, Jaime Bruning, dentre outros.

Embora já conste nas notas do autor, reitero que as plantas elencadas nos glossários foram arroladas considerando seu uso terapêutico e ou litúrgico na matriz africana e na tradição brasileira jêje-nagô, independentemente da origem da espécie. Logo, a nomenclatura ioruba segue a forma como foram identificadas, muitas vezes, já em território brasileiro.

Por assim ser, notaremos diversas espécies que não são originárias nem da África, nem do Brasil, mas que medram em nosso território e que, por este motivo, passaram a ser conhecidas, usadas e gradativamente incluídas na herbologia jêje-nagô do Candomblé. Razão pela qual, muitas destas plantas ganharam novos nomes em ioruba, ou porque não eram conhecidas na África, ou porque na flora brasileira adaptaram-se e mostraram-se diferentes.

As indicações terapêuticas das plantas citadas nesta obra foram pesquisadas em literaturas especializadas (citadas na bibliografia) e também fruto das entrevistas com herbalistas e sacerdotes, não sendo o autor

proveniente da área biomédica. Logo, em qualquer caso, recomenda-se o acompanhamento médico.

A eficácia dos elementos vegetais e dos tratamentos elencados neste trabalho de pesquisa, não pode ser comprovada pelo autor, nem foi o cerne da pesquisa. Esta, conforme dito, teve como único propósito demonstrar como a comunidade jêje-nagô as percebe e como com elas se relaciona física e emocionalmente.

Não seguimos o padrão clássico das "fichas técnicas" tradicionais, mas apresentamos uma classificação que, a nosso ver, melhor coaduna com a cultura jêje-nagô e com a análise contextualizada por esta obra.

A relação entre as ervas e as divindades não seguiu o padrão específico de nenhuma raiz do Candomblé jêje-nagô. Balizou-se nas fontes pesquisadas. Logo, notaremos que esta correlação erva-*òrìṣà* poderá ser diferente de acordo com as várias tradições religiosas do Candomblé e ainda da matriz africana.

A 

Akokô

1- AAKA

Nome ioruba:aaka. Mesmo que *òòrẹ̀, òjìgbọn, èèrẹ̀, òjìbọn*

Nome científico: *Lecaniodiscus cupaniodes Planch. ex Benth & Hook., Sapindaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọmọlu, Ògún*

Características: arbusto de médio porte com folhas escuras. Produz pequeno fruto não comestível de sabor amargo.

Uso litúrgico: banhos iniciáticos e para tirar energias negativas

Uso na herbologia: emplastros para dores e inflamações ósseas

Parte usada: folha.

Orin: não específico.

2-ABACATE

Nome ioruba: *èso ìtóbi*

Nome científico: *Persea gratíssima G., Lauraceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: gún

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó, Ọya, Èṣù*

Características: árvore de grande porte, produtora de fruta de porte médio, comestível e utilizada para diversos fins na herbologia ioruba.

Uso litúrgico: as folhas são usadas para banhos dedicados às divindades citadas acima. Quando as folhas e os frutos são avermelhados, a dedicação é feita a *Ọya*.

Uso na herbologia: o consumo do fruto ajuda no despertar do apetite sexual. O caroço torrado e pilado é usado no combate à disenteria. A infusão de suas folhas é recomendada para o tratamento de doenças reumáticas e gota.

Parte usada: folha, caroço e polpa.

Orin: sem específico.

3-ABACAXI

Nome ioruba: *ọpẹ òyìnbò*

Nome científico: *Ananas comosus (L.) Merr., Bromeliaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọmọlu, Ọṣùn*

Características: espécie de bromélia cujo bulbo sob a terra é o fruto comestível. As folhas, assim como o fruto são espinhosas, mas o sabor é bastante adocicado.

Uso litúrgico: oferendas às divindades femininas, a *Èṣù* e a *Ibéjì*. Seu consumo costuma ser um interdito aos iniciados para *Ọmọlu*. Suas folhas são empregadas em trabalhos para prosperidade financeira.

Uso na herbologia: o consumo da fruta é recomendado para ajudar na digestão e depuração do fígado. No preparo como xarope, é indicado para debelar doenças pulmomares e dores na garganta. A ingestão do suco da fruta é útil como diurético e para debelar problemas renais (BARROS, 1999).

Parte usada: folha e fruta.

Orin: sem específico.

4-ABÓBORA

Nome ioruba: *elégédé*

Nome científico: *Cucurbita máxima Duch., Cucurbitaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọrúnmìlà, Ọsányìn*

Características: planta rasteira de folha grande e arredondada, produtora de fruto de porte grande, largamente utilizado na culinária jêje-nagô.

Uso litúrgico: usa-se o fruto para oferendas a diversas divindades como *Ọsányìn*, e também em ẹbọ para o *Odù Ọ̀bàrà*.

Uso na herbologia: os caroços secos e torrados são ingeridos para combater vermes e como fortificantes. O consumo do fruto atua contra erisipelas e queimaduras. As flores piladas são ingeridas para aliviar dores de ouvido. O chá por decocção do talo é usado como diurético.

Parte usada: flor, fruto, talo e semente.

Orin: sem específico.

5-ABRE-CAMINHO

Nome ioruba: *ewé lorogún*
Nome científico: *Lygodium volubile Sw., Schizaeaceae*
Elemento da natureza: terra
Gênero: masculino
Porte: *kékeré*
Tipo: *gún*
***Òrìṣà* associado**: *Ògún*
Características: trepadeira
Uso litúrgico: suas folhas frescas são largamente utilizadas para maceração e preparo de banhos, objetivando movimento, superação emocional e vitórias. As folhas secas servem para defumação visando obter progresso e energias realizadoras.
Uso na herbologia: não se conhece
Parte usada: folhas.
Orin: sem específico.

6-ABÚTUA

Nome ioruba: *ọkàn ewé*
Nome científico: *Cissampelos parreira, Cissampelos vitis*
Elemento da natureza: água
Gênero: feminino
Porte: *kékeré*
Tipo: *ẹ̀rọ̀*
Energia: calmante
***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*
Características: trepadeira que produz cachos de frutas pretas, parecidas com a uva. Suas folhas são delicadas e em formato de coração.
Uso litúrgico: banhos para aumentar a autoestima e despertar o amor.
Uso na herbologia: cálculo renal, cólicas uterinas, má digestão, reumatismo, dores de cabeça, afecções do fígado e amenorreia.
Parte usada: raiz, casca e tronco, para chá por decocção.
Orin: não específico.

7-ACÁCIA(alfarrobeira)

Nome ioruba: *bòbó* ou *ìgbá*

Nome científico: *Solanum dasyphyllum Schumach. & Thonn., Solanaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Tipo: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: árvore de grande porte que produz flores amarelas em cachos.

Uso litúrgico: suas folhas maceradas são usadas para banhos objetivando união e prosperidade. Suas flores são torradas e piladas para a confecção de pós para reconciliação. As folhas secas servem para defumações relativas ao amor.

Uso na herbologia: chá por infusão das flores como calmante.

Parte usada: folhas e flores.

Orin: sem específico.

8-ACEROLA(cerejeira-do-pará)

Nome ioruba: *òòka-etí ọya*

Nome científico: *Malpighia emarginata*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọya*

Características: arbusto de folhas brilhantes e amendoadas, que produz fruto vermelho arrendondado e abundante.

Uso litúrgico: as folhas maceradas são usadas em banhos para fortalecimento do corpo e também na composição de *àgbo* relativo a *Ọya.*

Uso na herbologia: a fruta é rica em vitaminas A e C, além de ácido fólico, riboflavina B2 e niacina. Dentre os minerais presentes, podemos destacar o fósforo, manganês, magnésio, cálcio, ferro, potássio e cobre. Logo, o consumo da fruta *in natura*, ou o suco de sua polpa, é indicado para controle do açúcar no sangue, ação antioxidante, prevenção do câncer, fortalecimento do sistema imunológico e tratamento da pele.

Parte usada: folhas e frutas.

Orin: sem específico.

9-AÇOITA-CAVALO(fava-de-obara)

Nome ioruba: *kóró ọ̀bàrà*

Nome científico: *Luhea grandiflora*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ifá*

Características: árvore de grande porte, de folhas grandes e claras. Seus frutos também são grandes e duros. As flores são brancas ou rajadas. Sua madeira é usada para o fabrico de calçados de madeira.

Uso litúrgico: seus frutos constituem oferendas ao *Odù Ọ̀bàrà*.

Uso na herbologia: o decoto da entrecasca é empregado no combate à leucorreia para auxiliar na recuperação de queimaduras e para limpar úlceras e feridas gangrenosas.

Parte usada: casca e frutos.

Orin: sem específico.

10-AGAVE(pita,babosa-brava, gravatá-açu)

Nome ioruba: *ipòlerin nlá*

Nome científico: *Agave americana L., Amaryllidaceae (Agavaceae)*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀sányìn, Ọ̀mọ́lu*

Características: suas folhas partem do chão em diagonal, no formato de grandes espadas com as bordas espinhosas.

Uso litúrgico: os banhos com esta planta objetivam prosperidade financeira e nos negócios. As oferendas ao *odù ọ̀bàrà* (6º *Odù* no Oráculo *Mẹ́rìndílógún*, corresponde ao *Ọ̀wọ́nrín Méjì* no Sistema de *Ifá*. Representa "A Riqueza"), costumam ser depositadas aos pés de um agave frondoso.

Uso na herbologia: folhas usadas em decocção como depurativo do sangue, diurético, no combate a afecções do estômago, inflamações no intestino e no fígado. Em compressas, as folhas servem para amenizar inflamações oculares e secar feridas. Suas raízes são antissifilíticas, estomacais, antiescorbúticas e antianêmicas.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

11-AGNOCASTO(jureminha,agnus-castus, árvore-da-castidadeou pimenta-dos-monges)

Nome ioruba: *ewé simi okó*

Nome científico: *Vitex agnus-castus L., Verbenaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: planta de pequeno porte, de folhas aveludadas e flores em pendão rosadas.

Uso litúrgico: há indícios de que seu uso se dá desde a Grécia antiga. Registros revelam que na Idade Média esta planta era usada nos mosteiros para reduzir o desejo sexual. No Brasil, foi incorporada ao Candomblé com a mesma finalidade. Suas folhas frescas são colocadas no travesseiro, ou utilizadas para o preparo de chás.

Uso na herbologia: na herbologia jêje-nagô é recomendado como calmante, para combater a insônia e para facilitar a menstruação. Suas propriedades aumentam a lactação e equilibram o sistema vago-simpático.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

12-AGONIADA(jasmin-manga)

Nome ioruba: *ọmọ ẹ̀dùn*

Nome científico: *Plumeria lancifolia*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn, Yemọja*

Características: árvore de pequeno porte, de folhas em formato fálico e flores postas em buquê de cor branca, ou vermelha, nos dois casos com miolo amarelo e perfume intenso.

Uso litúrgico: folhas para banhos em maceração para calma e para amor.

Uso na herbologia: as folhas em infusão, usadas para tratamentos de asma, menstruações difíceis, afecções histéricas e catarros.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

13-AGRIÃO

Nome ioruba: *ewé omi ata*

Nome científico: *Sisymbrium nasturtium L., Cruciferae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Tipo: *ẹ̀rọ̀*

Energia: calmante

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja, Ọṣùn*

Características: herbácea rasteira de até 50 cm de comprimento, com o talo espesso e suculento.

Uso litúrgico: é usado em comidas litúrgicas para *Baàyànnì* e *Ìyámasé*.

Uso na herbologia: possui altas concentrações de ferro, iodo e das vitaminas A e C. Indicada para ingestão crua, contra anemia, gota, cálculos da bexiga, afecções do fígado, cálculos renais, escrofulose e escorbuto. De suas folhas e talos se faz xarope combate a tosse, pneumonia e gripe. Seu chá é usado em casos de bronquite, tabagismo, para baixar a taxa de açúcar e do ácido úrico e na condição de depurativo do sangue. O uso excessivo pode causar cistite e irritações estomacais. Não recomendado durante a gravidez. Suas folhas piladas colocadas sobre úlceras e feridas, ajudam na cicatrização. A ingestão desta erva em saladas é bastante recomendada, em vista de suas vastas propriedades.

Parte usada: folhas e talo.

Orin: sem específico.

14-AGUAPÉ(dama-do-lago,jacinto-d'água,rainha-do-lago)

Nome ioruba: *ẹjá ọmọdé*

Nome científico: *Eichhornia crassipes (Mart.) Soms., Pontederiaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Nànà, Yemọja, Ọṣùn*

Características: planta aquática flutuante, de folhas arredondadas e côncavas. Flores em pendão, de cor lilás.

Uso litúrgico: a maceração de suas folhas compõe banhos iniciáricos para as divindades associadas. Contudo, sendo indispensável à iniciação de *Nànà*. Acredita-se que esta planta possua capacidade de acalmar os neófitos e de facilitar o processo de regressão mítica ao útero materno, inirente à iniciação no Candomblé.

Uso na herbologia: é usada em lagos, poços e rios como depuradora da água, já que suas raízes filtram impurezas e metais pesados.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

15-AHÙN

Nome ioruba: *ahùn*

Nome científico: *Alstonia boonei*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn, Ìyámi*

Características: esta espécie alcança até 45 m de altura e cerca de 3 m de diâmetro. Produz látex branco e abundante.

Uso litúrgico: aos seus pés são colocadas oferendas às Mães Ancestrais. De sua madeira, são esculpidos totens e artefatos ligados às *Ìyámi*.

Uso na herbologia: utilizada para combater má digestão, fortalecimento dos tecidos e para a eliminação de toxinas do organismo. A decocção feita com sua casca é empregada para aliviar dores e também recomendada às mães após o parto para ajudar na entrega da placenta. A resina leitosa produzida pela árvore é usada para limpar feridas, doenças de pele e asma. Na Nigéria, seu chá é recomendado para curar a malária.

Parte usada: folha, casca, resina.

Orin (SANTOS, 2014):

> ***"Ahùn là burú ru***
> ***Ahùn là burú ru***
> ***Rá yé furu rán***
> *Ahùn quebra o mal, levantando o doente*
> *Ahùn quebra o mal, levantando o doente*
> *Silenciosa e rapidamente, fazendo cessar a doença."*

16-AKOKÔ

Nome ioruba: *akòko*

Nome científico: *Newboldia laevis Seem., Bignoniacea*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣányìn,Ògún*

Características: árvore de grande porte, de folhas grandes, de tonalidade verde escura e com as bordas serrilhadas.

Uso litúrgico: suas folhas estão associadas à prosperidade financeira e têm a propriedade de fortalecer os líderes, dando-lhes poder de convencimento e força à palavra. É chamada de "Árvore do Coroamento". Suas folhas são utilizadas nos banhos iniciáticos para qualquer *Òrìṣà* e também no culto *Egúngún*. O uso das folhas de *akòko* em certos ritos serve para simbolizar a conquista de cargos no Candomblé. Segundo um *ìtàn*, o *Odù Éjì Onílẹ̀* foi coroado como rei dos *Odù*, recebendo uma folha de *akòko* em sua cabeça. É um tabu cortar esta árvore com faca, ou machado, conforme o provérbio: "*O se pó, a ki akóko*" (SANTOS, 2014). Segundo a tradição da etnia *fon*, o cajado do sábio deve ser feito desta árvore, que denominam de "*ahoho*", de forma a atrair a proteção do *Vodun Togbo*, para abrir caminhos e facilitar a caminhada. Dos galhos do *akóko*, são confeccionados varetas para a condução dos espíritos dos mortos. *Ọya*, é intitulada como *Alákòko* (Senhora do *Òpákóko* = tronco ritual do *akóko*, que une os 9 espaços siderais entre o *ọ̀run* e o *àiyé*.

Uso na herbologia: não se conhece.

Parte usada: folhas.

Orin: V. Capítulo 16: "As plantas, seus cantos e encantos - *Igi àgbà.*

17-ALAMANDA(dedal-de-moça,quatro-patacas)

Nome ioruba: *ewé tọ́polá*

Nome científico: *Allamanda catártica, Orelia grandiflora*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: arbusto que produz flores amarelas ou violetas com cálice campanulado, com folhas brilhosas em tom verde escuro.

Uso litúrgico: a casca e a seiva da casca são empregadas em banhos para combater sarna e piolhos. A maceração de suas folhas frescas é usada liturgicamente para banhos de prosperidade e superação.

Uso na herbologia: casca e seiva da casca usadas no combate à sarna e aos piolhos.

Parte usada: folhas, casca e seiva da casca.

Orin: sem específico.

18-ALCAÇUZ

Nome ioruba: *òbò ẹlésè àlùkò*

Nome científico: *Periandra dulcis*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Nànã́*

Características: arbusto que produz flores violetas, de habitat em locais altos e pedregosos, cuja raiz possui sabor adocicado.

Uso litúrgico: banhos iniciáticos para *Nànã́*. Usado para compor àgbo para fortalecer pessoas idosas e para afastar a morte.

Uso na herbologia: expectorante, laxante, diurético e calmante. Sua raiz seca e pilada, reduzida a pó e misturada com farinha de trigo, ou inhame, é aplicada sobre a erisipela para abrandar o incômodo. Atua contra dispineia. O chá em infusão é indicado para tratar afecções do fígado.

Parte usada: raiz, em decocção.

Orin: sem específico.

19-ALECRIM-DO-MATO(alecrim-de-caboclo, vassourinha)

Nome ioruba: *ewéré*

Nome científico: *Scoparea dulcis (vassourinha-doce)*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàgiyán, Ọdẹ*

Características: arbusto delicado, de folhas pequenas e afiladas, que brotam das hastes diagonais em lados opostos. As flores são brancas, miúdas, em folíolos.

Uso litúrgico: folhas frescas usadas em banhos calmantes e de prosperidade. As folhas secas são úteis para defumações com o propósito de afastar energias negativas.

Uso na herbologia: indicado em chá para atenuar espasmos e cólicas, em afecções do coração, ou como diuréticos. Rico em tanino, o *ewéré* protege o revestimento intestinal, reduzindo sangramento, diarreia e dispepsia. Seu chá é ainda recomendado em caso de esgotamento e cansaço mental, bem como para debelar a febre (inclusive tifoide), tosse, reumatismo e problemas gástricos. É utilizado para redução do sangramento excessivo durante o período menstrual. Macerado, é aplicado no couro cabeludo para evitar a queda de cabelos. Suas folhas secas, reduzidas a pó, servem para cicatrizar feridas. O sumo da maceração de suas folhas atende ao mesmo fim. Deve ser evitado durante a gravidez.

Parte usada: folhas.

Orin: não existe específico.

20-ALEVANTE(levante,elevante)

Nome ioruba: *eré tuntun*

Nome científico: *Mentha citrata L., Labiatae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja, Ọṣùn*

Características: planta rasteira, de folhas delicadas e miúdas, adaptadas ao habitat úmido e com pouca incidência da luz solar.

Uso litúrgico: usado fresco em banhos litúrgicos purificatórios e secos para defumação com o objetivo de trazer boa sorte. A maceração desta erva é empregada no preparo ritual dos búzios que integram o oráculo.

Uso na herbologia: antisséptico e digestivo.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

21-ALFACE

Nome ioruba: *ewé ilẹ̀ rin*

Nome científico: *Lactuca sativa L., Compositae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Tipo: *ẹ̀rọ̀*

Energia: calmante

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja*

Características: folhagem de pequeno porte, com folhas em buquê, arredondadas, típica de ambientes úmidos.

Uso litúrgico: na liturgia ioruba, é empregado para envolver o *òkúta* sacralizado ao *òrìṣà*, a fim de aplacar a energia da divindade e equilibrar o adepto. Suas folhas frescas são usadas para banhos calmantes.

Uso na herbologia: por infusão é recomendado para acalmar o sono de recém-nascidos e também como desintoxicante, laxante e diurético. Seu consumo cru em saladas, ajuda no equilíbrio do sistema nervoso e no funcionamento dos rins.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

22-ALFAVACA-DE-COBRA(maricotinha, jaborandi-de-três-folhas)

Nome ioruba: *èìtáré, èrùyántẹ́fẹ́*

Nome científico: *Monnieria trifólia L., Rutaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja, Òṣùmàrè*

Características: planta de porte médio, de folhas aveludadas e sementes abundantes em pendão vertical.

Uso litúrgico: utilizada para banhos purificatórios e também dedicada à iniciação das divindades femininas no Candomblé. As sementes da alfavaca-de-cobra são empregadas em ritos para abertura de caminhos, prosperidade, fartura e inovações.

Uso na herbologia: na herbologia ioruba, o sumo das folhas é aplicado em caso de inflamações oculares, afecções da uretra, bexiga, rins e dores de ouvido. O chá por infusão é recomendado como antifebril, antidiarreico, sudorífico, diurético, dispepsia, expectorante, estimulante, para afecções no estômago e ainda trata angina. A decocção das folhas e sementes é usada para fazer compressas que as lactantes aplicam sobre o bico do seio afetado. Com as raízes, prepara-se xarope para combater a

tuberculose.

Parte usada: folhas, sementes.

Orin: nenhum específico.

23-ALFAVAQUINHA-DE-COBRA(oriri,oriri-de-oxum)

Nome ioruba: *rínrín*

Nome científico: *Peperomia pellucia (L.) Kunth, Piperaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *èrò*

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja, Orí, Ọṣùn, Yẹwà* e *Òṣàlá*

Características: planta rasteira, de folhas miúdas e brilhantes, adaptada a lugares úmidos e com pouca incidência de luz solar.

Uso litúrgico: erva ritual utilizada nos ritos a *Orí, Ọṣùn, Yemọja, Yẹwà* e *Òṣàlá*. Tem propriedades calmantes. Nos rituais de Candomblé, a folha do *rínrín* é a primeira a ser louvada. Ela é a folha que tranquiliza o olhar, trazendo serenidade e sabedoria aos homens. Lit.: "molhada, molhada pela chuva".

Uso na herbologia: as folhas piladas são usadas para curar feridas. Com a raiz, prepara-se xarope para combater pneumonia.

Parte usada: folhas, raiz.

Orin (SANTOS, 2014):

> ***"Rínrín là gbéṣè***
> ***Wa gbéjẹ ni ki wa gbèṣẹ hu bọ̀***
> ***Rínrín là gbéṣè***
>
> *Alfavaquinha de cobra que é puro vem na frente*
> *Nós ficamos quietos para não incorrermos em erro e chorarmos alto*
> *Alfavaquinha de cobra que é puro vem na frente."*
>
> *ou*
>
> ***"Tútù dùn dùn***
> ***Tútù rínrín***
> ***Na kí ni ki yẹ́***
> ***Nípa omi***
> ***Na kí ni ki yẹ́***
> ***Dà wọ́ ọkàn***
> ***Tètè kọ́ ma ku o***
> ***Àṣẹ jinlẹ̀***
>
> *Fria, molhada, calma, quieta, suave, doce*
> *Agradável e luminosa é alfavaquinha*

Aquela que deve ser cumprimentada e honrada em primeiro lugar
Transforma rapidamente e para sempre o coração do desonesto
Fazendo com que ele aprenda repentinamente
As instruções e ordens de difícil compreensão."

24-ALFAZEMA(alfazema-do-brasil, rosmarinho)

Nome ioruba: *àrùṣò*
Nome científico: *Hyptis carpinifolia Benth., Lamiaceae*
Elemento da natureza: terra
Gênero: feminino
Porte: *kékeré*
Energia: *ẹ̀rọ̀*
***Òrìṣà* associado**: *Ọṣùn, Òṣàlá*
Uso litúrgico: utilizada em maceração das folhas frescas, para banhos objetivando calma e prosperidade. Com as folhas secas, defumações com o mesmo propósito. O banho, feito com a decocção das folhas (após esfriar), é recomendado para acalmar o sono de recém-nascidos e crianças e ainda para livrar de energias negativas decorrentes do mau olhado.
Uso na herbologia: seu chá em infusão é empregado nos casos de asma, afecções no fígado e no baço, cãibras, amenorreia, blenorragia, enxaqueca, hipocondria, açúcar no sangue e reumatismo. O cataplasma quente feito com as folhas cozidas é recomendado para abrandar nevralgias, apoplexia, dores reumáticas e calvície.
Parte usada: folhas.
Orin: sem específico.

25-ALGODÃO(algodoeiro)

Nome ioruba: *ewé òwú*
Nome científico: *Gossypium arboreum*
Elemento da natureza: ar
Gênero: feminino
Porte: *igi*
Energia: *ẹ̀rọ̀*
***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá, Ọ̀rúnmìlà*
Características: árvore que produz flores amarelas e fibras brancas felpudas junto com as sementes.
Uso litúrgico: ***Òwú***: fibra do algodão. ***Kéréwú***: semente de algodão (poderoso elemento para afastar as negatividades e as *Àjẹ́*. São usadas inteiras, ou piladas para misturar em banhos e no preparo de sabões). As folhas são utilizadas nos banhos iniciáticos para *Ọṣàlá*. Suas sementes são colocadas nos assentamentos de *Ayrà*. Usa-se o próprio algodão para envolver objetos do culto de *Ọṣàlá*. O algodão é produto base para a confecção de vestimentas desta divindade. Diversos *Odù* relacionam-se com

esta árvore. *Ògbegúndá*, por exemplo, relata *ìtàn* em que as feiticeiras queriam destruir o mundo e propuseram um enigma. Se *Ọ́rúnmìlà* adivinhasse, salvaria a humanidade. *Ọ́rúnmìlà* desvendou a charada. Na resposta, *Ọ́rúnmìlà* diz que conseguiria apanhar os sete ovos que seriam lançados pelas *Ìyámi*, usando algodão. Assim conseguiu salvar o mundo das bruxas maléficas. Outro *ìtàn*, este ligado ao *Odù Ọ́sá*, explica que o algodoeiro, árvore ligada à fecundação, estava sendo atacado pelos pássaros que consumiam suas favas prejudicando assim a germinação de outras árvores desta espécie. *Ọ́sá* criou então uma rede e aprisionou as aves, permitindo desta forma que o algodão germinasse e que a vida seguisse seu rumo. Como *Ọ́sá* é associado à menstruação e ao útero (símbolos da fertilidade feminina), recebeu de *Ọ́rúnmìlà* a incumbência de ser o guardião do algodoeiro. O algodão é uma árvore caridosa e benfeitora, pois doa parte de si para vestir a humanidade. O algodão é usado em ritos e liturgias que visam curar as feridas da alma e tranquilizar a cabeça. Também tem como finalidade a iluminação espiritual, pois com ele se faz o pavio das lamparinas que trazem luz à escuridão.

Uso na herbologia: na herbologia ioruba, as folhas, em infusão, são empregadas para catarro, disenteria, diarreia, amenorreia e enterite. O sumo das folhas ajuda na cicatrização de feridas. As folhas piladas são colocadas sobre queimaduras, para proporcionar alívio e ajudar na recuperação. As flores têm as mesmas aplicações das folhas. A decocção feita com as raízes é recomendada no tratamento de afecções urinárias e como diurético.

Parte usada: semente, folhas, flores e fibras.

Orin: sem específico.

26-ALHO

Nome ioruba: *aayù*

Nome científico: *Allium sativum L., Liliaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọbalúwáiyé*

Características: folhagem de pequeno porte, caracterizada pelas folhas longilíneas e verticais em formato de pequenas lanças. O bulbo (parte mais utilizada e conhecida) fica sob a terra.

Uso litúrgico: a casca seca do bulbo é usada em defumações para limpeza espiritual do ambiente. Na culinária profana é largamente empregado. Contudo, não faz parte da base de temperos e refogados da cozinha litúrgica do Candomblé. **Alho poró**: *bààká*.

Uso na herbologia: o alho é utilizado em chás para debelar infecções internas. Na ingestão, é reconhecido como excelente anti-inflamatório, antimicrobiano, antioxidante, descongestionante, vermífugo, depurativo e antitérmico. O óleo extraído, em uso externo, é recomendado para artrites, artroses e frieiras.

Parte usada: casca do bulbo e bulbo.

Orin: sem específico.

27-ALTEIA(malvarisco)

Nome ioruba: *àlùpàyídà*

Nome científico: *Althaea officinalis, Althaea medicamentosa*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Nànã́*

Características: arbusto com 50 cm a 1 m de elevação. Folhas aveludadas e flores brancas, delicadas, com o miolo na cor púrpura.

Uso litúrgico: a decocção com as flores é usada para lavagem da vagina e barriga de mulheres que querem engravidar. Com suas folhas maceradas faz-se banhos com o mesmo propósito e ainda para iniciação de *Nànã́*.

Uso na herbologia: as flores são empregadas para cobate às enfermidades respiratórias. Funcionam como emolientes da pele. Suas raízes são dadas às crianças para ajudar na dentição. O chá em infusão atua em enterites.

Parte usada: raízes, flores e folhas.

Orin: sem específico.

28-ALUMÃ(boldo-brasileiro, boldo-japonês,boldo-paulista)

Nome ioruba: *àlùmọ́, éwúuro, éwúuro oko, orín*

Nome científico: *Vermonia condensata Baker., Compositae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ògún, Òṣàlá*

Características: as folhas são um pouco mais amendoadas do que as do boldo. Também aveludadas, porém mais em tom de verde mais escuro. As bordas são recortadas e irregulares. As flores em buquê. V. boldo.

Uso litúrgico: substitui o boldo.

Uso na herbologia: as folhas em chá, ou o sumo das mesmas, em ingestão, são úteis no combate à indigestão e incômodos hepáticos.

Parte usada: folha.

Orin: mesmo do boldo.

29-ALUPAYDÁ(língua-de-galinha)

Nome ioruba: *àlùpàyídà*

Nome científico: *Sida linifolia Cav., Malvaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *àfọmọ̀*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó, Òṣùmàrè, Nàná*

Características: planta delicada, de pequeno porte, com folhas finas e alongadas, produz flores de cor amarela, ou brancas, com o miolo grená e amarelo.

Uso litúrgico: na África, o refogado desta planta é um dos principais pratos votivos de *Ṣàngó*. É utilizada para banhos iniciáticos a *Òṣùmàrè* e para afastar energias negativas. Na Casa de Oxumarê (Salvador-BA), *àlùpàyídà* é o nome de um cargo ritual cuja atribuição é realizar os rituais de encantamento e invocação de *Òṣùmàrè*.

Uso na herbologia: a decocção das flores é indicada para chá objetivando melhorar a autoestima e combater a depressão.

Parte usada: flores e folhas.

Orin: sem específico.

30-ANDIROBA(fava-de-oxum)

Nome ioruba: *kóró ọ̀ṣùn*

Nome científico: *Carapa procera D.C., Meliaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: folhas lanceoladas, opostas, dispostas em ramos, nervuras centrais e diagonais simétricas. Flores miúdas, na cor branca, em ramos, com miolo protuberante. Sementes castanhas e lisas.

Uso litúrgico: as sementes são utilizadas no assentamento de *Ọ̀ṣùn* e, em algumas tradições, colocadas também junto ao oráculo *mẹ́rìnndílógún*.

Uso na herbologia: da semente se extrai óleo útil ao tratamento de artrite, artrose, bico de papagaio, em uso tópico.

Parte usada: semente.

Orin: sem específico.

31-AMENDOEIRA

Nome ioruba: *igi àwúre*

Nome científico: *Terminalia intermedia Bert., Combretaceae*

Elemento da natureza: *ar*

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*, *Ifá*, *Yemọja*

Características: árvore de grande porte, folhas arredondadas com nervura central acentuada, perfazendo grande copa. Produz fruto (amêndoa), carnudo, com único caroço inserido, de cor amarelo, ou vermelho, conforme a espécie.

Uso litúrgico: na herbologia ioruba, as folhas frescas da amendoeira imersas em álcool, geram uma tintura para aplicação externa em casos de dores musculares, tendinite, burcite e dores reumáticas. As folhas frescas são usadas em banhos visando serenidade e purificação. Empregado com frequência para pessoas com problemas mentais. Suas folhas secas servem para defumações objetivando debelar energias negativas. Lit.: *igi* (s. árvore) + *àwúre* (s. boa sorte).

Uso na herbologia: as folhas, maceradas em álcool, são recomendadas em uso externo; servem para o combate à dores musculares, reumáticas, burcites e tendinites (BARROS, 1999).

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

32-AMENDOIM

Nome ioruba: *ẹ̀pà, ẹ̀pà gidi, òróré*, *ẹ̀pàda*

Nome científico: *Arachis hypogaea L.*

Elemento da natureza: água

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Tipo: *gún*

Energia: excitante

***Òrìṣà* associado**: *Òṣùmàrè, Ọ̀ṣùn, Ọ̀dẹ̀*

Características: planta de pequeno porte de folhas delicadas, flores amarela; conhecida pela semente bastante consumida, que se apresenta sob a terra, junto à raiz.

Uso litúrgico: a semente compõe comida votiva utilizada no Candomblé para ofertar aos *Òrìṣà Ọ̀dẹ̀* e *Òṣùmàrè*, que consiste em amendoim descascado e servido cru. Suas sementes são usadas em trabalhos para atrair a simpatia e para proteção de homens contra as Ìyámi.

Uso na herbologia: Rico em vitamina A, é indicado como estimulante e reconstituinte.

Parte usada: sementes.

Orin: sem específico.

33-AMOREIRA

Nome ioruba: *iṣan*

Nome científico: *Morus nigra L., Moraceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Tipo: *ẹ̀rọ̀*

Energia: calmante

***Òrìṣà* associado**: *Ọya, Egún*

Características: árvore de grande porte, com crescimento rápido, produz pequenas frutas roxas e adocicadas em abundância.

Uso litúrgico: planta frequente nas Casas de Candomblé. É associada ao culto dos ancestrais masculinos. No Brasil, a amoreira substituiu a planta nativa africana denominada *àtòrì* (*Glyphaea brevis*). Dos galhos do *àtòrì* são preparadas varetas finas utilizadas para percussão, como apetrechos rituais de *Òṣàgiyán* e no culto *Egúngún* para afastar *Egún* (quando é denominada de *ìṣán*). V. *àtòrì*.

Uso na herbologia: as folhas da amoreira em decocção são usadas para gargarejos a fim de amenizar amigdalites e aftas. O chá feito com suas folhas é recomendado no combate à diabetes, febre, artrite. O consumo de seus frutos é indicado para amenizar os efeitos da gota, artrite e reumatismo. V. *àtòrì*.

Parte usada: folhas, frutos e galhos.

Orin: sem específico.

34-ANIS-ESTRELADO

Nome ioruba: *irúgbìn ìràwọ̀*

Nome científico: *Anisum stellatum*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja, Òṣàlá*

Características: arbusto de flores amarelo esverdeadas, fruto composto por folículos lenhosos em forma de estrela. Cada folículo compõe uma semente.

Uso litúrgico: banhos com as folhas para acalmar o sono de bebês, chás em infusão para adeptos no período iniciático para proporcionar bons sonhos e preparo de *àgbo* para iniciação aos *òrìṣà* associados.

Uso na herbologia: as sementes são usadas em chás por infusão, nos tratamentos de flatulência, cólicas, diarreias, dispepsias, epilepsia, como diurético, contra catarros crônicos e febre.

Parte usada: folhas, sementes.

Orin: sem específico.

35-APÁ

Nome ioruba: *apá*

Nome científico: *Afzelia africana (Caesalpinaceae)*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Tipo: *ẹ̀rọ̀*

Energia: calmante

***Òrìṣà* associado**: *Ìyámi òṣòrọ̀ngà*

Características: árvore de grande porte muito usada na serralheria.

Uso litúrgico: planta ritual ao pé da qual se reúnem as *Ìyámi* e onde fazem morada os maus espíritos. Com suas sementes são feitos colares votivos e em trabalhos para virilidade. V. *ìyámi òṣòrọ̀ngà*.

Uso na herbologia: o chá em decocção de sua casca é usado para ajudar na memória. Suas sementes cozidas são utilizadas para ingestão objetivando aumentar a libido e a virilidade masculina.

Parte usada: casca, sementes.

Orin: sem específico.

36-APAOKÁ(mogno-africano)

Nome ioruba: *apáọ̀ká*

Nome científico: *Khaya ivorensis*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Tipo: gún

Energia: excitante

***Òrìṣà* associado**: *Ìyámi òṣòrọ̀ngà*

Características: árvore de grande porte, longilínea, caracterizada por produzir galhos que crescem mais na vertical do que na horizontal, razão pela qual sua copa não é larga. Madeira valorizada para serralheria.

Uso litúrgico: banho com as folhas para proteção contra inimigos. Árvore sagrada africana que não chegou ao Brasil na época da escravidão, sendo, por isso, substituída pela jaqueira (***topónúrìn***), ou pela mangueira (***igi mángòrò***), em alguns Candomblés. O *apáọ̀ká* só foi introduzido no Brasil na década de ∧·, do Século XX, através do Prof. Cláudio Falesi (pesquisador da EMBRAPA), que plantou as 0 primeiras mudas em nosso território. A *apáọ̀ká* é entitulada como *Ọgá Ìwo* ("Guardiã do Chifre"), em alusão ao *ìtàn* que relata que *Ọdẹ* é atraído pelo som do chifre (*ìwo*, ou *oge*). Outro nome dado à *apáọ̀ká*, é ***Ìyámò*** ("Mãe da Lama"), o que explica a relação desta espécie com o *Òrìṣà Nànà* (considerada como uma das *Ìyámi Òṣọ̀ròngà*). Um *ìtàn* narra o casamento de *Ìyá Ọ̀tìn* com *Ọdẹ Ọgàna*, do qual nasceu o caçador *Ọdẹ Ọ̀tìn* (o protetor de *Apáọ̀ká*). V. *topónúrìn*; *igi mángòrò*; *ìyámi òṣọ̀ròngà*; *ọdẹ*; Capítulo 16 - As plantas, seus cantos e encantos – *Igi àgbà*.

Uso na herbologia: chá por deccoção da casca, indicado para favorecer a memória e os recursos intelectuais.

Parte usada: casca e folhas.

Orin (SANTOS, 2014):

"Òkúlẹ̀ Ọ̀sányìn iṣẹ́ gbo
Apáòká òrìṣà
Ọ̀ kú le kọ́ iṣẹ́ gbà gbà
Apáòká aijìna
A terra está improdutiva Ọ̀sányìn, cansada e envelhecida
Òrìṣà Apáòká nos receba e nos proteja, pois desejamos vida longa, sólida e sem atribulações
Sem tempestades nem castigos, Apáòká."

37-AMOR-PERFEITO(violeta-de-três-cores)

Nome ioruba: *ifẹ́ òdàrà*
Nome científico: *Viola tricolor*, *Viola arvensis*
Elemento da natureza: água
Gênero: feminino
Porte: *kékeré*
Energia: *ẹ̀rọ̀*
***Òrìṣà* associado**: *Nàná*
Características: planta de pequeno porte de flor solitária de três cores: lilás, azulada e amarela; ou amarelo escuro, amarelo claro e branco.
Uso litúrgico: banhos com a folha macerada para acalmar. As flores são usadas para enfeitar as comidas votivas de *Nàná*, ou como oferendas para esta divindade.
Uso na herbologia: chá por infusão usado como depurativo peitoral e do sangue. Em compressas, indicado para combater eczemas, afecções cutâneas e reumatismo.
Parte usada: folhas e flores.
Orin: sem específico.

38-ANGÉLICA

Nome ioruba: *òdòdó aya*
Nome científico: *Archangelica officinalis*, *Angelica archangelica*
Elemento da natureza: terra
Gênero: feminino
Porte: *kékeré*
Energia: *ẹ̀rọ̀*
***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*, *Yemọja*
Características: haste suculenta, flores brancas de cheiro agradável que desabrocham em grupo.
Uso litúrgico: banhos para favorecer o amor, acalmar e trazer energias positivas.

Uso na herbologia: o chá por decocção é utilizado como diurético, para câimbras, dilatação do estômago, escorbuto, afecções do fígado, estimulante, no trato da amenorreia, bronquite, febre tifoide, infecções na bexiga, cólicas, disenteria, depurativo do sangue e digestão difícil. As folhas são aplicadas em compressas para reumatismo e dores musculares.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

39-ANIL

Nome ioruba: *òdòdó ọ̀run*

Nome científico: *Indigofera anil*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Nànà, Yẹwà*

Características: folhas verdes esbranquiçadas, flores rosáceas, pequenas e em cachos. Produz fruto em uma vagem pequena e cilíndrica, com sementes escuras como feijões.

Uso litúrgico: banhos para acalmar e ajudar no sono dos adeptos em processo iniciático.

Uso na herbologia: usada como antídoto para o envenenamento por arsênico e mercúrio. A infusão de folhas e raízes é indicada como antiespasmódico, diurético, sedativo e purgativo. O mesmo chá é usado no tratamento da epilepsia, blenorragia e icterícia. As folhas verdes e levemente amassadas com a mão são utilizadas no tratamento de sarnas. As folhas e sementes secas, piladas e transformadas em pó, são espalhadas nos ambientes para afugentar insetos (BALBACH, 1992).

Parte usada: folhas, raízes e sementes.

Orin: sem específico.

40-APERTA-RUÃO

Nome ioruba: *ìyèyé*

Nome científico: *Piper mollicomum Kunth., Piperaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: planta arbustiva de habitat úmido e baixa incidência solar. Folhas lanceoladas, ásperas e com nervuras simétricas.

Uso litúrgico: a folha é usada em diversos trabalhos relativos à gestação difícil, seja com banho, reza, sacudimento ou emplastro.

Uso na herbologia: o infuso das folhas serve para banhos vaginais no trato da blenorragia e cistite e ainda ajuda na cicatrização de feridas. O mesmo chá, em ingestão, é indicado para tratar afecções do fígado, diarreia e como diurético.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

41-ARABÁ(paineiraousamaúma-da-várzea)

Nome ioruba: *àràbà*

Nome científico: *Celba pentandra (L) Gaerth., Bombaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Tipo: *gún*

Energia: excitante

***Òrìṣà* associado**: *Ògún*, *Ifá*

Características: árvore de grande porte e tronco repleto de grandes espinhos. Produz lindas flores de cor rosa.

Uso litúrgico: trata-se de uma espécie sagrada para os iorubas. Suas folhas são empregadas nos banhos iniciáticos de *Ifá* e de *Ògún*. *Àràbà* é a denominação do título máximo na hierarquia do culto a *Ifá*. O *àràbà* representa a trajetória do iniciado: quando jovem, apresenta muitos espinhos em seu caule; mas, à medida que amadurece e cresce, estes espinhos caem enquanto a árvore se torna frondosa.

Uso na herbologia: Na herbalogia ioruba, as folhas frescas da paineira, em infusão, são empregadas nas terapias relativas à disenteria, diarreia e como diurético.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

42-ARAÇA

Nome ioruba: *gúrọ́bà èké*

Nome científico: *Psidium cattleianum Sabine, Mirtaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Tipo: *gún*

Energia: excitante

***Òrìṣà* associado**: *Ọdẹ*, *Ọ́sányìn* e *Ògún*

Características: arbusto.

Uso litúrgico: os frutos do araça são oferecidos como oferendas a *Ọdẹ*, *Ọ́sányìn* e a *Ògún*. Suas folhas maceradas são utilizadas nos banhos iniciáticos destas divindades.

Uso na herbologia: na herbologia ioruba, a infusão das cascas, folhas e raízes do araça é indicada para combater disenterias, hemorragias e doenças coronarianas.

Parte usada: frutos, folhas, raízes.

Orin: sem específico.

43-ARARUTA

Nome ioruba: *ewé ayọ*

Nome científico: *Maranta arudinacea L., Marantaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Tipo: *ẹ̀rọ̀*

Energia: calmante

***Òrìṣà* associado**: *Ibéjì*

Características: planta rasteira de belas folhas brilhosas, ovalado-arredondadas de cor verde e amarela.

Uso litúrgico: suas folhas frescas servem para o preparo de banhos iniciáticos para *Ibéjì* e também nos cultos a *Orí*. O banho com a folha é especialmente recomendado para crianças doentes e com a saúde frágil.

Uso na herbologia: a infusão de suas folhas é aplicada externamente para aliviar queimaduras pela ação do sol e brotoejas. O rizoma da araruta é considerado como rica fonte de cálcio, fibras e carboidratos, além de não possuir glúten. Do rizoma faz-se um polvilho largamente utilizado na indústria farmacêutica como matéria prima de cosméticos; aplicado em pó seco como desodorante; para preparo culinário de bolos, tortas e biscoitos. A ingestão do rizoma é recomendada para combater problemas gástricos e para ajudar na digestão.

Parte usada: folhas e rizoma.

Orin: sem específico.

44-ARERÊ

Nome ioruba: *arère*

Nome científico: *Annona Senegalensis*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Tipo: *gún*

Energia: excitante

***Òrìṣà* associado**: *Ìyámi*

Características: árvore de grande porte, com folhas ásperas aveludadas que produz um fruto de cor

alaranjada.

Uso litúrgico: segundo a mitologia ioruba, esta seria uma das 7 árvores pousadas pelas *Ìyámi* ao chegarem ao mundo. Considerada como uma das árvores mais velhas do mundo, pelos iorubas. Aos seus pés são colocadas oferendas às Mães Ancestrais. V. ì*yámi òṣòrọ̀ngà*.

Uso na herbologia: frutos secos e transformados em pó, usados como fortificantes dos ossos.

Parte usada: frutos.

Orin: sem específico.

45-ARIDAN

Nome ioruba: *àrìdan*

Nome científico: *Tetrepleura tetraptera (Schum & Thour.) Taub., Leguminosae-Mimosoideae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Tipo: *ẹ̀rọ̀*

Energia: calmante

***Òrìṣà* associado**: *Ìyámi, Ọ̀sányìn*

Características: árvore de grande porte, com folhas delicadas e dispostas em ramos. Produz uma fava escura, comprida, com o miolo duro (no qual as sementes são encontradas) e com duas bordas maleáveis e muito perfumosas.

Uso litúrgico: a fava do *àrìdan* é utilizada com muita frequência nos assentamentos de todos os *Òrìṣà*. Segundo a tradição ioruba, suas favas emitem luz que repele os malefícios das feiticeiras, razão pela qual está associada à proteção.

Uso na herbologia: usa-se a deccoção das favas do *àrìdan* no cobate às convulsões, inflamações, hanseníase e dores reumáticas. V. *ìyámi òṣòrọ̀ngà*.

Parte usada: favas.

Orin: sem específico.

46- ARNICA(arnica-do-campo,arnica-do-brasilou lanceta)

Nome ioruba: *tamandẹ́*

Nome científico: *Solidago microglossa DC., Asteraceae (Compositae)*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Tipo: *ẹ̀rọ̀*

Energia: calmante

***Òrìṣà* associado**: *Nànà*

Características: planta aromática, com folhas pontiagudas com nervura central em verde claro. Suas

flores são de cor amarelo intensa, produzidas em haste.

Uso litúrgico: a tradição jêje-nagô no Candomblé costuma utilizar esta planta para o preparo de àgbo relativo às iniciações a *Nàná*, bem como para a sacralização dos apetrechos rituais desta divindade. Seu chá por decocção é empregado no combate às dores estomacais.

Uso na herbologia: suas folhas conservadas em álcool produzem uma tintura aplicada externamente em contusões, para aliviar a dor e reduzir o inchaço. O chá em infuso é usado como analgésico e para afecções do coração.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

47-AROEIRA-COMUM

Nome ioruba: *àjọ́bi, àjọ́bi oilé*

Nome científico: *Schinus terebinthifolius, Schinus antarthritica, Schinus aroeira*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Tipo: *gún*

Energia: excitante

***Òrìṣà* associado**: *Ògún*, *Ọbalúwáiyé*

Características: árvore de médio a grande porte, com crescimento lento e folhas em ramo com cheiro ativo. Produz pequenas sementes vermelhas em pendão.

Uso litúrgico: a aroeira é largamente utilizada no Candomblé, em diversas finalidades rituais. Suas folhas frescas são passadas no corpo e em ambientes para afastar energias negativas e também para a composição de banhos purificatórios.

Uso na herbologia: seu chá combate inflamações e febre, sendo também recomendado para diarreia, atonia muscular, distensão de tendões e reumatismo. Sua casca em conservação no álcool é usada externamente para aplacar dores localizadas (inclusive ciáticas) e ajudar na cicatrização de erisipelas e feridas. Suas folhas secas servem para defumações de limpeza energética. As sementes são comestíveis (pimenta rosa).

Parte usada: folhas e sementes.

Orin: sem específico.

48-AROEIRA-BRANCA(aroeira-de-fruto-branco, aroeira-de-mague)

Nome ioruba: *àjọ́bi funfun*, *àjọ́bi jinjin*

Nome científico: *Lithraea melleoides (Vell.) Engler., Anacardiaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Tipo: *gún*

Energia: excitante

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó, Ọya, Oko*

Características: árvore de troncos firmes e folhas de odor ativo.

Uso litúrgico: em torno da aroeira branca são feitas cerimônias em louvor ao *Òrìṣà Oko*, patrono da agricultura. Durante o ciclo anual das Águas de *Òṣàlá*, na Casa de Oxumarê (Salvador-BA), *Oko* recebe oferendas, procissão e seus apetrechos rituais são levados ao pé da aroeira branca.

Uso na herbologia: é usada com cuidado. Suas cascas cozidas são indicadas para curar diarreias e infecções urinárias. Mas não se recomenda uso prolongado.Parte usada: casca.

Orin: sem específico.

49-ARREBENTA-CAVALO(mata-cavalo,baba,joáou bobó)

Nome ioruba: *ewé bòbó, kana-kana*

Nome científico: *Solanum arrebenta*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó, Èṣù*

Características: erva espinhosa, ramosa, de até 50 cm de altura. As hastes e as folhas são repletas de espinhos.

Uso litúrgico: as folhas são empregadas para banhos propiciatórios na iniciação *Èṣù* e também para limpeza dos apetrechos sagrados desta divindade. Suas folhas secas são utilizadas para defumadores de limpeza energética dos ambientes.

Uso na herbologia: a decocção das raízes é recomendada para debelar inflamações renais e febres. Seus frutos macerados são aplicados externamente em furúnculos, inflamações e panos (manchas) cutâneos. Esta erva espinhosa costuma ferir equinos e bovinos.

Parte usada: folhas, raízes e frutos.

Orin: sem específico.

50-ARROZ

Nome ioruba: *ìrẹ́sì*

Nome científico: *Orysa sativa L., Poaceae (Graminiae)*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá, Nàná*

Características: planta de haste vertical, folhas alternas e pontiagudas. Medra em ambientes úmidos e

charcos. Sementes em pendões.

Uso litúrgico: os grãos de arroz cozidos são utilizados no preparo de diversas comidas votivas, principalmente dedicadas a *Òṣàlá* e a *Nànà*; sendo também empregados em trabalhos para limpeza espiritual e para a obtenção de saúde. As folhas de arroz são utilizadas nos banhos iniciáticos para *Nànà*. A água do cozimento dos grãos de arroz é usada para banhos contra negatividades e para acalmar. Algumas Casas de Candomblé costumam pilar os grãos secos, para misturar com outros ingredientes e confeccionar pós de prosperidade.

Uso na herbologia: para debelar a diarreia, usa-se a água em que os grãos crus ficaram de molho. O consumo dos grãos cozidos, ajuda no combate a inflamações, eczemas, gastrite, úlcera e diarreias.

Parte usada: folhas, grãos

Orin: sem específico.

51-ARRUDA

Nome ioruba: *àtópá kun*

Nome científico: *Ruta graveolens L., Rutaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*

Características: arbusto muito aromático de folhas ramificadas, pequenas e na cor verde acinzentado.

Uso litúrgico: é considerada de dois tipos: **arruda fêmea** (*àtópá kun abo*) e **arruda macho** (*àtópá kun akọ*). Em ambos os casos, as folhas são utilizadas em banhos e defumações visando afastar energias negativas. O caule serve para a confecção de figas e amuletos contra mal olhado.

Uso na herbologia: o chá em decocção, em uso externo, ou o pó preparado com as folhas secas é usado para matar piolhos e também para cicatrizar feridas. O chá citado também serve para matar lombrigas. A maceração das folhas, aplicada na pele, ajuda no combate às sarnas. A infusão de suas folhas bem diluída em água é usada em caso de regras suprimidas na mulher (amenorreia). A ingestão de arruda não é recomendável a gestantes. A utilização é a mesma para a arruda macho e para a arruda fêmea.

Parte usada: folhas e caule.

Orin: sem específico.

52-ARTEMÍSIA

Nome ioruba: *irun funfun*

Nome científico: *Artemisia vulgaris*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: arbusto com cerca de 1 m de altura, de folhas fendidas com flores brancas em pendões.

Uso litúrgico: banhos iniciáticos para todos os *òrìṣà funfun*. Banhos com finalidades calmantes, indicados para amenizar dores emocionais.

Uso na herbologia: chá em decocção indicado para afecções do fígado, anemia, cólica, diarreia, enterite, epilepsia, afecções no estômago, gastrite, gases, menstruação deficiente, nervosismo, catarro e reumatismo. O sumo da erva é aplicado em fricções, em casos de dores reumáticas. Para a mesma finalidade, podem ser feitas compressas com as folhas cozidas. Não recomendada a ingestão para mulheres que amamentam (BALBACH, 1992).

Parte usada: flores, folhas e raízes.

Orin: sem específico.

53-ASSA-FÉTIDA(cinza-fétida,fedegosa, esterco-do-diabo)

Nome ioruba: *abàfè ilẹ̀*

Nome científico: *Ferula sp., Umbelliferae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: planta de caule em pendão, com folhas cingidas. Flor amarela em buquê.

Uso litúrgico: utilizada nos ritos a *Èṣù* a *Ọ̀ṣùn*. Suas folhas secas servem de defumadores para purificação do ambiente.

Uso na herbologia: o óleo extraído dos rizomas e raízes é indicado para tratamento de histerias, doenças de fundo nervoso, folariose e vermes (BARROS, 1999).

Parte usada: folhas, raízes e rizomas.

Orin: sem específico.

54-ASSA-PEIXE

Nome ioruba: *ewé orí funfun*

Nome científico: *Vernonia polyanthes Less., Compositae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọmọlu, Òṣùmàrè, Ọṣùn*

Características: planta invasora, extremamente resistente, produz flores brancas em hastes, saindo do miolo redondo.

Uso litúrgico: folhas utilizadas para preparo de banhos iniciáticos das divindades associadas.

Uso na herbologia: as flores de qualidades melíferas, juntamente com as folhas, são usadas no preparo de xaropes para tratamento de tosses, e afecções respiratórias (BARROS, 1999).

Parte usada: flores e folhas.

Orin: sem específico.

55-ÁRVORE-DE-CUIA

Nome ioruba: *igbá èké*

Nome científico: *Crescentia cujete L., Bignoniaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Odùduwà*

Características: árvore de pequeno porte, com flores brotadas diretamente do tronco principal e frutos redondos de porte médio.

Uso litúrgico: o fruto seco e partido ao meio é utilizado como recipiente para assentamento dos *Òrìṣà*, como depositário de oferendas e utensílio geral aos ritos.

Uso na herbologia: o fruto cozido e pilado, ainda morno, serve como emplastro para inflamações.

Parte usada: fruto.

Orin: sem específico.

56-ÁRVORE-DA-FELICIDADE

Nome ioruba: *tarapé*

Nome científico: *Polyscias fruticosa L., Araliaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja, Baàyànnì, Ìyámasé*

Características: arbusto de folhas seccionadas, adaptada a ambientes com pouca incidência de luz solar e terra úmida.

Uso litúrgico: É utilizada especificamente no preparo dos *àgbo* para *Baàyànnì e Ìyámasé*,

esta considerada no Candomblé como uma das qualidades de *Yemọja*. De suas folhas secas preparam-se pós e defumadores para prosperidade. Ter esta planta viva em casa atrai boa sorte para o ambiente.

Uso na herbologia: de suas raízes bulbosas, prepara-se tônico indicado para fraqueza no corpo, má digestão e para mulheres com baixa produção de leite, com dores hemorrágicas pós-parto. Os caules e folhas, em decocção, são usados para incontinência urinária e desisteria.

Parte usada: folhas, caules e raízes.

Orin: sem específico.

57-ASSURIN

Nome ioruba: *àsùrìn*

Nome científico: *Entandrophragma Candollei*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ìyámi*

Características: árvore que atinge cerca de 60 m, com diâmetro de aproximadamente 1,70 m. Copa elevada, com folhas em ramos marcadas por nervura central. Madeira apreciada para serralheria.

Uso litúrgico: uma das 7 árvores pousadas pelas *Ìyámi* ao chegarem ao mundo. A casca é usada para a confecção de paramentos, imagens, amuletos e ornamentos para as Mães Ancestrais.

Uso na herbologia: casca de molho por dias, em água trocada a cada 24 h, para o preparo de chá em decocção recomendado para febres e nevralgias.

Parte usada: casca.

Orin: sem específico.

58-ATAARE

Nome ioruba: *ataare*

Nome científico: *Piper nigrum*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*

Características: trepadeira de folhas brilhantes com várias nervuras. As sementes consumidas largamente como especiaria, em pequenos cachos, pendem das hastes.

Uso litúrgico: sua semente seca é utilizada em rituais para purificar o hálito (*ẹ̀mí*), ou para temperar as comidas votivas e assentamentos de *Èṣù*. No Candomblé, o *ataare* tem várias utilizações, tais como purificar o hálito antes de quaisquer rezas e encantamentos, temperar elementos sagrados e no preparo de pós-encantatórios.

Uso na herbologia: rica em gingerol, substância antifúngicas, antioxidantes, anti-inflamatórias. Na Nigéria, a semente de *ataare* pilada, é usada na testa para aliviar a nevralgia e a dor de cabeça. As sementes de *ataare* piladas, piladas ou moídas, são largamente utilizadas na culinária, emprestando sabor picante aos alimentos. V. *Capítulo 3: "A palavra e suas potencialidades"*.

Parte usada: semente.

Orin: sem específico.

59-ATORI

Nome ioruba: *àtòrì*

Nome científico: *Glyphaea brevis*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọya, Òṣàgiyán, Egún*

Características: flores amarelas únicas, folhas com várias nervuras. Madeira flexível e resistente.

Uso litúrgico: planta que produz madeira para a confecção de arcos *Glyphaea brevis*. De seus galhos mais finos, preparam-se varetas de madeira que são carregadas por Òṣàgiyán, utilizadas para percussões e rituais de Candomblé, bem como no culto *Egúngún* para afastar *Egún* (quando é denominada de ìṣán). É também chamada de "***Ọrẹ́ ẹ̀wọ̀***" ("Brincadeira entre Amigos"), conforme *ìtàn* que trata da amizade entre *Òṣàgiyán* e *Awóleje*. É com varas de àtòrì que na Cerimônia das Águas de *Òṣàlá*, *Òṣàgiyán* purifica e penitencia os adeptos do Candomblé, no ato denominado ***patiyẹ***. No Brasil, a planta denominada *àtòrì* foi substituída pela amoreira (*Morus nigra L., Moraceae*), com a mesma utilização litúrgica. Esta passou a ser chamada no Brasil de *iṣan*. V. *iṣan*; *òṣàgiyán*; *àwọn omi òṣàlá*; *patiyẹ*.

Uso na herbologia: associada à ifalogia é usada em tratamentos para virilidade, para a boa memória e para afastar energias negativas (BARROS, 1999).

Parte usada: galhos, folhas.

Orin (SANTOS, 2014):

> ***"Oni ẹiyẹlé***
> ***Ọyẹ kó àgbo***
> ***Afofun là àwa àtòrì ṣr bàbá***
> ***Ọyẹ kó àgbo***
>
> *Nós nos juntaremos no Barracão,*
> *no raiar do dia. Nós que normalmente usamos*

roupa branca e limpa, para fazer àtòrì, pai
Nós nos juntaremos no Barracão, no raiar do dia."

60-AVELOZ

Nome ioruba: *ikikigún*
Nome científico: *Euphorbia tirucalli L., Euphorbiaceae*
Elemento da natureza: fogo
Gênero: masculino
Porte: *kékeré*
Energia: *gún*
***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*, *Ọbalúwáiyé*
Características: arbusto com folhas irregulares em formato de hastes eretas. Apresenta seiva leitosa abundante ao retirar suas hastes.
Uso litúrgico: trabalhos para saúde e para superação de dificuldades.
Uso na herbologia: a seiva, diluída em água é usada no tratamento de diversos tipos de câncer (NEIVA, 1974). Em aplicação externa direta, a seiva também é eficaz para debelar verrugas (BARROS, 1999).
Parte usada: seiva e hastes.
Orin: sem específico.

61-AVENCA

Nome ioruba: *irun ewé*
Nome científico: *Veneris capillus, Avenca brasiliensis, Adianhum risophorum*
Elemento da natureza: água
Gênero: feminino
Porte: *kékeré*
Energia: *ẹ̀rọ̀*
***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*
Características: planta ornamental com folhas pequenas, em tom verde claro, alternadas e em formato de leque.
Uso litúrgico: banhos para debelar energias negativas e para ajudar a fertilidade feminina.
Uso na herbologia: a infusão das folhas é empregada para combater o catarro pulmonar, laringite, tosse e rouquidão e para regular a menstruação
Parte usada: folhas.
Orin: sem específico.

62-AZEDINHA(vinagreira,caruru-azedo)

Nome ioruba: *àmúkàn*

Nome científico: *Hibiscus sabdariffa L., Malvaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó*

Características: caule avermelhado suculento. Flores grenás com pétalas pontiagudas.

Uso litúrgico: erva ritual utilizada no culto a *Ṣàngó.* O banho das folhas é utilizado para reanimar os doentes e afastar a morte. Prepara-se um guizado com suas folhas como comida litúrgica a *Ṣàngó.*

Uso na herbologia: o sumo das folhas é recomendado no tratamento do escorbuto. O cataplasma é indicado como emoliente (BARROS, 1999).

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

63-AZEVINHO

Nome ioruba: *sukuí*

Nome científico: *Ilex aquifolium L., Aquifoliaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*

Características: arbusto com folhas verde escuras, nervura central, bordas pontiagudas irregulares. Sementes vermelhas pendentes das hastes em cacho.

Uso litúrgico: folhas e sementes usadas para ornamentação de comidas votivas de *Èṣù*.

Uso na herbologia: frutos tóxicos, usados por herbalistas como antídotos e doses em casos especiais.

Parte usada: folhas e frutos.

Orin: sem específico.

64-AWEDÉ

Nome ioruba: *awẹdẹ*

Nome científico: *Dissotis rotuntifolia*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Nàná, Yẹ̀wà*

Características: arbusto de folhas ovaladas com três nervuras. Produz lindas flores únicas e liláceas.

Uso litúrgico: é considerada como a representação da beleza, uma oferenda dos deuses à humanidade. Segundo a religiosidade ioruba, *awẹdẹ* encanta os seres humanos para lembrá-los de que as oferendas devem ser permanentemente realizadas entre homens, entre estes e a natureza e de todos para com os deuses. Um *òwe* (provérbio ioruba) assim ensina: *Ẹni gbà, gbá ni ìtọ́ tọ̀ju ọrọ̀ bọ́ onídẹ n ima awẹdẹ*. (A pessoa que recebe, cuida e valoriza seu tesouro). Assim, *awẹdẹ* lembra ao homem a importância da oferenda e o valor que ela deve ter, tanto por quem a oferece, quanto por quem a recebe. Maceração usada para banhos iniciáticos de *Nàná* e *Yẹ̀wà* e também para lavar a barriga de grávidas, a fim de ajudar a desvirar naturalmente o feto, quando fora da posição de encaixe pélvico.

Uso na herbologia: chá por infusão recomendado como diurético.

Parte usada: folhas.

Orin (SANTOS, 2014):

> ***"Awẹdẹ emọ́jì ìlọgọ́ọdún***
> ***Awẹdẹ emọ́jì ìlọgọ́ọdún***
> *Usar awẹdẹ para limpar uma pulseira de bronze e dar presente a alguém, a fim de surpreendê-la*
> *Usar awẹdẹ para limpar uma pulseira de bronze e dar presente a alguém, a fim de surpreendê-la."*

65-AWUREPEPE(jambu,agrião-do-pará,botão-de-ouro)

Nome ioruba: *àwúrepẹ́pẹ́, ọ̀rípépé*

Nome científico: *Cyathula prostrata*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn, Òṣàlá*

Características: planta rasteira, de folhas pequenas, de formato ovalado e pontudo. Sementes em pendões.

Uso litúrgico: é usada para se encontrar equilíbrio: muita calma inibe a ação e pouca calma, desfoca. É tida como a planta da alegria, que traz boa sorte. Lit.: *àwúre* (s. bênção, boa sorte) + *pẹ́pẹ́* (adv. suavemente). Utilizada em ritos para "abrir a fala das divindades". A maceração de suas folhas é recomendada para sacerdotes lavarem as vistas e fazerem bochecho, a fim de ativar a visão espiritual e inspirar a fala intuitiva.

Uso na herbologia: de suas folhas é feito xarope para combater o catarro acumulado. A

ingestão de suas folhas e talos é favorável como tratamento do escorbuto e da anemia. O sumo de suas folhas, colocado no dente cariado, alivia a dor. O emplastro com suas folhas é recomendado para dores ciáticas.

Parte usada: folhas e talo.

Orin (SANTOS, 2014):

"Àwúrepẹ́pẹ́m ama pẹ̀lẹ́ibẹ̀
Àwúrepẹ́pẹ́pẹ́pè m ama pẹ̀lẹ́ ẹ̀rọ̀

Botão de ouro, eu pretendo sempre ter compaixão pelas súplicas.
Eu pretendo sempre ser moderadamente calmo, para poder fazer o feitiço que atraia a boa sorte, aquela que dura um longo tempo."

"Ewé ayọ̀
Ewé ayọ́
Àwúrepẹ́pẹ́
Ìfẹ́ire kọ́ma yọ̀

Folha da alegria, que chama sorte
Folha da alegria, com a qual se faz feitiço para obter boa sorte, amor, bondade, favor, bênçãos, benefícios
Botão de ouro
Ensina sempre a ser feliz por um longo tempo."

66-AYAN

Nome ioruba: *àyàn*

Nome científico: *Distemonanthus benthamianus Baill., Leguminosae Caesalpinioideae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó, Àyàn*

Características: árvore de grande porte, com copa alta. Folhas com nervuras e dispostas em ramo. Madeira resistente e apreciada na serralheria.

Uso litúrgico: chamada de *igi ajé* (árvore do dinheiro), da qual se fazem atabaques e barcos. *Àyàn* é o nome de uma divindade que é considerada patrona dos instrumentos de percussão utilizados nos ritos de Candomblé, a qual, após a cerimônia de consagração dos mesmos, passa a habitar miticamente no interior dos atabaques e a usá-los como suas vestes, sendo chamado de *ẹlẹ́kọtọ́* (*ẹlẹ́kọ* = s. aquele que prepara + *tọ́* = v. escolher. O próprio nome *Àyàn*, em ioruba, é um prefixo usado para denominar tocadores de atabaques: *àyàndé*, *àyànlááàjà*, *àyànwalé*.

Uso na herbologia: folhas ricas em potássio, usadas em decocto para beneficiar a saúde muscular, óssea e nervosa e circulatória.

Parte usada: folhas e tronco.

Orin: sem específico.

67-AZUMÃ

Nome ioruba: *azumọ*

Nome científico: não conhecido

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *àfọmọ*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọbalúwáiyé*

Características: erva parasitária aérea, caracterizada por suas folhas cilíndricas e dispostas em hastes.

Uso litúrgico: banhos em maceração para os filhos de *Ọbalúwáiyé* em processo iniciático, bem como para a purificação dos elementos votivos desta divindade.

Uso na herbologia: as folhas secas, transformadas em pó, ajudam na cicatrização.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

B 

Boldo

68-BABOSA

Nome ioruba: *ipòlerin*

Nome científico: *Aloe vera L., Liliaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ògún*, *Ọmọlu*

Características: folhas grossas, suculentas, em formato triangular, repleta de espinhos em serrilhas nas bordas

Uso litúrgico: é empregada em banhos iniciáticos para filhos das divindades associadas. Trabalhos com as folhas da babosa são indicados para pessoas com graves problemas de pele. Recomenda-se também pilar as folhas para banhar pessoas rudes, a fim de que possam descobrir dentro de si mais sensibilidade e tornarem-se mais agradáveis socialmente. A babosa é fonte de energia e dessa inspiração, já que é espinhosa por fora de suas folhas, mas por dentro é úmida e cheia de seiva fazendo as mãos de quem a toca escorregar.

Uso na herbologia: o suco de sua polpa é indicado para uso externo no tratamento da queda de cabelos, queimaduras, inflamações, erisipelas, feridas e eczemas. Funciona como emoliente. Nacos da polpa são recomendados para aplicação como supositório para desinflamar hemorroidas. Em pequenas doses, o sumo diluído em água, demonstra efeito como laxativo. A ingestão para grávidas e para os que sofrem de hemorroidas não é recomendada.

Parte usada: folhas, polpa, seiva.

Orin: sem específico.

69-BALAIO-DE-VELHO

Nome ioruba: *amúnimúyè*

Nome científico: *Eupatorium ballotaefolium H.B.K., Compositae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Nàná, Òṣùmàrè, Ọbalúwáiyé*

Características: arbusto de pequeno porte, com flores em formato de saco.

Uso litúrgico: banhos com a maceração das folhas para o processo iniciático das divindades associadas. Com suas folhas, são feitos trabalhos para saúde e para ajudar na incorporação dos *Òrìṣà* relacionados.

Uso na herbologia: a infusão da folhas para ingestão é recomendada para o tratamento de gripes e resfriados. A aplicação local de compressa com as folhas piladas é indicada para ajudar a secar feridas.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

70-BÁLSAMO

Nome ioruba: *àìrorò*

Nome científico: *Sedum dendroideum Moc. & Sessé, Crassulaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàgiyán*, *Oṣàlúfọ́n*

Características: planta rasteira, de folhas suculentas e apresentando vermelhidão nas pontas.

Uso litúrgico: para banhos em maceração, visando eliminar energias negativas.

Uso na herbologia: a ingestão de sumos paralela às compressas com as folhas piladas, no tratamento de contusões e dores musculares.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

71-BAMBU

Nome ioruba: *ọparun*, *aparun*, *apàko*

Nome científico: *Bambusa vulgaris* (*gramínea*)

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọya, Òṣàlá*

Características: touceira formada por canúdulos ocos, longos e resistentes, de cor verde, dos quais brotam folhas delicadas em ramos.

Uso litúrgico: suas folhas frescas são utilizadas em banhos rituais e limpezas energéticas do corpo; as folhas secas servem para defumações com o propósito de afastar negatividades. Com seus **brotos** (*ọmọ ọparun*), são feitas comidas votivas a *Ọya*. Aos pés desta planta, colocam-se oferendas a *Ọya*. O bambu é uma planta que ensina que a melhor forma de reagir às tormentas é tendo flexibilidade. Ao crescer, se ergue em direção aos céus de forma retilínea, sem se importar com o entorno, indicando aos homens seu exemplo de determinação. Demonstra sabedoria, ao usar de flexibilidade diante dos problemas (enverga para não quebrar). Segundo a filosofia ioruba, o bambu é oco para ensinar que devemos nos esvaziar das vaidades para atingirmos as alturas. Outra lição que ensina o bambu é a força do conjunto. Sozinhos, seus galhos são frágeis, mas juntos, são indestrutíveis. Por tudo isso, o bambu representa a sabedoria e a vitória sobre a mesquinhez carnal. Tem serventia para banhos objetivando apazinguamento, sensatez e união. Seus brotos são comestíveis. V. *ọya*; bambu-amarelo.

Uso na herbologia: o broto do bambu é usado largamente na culinária. O chá feito por decocção das folhas é recomendado para tratar febres, hemorragias, hemorroidas, disenterias, impotência sexual e como depurativo do sangue.

Parte usada: folhas e brotos.

Orin (SANTOS, 2014):

"Pẹ́le bẹ́ni tó bẹ̀
Pẹ́le bẹ́ni tó bẹ̀
Apákò màko okun pẹ́le pẹ́
Pẹ́le bẹ́ni tó bẹ̀

Folha que dá vida longa, que é firme e escapa das tempestades
Estamos suplicando muito à folha que dá vida longa, que é firme e escapa das tempestades
Estamos suplicando muito ao bambu, folha de vida longa, que é firme e escapa das tempestades, que nos torne fortes e vigorosos
Folha que dá vida longa, que é firme e escapa das tempestades, estamos suplicando muito."

"Apàko ká o
Ẹ̀pa ma dìpọ́ pá dí ọ̀ṣẹ́
Bàbá lò lóke
Apàko ká o
Ẹ̀pa ma dìpọ́ pá dí ọ̀ṣẹ́
Bàbá lò lóke
Apàko ká o
Ẹ̀pa ma dìpọ́ pá dí ọ̀ṣẹ́

Bambu dá voltas em círculo
Remédio caseiro, usado como antídoto ou preventivo., que sempre intercede entre duas pessoas evitando longas brigas complicadas, aquelas onde têm ofensas.
Pai que se inclina do alto
Bambu dá voltas em círculo
Remédio caseiro, usado como antídoto ou preventivo., que sempre intercede entre duas

pessoas evitando longas brigas complicadas, aquelas onde têm ofensas.
Pai que se inclina do alto
Pai que se inclina do alto
Bambu que dá voltas em círulo."

72-BAMBU-AMARELO(cana-da-índia)

Nome ioruba: *dakò*, *dankò*
Nome científico: *Phyllostachys aurea*
Elemento da natureza: ar
Gênero: feminino
Porte: *kékeré*
Energia: *ẹ̀rọ̀*
***Òrìṣà* associado**: *Dankò, Òṣàgiyán, Ọya*
Características: touceira formada por canúdulos ocos, longos e resistentes, de cor amarela, dos quais brotam folhas delicadas em ramos.
Uso litúrgico: suas folhas frescas, são utilizadas em banhos rituais e limpezas energéticas do corpo; as folhas secas servem para defumações com o propósito de afastar negatividades. Com os **brotos de bambu** (*ọmọ dankó*), faz-se comidas litúrgicas de *Òṣàgiyán Dankò*. Ante o bambuzal amarelo, colocam-se oferendas a *Dankò* que é considerado como uma das qualidades de *Òṣàgiyán* no Candomblé. V. *òṣàgiyán*; *dankò*; *ọya*.

73-BANANEIRA

Nome ioruba: *ọ̀gẹ̀dẹ̀, igi ọ̀gẹ̀dẹ̀*
Nome científico: *Musa sapientum L., Musaceae*
Elemento da natureza: água
Gênero: masculino
Porte: *kékeré*
Energia: *ẹ̀rọ̀*
***Òrìṣà* associado**: *Ìrókò, Òṣálá, Òṣùmàrè, Ibéjì*
Características: curiosamente a bananeira não é classificada como uma árvore. Seu caule é um rizoma suculento. Folhas grandes com nervura central acentuada. Produz frutos em cachos. Sua flor única disposta em pendão, de cor grená e em formato cônico, é popularmente chamada de "coração da bananeira".
Uso litúrgico: são feitas oferendas com suas frutas e trabalhos com suas flores para o amor e para virilidade. As folhas da bananeira são maceradas para banhos objetivando amor e virilidade. As folhas desta planta (*ewé ọ̀gẹ̀dẹ̀*), devidamente desidratadas, possuem outra denominação (*èpàpó*) e são indispensáveis no preparo da comida votiva mais importante do Candomblé: o *àkàsà*. O pó feito com a fruta (*ẹ̀fun ọ̀gẹ̀dẹ̀*) é base para a elaboração de papas servidas como comida votiva de várias

divindades.

Uso na herbologia: fonte muito rica de potássio, fibras, manganês, vitamina C, cobre e vitamina B6. O consumo da fruta é recomendado para a saúde geral.

Parte usada: folhas, flor, fruta.

Orin: sem específico.

74-BANANEIRA-DE-JARDIM

Nome ioruba: *ewé ìdò*

Nome científico: *Canna indica L., Cannaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*, *Yẹ̀wà*

Características: planta ornamental de pequeno porte, com folhas ovaladas e flores vermelhas de pétalas compridas em pendão vertical.

Uso litúrgico: banhos para filhas de *Ọ̀ṣùn* objetivando sintonia com o *òrìṣà* e para regularizar a menstruação.

Uso na herbologia: o chá em decocção das raízes é usado como diurético e expectorante. O uso não é recomendado para grávidas.

Parte usada: folhas e raízes.

Orin: sem específico.

75-BAOBÁ(árvore-dos-mil-anos,árvore-da-vida)

Nome ioruba: *baoba, osè, oṣè, oṣè ígbéèlùjù*

Nome científico: *Adansonia digitata (Bambaceae)*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ìyámi*, *Odùduwà*, *Ọ̀sányìn*

Características: é tida por especialistas como uma das maiores espécies vegetais do mundo. Seu tronco atinge uma circunferência tamanha, capaz de servir como morada no continente africano a famílias inteiras. Atinge 30 m de altura e até 25 m de diâmetro. É capaz de armazenar em seu tronco até 120.000 l de água. Flores anuais em formato de sino. Os galhos são desproporcionalmente pequenos em relação à espessura do tronco, dando a impressão de braços atrofiados.

Uso litúrgico: existem muitos *ìtàn* sobre o baobá, dada a relevância desta árvore para a

cultura, economia e filosofia iorubas. Um deles, diz que o *baoba* é a árvore mais velha do mundo. Por isso, mais rabugenta. Desta forma, quando o Criador começou a fazer seu trabalho sobre a Terra, o *baobá* reclamava de tudo e em tudo punha defeito. Até que o Criador pegou o *baoba* e o plantou de cabeça para baixo, com as raízes para cima (como demonstra sua aparência até hoje) e lhe perguntou: “Agora está bem assim?”. As **folhas** mais novas e tenras são usadas para preparar sopa e banhos litúrgicos. Da **casca** da árvore, são preparadas cordas para instrumentos musicais, bem como fibras para tecidos. Da **polpa das frutas**, preparam-se tanto comidas, quanto bebidas. Suas **sementes** são comidas cruas, torradas ou moídas para o preparo de papas. Seu óleo serve para o consumo e para a confecção de sabão. O **látex** extraído do caule é comercializado em grande escala. As **flores** são atípicas: se abrem apenas 1 vez ao ano, à noite, durando somente 24 h. Lindas e delicadas apresentam-se em formato de sino. Nascem de um botão verde, desabrocham brancas e mudam de tonalidade, passando por cor creme, marrom e por fim um tom violeta aveludada. No início, seu perfume é doce e agradável, mas quando caem, ficam com cheiro de carniça e atraem moscas varejeiras e morcegos. Segundo a lenda, este fato justifica a relação do *baoba* com a vida e a morte. Há etnias africanas que enterravam seus mortos em posição fetal aos pés do *baobá*, para que pudessem renascem como suas flores. Conforme o *Odù Éjì Ọlọ́gbọ̀n*, *Ikú* (a morte), veio para a Terra através do baobá. *Lúúrú*: folhas do *baobá*. V. *ìyámi òṣòrọ̀ngà*; *ikú*.

Uso na herbologia: o decocto da casca e empregado no tratamento de febres e problemas no fígado. As sementes torradas e ingeridas são usadas no combate a disenteria. A resina serve para cuidar de furúnculos e pústulas.

Parte usada: folhas, sementes, casca.

Orin (SANTOS, 2014):

“Ewé asà kó jẹ́

Ewé gbogbo ni ti ṣe oògùn

Ewé asà kó jẹ́ tantan

Ewé gbogbo ni tori ṣa

Saudamos as folhas antigas

Para que elas consintam que todas as folhas maceradas sirvam como remédio

Saudamos as folhas antigas

Para que consintam, plenamente, que todas as folhas, uma por uma, sejam abençoadas.”

Referência (SANTOS, 2014). Ver Capítulo 16: Cânticos para as folhas mais antigas do mundo.

76-BARBA-DE-BOI(malva-rasteira)

Nome ioruba: *tó*

Nome científico: *Pavonia cancellata Cav., Malvaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọbalúwáiyé*

Características: arbusto de pequeno porte com folhas ásperas, com várias nervuras e em formato de coração, porém com as três extremidades levemente pontiagudas. Flores amarelas com o miolo grená.

Uso litúrgico: banhos com a maceração das folhas na iniciação para os filhos de *Ọbalúwáiyé.* Mesmo método também recomendado para pessoas tímidas e acometidas pelo rancor, a fim de aliviar o coração das mágoas.

Uso na herbologia: chá em infusão aplicado em casos de tosse crônica.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

77-BARBA-DE-VELHO

Nome ioruba: *irùgbọ̀n*. Lit.: *irun* (s. cabelo) + *àgbọ̀n* (s. queixo).

Nome científico: *Tillandsia usneoides L., Bromelieaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *àfòmọ́*

Energia: *ẹ̀rọ́*

***Òrìṣà* associado**: *Ọbalúwáiyé*

Características: erva parasitária, aérea, caracterizada por suas folhas finas e dispostas em longas hastes, que pendem da planta que está sendo hospedeira, em direção ao chão.

Uso litúrgico: banhos em maceração para os filhos de *Ọbalúwáiyé* em processo iniciático, bem como para a purificação dos elementos votivos desta divindade. O mesmo banho é também indicado para elevação dos pensamentos e superação das dificuldades em momentos críticos da vida. As folhas do *irùgbọ̀n* são também colocadas sob a esteira dos adeptos em processo de retiro, com as finalidades descritas.

Uso na herbologia: ingestão do chá por decocção é usado para tratamento de hemorroidas e abscesso.

Parte usada: folhas e hastes.

Orin: sem específico.

78-BARONESE(baronesa,dama-do-lago,jacinto-d'água,murere,orelha-de-veado)

Nome ioruba: *ẹ̀rẹ̀ sìì mọ́mi pàlà*. Lit.: *ẹ̀rẹ̀* (s. pântano) + *sìì* (adv. vagarosamente) + *mọ́* (v. estar limpo) + *omi* (s. água) + *pàlà* (adv. com esforço).

Nome científico: *Eicchornia azurea (Sx.) Kunth., Pontederiaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Nànà, Òṣùmàrè*

Características: planta aquática, com raízes filtrantes, folhas arredondadas irregulares e flores em pendão vertical em tom lilás.

Uso litúrgico: a maceração das folhas é usada em banhos iniciáticos para as divindades associadas, bem assim para a sacralização de seus elementos votivos. O banho de baronese é ainda indicado para pessoas que convivem em ambientes energeticamente pesados, ou com pessoas de difícil trato.

Uso na herbologia: estas plantas vivas são cultivadas em lagos e poços, para depuração das águas.

Parte usada: folhas e planta inteira.

Orin: sem específico.

79-BARDANA

Nome ioruba: *ojú àlùkò*

Nome científico: *Lappa officinalis*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Nànà, Ọbalúwáiyé*

Características: arbusto com até 1,5 m, em média, de folhas ásperas, flores roxas dispostas em pétalas finas e espetadas.

Uso litúrgico: banhos da folha macerada indicado para situações de abandono e tristeza em decorrência de luto.

Uso na herbologia: chá em infusão, indicado como depurativo, diurético. Recomendado também para: afecções na pele, no fígado e no estômago, abcesso, cálculos na bexiga, cálculos renais, enfermidades cardíacas, gastrite, gota e dispesia. Em uso tópico, trata calvície e cicatriza feridas.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

80-BATATA-DE-PURGA(jalapa)

Nome ioruba: *èkelèyí*

Nome científico: *Mirabilis jalapa L., Nyctagninaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Yẹ̀wà, Ọya*

Características: planta de pequeno porte, com folhas arredondadas pontiagudas e aveludadas com nervura central. Flores abundandes. Pode apresentar as seguintes cores: lilás, amarela, brancas.

Uso litúrgico: usada para prevenir e para dispersar energias negativas e feitiços. Utilizada também em banhos dedicados às divindades associadas.

Uso na herbologia: o pó feito das sementes secas adicionado ao sumo do limão, é indicado para combater sarnas na pele. As raízes em forma de pequenas batatas são recomendadas para o tratamento de cólicas abdominais, diarreias, menigite e sífilis. O sumo das flores, em uso externo, abranda as dores de ouvido. (BARROS, 1999).

Parte usada: flores, folhas, raízes.

Orin: sem específico.

81-BATATA-DOCE

Nome ioruba: *kúkúndùnkún, òdùkún*

Nome científico: *Ipomoeae batata*.

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣùmàrè*, *Yemọja*

Características: planta ramada cujas raízes tuberosas são suculentas e adocicadas.

Uso litúrgico: possui a propriedade de ajudar os adeptos a encontrarem equilíbrio. Erva utilizada para banhos iniciáticos de *Òṣùmàrè* e também para os filhos de *Yemọja* encontrarem equilíbrio. Usado também nos ritos de bọrí. As raízes (batata-doce) são base para o preparo de inúmeras comidas votivas a diversas divindades, principalmente *Òṣùmàrè* e *Yẹ̀wà*.

Uso na herbologia: o chá por infusão ingerido é recomendado para tratamento de tumores, inflamações; o mesmo chá, em gargarejo, é usado para desinflamar a garganta. A massa da raiz cozida e ainda morna é aplicada sobre tumores, gota e reumatismo.

Parte usada: folhas, raiz.

Orin (SANTOS, 2014):

> ***"Ewé balẹ̀ kòṣòro***
> ***Ewé balẹ̀ kòṣòro***
> ***Kúkúndùnkún olorí ewé***
> ***Farabalẹ̀ kòṣòro***
> *Folha que toca o solo com facilidade*
> *Folha que toca o solo com facilidade*

Batata-doce, folha dona da cabeça
Faça com que o equilíbrio e a moderação sejam fáceis para nós."

82-BATATA-INGLESA

Nome ioruba: *òdùkún òyìnbó*
Nome científico: *Solanum tuberosum*
Elemento da natureza: água
Gênero: feminino
Porte: *kékeré*
Energia: *ẹ̀rọ̀*
***Òrìṣà* associado**: *Òṣùmàrè, Ọ̀ṣùn*
Características: planta que atinge até cerca de 60 cm de altura, com folhas levemente ásperas, flores brancas com miolo amarelo, pequenos frutos arredondados e tubérculo comestível.
Uso litúrgico: tubérculo usado na alimentação geral dos frequentadores. Folhas maceradas para banhos relativos às divindades associadas e, de forma geral, objetivando prosperidade.
Uso na herbologia: o suco de seus tubérculos crus é usado para ingestão, como cicatrizante de úlceras e para combater dor de estômago. O tubérculo cru e ralado é aplicado em uso externo para tratar abscesso, inflamações e queimaduras.
Parte usada: tubérculo e folhas.
Orin: sem específico.

83-BATATINHA

Nome ioruba: *kurukuru*
Nome científico: *Ipomea salzmanii Choizy., Convulvulaceae*
Elemento da natureza: água
Gênero: feminino
Porte: *kékeré*
Energia: *ẹ̀rọ̀*
***Òrìṣà* associado**: *Nàná*
Características: planta rasteira, folhas ovaladas semiabertas. Flores brancas com corola em única pétala.
Uso litúrgico: compõe o àgbo da divindade associada.
Uso na herbologia: considerada abortiva. Não recomendada a gestantes.
Parte usada: folha.
Orin: sem específico.

84-BAUNILHA

Nome ioruba: *àbàrá òké*

Nome científico: *Vanilla palmarum Lindl., Orchidaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀sányìn*

Características: planta de folhas alongadas e flores em formato cônico de pétalas brancas e miolo amarelado. Produz sementes aromáticas em favas compridas.

Uso litúrgico: usada em banhos de maceração para trazer calma, doçura e pensamentos elevados aos adeptos em processo iniciático.

Uso na herbologia: as sementes são usadas em chá por decocção, para acalmar casos de histeria, melancolia, convulsão, coqueluche. As flores e folhas são preparadas em chá por infusão e recomendadas para aumentar a libido.

Parte usada: flores, folhas e sementes.

Orin: sem específico.

85-BEGÔNIA

Nome ioruba: *ewé aláwọ̀*

Nome científico: *Begonia salicifolia*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: divindades femininas.

Características: folhas arredondadas grandes, flores de variadas colorações em cachos.

Uso litúrgico: as folhas frescas são usadas em banhos para o amor.

Uso na herbologia: chá em infusão recomendado para tatamento das vias urinárias.

Parte usada: toda a planta.

Orin: sem específico.

86-BEJERECUM(biriba,pimenta-de-macaco,pimenta-de-negro,pimenta-do-guiné,pindaíba)

Nome ioruba: *bèjérekún*

Nome científico: *Xylopia aromática (Lam.) Mart., Annonaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọsányìn*

Características: planta de haste longa, folhas lanceoladas dispostas em ramos. Flores brancas, de corola em pétalas finas e alongadas, como a hélice de um avião. Frutos esféticos em cachos.

Uso litúrgico: os frutos secos ralados compõem o *atin*. Substitui a pimenta do reino.

Uso na herbologia: folhas, frutos e cascas, em infusão, são utilizadas como anti-inflamatório, estimulante e no trato de flatulências.

Parte usada: folhas, frutos e cascas

Orin: sem específico.

87-BELDROEGA

Nome ioruba: *ṣẹ́gun ṣẹ́tẹ̀, pápásan*

Nome científico: *Portulaca oleracea L., Portulaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: erva rasteira, de folhas carnudas e obovais. Flores miúdas, solitárias e de cor amarela.

Uso litúrgico: a maceração das folhas é usada como calmante.

Uso na herbologia: consumida em saladas, em ensopados para prevenir e tatar o escorbuto, afecções no fígado, bexiga e rins. As folhas cozidas são recomendadas para consumo, visando aumentar a lactação e como diurético. O sumo das folhas é indicado para inflamação nas vistas. As folhas maceradas e aplicadas em compressas ajudam na cicatrização de feridas. As sementes ingeridas são indicadas no combate aos vermes intestinais.

Parte usada: flores e folhas.

Orin: sem específico.

88-BEM-ME-QUER

Nome ioruba: *bánjókó*

Nome científico: *Wedelia paludosa D.C., Compositae (Asteraceae)*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: planta de pequeno porte, folhas afiladas com várias nervuras, flores amarelas com muitas pétalas e miolo delicado.

Uso litúrgico: usada na ornamentação dedicada à *Ọ̀ṣùn*. Suas folhas maceradas servem para banhos iniciáticos relativos a esta divindade. De forma geral entende-se que suas propriedades ajudam na obtenção e conquista amorosa. Logo, banhos com suas flores inteiras (de molho em água) e os pós-preparados com o miolo das flores, são utilizados para tais fins.

Uso na herbologia: suas flores e folhas são colocadas inteiras no travesseiro para acalmar o sono.

Parte usada: folhas e flores.

Orin: sem específico.

89-BENJOIM(árvore-de-bálsamo,erva-de-padre,estoraque)

Nome ioruba: *ewé olùṣọ́*

Nome científico: *Styrax pohlii A.D.C., Styraceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: árvore que produz resina de odor muito agradável, base para diversos produtos cosméticos e medicinais.

Uso litúrgico: a resina é largamente utilizada para defumação objetivando limpeza espiritual e a atração de boas energias.

Uso na herbologia: a resina, em uso externo, é aplicada em casos de laringite, bronquite e coriza (por inalação).

Parte usada: resina.

Orin: sem específico.

90-BERINGELA

Nome ioruba: *ewé èso dúdú*

Nome científico: *Solanum melongena*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*

Características: planta arbustiva cujo fruto grande e de cor roxo escuro é largamente usado para consumo e fins medicinais.

Uso litúrgico: os frutos são utilizados em trabalhos relativos à virilidade. Os banhos com a maceração das folhas têm os mesmos propósitos.

Uso na herbologia: as folhas piladas aplicadas em compressas sobre os rins são usadas em paralelo ao consumo do chá com a infusão das folhas, no tratamento de obesidade, gordura no sangue, cálculos e colesterol. Os frutos são consumidos na culinária como tratamento propedêutico aos males citados.

Parte usada: fruto e folhas.

Orin: sem específico.

91-BERTALHA

Nome ioruba: *ẹ̀fọ́ òyìnbó*

Nome científico: *Basella alba*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn,Yemọja*

Características: planta trepadeira de folhas arredondadas e caule suculento.

Uso litúrgico: folhas e caules macerados para banhos de abertura de caminhos e na iniciação dos filhos das divindades associadas.

Uso na herbologia: ricas em cálcio, ferro, manganês, sódio, zinco, fósforo e das vitaminas A, B e C, suas folhas são consumidas cruas em saladas para tratar processos hepáticos e problemas oculares. Por possuir altas concentrações de ácido oxálico, não é recomendada em grandes quantidades para grávidas e para portadores de problemas nos rins.

Parte usada: folhas e caules.

Orin: sem específico.

92-BETERRABA

Nome ioruba: *ẹ̀kàn pupa*

Nome científico: *Beta*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù, Ọmọlu*

Características: tubérculo comestível de cor arroxeada e folhas verdes alongadas com detalhes roxos.

Uso litúrgico: as folhas são usadas em banhos para fortalecimento espiritual e visando superação em momentos de crise.

Uso na herbologia: as folhas maceradas são usadas em compressas para colocar em machucados e inflamações. A ingestão do tubérculo é indicado para curar e prevenir anemia. Dos tubérculos se extraem açúcares utilizados na culinária.

Parte usada: folhas e tubérculo.

Orin: sem específico.

93-BÉTIS-CHEIROSO(bétis-branco)

Nome ioruba: *ewé boyí*

Nome científico: *Piper amalago L., Piperaceae*

Elemento da natureza: terra e água

Gênero: masculino e feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣùmàrè*, *Lógun ẹ̀dẹ*

Características: arbusto de folhas alongadas com cinco nervuras, sementes dispostas em pendões verticais.

Uso litúrgico: banhos com a maceração das folhas para iniciações relativas às divindades associadas.

Uso na herbologia: usada externamente como sedativo nas áreas doloridas, através de compressas com as folhas e sementes.

Parte usada: folhas e sementes.

Orin: sem específico.

94-BIGODE-DE-GATO

Nome ioruba: *èkùyá*

Nome científico: *Gynandropsis pentaphylla (Cappariceae)*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja*, *Òṣàlá*

Características: planta de pequeno porte, com haste central de onde brotam pequenos talos finos, como bigodes de gato. Folhas delicadas, alternas e ásperas. Flores brancas

semiabertas.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios para filhos dessas divindades.

Uso na herbologia: a infusão das folhas é usada contra dor de cabeça.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

95-BOLDO(tapete-de-oxalá)

Nome ioruba: *ewé bàbá*

Nome científico: *Plectranthusbrus barbatus*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: folhas ovaladas, de cor verde acinzentado, aveludadas de sabor amargo; arbusto com cerca de 2 m de altura, flores em pendões verticais.

Uso litúrgico: nos ritos ao *orí*, nos ritos a *Òṣàlá* e em banhos para acalmar. V. *alumã*.

Uso na herbologia: o chá por decocção das folhas ou o sumo, são empregados nos tratamentos hepáticos e biliares, má digestão, como fortificante para estômago e nervos. A ingestão também ajuda a eliminar as manchas na pele decorrentes de problemas no fígado. O cozimento de suas folhas é usado externamente em escalda-pés para combate ao reumatismo, sífilis e blenorragia.

Parte usada: folhas

Orin (SANTOS, 2014):

"Ewé bàbá di ibárò o
Ọ̀sányìn bàbá ni bárù
Àbádà lò okun di ibárò ayaya
Ewé bàbá ni bárú aikùn

Boldo, com a força do pai Ọ̀sányìn, torne-me um conselheiro
Para que eu ajude as pessoas a carregarem suas cargas
Nas mudanças e nas contingências da vida, que eu faça uso de habilidade
Para ajudar as pessoas a carregarem suas cargas sem se queixarem.Pai das folhas, torne-me um conselheiro bem disposto"

96-BOLSA-DE-PASTOR

Nome ioruba: *ewé òòyà*

Nome científico: *Capsella Bursa pastoris*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja*

Características: planta de pequeno porte com folhas segmentadas lembrando um pente. As flores brancas e delicadas brotam em ramos de caules verticais.

Uso litúrgico: banhos para *Yemọja* e para tranquilizar *Orí*.

Uso na herbologia: a infusão das folhas, ou raízes, é indicada para disenteria, regras abundantes e hemorragias. O sumo das folhas é indicado para ingestão em jejum, para combater a blenorragia. A compressa com as folhas piladas é aplicada topicamente sobre inflamações. O sumo pingado no ouvido ajuda a cicatrizar a supuração. O gargarejo é indicado para inflamações na garganta.

Parte usada: folhas, raízes

Orin: sem específico.

97-BOMUBOMU

Nome ioruba: *bomubómú*

Nome científico: *Calotropis procera - Asclepiadaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ògún, Ọmọlu*

Características: espécie de folhas arredondas, flores pequenas, em cachos de tom aroxeado e com cinco pétalas pontiagudas.

Uso litúrgico: banhos com a maceração das folhas, objetivando fortalecimento espiritual.

Uso na herbologia: flores piladas para amainar dores localizadas e queimaduras.

Parte usada: flores e folhas.

Orin: sem específico.

98-BREDO-DE-ESPINHO

Nome ioruba: *tẹ̀tẹ̀ gún*, *kọ́tòna*. Lit.: *kọ́* (v. ensinar) + *tò* (v. alinhar) + *ọ̀na* (s. caminho)

Nome científico: *Amaranthus spinosus*

Elemento da natureza: água

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja*, *Ọṣùn, Èṣù*

Características: folhas ásperas arredondadas e pontiagudas, sementes em pendão vertical.

Uso litúrgico: esta erva é usada para banhos visando recolocar no bom caminho as pessoas de má conduta.

Uso na herbologia: com suas folhas, prepara-se uma comida votiva a *Ṣàngó*. São feitos trabalhos com a folha, visando à obtenção de prosperidade. Os banhos feitos com a maceração das folhas tem o mesmo propósito.

Parte usada: a ingestão das folhas cozidas é indicada para tratar o escorbuto.

Orin: sem específico.

99-BREDO-SEM-ESPINHO(caruru, língua-de-vaca)

Nome ioruba: *tẹ̀tẹ̀, ewé gbúre ọ̀ṣùn*. V. língua de vaca.

Nome científico: *Amaranthus viridis*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọṣùn*

Características: folhagem de pequeno porte, com folhas delicadas ovaladas e suculentas.

Uso litúrgico: planta rica em ferro, o que justifica sua aplicação em banhos para trazer vigor, energia e disposição ao indolente. Suas folhas são também utilizadas para o preparo de comida votiva a *Baru* (uma qualidade de *Ṣàngó*, atípica por não aceitar quiabos); caruru. A palavra "caruru" é um estrangeirismo originário do idioma bantu, absorvido pelo Candomblé para designar: **1**. s. bredo, planta nativa do Brasil, usada em banhos e na gastronomia, chamado também de *ewé gbúre ọ̀ṣùn*; **2**. s. comida litúrgica do Candomblé oferecida ao *Òrìṣà Ibéjì* feito à base de quiabos cortados em rodelas finas, refogados com azeite de dendê, camarão seco pilado, cebola ralada e sal junto com a carne dos frangos de leite sacrificados. Acrescentar um pouco de água e cozinhar. Adicionar um pouco de amendoim e castanha ralados. Servir em gamela de madeira. Nesta receita acompanha o *àkàrà*. Pode ser feito à base de bredo (caruru), ao invés de quiabos. É o prato predileto desta divindade. O caruru foi incorporado à culinária brasileira como um prato típico nacional. Obs.: no idioma ioruba não existe a letra "c". V. *nkisi*; *ibéjì*.

Uso na herbologia: com grandes concentrações de ferro, cálcio, potássio e vitaminas A, B1, B2 e C; é ingerida cozida para fortalecimento geral do organismo.

Parte usada: folhas.

Orin (SANTOS, 2014):

> ***"Tẹ̀tẹ̀ kọ ma tẹ***
> ***Dání ṣò ni lẹ̀***
> ***Tẹ̀tẹ̀ kọ ma tẹ o***
> ***Dání ṣò ni lẹ̀***
>
> *Bredo sem espinho acorda sempre quem é problemático, indolente*

Dá segurança ao inseguro
Bredo sem espinho acorda sempre quem é problemático, indolente
Dá segurança ao inseguro."

100-BOTÃO-DE-OURO

Nome ioruba: *ewé àjẹ́*
Nome científico: *Synedrella nodiflora (L) Gaertn., Asteraceae (Compositae)*
Elemento da natureza: terra
Gênero: feminino
Porte: *kékeré*
Energia: *ẹ̀rọ̀*
***Òrìṣà* associado**: *Èṣù, Ọ̀ṣùn, Ifá*
Características: planta de pequeno porte. Cada caule produz cinco folhas em cruz, com flor miúda única de cor amarela
Uso litúrgico: com suas flores são preparados pós objetivando o encantamento de pessoas. Com a maceração das folhas, são preparados objetos votivos das divindades associadas.
Uso na herbologia: o pó de suas folhas e flores é usado externamente para tratamento de micoses, coceiras e carrapatos em animais.
Parte usada: folhas e flores.
Orin: sem específico.

101-BRILHANTINA(dinheiro-em-penca)

Nome ioruba: *ewé mímọ́lẹ̀*
Nome científico: *Pilea microphylla Miq. Urticaceae*
Elemento da natureza: água
Gênero: feminino
Porte: *kékeré*
Energia: *ẹ̀rọ̀*
***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*, *Ọ̀ṣùn*
Características: planta rasteira de folhas miúdas e arredondadas, de crescimento fácil e espontâneo em ambientes úmidos e com pouca incidência solar.
Uso litúrgico: maceração das folhas para banhos visando prosperidade.
Uso na herbologia: o pó feiro de suas folhas é aplicado como antisséptico animal e para espantar pulgas.
Parte usada: folhas.
Orin: sem específico.

102-BRINCO-DE-PRINCESA

Nome ioruba: *yẹrí ọya*

Nome científico: *Fuchsia hybrida*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọya*

Características: arbusto de flores abundantes que pendem das hastes. Folíolo central protuberante.

Uso litúrgico: as flores servem como oferendas a *Ọya*. A maceração de suas folhas compõe banho indicado para facilitar a sintonia e a incorporação desta divindade.

Uso na herbologia: não se conhece.

Parte usada: flores e folhas.

Orin: sem específico.

103-BUCHA

Nome ioruba: *kànrinkan*

Nome científico: *Luffa aegyptiaca*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọya, Òṣàlá*

Características: trepadeira de flor amarela e fruto grande em forma cilíndrica.

Uso litúrgico: banhos para melhorar o sono e ajudar na intuição do nome litúrgico do iniciado.

Uso na herbologia: os frutos, depois de secos, são descascados e o miolo é aproveitado como esponja vegetal que ajuda na limpeza de escamação da pele. As folhas e o caule são usados contra afecções hepáticas, amenorreia e clorose (BALBACH, 1992). O fruto novo cozido é comestível. As sementes são vermífugas. As folhas são indicadas para câncer e anemia (BRUNING, 2000).

Parte usada: fruto, sementes e folhas.

Orin: sem específico.

C 

Caapeba

104-CAAPEBA(aguaxima,jaguarandi,malvaísco,pariparoba)

Nome ioruba: *ewé ìyá*, *ìyá*

Nome científico: *Pothomorphe umbellata*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja*

Características: arbusto de grandes folhas arredondadas assemelhadas a um coração, um tanto crespas e pendentes de talo suculento.

Uso litúrgico: utilizada nos banhos iniciáticos para *Yemọja* e nos rituais de *bọrí*. O banho feito com a maceração da folha é ainda recomendado a todos aqueles que busquem equilíbrio emocional e mental. A folha da caapeba é largamente utilizada em vários rituais de Candomblé, como aquele que precede a confirmação de *ọ̀gán* e de *èkéjì*, se prestando a atestar se a pessoa tem possibilidade ou não de incorporação.

Uso na herbologia: a infusão das folhas em uso interno é recomendada como diurético, no tratamento de escorbuto, de afecções do estômago e do fígado, das vias urinárias e asma. A decocção das raízes combate o estado febril e gastrite. As sementes secas e piladas são aplicadas sobre feridas e inflamações, ajudando a cicatrização. Funciona como emoliente.

Parte usada: folhas, sementes e raízes.

Orin (SANTOS, 2014):

> ***"Ewé ìyá***
> ***Ewé ìyá***
> ***Orí rere***
> ***Fún mi ni Yemọja."***
> *Folha da Mãe (Yemọja)*
> *Folha da Mãe (Yemọja)*
> *Dê para mim uma cabeça boa e honesta*
> *Para que eu possa ter bem estar e prosperidade."*

105-CABAÇA(cabaceira)

Nome ioruba: *igbá*

Nome científico: *Cucurbita lagenaria (Lagenaria vulgaris)*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: planta ramosa, de folhas arredondadas, com nervuras claras disformes. Fruto encapsulando sementes.

Uso litúrgico: A folha da cabaceira é considerada uma erva forte para desfazer feitiços maléficos. A cabaça é um utensílio largamente utilizado nos Candomblés, seja como cuia para banhos, como vasilhame para a culinária, em rituais diversos e também para percussão. A cabaça inteira simboliza a ligação entre o céu (*ọ̀run*) e a Terra (*àiyé*), enquanto estes ainda eram unidos. A cabaça partida ao meio no sentido horizontal representa o equilíbrio entre o masculino e o feminino. A cabaça pode ter diferentes formatos. Cada qual, cortada conforme o interesse, ganha uma denominação e uma destinação própria, mediante sua utilização: ***igbájẹ̀*** (para lavar roupas); àdo ou ***atọ́*** (para guardar pós e remédios); ***ahá*** (em forma de copo para beber líquidos); ***pọ̀kọ́*** (em forma de prato para comer alimentos); ***kòtò*** (em forma de vasilha); ***akèngbè*** (em forma de garrafa para guardar/ transportar líquidos); ***akèrègbè*** (em forma de pote); ***alugbá*** (como instrumento musical de percussão); ***ṣẹ́rẹ́*** ou ***ṣẹ́kẹ́rẹ́*** (em forma de chocalho para percussão). A cabaça (fruto seco) é usada como recipiente de oferendas, como utensílio e como depositário para assentamento das divindades. V. *ìgbájẹ̀*; *igbádù; ìdí òrìṣà*.

Uso na herbologia: usada para tratar dores locais, em compressas com a folha amornada e macerada.

Parte usada: folha e fruto.

Orin (SANTOS, 2014):

"Ewé ṣ ti wére ọfọ rere o

Ewé ṣ ti wére ọfọ rere

Igbá dáni yọ́ bori ọfọ

Ewé ṣ ti wére ọfọ rere

Folha da cabaceira, faça um feitiço de bem estar, prosperidade, saúde, com força e rapidez, oh!

Folha da cabaceira, faça um feitiço de bem estar, prosperidade, saúde, com força e rapidez

Cabaceira, vença, dissipe, supere os feitiços

Folha da cabaceira, faça um feitiço de bem estar, prosperidade, saúde, com força e rapidez."

106-CABELO-DE-MILHO

Nome ioruba: *háríhá*

Nome científico: *Zea mays*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: os chamados cabelos, ou barbas de milho, são as fibras amareladas (espécie de palha) que pendem da espiga. São comuns em qualquer das espécies desta planta e também úteis aos mesmos fins.

Uso litúrgico: o cabelo do milho serve para compor uma receita que objetiva fazer a mulher grávida sentir-se mais leve. V. milho.

Uso na herbologia: o chá em infusão é excelente para combater afecções da bexiga, rins, cistite, cálculos e dores ao urinar.

Parte usada: fibras (palha ou cabelo)

Orin: sem específico.

107-CACAU

Nome ioruba: *kòkó*

Nome científico: *Theobroma cacau L., Esterculiaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀sányìn*

Características: árvore de folhas largas e pontiagudas. Produz fruto de médio porte em formato cônico gomoso.

Uso litúrgico: as folhas maceradas são usadas em banhos relativos à divindade associada e para prosperidade. Suas folhas secas são empregadas em defumadores para atrair sucesso financeiro. De suas sementes, é extraída uma manteiga que é usada como substituta do limo da costa.

Uso na herbologia: a manteiga do cacau é usada como protetor e rejuvenecedor da pele, em uso externo. Por isso, topicamente aplicado nas rachaduras dos seios, na boca e no tratamento de hemorroidas.

Parte usada: folhas, sementes, fruto

Orin: sem específico.

108-CAFÉ(cafezeiro)

Nome ioruba: *ọ̀wọ́ idẹ*

Nome científico: *Coffea spp., Rubiaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọsányìn*

Características: árvore de pequeno porte, que produz frutos vermelhos em cachos.

Uso litúrgico: a maceração das folhas é empregada em banhos iniciáticos para filhos de *Ọsányìn*, bem como com vias de se obter prosperidade. As folhas secas são usadas em defumadores de prosperidade. Os frutos torrados, moídos e fervidos produzem bebida largamente oferecida para os ancestrais no Brasil (*omi dúdú*).

Uso na herbologia: rico em cafeína, os frutos torrados, moídos e fervidos são utilizados como estimulante cerebral.

Parte usada: folhas e frutos.

Orin: sem específico.

109-CAJAZEIRA(cajá,cajá-mirim,taperebá)

Nome ioruba: *igi ìyeyè*, *okika, okinkán*

Nome científico: *Spondias mombin*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ìyámi*, *Ọ̀ṣùn*

Características: árvore de grande porte, bastante resistente que produz frutos amarelos arredondados de sabor acridoce e de polpa carnuda.

Uso litúrgico: as folhas maceradas são usadas para banhos durante as iniciações. Um poema do *Odù Éjì Onílẹ̀* ensina que esta planta tem o poder de levantar os que estão caídos. Reza o *ìtàn* que foi recomendado a todas as árvores que fizessem sacrifício, para evitar que fossem derrubadas e mortas. Só *okika* fez. Por isso, todas as árvores quando são derrubadas morrem, menos a cajazeira. Sua folha tem o poder de proteger contra malefícios e dar poder de recomeçar. É uma das árvores mais importantes para o Candomblé. É uma das moradas das *Ìyámi*. Utilizada em defumação e em pós para proteção contra inveja e contra os inimigos. ***Ìyeyè***: folha da cajazeira. V. *ìyámi òṣòrọ̀ngà*.

Uso na herbologia: rico em vitamina C, o sumo da polpa é recomendado para resfriados e gripes fortes.

Parte usada: folhas e frutos.

Orin (SANTOS, 2014):

"Ọsányìn já wère kó ṣoro ó
Ọsányìn já wère kó ṣoro ó
Okika ewé okika ma asà

Ọsányìn já wère kó ṣoro

Ọsányìn feche o caminho para que as pessoas tolas, vazias e estúpidas, que roubam e são violentas, não nos alcancem

Ọsányìn feche o caminho para que as pessoas tolas, vazias e estúpidas, que roubam e são violentas, não nos alcancem

Cajazeira, folha da cajazeira, eu pretendo defender-me

Ọsányìn feche o caminho para que as pessoas tolas, vazias e estúpidas, que roubam e são violentas, não nos alcancem".

Ver Capítulo 16: Cânticos para as árvores mais antigas do mundo.

110-CAJUEIRO

Nome ioruba: *ẹ̀jọ́jú*

Nome científico: *Anacardium occidentale L., Anacardiaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó*

Características: árvore de pequeno porte, galhos baixos, folhas ovaladas e frutas de polpa carnuda, com sabor acridoce e semente externa.

Uso litúrgico: as folhas maceradas são usadas em banhos de limpeza espiritual. Os frutos são oferecidos como oferendas a diversas divindades. ***Ẹ̀kajú*** – s. fruta. ***Ẹ̀kajú***: castanha de caju. ***Ewé Ẹ̀ọ́jú*:** folha do cajueiro.

Uso na herbologia: a semente assada é consumida como fortificante. A casca e a raiz em chá por decocção são empregadas no combate à diabetes (BARROS, 1999).

Parte usada: folhas, frutas e sementes.

Orin: sem específico.

111-CALÊNDULA(malmequer)

Nome ioruba: *bánjókó*, *ewé pẹ́pẹ́*

Nome científico: *Calendula officinalis L. Compositae (Asteraceae)*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: planta de pequeno porte que produz flor de muitas pétalas em amarelo forte.

Uso litúrgico: as flores de molho em água pura e fria servem como banhos para o amor.

Uso na herbologia: a pomada, feita de suas flores e folhas, em uso externo, é eficiente contra inflamações e como cicatrizante. O chá da infusão das folhas é ingerido para regular a menstruação, para dores no corpo. Em uso externo, as folhas em compressas combatem verrugas, calos e pólipos.

Parte usada: flores e folhas.

Orin: sem específico.

112-CAMAPU

Nome ioruba: *ewé pàpó*

Nome científico: *Physalis angulata L., Solanaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọdẹ, Ọmọlu*

Características: planta de pequeno porte, de folhas ásperas e contorno seccionado.

Uso litúrgico: banhos de descarrego.

Uso na herbologia: a infusão das folhas é usada como calmante, depurativo do sangue e diurético.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

113-CAMBARÁ(camará)

Nome ioruba: *àbitọ́lá*

Nome científico: *Lantana câmara L., Verbenaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó, Èṣù*

Características: arbusto de folhas ásperas, ovais, recortadas. Possui pequenos espinhos nos ramos. Flores pequenas, de cores vivas e variadas, dispostas em ramos.

Uso litúrgico: a maceração das folhas frescas, é usado para afastar mau-olhado e fazer a pessoa despertar de ausências, esquecimentos emocionais e tristeza.

Uso na herbologia: as folhas, cascas ou flores, em infusão, combatem a febre e perturbações da digestão. Da mesma forma, usada no tratamento de catarro, asma, coqueluche, resfriados e gripe.

Parte usada: folhas, cascas e flores.

Orin: sem específico.

114-CAMBOATÁ

Nome ioruba: *adé baàyànnì*

Nome científico: *Cupania vernalis Camb., Sapindaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọya, Baàyànnì*

Características: árvore de bela copa, com folhas longas e bordas irregulares, flores de amarelo intenso.

Uso litúrgico: banhos iniciáticos para *Baàyànnì*, bem como para sacralização de seus apetrechos rituais. Os banhos destinam-se também à obtenção de prosperidade, a todos os adeptos.

Uso na herbologia: o chá em decocção da casca é usado no tratamento de tosses crônicas e asma.

Parte usada: folhas e cascas.

Orin: sem específico.

115-CAMOMILA

Nome ioruba: *òdòdó ayọ̀*

Nome científico: *Matricaria chamomilla*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja*, *Yẹ̀wà*

Características: planta de pequeno porte, com flores brancas e miolo amarelo em cada caule.

Uso litúrgico: banhos calmantes.

Uso na herbologia: infusão das flores e folhas contra indigestão, gases, inapetência, afecções no estômago, cólica, diarreia, histerismo, febre, doenças do útero e ovário, vermes, evita câimbras e alergias. Funciona como emoliente da pele e cicatrizante em uso tópico.

Parte usada: flores e folhas.

Orin: sem específico.

116-CANA-DE-AÇÚCAR

Nome ioruba: *ikésé*, *ikéséns*

Nome científico: *Saccharum spontaneum*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*, *Ibéjì*

Características: planta de caule suculento e bastante adocicado. Folhas ásperas, compridas e cortantes, com nervura central.

Uso litúrgico: a cana-de-açúcar adoça e traz prazer à vida. Suas folhas frescas servem para banhos iniciáticos a *Ibéjì*, bem como objetivando prosperidade; secas, prestam-se a defumações objetivando prosperidade. O sumo de seu caule é consumido como suco (caldo de cana) e também serve de matéria-prima para o preparo de subprodutos como açúcares, melado e a "*raspadura"*, cujo nome foi imortalizado errado como "*rapadura*". O caule descascado e cortado em gomos é oferecido como comida litúrgica do Candomblé para *Ibéjì* e *Èṣù*.

Uso na herbologia: o açúcar produzido a partir da cana é reconhecido energético, combatendo o cansaço. O açúcar e seus derivados são utilizados no tratamento de catarros e tosse.

Parte usada: caule e folhas.

Orin: sem específico.

117-CANA-DO-BREJO(cana-de-macaco,cana-do-mato,sanguelavô,ubacaia)

Nome ioruba: *tẹ̀tẹ̀règún*

Nome científico: *Costus spicatus*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ògún*

Características: planta com caule longo e fibroso, de onde brotam folhas em formato fálico pontiagudas.

Uso litúrgico: é utilizada no preparo de banhos para propiciar o transe.

Uso na herbologia: o suco das hastes frescas é usado no tratamento de gonorreias. O pó feito com as hastes e rizomas é aplicado como cataplasmas para curar hérnias. As folhas piladas são usadas como compressas topicamente em contusões e inchaços. A infusão das folhas é usada no combate à tosse, falta de regras e arteriosclerose, como diurético,

sudorífico, nefrite, blenorragia e infecções na bexiga.

Parte usada: folhas.

Orin (SANTOS, 2014):

> ***"Tẹ̀tẹ̀règún òjò domi pá ó***
> ***Tẹ̀tẹ̀règún òjò***
> *A flexibilidade evita brigas*
> *Cana-do-brejo é como a chuva que relaxa o excitado*
> *Cana-do-brejo é como a chuva."*

118-CADEIA(cambará)

Nome ioruba: *igi gún*

Nome científico: *Gochnatia polimorpha*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja*

Características: árvore de até 8 m de altura, pouco copada, lenhosa, de casca rugosa. Folhas ásperas, meio esbranquiçadas. Floração em cacho. Sementes aladas e pequenas.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios para as qualidades guerreiras desta divindade. Com o óleo das folhas, prepara-se perfume para *Yemọja*.

Uso na herbologia: o chá das folhas em infuso é indicado para resfriados e gripe. O óleo da casca das folhas, serve para fricção em entorces.

Parte usada: casca, folha.

Orin: sem específico.

119-CANELA

Nome ioruba: *téemi*

Nome científico: *Cinnamomum zeilanicum Breyne., Lauraceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọbalúwáiyé, Ọ̀ṣùn*

Características: ávore de folhas lisas e com três nervuras bem definidas e casca aromática.

Uso litúrgico: banhos com as folhas maceradas para calma e prosperidade. As cascas são usadas em defumações para atrair boa sorte e dinheiro.

Uso na herbologia: o chá das folhas ou da casca em infusão é recomendado para facilitar a digestão e a flatulência. Indicado também no combate à gripe e escorbuto. O sumo das folhas em aplicação externa é tônico capilar. Tem capacidade de aumentar a pressão. Não recomendado para mulheres nos primeiros meses de gestação.

Parte usada: folhas e cascas.

Orin: sem específico.

120-CANELA-DE-VELHO

Nome ioruba: *igun àgbà*

Nome científico: *Melastoma albicans Sw*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọbalúwáiyé*

Características: arbusto de folhas aveludadas, de cor verde por cima e de cor amarronzada por baixo.

Uso litúrgico: banhos iniciáticos para os filhos de *Ọbalúwáiyé*, bem como para a sacralização dos apetrechos rituais desta divindade.

Uso na herbologia: as cascas em decocção são recomendadas para má digestão.

Parte usada: folhas e cascas.

Orin: sem específico.

121-CÂNHAMO(linho,maconha)

Nome ioruba: *igi ọ̀gbọ̀, ọ̀gbọ̀*

Nome científico: *Cannabis sativa L., Cannabaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọya*

Características: arbusto de folhas serrilhadas irregulares e pontiagudas, de cheiro forte.

Uso litúrgico: não há.

Uso na herbologia: o chá das folhas é usado como calmante, analgésico e para o combate a dores de cabeça. Seu cultivo e utilização são proibidos pela legislação brasileira, embora em outros países seu uso medicinal seja amplo com o canabidiol, por exemplo, aplicado no tratamento da epilepsia.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

122-CANSANÇÃO(sabiá)

Nome ioruba: *èpè*

Nome científico: *Laportea Aestuans (L.) Chew, Urticaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*

Características: arbusto com cerca de 3 m de altura de galhos espinhosos e folhas arredondadas.

Uso litúrgico: o nome desta espécie em ioruba (*èpè*), também significa "maldição" (considerada um dos oito principais *Ajogun*). A maceração de suas folhas é usada em trabalhos relativos a *Èṣù*. V. *ajogun*.

Uso na herbologia: a folha pilada é colocada sobre feridas, para ajudar na cicatrização.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

123-CAPIM-LIMÃO

Nome ioruba: *koríko ọba*

Nome científico: *Cymbopogon citratus (DC) Stapf., Gramineae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọdẹ*

Características: touceira de folhas perfumosas, afiladas e compridas, que brotam diretamente do chão em sentido vertical.

Uso litúrgico: maceração de folhas para banhos visando calma e serenidade espiritual. São colocadas nos travesseiros dos adeptos em fase de retiro espiritual objetivando favorecer o sono e os bons sonhos.

Uso na herbologia: chá por infusão recomendado como calmante, antiespasmódico, sudorífico e estomáquico.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

124-CAQUI

Nome ioruba: *tùmáatì dídùn*

Nome científico: *Diospyros kaki*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọmọlu, Èṣù*

Características: árvore de folhas brilhosas e bordas irregulares. Produz fruta de polpa carnuda e doce.

Uso litúrgico: banhos para prosperidade e calma.

Uso na herbologia: o consumo da fruta, assim como o chá em infusão das folhas, são recomendados para combate à anemia, afecções no estômago e calmante.

Parte usada: fruta e folhas.

Orin: sem específico.

125-CARAMBOLA

Nome ioruba: *èso ìràwọ̀*

Nome científico: *Averrhoa carambola*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: árvore de folhas ovaladas pontiagudas dispostas em ramos. Produz fruta amarela cônica com cinco gomos.

Uso litúrgico: as frutas são usadas como oferendas a diversas divindades. As folhas maceradas são empregadas em banhos objetivando encantos e pensamentos elevados.

Uso na herbologia: O chá por decocção das folhas é empregado no combate à diabetes, febre e afecções na bexiga e nos rins. O consumo das frutas é recomendado como diurético.

Parte usada: fruta e folhas.

Orin: sem específico.

126-CARÁ-MOELA

Nome ioruba: *akan*

Nome científico: *Dioscorea bulbifera L., Dioscoreaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *àfòmọ́*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: Òṣàlá

Características: trepadeira de folhas ásperas, produz pequeno bulbo comestível.

Uso litúrgico: o bulbo seco e ralado, misturado a *ẹ̀fun* e um pedaço de carne de vaca seca ao sol, é utilizado para o preparo de pó objetivando prosperidade. As folhas maceradas servem para banhos visando crescimento profissional.

Uso na herbologia: o consumo do bulbo é recomendado como antioxidante.

Parte usada: folhas e bulbo.

Orin: sem específico.

127-CARDAMOMO(lírio-do-brejo)

Nome ioruba: *balabá*

Nome científico: *Hedychium coronarium Koenig., Zingiberaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja*

Características: folhas alternadas, estreitas, laneoladas. Flores brancas em cachos longos.

Uso litúrgico: as flores são usadas como oferendas a *Yemọja*, as folhas servem para banhos de iniciação a esta divindade.

Uso na herbologia: as sementes, por infusão, servem para o preparo de chá indicado para cólicas, flatulência e dispepsias.

Parte usada: sementes e folhas.

Orin: sem específico.

128-CARNAÚBA

Nome ioruba: *àtẹ́wọ́ ọ̀rún*

Nome científico: *Corypha cerifera, Arrudaria cerifera, Copernica cerifera*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Òdùduwà*, *Ọbàtálá*

Características: palmeira de grande porte com folhas espalmadas e tronco espinhoso.

Uso litúrgico: as folhas são usadas como ornamentos em celebrações a diversas divindades. Suas folhas servem para banhos objetivando que pessoas violentas e pretensiosas se acalmem. Com as suas cascas são preparados pós para acalmar ambientes. As folhas desta árvore são ainda usadas para cobrir cômodos dedicados a ritos e cultos no Candomblé, bem como para o preparo de esteiras e paramentos rituais como peneiras, cestos e chapéus. Os troncos são usados para construção e a cera (extraída das folhas), serve para a confecção de velas.

Uso na herbologia: a raiz e decocção é recomendada no tratamento da sífilis e como diurético.

Parte usada: folhas e raiz

Orin: sem específico.

129-CARNÍCULA(fava-de-oxossi)

Nome ioruba: *kóró ọdẹ*

Nome científico: *Caesalpinia bonducella*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọdẹ*

Características: arbusto de até 1 m de altura em média, caules em touceira, eriçados de espinhos. Folhas alternadas em ramos. O fruto é uma vagem ovalada, recoberta de espinhos, na qual se encontram, em seu interior, sementes lisas e acinzentadas (favas de *ọdẹ*).

Uso litúrgico: as folhas maceradas são usadas em banhos iniciáticos para *Ọdẹ* e objetivando, de forma geral, prosperidade. As sementes são utilizadas nos assentamentos desta divindade, bem como nos tabuleiros de jogo oracular, conforme certas tradições.

Uso na herbologia: a infusão da folha é aplicada topicamente no tratamento de erisipelas. A maceração das folhas, descansada por dois dias, é ingerida no tratamento de asma.

Parte usada: folhas e sementes.

Orin: sem específico.

130-CARQUEJA(vassourinha-de-botão)

Nome ioruba: *kànérì*

Nome científico: *Spermacoce verticillata L., Rubiaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọdẹ, Ọbalúwáiyé*

Características: planta invasora, de até 1 m de altura, da haste vertical, brota flor branca delicada em pequeno buquê.

Uso litúrgico: usada em banhos iniciáticos das divindades associadas.

Uso na herbologia: emprega-se em chá por infusão para anemia, cálculos biliares, diarreias, males do fígado e da bexiga, má circulação, depurativo do sangue, má digestão, diabetes, angina e icterícia. Muito útil no tratamento de gota, reumatismo, lepra, doenças venéreas, cicatrização de feridas e como diurético. Em uso tópico, cicatriza feridas.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

131-CARRAPICHO(arrozinho,erva-tostão,pega-pinto)

Nome ioruba: *èèmọ́*, *ètìpọnlá*, *sèníkawá*

Nome científico: *Zornia diphylla Pers., Leguminosae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọsányìn, Yẹwà*

Características: erva invasora caracterizada pelas hastes que encimam sementes recobertas por espinhos que grudam com muita facilidade na roupa das pessoas e pelos dos animais que neles encostam.

Uso litúrgico: banhos iniciáticos para as divindades associadas. Usa-se também o mesmo banho para facilitar o processo de incorporação dos neófitos. ***Èèmọ́***, é o nome genérico em ioruba, para todas as plantas cujas sementes prendem-se espontaneamente em tudo que se aproximar delas. Toda planta espinhosa possui a mesma classificação genérica de ***dágunró***, conforme a herbologia ioruba.

Todas as plantas com estas características são indicadas para o preparo de banhos àqueles que estão sendo iniciados no Candomblé. Acredita-se que elas conferem à pessoa a propriedade e que o àṣẹ desejado também “grude” nelas.

Uso na herbologia: a infusão de suas folhas é ingerida para tratar afecções do fígado, nefrite, dores no estômago e nos membros, diarreias, inflamações no pênis e gonorreia. Funciona como diurético. Em uso externo, recomendado para lavar feridas.

Parte usada: folhas.

Orin (SANTOS, 2014):

> ***“Ìfà owó ìfà ọmọ***
> ***Ewé ètìpọnlá wá fifa burú rú***
>
> *Ganho de dinheiro, ganho de filho*
> *Pega pinto é grudenta, pega com força e prende*
> *para que grude tudo de bom à nova existência.”*

132-CARRAPICHO-BEIÇO-DE-BOI(marmelada-de-cavalo,pega-pega)

Nome ioruba: *ewé ọdẹ, èmọ́, ẹ̀pà ikúnígbó, ẹ̀pà ilẹ̀*

Nome científico: *Desmodium adscendens (Sw.) D.C., Fabacea (Leguminosae)*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọdẹ*

Características: planta de pequeno porte. Folhas arredondadas. Flores miúdas em branco ou lilás, dispostas em pendão. Semente em pequeninas vagens ásperas, que grudam em tudo que nelas enconsta.

Uso litúrgico: esta erva é usada no àgbo de *Ọdẹ*, bem como nos banhos de neófito, com o propósito de ajudar no processo do transe mediúnico.

Uso na herbologia: *"Na medicina popular, esta planta é utilizada para combater a leucorréia, blenorragia, diarreia, infecções pulmomares e dores no corpo. Possui, ainda, propriedades laxativas."* (BARROS, 1999).

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

133-CARRAPICHO-RASTEIRO(maroto,espinho-de-cigano,retirante)

Nome ioruba: *dágunró*

Nome científico: *Acanthospermum hispidum D.C., Asteraceae (Compositae)*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*, *Ọdẹ*, *Ògún*

Características: erva invasora de folhas ásperas e semente espinhosa, que gruda em tudo que nela enconste.

Uso litúrgico: Toda planta espinhosa possui a mesma classificação genérica de ***dágunró***, conforme a herbologia ioruba. Èèmó: como chamam várias ervas que tenham sementes/ frutos aderentes e que, portanto, grudam no pelo dos animais e nas roupas. Segundo Verger (VERGER, 1995), é usada em trabalhos para que a energia Ògún seja direcionada a alguém. Suas folhas e raízes são empregadas em trabalhos para reconciliar casais. Conforme a tradição jêje-nagô, pela manhã ela pertence a *Ọdẹ* e quando o sol está alto e intenso, está

sob os domínios de *Èṣù* e *Ògún*.

Uso na herbologia: as raízes em decocto são aplicadas no tratamento de diarreias, febres, bronquite e tosses crônicas.

Parte usada: raiz, folhas e sementes.

Orin: sem específico.

134-CARURU(caruru-da-bahia,juta-azul)

Nome ioruba: *ayó, ẹyó, ẹyó gànbẹ, òyọ́*

Nome científico: *Corchorus olitorius L., Tiliaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó*

Características: planta rasteira. Folhas opostas e lanceoladas. Flores amarelas miúdas.

Uso litúrgico: banhos para abrandar a energia das Mães Ancestrais. Compõe o *àgbo* desta divindade. Para as qualidades de *Ṣàngó* que não comem quiabo, faz-se um guizado com as folhas desta planta.

Uso na herbologia: folhas cozidas e quentes são usadas como compressas em locais inflamados. O chá em infuso é analgésico, depurativo do sangue e também trata afecções da boca e do fígado.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

135-CASCAVELEIRA(guizo-de-cascavel,chocalho,crotolária,maraca,xique-xique)

Nome ioruba: *ṣẹ̀rẹ ọba, ìsìn*

Nome científico: *Crotolaria retusa L., Fabaceae (Leguminosae)*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó*

Características: planta de pequeno porte que produz folhas amarelas e delicadas e uma fava a qual, seca, produz um som de chocalho.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios a *Ṣàngó.* As favas servem como oferendas a *Ṣàngó*, bem como ao *Odù Ọ̀bàrà*.

Uso na herbologia: a decocção das folhas é empregada para espantar parasitas em animais,

como pulgas e carrapatos.

Parte usada: folhas e favas.

Orin: sem específico.

136-CASCA-DE-ANTA(melambo)

Nome ioruba: *ojú yẹwà*

Nome científico: *Drimys winteri*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Yẹwà*

Características: árvore de folhas delgadas com uma única nervura central. Produz lindas flores de pétalas brancas e miolo amarelo, em cachos.

Uso litúrgico: as folhas maceradas são usadas em banhos para elevação espiritual e favorecimento da vidência.

Uso na herbologia: a casca em decocção é usada no tratamento de afecções no estômago, dispepsias, desarranjos, cólicas, flatulências, inapetência, febres, catarros crônicos e gastralgias. O nome popular decorre do hábito que as antas têm de procurar essa árvore para roer suas cascas e se coçar.

Parte usada: folhas e cascas.

Orin: sem específico.

137-CASCARRILHA

Nome ioruba: *ìyangbẹ ẹnu*

Nome científico: *Croton eleutheria, Croton Glabellus, Croton slonei*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó*

Características: árvore alternada, com folhas ovais, denteadas, verde acinzentadas na parte superior e esbranquiçadas na parte inferior. Flores em cachos. Fruto em capsula com três caroços.

Uso litúrgico: banhos para abrir a fala de divindades e para crianças que demoram a falar.

Uso na herbologia: o chá da casca em decocção é usado em bochechos para tratar inflamações na boca e na garganta. O mesmo chá, para uso interno, é prescrito para afecções gástricas e estomacais, cólicas, diarreias, disenterias, febres e gastrites.

Parte usada: casca e folhas.

Orin: sem específico.

138-CASUARINA

Nome ioruba: *igi ìgbàlẹ̀, igi ọya.*

Nome científico: *Casuarina equisitifolia L., Casuarinaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọya*

Características: árvore cujas folhas são dispostas como pequenas hastes finas e quebradiças. Produz fava marrom arredondada e espinhosa. Suas folhas produzem som ao vento.

Uso litúrgico: as folhas maceradas servem para banhos iniciáticos a *Ọya*. São indicados também para pessoas que precisam esquecer-se de dores e problemas. Suas sementes são usadas em assentamentos de divindades.

Uso na herbologia: o chá por infusão é indicado para tratar inflamações na garganta e no tubo digestivo.

Parte usada: folhas e sementes.

Orin: sem específico.

139-CATINGA-DE-MULATA(cordão-de-frade,macaça)

Nome ioruba: *mákásá*

Nome científico: *Leucas martinicensis, Stahys fluminensis*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Nànà*

Características: arbusto de pequeno porte, de folhas lanceoladas e crenadas. Flores amarelas em golmérulos, assemelhados a espigas.

Uso litúrgico: banhos com a maceração das folhas para iniciações referentes a *Nànà*. De forma geral, o banho com esta erva tem como propósito afastar negatividades.

Uso na herbologia: o chá por infusão é indicado para tratar histerias, dores artríticas, reumatismo, asma e gota. Em uso externo, para lavar e ajudar na cicatrização de feridas. O chá deve ser alternado por banhos.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

140-CATUABA(tatuaba)

Nome ioruba: *ewé ìparuku*

Nome científico: *Erythroxilum catuaba*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: árvore de grande porte, frondosa, de copa ovalada, conserva raízes fora do solo (sapopema). Caule de casca pardo escura. Folhas compostas, alternas. Flores amarelas, pequenas. Fruto carnoso, vermelho, encapsulado em vagem oval alongada.

Uso litúrgico: os banhos são recomendados para aproximar casais em crise afetiva.

Uso na herbologia: as folhas em infusão são indicadas como tônico para o organismo. Combate a impotência.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

141-CAVALINHA(rabo-de-cavalo,milho-de-cobra)

Nome ioruba: *ìrù ẹṣin*

Nome científico: *Equisetum arvense*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn, Nàná*

Características: planta de habitat brejoso, à beira de córregos e rios. As folhas lanceladas, brotam diretamente das hastes, em sentido diagonal contrário ao solo.

Uso litúrgico: banhos por maceração, recomendados a pessoas que passaram por grandes perdas ou crises e estão necessitando de energias para se reerguerem.

Uso na herbologia: Infusão das folhas para afecções nos rins e na bexiga e como diurético. No tratamento de hemorragias internas e em menstruação excessiva, usa-se como hemostático. Em caso de febre puerperal, faz-se uso externo para lavagem vaginal. O mesmo chá é ainda indicado para compressas, para debelar inflamação nos olhos e como cicatrizante.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

142-CEBOLA

Nome ioruba: *àlùbọ́sà*

Nome científico: *Allium cepa L., Liliaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*, *Ọ̀ṣùn*

Características: bulbo aquoso de sabor acridoce, largamente utilizado na culinária.

Uso litúrgico: o bulbo cru, partido verticalmente, é usado como oráculo. Usa-se partido em dois gomos, ou em quatro. A cebola ralada integra a base do refogado tradicional da culinária ioruba, quer seja: camarão seco socado, cebola ralada e azeite de dendê. Tal refogado é utilizado em diversas comidas votivas de quase todas as divindades do panteão jêje-nagô do Candomblé. O bulbo, partido verticalmente e cru, também é usado como elemento nos trabalhos de limpeza corporal visando dispersar energias negativas.

Uso na herbologia: O consumo do bulbo cru, em saladas, ou cozido, no tempero, é indicado para combater o colesterol, febre, constipação, retenção de líquidos, vermes e infecções. O chá, feito com a infusão do bulbo em água, atende aos mesmos propósitos. O infuso da casca trata dor de estômago.

Parte usada: bulbo.

Orin: sem específico.

143-CEBOLINHA(cebolinha-branca)

Nome ioruba: *àlùbọ́sà eléwé*, *àlùbọ́sà oníṣu*

Nome científico: *Allium aescalonicum L., Liliaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: do bulbo nascem folhas em lanças, ocas, aromáticas e comestíveis.

Uso litúrgico: substitui a cebola na culinária. As folhas são usadas no tempero da comida dos adeptos. As folhas maceradas são usadas em banhos relativos a *Ọ̀ṣùn*, quando se deseja despertar as potencialidades desta divindade.

Uso na herbologia: com as folhas faz-se xarope expectorante, usado no combate de gripes, resfriados e catarros (BARROS, 1999).

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

144-CELIDÔNEA(quelidônia)

Nome ioruba: *òdòdó ọ̀ṣùn*

Nome científico: *Chelidonium majus*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: planta com até 1 m de altura, de haste recoberta de pelugem. Folhas alternadas e aveludadas com contorno em vários lobos arredondados. Flor amarela em quatro pétalas.

Uso litúrgico: banhos para o amor e para que o bebê fique na posição de encaixe para o parto.

Uso na herbologia: A raiz é utilizada em chá por decocção, para combater a icterícia. O chá das folhas preparado por infusão é empregado para lavar o rosto com o objetivo de retirar manchas da pele e panos. O mesmo chá, em uso interno, é considerado excelente calmante e eficaz no tratamento de crises de asma. Suas folhas frescas e piladas são aplicadas diretamente em feridas supuradas, de difícil cicatrização. O sumo extraído das folhas e raízes, em uso externo, recomenda-se para secar verrugas, feridas e amolecer calos.

Parte usada: folhas e raiz.

Orin: sem específico.

145-CENOURA

Nome ioruba: *karọ̀ti*

Nome científico: *Daucos carota L., Umbaliferae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀sányìn*

Características: planta de folhas alternadas, disformes

Uso litúrgico: a raiz é largamente utilizada em trabalhos para limpeza espiritual do corpo, visando expargir energias negativas. Também é frequentemente utilizada na alimentação geral dos terreiros de Candomblé, em diversas receitas culinárias.

Uso na herbologia: rica em betacaroteno, a cenoura é indicada para consumo, a fim de fortalecimento geral do organismo e estimular a lactação. O sumo da raiz é ainda indicado para uso externo em eczemas, psoríase e demais problemas de pele.

Parte usada: raiz.

Orin: sem específico.

146-CENTÁUREA-DO-BRASIL(fel-da-terra,marianinha)

Nome ioruba: *òṣónú*

Nome científico: *Dejanira erubescens*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣányìn*

Características: planta de haste comprida, com folhas obovais com nervuras. Flores em tom de rosa, dispostas com quatro pétalas.

Uso litúrgico: banho com a maceração das flores e folhas para encantamento a fim de atrair boas energias.

Uso na herbologia: as raízes em decocto combatem os vermes intestinais. No mesmo procedimento, para raízes e hastes, observa-se bom resultado no tratamento de escorbuto e febres intermitentes. O mesmo chá é indicado para tratamento dos intestinos, afecções do estômago e dispepsias.

Parte usada: folhas, flores e raízes.

Orin: sem específico.

147-CEREFÓLIO(cerefolho)

Nome ioruba: *tìtẹ́ sílẹ̀ áùnsì*

Nome científico: *Anthriscus cerefolium*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣányìn, Yemọja*

Características: folhagem duplamente composta com folhas delicadas e flores brancas miúdas.

Uso litúrgico: maceração das folhas frescas para banhos calmantes e com o propósito de afastar perturbações.

Uso na herbologia: infusão das sementes para consumo visando abrandar afecções no estômago, histerismos, combater a diabetes, infecções da bexiga, gota, enfermidades nervosas e como depurativo do sangue. Compressas com as folhas frescas piladas são indicadas para aplicação nos olhos, em caso de inflamação. O vapor do cozimento das folhas é indicado no tratamento de hemorroidas. O sumo das folhas ingerido é recomendado para depurar o sangue e no combate da asma.

Parte usada: folhas e sementes.

Orin: Não há *orin*.

148-CHAPÉU-DE-COURO

Nome ioruba: *ṣéṣéré*

Nome científico: *Echinodorus grandiflorus (Cham. & Schlech.) Mich., Alismataceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: planta de pequeno porte, com folhas lanceladas e várias nervuras na parte posterior. Sementes em pendão central.

Uso litúrgico: a maceração das folhas é usada para banhos visando afastar energias negativas.

Uso na herbologia: a infusão das folhas para ingestão em chá é indicada no tratamento de afecções nos rins e bexiga, sífilis e reumatismo. Apresenta bom resultado como depurativo do sangue. Esse chá é recomendado para evitar a arteriosclerose.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

149-CHAPÉU-DE-NAPOLEÃO(jorro-jorro,fava-elétrica,noz-de-cobra)

Nome ioruba: *olómi òjò, sọpá sọpá*

Nome científico: *Thevetia nerifolia Juss., Apocynaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀sányìn, Ọmọlu*

Características: planta de pequeno porte, com folhas lanceladas em ramos. Cada espécie produz flores amarelas ou brancas em formato de sino, pendentes para baixo. Sementes em formato arredondado e de consistência dura.

Uso litúrgico: as sementes são usadas nos assentamentos de *Ọmọlu* e para a confecção de cordões rituais desta divindade. Suas folhas são usadas em trabalhos de limpeza do corpo, com o propósito de afastar a doença.

Uso na herbologia: a casca em decocto é recomendada no tratamento de febres. A resina leitosa de suas folhas dissolvida em água é ingerida como purgativo e como antídoto contra o

veneno de cobra cascavel. O uso deve ser moderado, pois acredita-se que esta planta possua substância tóxica lesiva ao coração (BARROS, 1999).

Parte usada: folhas, casca e resina

Orin: sem específico.

150-CHICÓRIA

Nome ioruba: *ewé ilẹ̀ rin nlá*

Nome científico: *Cichorium intybus*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: pequena touceira de hastes esbranquiçadas e folhas onduladas na cor verde escuro.

Uso litúrgico: serve como oferenda em saladas para *Ọ̀ṣányìn* e na composição de banhos para esta divindade.

Uso na herbologia: seu consumo em saladas é recomendado para tratar afecções no estômago, rins e fígado, bem como no tratamento de constipação e má digestão.

Parte usada: haste e folhas.

Orin: sem específico.

151-CHUCHU

Nome ioruba: *ẹ̀ka ọ̀mú*

Nome científico: *Sechium edule (Jacq.) Sw., Cucurbitaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàgiyán*, *Yemọ̀ja*

Características: planta ramada de folhas crespas em formato de coração com as extremidades levemente angulares. Produz flores delicadas amarelas em buquê e frutos verdes suculentos, largamente utilizados na culinária.

Uso litúrgico: o fruto é usado em trabalhos de limpeza energética do corpo. As folhas em maceração são empregadas em composições de banhos calmantes. O consumo do fruto é frequente na alimentação geral dos adeptos nos terreiros.

Uso na herbologia: o chá por infusão das folhas, assim como o consumo do fruto são usados em casos de hipertensão arterial, anemia e doenças renais.

Parte usada: folhas e frutos.

Orin: folhas e frutos.

152-CHORÃO(salgueiro-chorão)

Nome ioruba: *igi ẹkún*

Nome científico: *Salix babylonica*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Nànà, Yemọja*

Características: árvore cujas folhas são dispostas como longas hastes arredondadas pendentes dos galhos.

Uso litúrgico: maceração das folhas para banhos com o propósito de afastar mau-olhado e ajudar a recobrar forças após grandes perdas emocionais.

Uso na herbologia: o cozimento das folhas e cascas é recomendado no tratamento da calvície e da caspa, em uso externo. O mesmo chá, em infusão, para uso interno, é indicado como calmante.

Parte usada: casca e folhas.

Orin: sem específico.

153-CINCO-CHAGAS

Nome ioruba: *kọ́lé orọ́gbà*

Nome científico: *Monstera adansonii Schott., Araceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *àfòmọ̀*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọya*

Características: planta que se escora em outras árvores, ou troncos. Possui folhas oblongadas com perfurações espontâneas. Produz flor branca com uma única pétala em formato cônico semiaberto e miolo amarelado em forma de pendão.

Uso litúrgico: *àfòmọ̀* é a denominação genérica dada a todas as espécies de plantas parasitárias. Na liturgia, suas folhas são usadas como ornamentos nas celebrações a *Ọya* e para banhos relativos a esta divindade. A maceração das folhas é recomendada para banhos com a finalidade de afastar a tristeza e a depressão.

Uso na herbologia: a casca em decocto é usada para banhos objetivando combater a fraqueza corporal e o desânimo.

Parte usada: casca e folhas.

Orin: sem específico.

154-CIPÓ-AZOUGUE

Nome ioruba: *okùn ọ̀bọ*

Nome científico: *Apodanthera Smila-cifolia*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *àfòmọ̀*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàgiyán*, *Ọmọlu*

Características: trepadeira que se hospeda em outras árvores. Folhas em formato oblongado com nervura central acentuada.

Uso litúrgico: banhos para prosperidade e elevação espiritual.

Uso na herbologia: infusão das folhas indicada como depurativo do sangue, no combate ao reumatismo, dores nos ossos e, conjuntamente com outros medicamentos, no tratamento da AIDS. O mesmo chá, em uso externo, é usado para doenças de pele, fístulas, úlceras, sarna e herpes.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

155- CIPÓ-CABELUDO(erva-silvina,soldinha)

Nome ioruba: *ewé odán, okùn ọdẹ*

Nome científico: *Polypodium vaccinifolium Langsd & Fischer, Polypodiaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *àfọ̀mọ̀*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*, *Ọdẹ*

Características: trepadeira que se estabelece sobre outras espécies. Folhas oblongadas em verde claro e nervuras centrais e diagonais em verde escuro.

Uso litúrgico: banhos em maceração visando elevação espiritual. V. *ọdán.*

Uso na herbologia: folhas em decocção para lavar feridas, uso externo.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

156-CIPÓ-CABOCLO

Nome ioruba: *àkòró ọdẹ*

Nome científico: *Davila rugosa Poir., Dilleniaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọdẹ, Oko*

Características: planta adaptada ao cerrado, de folhas muito ásperas e duras usadas para lixar artefatos.

Uso litúrgico: usam-se as folhas piladas para compor banhos relativos às divindades associadas.

Uso na herbologia: as folhas em decocto são indicadas para tratar elefantíase.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

157-CIPÓ-DOURADO(fios-de-ovos,aletria)

Nome ioruba: *awọ pupá*

Nome científico: *Cuscuta racemosa Mart., Convulvulaceae (Cuscutaceae)*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *àfọmọ*

Energia: *ẹrọ*

***Òrìṣà* associado**: *Ọmọlu, Ọsányìn, Òṣùmàrè, Ògúnjà*

Características: planta aérea parasitária de hastes amarelas e flores delicadas amarelo-claras de miolo amarelo gema. De forma geral, os banhos são recomendados para que a pessoa se acalme.

Uso litúrgico: banhos iniciáticos para as divindades associadas.

Uso na herbologia: a infusão das folhas e hastes é usada para curar gripes, pneumonias e resfriados. O mesmo material em decocto é utilizado em gargarejos com eficiência contra amigdalites e faringites. Reduzido a pó, aplica-se externamente em feridas, funcionando como bom cicatrizante (BARROS, 1999).

Parte usada: hastes e folhas.

Orin: sem específico.

158-CIPÓ-ESCADA(escada-de-macaco)

Nome ioruba: *ewé dan*

Nome científico: *Bauhinia Splendens*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *àfọmọ*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣùmàrè*

Características: espécie parasitária que se aloja em outras espécies. Seu caule (cipó) chega a grandes alturas e se torna muito forte e resistente, assemelhando-se a uma grande cobra.

Uso litúrgico: banhos iniciáticos para a divindade associada.

Uso na herbologia: as folhas e cascas em decocto, externamente, são usadas para combater caspas e para lavar feridas. O mesmo chá, em infusão e uso interno, funciona como diurético benéfico para rins e bexiga.

Parte usada: casca e folha.

Orin: sem específico.

159-CIPÓ-IMBÉ(bananeira-imbé, tracuá,curuba)

Nome ioruba: *eegun ìha*

Nome científico: *Philodendron bipinnatifidum*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Lógun ẹ̀dẹ*

Características: planta de tronco nodoso que alcança até 2 m de altura, com expessura de cerca de 40 cm. O tronco desenvolve raízes que aderem a outras espécies, ou rochas. O tronco é encimado por uma copa de folhas grandes rasgadas naturalmente e sem simetria.

Uso litúrgico: banhos iniciáticos para a divindade associada.

Uso na herbologia: as cascas e folhas cozidas, em uso externo, são utilizadas para tratar bronquites e erisipelas.

Parte usada: folhas e cascas.

Orin: sem específico.

160-CIPÓ-INSULINA(hera-de-cortina,videira-milionária)

Nome ioruba: *músàn gbogbo*

Nome científico: *Cissus sicyoides*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *àfọmọ*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọmọlu, Ọsányìn*

Características: trepadeira de folhas brilhosas e ovaladas, de frutos escuros arredondados e flores miúdas esbranquiçadas, em cachos.

Uso litúrgico: banhos em maceração das folhas, para despertar pessoas abatidas e enfraquecidas.

Uso na herbologia: a infusão das folhas tem múltiplas utilizações curativas: alergia, antibiótica, blenorragia, artrite, cálculo renal, enxaquecas, catarros, cistite, diabetes, doença de chagas, imunodeficiência, tétano, sinusite, tuberculose, tireóide, úlcera, mioma, garganta inflamada, candidíase.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

161-CIPÓ-MIL-HOMENS(angelicó,jarrinha, papo-de-peru, urubucaá)

Nome ioruba: *akonijẹ́, jokojẹ́, jokonijẹ́*

Nome científico: *Aristolochia cymbifera Mart., Aristolochiaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *àfọ̀mọ̀*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn, Ọsányìn*

Características: trepadeira de folhas arredondadas repletas de nervuras. Produz flor exótica branco-arroxeada disforme.

Uso litúrgico: folhas maceradas utilizadas na composição de banhos iniciáticos de todas as divindades. Em algumas tradições a flor é torrada, pilada, peneirada e misturada com *ẹ̀fún* para tornar-se um pó usado no ritual de “abrir a fala das divindades”.

Uso na herbologia: a infusão das folhas é indicada no combate a vírus resistentes como o HIV, amenorreia, herpes de todos os tipos, epilepsia, blenorragia, dispepsias, solitárias, vermes em geral, depressão, sífilis, nevralgias (BRUNING, 2000) e ainda funciona como antisséptico. A infusão do caule e das raízes é usada como antídoto ofídico. O sumo das folhas, em uso externo, tem o mesmo propósito. Não recomendado para gestantes.

Parte usada: caule, raízes e folhas.

Orin: sem específico.

162-CIPÓ-SÃO-JOÃO(flor-de-são-joão)

Nome ioruba: *etí ọbà*

Nome científico: *Pyrostegia venusta*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọbà*

Características: arbusto indicado para cercas vivas, de botões cilíndricos e flores líricas cor de abóbora.

Uso litúrgico: as flores são usadas na ornamentação das celebrações, bem como em oferendas à divindade associada. As folhas maceradas servem para banhos iniciáticos de *Ọbà*.

Uso na herbologia: o chá por infusão, ingerido, regula a menstruação e funciona como calmante. O mesmo chá, em uso externo, cura manchas brancas na pele e serve como lavagem vaginal. Da flor se extrai óleo recomendado para a hidratação da pele. A tintura da flor é empregada contra o vitiligo.

Parte usada: flores e folhas.

Orin: sem específico.

163-CIPÓ-SUMA

Nome ioruba: *alántakùn igbó*

Nome científico: *Anchietea Salutaris*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *àfọ̀mọ̀*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọbalúwáiyé*

Características: erva parasitária de folhas brilhantes e de bordas serrilhadas. Produz flor em formato de vagem.

Uso litúrgico: banhos iniciáticos para *Ọbalúwáiyé*. De forma geral, tais banhos são também recomendados para abrandar o sono de crianças e para fortificar pessoas abatidas física e espiritualmente.

Uso na herbologia: infusão das folhas para uso externo, indicada para tratar herpes, manchas no rosto, moléstias da pele em geral e eczemas. A casca torrada e reduzida a pó, em ingestão diária, é recomendada como depurativo do sangue – usado no tempero das comidas, em lugar do sal. Ou 2 colheres diárias diluídas em água (BRUNING, 2000).

Parte usada: casca e folhas

Orin: em específico.

164-CIPRESTE

Nome ioruba: *igi ikú*

Nome científico: *Cupressus pyramidalis Targ., Coniferae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọya, Égún*

Características: árvore de folhas pequenas e lanceladas, dispostas em caule lenhoso, de frutos amargos.

Uso litúrgico: banhos relativos a *Ọya* e para a sacralização dos apetrechos rituais de *Égún*.

Uso na herbologia: o sumo das folhas maceradas é aplicado topicamente no tratamento de feridas. O decocto dos frutos, para ingestão, é recomendado para curar disenteria e blenorragia.

Parte usada: fruto e folhas.

Orin: sem específico.

165-CITRONELA(capim-citronela,cidró-do-paraguai, citronela-de-java)

Nome ioruba: *koríko ọba èké*

Nome científico: *Cymbopogon winterianus*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Lógun*

Características: touceira densa de folhas lanceoladas, com nervura central, aromáticas, de bordas cortantes e coloração verde clara, muito parecida com o capim limão. Diferencia-se apenas pelo odor, sendo o da citronela mais ativo.

Uso litúrgico: a folha compõe o àgbo desta divindade. As folhas secas servem como defumação para atrair boa sorte.

Uso na herbologia: das folhas extrai-se óleo usado como repelente e na composição de velas. As velas de citronela também afugentam insetos. As folhas frescas são espalhadas no ambiente para repelir insetos.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

166-COCLEÁRIA

Nome ioruba: *ọmọdébìnrin*

Nome científico: *Cochlearia officinalis*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ibéjì*

Características: erva de até 20 cm de altura, haste reta e ramosa. Folhas carnudas oblongadas, reluzentes de cor verde escuro. Flores brancas em cachos.

Uso litúrgico: banhos iniciáticos para esta divindade.

Uso na herbologia: mastiga-se as folhas frescas para tratar o escorbuto e as gengivas. O sumo das folhas serve ao mesmo fim, em bochechos. O mesmo também pode ser ingerido, no combate a catarros pulmonares e asma. O consumo das folhas cruas em saladas, misturadas com outras ervas, é recomendado como propedêutico aos males citados.

Parte usada: folhas (sempre frescas)

Orin: sem específico.

167-COCO

Nome ioruba: *àgbọn*

Nome científico: *Coco nucifera L., Palmae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọdẹ, Yemọja, Òṣàlá*

Características: árvore de caule alto, encimado por longas folhas espalmadas, alternadas e simétricas. Fruto redondo de casca grossa, que contém polpa branca, carnuda e bastante líquido.

Uso litúrgico: O fruto é usado como oferendas a vários deuses. A polpa compõe diversas comidas litúrgicas oferecidas aos *Òrìṣà Ọdẹ* e *Ibéjì*, *Yẹwà*, *Yemọja* entre outros. As folhas inteiras servem como ornamentos do terreiro em celebrações. As folhas maceradas são usadas para compor banhos a *Òṣàlá*. O líquido do coco e também sua polpa são matérias-primas para inúmeras receitas de doces da culinária sacra e profana. O fruto seco é ainda utilizado em trabalhos para livrar-se do alcoolismo.

Uso na herbologia: a água do fruto é recomendada para o tratamento de náuseas de gestantes e também para hidratação.

Parte usada: polpa, líquido, fruto e folhas.

Orin: sem específico.

168-COENTRO

Nome ioruba: *ewé lọ́fíndà*

Nome científico: *Eryngium foetidum L., Umbelliferae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: erva de pequeno porte, de folhas ovaladas e de bordas serrilhadas. Sementes em cacho.

Uso litúrgico: suas folhas e sementes são reduzidas a pó, o qual é empregado em trabalhos para o amor.

Uso na herbologia: as raízes em decocto são indicadas para ingestão no tratamento de tifo, baixa libido, menstruação desregulada, histeria e hidropsia. A ingestão do sumo não é recomendada para gestantes.

Parte usada: folhas e raízes.

Orin: sem específico.

169-COERANA(canema)

Nome ioruba: *ikèrègbè*

Nome científico: *Coeranum laevigatum, Cestrum laevigatum*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*, *Ọ̀balúwáiyé*

Características: arbusto de até 3 m de altura, folhas ovais, alternadas, lisas, pecioladas e de cheiro nauseante. Flores amarelo-esverdeadas que se abrem apenas à noite. Fruto sem baga, com muitas sementes na polpa.

Uso litúrgico: as folhas frescas inteiras são usadas para trabalhos de limpeza corporal, visando dispersar energias negativas.

Uso na herbologia: as folhas maceradas, em uso externo, são recomendadas para tratar reumatismos, artrites, micoses e feridas. Funciona como antisséptico. O chá por infusão é empregado em dispepsias e afecções do fígado.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

170-COGUMELO

Nome ioruba: *olú*

Nome científico: *Agaricus subrufescens*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*

Características: fungo pequeno em formato de campânula, adaptado a locais úmidos e com pouca incidência da luz solar.

Uso litúrgico: os fungos, a rigor, não são animais, nem vegetais. Pertencem a um reino a parte: "fungi", pois possuem características muito especiais. Não são seres fotossintetizantes e não são capazes de produzir o próprio alimento, como fazem todos os vegetais. Eles são decompositores e, portanto, alimentam-se de outros seres vivos. Contudo, apesar disto, também não têm características que permitam defini-los como animais. Os cogumelos são usados em trabalhos relacionados à virilidade e dedicados a *Èṣù*.

Uso na herbologia: o consumo e o chá por infusão são recomendados para melhorar o sistema imunológico.

Parte usada: fungo inteiro.

Orin: sem específico.

171-COLÔNIA

Nome ioruba: *tòtò*

Nome científico: *Alpinia zerumbet (Pers.) Burt & Smith., Zingiberaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*, *Yemọja*

Características: touceira de caules alongados e suculentos, folhas alternadas, perfumosas, oblongadas, fibrosas com única nervura central. Flores em cachos em tom róseo esbranquiçado, semiabertas, miolo grená e sementes amarelas em haste.

Uso litúrgico: a maceração das folhas frescas compõe banhos para iniciação de todas as divindades. De forma geral, recomenda-se o banho de colônia para acalmar.

Uso na herbologia: as flores em infusão são indicadas como chá calmante e regulador da pressão. As folhas piladas servem como compressas para enxaqueca. A tintura das folhas é usada topicamente em contusões.

Parte usada: flores, folhas

Orin: sem específico.

172-COMIGO-NINGUÉM-PODE

Nome ioruba: *wobọ́mú*

Nome científico: *Dieffenbachia aglaonematifolia Engl. Araceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*

Características: planta de habitat úmido e sombrio, caracterizada pelo longo talo suculento, encimado por folhas grandes amendoadas de cor verde escura, com nervura central acentuada e manchas brancas gúnasas.

Uso litúrgico: as folhas são utilizadas para preparo de *àgbo* destinado a sacralizar os apetrechos rituais de *Èṣù*. Como a planta possui princípios tóxicos e venenosos, não se usa para banhos e o próprio contato com a pele da mão, no momento da maceração, costuma provocar coceiras. Suas folhas inteiras são usadas para trabalhos de limpeza energética de ambientes e pessoas. As folhas secas servem como defumação, com os mesmos propósitos. A espécie costuma ser plantada na entrada das casas, ou mantida em vasos dentro de ambientes, com o propósito de evitar inveja e energias negativas.

Uso na herbologia: o sumo do caule é usado como antídoto para o veneno de algumas cobras.

Parte usada: caule, folhas.

Orin: sem específico.

173-COMIGO-NINGUÉM-PODE-BRANCA

Nome ioruba: *wobọ́mú funfun*

Nome científico: *Dieffenbachia picta (Lodd.) Schott., Araceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Lógun ẹ̀dẹ*

Características: planta de habitat úmido e sombrio, caracterizada pelo longo talo suculento, encimado por folhas grandes amendoadas de cor branca, com nervura central acentuada com manchas e bordas verde claras assimétricas.

Uso litúrgico: as folhas são utilizadas para preparo de àgbo destinado a sacralizar os apetrechos rituais de *Lógun ẹ̀dẹ*. Como a planta possui princípios tóxicos e venenosos, não se usa para banhos e o próprio contato com a pele da mão (no momento da maceração), costuma provocar coceiras.

Uso na herbologia: o sumo do caule é usado como antídoto para o veneno de algumas cobras.

Parte usada: caule, folhas.

Orin: sem específico.

174-COMINHO

Nome ioruba: *fifínmi*

Nome científico: *Cuminum cyminum*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: planta com cerca de 30 cm de altura, de haste ramosa, aveludada. Folhas alternadas, distantes, recortadas. Flores brancas ou avermelhadas, de pequeno porte, com cinco pétalas. Fruto oblongo, em formato elíptico.

Uso litúrgico: as sementes servem largamente como tempero da alimentação dos adeptos. O chá por infusão das sementes é oferecido durante o período de retiro, com o objetivo de acalmar a ansiedade dos neófitos.

Uso na herbologia: a infusão das sementes é indicada para tratamentos do estômago, dispepsias, flatulências e como diurético. As folhas piladas em compressas são empregadas para resolver ingurgitamentos dos bicos dos seios e dos testículos. As sementes secas e moídas são utilizadas como condimento (BALBACH, 1992).

Parte usada: folhas e sementes.

Orin: sem específico.

175-CONFREI(capim-roxo)

Nome ioruba: *tìlẹ́hìn nànà*

Nome científico: *Siymphytium Officinalis*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Nànà*

Características: herbácea de até 80 cm de altura, de folhas lanceoladas de bordas irregulares e repletas de nervuras assimétricas. Flores arroxeadas em cachos pendentes.

Uso litúrgico: as folhas são utilizadas em banhos iniciáticos de *Nànà*, bem como para a sacralização de seus objetos rituais. As flores, transformadas em pó, compõem o ìbírí de *Nànà*.

Uso na herbologia: são encontrados nesta planta: ferro, cálcio, manganês, zinco e fósforo. O confrei é considerado o vegetal mais rico em vitaminas e sais minerais. Suas folhas em infusão são recomendadas para combater asma, leucemia, diabetes, gastrite, hepatite, câncer, reumatismo, icterícia, prisão de ventre, úlceras, pressão sanguínea desregulada, anemia, dores musculares, enxaqueca e irritações na pele. Este chá é ainda indicado como desintoxicante do sangue; cicatrizante de feridas, queimaduras e cortes e para ajudar na consolidação óssea (BALBACH, 1992). As propriedades do confrei podem ainda ser obtidas,

para os mesmos fins, através do consumo em saladas, ou o sumo de suas folhas.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

176-COPAÍBA(bálsamo,copai,copaibeira,copaíba-vermelha,óleo-amarelo,óleo-vermelho)

Nome ioruba: *igi ìyè*

Nome científico: *Copaifera langsdorffi Desf., Leguminoseae- Caesalpinioideae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọbalúwáiyé*

Características: árvore de grande porte, com folhas verdes-escuras brilhantes, alternadas em ramos e de nervura central acentuada.

Uso litúrgico: as folhas maceradas são usadas para banhos de prosperidade e com o objetivo de dinamizar pessoas apáticas.

Uso na herbologia: o óleo extraído diretamente do caule da planta viva é indicado no tratamento de reumatismos, dores musculares, dores ósseas, artrites e artroses.

Parte usada: óleo e folhas.

Orin: sem específico.

177-CORAÇÃO-DE-JESUS(erva-cobra,cacália)

Nome ioruba: *ọkàn jésù*

Nome científico: *Mikania officinalis*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *àfọmọ̀*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*, *Òṣùmàrè*

Características: espécie de trepadeira, de pequenas flores brancas ou roxas, dispostas em buquês. Folhas opostas e angulosas.

Uso litúrgico: banhos para elevar pensamentos e para que pessoas reflitam e transformem suas atitudes.

Uso na herbologia: as folhas frescas em infusão são usadas como diurético e em casos de anúria, febres intermitentes e dispepsia. O cozimento da raiz é indicado no tratamento de mordedura de insetos e cobras venenosas (BALBACH, 1992).

Parte usada: raiz e folha.

Orin: sem específico.

178-CORDÃO-DE-FRADE(cordão-de-são francisco,corindiba,pau-de-praga,rubim,tolonga)

Nome ioruba: *ikú ẹkùn, moborò*

Nome científico: *Leonotis Nepetifolia (L.) W.T. Aiton, Laminaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọdẹ, Ọbalúwáiyé, Ọ́rúnmìlà*

Características: erva de até 1,30 m. Habituada em locais secos, de cheiro aromático, caule quadrangular, folhas opostas, lanceoladas. Flores alaranjadas, dispostas em coroa de aparência espinhenta. Frutos em quatro grãos pretos.

Uso litúrgico: das flores piladas e secas, é preparado um pó com o objetivo de anular energias negativas. As folhas frescas inteiras são usadas em trabalhos de limpeza do corpo. Maceradas, ainda frescas, são indicadas para sacralizar apetrechos relativos ao culto das divindades associadas.

Uso na herbologia: as folhas e talos em decocção são empregados no tratamento de hemorragias uterinas, asma, reumatismo e gota. Indicado também para dificuldade de urinar, como antibiótico e para lavar feridas (em uso externo).

Parte usada: folhas e talos.

Orin: sem específico.

179-COROA-DE-CRISTO

Nome ioruba: *adé kírísítì*

Nome científico: *Euphorbia milii*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*

Características: planta ornamental, usada como cerca viva, composta por caule lenhoso repleto de espinhos rijos e grandes; encimado por pequenas flores vermelhas, amarelas ou brancas, de apenas duas pétalas e miolo amarelo. Folhas ovaladas opostas.

Uso litúrgico: o caule pilado, torrado e moído, é utilizado como pó para afastar negatividades. As folhas maceradas servem para banhos dedicados a *Èṣù*. As flores são usadas como ornamento das comidas votivas desta divindade.

Uso na herbologia: não se conhece.

Parte usada: folhas, caules e flores.

Orin: sem específico.

180-CORTICEIRA(flor-de-coral,mulungu)

Nome ioruba: *ọ̀fun àkùkọ*

Nome científico: *Erythrina crita-gali*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ògún*

Características: árvore de folhas lanceoladas, de cor verde escuro, com nervura central e outras diagonais simétricas, flores de cor coral intenso, abundantes, de pétala única e lanceolada, dispostas em pendão.

Uso litúrgico: flores de molho em água por 24 h, usadas para banhos propiciatórios de *Ògún*. As folhas maceradas compõem banhos dedicados a esta divindade. De forma geral, este banho é indicado com o objetivo de abrir os caminhos, alcançar vitórias e prosperidade.

Uso na herbologia: a casca em decocto é indicada como calmante. O mesmo decocto, em uso externo, funciona como excelente compressa para casos de torções e contusões. A folha em infuso trata bronquite e afecções do fígado.

Parte usada: casca, flor e folha.

Orin: sem específico.

181-COSTA-BRANCA(erva-de-sangue,língua-de-vaca-miúda,paraqueda,tapira, sanguineira)

Nome ioruba: *jìmí, ọ̀pá ṣóró*

Nome científico: *Chaptalia nutans (L.) Polack, Asteraceae (Compositae)*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: herbácea de floração em pendão. Suas floras brancas miúdas são dispostas em pendões.

Uso litúrgico: as flores desta planta fazem lembrar o *ọ̀pá ṣóró*: cajado ritual utilizado por *Ọ̀ṣàlá*, o qual representa a ligação entre o céu (*ọ̀run*) e a Terra (*àiyé*), constituindo-se na principal ferramenta ritual desta divindade. A planta tem energia capaz de ajudar o indivíduo

em suas transformações de caráter e comportamento, daí o nome traduzido do ioruba: “me acorda”. Os banhos em maceração das folhas atende a este objetivo. V. *òṣàlá*.

Uso na herbologia: o chá em infusão da folha é recomendado para tratar doenças pulmonares, e em uso tópico, afecções cutâneas.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

182-COSTELA-DE-ADÃO

Nome ioruba: *eegun ìha*

Nome científico: *Monstera deliciosa Liemb., Araceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ògún*

Características: planta ramosa que se escora em troncos para estabilizar-se. Folhas grandes, com nervura central acentuada e rasgadas naturalmente em simetria. Fruto comestível e adocicado, pouco conhecido, disposto em bagas cilíndricas.

Uso litúrgico: banhos de iniciação para *Ògún*. A maceração é ainda recomendada para levantar a vida de pessoas que enfrentam crises financeiras e morais. As folhas são usadas na ornamentação do terreiro, em cerimônias dedicadas a várias divindades.

Uso na herbologia: a polpa do fruto, pilada, é usada em compressa para dores articulares e ósseas.

Parte usada: folhas e frutos.

Orin: sem específico.

183-COTÓ-COTÓ(tangaraçá-açu,congonha-de-gentio)

Nome ioruba: *ragbà àgbò*

Nome científico: *Palicourea densifolia, Rudgea viburnoides*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọṣùn*

Características: arbusto de folhas oval alongadas, de inflorescência em cachos e fruto disposto em baga preta com dois caroços interiores.

Uso litúrgico: banhos para espantar mau agouro e influência negativa de antepassados.

Uso na herbologia: infusão das raízes e cascas indicada para tratar afecção na bexiga e nas

vias urinárias, sífilis, gota, reumatismo, depurativo do sangue, dispepsia e diarreia.

Parte usada: raízes e cascas.

Orin: sem específico.

184-COTIEIRA

Nome ioruba: *ewé agoro*

Nome científico: *Johannesia princeps Vell., Euphorbiaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọbalúwáiyé*

Características: árvore de grande porte de folhas oblongadas, com nervura central e nervuras diagonais simétricas. Produz sementes conhecidas como “boladeiras”.

Uso litúrgico: banhos iniciáticos de *Ọbalúwáiyé.* As sementes são utilizadas nos assentamentos de *Ọmọlu, Òṣùmàrè, Nànà* e *Ọbalúwáiyé.*

Uso na herbologia: o óleo extraído do caroço tem propriedades purgativas. As sementes em decocto são recomendadas para tratar sífilis, inchações, problemas menstruais e escrofulose (BARROS, ١٩٩٩).

Parte usada: semente e folhas.

Orin: sem específico.

185-COUVE

Nome ioruba: *ewé wẹ̀mọ́*

Nome científico: *Brassica oleracea var. acephala L., Cruciferae (Brassicaceae)*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀sányìn*

Características: folhagem de pequeno porte com talo suculento, folhas com nervura central e diagonal simétricas. Folhas verdes acinzentadas, arredondadas e onduladas.

Uso litúrgico: a folha serve para alimentação geral dos adeptos na culinária; bem como para trabalhos de limpeza energética corporal. A maceração das folhas de couve compõe o preparo de àgbo da divindade associada.

Uso na herbologia: o consumo da folha cozida é recomendado para combater vermes, menstruações dolorosas, cálculos biliares e renais, icterícia, asma, bronquite, artrirtes e úlceras (BARROS, 1999).

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

186-COUVETINGA(caiçara,capoeira-branca)

Nome ioruba: *ọdẹ àkòsùn*

Nome científico: *Solanum erianthum D. Don., Solanaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọdẹ, Lógun ẹdẹ*

Características: arbusto de caule felpudo, folhas alternadas, em tom verde acinzentado, aveludadas e lanceladas. Flores pequenas com cinco pétalas brancas e miolo amarelo.

Uso litúrgico: as folhas são usadas na composição de vários banhos calmantes, bem como para trabalhos de limpeza energética do corpo.

Uso na herbologia: as folhas em infusão são recomendadas para baixar a pressão e como calmantes.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

187-CRAVO-BRANCO(agrião-do-brejo, botão-de-santo-antonio, tangaraça)

Nome ioruba: *tẹnúbe*

Nome científico: *Eclipta alba (L.) Hassk., Asteraceae (Compositae)*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ògún*

Características: planta de pequeno porte, com folhas opostas. Flor única em cada haste, de pétalas brancas felpudas e miolo amarelado de mesmo modo.

Uso litúrgico: é usada na composição dos banhos dedicados a *Ògún*. De forma geral, as folhas do cravo-branco são associadas à resistência, à perseverança e a obstinação. Por isso, o banho com esta erva possui tais objetivos.

Uso na herbologia: possui ações tônicas e estimulantes do fígado. Portanto, é indicada em problemas hepáticos, como cirrose, ascite, gastroenterites e astenia.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

188-CRAVO-DA-ÍNDIA

Nome ioruba: *oge kàríká*

Nome científico: *Syzygium aromaticum (L) Mert et Perry, Myrtaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọṣùn; Ọsányìn*

Características: árvore de folhas lisas e brilhosas, com a haste avermelhada. Produz flores delicadas com pétalas em pelugem, dispostas em buquê.

Uso litúrgico: as folhas maceradas servem para banhos de prosperidade. O botão das flores, deixado ao sol para secar, é usado largamente como condimento na culinária votiva e profana. Os mesmos botões secos compõem defumação objetivando prosperidade; ou são usados em banhos com água e açúcar mascavo, com o mesmo propósito. Acredita-se que o botão seco, sirva para encantar a fala. Por isso, indica-se mascá-lo antes de conversas.

Uso na herbologia: o chá feito com a infusão dos botões das flores secos é utilizado como afrodisíaco e digestivo. É indicado ainda para promover o fluxo menstrual, combater gases e dores de dente (BARROS, 1999).

Parte usada: botão da flor seco e folhas.

Orin: sem específico.

189-CRAVO-DE-DEFUNTO

Nome ioruba: *òdòdó égún*

Nome científico: *Tagetes erecta L.*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Égún*

Características: planta de pequeno porte, com folhas ásperas e bordas recortadas. Flores em coroa, únicas em cada haste, com muitas pétalas lancetadas.

Uso litúrgico: faz-se a maceração com as folhas, para preparar àgbo empregado na lavagem e sacralização dos apetrechos de *Égún*.

Uso na herbologia: as folhas e flores em decocção são indicadas para tratamento de indigestão, cólica, prisão de ventre grave, disenteria, tosse, febre, feridas, úlceras, eczema, dor nos olhos, reumatismo, dor nos órgãos sexuais, icterícia, angina (BRUNING, 2000).

Parte usada: folhas e flores.

Orin: sem específico.

190-CRAVO-DE-JARDIM

Nome ioruba: *òdòdó ọkùnrin*

Nome científico: *Dianthus caryophyllus*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ògún*

Características: flores com pétalas em bordadura, podendo desenvolver várias cores (inclusive apenas na bordadura, mantendo a corola branca).

Uso litúrgico: flores usadas na decoração das celebrações e nas oferendas dedicadas a *Ògún*. As folhas maceradas servem para banhos relativos à divindade associada.

Uso na herbologia: é utilizada como calmante e no tratamento de doenças coronárias. Considera-se que a flor tenha propriedades antiespasmódicas, diaforéticas, cardiotônicas. É ainda utilizada como vermífugo.

Parte usada: flores, folhas.

Orin: sem específico.

191-CRISÂNTEMO(monsenhor,malmequer,calêndula)

Nome ioruba: *ewé pẹ́pẹ́*

Nome científico: *Calendula officinalis L., Compositae (Asteraceae)*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: planta de pequeno porte, folhas ovaladas, flores únicas por haste, de cor amarelo intenso, pétalas estreitas e ovaladas.

Uso litúrgico: as flores são usadas como oferendas e na ornamentação de celebrações às divindades femininas. As folhas frescas são usadas em trabalhos de limpeza do corpo e fortalecimento espiritual.

Uso na herbologia: as folhas em infusão são usadas para cólicas, falta de apetite, indigestão, insônia, inflamações e menstruação desregulada. As sementes torradas são indicadas como vermífugo. A pomada feita à base de calêndula funciona bem como cicatrizante e antinflamatório da pele.

Parte usada: semente, folha e flor.

Orin: sem específico.

192-CRISTA-DE-GALO(amaranto)

Nome ioruba: *ogbe*

Nome científico: *Celosia cristata L., Amaranthaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *Kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ògún*, *Ifá*, *Ọya*, *Ṣàngó*

Características: folhas em formato fálico, escuras. Flores em formato de buquê com textura aveludada, de cor grená intensa, características por soltarem fibras com facilidade.

Uso litúrgico: suas folhas secas e piladas são utilizadas no preparo de pós para encantar a palavra e aumentar a autoestima. Suas flores são utilizadas na ornamentação e para oferendas às divindades.

Uso na herbologia: usada como calmante, na medida de algumas gotas do sumo das folhas diluídas em água. Porém, ingerida pura, ou em grande quantidade, pode ser venenosa (CABRERA, 1992).

Parte usada: flores e folhas.

Orin: sem específico.

193-CROTON(brasileirinho, folha-imperial)

Nome ioruba: *aláwọ̀*

Nome científico: *Codiaeum variegatum Blume, Euphorbiaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*, *Ṣàngó*

Características: arbusto de folhas arredondadas, ou lanceoladas, em diferentes tons de vermelho, amarelo e verde. Flores brancas, delicadas e felpudas em pendão.

Uso litúrgico: banhos relativos às divindades associadas. Como esta planta tem como habitat locais de grande insolação, ela acumula energia solar. Logo, a maceração de suas folhas é indicada a pessoas depressivas, tristes e inertes emocionalmente. As folhas são largamente utilizadas como ornamento nas celebrações às divindades do fogo e a *Ọya*.

Uso na herbologia: as folhas transformadas em pó são usadas como repelente para insetos.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

194-CRUÁ(cruatina,melão-de-caboclo)

Nome ioruba: *apàla èké*

Nome científico: *Cucurbita odorata*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn, Ọbà*

Características: parecida com a abóbora possui folhas arredondadas e ásperas, com nervuras claras. Flores rosetadas de cor amarela ou branca. Fruto com massa amarelada.

Uso litúrgico: banhos para as divindades associadas, ou para prosperidade.

Uso na herbologia: as sementes secas são antifebris, usadas em ingestão. A casca do fruto, em decocção, é eficiente no tratamento dos intestinos. *"Os talos e as folhas são indicados para afecções uterinas, clorose, leucorréia, metrite"* (BALBACH, 1992).

Parte usada: talo, fruto, casca e folha.

Orin: sem específico.

195-CRUZEIRINHO

Nome ioruba: *ẹlẹ́nà kékeré*

Nome científico: *Eupatorium odoratum L., Compositae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó*

Características: planta invasora dos campos e pastos. Arbustos de até 40 cm, com folhas lanceoladas, de bordas recortadas. Flores brancas miúdas, com miolo redondo e pétalas em folíolos, parecendo pernas de aranha.

Uso litúrgico: as folhas maceradas compões banhos relacionados a *Ṣàngó.*

Uso na herbologia: as flores e folhas piladas são usadas em compressas para dores localizadas.

Parte usada: folhas e flores.

Orin: sem específico.

196-CURRALEIRA(alcanforeira,erva-curraleira, pé-de-perdiz)

Nome ioruba: *awo igbó*

Nome científico: *Croton antisyphiliticus*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọmọlu*

Características: erva pequenina de folhas pecioladas. Flores em haste. Fruto disposto em cápsula que contém três caroços.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios de *Ọmọlu*. Também recomendados para acalmar pessoas rancorosas.

Uso na herbologia: emprega-se o decocto das folhas e raízes no tratamento de sífilis, cancros venéreos erupções da pele, disenteria, úlceras e como depurativo do sangue.

Parte usada: folhas e raiz.

Orin: sem específico.

D 
Dendezeiro

197-DAMA-DA-NOITE(abre-noite-fecha-dia,boa-noite,campainha)

Nome ioruba: *àlúkerésé*, *àlúkerésé funfun*, *àfákájù*, *òdódó odò*, *òdódó oko*

Nome científico: *Ipomea alba L., Convulvulaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *àfọ̀mọ̀*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: planta ramosa aérea, de folhas em formato de coração. Flores brancas com miolo marcado por haste em forma de estrela.

Uso litúrgico: banhos iniciáticos para todos os òrìṣà, em especial *Òṣàlá*. Acredita-se que o banho com a maceração desta erva, ajude o adepto a elevar seus pensamentos e a propiciar o transe daqueles que possuem este tipo de mediunidade.

Uso na herbologia: a compressa feita com as folhas frescas piladas é recomendada para tratar doenças ósseas e inflamações na pele.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

198-DANDÁ-DA-COSTA(junça,junquinho-tiririca,tiririca-amarela, três-quinas)

Nome ioruba: *abo làbẹ̀làbẹ̀, dandá, ìmumu, òfio, ọ̀mu*

Nome científico: *Cyperus esculentus L., Cyperaceae*.

Elemento da natureza: água

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*, *Ògún*, *Ọdẹ*, *Ọ̀sányìn*

Características: erva invasiva. Medra, sobretudo à beira de lagos e lagoas. Folhas estreitas lanceoladas, com nervura central. Hastes verticais encimadas por sementes.

Uso litúrgico: o tubérculo desta espécie é utilizado para defumação, trabalhos e banhos de proteção. O tubérculo, pilado e peneirado, compõe o *atin*. Com o pó do tubérculo, se faz *ẹbọ*

para aumentar a lactação. V. *atin.*

Uso na herbologia: o tubérculo em decocto serve como analgésico e antitérmico.

Parte usada: tubérculo, folha.

Orin: sem específico.

199-DENDEZEIRO

Nome ioruba: *igi ọpẹ, imọ ọpẹ*

Nome científico: *Elaeis guineenses*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*, *Ògún*, *Ọsányìn*

Características: palmeira de grande porte, com folhas.

Uso litúrgico: Quando suas folhas são desfiadas em um ritual próprio, passam a ser chamadas de ***màrìwò*** e têm como finalidade a proteção da Casa, dos adeptos e também como paramentos de *Ògún* e *Ọya*. O dendezeiro é uma das principais árvores de culto no Candomblé. Dela extrai-se o azeite de dendê, ingrediente indispensável na culinária e nos temperos rituais, bem como as sementes para os oráculos e as folhas para proteção. Esta árvore possui uma energia combustível, que dinamiza a vida e proteje contra a morte. ***Ẹyìn***: fruto. ***Èkùrọ́***: caroço do dendezeiro. ***Ikin***: caroço seco. ***Epo pupa***: azeite de dendê. V. *màrìwò*; *epo pupa*; *ikin*.

Uso na herbologia: por ser rico em vitamina A, o azeite de dendê ingerido ajuda a fortalecer a saúde da pele, dos olhos e no funcionamento dos órgãos reprodutores.

Parte usada: folhas e sementes.

Orin (SANTOS, 2014):

> ***"Ibi bìri bí tí màrìwò***
> ***Màrìwò yè ko sàn ni ko lé màrìwò***
> ***Bàbá tọrọ wà mi ṣe***
> ***Màrìwò bàbá tọrọ wà mi ṣe màrìwò***
> ***Ibi bìri bí tí màrìwò***
> ***Màrìwò yè ko sàn ni ko lé màrìwò***
>
> *Folha nova do dendezeiro, o mal ainda surge derrepente*
> *Folha nova do dendezeiro, nós não somos perfeitos, ajude-nos a melhorar, a evoluir e a ter um grau espiritual mais elevado, para não sermos mais um na multidão.*
> *Queremos ser como a folha nova do dendezeiro que é individualizada e, por isso, pode descobrir os mistérios.*
> *Pai, pedimos que nos faça ser diferenciados*
> *Pai, pedimos que nos faça ser diferenciados como a folha do dendezeiro*

Folha nova do dendezeiro, o mal ainda surge derrepente
Folha nova do dendezeiro, nós não somos perfeitos, ajude-nos a melhorar, a evoluir e a ter um grau espiritual mais elevado, para não sermos mais um na multidão.
Queremos ser como a folha nova do dendezeiro que é individualizada e, por isso, pode descobrir os mistérios."

200-DENTE-DE-LEÃO(teraxaco)

Nome ioruba: *ehín kìnìún*
Nome científico: *Taraxacum officinalis*
Elemento da natureza: terra
Gênero: masculino
Porte: *kékeré*
Energia: *gún*
***Òrìṣà* associado**: *Ògún*, *Ọ̀sányìn*
Características: planta de pequeno porte, com folhas em roseta, serrilhadas nas bordas e flores amarelas únicas por haste.
Uso litúrgico: as folhas compõem saladas oferecidas como comidas votivas a *Ọ̀sányìn*, ou como ornamento das comidas de *Ògún*.
Uso na herbologia: o sumo das folhas é ingerido para tratar dores e enfermidades no fígado, especialmente icterícia. A infusão da folhas é recomendada como depurativo do sangue, como estimulante da vesícula, para aumentar o apetite, para combater a prisão de ventre e para aumentar a diurese.
Parte usada: folhas.
Orin: sem específico.

201-DESATA-NÓ(jaborandi)

Nome ioruba: *ewé obaya*
Nome científico: *Ottonia ansium Spreng., Piperaceae*
Elemento da natureza: fogo
Gênero: masculino
Porte: *kékeré*
Energia: *gún*
***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó*
Características: arbusto de até cerca de 1,50 m, de folhas alternadas, contendo folíolos opostos, lanceolados. As nervuras produzem espécie de gomos em relevo nas folhas. Flores dispostas em espigas. Produz fruto em uma noz.
Uso litúrgico: banhos em maceração das folhas frescas para afastar energias negativas. As folhas secas servem para defumação com o mesmo propósito. A mastigação das folhas, em

algumas tradições, é usada no rito que propicia a fala do *òrìṣà*.

Uso na herbologia: o cozimento das folhas e a aplicação tópica das mesmas ainda mornas é indicada para minimizar dores musculares e inchações. O decocto das folhas é recomendado para tratar caxumba, edema pulmonar, hemorragia, irritação brônquica, leucorréia, dor de dentes e hemoptises. O sumo das ervas em uso externo, combate a alopecia (BARROS, 1999). Em uso tópico, trata calvície.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

202-DIAMBA(cânhamo-da-índia,fumo-de-angola,maconha)

Nome ioruba: *ewé igbó*

Nome científico: *Cannabis sativa L., Cannabaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọya*

Características: arbusto de folhas lanceoladas, com bordas serrilhadas, nervuras centrais e diagonais simétricas

Uso litúrgico: não se faz mais, devido às proibições legais.

Uso na herbologia: o chá em infusão era usado como calmante e analgésico. Propriedades presentes nesta espécie, como o canabidiol, têm sido empregadas em tratamentos de epilepsia, mal de Parkinson e Alzheimer.

Parte usada: folhas e sementes.

Orin: sem específico.

203-DINHEIRO-EM-PENCA

Nome ioruba: *owó nlá*

Nome científico: *Pilea nummularifolia Wedd., Urticaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: planta rasteira, ornamental de crescimento espontâneo e rápido. Folhas crespas em formato oblongado e bordas com recortes arredondados.

Uso litúrgico: maceração das folhas frescas para banhos de atração de boas energias. Recomenda-se o cultivo desta planta no interior das residências, com o mesmo propósito. As

folhas secas, piladas e peneiradas, são adicionadas a outros elementos para o preparo de pós de prosperidade.

Uso na herbologia: a infusão das folhas frescas é recomendada para aumentar a disposição geral.

Parte usada: folhas e planta inteira.

Orin: sem específico.

204-DÓLAR

Nome ioruba: *ewé ajé oynbó*

Nome científico: *Plectranthus nummularius Briq., Labiatae (Lamiaceae)*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: planta rasteira, ornamental de crescimento espontâneo e rápido. Folhas crespas em formato oblongado e bordas com recortes arredondados. Haste escura, assim como as nervuras no verso das folhas.

Uso litúrgico: maceração das folhas frescas para banhos de atração de boas energias. Recomenda-se o cultivo desta planta no interior das residências, com o mesmo propósito. As folhas secas, piladas e peneiradas, são adicionadas a outros elementos para o preparo de pós de prosperidade.

Uso na herbologia: a infusão das folhas frescas é recomendada para aumentar a disposição geral.

Parte usada: folhas e planta inteira.

Orin: sem específico.

205-DORMIDEIRA(dorme-dorme,não-me-toques,sensitiva)

Nome ioruba: *àlùrọ, ápéjè, patọnmọ́*

Nome científico: *Mimosa pudica L., Fabaceae (Leguminosae)*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù, Ọya*

Características: erva de pequeno porte com caule espinhoso. Folhas miúdas, simétricas em pequenos ramos. As folhas se fecham ao toque do vento ou ao encostar em qualquer objeto. Flores de cor lilás, com pétalas felpudas.

Uso litúrgico: a maceração das folhas é usada para compor banhos que favorecem o transe e que ajudam a retirar a consciência dos médiuns.

Uso na herbologia: o chá em decocto das folhas é indicado para tratar flatulência, dores no fígado e constipação intestinal. O mesmo chá é usado, ainda morno, em gargarejo, contra afecções da boca e dor de dentes. A compressa feita com suas folhas piladas é indicada para cuidar de abscesso e escrofulose (BARROS, 1999).

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

206-DOURADINHA

Nome ioruba: *ewé pọ́nròrò*

Nome científico: *Waltheria douradinha, Stemodia arenaria*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọmọlu*

Características: arbusto de pequeno porte, com folhas ovais e serreadas nas bordas. Flores amarelas em buquê.

Uso litúrgico: maceração das folhas em banhos relativos à divindade associada. As folhas secas e piladas, servem como pó que integra a confecção do *ṣàṣàrà*.

Uso na herbologia: chá em infusão das folhas recomendado para bronquite, tosse e para amolecer tumores. Indica-se ainda como diurética e nas dificuldades para urinar. Bom para inflamações na bexiga e para eliminar cálculos. Usada no tratamento de edemas e eczemas. Funciona como antialérgica (BRUNING, 2000).

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

E 
Erva-de-santa-Luzia

207-ENDRO

Nome ioruba: *ìrúwé ọmọkúnrin*

Nome científico: *Anethum graveolens*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Lógun ẹ̀dẹ*

Características: confunde-se com erva-doce e com o anis. O endro é uma planta herbácea anual, aromática, de caules ocos, que mede 30 a 45 cm de altura, em geral, podendo, excepcionalmente, atingir mais de um metro, principalmente se se deixar florescer. As folhas são formadas por um grande número de filamentos, como se fossem penas de aves; o conjunto dos caules e folhas tem cor verde-azulada. As flores, pequenas e amarelas, são dispostas em buquê.

Uso litúrgico: banhos iniciáticos para esta divindade. Recomenda-se também para jovens meninos na puberdade, para ajudá-los a amadurecer física e emocionalmente. Daí porque seu nome em ioruba pode ser traduzido como “planta de menino”.

Uso na herbologia: recomenda-se o chá por infusão como calmante, laxativo, no tratamento de cólicas, dispepsias, histerias e como regulador o sono.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

208-ERVA-ANDORINHA(celidônia,quelidônia)

Nome ioruba: *ewé abìyẹ̀*

Nome científico: *Chelidonium majus L., Papaveraceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọbalúwáiyé*

Características: planta de pequeno porte, com folhas aveludadas, bordas irregulares. Flor amarela com quatro pétalas opostas e miolo em folíolo.

Uso litúrgico: as folhas frescas em maceração são usadas como banhos propiciatórios de

Ọbalúwáiyé.

Uso na herbologia: o sumo das folhas é aplicado topicamente em feridas, manchas na pele, calos, verrugas e micoses. A folha em decocto é indicada para auxiliar no tratamento de asma, dores estomacais e inflamações na vesícula.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

209-ERVA-AZEDA(azedinha-do-brejo,erva-do-sapo)

Nome ioruba: *ìmu*

Nome científico: *Begonia fischeri Schrank., Begoniaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Yẹ̀wà*

Características: planta de pequeno porte, haste avermelhada e aveludada. Folhas levemente crespas e arredondadas. Flores delicadas, nas cores brancas ou rosa, com pétalas arredondadas e miolo amarelo protuberante em folíolos amarelos.

Uso litúrgico: banhos iniciáticos para a divindade associada. A maceração das folhas em banhos é recomendada para tornar uma pessoa mais agradável, leve e doce.

Uso na herbologia: a infusão das folhas é indicada, em uso externo, para tratar sapinhos de recém nascidos. A ingestão do mesmo chá serve para combater diarreia, catarro na bexiga e escorbuto.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

210-ERVA-CIDREIRA(capim-cidreira,cidreira,salva-do-brasil)

Nome ioruba: *ewé túni*

Nome científico: *Lippia geminata Gardn., Verbenaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: arbusto de folhas lanceoladas, de aroma agradável, ásperas e de muitas nervuras. Flores pequenas na cor rosa. Sementes em pendões.

Uso litúrgico: compõe os banhos dedicados a Òṣàlá. Acredita-se que a erva-cidreira ajude a acalmar os nervos e, assim, propiciar o transe mediúnico. Logo, durante o recolhimento dos

neófitos, o chá por infusão e o banho das folhas maceradas, fazem parte do processo iniciático. Algumas tradições colocam as folhas frescas inteiras, dentro da fronha dos adeptos para favorecer o contato com a divindade.

Uso na herbologia: o chá por infusão é indicado para dores estomacais, cólicas, espasmos, insônias, hipocondria, resfriados, palpitações, má digestão, epilepsia, enxaqueca, epilepsia, icterícia, histeria, má circulação, vertigens, tosse, resfriado e flatulência. As folhas frescas levemente piladas, em compressa, ajudam a debelar a inflamação nos olhos. O mesmo chá, ainda morno, aplicado em lavagens intestinais, combatem a diarreia com sangue. A mesma infusão, em bochechos, alivia a dor de dentes. A compressa quente e tópica com as folhas em decocto atua com eficiência em caso de cólicas menstruais, dores no estômago, fígado e intestino (BALBACH, 1992).

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

211-ERVA-DE-BICHO-MACHO(pimenta d'água)

Nome ioruba: *ewé ẹranko*

Nome científico: *Persicaria hydropiper*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọmọlu*

Características: planta adaptada a locais quentes e úmidos. Chega a cerca de 1,50 m. Possui folhas lanceoladas com nervura central, hastes dotadas de nós com riscas avermelhadas. Flores brancas minúsculas.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios de *Ọmọlu*.

Uso na herbologia: chá em decocto das folhas é indicado para ingestão contra hemorragias gástricas, varizes, falta de menstruação, inapetência. Recomenda-se ainda o mesmo decocto para lavagens intestinais.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

212-ERVA-DE-BICHO

Nome ioruba: *ajíromi*, *ẹrọ̀ ìgbín, omi tútù*

Nome científico: *Brillantaisia laminum (Ness) Benth., Acanthaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹrọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: planta rasteira, de habitat úmido e com pouca incidência de luz solar. Folhas miúdas e delicadas.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios de Òṣàlá. Segundo os herbalistas, esta erva tem o poder do mistério do caracol, sendo indispensável à iniciação da divindade associada.

Uso na herbologia: o chá em decocto das folhas é indicado para tratar inchações.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

213-ERVA-DE-BUGRE(café-bravo, erva-de-lagarto, erva-de-teiú,língua-de-teiú)

Nome ioruba: *ahọ́n awọ́nrínwọ́n*

Nome científico: *Casearia sylvestris*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*, *Ọbà*

Características: muito semelhante ao café. Folhas alternadas em ramos, oval acuminadas, de bordas serreadas. Frutos vermelhos redondos e avermelhados, brotados na haste das folhas.

Uso litúrgico: banhos em maceração para sacralização dos apetrechos rituais das divindades associadas.

Uso na herbologia: as folhas e raiz em decocto são empregadas como depurativo do sangue e no tratamento de hidropsias, sífilis e moléstias da pele.

Parte usada: folhas e raiz.

Orin: sem específico.

214-ERVA-COBRE(alcanjoeira, corredeira, erva-de-santa-luzia)

Nome ioruba: *falákalá*

Nome científico: *Chamaesyce hirta (L.) Millsp., Euphorbiaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*

Características: erva invasora.

Uso litúrgico: é usada para preparo de pós e trabalhos para afastar inimigos e perigos.

Compõe o *àgbo* de *Èṣù* para sacralização dos instrumentos desta divindade.

Uso na herbologia: as folhas piladas são empregadas em compressas para tratar inflamações oculares.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

215-ERVA-DOCE

Nome ioruba: *ewé dídùn, isé*

Nome científico: *Pimpinela anisum L., Umbeliferae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: erva de pequeno porte, com folhas de aroma agradável. Folhas delicadas, lancetadas e recortadas. Sementes múltiplas.

Uso litúrgico: banhos com a maceração das folhas para acalmar e abrandar o coração de pessoas rancorosas. As folhas secas e sementes servem para defumações objetivando atrair energias positivas para o ambiente. Com as folhas frescas, são feitos trabalhos para desenvolver a intuição dos sacerdotes.

Uso na herbologia: o chá por infusão é recomendado para estimular a lactação, bem como é usado no tratamento de flatulência e má digestão.

Parte usada: folhas e sementes.

Orin: sem específico.

216-ERVA-DUTRA

Nome ioruba: *ewé pípọ̀*

Nome científico: *Mikania martusiana*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀mọ̀lu*

Características: planta arbustiva com até 4 m de altura, com ramos cilíndricos e eretos. Folhas opostas e cruzadas, de cor verde claro na face superior.

Uso litúrgico: compõe banhos para a divindade associada.

Uso na herbologia: o chá em decocto, ou a mastigação direta da folha tem indicação para vômitos, diarreia, laringite, angina e rouquidão.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

217-ERVA-DE-MACAÉ(rubim)

Nome ioruba: *ìkòsílẹ̀*

Nome científico: *Leonurus sibiricus*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Nànà*

Características: arbusto de até 2 m de altura. É um herbáceo anuário ou bienal com talos verticais que crescem de 20 a 80 cm de altura. As folhas mais baixas do talo caem quando a planta começa a florescer. As lâminas de suas folhas são em forma oval. Flores pequenas, arroxeadas.

Uso litúrgico: trabalhos para reanimar pessoas que atravessam graves crises, ou sofrem com perdas emocionais.

Uso na herbologia: a infusão das folhas é recomendada para tratar má digestão, inflamações, pressão alta e hemorroidas. Em uso externo, indicada no combate a varizes, inflamações, doenças de pele, ersipelas e para cicatrização de feridas.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

218-ERVA-MOURA(caraxixu,maria-preta,pimenta-de-galinha)

Nome ioruba: *agunmọ*, *ewé ègùnmọ̀*

Nome científico: *Solanum nigrum*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: Èṣù, *Ọbalúwáiyé, Ọya*

Características: planta de até 50 cm de altura, com haste em ângulo. Folhas ovaladas e esparsas de cor verde escuro. Flores brancas e pendentes. Fruto em baga de sabor enjoativo.

Uso litúrgico: a erva fresca é usada em trabalhos de limpeza do corpo e de ambientes. A planta é usada em trabalhos para fomentar negócios e atrair clientes.

Uso na herbologia: o chá em infusão possui efeito calmante e traz bons resultados em casos de reumatismo. Em larga escala, pode provocar tonteiras e náuseas, pois esta erva é narcótica. O uso tópico do mesmo chá é recomendado para tratar caspa, erupções na pele,

unheiro e cicatrizar feridas.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico

.

219-ERVA-SANTA(aiapana,japana)

Nome ioruba: *ahọ́n agẹmọ*

Nome científico: *Eupatorium ayapana Vent., Compositae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọya*

Características: erva de caule avermelhado e redondo. Folhas alternas, opostas, lancetadas, estreitas, com bordas denteadas.

Uso litúrgico: as folhas são usadas em trabalhos de limpeza energética de pessoas e ambientes. Em maceração, prestam-se a banhos dedicados a *Ọya*. As folhas secas são usadas como defumação, com o objetivo de espantar maus espíritos.

Uso na herbologia: dotada de propriedades cicatrizantes, o chá por decocção é indicado no tratamento de problemas bucais, como aftas e gengivite.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

220-ERVA-DE-SANTA-LUZIA(alface-d'água,flor-d'água, leiteirinho,quebra-pedra,repolhinho-d'água)

Nome ioruba: *ewé bíyẹmí*, *ajídirù, igàndo, ìbíyẹmí, ojúoró*

Nome científico: *Pistia stratiotes*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: habita lugares úmidos, chega até 60 cm de altura, possui caule nodoso e suco leitoso. Folhas oblongas, agudas e de pequeno porte. Flores vermelhas e miúdas.

Uso litúrgico: é uma planta com poderes de depurar as energias ruins transformando-as em boas. É capaz de desenvolver a percepção, a visão espiritual e a intuição. Por isso, muito utilizada nos ritos relativos ao preparo do oráculo. Em rituais de encantamentos que visam a conquista de poder e dominação, é utilizada sempre em conjunto com o *òṣíbàtà*. O *orin* para ambas é o mesmo. A maceração das folhas frescas é utilizada para banhos de purificação,

objetivando dispersar energias negativas. V. *òṣíbàtà*.

Uso na herbologia: o chá das folhas em infusão é de reconhecida eficiência no tratamento de doenças renais. As folhas frescas levemente piladas, usadas em aplicação tópica, servem para cicatrizar feridas e úlceras na pele.

Parte usada: folhas.

Orin: (SANTOS, 2014):

> ***"Ẹ̀ti ẹ̀mí óré dé ìyán o***
> ***Ẹ̀ti ẹ̀mí óré dé ìyán***
> ***Àroyé ẹ̀mí óré dé ìyán***
> ***Òṣíbàtà ẹ̀mí óré dé rọ̀jọ́***
> ***Ojúoró ẹ̀mí óré dé ìyán***
>
> *Na dificuldade de decisão, a essência divina (òrìṣà) amplia a visão para que se tenha argumentos*
>
> *Na dificuldade de decisão, a essência divina (òrìṣà) amplia a visão para que se tenha argumentos*
>
> *Nos debates, a essência divina (òrìṣà) amplia a visão para que se tenha argumentos*
>
> *Golfo amplia a visão para que a essência divina nos faça pensar corretamente e sejamos capazes de pedir perdão.*
>
> *Erva-de-santa-luzia amplia a visão para que a essência divina nos faça ter pensamentos afetuosos."*

221-ERVA-DE-SANTA-MARIA(ambrosia,mastruz,vomiqueira)

Nome ioruba: *imi iyín, mánturusí, moníturusí*

Nome científico: *Chenopodium ambrosoides L., Chenopodiaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọbalúwáiyé*

Características: folhas alternadas, sésseis, denteadas e ascendentes. Flores esverdeadas e miúdas, dispostas em cachos longos. Sementes pretas e numerosas. A planta exala cheiro forte e desagradável.

Uso litúrgico: as folhas são usadas inteiras em trabalhos de limpeza energética do corpo e de ambientes, assim como para afastar a presença de *Àrùn* (o espírito mítico da doença). Com a mesma erva são também realizados *ẹbọ* para que os espíritos identificados como àbíkú não retornem ao *ọ̀run*. V. *àbíkú*, *àrùn*.

Uso na herbologia: a erva fresca levemente amassada é utilizada em ambientes para afastar pulgas e carrapatos. A esfregação da folha no corpo de pessoas e animais atinge o mesmo objetivo. Do caule e folhas, prepara-se pó com a mesma finalidade. Para se obter efeito

inseticida, prepara-se a tintura em álcool e aplica-se na pele, ou ferve-se a folha para que o vapor se espalhe no local. O chá por decocção é recomendado no tratamento da aerofagia. O sumo das folhas misturado com leite é ingerido para curar vermes (inclusive a solitária) e doenças pulmonares (inclusive tuberculose). O uso desta planta não é recomendado a gestantes.

Parte usada: folhas e caule.

Orin: sem específico.

222-ERVA-DE-SÃO-JOÃO(catinga-de-bode,mentrasto,picão-roxo)

Nome ioruba: *akọ yúnyun, àrúnsánsán, imí eṣú, iṣumiure*

Nome científico: *Ageratum conyzoides L., Compositae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó*, *Ọrúnmìlà*

Características: erva de pequeno porte, habituada a receber bastante insolação. Folhas de cor verde-escuro e nervuras acentuadas.

Uso litúrgico: utilizada em trabalhos contra energias negativas. A maceração das folhas é recomendada como banho de proteção para alguém que está sendo perseguido, odiado ou ofendido. Esta erva protege o indivíduo e o faz refletir.

Uso na herbologia: o chá por infusão é indicado como tônico, anti-inflamatório, cicatrizante e analgésico. O mesmo chá serve no tratamento de depressão, cólica menstrual, diarreia, artrite, artrose e reumatismo.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

223-ERVA-DE-PASSARINHO

Nome ioruba: *àfòmọ̀*

Nome científico: *Phthirusa abdita S. Moore., Loranthaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: àfòmọ̀

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọbalúwáiyé, Nànà, Òṣùmàrè*

Características: parasita que se instala na copa de outras espécies. Folhas alternas, lanceoladas, lisas, com nervura central, de cor verde-escuro e brilhante. As sementes são dispostas em pequenas hastes.

Uso litúrgico: a denominação genérica dada a todas as espécies de plantas parasitárias é

àfòmọ̀. As folhas maceradas servem para banhos relativos às divindades associadas. De forma geral, são recomendados para pessoas indispostas, com baixa autoestima e carentes de energização.

Uso na herbologia: o chá por infusão é recomendadao para doenças pulmonares, tais como gripe, resfriado, pneumonia, tuberculose e bronquite.

Parte usada: folha.

Orin: V. Capítulo "Os cânticos genéricos – *àfòmọ̀*".

224-ERVA-PRATA

Nome ioruba: *dígí*

Nome científico: *Solanum argenteum Dun., & Poir., Solanaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja*

Características: arbusto de até 1,5 cm, cujas folhas se caracterizam por ter a cor verde prateada na parte inferior.

Uso litúrgico: maceração para banhos dedicados a *Yemọja*, bem como a indivíduos durante o ritual do *bọrí*. A erva-prata tem o poder de harmonizar os pensamentos e de afastar energias e espíritos negativos.

Uso na herbologia: a folha pilada é aplicada topicamente no tratamento de enxaquecas.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

225-ERVA-VINTÉM(esperguta-rasteira,folha-de-vintém,vintém)

Nome ioruba: *ilerín, okówó*

Nome científico: *Drymaria cordata (L.) Willd., Caryophyllaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá, Ọ̀ṣányìn, Ọ̀ṣùn*

Características: erva rasteira de folhas miúdas, arredondadas, opostas. Habituada a ambientes úmidos e com pouca incidência de luz solar.

Uso litúrgico: usa-se a maceração para banhos de prosperidade. Acredita-se que esta folha ajude o indivíduo a vencer a inércia emocional e a acomodação profissional.

Uso na herbologia: aplica-se a erva macerada topicamente no tratamento de dores de cabeça

e enxaquecas.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

226-ESPADA-DE-SANTA-BÁRBARA(abacaxi-roxo,cordoban,moisés-no-berço)

Nome ioruba: *ewé idà ọya, ọ̀bẹ ọya*

Nome científico: *Tradescantia spathacea Sw., Commelinaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọya*

Características: folhagem de folhas resistentes, brotadas diretamente da raiz, sem caule aparente, com forma lanceolada, de cor verde-escuro no miolo e com as bordas amarelas.

Uso litúrgico: esta planta tem capacidade de depurar as energias negativas. Segundo a tradição, plantas como esta, que têm formato de lâmina, são também símbolos da língua. Por isso, são usadas em banhos para livrar de maledicências. Daí a referência "à língua afiada." A folha inteira é usada em trabalhos para limpeza energética do corpo e de ambientes. Macerada, serve para banhos relativos a *Ọya*. Recomenda-se ter esta espécie plantada no terreiro, ou nas residências para evitar energias ruins. As folhas são usadas na ornamentação do terreiro em celebrações a *Ọya*.

Uso na herbologia: o chá em decocto é eficaz no tratamento de doenças pulmonares e da tosse persistente.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

227-ESPADA-DE-SÃO-JORGE(espada-de-ogun, língua-de-sogra,rabo-de-lagarto)

Nome ioruba: *ewé idà ògún, ewé idà òrìṣà, ọjá kòríkò*

Nome científico: *Sansevieria trifasciata Hort., ex Prain., Lilaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ògún*

Características: folhagem de folhas resistentes, brotadas diretamente da raiz, sem caule aparente, com forma lanceolada, de cor verde-escuro.

Uso litúrgico: esta planta tem capacidade de depurar as energias negativas. Segundo a tradição, plantas como esta, que têm formato de lâmina, são também símbolos da língua. Por isso, são usadas em banhos para livrar de maledicências. Daí a referência "à língua afiada." A folha inteira é usada em trabalhos para limpeza energética do corpo e de ambientes. Macerada, serve para banhos relativos a Ògún. Recomenda-se ter esta espécie plantada no terreiro, ou nas residências, para evitar energias ruins. As folhas são usadas na ornamentação do terreiro em celebrações a *Ògún*.

Uso na herbologia: as folhas maceradas são usadas topicamente em contusões e entorces.

Parte usada: folha.

Orin (SANTOS, 2014):

Bẹ̀le bẹ́ni t´ọ̀bẹ̀
Bẹ̀le bẹ́ni t´ọ̀bẹ̀
Akán kan okùn bẹ̀le bẹ̀
Bẹ̀le bẹ́ni t´ọ̀bẹ̀

Pedimos suplicamos às folhas com formato de espada que sejamos, como elas, bastante poderosos
Pedimos suplicamos às folhas com formato de espada que sejamos, como elas, bastante poderosos
Para que, ligeiramente, cortemos o mal e as armadilhas. Pedimos, suplicamos poder
Pedimos, suplicamos às folhas com formato de espada que sejamos, como elas, bastante poderosos."

228-ESPELINA-FALSA

Nome ioruba: *àfọ́n*

Nome científico: *Clitoria guianensis Benth., Leguminosae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Nànà*, *Ọbalúwáiyé*

Características: planta de caule aveludado de cor escura. Folhas finas, lanceoladas e aveludadas. Flor lilás, de pétala única, côncava com miolo em folíolo.

Uso litúrgico: os banhos com a maceração das folhas são propiciatórios para as divindades associadas.

Uso na herbologia: a infusão da raiz e o pó das sementes são usados como diurético e purgativo (BARROS, 1999).

Parte usada: folha e raiz.

Orin: sem específico.

229-ESPINAFRE

Nome ioruba: *ẹ̀fọ́ tẹ̀tẹ̀*

Nome científico: *Spinacia oleracea*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja*

Características: planta rasteira de haste e folhas suculentas. As folhas são lanceoladas, irregulares. Flores brancas miúdas em pendão.

Uso litúrgico: compõe banhos relativos à divindade associada.

Uso na herbologia: possui alto teor nutritivo. Possui ferro, cálcio, fósforo, enxofre, vitaminas A e C. Indicado o consumo da folha e talo, ou o sumo de ambos, para pessoas desnutridas e anêmicas; combate a alta pressão do sangue, arteriosclerose e artrites. Bom estimulante dos intestinos, principalmente quando ingerido acompanhado de maçã com a casca.

Parte usada: folha e caule.

Orin: sem específico.

230-ESPINHEIRA-SANTA(aiapana, japana)

Nome ioruba: *ewé oge*

Nome científico: *Maytenus ilicifolia Mart., Celastraceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọdẹ, Lógun*

Características: planta de folhas alternas, com nervuras centrais e diagonais simétricas, com bordas em bicos semelhantes a chifres (daí o nome ioruba: “erva de chifre”). Flores miúdas, brancas esverdeadas.

Uso litúrgico: esta planta possui a propriedade de trazer prosperidade e fartura. Por tal razão é associada às divindades caçadoras.

Uso na herbologia: o chá por infusão é indicado no tratamento de gastrite, úlcera, problemas renais. Recomendado como analgésico. Não indicado para gestantes.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

231- ESPINHEIRO(aroma,aromita,coronha,espinilho,esponja)

Nome ioruba: *kànrinkan, bani, bọni*

Nome científico: *Acacia farnesiana (L.) Willd., Leguminosae-Mimosoideae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*

Características: planta de pequeno porte, com folhas opostas, dispostas em ramos. Flor amarela felpuda. Sementes em bagas verdes, pontiagudas.

Uso litúrgico: assim como *Èṣù,* esta planta possui energia ambígua e gera polêmica. Logo, seu manuseio deve ser cuidadoso para evitar desentendimentos.

Uso na herbologia: a tintura das raízes em álcool, em uso tópico, é recomendada no tratamento de contusões, entorces, reumatismos e artrites. A resina adocicada das bagas é usada externamente em inflamações da pele e acne. As flores em infusão geram bom resultado para histeria, nervosismo e taquicardia. Já as sementes não devem ser ingeridas, por serem tóxicas.

Parte usada: folha, raiz, baga.

Orin: sem específico.

232-ESPINHO-DE-ROSETA(capim-amoroso,capim-carrapicho,timbete)

Nome ioruba: *èèmọ́*

Nome científico: *Cenchrus echinatus L., Poaceae (Gramineae)*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù, Ọdẹ*

Características: erva invasora que medra nos pastos. Folhas lanceoladas ásperas. Sementes dispostas em espigas, com espinhos múltiplos e incômodos.

Uso litúrgico: as folhas compõem àgbo de *Èṣù*. A maceração das folhas é recomendada para banhar filhos de *Ọdẹ* no processo iniciático, a fim de que a energia da divindade tenha o transe facilitado, assim como para fortalecer o vínculo entre o adepto e o *òrìṣà*.

Uso na herbologia: as folhas cozidas em uso tópico (ainda mornas) são recomendadas no tratamento de pústulas, forúnculos, erisipelas e espinhas inflamadas.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

233-ESTRELINHA(botão-de-ọ̀rúnmìlà,botão-de-ouro,flor-de-ouro)

Nome ioruba: *ìmọ́lẹ̀ ìràwọ̀*

Nome científico: *Melampodium divaricatum D.C., Asteraceae (Compositae)*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino.

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*, *Ọ̀rúnmìlà*

Características: planta de pequeno porte, com folhas opostas. Flor única por haste, na cor amarela e miolo ocre.

Uso litúrgico: as flores descansadas em água mineral servem para lavar os apetrechos relativos ao oráculo. As folhas maceradas compõem o àgbo necessário para lavar a vista dos olhadores.

Uso na herbologia: as folhas piladas servem para cicatrizar feridas na pele e remover manchas cutâneas.

Parte usada: flor e folhas.

Orin: sem específico.

234-EUCALIPTO

Nome ioruba: *igi eléerú*

Nome científico: *Eucalyptus globulus Labill., Myrtaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ògún*

Características: árvore de grande porte, com caule acinzentado e folhas verdes-acinzentadas. Daí o nome ioruba: “árvore cinzenta”. As folhas podem ser arredondadas ou lanceoladas. Em ambos os casos, de odor agradável e intenso.

Uso litúrgico: as folhas secas servem para defumação a fim de espargir energias ruins. As folhas frescas são usadas em limpezas energéticas do corpo e de ambientes. Maceradas, as folhas compõem banhos rituais de *Ògún*.

Uso na herbologia: em chá por infusão é usada para tratamento de males no pulmão, tais como gripe, adenite, resfriado, asma, catarro, pneumonia. O mesmo chá também combate a diabetes, asma, bronquite, reumatismo, febre, diarreia, nefrite, moléstias na bexiga e funciona como antisséptico. Em uso tópico funciona como cicatrizante. A tintura em álcool é topicamente aplicada em dores musculares, ciáticas e torções. A folha cozida produz vapor para inalação em caso de rinite e sinusite. Mascar as folhas frescas alvia a dor de gargante e retira a inflamação local.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

F 
Folha-da-costa

235-FALSO-ÍRIS(duas-amigas, lírio-roxo-das-pedreiras)

Nome ioruba: *ewé ọrẹ́*

Nome científico: *Neomarica caerulea Sprague., Iridaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*, *Nànà*, *Ọ̀sányìn*, *Ibéjì*

Características: folhagem de bela aparência com folhas em tom verde-acinzentado, em formato lanceolado, ásperas. Flores na cor branca ou lilás, em formato orquídeo, nascem aos pares por cada haste.

Uso litúrgico: as folhas são preparadas em maceração para banhos relativos às divindades associadas. Em muitas tradições, esta erva compõe o *àgbo* geral de todos os adeptos, com o objetivo de promover a união constante do grupo. Das folhas e flores prepara-se um pó, cuja finalidade é reconciliar pessoas. Esta planta também é utilizada como ornamento do terreiro nas celebrações às divindades correlatas.

Uso na herbologia: as folhas cozidas, ainda mornas, são usadas topicamente em torções e fraturas.

Parte usada: folha e flor.

Orin: sem específico.

236-FAVA-DIVINA

Nome ioruba: *kóró mímọ́*

Nome científico: *Schizolobium parahyba (Vell.) Blake, Leguminosae-Caesalpinoideae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn, Òṣàlá, Ọ̀rúnmìlà*

Características: árvore de folhas miúdas, opostas, dispostas em sub-ramos que compõe o ramo maior. Flores amarelas em pendões verticais, encimadas pelas sementes. Produz sementes em favas.

Uso litúrgico: as sementes encontradas no interior das favas são utilizadas nos

assentamentos de várias divindades. Representam o início de novos ciclos. Por isso, as folhas maceradas servem para banhos com o propósito de promover novos ciclos na vida dos indivíduos.

Uso na herbologia: as sementes aquecidas são aplicadas topicamente em inchaços, luxações, torções, cefaleia, reumatismo, artrite e artrose. Da semente se extrai óleo usado externamente com os mesmos propósitos.

Parte usada: folha e semente.

Orin: sem específico.

237-FAVA-DE-EXU(angelim,olho-de-cabra,pau-ripa, pau-de-santo-inácio)

Nome ioruba: *kóró èṣù*

Nome científico: *Ormosia arbórea (Vell.) Harms, Leguminosae-Papilionoideae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*

Características: árvore de hastes amarronzadas e levemente aveludadas. Folhas ovaladas com textura aveludada. Produz sementes bicolores nas cores vermelho e preto em favas.

Uso litúrgico: as folhas compõem banhos propiciatórios a *Èṣù*. As sementes são utilizadas nos assentamentos desta divindade, bem como para a confecção de ornamentos e adornos deste *Òrìṣà*. Da madeira desta árvore são feitos apetrechos rituais relativos ao culto de *Èṣù*.

Uso na herbologia: as folhas em decocto são utilizadas como calmantes.

Parte usada: folha, semente e caule.

Orin: sem específico.

238- FAVA-DE-ỌBÀRÀ(açoita-cavalo,fruta-de-cavalo)

Nome ioruba: *kóró ọbàrà*

Nome científico: *Luehea grandiflora Mart. et Zucc., Tiliaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ́rúnmìlà*

Características: árvore de grande porte com folhas ovaladas, alternas, em ramos, com nervuras simétricas e bordos recortados. Flores brancas com miolo em folíolo protuberante. Produz frutos duros e aveludados.

Uso litúrgico: as folhas maceradas são utilizadas para banhos de prosperidade, assim como para lavar ferramentas e instrumentos de trabalho com o propósito de conferir aos mesmos energias prósperas. O mesmo banho serve para lavar os apetrechos e assentamentos de *Ọbàrà.* Os frutos são usados nos assentos e oferendas a *Ọbàrà.*

Uso na herbologia: o chá por decocção das folhas possui propriedades medicinais contra disenteria, reumatismo e tumores.

Parte usada: fruto e folha.

Orin: sem específico.

239-FAVA-DE-XANGÔ

Nome ioruba: *olibẹ́*

Nome científico: *Entada sp., Leguminosae-Mimosoideae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó*

Características: planta de folhas ovaladas miúdas, dispostas em sub-ramos que compõem os ramos maiores. Flor em pendão de folíolos. A semente é encapsulada em vagens achatadas.

Uso litúrgico: a semente é utilizada nos assentamentos de *Ṣàngó.*

Uso na herbologia: as favas amornadas são usadas topicamente em locais doloridos.

Parte usada: semente.

Orin: sem específico.

240-FAVEIRO(andará,visgueiro)

Nome ioruba: *èso èké*

Nome científico: *Parkia multijuga Benth., Leguminosae-Mimosoideae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọdẹ, Ògún*

Características: árvore de folhas miúdas, opostas, dispostas em sub-ramos que compõe o ramo maior. Flores únicas, arredondadas, felpudas, na cor grená, em haste pendente. De longe, a flor se assemelha a um fruto. Daí porque seu nome ioruba: “fruto falso”. Produz sementes em favas.

Uso litúrgico: acredita-se que as favas possuem energia capaz de proteger os adeptos de

energias ruins. Logo, este elemento compõe apetrechos de proteção para o terreiro, para os lares e estabelecimentos comerciais. A fava torrada, pilada e peneirada, compõe o *atin*. V. *atin.*

Uso na herbologia: a casca em decocto é usada para ingestão em tratamento propedêutico e terapêutico de infecções.

Parte usada: casca e fava.

Orin: sem específico.

241-FEDEGOSO(mata-pasto)

Nome ioruba: *àgbólà, akọ rere, ọpà ikú*

Nome científico: *Senna obtusifolia (L.) Irwin & Barneby., Fabaceae (Leguminosae)*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọya, Égún*

Características: espécie de pequeno porte, com folhas em formato de gota, opostas, dispostas em ramos, com asperesa. Flores amarelas trifiliares, com folíolo central protuberante. Frutos em vagens.

Uso litúrgico: esta planta é associada ao poder ancestral. Logo, os objetos e apetrechos rituais ligados a estes espíritos são lavados com o fedegoso. Compõe o àgbo de *Ọya*. De forma geral, o banho com esta erva é utilizado quando alguém perde um ente querido e necessita dispersar a dor e a influência do morto.

Uso na herbologia: o chá em infusão é recomendado para afecções do fígado, epilepsia, erisipela, bronquite, coqueluche, febre e como diurético.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

242-FEDEGOSO-VERDADEIRO(fedegoso,erva-fedorenta,folha-de-pajé,majerioba)

Nome ioruba: *abo rere, ewé rere, ọ̀gànlara*

Nome científico: *Senna ocidentalis (L.) Link., Fabaceae (Leguminosae)*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọbalúwáiyé*

Características: espécie de pequeno porte, com folhas em formato de gota, opostas,

dispostas em ramos, com asperesa. Flores amarelas trifiliares, com folíolo central protuberante. Frutos em vagens.

Uso litúrgico: esta planta é associada ao poder de cura. Daí o motivo pelo qual sua maceração é recomendada a pessoas enfermas do corpo e da emoção. As folhas secas servem para defumação, com o fito de afastar energias negativas.

Uso na herbologia: o chá em infusão é recomendado para tratar males na próstata, febres e afecções no fígado (BARROS, 1999).

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

243-FEIJÃO-BRANCO

Nome ioruba: *ẹ̀wà funfun, ẹ̀wà awujẹ*

Nome científico: *Lablabe vulgaris var. albiflorus, Leguminosae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀sányìn*

Características: planta rasteira de folhas oblongadas, opostas. Flores róseas em formato orquídeo, com miolo saliente. Sementes brancas em favas.

Uso litúrgico: as sementes (feijão) são usadas como base para o preparo de comidas litúrgicas dedicadas a *Égún*. As mesmas sementes são utilizadas em trabalhos de limpeza energética de pessoas. Na maioria dos terreiros de tradição jêje-nagô, o consumo de feijão-branco é um interdito para os filhos de *Ṣàngó* e *Ọ̀ṣùn*. V. *èèwọ̀*.

Uso na herbologia: o consumo do feijão-branco cozido é entendido como tratamento propedêutico e terapêutico em relação a memória e funções cognitivas, regulação do colesterol, circulação sanguínea, saúde da pele e cabelo, efeito antioxidante, fonte de fibras.

Parte usada: semente.

Orin: sem específico.

244-FEIJÃO-FRADINHO

Nome ioruba: *erèé tìróò, ẹ̀wà, ẹ̀wà àkàrà*

Nome científico: *Vigna ungiculata (L.) Walp. Fabaceae (Leguminosae)*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀sányìn*

Características: trepadeira de folhas lanceoladas. Flores bilabiais, arredondadas de cor branca em cachos. Sementes (feijões) em vagens cilíndricas.

Uso litúrgico: as sementes (feijões) são base para o preparo de diversas comidas votivas de várias divindades do panteão. Os feijões também são usados (crus ou cozidos), em trabalhos de limpeza energética do corpo. O feijão-fradinho é também largamente usado na alimentação geral dos adeptos e frequentadores do terreiro. V. *àbàrà, àkàràjẹ, danboro̩, ẹ̀wà àkàrà ibéjì, ẹ̀wà àkàrà o̩bà, alápàtá, àdàlú yẹ̀wà, bàtètè, òmòlòkún*.

Uso na herbologia: as sementes são usadas para consumo de forma propedêutica e terapêutica para tratar anemias.

Parte usada: semente.

Orin: sem específico.

245-FEIJÃO-PRETO

Nome ioruba: *ẹ̀wà dúdú*

Nome científico: *Phaseolus vulgaris L., Fabaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ògún, Ọbalúwáiyé*

Características: trepadeira de folhas lanceoladas. Flores bilabiais, arredondadas de cor branca em cachos. Sementes (feijões) em vagens cilíndricas.

Uso litúrgico: as sementes (feijões) são base para o preparo de diversas comidas votivas de várias divindades do panteão. Os feijões também são usados (crus ou cozidos), em trabalhos de limpeza energética do corpo. O feijão-preto é largamente usado na alimentação geral dos adeptos e frequentadores do terreiro. V. *ẹ̀wà dúdú ibéjì, ẹ̀wà jagun, ẹ̀wà dúdú-iṣu, ẹ̀wà dúdú.*

Uso na herbologia: as sementes são usadas para consumo de forma propedêutica e terapêutica para tratar anemias, diabetes e cálculos renais.

Parte usada: semente.

Orin: sem específico.

246-FETO(samambaiaçu, xaxim)

Nome ioruba: *idẹ́*

Nome científico: *Dicksonia sellowiana H.B.K., Dicksoniaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Nànáa*

Características: arbusto semilenhoso de tronco escuro, fibroso, encimado por folhas longas e largas. As folhas se organizam em sub-ramos opostos e simétricos. O tronco é mais conhecido como xaxim, por servir como vaso para várias espécies de plantas.

Uso litúrgico: compõe o *àgbo* relativo a *Nànáa*.

Uso na herbologia: O tronco em decocto é usado no tratamento de problemas renais. Com as folhas, recomenda-se o preparo de xarope bastante eficiente como expectorante.

Parte usada: tronco e folha.

Orin: sem específico.

247-FIGO

Nome ioruba: *ọmú kékeré*

Nome científico: *Ficus carica*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: árvore que atinge até 8 m de altura, em média. Folhas com nervuras salientes e formato amendoado. Frutos adocicados e carnudos.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios para a divindade associada.

Uso na herbologia: os frutos são recomendados como fontes de energia. Os frutos fervidos proporcionam gargarejo eficaz para cicatrizar gengivite e para tratar diabetes. A resina leitosa de seu caule é usada topicamente no tratamento de verrugas e calos. O leite misturado com água, em ingestão, combate vermes e úlceras.

Parte usada: folha e fruto.

Orin: sem específico.

248- **FIGUEIRA-DO-INFERNO**(estramônio,erva-do-diabo,trombeteira)

Nome ioruba: *àgogó*

Nome científico: *Datura stramonium L., Solanaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù, Ọya*

Características: caule ereto, redondo. Folhas com bordas pontiagudas irregulares e nervuras

múltiplas. Folhas brancas em formato de trombeta. Sementes em cápsula redonda e espinhosa.

Uso litúrgico: usada no preparo de banhos referentes a *Èṣù*.

Uso na herbologia: considerada alucinógena. Em decocto, era utilizada como chá para relaxar os nervos.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

249-FUNCHO(anis,erva-doce,fiolho,funcho-romano)

Nome ioruba: *fifín rere*

Nome científico: *Foeniculum vulgare Mill., Umbeliferae*

Elemento da natureza: água

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá, Ọ̀ṣùn*

Características: Flores miúdas amarelas em coroa. Folhas em hastes. Sementes múltiplas e de aroma agradável.

Uso litúrgico: banhos no processo iniciático de todas as divindades. O chá em infusão é ingerido por neófitos no período de retiro, para favorecer o transe e acalmar ansiedades.

Uso na herbologia: o chá em infusão das folhas e sementes é ministrado em ingestão a recém-nascidos para amenizar cólicas e gases, diarreias, dispesias; e para gestantes, a fim de aumentar a lactação. Funciona como diurético e atua nas afecções do estômago.

Parte usada: semente e folha.

Orin: sem específico.

250-FÍSTULA-AMARELA(canafístula,chuva-de ouro)

Nome ioruba: *fitíba*

Nome científico: *Cassia fistula L., Leguminosae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀dẹ̀*

Características: árvore de grande porte, ornamental. Suas folhas múltiplas em amarelo vivo pendem em cachos vistosos, justificando um de seus nomes populares: chuva-de-ouro.

Uso litúrgico: as folhas maceradas compõem o àgbo relativo a *Ọ̀dẹ̀*. De forma geral, os banhos com esta planta são recomendados para prosperidade e fartura.

Uso na herbologia: as folhas piladas com sal grosso são utilizadas com bons resultados no tratamento de impingens (BARROS, 1999).

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

251-FLAMBOYANT(flor-do-paraíso)

Nome ioruba: *igi ògún bẹ̀rẹ̀kẹ̀, ṣẹ̀kẹṣẹ̀kẹ*

Nome científico: *Delonix regia (Boj. ex Hook.) Raf., Leguminosae-Caesalpinoideae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó, Ọya*, *Ibéjì*

Características: árvore ornamental de folhas miúdas dispostas em semirramos e ramos. As flores, em formato orquídeo, podem ser vermelhas, alaranjadas, ou amarelas. Sementes em vagens achatadas e longas.

Uso litúrgico: segundo a lenda, esta foi a quinta árvore sobre a qual teriam pousado as feiticeiras transformadas em pássaros negros. Contudo, não teriam se fixado ali, por não terem obtido a sorte desejada. As flores são usadas como adereços nas oferendas das divindades associadas. As folhas em maceração compõem o àgbo dos òrìṣà em alusão. As vagens secas pintadas com *osùn* são usadas nos assentamentos de *Ọya* e também como apetrecho de invocação da mesma. V. *ìyami òṣòròngà; osùn*.

Uso na herbologia: a cápsula das vagens em decocto é ingerida em chá para regularizar a pressão sanguínea.

Parte usada: fava e folha.

Orin: sem específico.

252-FLOR-DE-CORAL

Nome ioruba: *òdòdó iyùn*

Nome científico: *Erythrina corallodendron*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù, Ṣàngó, Ọya*

Características: árvore de médio porte. Folhas tripartidas, com folíolos ovais, de cor escarlate, estreitas, dispostas em espigas.

Uso litúrgico: maceração das folhas para banhos propiciatórios das divindades associadas.

Uso na herbologia: as cascas em decocção servem para combater hepatite e tratar afecções do fígado.

Parte usada: folha e casca.

Orin: sem específico.

253-FLOR-DA-NOITE(dama-da-noite,flor-do-baile,flor-cheirosa,cactos-de-flor-grande, tuna)

Nome ioruba: *òdòdó alẹ́*

Nome científico: *Cereus grandiflorus*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: trepadeira em gomos de cactos longitudinais (caule), com bordas espinhosas. Flores noturnas, brancas, grandes e com perfume de baunilha.

Uso litúrgico: esta planta tem o poder de revelar o melhor de cada indivíduo, por mais que sejam sentimentos soterrados. As flores colocadas de molho em água pura durante a noite, serve como banho com este propósito. O caule pilado, e misturado à água, atinge o mesmo objetivo. As flores inteiras são usadas para ornar as obrigações a *Òṣàlá*.

Uso na herbologia: o caule em decocção é aplicado para desobstruir vasos sanguíneos, reduzir palpitações nervosas, combater febre reumatismal, asma, bronquite, dor de cabeça e o enfraquecimento cardíaco.

Parte usada: flor, caule.

Orin: sem específico.

254-FOLHA-DA-COSTA(saião, folha-grossa,paratudo,erva-grossa)

Nome ioruba: *ọ̀dundún*

Nome científico: *Kalanchoe brasiliensis Camb., Cassulaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: arbusto de pequeno porte, habituado a locais úmidos e com pouca incidência de luz solar. Folhas suculentas, arredondadas. Flores em haste ereta, podendo ser brancas, rosas, alaranjadas ou vermelhas.

Uso litúrgico: as folhas maceradas compõem o *àgbo* de iniciação de qualquer divindade. As

folhas são muito usadas nos ritos a *Orí*. Acredita-se nas propriedades de equilíbro, calma e harmonia desta erva.

Uso na herbologia: é considerada uma das plantas "mais velhas" (mais importantes) do elemento água. Em substituição ao saião, usa-se o *àbamọdá*, que é considerada sua "erva escrava". A folha-da-costa é usada em banhos para acalmar e favorecer a disciplina, sobretudo, a obediência. Com este propósito, moer a folha-da-costa junto com bredo. Adicionar ovos frescos, um pombo e um caracol para fazer pó e misturar em sabão da costa, para banho. O oficiante deve pronunciar o seguinte *ọfọ̀*: ***Ohunti ẹiyẹlé wí òròmọdìẹ, òun gbẹ́jọ́*** (O que quer que o pombo diga a seu filhote, ele ouve). A folha em infuso trata dor de cabeça. Macerada em uso tópico, a folha amolece calos, trata erisipela, seca feridas e frieiras. V. *folha-da-fortuna; òṣàlá*.

Parte usada: folha.

Orin (SANTOS, 2014):

> ***"Ọ̀dundún bàbá tè rọlẹ̀***
> ***Ọ̀dundún bàbá tè rọlẹ̀***
> ***Ma dé tè rọlẹ̀***
> ***Báde tè rọlẹ̀***
> ***Ọ̀dundún bàbá tè rọlẹ̀***
>
> *Folha da costa a folha do pai (Òṣàlá)*
> *eu lhe venero através do silêncio*
> *Com a folha da costa, eu pretendo cobrir meus olhos e calar-me*
> *Ser conveniente, respeitando o pai (Òṣàlá) através do silêncio*
> *Com a folha da costa, eu pretendo cobrir meus olhos e calar-me."*

255-**FOLHA-DA-FORTUNA**(fortuna,milagre-de-são-Joaquim)

Nome ioruba: *àbámodá, ẹrú ọ̀dundún*

Nome científico: *Bryophyllum pinnatum (Lam.) Oken., Crassulaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá, Olókun, Ọ̀rúnmìlà, Nàná*

Características: arbusto de pequeno porte, habituado a locais úmidos e com pouca incidência de luz solar. Folhas suculentas, arredondadas, de bordas recortadas e meio círculo, com a beirada escura. Caule escuro. Flores em haste ereta, podendo ser brancas, rosas, alaranjadas ou vermelhas.

Uso litúrgico: àbámodá significa "o que quiser você consegue". Seu outro nome (*ẹrú ọ̀dundún*) faz referência ao fato desta erva ser considerada "escrava", portanto substituta do saião (*ọ̀dundún*). V. saião.

Uso na herbologia: a folha pilada é usada topicamente em feridas, furúnculos, e dermatoses.

A folha em infusão é recomendada para ingestão com o objetivo de aumentar a diurese, combater a encefalia, dor de dentes e afecções respiratórias (BARROS, 1999).

Parte usada: folha.

Orin: segue o mesmo do saião.

256-FOLHA-DA-RIQUEZA(apaga-fogo, corrente,manjerico,periquita)

Nome ioruba: *ewé ajé*

Nome científico: *Althernantera tenella Colla., Amaranthaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ajé ṣàlúgà*, *Yemọja*

Características: planta de caule felpudo. Folhas alternas felpudas e oblongadas. Flores miúdas, brancas, de corola em pétalas lancetadas e miolo amarelo.

Uso litúrgico: compõe banhos de prosperidade. Com a flor são preparados pós com o mesmo propósito.

Uso na herbologia: em infusão trata-se os cistos na bexiga, os cálculos renais e a pressão alta.

Parte usada: folhas e flores.

Orin: sem específico.

257- FOLHA-DE-FOGO(anhanga,brandafogo,pixirica)

Nome ioruba: *ewé iná*

Nome científico: *Clidemia hirta Bail., Melastomaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù, Ṣàngó, Ọya*

Características: planta de pequeno porte, com folhas opostas, aveludadas, com nervuras simétricas. Flores brancas de corola em cinco pétalas e folíolo central protuberante.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios das divindades associadas. Esta planta possui energia capaz de ajudar o indivíduo a vencer a inércia e o desânimo. É usada em trabalhos de limpeza energética de pessoas e ambientes.

Uso na herbologia: infusão das folhas frescas, recomenda-se a ingestão contra sífilis, erupções na pele, infecções nas vias urinárias e coceiras.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

258-FRUTA-PÃO

Nome ioruba: *gbẹ̀rẹ̀fútù*

Nome científico: *Artocarpus incisa L., Moraceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọya, Òṣàlá, Égún*

Características: árvore de grande porte com folhas recortadas e nervuras acentuadas. Seu fruto é redondo de cor beje e comestível (cozido).

Uso litúrgico: os frutos desta árvore cozidos são utilizados para a confecção de comidas votivas a *Égún*. A fruta crua é usada para passar no corpo, ou na casa, para afastar maus espíritos. Algumas tradições usam o fruto em trabalhos quando do falecimento do sacerdote. V. *égún*.

Uso na herbologia: as folhas em infusão são empregadas para tratar diarreia, bem como disfunções estomacais e intestinais. A raiz em decocto é eficiente como vermífugo. A polpa do fruto cozida é aplicada topicamente para tratar tumor e furúnculo (BARROS, 1999).

Parte usada: folha, fruto e raiz.

Orin: sem específico.

259-FUMÁRIA(fel-da-terra)

Nome ioruba: *dapa*

Nome científico: *Fumaria officinalis*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Nànà*

Características: planta de até 80 cm de altura. Folhas alternadas, difusas e recortadas em colmilhos. Flores arroxeadas, manchadas de púrpura no topo, numerosas e dispostas em cachos.

Uso litúrgico: maceração das folhas para compor banho propiciatório de *Nànà*.

Uso na herbologia: folha em infusão recomendada para ingestão objetivando tratar bronquite, escorbuto, hipocondria, reumatismo e afecções na pele e no fígado.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.



260-GAMELEIRA(figueira-branca,gameleira-branca,guapoi,ibapoi,iroco)

Nome ioruba: *ìrókò*

Nome científico: *Ficus doliaria Mart., Moraceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ìrókò, Òṣàlá, Ìyámi Òṣòrònga*

Características: árvore de grande porte, copa ampla. Folhas lisas, lustrosas, amendoadas. Flores brancas casulosas. Fruto como um figo pequeno, não comestível. As raízes descem dos galhos como se fossem cipós. Contudo, juntam-se ao tronco o engrossando e fixam-se ao solo. Incisões no tronco, ou a retirada de folhas, exibem seiva leitosa.

Uso litúrgico: de seu caule são feitas as gamelas (recipientes para as comidas de *Ṣàngó*, *Ọbà* e *Ọya*), bem como são confeccionados apetrechos rituais destas e de outras diversas divindades. As folhas servem para banhos relativos às divindades associadas. Trabalhos e oferendas às *Ìyámi Òṣòrònga* são realizados aos pés desta árvore. Os banhos com a maceração das folhas frescas são recomendados para superação do passado e para ajudar na harmonização com a ancestralidade feminina. No Brasil, a gameleira substitui, em muitas Casas de Candomblé, o *Ìrókò - Chlorophora excelsa (Moraceae)* - razão pela qual é denominada da mesma forma. V. *ìrókò.*

Uso na herbologia: a seiva leitosa, diluída em água, é ingerida para combater vermes. A casca, em decocto, serve ao mesmo fim. Externamente, a seiva é aplicada sobre cravos e verrugas para secá-los.

Parte usada: casca e seiva.

Orin: V. Capítulo 16: “Cânticos das folhas mais antigas do mundo”.

261-GENGIBRE

Nome ioruba: *atalẹ*

Nome científico: *Zingiber officinale*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ògún*

Características: rizoma fibroso, suculento, comestível de sabor picante. Folhas pontiagudas. Flor em pendão vertical ascendente.

Uso litúrgico: o rizoma é largamente utilizado como tempero de comidas votivas e dos adeptos. Este, descascado e ralado, compõe o preparo do aluá. O rizoma inteiro é colocado nos assentamentos de *Ògún*, quando de suas cerimônias, para invocar suas regências. A tradução do nome desta planta em ioruba significa "*planta que tem o poder de iluminar*". A referência se dá tanto à iluminação do corpo, quanto do espírito. A iluminação física está associada ao sabor picante de seu rizoma, o qual remete ao elemento fogo (que iumina e aquece). A iluminação espiritual está associada à capacidade que esta espécie tem de fazer suas folhas encontrarem a luz, saindo de dentro da terra. O rizoma ralado é colocado no àgbo de indivíduos, com os propósitos citados. V. *aluá*.

Uso na herbologia: rico em canfeno, felandreno, zingibereno e zingerona, o gengibre é largamente utilizado na farmacologia jêje-nagô no combate a: gripe, resfriado, tosse, gota, artrite, dores de cabeça e coluna, congestão nasal, cólicas menstruais, labirintite, males da garganta e má digestão de alimentos gordurosos.

Parte usada: rizoma.

Orin: sem específico.

262-GERÂNIO(jardineira,malva-maçã)

Nome ioruba: *ewé pupáyọ̀*

Nome científico: *Pelargonium odoratissimum (L.) Ait., Geraniaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọya, Ọbà*

Características: planta ornamental de até 80 cm. Folhas aveludadas, formato cordiforme, com bordas recortadas arredondadas. As flores em buquê podem ter muitas opções de cor.

Uso litúrgico: recomenda-se cultivar esta planta em casa, ou no terreiro, para anular inveja. As folhas compõem o àgbo das divindades associadas e, de forma geral, servem para expargir energias negativas.

Uso na herbologia: o chá das folhas em infusão é eficiente no trato de diarreia e corrimento vaginal.

Parte usada: folha e planta inteira.

Orin: sem específico.

263-GERVÃO(gervão-azul,gervão-roxo, rinchão,verônica)

Nome ioruba: *ewé ìgbolé, pasalókè*

Nome científico: *Stachytarpheta cayennensis (LC. Rich.) Vahl., Verbanaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọbalúwáiyé*

Características: arbusto de pequeno porte. Folhas arredondadas e crespas. Flor arroxeada em pendão vertical.

Uso litúrgico: as folhas servem para compor o àgbo de *Ọbalúwáiyé.* Acredita-se que esta planta tenha a propriedade de afastar maus pensamentos e energias negativas. Logo, o banho com a maceração das folhas, assim como a defumação com as folhas secas, possui este mesmo propósito.

Uso na herbologia: o chá em decocção das folhas é indicado como tônico para o estômago, útil no combate às dispepsias e no trato das doenças do fígado.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

264-GIRASSOL

Nome ioruba: *òdòdó iyéyé*

Nome científico: *Helianthus annus L., Compositae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn, Òṣàgiyán*

Características: atinge cerca de 1 m de altura. Folha amendoada e aveludada. Flor única por caule, de tamanho grande, amarela, corola repleta de pétalas, miolo grande de cor ocre.

Uso litúrgico: recomenda-se o cultivo desta planta em casa e nos ambientes litúrgicos. Acredita-se que esta planta possua poder para afastar as negatividades e atrair boa sorte. Os banhos com a maceração das folhas possuem estes propósitos. As folhas e flores secas servem para defumação de prosperidade.

Uso na herbologia: as sementes e folhas piladas com sal grosso são aplicadas em uso externo nos locais doloridos por contusões, feridas e inflamações. Com as sementes secas e moídas, faz-se um chá para melhorar a enxaqueca e cefaleia. Em uso tópico, cicatriza feridas.

Parte usada: flor, folha e semente.

Orin: sem específico.

265-GOIABEIRA

Nome ioruba: *gúrọ̀bà, gúrọ̀fà, gúáfà*

Nome científico: *Psidium guajava L., Myrtaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ògún*

Características: planta de galhos retorcidos. Folhas opostas verde-escuro, ovaladas, com nervuras acentuadas. Flor branca pequena, em folíolos. Fruto de polpa carnuda branca ou vermelha e sementes múltiplas internas.

Uso litúrgico: dos galhos da goiabeira preparam-se também os *àtòrì*. As folhas servem para forrar, como espécie de tapete, o local dos ritos sacrificiais a *Ògún*. As folhas maceradas servem como banho propiciatório à divindade associada. V. *àtòrì*.

Uso na herbologia: com as folhas em infusão, prepara-se chá eficiente no trato da incontinência urinária e diarreia. O consumo do fruto é eficaz como propedêutico e terapêutico para os pulmões, visto que esta planta é rica em vitamina C.

Parte usada: folha, fruto e caule.

Orin: sem específico.

266-GOLFO(golfo-de-flor-branca,nenúfar)

Nome ioruba: *òṣíbàtà*

Nome científico: *Nymphaeaceae Nuphar*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: kékeré

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Nànà, Ọ̀ṣùn, Yemọja, Yẹ̀wà, Ọya, Òṣàlá*

Características: planta aquática. Folha em formato cordiano, com nervura central acentuada. Flor amarela em coroa, única por haste.

Uso litúrgico: é uma folha que acalma a sexualidade. Em encantamentos para poder e dominação, é usada em conjunto com a erva-de-santa-luzia (*ojúoró*). O *orin* para ambas é o mesmo. V. erva-de-santa-luzia. A maceração de suas folhas compõe o *àgbo* das divindades associadas.

Uso na herbologia: as folhas maceradas são usadas topicamente para aliviar as enxaquecas.

Parte usada: folha.

Orin (SANTOS, 2014):

> ***"Ẹ̀ti ẹ̀mí óré dé ìyán o***
> ***Ẹ̀ti ẹ̀mí óré dé ìyán***
> ***Àroyé ẹ̀mí óré dé ìyán***

Òṣíbàtà ẹ̀mí óré dé rọ̀jọ́
Ojúoró ẹ̀mí óré dé ìyán

Na dificuldade de decisão, a essência divina
(òrìṣà) amplia a visão para que se tenha argumentos
Na dificuldade de decisão, a essência divina
(òrìṣà) amplia a visão para que se tenha argumentos
Nos debates, a essência divina
(òrìṣà) amplia a visão para que se tenha argumentos
Golfo amplia a visão para que a essência
divina nos faça pensar corretamente e sejamos
capazes de pedir perdão.
Erva-de-santa-luzia amplia a visão para que
a essência divina nos faça ter pensamentos afetuosos."

267-GRAMA(capim-de-burro,capim-de-bermuda,grama-seda)

Nome ioruba: *gbègi, koóko igbá*
Nome científico: *Cynodon dactylon (L.) Pers., Paoceae (Gramineae)*
Elemento da natureza: terra
Gênero: masculino
Porte: *kékeré*
Energia: *gún*
***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*
Características: planta rasteira de pequeno porte e invasora. Medra fácil em pastagens. Sementes em pendões verticais. Folhas finas e lanceladas.
Uso litúrgico: a maceração das ervas compõe o àgbo desta divindade. ***Koóko igbá***: grama. ***Kóko*:** grama, relva. Mesmo que *éran*: grama, capim. Erva ritual utilizada no culto a *Òṣàlá*. V. *òṣàlá*.
Uso na herbologia: o chá por infusão das folhas é recomendado como antiabortivo e diurético (BARROS, 1999).
Parte usada: folha.
Orin: sem específico.

268-GRAVIOLA(araticum,jaca-de-pobre)

Nome ioruba: *igi ọmọ funfun, ẹ̀kọ òyìnbó, ẹ̀kọmọdé*
Nome científico: *Annona muricata L., Annonaceae*
Elemento da natureza: ar
Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*, Tempo (*Kitembu*)

Características: árvore de folhas ovaladas compridas, opostas, com nervura central acentuada. Fruto com espinhos externos, polpa clara, carnuda, com sementes pretas amendoadas internas.

Uso litúrgico: embora *Kitembu* seja uma divindade de origem *bantu*, é muito comum ver seus assentamentos nas Casas jêje-nago depositados aos pés desta árvore. As folhas maceradas atendem a banhos propiciatórios.

Uso na herbologia: as folhas em infusão oferecem excelente chá diurético, que ajuda no combate à obesidade. O mesmo chá combate: tosses crônicas, bronquite, cólicas intestinais e disenterias. Os frutos, ricos em vitamina C, são consumidos preventiva ou terapeuticamente acerca de doenças pulmonares.

Parte usada: folha e fruto.

Orin: sem específico.

269-GRAXA-DE-ESTUDANTE(brio-de-estudante,hibisco-da-china,mimo-de-vênus,papoula-simples)

Nome ioruba: *ẹ̀ṣà pupa*

Nome científico: *Hibiscus rosa-sinensis L., Malvaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣányìn, Ògún, Ọ̀ṣùn*

Características: arbusto ornamental de folhas lanceoladas. Flores de vários matizes, frequentes, corola em cinco pétalas em formato estelar, arredondadas. Folíolo central protuberante em pendão, encimado por sementes.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios. As flores servem como ornamentos e oferendas.

Uso na herbologia: esta planta diminui a capacidade reprodutiva do homem. As flores em infusão servem ao tratamento da oftalmia (BARROS, 1999).

Parte usada: flor e folha.

Orin: sem específico.

270-GUACO(cipó-cabeludo,erva-de-cobra,erva-de-sapo)

Nome ioruba: *ewé ọ̀pọ̀lọ́*

Nome científico: *Mikania opifera*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣùmàrè*

Características: trepadeira angulosa, folhas pecioladas. Flores em buquê.

Uso litúrgico: banhos em maceração dedicados a *Òṣùmàrè*. De forma geral, o banho com esta erva objetiva elevação espiritual.

Uso na herbologia: a infusão das folhas é empregada em caso de febres, gota, reumatismo, albuminúria, sífilis, anúria e como diurético. Tal infusão, em uso interno e externo, é aplicada no tratamento de picada de cobras e de insetos venenosos. Com as folhas, prepara-se xarope eficiente contra bronquites e tosses rebeldes.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

271-GUACO-VERDADEIRO(cipó-caatinga, erva-das-serpentes)

Nome ioruba: *ọ̀jẹ̀ dúdú*

Nome científico: *Mikania glomerata Spreng., Compositae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọmọlu, Ọsányìn, Òṣàlá, Ọdẹ*

Características: trepadeira de folhas lanceoladas e brilhosas. Flores pequenas em pendão.

Uso litúrgico: banhos para fortalecer o ânimo e melhorar a energia espiritual.

Uso na herbologia: o chá por infusão da folha, ou o xarope, são indicados para o tratamento de afecções pulmonares, gripes e resfriados.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

272- GUAIACO(pau-santo)

Nome ioruba: *àkẹ́tún mímọ́*

Nome científico: *Guayacum officinalis*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Nànà, Òṣàlá*

Características: árvore de galhos cinzentos e rugosos. Folhas arredondadas e opostas.

Flores com corola de cinco pétalas amendoadas, em formato estelar, de cor azul arroxeada, dispostas em buquê. Fruto capsular.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios das divindades associadas. Esta árvore está associada à superação das dores pela perda de pessoas queridas. O banho com a maceração destas folhas atinge tal propósito.

Uso na herbologia: possui efeito depurativo do sangue, diurético. O chá das folhas é empregado no combate a afecções da pele, asma, catarro crônico, bronquite, gota, gripe, pneumonia, sífilis, reumatismo, amenorreia, pressão alta e como depurativo do sangue.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

273-GUACURI(guaicuri,palmeira-de-guacuri)

Nome ioruba: *màrìwò ìyá*

Nome científico: *Attalea princeps M., Palmae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ògún, Nàná*

Características: palmeira assemelhada ao dendezeiro. V. dendezeiro.

Uso litúrgico: as folhas são utilizadas para substituir as do dendezeiro na confecção do *màrìwò.* V. *màrìwò.*

Uso na herbologia: dos brotos das folhas, extrai-se uma espécie de palmito comestível e benéfico contra câncer. O óleo extraído das amêndoas, aplicado topicamente, é usado contra a calvície.

Parte usada: semente e folha.

Orin: sem específico. Usa-se o mesmo do dendezeiro. V. dendezeiro.

274-GUANDO(andu,ervilha-de-angola,ervilha-do-congo,feijão-de-árvore)

Nome ioruba: *ẹ̀wà igbó, òtili*

Nome científico: *Cajanus indicus Spreng., Leguminosae-Papilionoidea.*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: planta de folhas lanceoladas, vagem com sementes internas. Flores

amarelas miúdas não frequentes.

Uso litúrgico: usa-se o banho em maceração para equilíbrio dos adeptos. Em algumas tradições, o rito sacrificial do *ìgbín* a *Òṣàlá*, tem a concha envolvida cuidadosamente na folha do guando.

Uso na herbologia: as folhas frescas em infusão proporcionam chá eficaz para tratar males renais e urinários. O mesmo chá, em gargarejo, é indicado para sanar gengivite, estomatite, faringite e dor de dente. Com as flores também se prepara chá por infusão, visando organizar problemas respiratórios e hepáticos.

Parte usada: flor e folha.

Orin: sem específico.

275-GUAPEVA(cipó-jabotá, jabotá,nhandiroba)

Nome ioruba: *èékán agẹmọ*

Nome científico: *Fevillea trilobata*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: cipó trepador. Folhas cordiformes. Flor pequena, branca, pendente, única por haste. Fruto grande, redondo, capsulando as sementes.

Uso litúrgico: banhos para fortalecer as energias, aumentar o ânimo e a autoestima.

Uso na herbologia: as sementes torradas são ingeridas para combater icterícia e inflamação no fígado. Uma semente por dia, em até três dias de tratamento. Da semente se extrai óleo de propriedade purgativa. O óleo, em uso tópico, gera bons resultados no trato de erisipela, impingem e reumatismo. O sumo das folhas é ótimo carrapaticida e ainda é usado como antídoto contra mordida de cobra.

Parte usada: folha e semente.

Orin: sem específico.

276-GUARANÁ(naranazeiro)

Nome ioruba: *ewé gún*

Nome científico: *Paullinia cupana*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculina

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ògún, Èṣù*

Características: planta de folhas lanceoladas, alternadas, com nervuras centrais e diagonais alternas. Flor miúda, de cor branca e cachos. Fruto vermelho, arredondado, em cachos, encapsulando a polpa branca e a semente preta protuberante, assemelhando-se a olhos.

Uso litúrgico: as folhas e os frutos são colocados nos assentamentos das divindades associadas, para potencializar suas regências.

Uso na herbologia: de propriedades adstringentes, o guarana é usado em consumo para tratar diarreias, hemorragias, dispesias e disenterias. Usa-se ainda a ingestão da fruta, com bom resultado para nevralgia, enxaqueca e arteriosclerose.

Parte usada: folhas e frutos.

Orin: sem específico.

277-GUINÉ(erva-tipi,guiné-piu-piu,tipi-verdadeiro)

Nome ioruba: *ewé ojúùsájú*

Nome científico: *Petiveria alliacea L., Phytolaccaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: kékeré

Energia: gún

***Òrìṣà* associado**: *Ọdẹ, Ògún, Ọ́rúnmìlà*

Características: arbusto de pequeno porte. Folhas lanceoladas com nervura central e em diagonal. Flores miúdas, brancas, em pendão.

Uso litúrgico: as folhas frescas são muito usadas em trabalhos de limpeza energética do corpo e de ambientes. As folhas secas servem para defumação, com o mesmo propósito. A maceração das folhas compõe o *àgbo* das divindades associadas. A raiz tem propriedades altamente excitantes, podendo provocar convulsões, insônia e até alucinações. As folhas são empregadas em trabalhos para amainar a fúria das *Ìyámi*.

Uso na herbologia: a tintura das folhas em álcool, em uso tópico, traz resultados em casos de membros atrofiados, artrite e reumatismo. As folhas em infusão servem no tratamento de falta de memória e enxaqueca.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.



278- HELIOTRÓPIO (barragem, bico-de-papagaio, crista-de-galo, jacuacanga)

Nome ioruba: *ewé ogbe àkùkọ, àgógo igún, ògún, àkùkọ dúdú, àkùkọ funfun*

Nome científico: *Heliotropium indicum L., Borraginaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó*

Características: planta de pequeno porte. Folhas ásperas, lanceoladas, de bordas recortadas. Flores brancas, miúdas, em pendões curvilíneos.

Uso litúrgico: as folhas em maceração compõem o àgbo de *Ṣàngó.* Faz-se um tipo de caruru em oferenda a esta divindade, com as folhas desta planta. V. caruru (Glossário).

Uso na herbologia: as folhas em infuso servem para gargarejo morno a fim de tratar aftas, faringite e amigdalite.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

279- HERA (hera-terrestre)

Nome ioruba: *ewé lẹ̀*

Nome científico: *Nepeta glechoma*

Elemento da natureza: água

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Lógun*

Características: planta rasteira ornamental. Folhas opostas, em formato cordiano, aveludadas, de borda recortada arredondada. Flores miúdas, cônicas e arroxeadas.

Uso litúrgico: banhos relativos a Lógun. Recomenda-se aos adeptos em momentos de displicência e inércia emocional.

Uso na herbologia: as folhas em infuso, para ingestão, exercem efeito excitante, tônico, antiespasmódico, atua sobre órgãos digestivos e respiratórios. Facilita a expectoração e

também é indicado para as debilidades do estômago, flatulências, dispepsias e atua como diurético.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

280- HORTELÃ-PIMENTA (hortelã, malvaísco, malva-do-reino, menta)

Nome ioruba: *ewé afẹ́fẹ́*

Nome científico: *Mentha piperita*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù, Ọ̀ṣùn*

Características: folhagem de pequeno porte. Folhas aromáticas, lanceoladas, opostas, ásperas, com bordas denteadas.

Uso litúrgico: as folhas são de uso frequente nos terreiros como tempero de comidas dos adeptos. Algumas tradições do Candomblé *Kétu* consideram a ingestão desta erva como tabu. As folhas compõem o *àgbo* de *Èṣù* e de *Ọ̀ṣùn*.

Uso na herbologia: o chá por infusão das folhas é indicado em afecções do estômago, como calmante, vermífugo, reumatismo e atrofia muscular. É ainda usado como expectorante, estimulante, no tratamento de vômitos, palpitações, icterícia, timpanite, espasmos, flatulência e cólicas menstruais.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.



281- INGÁ(ingazeiro)

Nome ioruba: *ìyá kólómi, kólómi*

Nome científico: *Inga marginata Willd., Leguminosae-Mimosoidae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó, Òṣàlá, Ọ̀sányìn*

Características: árvore mediana. Folhas opostas, com nervuras acentuadas. Flores em folíolos brancos assimétricos. Fruto comprido em forma de cipó.

Uso litúrgico: o fruto regado com mel é ofertado a *Ṣàngó,* como comida votiva. As folhas maceradas servem a banhos propiciatórios das divindades associadas. Acredita-se que esta planta atraia prosperidade. Logo, os banhos com as folhas frescas maceradas, ou as defumações feitas com as folhas secas, objetivam os mesmos propósitos. Lit.: *kólé* (v. assaltar) + *omi* (s. água).

Uso na herbologia: o chá feito por decocção com a casca é eficaz no tratamento de diarreia e, em uso tópico, ajuda na cicatrização de feridas.

Parte usada: casca, fruta e folha.

Orin: sem específico.

282-IGUI-ATA

Nome ioruba: *igi àta*

Nome científico: *Zanthoxylum senegalense.*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù, Ṣàngó*

Características: arbusto de folhas opostas, ovaladas. Frutos vermelhos arredondados em cachos. Flores brancas, miúdas, em pendões.

Uso litúrgico: espécie caracterizada pela grande quantidade de resina amarela existente em seu caule. Este material é altamente inflamável, utilizado para ativar a combustão. Por isso,

os iorubas a associavam ao elemento fogo. As folhas desta planta são utilizadas com o fito de proporcionar energia, fortalecer a fé e vencer a depressão.

Uso na herbologia: as folhas piladas, cozidas e mornas, têm aplicação externa eficiente no trato de dores ósseas e musculares.

Parte usada: folha.

Orin (SANTOS, 2014):

> ***"Igi igi àta arò mi ó***
> ***Igi igi àta arò mi***
> ***Igi igi àta aló ko ná***
> ***Igi igi àta arò mi***
> *O combustível da árvore àta faz fogo diferente*
> *O combustível da árvore àta faz fogo diferente*
> *Com o combustível da árvore àta, a chama do fogo não se gasta*
> *O combustível da árvore àta faz fogo diferente."*

283-IKÓ(akó,palha-da-costa,folha-da-palmeira,palmeira-dama,ráfia)

Nome ioruba: *igi ọgọrọ, ìko, àko*

Nome científico: *Raphia*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *ẹrọ*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá, Ọmọlu*

Características: palmeira de folhas opostas e alternadas em hastes resistentes. Tronco redondo.

Uso litúrgico: *Igi ọgọrọ*, é o nome da palmeira que produz a ráfia *(ìko)*. A palha-da-costa seca é indispensável à confecção de diversos apetrechos nas Casas de Candomblé. Com ela é feita a vestimenta de *Ọmọlu* e *Ọbalúwáiyé*, bem como serve de adereço aos trajes de outros tantos *Òrìṣà*, como *Ọsányìn, Òṣùmàrè, Nàná, Ògún, Ọdẹ Ibualamo* e *Yẹwà*. A palha-da-costa está presente como *mọkan* de todos aqueles que são iniciados para qualquer divindade; tem a propriedade de afastar maus espíritos. Suas folhas servem ainda para *Ọmọlu*, *Ọbalúwáiyé* e *Nàná* (família mítica de *Òṣùmàrè*). V. *mọkan*.

Uso na herbologia: as cascas em decocto, ainda mornas, são usadas topicamente em casos de encefalia.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

284-IMBIRI(albará,coquilho,erva-dos-feridos)

Nome ioruba: *ewé èékú*

Nome científico: *Canna angustifolia*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: planta ornamental, habituada a ambientes úmidos e com pouca insolação. Haste ereta e arredondada, com até 2 m de altura. Rizoma grande, com muitas radículas. Folhas alternadas, lanceoladas. Flores amarelas, únicas por haste, com perianto duplo.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios.

Uso na herbologia: o rizoma em decocto funciona como bom diurético. As folhas frescas, piladas, em uso tópico, curam feridas, úlceras e queimaduras. O sumo da folha é aplicado nos ouvidos, em caso de otite.

Parte usada: rizoma e folha.

Orin: sem específico.

285-INHAME-CARÁ(cará,cará-barbado)

Nome ioruba: *iṣu, iṣu funfun, olótun iyangban, oluku.*

Nome científico: *Dioscorea rotundata*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá, Ògún*

Características: trepadeira. Folhas alternadas, cordiformes, alongadas, cordiformes e brilhosas. Flores miúdas e brancas. Batatas fibrosas e comestíveis (inhame).

Uso litúrgico: base da alimentação dos iorubas. Seu plantio e colheita são repletos de ritos e liturgia a diversas divindades, conforme reproduzido na Cerimônia Anual das Águas de *Òṣàlá*, realizada nos terreiros da Nação *Kétu*. O inhame fez o homem inventar o pilão. Por isso, o uso da sua folha é ligado ao potencial criativo e realizador. Também é usado com o propósito de unir famílias, pois os clãs se juntavam para degustar o inhame. Depurativo do sangue. Na liturgia, a folha do inhame é associada à potência e à fertilidade feminina. Durante as festividades anuais relativas à *Òṣàlá*, pretende-se a fertilidade do solo e boa colheita. Neste período celebra-se também as *Ìyámi*, louvando assim a ancestralidade feminina. Suas folhas são também utilizadas para banhos de apaziguamento entre familiares consanguíneos. A comida votiva preferida de *Ògún* é o inhame cozido. O mesmo inhame cozido, fatiado, ou pilado, agrada a Òṣàgiyán e é indispensável no rito *Odó ògìyán*. O consumo do inhame também é frequente na dieta alimentar dos adeptos em período de retiro. **Folha do inhame**: *ewé ọ̀dọ́*. **Inhame pilado**: *iyán*. V. *òṣàgiyán; òṣàlá*; *odó ògìyán.*

Uso na herbologia: excelente depurativo do sangue, o inhame cozido é indicado para

consumo com esta finalidade e também para tratar diabetes e afecções do coração. Presta-se ainda sua ingestão, no tratamento de asma e catarro (BARROS, 2014).

Parte usada: inhame.

Orin (SANTOS, 2014):

> ***"Ewé ọ̀dọ fi***
> ***Ewé ọ̀dọ fi, ọ̀dọ fi kómọ́ra***
> ***pé ilà iran***
> ***Ewé ọ̀dọ fi ọ̀kàn***
> ***Ewé ọ̀dọ ọ̀kàn, ọ̀dọ ọ̀kàn***
> ***kómọ́ra pé ilà iran***
> ***Ewé ọ̀dọ fi***
> ***Ewé ọ̀dọ fi, ọ̀dọ fi kómọ́ra***
> ***pé ilà iran***
>
> *Secar as folhas do inhame*
> *expondo-as diretamente ao sol*
> *Secar as folhas do inhame expondo-as*
> *diretamente ao sol e segurar junto a si, abraçando-as,*
> *com a finalidade de reunir a descendência, a família.*
> *A folha de inhame tem formato de coração.*
> *A folha de inhame tem formato de coração,*
> *segurar a folha do inhame junto ao coração*
> *atrai pureza para a descendência.*
> *Secar as folhas do inhame expondo-as*
> *diretamente ao sol*
> *Secar as folhas do inhame expondo-as*
> *diretamente ao sol e segurar junto a si,*
> *abraçando-as, com a finalidade de reunir a*
> *descendência, a família."*

286-INHAME-ROXO

Nome ioruba: *iṣu àwọ̀ ẹlésè àlùkò*
Nome científico: *Dioscorea heptaneura*
Elemento da natureza: terra
Gênero: masculino
Porte: *kékeré*
Energia: *gún*
***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*

Características: trepadeira, muito parecida com o inhame-cará. Porém, é roxa por dentro e por fora, dotada de folhas trilobadas.

Uso litúrgico: o inhame também é comestível e serve para o preparo de oferenda à divindade associada.

Uso na herbologia: usada para combater dartros.

Parte usada: inhame.

Orin: sem específico.

287-IPALÉ

Nome ioruba: *ewé ìpalé*

Nome científico: *Moringaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọya, Ọbà*

Características: árvore de folhas amendoadas, opostas, organizadas em sub-ramos. Flores brancas, com miolo em folíolo amarelo protuberante.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios às divindades associadas.

Uso na herbologia: a folha é utilizada para impermeabilizar chão e paredes, bem como para limpar utensílios.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

288-IPÊ

Nome ioruba: *igi rere*

Nome científico: *Handroanthus chrysotrichus*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *èrọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn, Òṣàlá, Yẹ̀wà*

Características: árvore ornamental de folhas amendoadas, escuras. As flores podem ser brancas, amarelas ou rosas. Durante a floração, a árvore perde as flores e a copa é exclusivamente florida.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios.

Uso na herbologia: adstringente, é indicado no tratamento de úlceras, sífilis, inflamações na garganta, nevralgias, doenças no ovário e como depurativo do sangue. Os banhos servem

contra coceiras.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

289-IPECACUANHA(poaia,ipeca,raiz-do-brasil)

Nome ioruba: *ewé ọba*

Nome científico: *Callicoca ipecacuanha*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó*

Características: arbusto de até 35 cm. Folhas ovais, opostas, lanceoladas. Flores brancas, com miolo amarelo grande. Fruto ovoide.

Uso litúrgico: compõe o *àgbo* de Ṣàngó.

Uso na herbologia: a raiz em decocção é empregada como expectorante, eficiente no tratamento de bronquite, coqueluche, garrotilho e disenteria. O uso não pode ser contínuo, pois pode ser tornar tóxico ao organismo.

Parte usada: raiz.

Orin: sem específico.

290- IPESAN(bildreiro,camboatá,carrapateira,folha-do-trovão,jitó)

Nome ioruba: *ìpẹ̀sán*

Nome científico: *Guarea guidonia*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó*

Características: árvore de folhas opostas em ramos. Frutos redondos em cachos. Flores em pendão, brancas.

Uso litúrgico: é considerada árvore protetora contra malefícios. Conforme a lenda, quando nele pousaram as feiticeiras transformadas em pássaros negros, o *Ìpẹ̀sán* negou seus frutos às *Ìyámi Òṣòrọ̀ngà*. O *ìpẹ̀sán* tem a propriedade de fazer “despertar” as pessoas. Por ser dedicada ao *Òrìṣà Ṣàngó*, também é chamada de folha do trovão. V. *ṣàngó; ìyámi òṣòrọ̀ngà*.

Uso na herbologia: a casca em decocto é utilizada como vermífugo, febrífugo, adstringente e laxante.

Parte usada: folha.

Orin (SANTOS, 2014):

"Ìpẹ̀sán ewé ara
Ewé ta lóke wa àgbéso
Ìpẹ̀sán ewé ara
Ewé ta lóke wa àgbéso

Bildreiro, folha do trovão (folha de Ṣàngó)
Folha que ilumina do alto, proteja-nos, erga-nos, levante-nos
Bildreiro, folha do trovão (folha de Ṣàngó)
Folha que ilumina do alto, proteja-nos, erga-nos, levante-nos."

291-IROKO

Nome ioruba: *ìrókò*
Nome científico: *Chlorophora excelsa (Moraceae)*
Elemento da natureza: ar
Gênero: feminino
Porte: *igi*
Energia: *gún*
***Òrìṣà* associado**: *Ìyámi, Ìrókò*
Características: árvore de grande porte, expansiva, copa grande, folhas ovaladas com nervura central e diagonal acentuadas. Sementes em bagas. Flores brancas miúdas.
Uso litúrgico: a própria árvore é considerada como um *òrìṣà* originário do *Daomé*. Suas folhas costumam ser postas no travesseiro dos doentes, com o propósito de afastar *Ikú* (a morte). Aos pés desta árvore, são feitos ritos a *olómùsó*, a fim de manter neste mundo os *àbíkú*. No *Ìrókò*, fazem morada as *Ìyámi* (mas nela não ficam por muito tempo, pois os frutos desta árvore não lhe agradam) e também os *àbíkú*. Suas folhas, transformadas em pós, podem substituir o *ìyẹ̀ròsùn*. No Brasil, foi substituída pela gameleira branca (*Ficus doliaria*). Os cacos de louças que se quebram aleatoriamente no *Ilé* são depositados ao pé desta árvore, para que ela depure as más energias. V. *ìyẹ̀ròsùn; àbíkú; olómùsó; Ìyámi; ìrókò*.
Uso na herbologia: seu chá em decocto é calmante.
Parte usada: folha.
Orin (SANTOS, 2014):

"Ìrókò ki silẹ̀
Ẹ̀rọ Ìrókò iso èrọ̀

A essência divina de Ìrókò deve fixar-se
Saudamos Ìrókò para que esta árvore
ajude a fixar o òrìṣà, as ideias,
os projetos e nos inspire com sua calma."

Ver Capítulo 16: cânticos para as árvores mais antigas do mundo.

292-IROSUN

Nome ioruba: *àràse*, *igi osùn, ìròsùn*

Nome científico: *Baphia nitida Lodd., Leguminosae Papilionoideae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ́rúnmìlà*

Características: árvore de lenho avermelhado, típica da flora africana, cujo tronco roído por cupins *(ìyẹ̀)*, produz um pó amarelo, denominado *ìyẹ̀ròsùn*. Quando o tronco desta árvore é machucado, apresenta cor vermelha intensa, como se estivesse sangrando.

Uso litúrgico: o *ìyẹ̀ròsùn* é utilizado para forrar a bandeja do Oráculo de *Ifá* (***ọpọ́n ifá***) onde são marcados os signos dos ***odù*** de ***Ifá***. A parte interna desta árvore serve para a produção do ***osùn*** (V. ***ẹ̀jẹ̀ pupa***). Na ausência de *ìyẹ̀ròsùn*, este pode ser substituído por *èlùbọ́* (pó da farinha de inhame), ou por *ìyẹ̀rẹ̀* (pó do bambu, obtido a partir da ação do cupim). O nome desta árvore ainda denomina: **1**. pássaro da fauna africana, cujas penas são usadas em rituais de Candomblé; **2**. s. designação do 4º *Odù* no Oráculo *Mẹ́rìndílógún* (corresponde ao *Odù Òdí Méjì* no Sistema de *Ifá*). V. *ifá; odù; osùn; èlùbọ́; ìyẹ̀rẹ̀; ìyẹ̀ròsùn*.

Uso na herbologia: o pó *(ìyẹ̀ròsùn)* é usado na cicatrização de feridas.

Parte usada: caule e folha.

Orin: sem específico.

293- ITU(quiri-pininga,pau-ferro)

Nome ioruba: *igi mátamàta*

Nome científico: *Dialium ferrum*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: igi

Energia: gún

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀sányìn*

Características: árvore de porte elevado, piramidal, lenho duro e cerne roxo. Folhas ovais, pontiagudas. Flores como rosinhas amareladas, em cachos piramidais. Fruto em vagem, comestível.

Uso litúrgico: as folhas maceradas servem para banhos de descarrego.

Uso na herbologia: o chá do cozimento da casca dá bons resultados contra diabetes, gota, quilúria, sífilis, reumatismo e escrófula.

Parte usada: folha e casca.

Orin: sem específico.

J



Jaqueira

294-JABORANDI-VERDADEIRO(jaborandi-de-três-folhas)

Nome ioruba: *ewé gbígbóná*

Nome científico: *Pilocarpus pinnatifolius L., Rutaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọya*

Características: planta de folhas em ramos, opostas, lanceoladas. Flores avermelhadas e sementes em pendão.

Uso litúrgico: as folhas são usadas em trabalhos de limpeza energética de pessoas e ambientes. Os banhos com a maceração das folhas e a defumação com as folhas frescas, têm o mesmo propósito.

Uso na herbologia: a folha macerada é usada em massagem e compressas no couro cabeludo, de forma propedêutica e terapêutica no combate à calvície. O chá em infuso trata amenorreia.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

295-JABUTICABA

Nome ioruba: *èso dúdú*

Nome científico: *Plinia cauliflora*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọsányìn, Ibéjì.*

Características: árvore nativa brasileira, de folhas amendoadas. As frutas brotam diretamente do tronco e galhos e são preto-arroxeadas, redondas, de polpa branca adocicada que envolve a semente. **Uso litúrgico**: as folhas servem para banhos propiciatórios. Os frutos servem como oferendas para diversas divindades.

Uso na herbologia: seu nome vem do tupi e pode ter dois significados diferentes: o primeiro

quer dizer *jabuti* (famoso tipo de tartaruga) + *caba* (gordura); ou seja, a gordura de jabuti; já o segundo significado vem de "*iapoti kaba*", ou frutas em botão. A fruta possui poucas calorias e carboidratos. É rica em antioxidantes, vitaminas C e E, ácido fólico, niacina, tiamina, riboflavina e minerais como potássio, cálcio, magnésio, ferro, fósforo, cobre, manganês e zinco. O consumo do fruto é recomendado de forma propedêutica ou terapêutica para melhorar o metabolismo, a elasticidade da pele, combate a gripe, infecções, osteoporose, colesterol alto, obesidade. O suco deve ser feito com a casca e a polpa, sendo coado em seguida. O chá feito com a casca em infusão oferece bons resultados em casos de estresse, asma, bronquite e gripes.

Parte usada: fruto e folha.

Orin: sem específico.

296-JACARANDA(caroba,carobinha)

Nome ioruba: *igi àfọ̀ṣẹ*

Nome científico: *Jacaranda brasiliana Person., Bignoniaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ́rúnmìlà*

Características: árvore de grande porte, com caule de grande resistência apreciado pela serralheria. Produz lindas flores violáceas em quantidade e encantamento.

Uso litúrgico: as flores são colocadas de molho em água fria e servem para banhos de encantamento quando o adepto assume o sacerdócio.

Uso na herbologia: as folhas e cascas, em decocção, são utilizadas para chás que combatem doenças venéreas, afecções urinárias, disenteria, reumatismo, artrite e funcionam como diurético. Em uso tópico, auxilia na cicatrização de feridas.

Parte usada: casca, flores e folhas.

Orin: sem específico.

297-JAMBEIRO-ROSA

Nome ioruba: *igi èso pupa*

Nome científico: *syzygium jambos*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: árvore de grande porte com copa piramidal. Folhas de matiz verde-escuro.

Fruto avermelhado, com polpa branca, carnuda e adocicada.

Uso litúrgico: as folhas servem para banhos propiciatórios. Das sementes, prepara-se pó com finalidade de repelir energias negativas, podendo compor o *atin*, conforme algumas tradições.

Uso na herbologia: o chá por infusão com as folhas, é empregado no tratamento de diabetes, pneumonia e disenterias. O mesmo chá, em uso tópico, serve para combater inflamações vaginais e oculares.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

298-JAMELÃO(azeitona-preta,jambol,jalão,jambolão)

Nome ioruba: *igi òjìji*

Nome científico: *Syzygium jambolanum*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọmọlu, Ògún*

Características: árvore de copa avantajada. Folhas lanceoladas, com nervura central. Flores pequenas com pétalas em folíolos. Frutos ovais arroxeados, com polpa carnuda e semente inclusa.

Uso litúrgico: as folhas compõem o àgbo das divindades associadas.

Uso na herbologia: é rica em vitamina C, fósforo e também em flavonoides e taninos, muito importantes para o combate de doenças cardiovasculares e câncer. Além disso, a casca apresenta propriedades anti-inflamatórias, anticarcinogênicas e antidiabéticas, assim como as folhas, que têm uma ação hipoglicemiante. As folhas em infusão combatem o diabetes. O sumo das folhas, ingerido, apresenta ainda ação antiviral, anticarcinogênica, anti-inflamatória, antibacteriana, antialérgica, boa regulação glicêmica. Além destas propriedades a planta também melhora sintomas como prisão de ventre, diarreia, disenteria, cólicas e gases intestinais e problemas no estômago e no pâncreas.

Parte usada: fruto, casca e folha.

Orin: sem específico.

299-JAPECANGA(japecanga-verdadeira,salsaparrilha)

Nome ioruba: *àjàrà èké*

Nome científico: *Smilax japecanga*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: trepadeira. Habituada em ambientes úmidos e com pouca insolação. Caule com espinhos. Folhas ovaladas e bisseriadas. Flores em umbelas. Frutos redondos, avermelhados em cachos, que abrigam a semente. Daí o nome ioruba que significa “vinhedo falso”.

Uso litúrgico: compõe o *àgbo* da divindade associada.

Uso na herbologia: a raiz, em decocção, redunda em chá depurativo usado no combate à sífilis, gota, reumatismo, febre e moléstias da pele.

Parte usada: raiz e folha.

Orin: sem específico.

300-JAQUEIRA

Nome ioruba: *topónúrìn, apáọ̀ká*

Nome científico: *Artocarpus heterophyllus*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ìyámi, Èṣù, Ṣàngó*

Características: uma boa jaqueira chega a produzir cerca de 800 kg de frutos a cada ano, podendo gerar aproximadamente mais de 2.600 mudas, no mesmo período. As folhas são brilhosas, amendoadas e com nervuras. Os frutos são grandes, espinhosos, chegando a cerca de 70 cm.

Uso litúrgico: a tradução de seu nome em ioruba significa “aquela que anda bastante e é farta em seus frutos”. Devido a essa enorme produção de mudas no entorno de cada árvore, diz-se que ela “anda”. No Brasil, a jaqueira substituiu o mogno africano (*apáọ̀ká*), árvore sagrada dos iorubas, que não havia na flora brasileira. As *Ìyámi* moram na jaqueira e são as donas de seus frutos, razão pela qual se tornaram um interdito aos adeptos do Candomblé. As oferendas às Mães Ancestrais são feitas aos pés desta árvore. ***Apáọ̀ká*** é um título feminino utilizado no palácio de *Ọ̀yọ́*. O mesmo nome denomina uma das qualidades de *Ọ̀dẹ̀* no Candomblé. As folhas da jaqueira são utilizadas para assentamentos de *Èṣù*. O fruto da jaqueira é considerado como interdito para os adeptos do Candomblé. As sementes da jaca são cozidas ou assadas para ingestão, na culinária. V. *ìyámi òṣòròngà; apáọ̀ká*.

Uso na herbologia: na herbologia ioruba, o fruto é ainda capaz de ajudar como expectorante, antidiarreico, antiasmático e estimulante.

Parte usada: folha, fruto e semente.

Orin: Ver Capítulo 16: cânticos para as árvores mais antigas do mundo.

301-JASMIM-DA-ITÁLIA(junquilho)

Nome ioruba: *ìràwọ̀ yemọja*

Nome científico: *Isotoma longiflora (Willd.) Presl., Campanulaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja*

Características: planta de pequeno porte, com folhas ovaladas, de bordas pontiagudas recortadas. Flores brancas, únicas por haste, aromáticas, delicadas, em formato estelar. Miolo em folíolo saliente.

Uso litúrgico: banhos para crianças melhorarem o sono, ou para equilibrar a mente de pessoas ansiosas.

Uso na herbologia: as folhas piladas são usadas topicamente no tratamento de vitiligo. O decocto das raízes é ingerido para hérnia.

Parte usada: folha e raiz.

Orin: sem específico.

302-JASMIM-MANGA

Nome ioruba: *Ọ́fíndà, ítẹ̀tẹ̀*

Nome científico: *Plumeria rubra*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja, Òṣàlá, Ọ̀ṣùn*.

Características: planta de até 4 m de altura. Folhas fálicas. Flores em matiz branco, rosa ou avermelhado sempre dispostas em buquê. As flores têm formato estelar e miolo amarelado. Exalam perfume adocicado.

Uso litúrgico: as folhas maceradas compõem o àgbo das divindades associadas. As flores são usadas como ornamentos e oferendas.

Uso na herbologia: por ser considerada tóxica esta espécie não é usada.

Parte usada: flores.

Orin: sem específico.

303-JATOBÁ

Nome ioruba: *kóró okó*

Nome científico: *Hymenaea courbaril*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*

Características: árvore de grande copa. Folhas ovaladas, alternadas e grossas. Semente em favas pendulares em formato fálico. Flores miúdas. A árvore é lenhosa e produz resina densa.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios. As favas são colocadas nos assentamentos de *Èṣù*.

Uso na herbologia: a casca em decocto, assim como a resina extraída do tronco, tem propriedades adstringentes, vermífigas, estomacais e peitorais. Recomendado no tratamento das doenças de próstata, bexiga e das vias respiratórias. Eficiente em caso de blenorragia e febre. A resina é aplicada topicamente sobre as partes doloridas.

Parte usada: casca, resina e folha.

Orin: sem específico.

304-JENIPAPO

Nome ioruba: *bùjé*

Nome científico: *Genipa americana L., Rubiaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọya, Égún*

Características: árvore de grande porte.

Uso litúrgico: fruto usado para pinturas corporais e rituais para afastar a morte. A palavra *bùjé* ainda designa “tatuagem”. As folhas compõem banhos relativos às divindades associadas.

Uso na herbologia: a fruta é ingerida para facilitar a digestão, como afrodisíaco (para tratar impotência) e como diurético. O chá em infusão da casca da árvore é usado em anemias, má digestão e ingurgitamento do fígado (BARROS, 1999). Do fruto, prepara-se licor com bom efeito digestivo.

Parte usada: casca, fruto e folha.

Orin: sem específico.

305-JEQUITIBÁ

Nome ioruba: *igi ìnọ́ró*

Nome científico: *Coriniana brasiliensis*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: árvore muito alta, chegando a 40 m de altura. Tronco lenhoso, de cerne avermelhado. Folhas lanceoladas.

Uso litúrgico: as folhas servem para elevar a vida dos adeptos. O banho em maceração atinge este objetivo.

Uso na herbologia: a casca tem propriedades adstringentes, desinfetante, sendo recomendada, em decocto, topicamente, para tratar inflamações das mucosas. O mesmo chá, quente, em gargarejo, trata amigdalites, faringites, aftas, afecções da boca e anginas. Este mesmo líquido, em lavagem vaginal, ajuda no tratamento de doenças no útero e ovário.

Parte usada: folha e casca.

Orin: sem específico.

306-JIBOIA

Nome ioruba: *ewé dan*

Nome científico: *Epipremnum aureum*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣùmàrè*

Características: trepadeira que atinge até 10 m de comprimento. Folhas em formato cordiano, lisas, brilhosas, com manchas amareladas naturais. Em espaço contido, serve como planta ornamental.

Uso litúrgico: a maceração das folhas é um dos principais elementos nos banhos iniciáticos da divindade associada. É usada como ornamento de celebrações a *Òṣùmàrè*.

Uso na herbologia: considerada tóxica.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

307-JEQUITIRANA(patinho-roxo)

Nome ioruba: *kánkànésìn*

Nome científico: *Centrosema brasilianum (L.) Benth., Leguminosae-Faboidea*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Nàná, Ọbalúwáiyé, Òṣùmàrè*

Características: planta trepadeira. Folhas lanceta das opostas. Flores liláceas chamativas e formato de vulva.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios das divindades associadas.

Uso na herbologia: o chá em infusão da folha é usado como calmante.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

308-JINCOBILOBA(ginkgo biloba,nogueira-do-japão)

Nome ioruba: *ewé labalábá*

Nome científico: *Ginkgo biloba L.*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: árvore de grande porte. Uma das espécies mais antigas do mundo, sendo considerada como um fóssil vivo. Sua origem, na Ásia, conta mais de 200 milhões de anos. Espécies no Japão sobreviveram até mesmo a ataques nucleares. Suas folhas possuem formato que lembra asas abertas de borboletas. Flores amarelas.

Uso litúrgico: banhos com as folhas ou cascas secas, para calma e prosperidade.

Uso na herbologia: usada no tratamento de vertigens, Alzheimer e labirintite.

Parte usada: folhas e cascas.

Orin: sem específico.

309-JITIRANA(campainha,corda-de-viola,jitirana-vermelha,primavera-de-caiena)

Nome ioruba: *etí ológbò, ewé kawókawó, sárá ọ̀rọ́bà*

Nome científico: *Ipomea hederifolia L., Convulvulaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọya, Ṣàngó*

Características: trepadeira. Folhas em forma de coração e alternas. Flores vermelhas, de corola alta e miolo com folíolo protuberante.

Uso litúrgico: os banhos com a maceração das folhas são recomendados para proteção

contra energias negativas.

Uso na herbologia: as flores piladas, em uso tópico, são úteis para diminuir a dor em luxações.

Parte usada: flor e folha.

Orin: sem específico.

310-JUAZEIRO(juá,enjuá)

Nome ioruba: *èso ojú òbúkọ*

Nome científico: *Zizyphus joazeiro*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọdẹ*

Características: árvore espinhosa e alta. O esgalhamento começa desde o solo. Forma copa ampla. Folhas lustrosas e elípticas. Flores em ramos. Fruto redondo.

Uso litúrgico: compõe o *àgbo* do *òrìṣà*.

Uso na herbologia: a casca, por decocção, é usada para febres intermitentes.

Parte usada: casca e folha.

Orin: sem específico.

311-JUCÁ(jucaína,pau-ferro)

Nome ioruba: *igi irin*

Nome científico: *Caesalpina ferrea*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ògún*

Características: árvore lenhosa de tronco duro, manchado acinzentado e liso. Folhas verdes, ovaladas, dispostas em palmas. Flores em cachos piramidais.

Uso litúrgico: compõe o *àgbo* de *Ògún*.

Uso na herbologia: o chá com a decocção da casca e da raiz é recomendado no tratamento de enterocolite, afecções bronco pulmonares, diabetes, diarreias e como depurativo do sangue.

Parte usada: casca, raiz e folha.

Orin: sem específico.

312-JUCIRI(juceri, juqueri,jequiriúba)

Nome ioruba: *òdòdó ọkàn-ìfà*

Nome científico: *Solanum oleraceus*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: herbácea comum próximo a praias e locais úmidos. Haste cilíndrica e rasteira. Ramos com espinhos. Folhas alternas. Flores em ramos; cálice em campânula, com penta divisão. Fruto esférico em baga.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios.

Uso na herbologia: o uso tópico das flores sobre as feridas e no bico dos seios ajuda na cicatrização.

Parte usada: folha e flor.

Orin: sem específico.

313-JUREMA(espinheiro,jurema-preta,juremeira)

Nome ioruba: *igi ọkùnrin pupa*

Nome científico: *Acacia jurema Mart., Leguminosae-mimosoideae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọdẹ*

Características: árvore de grande porte. Folhas ovaladas, opostas, dispostas em ramos. Flor branca em pendão.

Uso litúrgico: trata-se de uma árvore nativa do Brasil, muito utilizada por diversas etnias indígenas. Daí o nome dado pelos iorubas: “árvore do homem vermelho”. A bebida “jurema”, de origem indígena, é feita a partir da casca desta árvore misturada à aguardente, gengibre e melado, em molho por sete dias. O banho com a maceração das folhas compõe o *àgbo* de *Ọdẹ*, sendo ainda recomendado para fortalecer espiritualmente os indivíduos.

Uso na herbologia: o chá com o decocto da casca é recomendado para tratar cancros, erisipela, febres e úlceras.

Parte usada: casca.

Orin: sem específico.

314-JURUBEBA

Nome ioruba: *igbá àjà, igbá igún, ewé òṣónú, kisikisi*

Nome científico: *Solanum paniculatum*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Nàná*

Características: planta de pequeno porte, com folhas lanceoladas, de bordas irregulares. Flores em matiz arroxeado, no formato estelar, com miolo em folíolo protuberante.

Uso litúrgico: compõe o *àgbo* de *Nàná*.

Uso na herbologia: a infusão das folhas, ou o sumo das mesmas, funciona como estimulante biliar. Eficiente no tratamento do fígado, baço, catarro na bexiga, hidropisia, diabetes e como diurético.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

L 

Leque-da-Oxum

315- LÁGRIMA-DE-NOSSA-SENHORA(capim-de-nossa-senhora, capim-rosário, lágrima-de-jó)

Nome ioruba: *ewé ojú omi*

Nome científico: *Coix lacryma-jobi L., Poaceae (Gramineae)*

Elemento da natureza: água

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá, Yemọja, Ọdẹ, Ọsányìn*

Características: relva com folhas finas, compridas, lancetadas e com nervura central. As sementes são arredondadas.

Uso litúrgico: compõe os banhos iniciáticos das divindades associadas. As sementes secas, de cor acinzentada, servem para a confecção de adereços, enfeites e guias para Pretos Velhos.

Uso na herbologia: banhos são recomendados como excitantes e antirreu-máticos. As sementes são usadas como tratamento de retenções urinárias e asma (BARROS, 1999). A aplicação externa atua em reumatismos e inchaços.

Parte usada: folhas e sementes.

Orin: sem específico.

316-LARANJEIRA

Nome ioruba: *jàganyìn, òrombó dídùn, òrombó múmu, ọsàn nlá*

Nome científico: *Citrus aurantium L., Rutaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọṣùn, Nàná, Ọbà, Ọya, Yẹwà, Yemọja*

Características: arvoredo de folhas duras, brilhosas, com a parte superior em verde-escuro e a inferior em tom mais claro. Flores perfumosas e pequenas em buquê. Fruta arredondada, comestível, de polpa gomosa, amarela e suculenta.

Uso litúrgico: as frutas servem como oferendas. As folhas compõem o *àgbo* de todas as

divindades femininas. Acredita-se que esta planta possua poderes de reanimar as pessoas, conferindo dinamismo à vida. Logo, o banho é prescrito a todos que tenham tais propósitos.

Uso na herbologia: rico em vitamina C, o fruto é ingerido de forma propedêutica ou terapêutica em relação a: escorbuto, asma, gengivite, câncer de mama, arteriorclerose. A ingestão do fruto (incluindo o bagaço, é recomendado para ajudar na digestão.

Parte usada: folha e fruta.

Orin: sem específico.

317-LARANJEIRA-DO-MATO(limãozinho,quina-de-espinho,quina-peruana)

Nome ioruba: *òrombó igún*

Nome científico: *Mundia brasiliensis*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: todas as *Ayaba. V. ayaba no Glossário de Termos Utilizados.*

Características: arbusto pequeno e espinhoso, repleto de ramos. Flores pendentes. Fruto em cápsula bilocular.

Uso litúrgico: o mesmo da laranjeira.

Uso na herbologia: a raiz, em decocto, combate cólicas estomacais, intestinais e menstruais, flatulências e dispepsias.

Parte usada: folha e raiz.

Orin: sem específico.

318-LARANJINHA-BRANCA(capixaba,língua-de-galinha)

Nome ioruba: *ewé bonokó*

Nome científico: *Sebastiana brasiliensis Muel., Arg., Euphorbiaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ògún, Òṣùmàrè*

Características: arbusto de folhas brilhantes, alternas, amendoadas. Sementes em pequenos pendões verticais.

Uso litúrgico: folha de fundamento na iniciação dos filhos de *Òṣùmàrè*. Considera-se que esta planta possua muita energia. Razão pela qual, o banho com a maceração das folhas é indicado para vencer a inércia e a depressão. Usa-se ainda esta maceração para lavagem

dos apetrechos oraculares.

Uso na herbologia: o chá em decocto ajuda contra a depressão.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

319-LEQUE-DA-OXUM(acariçoba,erva-capitão)

Nome ioruba: *abẹbẹ ọṣùn*

Nome científico: *Hydrocotyle bonariensis Lam., Umbeliferae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹrọ*

***Òrìṣà* associado**: *Ọṣùn*

Características: planta arbustiva ornamental, caracterizada por grandes folhas em formato de leque.

Uso litúrgico: banho com a maceração das folhas para iniciações a *Ọṣùn* e para àgbo objetivando prosperidade.

Uso na herbologia: o decocto das raízes é indicado para combate à sífilis, diarreias, afecções do fígado e hidropisias. As folhas maceradas, em uso externo, é utilizada para remover manchas e sardas da pele (BARROS, 1999). Não se ingere as folhas por serem venenosas.

Parte usada: raiz e folhas.

Orin: sem específico.

320-LEVANTE-MIÚDA

Nome ioruba: *eré tútù*

Nome científico: *Mentha citrata L., Labiatae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹrọ*

***Òrìṣà* associado**: *Ọṣùn, Yemọja, Òṣàlá*

Características: planta de pequeno porte, delicada, de folhas amendoadas miúdas, com bordas picotadas. Flores liláceas pequeninas, dispostas em pendão.

Uso litúrgico: compõe o àgbo das divindades associadas. As folhas secas servem para defumação de atração de boas energias. Algumas tradições utilizam esta erva no preparo do banho de consagração dos búzios oraculares.

Uso na herbologia: uso tópico das folhas piladas em picada de insetos.

Parte usada: folha.

321-LIMA

Nome ioruba: *òrombó funfun*

Nome científico: *Citrus limettioides tanaka*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminina

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọbà, Òṣàlá*

Características: características similares às da laranja. Porém o fruto tem cor mais clara, menos adocicado, menos cítrico.

Uso litúrgico: compõem o àgbo das divindades.

Uso na herbologia: o chá das folhas e da casca da fruta aumenta a pressão arterial e combate problemas estomacais.

Parte usada: casca da fruta, fruta e folha

Orin: sem específico.

322-LIMOEIRO(limão)

Nome ioruba: *òrombó kíkan, ọsàn wẹ̀wẹ̀*

Nome científico: *Citrus limonia Osb., Rutaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọsányìn, Ọrúnmìlà*

Características: arvoredo semilenhoso, de folhas brilhantes, aromáticas, alternadas, oblongadas, com tonalidade verde-escuro na parte superior e verde-claro na parte inferior, dotadas de nervura central. Ramos espinhosos. Flores numerosas dispostas em cachos. Fruto redondo, verde, com polpa gomada e suculenta.

Uso litúrgico: o fruto não serve como oferenda. Acredita-se que possua energia capaz de afastar as pessoas e gerar conflitos. O fruto é usado como tempero e suco aos adeptos.

Uso na herbologia: rico em vitamina C, o fruto é utilizado em sucos para combater e prevenir a gripe, resfriados, tosses, problemas pulmomares, afecções do estômago, catarro, acidez estomacal, amenorreia, afonia, albuminúria, acne, adenite, afonia, afta, alcoolismo, amigdalite, anemia, ancilose, artrite, asfixia, asma, bócio, dispinéia, edema, enterite, envenenamento, enxaqueca, escarlatina, escorbuto, escrofulose, esterilidade, febre, febre puerperal, febre tifóide, fístula, gota, aneurisma, afecções da boca e do coração, blenorragia, intoxicação, lepra, mau hálito, nefrite, obesidade, prostatite, diabetes, varicocele e angina do peito. Funciona como excelente depurativo do sangue, trata apoplexia, cálculos da bexiga,

dispepsia, epilepsia, cálculos renais, evita câimbra e alivia dor ciática. O limão esfregado na cabeça cuida de caspas. Em uso tópico, funciona como cicatrizante, cura frieiras, unheiros, urticárias e atua contra menigite.

Parte usada: fruta e folha.

Orin: sem específico.

323-LIMO-DA-COSTA

Nome ioruba: *ẹmi*, *ọ̀ra orí*

Nome científico: *Vitellaria paradoxa (*antiga *Butyrospermum paradoxum)*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: esta árvore vive até cerca de 300 anos. Da amêndoa (semente) desta planta, extrai-se uma gordura que secularmente é utilizada na África Ocidental, da qual se produz a manteiga de *kàrítẹ*. Lit.: *ọ̀ra* (s. banha) + *orí* (s. cabeça).

Uso litúrgico: a manteiga, ou gordura, extraída da semente, é elemento utilizado nos rituais a *Orí*. Existe também a **banha de ori de origem animal**: *òrí*. A banha "*òrí*" é feita a partir do sebo do boi, cozido, até perder os resquícios da carne e sua cor avermelhada. Depois, separa-se a água e mistura o sebo com manteiga de cacau, até formar uma massa homogênea branco-amarelada.

Uso na herbologia: são largamente reconhecidos os efeitos calmantes e hidratantes desta árvore. É utilizada principalmente na dermatologia e na cosmetologia. Seu uso mais comum é em forma de aplicação tópica da manteiga extraída das sementes. Rica em ácidos graxos (saturados e insaturados, como ácido oleico, ácido esteárico), é indicada para tratar de pele seca, acne, queimaduras solares, feridas, eczema e dermatite de contato.

Parte usada: folha e semente.

Orin (SANTOS, 2014):

> ***"Té té ẹmi Agè mi ìro, àiyé aye***
>
> ***Té té ẹmi Agè mi ìro, àiyé aye***
>
> *Veneramos e cultuamos Agè e a planta ẹmi, para que nossa essência divina possa agitar os pensamentos e estes agitem nossa existência, nosso modo de viver*
>
> *Veneramos e cultuamos Agè e a planta ẹmi, para que nossa essência divina possa agitar os pensamentos e estes agitem nossa existência, nosso modo de viver."*

324-LIMONETE(aloísia,pluma-de-névoa,sândalo)

Nome ioruba: *ewé dídùn*

Nome científico: *Tetradenia riparia (Hochst.) Codd., Labiatae (Lamiaceae)*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja*

Características: arbusto de folhas aveludadas, arredondadas, aromáticas, de bordas recortadas circularmente. Flores brancas, miúdas, em pendões.

Uso litúrgico: as folhas são empregadas em banhos visando obter energias positivas e equilíbrio que redunde em prosperidade. Com a tintura, preparam-se óleos de encantamento.

Uso na herbologia: a tintura é aplicada topicamente em luxações.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

325-LÍNGUA-DE-GALINHA(guaxima,guanxuma-fina,língua-de-tucano)

Nome ioruba: *àlùpàyídà*

Nome científico: *Sida linifolia Cav., Malvaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Nàná e Òṣùmàrè*

Características: planta de pequeno porte. Folhas estreitas e lancetadas com nervura central. Flor delicada, única por haste, branca, com miolo grená e folíolo central amarelo.

Uso litúrgico: compõe o banho iniciático dos filhos de *Òṣùmàrè.*

Uso na herbologia: a infusão das folhas é empregada como vermífugo.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

326-LÍNGUA-DE-VACA(bredo, caruru,maria-gomes,major-gomes)

Nome ioruba: *ewé gbúre ọ̀ṣùn* V. bredo sem espinho.

Nome científico: *Talinum paniculatum (Jacq.) Gaertn*

Elemento da natureza: água

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn, Ṣàngó*

Características: planta de folhas tenras, ovaladas, opostas, com nervura central. Flores liláceas, de corola com cinco pétalas.

Uso litúrgico: com as folhas faz-se um guisado dedicado a *Ṣàngó Baru*. As folhas frescas compõem o àgbo das divindades associadas.

Uso na herbologia: a ingestão das folhas cozidas é recomendada como fortificante para o corpo. O chá em infuso trata blenorragia e dores de cabeça.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

327- LÍRIO-DO-BREJO(cardamomo,borboleta,lágrima-de-vênus)

Nome ioruba: *balabá*

Nome científico: *Hedychium coronarium Koening., Zingiberaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn, Ògún, Yemọja*

Características: planta de pequeno porte. Folhas ovaladas, lancetadas e com nervura central. Flores perfumosas, melíferas, brancas e dispostas em buquê.

Uso litúrgico: Esta planta é usada em banhos iniciáticos de diversas divindades ligadas ao elemento água. Seus ramos novos são utilizados na cabeça dos neófitos durante o ritual do *anlọ́dò*. V. *anlọ́dò*.

Uso na herbologia: as raízes em decocto são usadas como purgativas e antirreumáticas (BARROS, 1999).

Parte usada: folhas e raízes.

Orin: sem específico.

328-LOBEIRA(guarambá,fruta-do-lobo)

Nome ioruba: *èso kòrikò*

Nome científico: *Solanum lycocarpum*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Nànã́*

Características: arbusto de até 5 m de altura. Folhas aveludadas e arredondadas. Flor lilás em formato estelar, com miolo amarelo. Fruto arredondado lembrando um tomate.

Uso litúrgico: as folhas maceradas compõem banho propiciatório.

Uso na herbologia: o suco da casca do fruto é aplicado sobre a mordida de cobras. O chá das folhas é antidepressivo, excitante, diurético, combate gases estomacais e labirintite.

Parte usada: folhas e fruto.

Orin: sem específico.

329-LOMBRIGUEIRA(caxinguba,uapuim-açu)

Nome ioruba: *ewé ejò inú*

Nome científico: *Ficus anthelmintica*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ìyámi*

Características: árvore lenhosa. Produz resina leitosa. O fruto é uma amêndoa.

Uso litúrgico: as folhas compõem o *àgbo* das Mães Ancestrais. O banho com as folhas maceradas é recomendado para pessoas que necessitam equilibrar as energias com estas entidades.

Uso na herbologia: a seiva leitosa, em água, funciona como vermífugo. Eficaz na expulsão da tênia.

Parte usada: seiva e folha.

Orin: sem específico.

330-LOSNA(cravorana,erva-dos-vermes)

Nome ioruba: *ewé ìṣòṣó*

Nome científico: *Artemisia absinthium*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja*

Características: folhagem ornamental de até 1 m de altura. Folhas penatífidas, de cor verde acinzentada. Flores amarelas em pendões verticais.

Uso litúrgico: banhos propriciatórios.

Uso na herbologia: folhas e flores em infusão são empregadas em chá para cólicas, catarros, diarreia, envenenamentos, inapetência, gripe, histerismo, mau hálito, vermes, menstrução difícil e dolorosa. Tem efeito depurativo do fígado, rins, bexiga, estômago e pulmões. Com o chá morno e com as folhas cozidas faz-se compressa sobre o ventre para aliviar as dores

menstruais.

Parte usada: folhas e flores.

Orin: sem específico.

331-LOURO(loureiro)

Nome ioruba: *ewé ìborí*

Nome científico: *Laurus nobilis*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀sányìn*

Características: árvore semilenhosa, de tronco liso. Folhas ovoides, agudas, com nervura central. Flores miúdas, amarelas, em buquê.

Uso litúrgico: as folhas são largamente usadas no tempero das comidas servidas aos adeptos. As folhas servem para banhos propiciatórios e com fins de atrair boas energias. As folhas secas compõem defumações para prosperidade.

Uso na herbologia: para dispepsia, dor de estômago, diarreia e disenteria, usa-se chá das folhas em infusão. Para combater a amenorreia, ingere-se o suco das folhas diluído em água. Os frutos amassados, misturados com mel, são aplicados topicamente em feridas e ulcerações na pele.

Parte usada: fruto e folha.

Orin: sem específico.

332-LOURO-PRETO(canela-preta,pó-de-Santana)

Nome ioruba: *ewé ìborí dúdú*

Nome científico: *Nectranda mollis*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀sányìn*

Características: árvore copada de até 16 m de altura. Tronco lenhoso amarelado, com manchas escuras. Folhas viradas nas bordas. Flores esbranquiçadas e cheirosas. Fruto capsular.

Uso litúrgico: mesmas utilizações do louro.

Uso na herbologia: a casca reduzida a pó com diluição em água, funciona como diurético e emenagogo. O chá por infuso do caule e da folha é útil no combate à afecções do estômago,

azia, disenteria, diarreia, enterite e flatulência.
Parte usada: folha.
Orin: sem específico.



333-MACELA(macela-do-campo,macela-de-travesseiro,macelinha)

Nome ioruba: *ọkàn-tútù*

Nome científico: *Achyrocline satureioides*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọmọlu, Ọ̀ṣùn, Òṣàlá*

Características: arbusto de folhas estreitas lancetadas. Flores delicadas, amareladas, dispostas em pendões ascendentes.

Uso litúrgico: esta erva tem o poder de amansar o coração. Daí porque seu nome remete à tradução: "coração em paz". Desta forma, os banhos com a maceração das folhas da macela tem o propósito de ajudar o indivíduo a se esquecer de mágoas, ressentimentos e recomeçar.

Uso na herbologia: o chá em infusão das folhas e flores é recomendado para tratar indigestão, problemas estomacais, inapetência e perturbações gástricas. O sumo das folhas é indicado para ingestão em caso de ataque eplético ou no trato regular da epilepsia.

Parte usada: folha e flor.

Orin: sem específico.

334-MACIEIRA

Nome ioruba: *ápùùlù*

Nome científico: *Pyrus malus L., Rosaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: todos os *òrìṣà*

Características: árvore de grande porte, com copa ampla. Folhas pequenas amendoadas. Flores brancas em buquê. Fruta vermelha com massa interna branca, adocicada e consistente. Sementes internas na fruta.

Uso litúrgico: a fruta (maçã) compõe oferendas a diversas divindades. As folhas integram

banhos votivos a quaisquer òrìṣà. O consumo da fruta é comum entre adeptos, inclusive no período de retiro. Esta árvore é considerada calmante. Logo, os banhos seguem esta premissa. O outro nome dado pelos iorubas à maçã é: èso kan bí orò òyìnbó. Lit.: *èso* (s. fruta) + *kan* (adj. ácido) + *bí* (v. distribuir) + *orò* (s. costume) + *òyìnbó* (s. homem branco).

Uso na herbologia: a maçã tem propriedades adistringentes e terapêuticas. A ingestão da fruta e o chá por infusão da mesma (ou folha) são indicados terapêutica, ou propedeuticamente para nervosismo, febres, reumatismo, icterícia e pielite.

Parte usada: fruta e folha.

Orin: sem específico.

335-MACAÉ(alfazema-brava,neves,poejo-do-brejo)

Nome ioruba: *jógbó, làtórijẹ́, ọlátoríjẹ*

Nome científico: *Hyptis pectinata (L) Poit., Lamiaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: arbusto de folhas amendoadas, ásperas. Flores encapsu-ladas, dispostas em pendões verticais.

Uso litúrgico: as folhas maceradas compõem banhos propiciatórios.

Uso na herbologia: as folhas em infuso servem para o efeito sudorífero e estimulante geral do corpo.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

336-MANDIOCA(aipim,macaxeira,maniçoba)

Nome ioruba: *ẹ̀gẹ́, gbàgùúdá, gbàjadà, lánàsé, pákí*

Nome científico: *Manihot esculenta Crantz., Euphorbiaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù, Ṣàngó*

Características: caule vertical retilíneo. Folhas penta seccionadas. Raiz de massa branca, fibrosa e comestível.

Uso litúrgico: da raiz prepara-se a farinha de mandioca, matéria-prima de inúmeras comidas votivas do panteão jêje-nagô. A farinha de mandioca (ou farinha de mesa) é parte constante

da alimentação cotidiana dos adeptos no terreiro. A folha da mandioca, no Pará, é chamada de maniçoba; após um meticuloso cuidado, transforma-se em um dos pratos típicos mais importantes da culinária local.

Uso na herbologia: a papa feita de farinha de mandioca com água morna é aplicada em compressas em pústulas, inflamações, acnes e furúnculos.

Parte usada: folha e raiz.

Orin: sem específico.

337-MÃE-BOA

Nome ioruba: *ìyábẹ́yín*

Nome científico: *Ruellia germminiflora H.B.K., Acanthaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Nànã́*

Características: planta de pequeno porte. Folhas aveludadas, lanceoladas, opostas. Flores lilases, corola em cinco pétalas arredondadas, em formato estelar.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios.

Uso na herbologia: o rizoma é comestível, sendo recomendado como fortificante e complemento alimentar.

Parte usada: folha e rizoma.

Orin: sem específico.

338-MALVA(guanxima,guanxuma,malva-branca, malva-de-veludo)

Nome ioruba: *asíkutá, efín, èkuro oko*

Nome científico: *Sida cordifolia L., Malvaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: arbusto de pequeno porte. Folhas amendoadas, aveludadas, com bordas recortadas. Flores brancas com miolo amarelo.

Uso litúrgico: esta planta costuma compor o àgbo de todos os *òrìṣà*, sendo indispensável ao de *Òṣàlá.*

Uso na herbologia: as raízes em decocção servem para tratamento tópico da blenorragia, ou em ingestão, para catarro. As folhas amenizam as dores. Logo, piladas, são usadas em

compressas. Funciona como emoliente.

Parte usada: folha e raiz.

Orin: sem específico.

339-MALVA-ROSA(aramina,guaximacor-de-rosa,guaxima-roxa)

Nome ioruba: *àgbọ̀nrín, akérí, akẹ́, akẹ́ rìrí, bolobòló*

Nome científico: *Urena lobata L., Malvaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọdẹ, Òṣàlá*

Características: arbusto com até 5 m de altura. Folhas cordianas, ásperas, de bordas recortadas. Flores rosadas, com cinco pétalas arredondadas, miolo grená e folíolo central protuberante.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios para as divindades associadas.

Uso na herbologia: o chá da folha ou flor, em infusão, ajuda no trato de inflamações internas, tosse, nervosismo. O mesmo chá, em gargarejo, é eficiente para dor de dente e de garganta. A raiz, em decocto, é indicada para tratar cólicas.

Parte usada: raiz, folha e flor.

Orin: sem específico.

340-MAMOEIRO(mamão,papaia)

Nome ioruba: *ìbẹ́pẹ, ṣígù, ìṣígùn, gbègbère*

Nome científico: *Carica papaya L., Caricaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá, Yemọja*

Características: caule redondo suculento, encimado por folhas espalmadas e recortadas com nervuras em tom claro. Fruta ovalada de polpa tenra e sementes inclusas.

Uso litúrgico: esta planta acalma o *orí*. Os banhos com as folhas têm o propósito de elevar os pensamentos, serenar e harmonizar as pessoas. Compõe o àgbo das divindades associadas. A fruta serve como oferenda a várias divindades, bem como ao consumo dos adeptos.

Uso na herbologia: o consumo da fruta é recomendado para favorecer a digestão, combater inflamações, constipação e flatulência. A seiva leitosa que brota do caule, diluída em água,

atua positivamente em caso de úlcera estomacal.

Parte usada: folha e fruta.

Orin: sem específico.

341-MAMICA-DE-CADELA

Nome ioruba: *igi abo ajá*

Nome científico: *Zanthoxylum subserratum (Rutaceae)*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọmọlu*

Características: planta de folhas opostas, lanceoladas, dispostas em ramos. Os banhos são recomendados para fortalecimento espiritual e para aumentar a disposição.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios.

Uso na herbologia: reconhecida como tônica, a decocção da casca é recomedada para tratar dores de dente e de ouvido, mordedura de cobras, gases e azia (BRUNING, 2000).

Parte usada: folha e casca.

Orin: sem específico.

342-MAMONA(carrapateiro,mamona-branca,palma-de-cristo)

Nome ioruba: *ewé lárà, ewé lárà funfun*

Nome científico: *Ricinus communis L., Euphorbiaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: arbusto de hastes redondas, ocas, com folhas verdes, espalmadas, com várias pontas, bordas recortadas, uma por haste. Sementes capsulares espinhosas em cachos.

Uso litúrgico: a tradução de seu nome ioruba (*ewé lára*) significa “folha que faz o corpo renascer”. Por isso é largamente utilizada em diversos ritos, de modos variados: para revestir o chão durante os atos sacrificiais, para servir de depositário de oferendas (no terreiro ou na natureza), para envolver os elementos dos trabalhos rituais, na comunhão das comidas votivas do *olúbájẹ*, ou na cerimônia do *sàsányìn*, ou como utensílio geral no embalo de elementos sacros. É ainda usual colocar uma folha nova na cabeça dos oficiados no *Bọrí*; incluir as folhas nos banhos durante o processo iniciático; usar uma folha junto ao órgão genital feminino, quando estas estão menstruadas. V. *olúbájẹ, sàsányìn*.

Uso na herbologia: os seus caroços (encontrados dentro das sementes espinhosas) são triturados e usados para espantar carrapatos. O óleo de rícino é extraído das sementes e serve para tratar constipação. As folhas frescas cozidas ou piladas com sal grosso servem como compressas para luxações, entorces e dores localizadas. Nas suas folhas jovens e nas suas flores, encontra-se a ricinina (alcaloide), substância que pode ajudar a memória em dosagem precisa, já que a ricinina também pode ocasionar convulsões e tonteiras. A semente não deve ser ingerida diretamente, pois é considerada tóxica.

Parte usada: semente e folha.

Orin: sem específico.

343-MAMONA-VERMELHA

Nome ioruba: *ewé lárà pupa*

Nome científico: *Ricinus sanguneus*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá, Ọ̀ṣányìn*

Características: arbusto de hastes redondas, ocas, com folhas avermelhadas, espalmadas, com várias pontas, bordas recortadas, uma por haste. Sementes capsulares espinhosas e em cachos.

Uso litúrgico: o mesmo da mamona. V. mamona.

Uso na herbologia: o mesmo da mamona. V. mamona.

Parte usada: semente e folha.

Orin: sem específico.

344-MAMONA-ROXA

Nome ioruba: *ewé lárà ẹlésè àlùkò*

Nome científico: *Ricinus communis*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: arbusto de hastes redondas, ocas, com folhas arroxeadas, espalmadas, com várias pontas, bordas recortadas, uma por haste. Sementes capsulares espinhosas e em cachos.

Uso litúrgico: o mesmo da mamona. V. mamona.

Uso na herbologia: o mesmo da mamona. V. mamona.

Parte usada: semente e folha.

Orin: sem específico.

345-MANACÁ(aguaceiro,jasmim-do-paraguai,manacá-cheiroso)

Nome ioruba: *ìrúwé ayaba*

Nome científico: *Brunfelsia uniflora (Pohl) D. Don., Solanaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Nànáa*

Características: arbusto ornamental. Folhas amendoadas, verde-escuro, brilhosas, com nervura central. Flores perfumosas, nas cores branca, lilás e roxa no mesmo pé.

Uso litúrgico: as folhas são usadas em trabalhos de limpeza energética do corpo e de ambientes. As folhas secas, em defumação, atendem ao mesmo propósito. Compõem o *àgbo* de *Nànáa*.

Uso na herbologia: as raízes, em decocto, produzem chá indicado para tratar amenorreia; age como antissifilítico, antirreumático, purgativo, emanogogo e diurético. As doses devem ser comedidas para evitar coceiras, letargia, febre e vômitos (BALBACH, 1992).

Parte usada: raiz e folha.

Orin: sem específico.

346-MANDACARU(arumbeva,urumbeba)

Nome ioruba: *ìrúwé èṣù, ẹ̀gún*

Nome científico: *Cereus jamacaru D.C., Cactaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*

Características: espécie de cacto de caule longo, suculento, gomeado, repleto de espinhos nas bordas de cada gomo.

Uso litúrgico: o caule pilado serve para sacralizar os apetrechos rituais de *Èṣù*.

Uso na herbologia: o sumo extraído do caule, é base para a confecção de xarope muito eficiente no combate às doenças do pulmão. A massa restante do caule pilado, após a extração do sumo, amornada, é usada como compressa em ulcerações e inflamações na pele. As flores em infusão resultam em chá indicado para aumentar a diurese.

Parte usada: caule.

Orin: sem específico.

347-MANGUEIRA

Nome ioruba: *igi mángòrò*

Nome científico: *Mangifera indica*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ògún*

Características: árvore de grande porte, largamente copada. Raízes expansivas. Folhas lanceoladas em matiz verde-escuro, com nervura central. Flores pequenas. Fruta carnuda de polpa amarela e semente grande inclusa (manga).

Uso litúrgico: a mangueira, embora não seja uma espécie nativa do Brasil, foi utilizada por muitos Candomblés como árvore substituta da figueira africana. Suas folhas são usadas em trabalhos de limpeza espiritual de pessoas e ambientes. Os banhos com a maceração das folhas é indicado com o mesmo fim. As frutas servem como oferendas a diversas divindades e são consumidas pelos adeptos. A manga (fruta) recebe os seguintes nomes em ioruba: *mọ́gòrò, mángòrò, òró òyìnbó, séri*. V. figueira africana.

Uso na herbologia: o consumo da fruta (rica em terebintina e caroteno) é propedêutico e terapêutico. Contudo, contraindicado para quem possui problemas renais. A casca da fruta é usada para tratar cólicas e hemorragias. As folhas e a polpa são úteis para combater asma e diarreias. Segundo herbalistas, o suco pode ser abortivo (BRUNING, 2000).

Parte usada: fruta e folha.

Orin: sem específico.

348-MANGUE-VERMELHO(canaponga,canguçu,guarapari,manguezal)

Nome ioruba: *àbàtà pupa*

Nome científico: *Rhizofora mangle*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Nànà*

Características: arbusto que medra na beira de rios, pântanos e lagos, formando os "manguezais". Suas raízes aéreas descem pela água e se instalam no leito. Folhas amendoadas, opostas e resistentes.

Uso litúrgico: servem para compor o àgbo de *Nàná*, bem como para trabalhos relativos a esta divindade.

Uso na herbologia: o decocto da casca é usado contra diarreias, disenterias, leucorreias e hemorragias.

Parte usada: casca e folha.

Orin: sem específico.

349-MANJERICÃO(manjericão-de-folha-larga, manjericão-grande)

Nome ioruba: *efínrín*

Nome científico: *Ocimum basilicum L., Labiatae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá, Ọ̀ṣùn, Yemọja*

Características: planta de pequeno porte, habituada a ambientes úmidos e com pouca incidência solar. Folhas odoríficas opostas, amendoadas, tenras, com nervuras em baixo relevo. Flores brancas, pequenas, em pendão.

Uso litúrgico: as folhas compõem o àgbo de iniciação de todas as divindades. Esta erva possui a energia da renovação, da esperança e da fertilidade. Logo, os banhos com a maceração das folhas possuem tal objetivo. As folhas secas são usadas em defumação com o mesmo propósito. As folhas são usadas como tempero na culinária dos terreiros.

Uso na herbologia: as folhas ingeridas, ou em chá por infusão, possuem as mesmas indicações: combate à flatulência, má digestão, cólicas do intestino e estomatites.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

350- MANJERICÃO-DE-FOLHA-MIÚDA (manjericão,manjericão-comum)

Nome ioruba: *efínrín kékeré*

Nome científico: *Ocimum minimum L., Labiatae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá, Ọ̀ṣùn, Yemọja*

Características: planta de pequeno porte, habituada a ambientes úmidos e com pouca incidência solar. Folhas miúdas odoríficas opostas, amendoadas, tenras, com nervuras em

baixo relevo. Flores brancas, pequenas, em pendão.

Uso litúrgico: os mesmos do manjericão. V. manjericão.

Uso na herbologia: os mesmos do manjericão. V. manjericão.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

351-MANJERICÃO-ROXO

Nome ioruba: *efínrín pupa*

Nome científico: *Ocimum basilicum L., Labiatae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàgiyán, Ayrà*

Características: planta de pequeno porte, habituada a ambientes úmidos e com pouca incidência solar. Folhas miúdas, arroxeadas, odoríficas, opostas, amendoadas, tenras, com nervuras em baixo relevo. Flores brancas, pequenas, em pendão.

Uso litúrgico: os mesmos do manjericão. V. manjericão.

Uso na herbologia: os mesmos do manjericão. V. manjericão.

Parte usada: folha

Orin: sem específico.

352-MANJERONA

Nome ioruba: *ewé akọ́gbà*

Nome científico: *Origanum majorana L., Labiatae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó*

Características: herbácea desenvolvida em touceira. Ramos finos e elevados. Folhas pequenas, opostas e ovais, esbranquiçadas. Flores brancas e miúdas.

Uso litúrgico: esta erva está associada ao progresso nos negócios e à prosperidade financeira. Com ela, são feitos trabalhos para o *Odù Ọ̀bàrà* (associado à riqueza) e a *Ṣàngó*. Com as folhas frescas em maceração são feitos banhos propiciatórios. As folhas secas servem a defumação. Esta espécie é utilizada como tempero e compõe saladas, na alimentação dos adeptos no terreiro.

Uso na herbologia: em uso tópico, a manjerona pilada com gordura vegetal, transforma-se

em pomada usada no combate ao catarro nasal. A mesma pomada, aplicada sobre o ventre, ameniza as cólicas. Os banhos quentes com o infuso da folha são úteis no trato da debilidade muscular e nevrálgica. Para o histerismo, dispepsia e afecções do estômago, indica-se chá com a infusão das folhas. A folha cozida serve como compressa tópica em contusões, queimaduras, tumores, reumatismo e ajuda na cicatrização de feridas.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

353-MARACUJÁ(maracujá-comum, maracujá-de-garapa,flor-da-paixão)

Nome ioruba: *kankìnse*

Nome científico: *Passiflora edulis Sims., Passifloraceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọya, Ibéjì*

Características: trepadeira de folhas brilhosas, tripartidas. Flores exóticas brancas com miolo arroxeado. Fruto redondo, amarelo, de polpa suculenta, sabor acridoce e sementes inclusas.

Uso litúrgico: os frutos servem como oferendas a diversas divindades, tais como *Ọya, Ọdẹ, Ibéjì*; bem como ao consumo geral dos adeptos. Os banhos com as folhas maceradas propõem tranquilizar as emoções e a facilitar o processo do transe mediúnico.

Uso na herbologia: a ingestão da polpa da fruta, ou do suco da mesma, é indicada contra dores em geral, para tratar insônias, hipertensão, alcoolismo, como diurético e desinfetante. A semente e a raiz são vermífugas.

Parte usada: fruta, folha, raiz.

Orin: sem específico.

354-MARAJOARA(murici,murici-do-campo,murici-pitanga)

Nome ioruba: *akeri*

Nome científico: *Byrsonima crassifólia (L.) H.B.K., Malpighiaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọdẹ*

Características: planta de folhas oblongadas, com nervura central e diagonal simétrica. Flores amarelas miúdas, em pendões verticais. Frutos pequenos, amarelos arredondados.

Uso litúrgico: banhos iniciáticos para *Ọdẹ*. Da fruta, extrai-se o sumo para consumo geral.
Uso na herbologia: a ingestão da fruta é recomendada para tratar bronquite e tuberculose.
Parte usada: fruta e folha.
Orin: sem específico.

355-MARAPUAMA(muiratã,marantã,pau-homem)

Nome ioruba: *ewé ọkùnrin*
Nome científico: *Acanthes virilis*
Elemento da natureza: terra
Gênero: masculino
Porte: *kékeré*
Energia: *gún*
***Òrìṣà* associado**: *Èṣù, Ògún, Ọdẹ*
Características: arbusto de folhas brilhosas e lanceoladas. Flores brancas, miúdas, odoríficas, dispostas em haste.
Uso litúrgico: banhos relativos às divindades associadas. Esta erva é muito dinâmica. Logo, seu uso objetiva aumentar a autoestima e o poder realizador.
Uso na herbologia: as folhas funcionam como tônico neuro muscular. A raiz, em decocto, é empregada no tratamento de beribéri e de paralisia muscular. A tintura feita com as hastes novas, em ingestão, é útil em casos de reumatismo crônico, impotência, gripe, debilidade, astenia e ataxia locomotriz.
Parte usada: folha, haste e raiz.
Orin: sem específico.

356-MARAVILHA(boas-noites,bonina,jalapa-falsa)

Nome ioruba: *tannáposọ́*
Nome científico: *Mirabilis Jalapa L., Nyctaginaceae*
Elemento da natureza: água
Gênero: feminino
Porte: *kékeré*
Energia: *ẹ̀rọ̀*
***Òrìṣà* associado**: *Yẹ̀wà*
Características: planta de pequeno porte, que medra em locais úmidos com baixa insolação. Folhas oblongadas, opostas. Flores podem ser brancas, lilás, vermelhas, amarelas.
Uso litúrgico: esta planta é utilizada nos banhos de iniciação de *Yẹ̀wà*, assim como serve para cobrir os objetos de culto (*ìdí òrìṣà*) de *Ọbà*.
Uso na herbologia: os tubérculos são purgativos e diuréticos. As flores piladas servem em compressa para curar herpes, sardas e manchas. O suco das folhas tem o mesmo fim.

Parte usada: folha, flor e tubérculo.

Orin: sem específico.

357-MARGARIDA

Nome ioruba: *òdòdó ọ̀dàn-ìṣeré*

Nome científico: *Leucanthemum vulgare*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn, Yemọja*

Características: planta ornamental de caule levemente aveludado. Folhas opostas, de bordo recortado, aveludadas. Flores únicas, com múltiplas pétalas por corola. Podem ser de corola branca e miolo amarelo, ou de corola amarela e miolo ocre.

Uso litúrgico: as flores servem como oferendas e ornamentos a todas as divindades femininas. As folhas, em maceração, servem a banhos propiciatórios.

Uso na herbologia: em infusão, as folhas e flores servem como calmante e fortificante. O mesmo chá é ainda indicado para combater o esgotamento nervoso, febres, gripes e inflamações.

Parte usada: folha e flor.

Orin: sem específico.

358-MARIA-MOLE(flor-das-almas)

Nome ioruba: *òdòdó égún*

Nome científico: *Senecio brasiliensis*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọya, Égún*

Características: planta de pequeno porte. Folhas finas, lanceoladas, com nervura central. Flores amarelas, dispostas em ramos ascendentes.

Uso litúrgico: as flores servem como oferendas e as folhas maceradas, para banhos e sacralização de apetrechos rituais.

Uso na herbologia: o sumo das folhas, em uso tópico, cura dor de ouvido. Prepara-se pomada com as folhas e gordura vegetal, com bom resultado em coceiras e impingens. As folhas cozidas são usadas como compressas no trato do reumatismo.

Parte usada: folha e flor.

Orin: sem específico.

359-MARIA-PRETA(balaio-de-velho,maria-preta-verdadeira)

Nome ioruba: *ewé sọlẹ̀*

Nome científico: *Eupatorium ballotaefolium H.B.K., Compositae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Nànà, Ọmọlu, Òṣùmàrè*

Características: arbusto de folhas oblongadas, ásperas. Frutos redondos, pretos, em cachos. Flores brancas, pequenas, com cinco pétalas, em formato estelar.

Uso litúrgico: as folhas frescas maceradas são usadas nos ritos iniciáricos das divindades associadas.

Uso na herbologia: As folhas em decocção são empregadas, em compressas, no trato de ulcerações na pele.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

360-MARIA-SEM-VERGONHA(boa-noite,vinca-de-gato, vinca-de-madagascar)

Nome ioruba: *káalẹ́*

Nome científico: *Catharanthus roseus (L) G. Don., Apocynaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàgiyán, Oṣàlúfọ́n*

Características: arbusto pequeno. Folhas obovaladas, brilhosas, com nervura central. Flor com corola de cinco pétalas arredondadas, dispostas em forma estelar. As cores podem ser: toda branca, ou lilás com o miolo arroxeado.

Uso litúrgico: a espécie de flores brancas atende a *Oṣàlúfọ́n*; a de flores lilás, a *Òṣàgiyán*. As respectivas folhas, maceradas, compõem o *àgbo* destas divindades.

Uso na herbologia: as folhas em infusão são úteis no tratamento de diabete, câncer e leucemia; bem como indicada no combate a tumores de estômago, testículo, mama, pulmão e rins (BARROS, 1999).

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

361-MARIRIÇÓ(baririçó,capim-rei)

Nome ioruba: *ìrúwé ọbabínrin*

Nome científico: *Sisyrinchium galaxioides*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn, Yemọja*

Características: rizoma cilíndrico, vertical. Folhas finas, lanceoladas, compridas. Flores amareladas, dispostas no ápice da haste do rizoma, em ramalhete.

Uso litúrgico: folhas usadas em banhos propiciatórios.

Uso na herbologia: o infuso pela manhã, em jejum, funciona como laxante. Em ingestão, combate dermatoses, abre o apetite e ameniza as cólicas do fígado.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

362- MARUPÁ(marupá-mirim,marupaúba,papariúba)

Nome ioruba: *ìtẹ̀lẹ́ nlá*

Nome científico: *Simaruba officinalis*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ògún*

Características: árvore de porte grande, com até 25 m de altura. Tronco lenhoso de casca espessa, porosa e bastante fibrosa. Folhas alternadas, lanceoladas, dispostas em ramos. Flores pequenas, brancas, em ramos, com cálice campanulado. Fruto em forma de azeitona, com caroço encapsulado.

Uso litúrgico: esta árvore está associada ao progresso e à evolução. Logo, os banhos em maceração buscam este propósito.

Uso na herbologia: a casca da raiz, em infuso, é empregada no tratamento de diarreia, disenteria, cólicas, leucorreia e vermes. A casca ralada, em uso externo, funciona como cicatrizante.

Parte usada: casca, folha e raiz.

Orin: sem específico.

363-MARUPÁ-DO-CAMPO(marupaí-do-campo,mata-barata,pau-

paraíba)

Nome ioruba: *ìtẹ̀lẹ́ nlá yobá*

Nome científico: *Simaruba versicolor*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn, Ọya*

Características: árvore de porte médio, com até 5 m de altura. Tronco lenhoso de casca esbranquiçada, de madeira clara, leve e porosa. Folhas compostas, lanceoladas, dispostas em cachos. Flores pequenas, branco esverdeadas. Fruto ovalado e comprido.

Uso litúrgico: esta árvore está associada ao progresso e à evolução. Logo, os banhos em maceração buscam este propósito.

Uso na herbologia: a casca seca, transformada em pó, é aplicada externamente, no combate a piolhos. A casca em decocto é indicada no trato de diarreias sanguinolentas. Os frutos secos e reduzidos à condição de pó funcionam como antissifilíticos. A casca e o fruto são empregados para amainar a febre e tratar epilepsia.

Parte usada: casca, folha e raiz.

Orin: sem específico.

364-MASTRUZ(mastruço,mentruz,mentrusto)

Nome ioruba: *ewé iṣinisini*

Nome científico: *Lepidium sativum L., Brassicaceae (Cruciferae)*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù, Égún*

Características: haste redonda, vertical, encimada pelas delicadas flores capsulares, brancas, ou amarelas, sempre dispostas em ramos. Folhas aveludadas, lanceoladas, de bordas irregulares.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios das divindades associadas.

Uso na herbologia: usado em infusão contra doenças no peito, bronquite, males do estômago e dos rins. Funciona com eficiência como diurético. O sumo das folhas é indicado como vermífugo e depurativo do sangue. Pode ser ingerido em saladas, com os mesmos fins.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

365-MELANCIA

Nome ioruba: *bàrá*

Nome científico: *Citrullus lanatus (Thunb.) Mansf., Cucurbitaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja*

Características: planta rasteira. Folhas ásperas, cordiformes. Fruta grande, ovalada, de casca grossa e verde, polpa vermelha, suculenta, fibrosa, repleta de sementes.

Uso litúrgico: a fruta é usada como oferenda a diversas divindades, assim como atende ao consumo dos adeptos no terreiro.

Uso na herbologia: a ingestão da fruta é recomendada para tratar obesidade e a deficiência orgânica, face às suas propriedades ínsitas: ferro, vitaminas A, B1, B2, B5 e C, gorduras, carboidratos, cálcio e proteínas (BARROS, 1999).

Parte usada: fruta.

Orin: sem específico.

366-MELÃO

Nome ioruba: *ẹ̀gúsí*

Nome científico: *Cucumis melo L., Cucurbitaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: planta rasteira. Folhas arredondadas, crespas, de bordas irregulares. Flores amarelas pequenas em cálice. Fruta redonda, de polpa suculenta e sementes encrustradas.

Uso litúrgico: como oferenda, a fruta atende a várias divindades. Serve também ao consumo dos adeptos no terreiro.

Uso na herbologia: o consumo da fruta é indicado para tratar e evitar doenças da bexiga.

Parte usada: fruta.

367-MELÃO-D'ÁGUA

Nome ioruba: *agẹ tútù, agbéye, itakún*

Nome científico: *Citrullus citrull (L.) Karst., Cucurbitaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja*

Características: planta rasteira. Folhas recortadas, crespas, de bordas irregulares. Flores amarelas pequenas em cálice. Fruta redonda, de casca verde, polpa suculenta amarelada e sementes encrustradas.

Uso litúrgico: a fruta atende a várias divindades, como oferenda. Serve também ao consumo dos adeptos no terreiro.

Uso na herbologia: o chá da folha e da casca da fruta, em infusão, é usado para favorecer a gravidez.

Parte usada: fruta.

Orin: sem específico.

368-MELÃO-DE-SÃO-CAETANO(erva-de-são-caetano,erva-de-lavadeira)

Nome ioruba: *ejìnrìn*

Nome científico: *Momordica charantia L., Cucurbitaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Nànã, Ọbalúwáiyé*

Características: trepadeira. Folhas crespas, de cheiro desagradável, espalmadas, multipartidas. Flores amarelas, de corola em três pétalas. Fruto ovalado, pontiagudo, espinhoso, com sementes encapsuladas.

Uso litúrgico: em algumas Casas de Candomblé, utiliza-se esta planta para a confecção dos travesseiros usados durante o período de recolhimento no processo iniciático para todos os *Òrìṣà*. Em outras tradições, é considerado interdito. Os banhos com esta erva ajudam a estabelecer o vínculo entre o adepto e sua divindade.

Uso na herbologia: o chá em infusão das folhas apresenta bom resultado em caso de menstruações difíceis (amenorreia), leucorreia, febres, gripes e resfriados. As sementes piladas e peneiradas, misturadas com vaselina, servem como pomada para inflamações purulentas e eczemas.

Parte usada: folha e semente.

Orin: sem específico.

369-MEXERICA(bergamota, tangerina)

Nome ioruba: *ọsàn tanjarinni, tànjàrín*

Nome científico: *Citrus nobilis Lour., Rutaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọbà, Ọṣùn*

Características: arbusto. Folha obovalada, lisa, resistente, aromática, com nervura central. Flores brancas, com corola de cinco pétalas em formato estelar. Frutas arredondadas, de casca amarela, polpa suculenta e gomosa, com sementes inclusas.

Uso litúrgico: a fruta serve como oferenda a diversas divindades e atende ao consumo dos adeptos no terreiro. As folhas em maceração compõem os banhos das divindades associadas. Contudo, em algumas Casas de tradição *Kétu*, esta fruta é considerada como tabu.

Uso na herbologia: da casca é possível extrair um óleo útil à retirada de manchas e sardas da pele, em uso externo. O consumo do suco da polpa, ou da própria fruta, é indicado para tratar resfriados, gripes e problemas pulmonares.

Parte usada: casca da fruta, fruta e folha.

Orin: sem específico.

370-MIL-EM-RAMA(erva-de-carpinteiro,milefólio,mil-folhas,mil-folhada)

Nome ioruba: *àlà òdòdó*

Nome científico: *Achillea millefolium*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: planta de hastes numerosas, aveludadas. Folhas fendidas em lacínias lineares. Flores pequenas, brancas, dispostas em ramalhete.

Uso litúrgico: os banhos com as folhas compõem o àgbo de *Òṣàlá*. Esta planta está associda ao início de novas etapas na vida. Logo, os banhos possuem esta objetivação.

Uso na herbologia: as folhas em infusão atendem à debilidade do estômago, diarreia, dispepsias, câimbras, catarros acumulados, afecções do estômago e do fígado, cólicas, regras abundantes, escarlatina, hemorragias, febres (inclusive tifoide), doenças do fígado, bexiga e dos rins, incontinência urinária. A tintura das folhas e flores, ou as mesmas cozidas, funcionam bem, em uso externo, no trato de tumores, psoríase, feridas, sarda, eczema, contusões e manchas. As folhas e flores secas, piladas, aplicadas topicamente sobre feridas, produzem bom resultado.

Parte usada: folha e flor.

Orin: sem específico.

371-MILHO

Nome ioruba: *àgbàdo*

Nome científico: *Zea mays*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ògún, Ọdẹ, Ṣàngó, Òṣàlá, Yemọja*

Características: haste erecta, com folhas ásperas, lanceoladas, com nervura central acentuada. A flor do milho é o que se denomina “barba” ou “cabelo”. Os grãos dispostos nas espigas são os frutos, que ficam presos no sabugo.

Uso litúrgico: o milho é originário da América Central, onde teve seu cultivo domesticado há cerca de 7.500 anos. Desde sua origem, já era utilizado para fins religiosos pelos Astecas, Maias e Incas. No panteão das divindades Astecas, o milho era o emblema da deusa dos cereais *Centeotl*. O deus asteca da chuva e do trovão (*Tealoc*) carregava uma espiga de milho na mão. Foi levado à Europa possivelmente em 1493, depois que Colombo chegou às Américas. Há registros de que os portugueses introduziram o cultivo e o comércio de milho na África, no século XVI. O milho vermelho (***àgbàdo pupa***) torrado é usado em banhos para prosperidade. Outra espécie largamente utilizada no Candomblé é o milho branco (***àgbàdo funfun***). O milho branco moído é a base para a confecção de duas das mais importantes comidas votivas do Candomblé: o *àkàsà* e o *ègbo*, as quais agradam a todos os *Òrìṣà*. Segundo um *ìtàn*, o milho branco foi protegido pelo *Odù Éjì Ọlọ́gbọn Méjì*, que o resguardou da ação dos homens e dos pássaros, reservando-o para as divindades. O milho branco representa paz, prosperidade e suavidade. As folhas do milho (de qualquer espécie) servem para banhos de prosperidade, fartura e fertilidade. O milho vermelho, cru (espiga) ou cozido (debulhado), é servido como comida litúrgica do Candomblé aos *Òrìṣà Ọdẹ* e *Ọsányìn* e ainda é base para inúmeras receitas de agrado dessas divindades. O milho branco serve como oferenda a todos os *òrìṣà funfun*. A folha fresca (verde) do milho serve para o preparo de *àgbo* para os iniciados a *Ọdẹ*. Já seca, presta-se às defumações que objetivam prosperidade e fartura. Misturando e torrando suas folhas com pimentão e *ewé sìnkínrínminì* (barléria) e um pombo, obtém-se um pó que deve ser misturado com *àkàsà* frio e ingerido diariamente mediante um *ọfọ́*, com a finalidade de obter-se favores das feiticeiras. A espiga inteira é usada em uma receita para ajudar as mulheres no parto. O sabugo do milho (***pòpórò àgbàdo***) é utilizado para obtenção de vitórias em uma contenda. A palha que envolve o milho (***háríhá***) serve para compor uma receita que objetiva fazer a mulher grávida sentir-se mais leve. Seus grãos torrados (***àgbàdo súnsun***) são usados em trabalhos para que uma demanda judicial caia no esquecimento. ***Odidi àgbàdo*** ou ***eríkà*** (espiga inteira); ***pòpórò àgbàdo*** (sabugo de milho); ***háríhá*** (cabelo do milho); ***àgbàdo súnsun*** (grãos de milho torrados). V. *òrìṣà funfun; ọdẹ; ọ̀sányìn; àkàsà; ègbo*.

Uso na herbologia: a flor (cabelo do milho), em infusão, constitui um chá bastante eficiente no trato de cálculos renais.

Parte usada: flor, folha e fruto.

Orin: sem específico.

372-MIRRA

Nome ioruba: *kùkùté wọ́*

Nome científico: *Commiphora sp., Burseraceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: planta de caule suculento, retorcido. Folhas miúdas amendoadas e aromáticas.

Uso litúrgico: a resina produzida pelo caule é usada em defumações para atrair boas energias.

Uso na herbologia: o uso tópico da resina produz bons efeitos na cicatrização de feridas e de micoses; em uso interno, é eficiente como estomáquico.

Parte usada: resina.

Orin: sem específico.

373-MORANGO

Nome ioruba: *èso pupa òyìnbó*

Nome científico: *Fragaria vesca*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ibéjì*

Características: planta rasteira. Folhas compostas em três folíolos verdes, pilosos e de bordas denteadas. Flores miúdas, brancas ou rosadas.

Uso litúrgico: servem como oferendas a várias divindades e ao consumo geral dos adeptos.

Uso na herbologia: As folhas, raízes e frutas, são indicadas contra inflamações nos rins, retenção de urina, azia, gota, reumatismo, escorbuto, inflamações bucais, úlceras e males na bexiga.

Parte usada: folhas, raízes e frutas.

Orin: sem específico.

374-MOSTARDA

Nome ioruba: *ewé látípa*. Lit.: *ewé* (s. folha) + *lá* (v. lamber) + *tìpa* (adv. com esforço).

Nome científico: *Brassica rapa L., Cruciferae (Brassicaceae)*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ògún*

Características: planta de pequeno porte. Folhas ovaladas com nervura central e bordas irregulares. Flores amarelas miúdas dispostas em pendão.

Uso litúrgico: a folha da mostarda é utilizada para a confecção de pó, cuja energia proporciona reconhecimento aos que merecem.

Uso na herbologia: o infuso da folha é indicado contra dor de cabeça, reumatismo e como digestivo. A folha pilada e misturada com vinagre é aplicada sobre as picadas de cobra. O consumo da folha em saladas previne problemas ósseos.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

375-MOTAMBA(chico-magro, crideúva,folha-da-amizade,motambo,piriquiteira,seriúva)

Nome ioruba: *ewé ọfẹ́rẹ̀*

Nome científico: *Trema micranta (L) Engler., Ulmaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá, Ṣàngó, Ọya*

Características: arbusto de caule avermelhado, folhas aveludadas, lanceo-ladas, opostas em haste, com bordas levemente recortadas, aparentando nervura central e outras diagonais simétricas.

Uso litúrgico: suas folhas secas, piladas e peneiradas, transformam-se em um pó usado para reconciliações afetivas e familiares. Com suas folhas frescas maceradas, faz-se um banho com os mesmos propósitos. As folhas secas em defumação também têm o mesmo objetivo. As folhas devem ser colhidas nas manhãs de sol, nas luas crescentes ou cheias. Acredita-se que, caso colhidas fora destas especificações, o efeito gerado é contrário. Com sua madeira são confeccionados artesanatos religiosos.

Uso na herbologia: suas flores são melíferas, logo recomendáveis à apicultura, a fim de produzir um mel saudável e acrescentado das propriedades desta planta. A folha e o caule, em decocção, são usados no tratamento de feridas, reumatismo, sífilis e icterícia. O mesmo

chá, em uso externo, é indicado para hemorroidas e dor nos olhos.

Parte usada: folhas, frutas e caule.

Orin (SANTOS, 2014):

> ***"Ewé ọfẹ́ré***
> ***kó ma ìfẹ̀ ré re o***
> ***Ewé ọfẹ́ré***
> ***Ewé ọfẹ́ré***
> ***kó ma ìfẹ̀ ré re o***
> ***Ewé ọfẹ́ré***
> ***kó ma ìfẹ̀ airẹ***
> *Folha motambo*
> *Uma com muito amor e cordialidade*
> *os iniciados*
> *Folha motambo*
> *Uma com muito amor e cordialidade*
> *os iniciados*
> *Folha motambo."*

376-MURTA(murta-cheirosa,murta-cultivada,murta-vulgar,mirto)

Nome ioruba: *ojúran*

Nome científico: *Myrthus communis*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja, Òṣàlá*

Características: arbusto de caule vertical. Folhas miúdas, opostas, amendoadas. Flores pequenas e brancas, axilares, com miolo em folíolos. Fruto disposto em bagas azuladas e arredondadas.

Uso litúrgico: banhos iniciáticos referentes às divindades associadas. A murta é uma planta cuja energia remete ao sonho, à esperança e à pureza. As prescrições seguem esta orientação. As flores servem ainda como oferendas às divindades.

Uso na herbologia: as folhas secas, transformadas em pó, são usadas para ajudar na cicatrização do umbigo de recém-nascidos. Os banhos de murta são indicados no trato de anemia, neurastenia, reumatismo e elefantíase. As folhas e a casca dos ramos novos, em infusão, são utilizadas como terapia à leucorreia e como tônico.

Parte usada: folha, casca e flores.

Orin: sem específico.


Nega-mina

377-NABO(rabanete)

Nome ioruba: *ìtọ́wòtẹ́lẹ̀ ilẹ̀*. Lit.: *ìtọ́wòtẹ́lẹ̀* (s. paladar) + *ilẹ̀* (terra)

Nome científico: *Brassica rapa subsp. rapa*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọmọlu*

Características: planta de raiz tuberosa e arredondada. Folhas ascendentes ovaladas com nervura central. Raiz e folhas comestíveis.

Uso litúrgico: as raízes e as folhas são usadas na culinária dos adeptos no terreiro. As folhas maceradas compõem o àgbo de *Ọmọlu*.

Uso na herbologia: o consumo da raiz é considerado como fortificante. Assada e em uso tópico, combate frieiras.

Parte usada: raiz e folhas.

378-NEGA-MINA

Nome ioruba: *mójú kuku*

Nome científico: *Siparuna guyanensis Aubl., Monimiaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó*

Características: arbusto de folhas oblongadas, com nervuras centrais e diagonais acentuadas.

Uso litúrgico: os banhos objetivam proteger contra energias negativas. Logo, as folhas frescas maceradas são indicadas como descarregos. As folhas secas, em defumação, atendem ao mesmo propósito.

Uso na herbologia: o chá por infusão é indicado como tratamento para cólicas, tosses, impotência e reumatismo.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

379-NICURIZEIRO(alicuri,aricuri,licuri,nicuri,ucuri-iba)

Nome ioruba: *àgbásá ọgbà*

Nome científico: *Syagrus coronata (Mart.) Becc., Palmae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọdẹ*

Características: árvore de grande porte e tronco rugoso. Espécie de palmeira com a compleição típica: folhas lanceoladas com nervura central, alternas e opostas, fixadas em grandes hastes. Produz fruto como um coco.

Uso litúrgico: as folhas compõem o àgbo de *Ọdẹ*. Com as folhas das palmeiras, preparam-se adereços para os apetrechos rituais e para as roupas litúrgicas deste *òrìṣà*.

Uso na herbologia: o sumo do coco produzido por esta árvore, ainda verde, é usado topicamente em inflamações na vista e terçol.

Parte usada: fruto e folha.

Orin: sem específico.

380-NOGUEIRA

Nome ioruba: *kóró ọbọ*

Nome científico: *Juglans regia*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọsányìn*

Características: árvore de copa vasta. Folhas amendoadas, opostas, com nervuras simétricas no centro e nas diagonais, dispostas em ramos. Flores miúdas branco esverdeadas. Fruto redondo com semente encapsulada (noz).

Uso litúrgico: banhos com a maceração das folhas, objetivando reconciliação e paz.

Uso na herbologia: planta de efeito sudorífico. A raiz cozida, em uso externo, é indicada para tratar reumatismo. A tintura da casca do tronco torrada, trata pedras na bexiga. A ingestão das nozes é utilizada para favorecer o crescimento, equilíbrio dos nervos e como antioxidante. A casca da noz, em infuso, faz bem para os cabelos, seja em ingestão ou em uso tópico. O mesmo chá é usado como depurativo do sangue.

Parte usada: casca do tronco, folhas, semente e casca da semente.

Orin: sem específico.

381-NOZ-MOSCADA(moscadeira,moscadeira-do-brasil,namoscada)

Nome ioruba: *kóró wèrè*

Nome científico: *Myristica fragans Hoult., Myristicaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọya*

Características: árvore de folhas oblongadas, com nervuras demarcadas, dispostas em ramos. Flores brancas, miúdas, em cachos. Fruto redondo, amarelado com semente inclusa (noz).

Uso litúrgico: a semente (noz moscada) ralada é usada como chá para ajudar o neófito no processo de transe mediúnico. Em grande quantidade, pode ser alucinógeno. A noz ralada compõe o *atin* e é usada largamente como condimento culinário dos adeptos. V. *atin*.

Uso na herbologia: o chá em infusão da noz é utilizado como afrodisíaco e estimulante gástrico (BARROS, 1999).

Parte usada: noz.

Orin: sem específico.

O 
Orobó

382-OBI(cacau-do-sudão,café-do-sudão,cola,cola-africana,coleira,noz-de-cola)

Nome ioruba: *kọ̀lá*, *obì*

Nome científico: *Cola acuminata*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀sányìn, Ọ̀rúnmìlà*

Características: árvore de grande porte. Folhas lanceoladas, brilhosas, lisas, opostas, com nervuras em baixo relevo. Flores amareladas em ramos. Frutos brancos (*obì*) encapsulados em vagem.

Uso litúrgico: este fruto é considerado sagrado, sendo utilizado largamente em diversos rituais de Candomblé, inclusive para consulta oracular. O *obì* representa a lealdade, a fidelidade entre os homens e entre estes e seus deuses. Mesmo fora da liturgia, tradicionalmente era usado para presentear pessoas como forma de demonstrar respeito e amizade. O uso litúrgico do *obì* se dá desde os ritos do nascimento de uma criança, até as cerimônias fúnebres. O *Obì* é altamente energético, possuindo enormes quantidades de teobromina e cafeína, sendo consumido também como alimento na África. Na farmacologia ioruba, a semente do obì é usada como estimulante digestivo, inibidor de apetite, tônico para o coração e afrodisíaco. O *obì* é considerado um interdito para *Ṣàngó* e para as pessoas iniciadas a este Òrìṣà, pois esta divindade teria se enforcado em um pé desta árvore. A semente do *obì* pode apresentar-se de forma diferente, em relação às divisões naturais. Tipos de *obì*: ***obì gbànja*** (*obì* de dois gomos) – geralmente é mais utilizado para a alimentação do que para a ritualística; ***obì àbàtà*** (*obì* avermelhado e que possui quatro gomos) – o mais utilizado no ritual, pois representa o equilíbrio; ***obì márún*** (*obì* de cinco gomos) – nunca se oferecem as cinco partes deste obì para a divindade, pois a quinta parte (chamada de *ọ̀fúwá*) deve ser separada e oferecida para que as mulheres comam, fortalecendo o poder das "Senhoras dos Pássaros". ***Ọ̀fúwá*** significa "o quinhão que deve ser repartido para que os poderes sobrenaturais proporcionem alívio imediato"; ***obì ìwàrẹ̀fà*** (*obì* de seis gomos) – com este *obì*, se realizada grande preceito a *Ṣàngó* objetivando sua intervenção em casos de justiça, utilizando-se seis mulheres para oferecer uma das partes ao Deus do Trovão. ***Ìwàrẹ̀fà***, é a designação do grupo de seis chefes na Sociedade Ògbóni; ***obì mẹ́rìnndílógún*** (*obì* de dezesseis gomos) – que não pode ser comercializado, pois este tipo de *obì* só pode ser dado (JAGUN, ٢٠١٧). V. *ògbóni*.

Uso na herbologia: rico em cafeína e proteína, o consumo do *obì*, ou o chá em infusão do mesmo, são usados como estimulantes, tônicos e afrodisíacos.

Parte usada: semente.

Orin: sem específico.

383-ODAN

Nome ioruba: *ọdán*

Nome científico: *Ficus thonningii Polypodium vaccinifolium Langsd & Fischer, Polypodiaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Nànáá; Ọbalúwáiyé*

Características:

Uso litúrgico: esta planta simboliza os laços entre *Nànáá* e seu filho mítico *Ọbalúwáiyé*. Por possuir látex (que parece leite), a figueira é considerada como uma "Árvore Mãe", assim como todas as demais de sua família que apresentam esta característica. O sumo de suas folhas faz com que uma demanda seja recusada. Para tal finalidade, pronuncia-se o seguinte *ọfọ́* (encantamento): "***Ọdán òní ki dáre. Omi Ọdán, òní ki du***" – "*Ọdán deve decidir em favor de "fulano". O sumo de Ọdán deve acabar com a demanda*." (SANTOS, 2014). Na Nação Angola de Candomblé, *Ọdán* é chamada de "mulemba", sendo por eles denominada como a "Árvore do Chefe", ou como a "Árvore do Poder". Suas folhas são também usadas para se livrar de dívidas e para recobrar a harmonia do lar. Para esta finalidade, pronuncia-se o seguinte ***ọfọ́***: ***"Igba ewé àgbẹ̀ deẹ̀, ò bá wá bá mi um àwìn kùrò l´´orun mi" –*** *"Minhas duzentas folhas de figueira, vocês devem vir para tirar as dívidas de minhas costas e trazer a esposa (o) de volta ao lar".* O banho de suas folhas, ou o preparo de pó com estas, também serve para a feitura de justiça, harmonia e saúde. Para este fim, usa-se o seguinte ***ọfọ́***: ***"Ọdán, rere padà fún mi ara gbógbó là ìra fiṣọ́ ké"*** – "*Ọdán, transforme para mim toda substância decadente em bem-estar, prosperidade, saúde, que tudo renasça e tome o lugar do choro".*

Uso na herbologia: chá das folhas por infusão para combater a febre.

Parte usada: folhas.

Orin: V. Capítulo 16: cânticos às arvores mais antigas do mundo.

384-OBÓ

Nome ioruba: *ọ̀bọ̀*

Nome científico: *Ficus Mucoso*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ìyámi, Ọ̀ṣùn*

Características: árvore de grande porte. Tronco suculento, retorcido, acinzentado, de copa em pavimentos. Folhas obovaladas, brilhosas, em verde-escuro. Frutos amarelados, com sementes inclusas, em cachos pendentes.

Uso litúrgico: uma das 7 árvores pousadas pelas *Ìyámi* ao chegarem ao mundo. Ao pé das árvores são depositadas oferendas e realizados trabalhos relativos às divindades associadas. V. *ìyámi òṣòrọ̀ngà*.

Uso na herbologia: os frutos são consumidos, ou usados em chás por infusão, para o trato digestivo.

Parte usada: árvore e fruto.

Orin: sem específico.

385-OÊ

Nome ioruba: *oè*

Nome científico: *Adanronira Dignata*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ìyámi, Ọ̀ṣùn*

Características: árvore de grande porte. Uma das 7 árvores pousadas pelas *Ìyámi* ao chegarem ao mundo.

Uso litúrgico: ao pé das árvores são depositadas oferendas e realizados trabalhos relativos às divindades associadas. V. *ìyámi òṣòrọ̀ngà*.

Uso na herbologia: as folhas em decocto servem para tratamento dos nervos.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

386-OLHO-DE-CARNEIRO

Nome ioruba: *ojú àgùtàn*

Nome científico: *Melastomastrum theifolium (G. Don) A. Fern. & R. Fern., Melastomataceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀sányìn*

Características: planta rasteira. Hastes finas e maleáveis. Folhas amendoadas.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios e trabalhos na ifalogia.

Uso na herbologia: as folhas em decocto servem para dores localizadas, em uso externo.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

387-OKÔ

Nome ioruba: *ókò*

Nome científico: *Chilfropora excelsa*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ìyámi, Ọ̀ṣùn*

Características: árvore de grande porte. Uma das 7 árvores pousadas pelas *Ìyámi* ao chegarem ao mundo.

Uso litúrgico: ao pé das árvores são depositadas oferendas e realizados trabalhos relativos às divindades associadas. V. *ìyámi òṣòrọ̀ngà*.

Uso na herbologia: as folhas em decocto, ainda mornas, servem para uso tópico em feridas.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

388-OLIVEIRA

Nome ioruba: *èso mímọ́*

Nome científico: *Olea europaea*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: árvore longeva, de tronco retorcido. Folhas pequenas, lancetadas, com nervura central, dispostas em ramos. Flores brancas em ramalhete. Fruto carnudo (azeitona), ovalado, verde, com semente inclusa.

Uso litúrgico: em algumas tradições do Sul do Brasil, os caroços da azeitona são usados como amuletos de proteção e incluídos nos assen-tamentos de *Òṣàlá*.

Uso na herbologia: a azeitona atua contra a inapetência. O óleo extraído da fruta (azeite), com nível de acidez até 0,8% (azeite extravirgem), é antioxidante, anti-inflamatório, ajuda no controle do colesterol e favorece a saúde cardiovascular. O chá em infusão das folhas, ou a

tintura das mesmas, é indicado para baixar a pressão alta.

Parte usada: folha e fruta.

Orin: sem específico.

389-OLHO-DE-BOI(cabeça-de-frade,coronha, fava-de-café,mucana,mucuna)

Nome ioruba: *ojú akọ màlúù*

Nome científico: *Dioclea violácea, Mart., ex Benth., Leguminosae-faboideae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀sányìn*

Características: planta trepadeira. Folhas obovaladas, com nervuras acentuadas e aveludadas. Flores liláceas em pendão ascendente. Sementes encapsuladas em vagens.

Uso litúrgico: as sementes (olho-de-boi) são usadas nos assentamentos de *Èṣù*, em amuletos contra inveja e negatividades, na confecção de apetrechos rituais de *Èṣù* e *Ọ̀sányìn.* As folhas compõem o *àgbo* de *Ọ̀sányìn.*

Uso na herbologia: *"Considerado diurético, afrodisíaco e usado contra a hidropsia e feridas, o olho-de-boi, pulverizado, é útil também como preventivo de derrame e na remoção de seus efeitos. É tônico e calmante dos nervos nos casos de epilepsia."* (BARROS, 1999).

Parte usada: folha e semente.

390-OLHO-DE-GATO

Nome ioruba: *ìwérénjéje*

Nome científico: *Abricus precatorius L., Leguminoseae Papilionoideae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀sányìn*

Características: planta de pequeno porte. Haste aveludada. Folhas obovaladas, com nervuras assimétricas, aveludadas. Flores com corola de cinco pétalas, na cor azul.

Uso litúrgico: usada para compor os banhos da divindade associada e trabalhos para que a pessoa tenha maior sagacidade.

Uso na herbologia: as flores maceradas, em uso externo, tratam mucosas inflamadas.

Parte usada: folhas e sementes.

Orin: sem específico.

391-OLHO-DE-POMBO(arvoeiro,assacu-mirim,carolina-miúda,cipó-de-alçacruz, jequiriti,tentinho)

Nome ioruba: *òwéré-njéje, wérénjéjé*

Nome científico: *Abrus precatorius*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù, Ọsányìn, Òṣàlá*

Características: arbusto de folhas ovaladas pequenas, opostas e dispostas em ramos. Flores pequenas avermelhadas, em pendões. Sementes miúdas nas cores vermelho e preto, encapsuladas em vagens.

Uso litúrgico: esta erva é usada para ajudar na vidência dos olhadores e para lavar seus oráculos. A acuidade da visão do pombo, que enxerga de longe, é contida nesta folha ritual. Serve também para banhos de união. Contudo, as sementes do *wérénjéjé* não devem ser pisadas, pois atraem brigas e polêmicas provocadas por *Èṣù*. O *Odù Òfún* relata que *Ọrúnmìlà,* quando preso como escravo, usou as folhas de *wérénjéjé* para lavar seu oráculo e, assim, conseguiu divinar com tranquilidade, vencer as lutas e ser libertado.

Uso na herbologia: em uso tópico, as sementes tratam conjuntivite. A folha em infuso trata bronquite.

Parte usada: semente.

Orin (SANTOS, 2014):

> ***"Ewé òwéré-njéje, ewé òwéré-njéje***
>
> ***Ará ta nima asà***
>
> ***Ká ma bágbe o***
>
> *Folha olho de pombo, folha olho de pombo, derrame luz nesta comunidade*
>
> *Para que voltemos voltemos sempre a sentarmos em círculo, para homenagear, todos que moram juntos nesta comunidade."*

392-OROBÔ

Nome ioruba: *orógbó*

Nome científico: *Garcinia kola*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó, Ọsányìn, Ọrúnmìlà*

Características: árvore de grande porte. Folhas ovaladas, brilhosas, alternas, com nervuras acentuadas. Fruto amarelado, com polpa em massa consistente e sementes inclusas.

Uso litúrgico: a semente do *orógbó* é um símbolo de longevidade, de determinação e de força contra as negatividades. Por isso é usada nos assentamentos de todos os *Òrìṣà* e em especial nos ritos ligados a *Ṣàngó*. É também utilizada para consulta como oráculo. O mito do *Odù Òdí Méjì* conta que o orobozeiro foi a primeira das sete árvores nas quais as mães feiticeiras (*Ìyámi Òṣòròngà*) pousaram em forma de pássaros negros. Contudo, não permaneceram ali porque a árvore as repeliu. No culto aos ancestrais, a semente do *orógbó* simboliza a descendência que não se acaba. Esta semente é relacionada com a vida e com a morte. Eis um ***oríkì*** (louvação) ao *orógbó*: ***"Bàbá orógbó, bàbá orógbó, bàbá ojú gbó, bàbá àjà nà gbò tì jẹ́ tì jẹ́, adífá fún igún ọmọ àlá rán bá wọn gbó fon. Orógbó kan gé ré. Orógbó kan gé ré nífẹ́. Àlá rán bá wọn gbó fon. Orógbó ọmọ lò jọ gbó lọ́rọ̀. La kọ́ lá gbó orógbó. Lá kọ́ lá kọ́ lá bẹ ẹ̀kún. Olódúmarè máa jẹ́ àṣẹ òkú láyè."*** *– "Pai orógbó, Pai orógbó, Pai que dá maturidade aos olhos, Pai que encoraja a ganhar as lutas e castiga quem gosta de ferir pessoas as humilhando, que deixa os filhos do abutre sob os cuidados dos sacerdotes de Ifá para que os ancestrais enviem sonhos que façam encontrar com quem está separado. Orógbó solta a casca quando é cortada e seu amargor é de surpreender. Orógbó amarga quando é cortada sua casca. Orógbó solta a casca quando é cortada e seu amargor é de surpreender. Orógbó amarga quando é cortada sua casca. Envia sonhos para que os filhos dos ancestrais possam encontrar-se com quem está separado. Orógbó ensina os filhos a fazerem uso do ato de pedir perdão para que fiquem ricos e saudáveis. Orógbó ensina a ser purificado, purificado e amadurecido. Ensina a ser purificado, ensina a ser purificado, para suplicar abundância e plenitude. Com o poder de Olódúmarè, tanto o vivo quanto o morto sempre ganha."* V. *odù; ìyámi òṣòròngà; ṣàngó.*

Uso na herbologia: possui propriedades curativas no combate problemas vasculares e à bronquite.

Parte usada: semente.

Orin: V. Capítulo 16: cânticos para as árvores mais antigas do mundo.

393-OXÔ

Nome ioruba: *àrìdàn àbàtà, oṣó, irúgbá àbàtà*

Nome científico: *Parkia bicolor A. Chev., Leguminosae Mimosoideae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọsányìn*

Características: árvore de grande porte, tronco liso, lenho manchado em duas cores (amarelo e avermelhado). Folhas miúdas, opostas em sub-ramos, que integram o ramo principal. Frutos pendentes em bolas avermelhadas e aveludadas. Sementes em vagens.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios. As vagens integram os assentamentos de *Ọsányìn*, conforme algumas tradições.

Uso na herbologia: em uso tópico, as sementes transformadas em pó ajudam na cicatrização.

Parte usada: semente, fava e folha.

Orin: sem específico.

P 

Peregun

394-PACOVÁ(babosa-de-árvore,babosa-de-pau)

Nome ioruba: *tòtò èké*

Nome científico: *Renealmia brasiliensis*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọbà*

Características: planta de caule suculento, ereto. Folhas grandes, fálicas, com nervura central. Flores em pendão.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios.

Uso na herbologia: o chá em infusão das sementes é indicado como vermífugo e para afecções do estômago. O chá da casca ou do rizoma, em uso externo, é usado para desinfetar feridas e tratar contusões e inchaços.

Parte usada: rizoma, folha, semente e haste.

Orin: sem específico.

395-PALMA(palma-de-santa-rita,gladíolo)

Nome ioruba: *idà yemọja*

Nome científico: *Gladiolus x hortulanus*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja*

Características: planta de caule suculento, ereto. Folhas lancetadas, ásperas, com nervura central. Flores brancas em formato campanulado, delicadas, brotam em forma de espigas. A cor da corola pode variar conforme a espécie.

Uso litúrgico: servem como oferendas a todas as *ayaba*, em especial a *Yemọja*. A tradução do seu nome em ioruba é “espada de *Yemọja*”. Faz referência à capacidade desta divindade de lutar com doçura, vencer com delicadeza, ser forte sendo sensível. As tradicionais flores colocadas ao mar na passagem do ano para *Yemọja*, geralmente são as palmas brancas.

Uso na herbologia: as flores são levemente amassadas e colocadas sobre feridas. A raiz é tóxica. Logo, se ingerida, pode causar irritações nas mucosas e vômitos.

Parte usada: flor.

Orin: sem específico.

396-PALMATÓRIA-DE-EXU(palmatória,palma-doce,figo-da-índia)

Nome ioruba: *àtẹ́lẹwọ́ èṣù*

Nome científico: *Opuntia cochenillifera (L.) Mill., Cactaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*

Características: arbusto de folhas suculentas, ovaladas, grossas, espinhentas. Flor em cálice espinhento. Fruto arredondado, avermelhado e repleto de espinhos.

Uso litúrgico: as folhas (palmatórias) são piladas e acrescidas ao *àgbo* de *Èṣù*. As flores e frutos são ofertadas a esta divindade.

Uso na herbologia: o chá do fruto em decocção é ingerido para tratamento das doenças pulmonares. A polpa das folhas é usada como compressa em inflamações na pele.

Parte usada: folha, flor e folha.

Orin: sem específico.

397-PANKERÉ

Nome ioruba: *pankẹ́rẹ́ egbè*

Nome científico: *Oncocalamus Wrightiana Hutch., Palmae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀sányìn*

Características: espécie de vegetal com tronco fino, que se desenvolve em grandes florestas.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios.

Uso na herbologia: as folhas, piladas e cozidas, são usadas em cataplasmas sobre feridas.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

398-PANACEIA(caroba-branca,barba-de-são-pedro,tarumã)

Nome ioruba: *ẹ̀sọ ọya*

Nome científico: *Penax quinquefolium*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọya, Ọbà*

Características: arbusto de pequeno porte com folhas obovais ásperas e de bordas picotadas. Flor vermelha única em pendão. Fruto amarelo em baga lisa.

Uso litúrgico: maceração das folhas em banhos iniciáticos para as divindades associadas.

Uso na herbologia: a infusão das folhas funciona como poderoso depurativo do sangue, como tratamento de sífilis, blenorragia, dartros, reumatismo e doenças de pele. É empregado como excelente diurético.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

399-PÁRA-RAIO(amargoseira,árvore-do-paraíso,cinamomo,santa-bárbara)

Nome ioruba: *afóforo òyìnbó*, *igi mẹ̀sàán*

Nome científico: *Melia azedarach L., Meliaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọya*

Características: árvore de folhas lanceoladas, vincadas, brilhosas, opostas, dispostas em ramos.

Uso litúrgico: as folhas são usadas em trabalhos de limpeza energética do corpo e de ambientes. Os banhos com a maceração das folhas frescas, ou a defumação com as secas, objetiva os mesmos fins.

Uso na herbologia: a casca da árvore em decocção é utilizada para lavar feridas, ajudando na cicatrização e desinfecção. O chá em infusão das folhas é recomendado como laxante, no trato da constipação intestinal. O consumo é desaconselhado a gestantes.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

400-PARACARI(meladinha-verdadeira,mentrasto,rabujo,erva-de-são-joão)

Nome ioruba: *àpèjebí*

Nome científico: *Stemodia viscosa Roxb., Escrophulariaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Nàná, Ọmọlu, Ọbalúwáiyé*

Características: planta rasteira. Medra em locais de areia seca. Caule tetragonal, com ramos opostos. Folhas ovais, agudas, opostas e aromáticas. Flores arroxeadas.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios das divindades associadas.

Uso na herbologia: o chá em infusão das folhas e hastes é diurético, sendo útil ao trato de retenção de líquidos e hipertensão. O mesmo chá é utilizado no combate à asma, cólicas, diarreia, coqueluche, catarro pulmonar, mordedura de cobra, eczemas, impingem e dartros.

Parte usada: folhas e hastes.

Orin: sem específico.

401-PARIETÁRIA

Nome ioruba: *ewé mọnán*

Nome científico: *Parietaria officinalis L., Urticaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: planta de haste ereta. Folhas lanceoladas aveludadas e vincadas pelas nervuras em baixo relevo. Flores miúdas, branco esverdeadas, axilares em relação às folhas.

Uso litúrgico: o banho com a maceração das folhas é indicado para aumentar a auto estima e atrair energias positivas.

Uso na herbologia: o chá em infusão é empregado contra moléstias infla-matórias, anuria, hidropsia, artrite, males nos rins, catarro, problemas renais e bexiga. Atua como diurético. Em uso tópico, ajuda na cicatrização de feridas.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

402-PATA-DE-GALINHA(capim-criador,capim-pé-de-galinha,grama-sapo)

Nome ioruba: *gbági, gbẹ́gi, gbẹ́gidínà*

Nome científico: *Eleusine indica (L.) Gaertn., Poaceae (Gramieae)*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: gramínea invasora. Haste fina, suculenta, folhas lancetadas estreitas. Sementes em pendões verticais, tríplices, ou quádruplos, lembrando pés de galinha.

Uso litúrgico: compõe o àgbo desta divindade. A maceração desta erva é usada para lavar o *hunkọ*.

Uso na herbologia: as folhas e sementes são usadas em chá por infusão, objetivando melhorar as cólicas menstruais, menstruações abundantes e os mal-estares durante a gestação. É considerada antiabortiva.

Parte usada: folha e semente.

Orin: sem específico.

403-PATA-DE-VACA(bauínia,insulina-vegetal,unha-de-boi,unha-de-vaca)

Nome ioruba: *abàfè*

Nome científico: *Bauhinia thonningii (Caesaloinaceae)*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọya, Ọmọlu, Yemọja*

Características: árvore de copa vasta. Folhas verde acinzentadas, amendoadas, bifurcadas, lembrando a pegada de um bovino. Flores axilares em relação às folhas.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios às divindades associadas.

Uso na herbologia: a espécie que produz flores brancas é eficiente no combate ao diabetes, através do chá em infusão feito com as folhas e flores. O mesmo chá é útil no combate às doenças renais e incontinência urinária. Em uso tópico, atua contra a elefantíase.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

404-PATCHOULI

Nome ioruba: *ẹ̀kàn ìwú*

Nome científico: *Pogostemon patchouly Pelletier., Labiatae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: erva de pequeno porte. Folhas lanceoladas, aromáticas, com nervuras acentuadas, aveludadas de bordas denteadas. Flores miúdas, lilás, em espiga vertical.

Uso litúrgico: as folhas são usadas para integrar o *àgbo* de *Ọ̀ṣùn*. As raízes raladas compõem o *atin*. As folhas e raízes são tradicionalmente usadas para perfumar as vestimentas rituais de todas as divindades. A energia desta planta está associada ao amor.

Uso na herbologia: os banhos de assento com as folhas frescas são recomendados para tratar corrimentos vaginais.

Parte usada: folha e raiz.

Orin: sem específico.

405-PATIOBA(tamba-tajá)

Nome ioruba: *patìọba*

Nome científico: *Xanthosoma Atrovirens Koch., et Bouche., var. appendi-culatum, Araceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀sányìn*

Características: planta de pequeno porte. Folhas únicas por haste, cordiformes pontiagudas. Flor com pétala única côncava, em cálice, com folíolo central fálico.

Uso litúrgico: esta erva tem o miolo em uma forma alongada (fálica), contudo em sua parte posterior pode ser observado um folíolo, o qual se apresenta como um órgão sexual feminino. Por este motivo, a *patìọba* é considerada na liturgia do Candomblé uma folha de “dois sexos”. A tradução do nome desta planta significa: “de um dos lados fica o rei”, indicando a dualidade de sentidos e significados. É com a folha da *patìọba* que se criou a mística dos rituais através dos quais supostamente seria possível a troca da orientação sexual.

Uso na herbologia: o folíolo é pilado e misturado com azeite, para tratar inchaços, uso externo.

Parte usada: folha e flor.

Orin: sem específico.

406-PAU-D’ALHO(cipó-dalho,guararema,ibirarema,ubirarema)

Nome ioruba: *ewé pọ́n*

Nome científico: *Seguiera alliacea*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọsányìn*

Características: espécie de trepadeira.

Uso litúrgico: banhos iniciáticos.

Uso na herbologia: o decocto da folha funciona no tratamento de hemorragia, blenorragia, vermes, dartro e hemorroida. As folhas em compressas ajudam a curar abscesso e aliviam as dores reumáticas.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

407-PAU-DE-COLHER(árvore-de-leite, leiteira)

Nome ioruba: *igi wàrà*

Nome científico: *Tabernaemontana echinata*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: árvore de madeira branca, ou branco amarelada, usada no fabrico de caixas, papel e forros.

Uso litúrgico: as folhas possuem energia de tranquilizar emoções fortes e de amainar as ansiedades. Logo, os banhos com as folhas maceradas, possuem este objetivo.

Uso na herbologia: as folhas, ou a casca em decocção, modera os batimentos cardíacos. A seiva leitosa, produzida pela árvore, é usada contra úlceras.

Parte usada: seiva, folha e casca.

Orin: sem específico.

408-PAU-ROSA

Nome ioruba: *osùn dúdú*

Nome científico: *Pterocarpus erinaceous (Leguminosae*)

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọbà*

Características: árvore de grande porte, com tronco rugoso. Folhas ovaladas, opostas,

dispostas em ramos. A resina produzida caracteriza-se pela cor de sangue.

Uso litúrgico: a resina é utilizada para tinturas de elementos sacros do culto à *Ọbà* e de outras divindades.

Uso na herbologia: a resina aquecida é usada em compressa sobre partes doloridas devido a contusões.

Parte usada: resina.

Orin: sem específico.

409-PAU-TENENTE(quássia,quina,pau-amargo,pau-de-surinã)

Nome ioruba: *ìrúwé ata*

Nome científico: *Quassia amara L.*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù, Ògún*

Características: arbusto de folhas obovaladas, com nervuras acentuadas. Flores vermelhas em forma de pimenta, dispostas em pendão vertical.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios.

Uso na herbologia: folhas secas, lascas da madeira, pó ou óleo essencial são usados na forma de chás por infusão, ou em uso tópico sobre a pele. Os benefícios do Pau-Tenente incluem a ação contra alterações do apetite, afecções do estômago e do fígado, dificuldades digestivas, impotência, dispepsia, infestações provocadas por vermes, no tratamento para problemas de estômago, blenorragia, diarreia, infecções e inflamações.

Parte usada: casca e folha

Orin: sem específico.

410-PEPINO

Nome ioruba: *apàla*

Nome científico: *Cucumis sativus L., Cucurbitaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀sányìn, Òṣàgiyán*

Características: planta rasteira. Folhas penta agudas, ásperas, com nervuras acentuadas. Flores amarelas isoladas, axilares em relação às folhas. Fruto verde, em forma cônica, de massa suculenta, verde-clara, comestível e com sementes inclusas.

Uso litúrgico: usado em trabalhos de limpeza energética corporal. O fruto é consumido em saladas pelos adeptos no terreiro.

Uso na herbologia: O consumo do fruto cru, em saladas, é recomendado como tratamento propedêutico ou terapêutico para cistite, cólicas, gota, reumatismo e tratamento da pele. As pastas com a polpa da fruta são usadas como pomadas para dar viço à pele.

Parte usada: fruto.

Orin: sem específico.

411-PEREGUN(coqueiro-de-vênus,dracena,nativo,pau-d'água)

Nome ioruba: *pèrègún*

Nome científico: *Dracena fragrans (L) Ker. Gawl., Lilaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ògún*

Características: tronco redondo, fino, encimado pelas folhas em formato fálico, verdes, brilhosas, com nervura central.

Uso litúrgico: largamente utilizada em limpezas energéticas. Usada como cerca viva, revela sua característica de proteção e repulsa do indesejável. Esta planta está presente no àgbo de *Ògún*. Em muitas tradições, no rito iniciático, o neófito leva nas mãos folhas de *pèrègun,* como elemento que o ajuda a desbravar sua jornada espiritual, livrá-lo dos perigos, protegê-lo e conectá-lo ao divino. Segue um mito que me foi contado pela saudosa *Ìyálórìṣà* Mãe Beata de *Yemọja*, fundadora do *Ilé Omi Ojú Àró*, em Nova Iguaçu/RJ e antiga *Ìyálósányìn* da Casa de Mãe Olga do *Alaketu*, de Salvador-BA:

"Uma das folhas mais antigas é o pèrègún, que é utilizada na grande maioria dos rituais ao *Òrìṣà*. Pèrègún assistiu o crescimento da humanidade. Pèrègún sempre há de nos trazer a sorte. Pèrègún segura nossa sorte como "asa" e segura a sua presa no dia de caça... E assim... alimenta os seus filhos. Pèrègún nos protege de nossos inimigos... E faz com que nos harmonizemos com os nossos semelhantes... Pèrègún fez pacto com Àjẹ́ para a sua vinda ao Àyié... Ifá dissera, quando Pèrègún procurava pela sorte:

— Pèrègún, se você quiser ter sorte, deverá ajudar a humanidade fazendo um pacto com Àjẹ́, para poder sempre ter e poder emanar sorte, para quem procurar por sua ajuda.

Foi então, que Pèrègún fez o pacto com Àjẹ́ antes de vir ao mundo, mas não tinha quem o pudesse levá-lo para o àiyé.

Novamente foi a *Ifá*, e este dissera:

— Pèrègún, se você quiser realizar o seu trabalho no mundo, procure por Ògún pois ele sempre está indo para o àiyé.

Pèrègún procurou por Ògún, mas ele só levaria Pèrègún se ele dividisse a sua sorte com ele.

Foi então que Pèrègún aceitou, e por essa razão Ògún lhe disse:

— Vou dizer a toda humanidade, que Pèrègún emana a sorte, e quem com ele ficar será agraciado com a mesma.

Desde então pèrègún foi conhecido e muito procurado por todos no mundo.”

Uso na herbologia: a casca do caule, reduzida a pó, é usada na cicatrização de feridas. A compressa com as folhas cozidas e mornas é útil no tratamento de artrite e reumatismo.

Parte usada: folha e casca.

Orin (SANTOS, 2014):

> ***“Pèrègun wára wá tì tú***
> ***Pèrègun wá la wá tì tú***
> ***Pèrègun wá la wá àṣẹ***
> ***Pèrègun wára wá tì tú***
>
> *Nativo, planta que abre totalmente os caminhos de luta e guerra para Ògún, Òrìṣà que está sempre apressado*
>
> *Nativo, planta que abre totalmente os caminhos de quem busca a purificação, cura, coragem e liberdade*
>
> *Nativo, planta que atrai boa sorte, bênçãos e purificação para quem sofreu humilhação por cobrança de algo que foi recebido no passado; atrai boa sorte e bênção para quem busca coragem, força poder*
>
> *Nativo, planta que manda embora, rapidamente, o morto que volta à Terra chorando em busca de favores.”*

412-PEREGUN-BRANCO(coqueiro-de-vênus-nativo,dracena-listrada,dracena-verde-e-amarela,nativo)

Nome ioruba: *pèrègún kò, pèrègun funfun*

Nome científico: *Dracena fragrans var. Massangeana L. Liliaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Lógun, Ọ̀sányìn, Òṣùmàrè*

Características: tronco redondo, fino, encimado pelas folhas em formato fálico, verdes, brilhosas, com nervura central, faixa amarela sobre a nervura.

Uso litúrgico: largamente utilizada em limpezas energéticas. Usada como cerca viva, revela sua característica de proteção e repulsa do indesejável. Esta planta está presente no *àgbo* das divindades associadas. Em muitas tradições, no rito iniciático, o neófito leva nas mãos folhas de *pèrègun,* como elemento que o ajuda a desbravar sua jornada espiritual, livrá-lo dos perigos, protegê-lo e conectá-lo ao divino. Nas celebrações a *Ọ̀sányìn*, é comum ver este *òrìṣà* dançando com uma folha desta planta na mão.

Uso na herbologia: a casca do caule, reduzida a pó, é usada na cicatrização de feridas. A compressa com as folhas cozidas e mornas é útil no tratamento de artrite e reumatismo.

Parte usada: folha e casca.

Orin: mesmo do *pèrègún*.

413-PEROBA-ROSA

Nome ioruba: *gan ọrún*

Nome científico: *Aspidosperma gomezianum*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó*, *Ọya*

Características: árvore de grande porte, com tronco rugoso. Madeira lenhosa com cerne rosado. Folhas ovaladas e nervuradas.

Uso litúrgico: as folhas são usadas em banhos destas divindades, para obter força e determinação.

Uso na herbologia: a casca em decocção é usada contra malária.

Parte usada: folha e casca.

Orin: sem específico.

414-PERPÉTUA(imortal,para-tudo,perpétua-brava,suspiro-roxo)

Nome ioruba: *èkélẹ́gbára*. Lit.: *èké* (s.mentira) + *ẹlẹ́gbára* (s. título de *Èṣù*: Senhor do corpo)

Nome científico: *Gomphrena globosa L., Amaranthaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*

Características: planta de pequeno porte ornamental. Folhas opostas ovais, lanceoladas, aveludadas. Flores roxas, inodoras, esféricas.

Uso litúrgico: a folha em maceração é usada no rito de assentamento de *Èṣù*.

Uso na herbologia: as folhas em infusão são úteis no tratamento de histeria, taquicardia, tosse perene, febre intermitente e problemas respiratórios.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

415-PERSICÁRIA(acataia,cataia,pimenta-d'água, pimenta-do-brejo)

Nome ioruba: *ata omi*

Nome científico: *Polygonum hydropiper*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Lógun, Ọdẹ*

Características: erva com até 1 m de altura, que medra à margem de rios. Caules com listras vermelhas. Folhas oblongas em forma de facão. Flores brancas pequenas, em espigas. Fruto miúdo capsular.

Uso litúrgico: compõe o àgbo de *Èṣù*.

Uso na herbologia: o chá por infusão da folha é usado para artrite, blenorragia, diarreias sanguinolentas, disenteria, febre, sífilis e vermes. Em uso externo, trata bem a erisipela e hemorroidas.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

416-PESSEGUEIRO

Nome ioruba: *awọ ọmọdé*

Nome científico: *Prunus persica*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn, Yẹ̀wà*

Características: árvore decídua, nativa da China e sul da Ásia, de folhas alternas e serreadas, flores roxas e drupas pubescentes, comestíveis. Fruta esférica, amarelada rosácea, de polpa carnuda, suculenta e de semente inclusa.

Uso litúrgico: as flores são usadas na ornamentação das celebrações às *ayaba*.

Uso na herbologia: as folhas e flores são laxativas. Aliviam o enjoo durante a gravidez e combatem as hemorragias do útero e da bexiga. A fruta é bom alimento para diabéticos. O chá é feito com a infusão das folhas e flores.

Parte usada: folhas e flores.

Orin: sem específico.

417-PICÃO(cuambu,fura-capa,picão-preto,pico-pico)

Nome ioruba: *abẹ́rẹ́ olóko, akẹ́ṣin máṣo, ajíṣọmọbíàlá, òòyà*

Nome científico: *Bidens pilosa L., Compositae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: planta de pequeno porte. Haste vertical com flor única. Corola branca e miolo amarelo protuberante. Folhas, de borda denteada e formato lanceolado.

Uso litúrgico: as folhas servem como oferendas a várias divindades. As folhas compõem o *àgbo* de *Òṣàlá*.

Uso na herbologia: tipo de folha a qual se atribui o poder de curar a cegueira, segundo um mito de *Ifá.* O chá em infuso combate a febre alta.

Parte usada: flor e folha.

Orin: sem específico.

418-PICHURIN(canela-branca,noz-moscada-do-pará,pichuri,pichulim)

Nome ioruba: *ojúgun funfun*

Nome científico: *Nectranda lanceolata Nees et Mart ex Ness., Lauraceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: arbusto de folhas ovaladas, opostas, com fruto arredondado pendente, em haste axilar.

Uso litúrgico: a fava da planta é usada seca e ralada na composição do *atin*. É usado em defumação, para atrair prosperidade e energias positivas.

Uso na herbologia: a infusão das folhas é utilizada no trato de problemas gastrointestinais.

Parte usada: folha e fava.

Orin: sem específico.

419-PIMENTA-DA-COSTA

Nome ioruba: *ataare*

Nome científico: *Piper nigrum*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀sányìn, Èṣù*

Características: trepadeira de folhas ovaladas, lanceoladas, brilhosas. As sementes (pimentas) são pequenos caroços redondos, vermelhos e dispostos em cachos.

Uso litúrgico: sua semente seca é utilizada em rituais para purificar o hálito (*ẹ̀mí*), ou para temperar as comidas votivas e assentamentos de *Èṣù*. V. *ata; ẹ̀mí; ìdí òrìṣà; èṣù*, ver também o Capítulo 3: *"A palavra e suas potencialidades"*.

Uso na herbologia: a pimenta-da-costa é rica em gingerol, substância antifúngicas, antioxidantes, anti-inflamatórias. Na Nigéria, a semente de *ataare* pilada, é usada na testa para aliviar a nevralgia e a dor de cabeça. As sementes de *ataare* piladas ou moídas são largamente utilizadas na culinária, emprestando sabor picante aos alimentos.

Parte usada: semente.

Orin: sem específico.

420-PIMENTA-MALAGUETA

Nome ioruba: *ata ọlọ́bẹ̀rírkàn*

Nome científico: *Capsicum frutescens L., Solanaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*

Características: planta de pequeno porte, com folhas miúdas, lanceoladas e opostas. Flores brancas esverdeadas. Os frutos (pimenta) são em forma de cone, ardidos e com sementes inclusas.

Uso litúrgico: suas folhas são usadas para a confecção de pós, seus frutos são largamente utilizados na culinária profana e litúrgica.

Uso na herbologia: o sumo da pimenta, misturado com farinha é utilizado como energético. As folhas piladas e misturadas com azeite levemente aquecido, em uso tópico, são empregadas para tratar tumores e meningite. O sumo da pimenta, com óleo de rícino, em uso externo, é indicado para calvície.

Parte usada: fruto e folha.

Orin: sem específico.

421-PINCEL(emília,falsa-serralha,pincel-de-estudante,serralha-mirim)

Nome ioruba: *ọ̀dundún odò*

Nome científico: *Emilia sagitatta (Vahl.) DC., Compositae*

Elemento da natureza: água

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá, Yemọja*

Características: planta invasora. Caule suculento, fino, liso. Folha áspera, pequena, lanceolada, de bordas denteadas. Flor branca, arredondada, de corola formada por levíssimos folículos, como penugem leve, que se desfaz com o sopro.

Uso litúrgico: banhos com as folhas e flores maceradas, para facilitar o sono e favorecer a interação espiritual com as divindades. Usado no *àgbo* de todos os *òrìṣà*.

Uso na herbologia: as folhas piladas são usadas em cataplasmas para enxaqueca.

Parte usada: folha e flor.

Orin: sem específico.

422-PINHA-DO-CERRADO

Nome ioruba: *ọ̀gàn ṣòpọ̀nná*

Nome científico: *Combretum sp. Combretaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọmọlu*

Características: planta arbustiva de folhas ovais lenceoladas, nervuradas, opostas. Flores vermelhas, em cálices, com pétalas em folíolos.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios.

Uso na herbologia: as flores secas servem para cicatrização, em uso tópico.

Parte usada: flor e folha.

Orin: sem específico.

423-PINHÃO(pinhão-branco,pinhão-de-barbados,pinhão-de-purga)

Nome ioruba: *bòtujẹ̀ funfun, olójobẹ̀*

Nome científico: *Jatropha curcas L., Euphorbiaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*

Características: planta com haste ereta, com nós (como bambu). Folha espalmada, tripartida, com nervuras acentuadas. Flores pequenas, avermelhadas, em ramos axilares. Fruto esférico pendente em cachos, com semente encapsulada.

Uso litúrgico: usada em trabalhos de limpeza energética do corpo e de ambientes.

Aconselha-se o cultivo desta espécie em casa ou no terreiro para proteção de inveja.

Uso na herbologia: as folhas cozidas servem para compressas em dores musculares.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

424-PINHÃO-ROXO(batata-de-teiu,jalapão)

Nome ioruba: *bòtujẹ pupa, lóbòtujẹ*

Nome científico: *Jatropha gossypiifolia L., Euphorbiaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọdẹ, Ọya, Ògún*

Características: planta arbustiva. Folhas espalmadas, avermelhadas, tripartidas, com nervuras acentuadas. Flores pequenas, avermelhadas, em ramalhetes. Fruto apitangado, verde, em cachos axilares em relação às flores.

Uso litúrgico: usada em trabalhos de limpeza energética do corpo e de ambientes. Aconselha-se o cultivo desta espécie em casa ou no terreiro para proteção de inveja.

Uso na herbologia: as folhas cozidas servem para compressas em feridas.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

425-PITANGUEIRA(pitanga)

Nome ioruba: *ítà, pìtángà*

Nome científico: *Eugenia pitanga Berg., Myrtaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọṣùn, Ọsányìn, Ọya, Ibéjì*

Características: planta arbustiva. Folhas pequenas, amendoadas, aromáticas, lisas, brilhosas, opostas, com nervura central. Flores miúdas, brancas, axilares. Frutas vermelhas, gomeadas, de polpa suculenta acridoce, com semente encapsulada.

Uso litúrgico: as folhas servem para banhos propiciatórios referentes às divindades associadas.

Uso na herbologia: as folhas em infusão combatem a febre, afecções pulmonares, doenças do estômago, azia, hipertensão, reumatismo, nervosismo e diarreias.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

426-POEJO

Nome ioruba: *ewé inú*

Nome científico: *Mentha pulegium L., Labiatae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ibéjì, Ọ̀ṣùn*

Características: Planta de folhas pequenas, aveludadas, com bordas denteadas, formato lanceolado. Flores liláceas em pendão vertical.

Uso litúrgico: as folhas são usadas em banhos para acalmar energias e debelar negatividades.

Uso na herbologia: com as folhas prepara-se xarope para combater tosse, resfriado, gripe e catarro. O chá com a infusão da folha é recomendado para gases, diarreia, acidez estomacal, cólicas infantis e falta de menstruação.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

427-PRÍMULA(pão-de-queijo,primavera)

Nome ioruba: *ẹ̀ka ọmọdé*

Nome científico: *Primula officinalis*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ibéjì, Lógun, Ọ̀ṣùn*

Características: planta de pequeno porte. Folhas ovaladas, crespas, com nervura central. Rizoma em haste ereta encimada pelas flores em ramalhete. Flores amarelas, múltiplas, em cálice, com corola em cinco pétalas rosadas.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios para os adeptos e sacralizatórios para os apetrechos rituais das divindades associadas.

Uso na herbologia: as folhas podem ser usadas cruas em saladas para ingestão, ou em infusão, como chá, para pneumonia, bronquite, gota, reumatismo, depurativo do sangue, histeria, nervosismo, espasmos estomacais, cálculos renais e infecções na bexiga. As folhas piladas servem como compressas em inchações e contusões.

Parte usada: folha e flor.

Orin: sem específico.

Q



Quiabo

428-QUARESMA(flor-de-quaresma,manacá-da-serra,quaresmeira,quaresmeira-roxa)

Nome ioruba: *ìrúwé nànà*

Nome científico: *Tibouchina granulosa Cogn., Melastomaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Nànà*

Características: árvore de folhas opostas, aveludadas, vincadas, lanceoladas. Flores roxas, com corola de cinco pétalas rosadas, dispostas em pendão.

Uso litúrgico: as folhas são importantes na composição do àgbo desta divindade.

Uso na herbologia: as flores piladas são usadas sobre o ventre das gestantes, quando o feto está fora do encaixe. Com as rezas e encantamentos adequados, objetiva-se que o bebê "encaixe".

Parte usada: flor e folha.

Orin: sem específico.

429-QUARESMA-RASTEIRA(quaresminha,quaresminha-rasteira,quaresmeira-rasteira)

Nome ioruba: *alaṣẹ, awẹde, ewé alaṣẹ*

Nome científico: *Schizocentron elegans Meissn., Melastomaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀sányìn*

Características: planta de pequeno porte. Folhas lanceoladas, vincadas, opostas. Flores lilás, de corola em cinco pétalas rotadas, dispostas em pendão.

Uso litúrgico: as folhas frescas maceradas são usadas para banhos de prosperidade. As folhas secas servem como defumação com o propósito de atrair energias positivas para pessoas e ambientes.

Uso na herbologia: as flores são usadas sobre o ventre de gestantes, para cessar corrimentos e sangramentos precoces, mediante as rezas adequadas.

Parte usada: folha e flor.

Orin: sem específico.

430-QUEBRA-PEDRA(leite-de-nossa-senhora,leiteirinho)

Nome ioruba: *ajídirù, ewé bíyẹmi, igàndo*

Nome científico: *Chamaesyce prostata (Ait.) Small., Euphorbiaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọbalúwáiyé*

Características: planta rasteira de hastes avermelhadas. Folhas ovaladas, pequenas, opostas, dispostas em ramos.

Uso litúrgico: usada na composição do *àgbo* desta divindade. A planta possui energia relativa à persistência, determinação. Ajuda a vencer a prostação emocional, o derrotismo e a inércia.

Uso na herbologia: o chá em infusão das folhas é muito usado no tratamento de diabetes, afecções do estômago e na próstata, cálculos renais e cálculos e infecções na bexiga. Funciona como ótimo diurético.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

431-QUEBRA-PEDRA-BRANCO(arranca-pedra,erva-andorinha,erva-pombinha,fura-parede)

Nome ioruba: *ewé bojútòna, yólòbá*

Nome científico: *Phyllantus nituri L., Euphorbiaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀sányìn, Òṣùmàrè*

Características: planta rasteira de hastes verdes. Folhas ovaladas, pequenas, opostas, dispostas em ramos.

Uso litúrgico: usada na composição do àgbo destas divindades com objetivo de dispersar as energias negativas.

Uso na herbologia: o chá em infusão das folhas combate catarro na vesícula, cálculo do fígado, dos rins e bexiga, dores nas juntas e hidropsia.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

432-QUIABO

Nome ioruba: *ilá*

Nome científico: *Hibiscus esculentus L., Malvaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó, Ibéjì, Ọdẹ, Òṣùmàrè*

Características: planta de pequeno porte. Folha espalmada, vincada, áspera. Flores brancas, única por haste. Fruto verde (quiabo) em forma de dedo, aveludado, comestível, com sementes inclusas.

Uso litúrgico: o quiabo serve para o preparo das principais comidas votivas de *Ibéjì* e de *Ṣàngó*, como o *àmàlà*, *àjábọ́* e o *caruru*. Folha do quiabo: *ìlása*. V. Capítulo Glossário de Palavras: *àmàlà; àjábọ́; caruru.*

Uso na herbologia: o chá feito com as folhas em infusão é indicado para tuberculose, constipação e bronquite. A ingestão do quiabo atende aos mesmos fins.

Parte usada: fruto e folha.

Orin: sem específico.

433-QUIABO-ROXO(azedinha,caruru-azedo, hibiscos,rosela, vinagreira)

Nome ioruba: *àmúkàn, ewé ìṣápá, ìṣá, ìṣápá*

Nome científico: *Hibiscus sabdariffa L., Malvaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù, Ṣàngó*

Características: arbusto de hastes avermelhadas. Folhas lanceoladas, tripartidas, vincadas. Flores vermelhas, semiabertas, como botões de rosa.

Uso litúrgico: as folhas servem para o preparo de uma comida votiva específica de *Ayrà*.

Uso na herbologia: a tintura das flores em água é recomendada para equilibrar o metabolismo. A raiz em decocção funciona como tônico, aperiente e estomáquico.

Parte usada: flor e folha.

Orin: sem específico.

434-QUINA(quina-branca,quina-quina,quineira,chichona-vermelha,casca-dos-jesuítas)

Nome ioruba: *igi oríta*

Nome científico: *Cinchona calisaya*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀sányìn*

Características: árvore de grande porte. Folhas lanceoladas, opostas, vincadas. Flores róseas, miúdas, dispostas em ramalhetes.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios.

Uso na herbologia: o chá em infusão pode ser utilizado para tratar anemia, convalescença, febres em geral, inflamações, além de casos de queda de cabelo e problemas urinários. O sumo das folhas é utilizado em casos de prisão e dores de ventre. As folhas e casca em infusão são indicadas para o tratamento de dor de dente, sarampo, malária, estimulante do apetite, fadiga geral, diarreia, disenteria, dor de garganta, prevenção de gripes e resfriados, palpitações do coração, funções cardíacas e hemorroidas; as cascas podem ser utilizadas em casos de convalescência. As folhas esfregadas contra o corpo podem tratar caso de sarna. As folhas e casca em decocção também são usadas como adstringente para a garganta.

Parte usada: folha e casca.

Orin: sem específico.

435-QUITOCO(erva-lucera,lucero,madrecravro,tabacarana)

Nome ioruba: *kùkùté sáféètì*

Nome científico: *Pluchea sagittalis (Lam.) Cabr. Asteraceae (Compositae)*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀sányìn, Ògún*

Características: planta herbácea. Haste com listas. Folhas lanceoladas, aromáticas e alternas. Flores miúdas, azuis ou violetas. Fruto pequeno, esférico, com sementes encapsuladas.

Uso litúrgico: banhos purificatórios.

Uso na herbologia: a folha em infuso é indicada para reumatismo, metrite, flatulência, histeria e bronquite.

Parte usada: folha.
Orin: sem específico.

R 
Rama-de-leite

436-RAMA-DE-LEITE(cipó-de-leite,folha-de-leite,orelha-de-macaco)

Nome ioruba: *ewé ọgbọ́, ọgbọ́*

Nome científico: *Periploca nigrescens Afzel., Asclepiadaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọdẹ, Ọsányìn, Ṣàngó*

Características: trepadeira de folhas obovaladas, brilhosas, lisas, com nervura central. Flores na cor grená, corola em cinco pétalas, dispostas em ramos.

Uso litúrgico: os banhos com as folhas maceradas são indicados para abrir caminhos e para se obter progresso profissional.

Uso na herbologia: as folhas em infuso são usadas no trato da epilepsia. O sumo das folhas é usado como tônico, com bons resultados contra anemia.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

437-REPOLHO

Nome ioruba: *ewé tútù*

Nome científico: *Brassica oleracea var. acephala L., Cruciferae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọsányìn*

Características: vegetal de pequeno porte. As folhas são escuras, com nervuras acentuadas, arredondadas, dispostas como numa corola de rosas.

Uso litúrgico: as folhas são usadas em trabalhos para limpeza energética. As folhas são consumidas pelos adeptos no terreiro.

Uso na herbologia: o chá das folhas é indicado para combater úlceras estomacais, hemorroidas e dores. As folhas ferventadas e mornas, em uso externo, são úteis em furúnculos e pústulas. A ingestão das folhas atende aos mesmos objetivos.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

438-ROBÍNIA(acácia-falsa)

Nome ioruba: *bòbó èké*

Nome científico: *Robinia pseudacacia*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọsányìn, Ọ̀ṣùn*

Características: árvore que atinge até 30 m. Folhas ovaladas, pequenas, opostas, dispostas em ramos. Flores brancas, miúdas, em cachos pendentes.

Uso litúrgico: banhos purificatórios.

Uso na herbologia: o chá em infusão da casca dos ramos novos é indicado para combater cólicas, flatulência, hipercloridria, acidez estomacal e gastralgia.

Parte usada: casca e folha.

Orin: sem específico.

439-ROSA-BRANCA

Nome ioruba: *òdòdó òyìnbó*

Nome científico: *Rosa centifólia L., Rosaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá, Yemọja*

Características: arbusto de hastes espinhentas. Folhas ásperas, de bordas recortadas. Flores brancas, aromáticas, únicas por haste, com corola em múltiplas pétalas.

Uso litúrgico: as flores são usadas como oferendas às divindades e servem na ornamentação. As pétalas, em infusão, servem como aromatizantes dos trajes litúrgicos, para banhos com o objetivo de tranquilizar crianças insones e com quebranto.

Uso na herbologia: o chá das folhas e flores serve como adstringente, depurativo e purgativo.

Parte usada: flor e folha.

Orin: sem específico.

440-ROSA-VERMELHA

Nome ioruba: *òdòdó òyìnbó pupa*

Nome científico: *Rosa galica L., Rosaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọya, Ọbà, Ọ̀ṣùn*

Características: arbusto de hastes espinhentas. Folhas ásperas, de bordas recortadas. Flores vermelhas, aromáticas, únicas por haste, com corola em múltiplas pétalas.

Uso litúrgico: as flores são usadas como oferendas às divindades e servem na ornamentação. As pétalas, em infusão, servem no combate à constipação, gonorreia e leucorreia, bem como nas infecções das mucosas.

Uso na herbologia: o chá das folhas e flores serve como adstringente, depurativo e purgativo.

Parte usada: flor e folha.

Orin: sem específico.

441-ROMANZEIRO(romã)

Nome ioruba: *àgbá*

Nome científico: *Punica granatum L., Punicaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ògún, Ṣàngó*

Características: árvore de pequeno porte. Folhas pequenas, agudas, estreitas. Flores vermelhas em ramalhete. Frutas vermelhas, esféricas, de polpa adocicada e sementes inclusas.

Uso litúrgico: as folhas são usadas em maceração, na composição dos banhos litúrgicos da divindade associada.

Uso na herbologia: a fruta, a folha e a casca, em decocto, servem como excelente gargarejo no combate aos males da garganta. Da fruta se prepara um xarope útil no trato de amigdalites, resfriados, gripes, cólicas intestinais, gastrites e inflamações nos rins. A infusão das folhas é recomendada no combate à difteria. O chá em infuso das flores secas é utilizado contra leucorreia e gonorreia. O consumo da fruta atende aos mesmos objetivos.

Parte usada: fruta, casca e folha.

Orin: sem específico.

S 
São-Gonçalinho

442-SABUGUEIRO

Nome ioruba: *àtòrìnà*

Nome científico: *Sambucus nigra L., Caprifoliaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọmọlu, Ṣàngó*

Características: árvore de pequeno porte, de casca pardo acinzentada, verrugosa. Folhas opostas, oval, lanceoladas, de bordas serreadas. Flores brancas, miúdas, dispostas em ramalhetes. Frutos em bagas pretas, redondas, em cachos.

Uso litúrgico: banhos purificatórios e trabalhos contra moléstias frequentes.

Uso na herbologia: as flores frescas são usadas em chás por infusão, contra catarro e constipação. Quando secas, servem no trato de anginas, resfriados e gripes. A casca, a raiz e as folhas, em decocto são utilizadas no combate a incontinência urinária, hidropsia, reumatismo, afeções na bexiga e funciona como depurativo do sangue e antidiarreico. O chá em infuso das folhas e cascas, em uso tópico, é indicado para inflamações na pele, queimaduras, erisipela, furúnculo e hemorroidas. Se ingerido, também é eficiente contra escarlatina, varíola, rubéola e sarampo. O consumo do fruto faz cessar a diarreia.

Parte usada: casca, flor, fruto e folha.

Orin: sem específico.

443-SALSA

Nome ioruba: *ewé ọbẹ́*

Nome científico: *Petroselium sativum L., Umbeliferae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: herbácea de pequeno porte. As hastes são finas, suculentas e encimadas por folhas aromáticas, opostas, tripartidas e denteadas.

Uso litúrgico: usada em banhos, sacudimentos e como condimento alimentar. Porém, em algumas Casas de tradição *Kétu*, a salsa é um interdito.

Uso na herbologia: rica em vitaminas e sais minerais é indicada contra as doenças do estômago, bexiga, rins, fígado, pulmões, bem como inflamações no intestino e fígado. Atua como aperiente, diurético, expectorante e depurativo do sangue. O consumo, ou o chá por infusão, atingem tais objetivos.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

444-SALSA-DA-PRAIA(salsa-brava,salsa-pé-de-cabra)

Nome ioruba: *gbọ̀rọ̀ ayaba*. Lit.: *gbọ̀rọ̀* (s. broto) + *ayaba* (s. rainha).

Nome científico: *Ipomea pes-capre (L.) R. Br., Convolvulaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja*

Características: planta rasteira, que medra em restingas de praias. Folhas lisas, grossas, bipartidas, semiabertas, arredondadas. Flores lilás, em cálice.

Uso litúrgico: usada na composição do àgbo desta divindade.

Uso na herbologia: o chá da folha em infusão atua como analgésico, anti-inflamatório e cicatrizante.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

445- SALSAPARRILHA

Nome ioruba: *kan san, ikan san, èékánná*

Nome científico: *Smilax officinalis Kunth., Smilacaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó, Oko*

Características: trepadeira de folhas lanceoladas, vincadas, com haste aveludada. Flores brancas, miúdas, em ramalhete. Frutos vermelhos, redondos em cachos.

Uso litúrgico: banhos com a amaceração das folhas para dinamizar a vida.

Uso na herbologia: o chá em decocção das raízes atua como diurético, depurativo do sangue e no combate a sífilis, gonorreia, dermatoses e gota. As doses devem sem módicas para

evitar efeitos colaterais, como pressão baixa, vômitos e náuseas.

Parte usada: folhas e raízes.

Orin: sem específico.

446-SÁLVIA(salva,salva-das-boticas,salva-dos-jardins)

Nome ioruba: *ikiriwí*

Nome científico: *Salvia officinalis L.,Labiatae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: herbácea de folhas aveludadas, lanceoladas, aromáticas. Flores lilases, em cálice, dispostas em pendão.

Uso litúrgico: as folhas frescas compõem o àgbo de *Òṣàlá*. As secas servem para defumação de atração de boas energias.

Uso na herbologia: o chá das folhas e flores em infuso é usado em caso de debilidade nervosa, afecções do estômago, enxaqueca, baixa libido, má digestão, angina, catarro nos pulmões, bronquite e flatulência. O mesmo chá em gargarejo é indicado para tratar afecções na boca e na garganta. Em uso tópico, seca feridas.

Parte usada: folhas e flores.

Orin: sem específico.

447-SÁLVIA-DO-RIO-GRANDE-DO-SUL

Nome ioruba: *ikiriwí funfun*

Nome científico: *Lippia citrata*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: herbácea de folhas aveludadas, opostas, lanceoladas, aromáticas. Flores brancas, com cálice, dispostas em pendão.

Uso litúrgico: as folhas frescas compõem o *àgbo* de *Òṣàlá*. As secas servem para defumação de atração de boas energias.

Uso na herbologia: o chá das folhas e flores em infuso é usado em caso de histerismo, paralisia, apoplexia. É antiabortiva.

Parte usada: folhas e flores.

Orin: sem específico.

448-SALVIA-DO-MARAJÓ(sálvia-do-campo, sálvia-crespa,sálvia-do-pará)

Nome ioruba: *ikiriwí alákisà*

Nome científico: *Hyptis inacana*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: herbácea de folhas cordiformes, aveludadas, opostas, lanceoladas, aromáticas. Flores rosáceas, miúdas, em cálice redondo único por haste.

Uso litúrgico: as folhas frescas compõem o *àgbo* de *Òṣàlá*. As secas servem para defumação de atração de boas energias.

Uso na herbologia: o chá das folhas é sudorífico, emenagogo, tônico e estimulante. Serve também para lavar as vistas em caso de oftalmias.

Parte usada: folhas e flores.

Orin: sem específico.

449-SAMAMBAIA(lana-silvestre,samambaia-de-poço)

Nome ioruba, *abẹ́rẹ́ òjò, omù*

Nome científico: *Dryopteris filix*

Elemento da natureza: água

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣùmàrè*

Características: folhagem ornamental de folhas pequenas, lanceoladas, com sementes nas bordas, dispostas em ramos em formato afunilado, da base à ponta, lembrando um pente. Daí a tradução do nome em ioruba: “espinho de cobra”.

Uso litúrgico: banhos iniciáticos. Esta planta é usada para ornamentar os terreiros.

Uso na herbologia: o chá das folhas combate doenças relacionadas ao sistema respiratório, como bronquiteeasma. Outra área na qual a samambaia atua, em uso tópico, é em dermatites, como a psoríase. O uso popular da samambaia contra a febre também é eficaz, uma vez que ela provoca o suor excessivo, que regula a temperatura interna do corpo, evitando problemas maiores como convulsões.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

450-SÃO-GONÇALINHO(chá-de-frade,língua-de-teiú,vassotonga)

Nome ioruba: *alékèsì*

Nome científico: *Casearia sylvestris Sw., Flacourtiaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọdẹ*

Características: planta lenhosa. Folhas lanceoladas, brilhosas, lisas, opostas, dispostas em ramos. Flores miúdas esbranquiçadas, axilares às folhas.

Uso litúrgico: é uma das principais ervas utilizadas no culto a *Ọdẹ*, indispensável na iniciação. V. *ọdẹ*.

Uso na herbologia: o chá em infuso é recomendado como calmante, depurativo do sangue, anti-inflamatório e analgésico. Contra picada de insetos e cobras, a folha pilada em uso tópico traz bom resultado.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

451-*SAPÊ*(capim-sapê,juçapê)

Nome ioruba: *ẹkun*

Nome científico: *Imperata brasiliensis*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù, Ògún. Ọdẹ, Ọ̀sányìn, Ọmọlu*

Características: gramínea cujos caules são, após secos, utilizados para se construírem telhados de casas rústicas. A planta coloniza terrenos pobres, esgotados. É mal-aceita pelo gado como alimento. As inflorescências são brancas e plumosas.

Uso litúrgico: o sapê serve para cobrir recintos de culto às divindades.

Uso na herbologia: é usado como emoliente e diurético. Eficaz em tratamentos de hepatite, hipertensão, leucorreia, blenorragia e hidripsia.

Parte usada: folhas e flores.

Orin: sem específico.

452-SAPONÁRIA

Nome ioruba: *gbéìyàwómi*

Nome científico: *Saponaria officinalis*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Yẹ̀wà*

Características: planta arbustiva de folhas lanceoladas, opostas. Flores lilás, de corola em cinco pétalas, com cálice cilíndrico, circulares, dispostas em ramalhete.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios.

Uso na herbologia: as folhas em infuso servem como depurativo do sangue, diurético e sudorífico. Tratam: atonia, clorose, gota, icterícia, sífilis e reumatismo. O decocto da raiz é usado em gargarejos para anginas e faringite.

Parte usada: raiz e folha.

Orin: sem específico.

453- SAPOTI(sapota,sapotizeiro)

Nome ioruba: *nekigbé*

Nome científico: *Manilkara zapota*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn, Lógun, Ọdẹ*

Características: árvore de grande porte. Folhas lisas, lanceoladas, com nervura central, opostas. Flores miúdas esbranquiçadas, axilares em relação às folhas. Frutos esféricos, comestíveis, marrons, com semente inclusa.

Uso litúrgico: compõem o àgbo.

Uso na herbologia: rico em vitamina C, ferro, potássio e cobre, o consumo da fruta é indicado contra processos infecciosos.

Parte usada: folha e fruta.

Orin: sem específico.

454-SASSAFRÁS(canela-sassafrás,sassafrás-do-brasil)

Nome ioruba: *ipasẹ̀ àkàlà*

Nome científico: *Sassafras officinalis*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọdẹ*

Características: árvore de até 12 m de altura. Tronco aromático, leve e branco. Folhas alternas, grandes, verdes na face superior e brancas na inferior, lanceoladas, ora bilobadas, ora trilobadas. Flores pequenas e amarelas em ramos. Fruto redondo, miúdo.

Uso litúrgico: a energia desta planta está ligada ao caminho que se deve retomar. Logo os banhos em maceração das folhas seguem este objetivo.

Uso na herbologia: a planta é sudorífica e depurativa. É indicada em caso de dermatoses, artrite, gota, intoxicação, reumatismo, sífilis e falta de transpiração. Usa-se o infuso das folhas, ou elabora-se xarope com as mesmas.

Parte usada: folhas.

Orin: sem específico.

455-SEMPRE-VIVA(saião-curto,sempre-viva-dos-telhados)

Nome ioruba: *òdòdó ọta*

Nome científico: *Semprevivum tectorum*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja*

Características: folhas carnudas, achatadas obolongadas. Flores rosadas, dialipétalas.

Uso litúrgico: compõem o *àgbo*.

Uso na herbologia: chá em infusão indicado contra afecções cardíacas, hemorragia, hemorroidas, reumatismo e escorbuto. A folha pilada, colocada topicamente, faz sumir calos e verrugas. O sumo das folhas misturado ao óleo de linhaça, abranda as dores de queimaduras e erisipelas.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

456-SERINGUEIRA(fava-de-ọmọlu)

Nome ioruba: *irẹ́, pánróbà*

Nome científico: *Hevea brasiliensis M. Arg., Euphorbiaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọmọlu*

Características: árvore de folhas lisas, brilhosas, oval lanceoladas, com nervuras acentuadas, no número de três por haste. Flores brancas, miúdas, dispostas em ramalhete. Sementes arredondadas. A árvore produz um látex esbranquiçado, que serve como matéria-prima da borracha.

Uso litúrgico: as folhas compõem o *àgbo* de *Ọmọlu* e as sementes são colocadas nos assentamentos desta divindade.

Uso na herbologia: o látex, misturado ao óleo de rícino, funciona como vermífugo.

Parte usada: látex e semente.

Orin: sem específico.

457-SERPÃO(serpol,serpilho,planta-ursa,tomilho-silvestre)

Nome ioruba: *ewé àsùnwú*

Nome científico: *Thymus serpyllum*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Nàná*

Características: arbusto ornamental de folhas pequenas, arredondadas, ásperas, opostas. Flores miúdas, arroxeadas e dispostas em ramalhetes.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios.

Uso na herbologia: o chá das folhas em infuso é bom para bronquite, catarro, coqueluche e diarreia. O mesmo chá, em uso externo, atende à cicatrização de feridas supuradas, sarna e reumatismo.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

458-SERRALHA-BRAVA(ciumo,chicória-brava,serralheira)

Nome ioruba: *yùn yùn*

Nome científico: *Sonchus oleraceus L. Asteraceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: planta de pequeno porte, com folhas lanceoladas, ásperas, rugosas. A haste parece perfurar a folhas. Flor única amarela em cálice verde.

Uso litúrgico: banhos relativos ao amor e reconciliação.

Uso na herbologia: o chá das folhas em infusão fortifica os nervos, atua contra as doenças do fígado, gases, enxaquecas, afecções na pele; combate as úlceras e a debilidade cardíaca.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

459-SETE-CAPOTES(gabiroba,sete-casacas)

Nome ioruba: *jọ́mbà méje*

Nome científico: *Campomanesia guazumifolia* (Camb.) Berg.

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣányìn*

Características: planta de folhas nervuradas, lanceoladas, dispostas em três por haste. Flores brancas axilares. Fruto globoso, aveludado.

Uso litúrgico: as folhas compõem o *àgbo* desta divindade e os frutos lhe são ofertados liturgicamente.

Uso na herbologia: riquíssimo em vitamina C é recomendado para baixar a pressão alta, combater o reumatismo e disenterias. O chá é preparado com a infusão das folhas.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

460-SETE-SANGRIAS(baba-de-burro, balsamona,erva-de-sangue)

Nome ioruba: *àmù*

Nome científico: *Cuphea balsamona Ch. & Sch., Lythraceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀balúwáiyé*

Características: erva de caule e ramos pubescentes, aveludada. Folhas opostas. Flores róseas.

Uso litúrgico: erva usada para aliviar doenças de pele dos filhos deste *òrìṣà*.

Uso na herbologia: o chá com a infusão da folha apresenta bons resultados no tratamento da

arterioesclerose, hipertensão e palpitações. É depurativo do sangue, intestinos e estômago. Em uso tópico, cura doenças venéreas, afecções da pele e reumatismo.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

461-SILVA-DA-PRAIA(ariós,carniça,juquerionano,olho-de-gato)

Nome ioruba: *àyọ̀*

Nome científico: *Caesalpinia bonduc (L.) Roxb., Leguminosae-Caesalpinioideae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù, Ọ́rúnmìlà*

Características: arbusto de folhas amendoadas, dispostas em ramos. Semente encapsulada em casulo espinhoso, verde e ovalado.

Uso litúrgico: a semente é utilizada como assessório do oráculo.

Uso na herbologia: as folhas são usadas como repelentes de insetos.

Parte usada: semente e folha.

Orin: sem específico.

462-SOJA

Nome ioruba: *ẹ̀pà nlá*

Nome científico: *Glycine max*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀sányìn*

Características: arbusto de folhas ovaladas, crespas, nervuradas, no número de três por haste. Sementes (soja) em vagens aveludadas.

Uso litúrgico: as folhas compõem o *àgbo*. As sementes servem para a confecção de comidas votivas. O óleo da soja é usado na culinária dos adeptos.

Uso na herbologia: a ingestão da semente auxilia na redução dos níveis do colesterol ruim, o LDL, e ajuda a elevar os níveis de HDL, o colesterol bom. O alimento também possui isoflavonas, substâncias que ajudam a atenuar os efeitos da menopausa e evitar a perda de massa óssea.

Parte usada: folha e semente.

Orin: sem específico.

463-SUCUPIRA

Nome ioruba: *ìyangbẹ ìlera*

Nome científico: *Pterodon emarginatus*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀sányìn, Ṣàngó*

Características: árvore de grande porte. Folhas lanceoladas, opostas, dispostas em ramos. Flores liláceas em ramos. Sementes em favas.

Uso litúrgico: as favas são usadas nos assentamentos de *Ṣàngó,* assim como as folhas servem para compor os seus banhos iniciáticos.

Uso na herbologia: a batata da raiz e a semente são usadas como depurativos, no trato de eczemas, manchas na pele, feridas, urticária, hemorragias, reumatismo, fraquezas, diabetes e hidropsias. Prepara-se o chá com o decocto.

Parte usada: semente, raiz e folha.

Orin: sem específico.

464-SUMARÉ(cola-de sapateiro,lanceta-milagrosa,rabo-de-tatu)

Nome ioruba: *ìrù orẹ*

Nome científico: *Cyrtopodium punctatum*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *àfọ̀mọ̀*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọbà, Ọya*

Características: espécie de orquídea. Folhas lancetadas. Flores exóticas, amarelas manchadas de vermelho.

Uso litúrgico: oferendas e banhos às divindades associadas.

Uso na herbologia: o suco da planta, aplicado em abscesso e afecções cutâneas, produz bons resultados. As folhas reduzidas a xarope são indicadas no trato de coqueluche e tosses.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

465-SUMAÚMA(árvore-da-sede,paina-lisa,sumaúma-de-várzea)

Nome ioruba: *àràbà, ẹ̀gungun ògún, owú ẹ̀ẹ́gun*

Nome científico: *Ceiba pentranda (L.) Gaertn.,Bombaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ògún*

Características: árvore de grande porte. Suas folhas são lisas, ovaladas, lancetadas e dispostas em sete no pico da haste. As raízes quando grandes, ficam altas do chão em formato sinuoso, como muretas. Sementes encapsuladas em favas cônicas.

Uso litúrgico: é considerada uma árvore sagrada. As folhas são importantes no culto a Ògún e as favas são colocadas em seus assentamentos.

Uso na herbologia: o infuso das folhas é usado no tratamento de disenterias e diarreias. O chá ajuda na diurese, favorecendo, assim, quem tem retenção de líquidos e pressão alta.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

466-SUSSUAIÁ

Nome ioruba: *òdòdó ṣiré*

Nome científico: *Elephantopus mollis Asteraceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

Òrìṣà associado: *Ibéjì*

Características: planta de pequeno porte. Folhas crespas, ovaladas, opostas, aveludadas. Flores brancas ou lilases, em cálices.

Uso litúrgico: são usadas como ornamentos e oferendas. As folhas compõem o *àgbo*.

Uso na herbologia: combate a febre, tosse, cálculo renal e efeitos da menopausa. Faz-se o chá em infusão.

Parte usada: folha e flor.

Orin: sem específico.



467-TABACO(erva-santa,fumo)

Nome ioruba: *aṣá, ẹtába, tábà, tábà èṣù*

Nome científico: *Nicotina tabacum L., Solanaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàgiyán*

Características: planta de porte médio. Folhas ovaladas, ásperas, opostas, nervuradas. Flores cor-de-rosa, em cálice, dispostas em ramalhete.

Uso litúrgico: com as folhas de fumo prepara-se o chamado fumo de rolo. Este compõe oferendas a *Èṣù* e *Ọ̀sányìn*. As folhas de fumo integram o *àgbo* de *Òṣàgiyán*. Considera-se que esta planta possua efeitos contra energias negativas.

Uso na herbologia: embora o tabaco possua diversas ações contrárias se fumado ou inalado, as folhas piladas podem ser úteis como cicatrizantes de feridas, em uso tópico. O uso externo da infusão das folhas trata piolhos, carrapatos, dores de dente, picada de insetos e matam pragas vegetais.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

468-TAIOBA

Nome ioruba: *bàlá*

Nome científico: *Arum esculentum Vent., Araceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Nànáá, Ọ̀ṣùn*

Características: planta de pequeno porte. Hastes suculentas encimadas por folhas únicas, grandes, verde-escuras, nervuradas, cordiformes. A raiz produz um inhame.

Uso litúrgico: as folhas da taioba são a base do *latipá*, comida votiva de *Nànáá*. Em algumas tradições, o refogado desta planta também é servido a *Baru* e a *Ọ̀ṣùn*. O consumo da taioba cozida é frequente entre os adeptos do terreiro. V. *baru*; *ọ̀ṣùn; latipá: Glossário de Palavras*

em Ioruba.

Uso na herbologia: a folha cozida é usada externamente, ajuda na cicatrização de feridas a pele, erisipela e ulcerações.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

469-TAIOBA-FINA(mangarás,mangareto, mangarito,tajá)

Nome ioruba: *ewé kókò*

Nome científico: *Xanthosoma sagittifolium (L.) Schott*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja, Lógun, Ọdẹ*

Características: planta de pequeno porte. Hastes suculentas encimadas por folhas únicas, grandes, verde-escuras, nervuradas, cordiformes. Esta espécie tem a folha mais afilada. A raiz produz um inhame.

Uso litúrgico: as folhas em maceração integram o àgbo de *Yemọja,* simbolizando toda a sua energia maternal e também nas iniciações de *Lógun* e de *Erinlẹ̀*, ou *Inlẹ̀* (uma das qualidades de *Ọdẹ* no Candomblé – divindade caçadora em cuja homenagem deu-se o mesmo nome ao rio da cidade ioruba chamada *Ìlóòbú*. A palavra "*erinlẹ̀*", em ioruba, ainda designa a criança que nasce com o cordão umbilical enrolado nas mãos ou nos pés. V. *ọdẹ*.

Uso na herbologia: o mesmo da taioba.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

470-TAMAREIRA

Nome ioruba: *igi òkùnkùn*

Nome científico: *Phoenix dactylifera*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàgiyán*

Características: árvore de grande porte com as características de uma palmeira. Folhas lanceoladas, com nervura central, opostas, dipostas em haste central forte. Fruta adocicada (tâmara), costumeiramente consumida seca, ou desidratada.

Uso litúrgico: em algumas tradições, as frutas integram as oferendas.

Uso na herbologia: rica em potássio, zinco, magnésio, cálcio, fósforo, ferro, e vitaminas A e K. O consumo da fruta ajuda na redução da pressão arterial, fortalece os ossos, ajuda na digestão, combate a anemia, trata a pele, previne resfriados e funciona como anti-inflamatório.

Parte usada: fruta.

Orin: sem específico.

471-TAMARINEIRO(tamarindo)

Nome ioruba: *àjàgbọn, àjàgbaó, igi ìwín*

Nome científico: *Tamarindus indica L., Leguminosae- Caesalpinioideae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó, Òṣàlá*

Características: árvore de grande porte, que chega a 25 m de altura. Folhas pecioladas, alternadas. Flores grandes, amarelo esverdeadas. Fruto em vagem espessa.

Uso litúrgico: é uma árvore sagrada no culto de *Òṣàlá*. Contudo, em algumas tradições, por ser *Ṣàngó* considerado filho de *Òṣàlá*, teria herdado as propriedades e o culto ao tamarindeiro. Logo, as folhas desta árvore integram os banhos das duas divindades. As folhas frescas são colocadas no travesseiro dos neófitos durante o período do retiro, a fim de ajudarem a sonhar. O suco da fruta é utilizado como refresco pelos adeptos.

Uso na herbologia: as folhas maceradas são usadas na higiene bucal. O chá em infusão da polpa do fruto é empregado como calmante, anti-inflamatório, antifebril, digestivo. Ainda ajuda no trato de gastrite, afecções do estômago, disenteria e da hematêmese.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

472-TRANSAGEM(tanchagem,tranchagem,tansagem)

Nome ioruba: *ewé ọ̀pá*

Nome científico: *Plantago major L., Plantaginaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọbalúwáiyé*

Características: ramalhete de folhas grandes, de bordas onduladas, ovaladas, com nervuras curvilíneas. Flores miúdas, branco amareladas, em espigas.

Uso litúrgico: banhos em maceração para esta divindade.

Uso na herbologia: usa-se a tintura da transagem em aguardente para tratar alcoolismo. O chá por infusão das folhas frescas, em gargarejo morno, é recomendado para afecções nas vias respiratórias e do estômago, angina, inflamações na boca e garganta, gengivas sangrentas, inchação nas amígdalas, diarreia, disenteria e ainda combate a apendicite. Funciona como depurativo do sangue, como anti-inflamatório geral e ajuda a vencer o tabagismo. As folhas frescas piladas são ainda aplicadas topicamente para a cicatrização de úlceras e machucados. As raízes são tônicas, em decocto.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

473-TAPETE-DE-OXOSSI(calanchoe-fantasma)

Nome ioruba: *kùbúsù ọdẹ*

Nome científico: *Kalanchoe waldheimi Ham. & Per. Crassulaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọdẹ, Lógun*

Características: planta ornamental de pequeno porte. Folhas arredondadas, aveludadas, nervuradas. Flores pequenas, esbranquiçadas e esporádicas.

Uso litúrgico: compõem o àgbo de *Ọdẹ* e de *Lógun*.

Uso na herbologia: em uso tópico, a folha pilada serve para tratar inchações.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

474-TAPETE-DE-OXUM(jacaré,planta-da-vida, rosa-pedra,sangue-cabeludo)

Nome ioruba: *kùbúsù ọ̀ṣùn*

Nome científico: *Kalonchoe gastonis bonnieri Hamet. & Ferr. Crassulaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: planta ornamental de pequeno porte. Folhas suculentas, lisas, com nervura central, de bordas denteadas. Flores miúdas em pendão.

Uso litúrgico: a folha compõe o àgbo de *Ọ̀ṣùn*. Esta planta está associada ao parto feliz e bem realizado, sendo empregada em banhos e em trabalhos com este propósito. O sumo, ou

“limo”, produzido pelas folhas, é usado para lustrar a pedra do assentamento desta divindade.

Uso na herbologia: a folha pilada é aplicada topicamente em inchações.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

475-TAPIXIRICA(pixirica)

Nome ioruba: *ewé èlè*

Nome científico: *Melastoma akermani*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọdẹ*

Características: planta de pequeno porte. Ramos arredondados, triangulares na extremidade e recobertos por casca pardacenta. Folhas opostas, ovais, felpudas. Flores axilares.

Uso litúrgico: compõe o àgbo desta divindade.

Uso na herbologia: é usada em chá por infusão das folhas frescas, para palpitações coronarianas e afecções das vias urinárias.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

476-TAQUARIL(taquari)

Nome ioruba: *firirí*

Nome científico: *Merostachis donax L., Gramineae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọya*

Características: gramínea ornamental de haste longa, chegando a 2 m de altura, encimada por espiga felpuda com sementes.

Uso litúrgico: usada em banhos especificamente para filhas mulheres de *Ọya*, sendo interdito aos filhos de sexo masculino fazerem uso desta folha. O propósito é organizar os pensamentos, ajudar na objetivação da vida. Os ramos são utilizados como ornamento das celebrações a esta divindade.

Uso na herbologia: o caule pilado, em aplicação tópica, cura unheiro.

Parte usada: folha e caule.

Orin: sem específico.

477-TARUMÃ(azeitona-do-mato,tapinhão,tapinhoan,tarumã-guaçu,tarumão)

Nome ioruba: *kóró dúdú*

Nome científico: *Vitex montevidensis* Cham.

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *èrọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀sányìn, Ọmọlu*

Características: árvore de folhas lanceoladas, opostas, nervuradas e lisas. Fruto em bagas pretas, miúdas, dispostas em cachos, parecendo azeitonas.

Uso litúrgico: os frutos são oferendados à *Ọ̀sányìn.* As folhas servem para banhos de seus filhos e de *Ọmọlu*.

Uso na herbologia: funciona como antissifilítico, depurativo do sangue e diurético. Prepara-se o chá por infusão. O mesmo chá serve para tratar doenças de pele, em uso tópico.

Parte usada: folha e fruta.

Orin: sem específico.

478-TEJUCO(cabeça-de-moleque,cabeça-de-negro)

Nome ioruba: *orí ọmọdé*

Nome científico: *Caput nigri*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọdẹ*

Características: trepadeira de folhas tricortadas. Bolbo rugoso, parda-cento claro.

Uso litúrgico: compõe o *àgbo* de *Ọdẹ*

Uso na herbologia: *"Trata amenorreia, blenorragia, diarreia, dispepsia, erisipela, escrofulose, febres, leucorreia, reumatismo e sífilis"* (BALBACH, 1992). Faz-se o chá em infusão das folhas.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

479-TIMBÓ(caruru-apé,cipó-timbó,guaratimbó,mata-fome)

Nome ioruba: *ojú okùn*

Nome científico: *Paullinia pinnata*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọdẹ, Ọya*

Características: cipó de haste flexível e pegajosa. Folhas grandes, ovais. Flores miúdas, brancas em espigas axilares. Fruto anguloso encapsulado.

Uso litúrgico: banhos para dar objetividade aos filhos de *Ọdẹ* e de *Ọya*.

Uso na herbologia: trata-se de uma planta vevenosa. Todavia, diversos cientistas recomendam o uso específico e módico. Citamos Paul Le Cointe: *"Sedativo e narcótico, calmante do sistema nervoso (extrato e tintura), usado contra as afecções do fígado e do baço, e contra as gastralgias."*

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

480-TIMBÓ-DE-RAIZ(gorona-timbó,timbó-boticário)

Nome ioruba: *ojú okùn pupa*

Nome científico: *Piscidia erythrina*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọsányìn*

Características: árvore de até ٩ m de altura, de tronco ereto. Ramos dispostos sem ordem. Folhas alternadas, oval lanceoladas. Flores vermelho intenso, em cachos. A corola lembra uma borboleta. Fruto em vagem com sementes inclusas.

Uso litúrgico: compõe o *àgbo* de *Ọsányìn.*

Uso na herbologia: o sumo da casca do tronco ou da raiz, em compressas, é analgésico.

Parte usada: folha, da casca do tronco ou da raiz.

Orin: sem específico.

481-TINGUACIBA(laranjeira-brava,tinguaci-uba)

Nome ioruba: *ọsàn burúkú*

Nome científico: *Xanthoxylum tinguaciba*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*

Características: arbusto espinhento de casca alaranjada. Folhas espinhosas, alternadas. Flores miúdas. Fruto em noz pequena.

Uso litúrgico: a folha é usada no preparo do àgbo de *Èṣù*.

Uso na herbologia: usado no combate à dispepsia, cólicas intestinais, inapetência e diarreia. Em uso externo, trata reumatismo. O preparo é feito com a casca em infusão.

Parte usada: casca e folha.

Orin: sem específico.

482-TINHORÃO(tagurá,tinhorão-roxo)

Nome ioruba: *patìọba dúdú*

Nome científico: *Arun maculatum*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀sányìn, Ògún*

Características: herbácea de folha peciolada, manchada de preto ou avermelhado. A planta parece a *patìọba*, porém com a flor manchada e o folíolo central escuro.

Uso litúrgico: nos banhos das divindades associadas.

Uso na herbologia: trata-se de planta venenosa. Contudo, o sumo das raízes e folhas, misturado com azeite cura feridas e úlceras (BALBACH, 1992). O uso tópico ajuda na cicatrização de feridas.

Parte usada: raiz e folha.

Orin: sem específico.

483-TIRA-TEIMA(arália-cortina, árvore-da-felicidade-macho)

Nome ioruba: *akosí, ábẹ̀bẹ̀ kò sí*

Nome científico: *Polyscias guilfoylei Bailey., Araliaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀sányìn*

Características: planta arbustiva ornamental. Folhas verde-escuras, três por haste, ovaladas, com manchas amarelas e bordas denteadas.

Uso litúrgico: é usada na ornamentação do terreiro. As folhas frescas são usadas em trabalhos de limpeza energética em pessoas e ambientes. As folhas secas servem para defumação com o mesmo propósito.

Uso na herbologia: as folhas reduzidas a pós, ou piladas frescas, espalhadas no ambiente, afugentam percevejos, pulgas e carrapatos.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

484-TIRIRICA(capim-dandá,junça-aromática)

Nome ioruba: *labẹ́ labẹ́*

Nome científico: *Cyperus rotundus L., Cyperaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọdẹ, Ògún Ọ̀sányìn*

Características: erva invasora. Caule fino encimado pelas sementes espigadas. Folhas finas, longas e lanceoladas.

Uso litúrgico: os tubérculos são usados em trabalhos para afastar *égún*. As folhas são utilizadas para trabalhos contra lepra.

Uso na herbologia: as folhas em infuso são empregadas no tratamento da blenorragia, e como tônico fortificante. As raízes em decocto aliviam a azia.

Parte usada: folha e tubérculo.

Orin: sem específico.

485-TOMATE(tomateiro)

Nome ioruba: *ẹ̀kúẹ̀, tòmátì, tòmátò, tùmátì, ṣẹ̀kúnwin*

Nome científico: *Lycopersicum esculentum Mill., Solanaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣùmàrè*

Características: planta rasteira de folhas ásperas, opostas, recortadas. Fruto redondo e vermelho (tomate), com polpa suculenta e sementes inclusas.

Uso litúrgico: o consumo do fruto é constante pelos adeptos e, em algumas tradições, serve ao preparo de iguarias votivas.

Uso na herbologia: o consumo da fruta em saladas, ou pura, é indicado para tuberculose,

amigdalite, nefrite, faringite e reumatismo. Seu suco combate a angina. O chá com as folhas ou frutos, em uso externo, atua sobre hemorroidas, rins e baço.

Parte usada: fruto e folha.

Orin: sem específico.

486-TOMILHO(timo)

Nome ioruba: *àkẹ́tún òjò*

Nome científico: *Thymus vulgaris*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja*

Características: planta de até 20 cm de folhas aromáticas, haste espessa, aveludada, bastante ramificada. Folhas opostas, oval lanceoladas. Flores rosáceas ou brancas, axilares, em espiga, com cálice.

Uso litúrgico: serve na composição do àgbo, bem como para "*tornar os filhos mais obedientes e carinhosos*", nas palavras de Mãe Stella de Oxossi.

Uso na herbologia: emprega-se no trato das cólicas estomacais, flatulências, catarros, coqueluches, diarreias e amenorreias. Os banhos nas partes atingidas pela gota e reumatismo surtem bom resultado. O preparo se dá da folha em infusão. Em uso tópico, ajuda na cicatrização de feridas.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

487-TRAPOERABA(capim-gamoso,maria-mole,marianinha,olhos-de-santa-luzia)

Nome ioruba: *àtòjò àtẹ̀, gòdògbódò, gọ̀dọ̀gbọ̀ odò*

Nome científico: *Commelina difusa Burm. f., Commelinaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù, Nànà, Ọbalúwáiyé*

Características: herbácea de hastes ramosas, cilíndricas e rasteiras ou eretas. Folhas alternadas, ovais, acuminadas, denteadas. Flores azuis em pendão.

Uso litúrgico: quando colhida no horário das 12 h, na beira da rua, pertence a *Èṣù*. Se colhida em outros horários, será das outras divindades. Em qualquer das hipóteses, a planta servirá

para compor o *àgbo* dos *òrìṣà*.

Uso na herbologia: emprega-se em banho para tratar herpes e reumatismo. Em compressas é indicada para hemorroidas. O sumo da folha fresca abranda daltros. O chá em infuso trata angina e atua como diurético.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

488-TRAPOERABA-ROXA(lambari,judeu-errante,viuvinha)

Nome ioruba: *ìlẹ̀kẹ̀ ọ̀pọ̀lọ̀*

Nome científico: *Tradescantia zebrina Hort., ex Bosse, Commelinaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Nànà, Ọbalúwáiyé*

Características: planta ramosa de pequeno porte, ornamental. Hastes rasteiras arroxeadas. Folhas opostas, lanceoladas, roxas com listras verde-claro. Flores cor-de-rosa, de corola em três pétalas rotundas.

Uso litúrgico: compõe o àgbo destas divindades.

Uso na herbologia: as folhas maceradas são usadas topicamente sobre picadas de insetos.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

489-TRÊS-FOLHAS-VERMELHAS(mendanha,quina-do-mato)

Nome ioruba: *ewé mẹ́ta pupa*

Nome científico: *Evodia febrifuga*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọmọlu*

Características: árvore de grande porte de ramos angulosos. Folhas opostas, compostas de três folíolos.

Uso litúrgico: integra o àgbo de *Ọmọlu*.

Uso na herbologia: a casca, em decocto ou o suco desta planta combatem a febre (inclusive tifoide).

Parte usada: casca.

Orin: sem específico.

490-TREVO-DE-QUATRO-FOLHAS(trevo-aquático,trevo-da-fortuna)

Nome ioruba: *ewé omi ẹ̀rọ̀*

Nome científico: *Marsilea quadrifólia L., Marsileaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá, Ọ̀ṣùn*

Características: planta de pequeno porte. Haste delicada, encimada por quatro folhas arredondadas e opostas.

Uso litúrgico: em diversas culturas esta folha está relacionada com energias positivas e boa sorte, inclusive no Candomblé jêje-nagô. Logo, os banhos com a maceração das folhas têm este propósito. Conforme algumas tradições, as folhas de trevo são incluídas no àgbo específico para lavagem do oráculo *mẹ́rìnndílógún* (jogo de 16 búzios). V. *mẹ́rìnndílógún*.

Uso na herbologia: pode ser usado em saladas e chás por infusão. Possui propriedades diurética, anti-inflamatória e antitérmica.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

491-TREVO-CHEIROSO(anajá-cheiroso,coroa-de-rei,meliloto)

Nome ioruba: *àtẹ́sẹ̀ àwodi*

Nome científico: *Melilotus officinalis*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọdẹ*

Características: planta arbustiva de folhas ovaladas estreitas, dispostas em três unidades por cada haste. Flores amarelas miúdas, em pendão.

Uso litúrgico: usadas em banhos propiciatórios.

Uso na herbologia: o chá com a infusão das folhas é empregado para tratar afecções gástricas e estomacais, amenorreia, afecções nervosas, anúria, reumatismo e atua como diurético. O mesmo chá, em uso tópico, trata conjuntivite e desinfeta feridas. Ainda o mesmo chá, com mel, para ingestão, combate catarro, gripe e resfriado. O sumo das flores, gotejado diretamente nos olhos, é indicado para catarata. As folhas piladas e mornas servem como boa compressa para inchações, dor de ouvido, amigdalite, bócio e como cicatrizantes de feridas.

Parte usada: flor e folha.

Orin: sem específico.

492-TROMBETA-BRANCA(babado,cálice-de-vênus,saia-branca, trombeta-de-anjo)

Nome ioruba: *antijuí*

Nome científico: *Brugmansia Suaveolens Bercht. & Presl., Solanaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: arbusto de folhas oval lanceoladas, com bordas boleadas, nervuras acentuadas. Flor grande, na cor branca, corola em formato de campânula pendente para baixo.

Uso litúrgico: as folhas são usadas em trabalhos de limpeza energética, e em banhos por maceração, com o mesmo propósito.

Uso na herbologia: o decocto das folhas, em uso externo, serve para lavagem em caso de hemorroidas e afecções vaginais. O chá das folhas em infuso trata asma e reumatismo.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

493-TROMBETA-ROXA(anágua-de-viúva,cartucho-roxo,datura,manto-de-cristo)

Nome ioruba: *apìkán, ẹ̀sọ́ fẹ́lẹ́lẹ́ pupa*

Nome científico: *Datura metel L., Solanaceae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù, Ọ̀sányìn, Ọya*

Características: arbusto de folhas lanceoladas, com bordas denteadas, nervuras acentuadas. Flor grande, na cor roxa, corola em formato de campânula pendente para baixo.

Uso litúrgico: as folhas são usadas em trabalhos de limpeza energética.

Uso na herbologia: na herbologia ioruba, todas as plantas que produzem efeito alucinógeno pertencem a *Ọya*. Logo, na tradição jêje-nagô do Candomblé, esta planta se relaciona com outras divindades, mas mantém sua vinculação com *Ọya.* O decocto das folhas, em uso externo, serve para lavagem em caso de hemorroidas e afecções vaginais.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

494-TULIPEIRA(espatódea,tulipa,tulipeira-africana)

Nome ioruba: *igi òrúru, òrúru, òwèwè*

Nome científico: *Spathodea campanulata Pal. Beauv., Bignoniaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: árvore ornamental de copa larga. Folhas oval lanceoladas, opostas, dispostas em ramos. Flores vermelhas, campanuladas, em ramalhete.

Uso litúrgico: as folhas são usadas em trabalhos relacionados a gestações difíceis.

Uso na herbologia: com as folhas em infuso, trata-se anemia e enjoos durante a gravidez. O mesmo chá, em uso tópico, trata cegueira (VERGER, 1995).

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

495-TUPITIXÁ(guaxuma-lisa,guanxuma,tupixá)

Nome ioruba: *ọ̀ṣẹ́ pòtu*

Nome científico: *Sida carpinifolia Lf., Malvaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀balúwáiyé*

Características: planta de pequeno porte, haste aveludada. Folhas crespas, aveludadas, opostas. Flores amarelas, miúdas.

Uso litúrgico: com as hastes são preparados feixes, amarrados com palha da costa, em formato de vassoura ou espanador, para serem usados em trabalhos contra a debilidade física de pessoas que padeçam com doenças epidêmicas.

Uso na herbologia: o chá é usado para expectoração, tratamento de tosses e bronquites.

Parte usada: folha e haste.

Orin: sem específico.

U



Umbaúba

496-UACIMA-DA-PRAIA(algodoeiro-da-praia,bola,miola)

Nome ioruba: *òwú erémi*

Nome científico: *Hibiscus tiliaceus*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja*

Características: árvore de copa densa. Folhas em formato cordiforme, lisas, escuras, nervuradas. Folha amarela com miolo grená. Medra em restingas, terrenos arenosos e beira de praia.

Uso litúrgico: compõe o àgbo de *Yemọja.* As oferendas a esta divindade, também são colocadas aos pés desta árvore.

Uso na herbologia: as folhas em chá por infusão combatem a inapetência e funcionam como emolientes para ajudar na expectoração.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

497-ULMÁRIA(barba-de-bode,erva-olmeira,olmeira)

Nome ioruba: *ọ̀pá òdòdó*

Nome científico: *Spiraea ulmaria*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: arbusto de folhas verde-escuras, oval lanceoladas, com bordas denteadas. Flores brancas, pequenas, com miolo amarelo, dispostas em pendão.

Uso litúrgico: banhos propiciatórios.

Uso na herbologia: o chá em infuso é indicado para tratar afecções renais, na bexiga e febres. Atua como diurético. Em uso tópico, é empregado em caso de hemorroidas.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

498-UMBAÚBA(árvore-da-preguiça,embaúba,imbaúba)

Nome ioruba: *àgbaó*

Nome científico: *Cecropia palmata Willd., Moraceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó, Ọ̀sányìn, Kitembu*

Características: árvore de tronco ereto, oco. Folhas pecioladas, ásperas, duras, esbranquiçadas por baixo. Fruto oval, pequeno, arroxeado, em cachos, comestível.

Uso litúrgico: na filosofia ioruba, é a planta que "ilumina o que está escondido". É aos pés da umbaúba que os sacerdotes de *Ọ̀sányìn* põem as oferendas antes de ir buscar ervas, para que o *òrìṣà* das folhas não lhes esconda o que vão buscar. As folhas integram o *àgbo* das divindades associadas. Em algumas tradições esta erva é dedicada ao culto *egúngún*, tendo em vista que as folhas da umbaúba lembram as vestes dos ancestrais cultuados.

Uso na herbologia: os frutos são ingeridos para combater bronquite, asma e hipertensão. O chá por infusão é indicado para tratar coqueluche, anúria, blenorragia, hipertensão e atua como diurético. O sumo da raiz é usado em caso de insuficiência cardíaca. O sumo das folhas frescas é utilizado como diurético e trata cólicas hepáticas.

Parte usada: folha, raiz e fruto.

Orin (SANTOS, 2014):

> ***"Ta wa ni bá ni bá àgbaó***
>
> ***Ta wá ni ba***
>
> *Umbaúba nos ilumina para que encontremos o que está escondido.*
>
> *Umbaúba ilumina as buscas, ilumina o que está escondido."*

499-URTIGA(cansanção,cansanção-de-leite,queimadeira,pinha-queimadeira)

Nome ioruba: *èèsì, èsìsì, ewé kaná, ewéná, iwèrepe, wèrepe*

Nome científico: *Cnidoscolus urens (L.) Arth., Euphorbiaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*

Características: planta de pequeno porte. Folha áspera, espalmada, repartida. Flores brancas, pequenas, de corola em cinco pétalas, dispostas em ramalhete. A folha provoca urticária em contato com a pele.

Uso litúrgico: a folha é usada nos ritos a *Èṣù*.

Uso na herbologia: a seiva do caule é usada topicamente no trato de erisipela. A folha é tóxica e deve ser usada com comedimento e orientação.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

500-URTIGA-MIÚDA

Nome ioruba: *kan kan*

Nome científico: *Urtica dioica L.*, *Urticaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*

Características: planta de pequeno porte. Folha áspera, oval lanceolada. Flores brancas, miúdas, em pendão. A folha provoca urticária em contato com a pele.

Uso litúrgico: a folha é usada nos ritos a *Èṣù*.

Uso na herbologia: o chá da folha em infuso trata urticária, queimadura, cálculo renal, amenorreia, dermatose, diabetes, diarreia, reumatismo, hidropsia, anemia, males nos rins e sífilis.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

501-URTIGA-BRAVA(urtigão)

Nome ioruba: *ájòfà, jojòfa*

Nome científico: *Urera baccifera (L.) Gaudich, Urticaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù, Ògún*

Características: planta de pequeno porte. Folha áspera, ovalada, uma por cada haste horizontal oposta. Flores avermelhadas, miúdas, aderentes ao caule. A folha provoca urticária em contato com a pele.

Uso litúrgico: a folha é usada nos ritos a *Èṣù* e *Ògún*.

Uso na herbologia: o decocto da raiz é indicado para leucorreia. A decocção das folhas atende casos de anúria e disúria.

Parte usada: folha e raiz.

Orin: sem específico.

502-URTIGA-DE-FOLHA-GRANDE(cansanção)

Nome ioruba: *èsìsì*

Nome científico: *Laportea aestuans (L.) Chew, Urticaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*

Características: planta de pequeno porte. Folha pequena, áspera, oval lanceolada, opostas, de bordas serrilhadas. A folha provoca urticária em contato com a pele.

Uso litúrgico: a folha é usada nos ritos a *Èṣù*.

Uso na herbologia: o decocto da folha é indicado para hipertensão, anemia, diabetes, constipação.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

503-URTIGA-VERMELHA(urtiga-de-fogo,urtiguilha)

Nome ioruba: *ewé èpè*

Nome científico: *Urtica urens Vell., Urticaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Èṣù*

Características: planta de pequeno porte. Folha pequena, áspera, oval lanceolada, opostas, de bordas serrilhadas. A folha provoca urticária em contato com a pele.

Uso litúrgico: a folha é usada nos ritos a *Èṣù*.

Uso na herbologia: o decocto da folha é indicado para hipertensão, anemia, diabetes, constipação, cálculos renais e como depurativo do sangue. Pilada, em uso tópico, trata contusões.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

504-URUCUM(açafroa,açafroeira,colorau,urucu)

Nome ioruba: *osùn ẹlẹ́dẹ̀*

Nome científico: *Bixa orellana L., Bixaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó*

Características: planta de folhas lisas, oval lanceoladas. Flor branca de corola em cinco pétalas rotundas. Sementes encapsuladas em favas vermelhas, espinhentas, dispostas em cachos.

Uso litúrgico: planta utilizada nos ritos a *Ṣàngó*. Suas folhas são usadas em banhos iniciáticos e suas favas, nos assentamentos desta divindade. A tintura extraída das sementes é usada para pintar os elementos de culto deste *òrìṣà*. As sementes piladas produzem um pó vermelho corante (colorau) usado na comida dos adeptos. O colorau substiui o *osùn*. V. *osùn.*

Uso na herbologia: o chá das sementes em infuso é indicado no tratamento de doenças cardíacas e respiratórias, bem como constipação, hemorragias e afecções estomacais. Em compressas, as sementes piladas e mornas, ajudam na cicatrização e na recuperação de queimaduras (BARROS, 1999). Funciona como antídoto em caso de ingestão da mandioca brava.

Parte usada: sementes.

Orin: sem específico.

505-UVA(parreira, uva-moscatel,uva-rosada,uva-rubi,videira)

Nome ioruba: *àjàrà, èso àjàrà*

Nome científico: *Vitis vinífera L. Ampelideae*

Elemento da natureza: ar

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá, Ọ̀ṣùn, Ibéjì*

Características: planta trepadeira. Folhas ásperas, espalmadas, penta recortadas, de bordas serrilhadas. Flores brancas, miúdas, em pendão. Fruta redonda, de polpa suculenta, sementes inclusas, dispostas em cachos.

Uso litúrgico: as frutas compõe oferendas aos *òrìṣà* associados e a outras diversas divindades. As folhas são usadas em banhos propiciatórios dos deuses relacionados. A uva é matéria-prima do vinho, bebida consumida pelos adeptos, e usada como tempero de objetos sagrados.

Uso na herbologia: o chá das folhas é depurativo do sangue, combatendo problemas de

menopausa, artrose, gota e catarros. As sementes piladas servem para confecção de chá por infuso, empregadas no trato de vômitos sanguinolentos. O consumo da fruta é benéfico como diurético, laxante e tônico para o sistema nervoso. O pó feito com as folhas secas é empregado para cessar hemorragias.

Parte usada: fruta, folha e semente.

Orin: sem específico.



506-VASSOURINHA(tapixaba,vassourinha-benta,vassourinha-doce,vassourinha-de-oxum)

Nome ioruba: *bímọbímọ, mẹ́sẹ́nmẹ́sẹ̀n, olómù yìrín, ọ̀misin-mìsìn*

Nome científico: *Scoparia dulcis L., Scrophulariaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn, Yemọja*

Características: planta de pequeno porte, esgalhada. Haste cilíndrica, vincada. Folhas alternas, oval lanceoladas, de bordas denteadas. Flores brancas, miúdas, axilares às folhas.

Uso litúrgico: vulgarmente denominada nos Candomblés jêje-nagô pelo neologismo “semin-semin”. Erva ritual cujas folhas têm sabor adocicado. Segundo a lenda, *Ọ̀ṣùn* teria utilizado esta folha (que é tão doce quanto o mel), para enfeitiçar *Ọdẹ*. Por este motivo, o consumo de mel tornou-se um interdito para os filhos do òrìṣà da caça, a fim de que estes não sejam facilmente influenciáveis pelos outros. As folhas são usadas em trabalhos de limpeza energética do corpo e de ambientes. Com as raízes, prepara-se um pó encantatório, usado em baixo da língua para ajudar na persuasão dos interlocutores.

Uso na herbologia: as folhas são usadas em banhos como emolientes para a pele. As folhas frescas piladas, em uso tópico, aliviam a dor em caso de picada de abelhas e vespas. O chá com o infuso das folhas trata tuberculose, tosse, bronquite, febres, catarro, dor de ouvido, amenorreia e ajuda na diurese.

Parte usada: folha e raiz.

Orin (SANTOS, 2014):

> ***Bọ ti ọ̀misin-mìsìn***
>
> ***Bọ ti l´oyin l´oyin***
>
> ***Agbè eyé àlukò, igi àgbá t´awo mi***
>
> *Cultuamos com muita força vassourinha doce*
>
> *Cultuamos com muita força a folha mais doce que o mel*
>
> *Aves e árvores ancestrais, iluminem nossos mistérios.”*

507-VASSOURINHA-DO-CAMPO(barba-de-são-

pedro,bromil,vassourinha-de-santo-antonio,vassoura-vermelha)

Nome ioruba: *bímọbímọ pupa*

Nome científico: *Dondonaea viscosa*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó*

Características: arbusto mediano, com ramos avermelhados. Folhas miúdas, losanguladas. Flores em cachos.

Uso litúrgico: compõe o àgbo de *Ṣàngó.*

Uso na herbologia: o chá das folhas em infusão é empregado em caso de afecções coronarianas e catarro pulmonar.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

508-VASSOURINHA-DE-SANTO-ANTÔNIO(alecrim-de-santa-catarina,barba-de-são-pedro,bromil)

Nome ioruba: *ṣení*

Nome científico: *Polygala paniculata L., Polygalaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀sányìn*

Características: planta de pequeno porte. Folhas estreitas, lancetadas, com nervura central. Flores miúdas em pendão.

Uso litúrgico: compõe o àgbo de *Ọ̀sányìn.*

Uso na herbologia: o chá das folhas em infusão é empregado para ajudar na lactação. As raízes piladas, em uso tópico, são empregadas em caso de contusões. Com as folhas prepara-se xarope eficiente em afecções pulmonares.

Parte usada: folha e raiz.

Orin: sem específico.

509-VASSOURINHA-DE-RELÓGIO(malva-preta,relógio)

Nome ioruba: *àsarágogo, ewé ifin, ifin*

Nome científico: *Sida rhombifolia L., Malvaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: planta de pequeno porte, com folhas oval lanceoladas, ásperas, de bordas serrilhadas. Flor amarela ou branca, pequena, axilar.

Uso litúrgico: a folha é usada em trabalhos de limpeza energética em pessoas e ambientes. Em maceração, compõe o *àgbo*.

Uso na herbologia: as folhas piladas são usadas topicamente para ajudar na cicatrização de feridas e machucados.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

510-VELAME-BRANCO

Nome ioruba: *mójútómi funfun*

Nome científico: *Macrosiphonia velame*

Elemento da natureza: terra

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Òṣàlá*

Características: arbusto pequeno, de folhas verde acinzentadas, miúdas, opostas. Flores brancas de miolo amarelo.

Uso litúrgico: as flores são usadas em oferendas. As folhas maceradas compõem os banhos propiciatórios.

Uso na herbologia: o decocto da raiz é depurativo e antissifilítico.

Parte usada: raiz e folha.

Orin: sem específico.

511-VELAME-DO-CAMPO(velame-verdadeiro)

Nome ioruba: *mójútómi*

Nome científico: *Croton campestres Mart., Euphorbiaceae*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọbalúwáiyé*

Características: arbusto pequeno, de folhas verdes, oval lanceoladas, opostas, ásperas. Flores miúdas, em botão.

Uso litúrgico: as folhas são utilizadas no preparo de àgbo para a iniciação referente a *Ọbalúwáiyé* e em trabalhos para a saúde do indivíduo.

Uso na herbologia: as folhas e raízes, em decocto, são empregadas para afecções venéreas, caquexia, escrofulose, impingem, elefantíase, epilepsia, gota, catarro na bexiga, erisipela, úlceras e reumatismo. As folhas frescas piladas são aplicadas topicamente nas afecções cutâneas.

Parte usada: raiz e folha.

Orin: sem específico.

512-VELAME-DO-MATO

Nome ioruba: *mójútómi ẹgàn*

Nome científico: *Croton fulvum*

Elemento da natureza: terra

Gênero: masculino

Porte: *igi*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Lógun, Òṣùmàrè*

Características: árvore de pequeno porte, com até 4 m de altura. Folhas oval lanceoladas, alternas. Flores aromáticas, de dois sexos em cálice.

Uso litúrgico: as folhas são utilizadas no preparo de àgbo para a iniciação referente às divindades associadas.

Uso na herbologia: o chá da folha em infusão é indicado para tratar afecções venéreas, elefantíase, tuberculose, gota, catarro na bexiga, erisipela e erupções cutâneas. Funciona como excelente depurativo do sangue. Neste último caso emprega-se também o banho.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

513-VELAME-MIÚDO(caruru-de-sapo)

Nome ioruba: *mójútómi ọpọlọ*

Nome científico: *Oxalis martiana*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

Òrìṣà associado: *Nànà, Yẹwà*

Características: herbácea de folhas em palminhas, com três folíolos ovalados. Flores lilases, corola em cinco pétalas rotundas.

Uso litúrgico: as folhas são utilizadas no preparo de *àgbo* para a iniciação referente às divindades associadas.

Uso na herbologia: o decocto das folhas é indicado para dores decorrentes de artrite e febres. O mesmo chá usa-se em gargarejo contra anginas.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

514-VENCE-DEMANDA(vence-demanda-branco)

Nome ioruba: *ọ̀ṣé ọ̀ba funfun*

Nome científico: *Piper arboreum Aubl. Piperaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ṣàngó*

Características: planta de folhas oval lanceoladas, brilhosas, nervuradas, opostas e alternas. Flores minúsculas em pendão.

Uso litúrgico: as folhas inteiras são usadas como banhos em maceração, em trabalhos de limpeza espiritual de pessoas e ambientes, As folhas secas servem para defumação com o mesmo propósito.

Uso na herbologia: as folhas piladas são empregadas em compressas para machucados, dores musculares e torções.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

515-VENCE-DEMANDA-VERDADEIRA(comigo-ninguém-pode-africano,vence-demanda)

Nome ioruba: *ọ̀ṣé ọ̀ba*

Nome científico: *Justicia gendarussa Burm., Acanthaceae*

Elemento da natureza: fogo

Gênero: masculino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ògún*

Características: planta de haste escura, folhas oval lanceoladas, brilhosas, nervuradas, opostas e alternas. Flores minúsculas em pendão. Flores brancas manchadas de roxo,

miúdas, em pendão.

Uso litúrgico: as folhas são usadas em trabalhos de limpeza espiritual de pessoas e ambientes. As folhas secas servem para defumação com o mesmo propósito. As folhas verdes compõem banhos de proteção.

Uso na herbologia: as folhas e flores piladas são empregadas em compressas para machucados, dores musculares e torções.

Parte usada: folha e flor.

Orin: sem específico.

516-VERBENA(erva-do-fígado,barbasco,calção-velho,verbasco,verbena-sagrada)

Nome ioruba: *ewé ẹdọ*

Nome científico: *Verbena officinalis L., Verbenaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ*

***Òrìṣà* associado**: *Yemọja*

Características: erva pequena, de caule tríplice. Folhas pequenas, lanceo-ladas, de bordas denteadas. Flores brancas, miúdas, dispostas em espigas.

Uso litúrgico: os banhos são usados para atrair amor, união familiar e prosperidade.

Uso na herbologia: as folhas servem para tratar males do fígado, hemoptises e bronquites. Em uso tópico, é indicada para hemorroidas.

Parte usada: folha.

Orin: sem específico.

517-VERÔNICA-DO-IGAPÓ

Nome ioruba: *kóró etí*

Nome científico: *Dalbergia monetaria*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *gún*

***Òrìṣà* associado**: *Ọ̀ṣùn*

Características: planta trepadeira. Haste em cipó. Folhas oval lanceoladas, brilhosas, opostas. Semente em fava achatada e arredondada. Flores miúdas, em cacho.

Uso litúrgico: a haste serve para banhos relativos ao amor. As folhas, torradas, moídas e piladas, transforma-se em pó com o mesmo propósito.

Uso na herbologia: faz-se chá com o decocto da entrecasca, visando tratar bronquites, cálculos renais e da bexiga. O banho com o mesmo chá funciona como tônico para o organismo.

Parte usada: haste e folha.

Orin: sem específico.

518-VIOLETA

Nome ioruba: *ìrúwé àlùkò*

Nome científico: *Viola odorata*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Nànà*

Características: planta de pequeno porte, ornamental. Folhas cordiformes, aveludadas, com nervuras demarcadas. Flores roxas, pequenas, aromáticas.

Uso litúrgico: as folhas servem como oferendas e ornamentos. As folhas maceradas integram o *àgbo*.

Uso na herbologia: as flores em infusão combatem a tosse, inclusive coqueluche, e servem para tratar bronquite, sarampo e resfriados. Funciona como emoliente para a pele. O gargarejo com o mesmo chá atende às inflamações na garganta.

Parte usada: folha e flor.

Orin: sem específico.

519-VITÓRIA-RÉGIA(milho-d'água,forno-d'água, forno-de-jaçanã,rainha-dos-lagos)

Nome ioruba: *ewé omi ojú*

Nome científico: *Nymphea victoria Sch., Nymphaeaceae*

Elemento da natureza: água

Gênero: feminino

Porte: *kékeré*

Energia: *ẹ̀rọ̀*

***Òrìṣà* associado**: *Ọbà*

Características: folha aquática em forma circular, de bordas levantadas em seu contorno, parecendo uma bandeja flutuante. Pode chegar a 2,5 m de diâmetro e suportar o peso de 40 kg. Flor branca única, de miolo amarelo, em haste redonda, com pétalas lancetadas.

Uso litúrgico: serve para banhos iniciáticos desta divindade, bem como para cobrir seus assentamentos, conforme algumas tradições.

Uso na herbologia: as folhas são usadas na cicatrização e depuração.
Parte usada: folha.
Orin: sem específico.

Y



Yuca

520-YUCA(círio-de-nossa-senhora,agulha-de-adão,luca-mansa)

Nome ioruba: *èlè òṣàgiyán*
Nome científico: *Yucca gloriosa L., Liliaceae*
Elemento da natureza: ar
Gênero: masculino
Porte: *kékeré*
Energia: *gún*
***Òrìṣà* associado**: *Èṣù, Òṣàgiyán*
Características: as folhas em formato de lança e com bordas espinhosas, brotam do tronco suculento. Flores brancas em pendão.
Uso litúrgico: as folhas maceradas compõem banhos iniciáticos de todas as divindades.
Uso na herbologia: as folhas piladas, em uso externo, servem para curar feridas e inchaços.
Parte usada: folhas.
Orin: sem específico.

GLOSSÁRIO DE APLICAÇÃO DAS ERVAS

A relação abaixo não tem a pretensão de diagnosticar, nem de prescrever medicamentos. Nossa pesquisa tem por objetivo tão somente demonstrar como a cultura ioruba e o Candomblé jêje-nagô conservaram e desenvolveram a relação com o elemento vegetal, buscando seu próprio equilíbrio e sua sobrevivência.

Esta intrínseca relação é decorrente da cosmovisão que os envolve, bem como da falta de recursos e de acesso a outros sistemas de saúde. Logo, a herbologia era e ainda é, para muitos, não só a melhor, mas a única opção.

Por assim ser, este capítulo, antes de tudo, irá nos mostrar a versatilidade dos recursos naturais. Veremos que em vários casos, uma só planta é capaz de atuar em mais de trinta moléstias. Tal fato nos permite uma maior valorização dos elementos vegetais e de todo potencial que está ao nosso alcance.

Evidente que não devemos desconsiderar os avanços e os outros recursos da ciência moderna. Porém, nem sempre o mais fácil, mais cômodo, será melhor.

Para maiores detalhes sobre a planta indicada, inclusive forma de uso, veja o capítulo “Glossário de Ervas: ficha catalográfica”.

Vale dizer que em nenhum dos casos, situações ou doenças, deve-se dispensar a procura a um médico.

A

ABSCESSO: barba de velho, bardana, batata-inglesa, dormideira, pau-d'alho, Sumaré.

ACIDEZ DA BOCA: limão. V. boca.

ACIDEZ ESTOMACAL: robínia, limão, poejo.

ÁCIDO ÚRICO: agrião, cordão-de-frade, limão. V. gota.

ACNE: espinheiro, limão, limo-da-costa, mandioca. V. pele.

ADENITE: limão, eucalipto.

ADSTRINGENTE: guaraná, ipê, ipesan, jatobá, jequitiba, quina, rosa-branca, rosa-vermelha.

AFONIA: limão.

AFTA: limão, amoreira, erva-santa, heliotrópio, jequitibá.

ALBUMINÚRIA: limão, guaco.

ALCOOLISMO: coco, limão, transagem, maracujá.

ALERGIA: camomila, cipó-insulina.

ALOPECIA: desata-nó. V. cabelo.

ALZHEIMER: diamba, gincobiloba.

AMARELÃO: V. vermes.

AMENORRÉIA: abútua, tomilho, alfazema, tejuco, algodoeiro, angélica, angelicó, arruda, bucha, guaiaco, jaborandi, limão, louro, manacá, melão-de-são-caetano, trevo-cheiroso, urtiga-miúda, vassourinha.

AMIGDALITE: cipó-dourado, heliotrópio, jequitibá, limoeiro, romanzeiro, tomate, trevo-cheiroso.

AMNÉSIA: apá, apaoká, atori, guiné, feijão-branco.

ANALGÉSICO: cânhamo, dandá-da-costa, diamba, erva-de-são-joão, espinheira-santa, salsa-da-praia, são-gonçalinho, timbó-de-raiz, caruru, arnica.

ANCILOSE: limão.

ANEMIA: agrião, artemísia, awurepepe, tulipeira, beterraba, tamareira, bucha, caqui, carqueja, chuchu, confrei, feijão-fradinho, feijão-preto, jenipapo, limão, murta, quina, tamareira, tulipeira, urtiga-miúda, urtiga-de-folha-grande, urtiga-miúda.

ANEURISMA: limoeiro.

ANGINA: alfavaca, carqueja, cravo-de-defunto, erva-dutra, jequitibá, limoeiro, sabugueiro, sálvia, saponária, tomate, transagem, trapoeraba, velame-miúdo.

ANOREXIA: V. inapetência.

ANTIEMÉTICOS: V. vômito.

ANTIFLOGÍSTICOS: V. inflamação.

ANTIOXIDANTE: oliveira.

ANTISSÉPTICOS: angelicó, coerana, eucalipto.

ANÚRIA: coração-de-jesus, guaco, trevo-cheiroso, umbaúba, urtiga-brava. V. diuréticos.

APARELHO DIGESTIVO: V. dispepsia.

APENDICITE: transagem.

APERIENTES: V. inapetência.

APETITE: V. inapetência.

APOPLEXIA: alfazema, limão, sálvia-do-rio-grande-do-sul.

ARSÊNICO: envenenamento por arsênico. Tratar-se com anil.

ARTERIOSCLEROSE: cana-do-brejo, chapéu-de-couro, espinafre, guaraná.

ARTRITE: alho, andiroba, amoreira, catinga-de-mulata, cipó-insulina, coerana, erva-de-são-joão, espinheiro, fava-divina, gengibre, guiné, jacarandá, limão, parietária, persicária, sassafrás, velame-miúdo.

ASCITE: V. hidropsia.

ASFIXIA: limão.

ASMA: agoniada, ahùn, alfazema, azedinha, caapeba, cambará, camboatá, carnícula, catinga-de-mulata, celidônea, cerefólio, cocleária, confrei, cordão-de-frade, couve, erva-andorinha, eucalipto, flor-da-noite, guaiaco, inhame-cará, jabuticaba, lágrima-de-nossa-senhora, limão, mangueira, pankeré, paracari, samambaia, trombeta-branca, umbaúba.

ASSISTOLIA: V. insuficiência cardíaca.

ASTENIA: cravo-branco, marapuama, murta. V. debilidade geral.

ATONIA: saponária.

AUSÊNCIA DE MENSTRUAÇÃO. V. amenorréia.

B

BAÇO: alfazema, jurubeba, timbó, tomate.

BERIBÉRI: marapuama.

BEXIGA: alfavaca-de-cobra, angélica, bardana, beldroega, cabelo-de-milho, cana-de-macaco, carambola, carqueja, cavalinha, cerefólio, chapéu-de-couro, cipó-escada, cotó-cotó, douradinha, erva-azeda, eucalipto, jatobá, losna, mil-em-rama, parietária, prímula, quebra-pedra, sabugueiro, ulmária, velame-do-mato.

BLENORRAGIA: alfazema, anil, aperta-ruão, boldo, bolsa-de-pastor, cana-do-brejo, carrapicho-beiço-de-boi, cipó-insulina, cipó-mil-homens, cipreste, jatobá, limão, língua-de-vaca, malva, pau-d'alho, persicária, quássia, sapê, tejuco, tiririca, umbaúba.

BOCA: *afecções da*. cacau, caruru, cascarrilha, jequitibá, limão, sálvia, sensitiva, transagem.

BÓCIO: limão, trevo-cheiroso.

BRONQUITE: agrião, alçacruz, angélica, eucalipto, flor-da-noite, fumária, guaco, guaiaco, jaborandi, jatobá, mulungu, prímula, quitoco, sálvia, serpão, umbaúba, vassourinha, verônica e violeta.

BURCITE: amendoeira.

CABEÇA: *dores de*. abútua, alfazema, angélica, cidreira, flor-da-noite, limão, língua-de-vaca, saião, sálvia.

C

CABELO: *queda de*. alfazema, babosa, bardana, chorão, guacuri, jaborandi, malagueta.

CÃIMBRAS: alfazema, angélica, camomila, limão, mil-em-rama.

CÁLCULOS DA BEXIGA: agrião, bardana, limão, quebra-pedra, verônica.

CÁLCULOS RENAIS: abútua, agrião, bardana, limão, urtiga-vermelha, verônica.

CALMANTES: V. nervos.

CALO: calêndula, celidônia, erva-andorinha, saião, calêndula, figo, gameleira, sempre-viva.

CALVÍCIE: V. cabelo.

CÂNCER: acerola, aveloz, bucha, confrei, guacuri, jamelão, laranjeira, maria-sem-vergonha.

CANCRO: curraleira, jurema. V. tumor.

CASPA: chorão, cipó-escada, erva-moura, limão.

CATARATA: trevo-cheiroso.

CATARRO: agoniada, alcaçuz, algodoeiro, artemísia, casca-de-anta, eucalipto, guaiaco, hera-terrestre, hortelã, limão, losna, malva, mil-em-rama, parietária, poejo, tomilho, trevo-cheiroso.

CATARRO NA BEXIGA: erva-azeda, jurubeba, velame-do-campo, velame-do-mato.

CAXUMBA: desata-nó.

CEFALÉIA: V. cabeça.

CIÁTICAS: awurepepe, aroeira, eucalipto, limão.

CICATRIZAÇÃO: agrião, algodão, aroeira-comum, azumã, beldroega, caapeba, cansanção, carqueja, catinga-de-mulata, celidônea, erva-de-macaé, ingá, juciri, mirra, murta, oxô, pára raio, peregun, peregun-branco, peregun-branco, serpão, taioba, transagem, urucum, vassourinha-de-relógio, vitória-régia.

CIRROSE: cravo-branco. V. fígado.

CIRCULAÇÃO: carqueja, erva-cidreira, feijão-branco.

CISTITE: agrião, aperta-ruão, cabelo-de-milho, cipó-insulina, pepino.

CLOROSE: bucha, cruá, saponária.

COCEIRA: botão-de-ouro, folha-de-fogo, ipê, manacá, maria-mole.

CÓLICAS: angélica, anis-estrelado, artemísia, camomila, casca-de-anta, cascarrilha, endro, funcho, losna, manjerona, marupá, mentrasto, mil-em-rama, tomilho.

CÓLICAS HEPÁTICAS: umbaúba.

CÓLICAS MENSTRUAIS: abútua-miúda, mentrasto, mil-em-rama.

CONJUNTIVITE: olho-de-pombo, trevo-cheiroso.

CONTUSÕES: arnica, cana-do-brejo, girassol, manjerona, mil-em-rama, pacová, prímula, urtiga-vermelha.

CONVULSÕES: aridan, guiné, mamona, samambaia.

COQUELUCHE: baunilha, cambará, fedegoso, ipecacuanha, serpão, sumaré, tomilho, umbaúba, violeta.

CORAÇÃO: *afecções do*. alecrim-de-jardim, arnica, basdana, cidreira, flor-da-noite, hortelã, inhame-branco, limão, sete-sangrias, tapixirica, urucum, vassourinha-do-campo.

CORIZA: benjoim.

D

DARTROS: inhame-roxo, panaceia, paracari.

DEBILIDADE GERAL: marapuama, debilidade. v. astenia.

DEPURATIVOS DO SANGUE: agrião, amor-perfeito, angélica, carqueja, caruru, cerefólio, cinco-folhas, cotó-cotó, curraleira, dente-de-leão, erva-de-bugre, guaiaco, japecanga, limão, pau-ferro, pita, prímula, sabugueiro, salsaparrilha, sassafrás, sete-sangrias, transagem, urtiga-vermelha, velame-do-mato.

DERMATITE: limo-da-costa, samambaia.

DERMATOSE: folha-da-fortuna, maririçó, salsaparrilha, sassafrás, urtiga-miúda.

DESINFETANTE: maracujá, jequitiba.

DIABETES: agrião, carqueja, cerefólio, eucalipto, inhame, jamelão, jucá, jurubeba, limão, pau-ferro, quebra-pedra, urtiga-vermelha.

DIAFORÉTICOS: cravo-de-jardim, sassafrás.

DIARRÉIA: acariçoba, algodoeiro, anis, aperta-ruão, aroeira, artemísia, camomila, carqueja, cascarrilha, cotó-cotó, cidreira, erva-dutra, funcho, guaraná, jucá, losna, louro, marapuá, mentrasto, mil-em-rama, persicária, poejo, quássia, sabugueiro, serpão, tamarindo, transagem, tejuco, tomilho, tinguaciba, urtiga-miúda.

DIFTERIA: romanzeiro.

DIGESTÃO DIFÍCIL: V. dispepsia.

DILATAÇÃO DO ESTÔMAGO: angélica.

DISENTERIA: algodoeiro, angélica, bolsa-de-pastor, caroba, cascarrilha, eucalipto, guaraná, ipecaucunha, jamelão, louro, mangue-vermelho, marupá, persicária, tamarindeiro, transagem.

DISPEPSIA: abútua, alecrim, alfavaca, angélica, angelicó, anis, bardana, caapeba, cardamomo, carqueja, casca-de-anta, centáurea-do-brasil, coerana, cominho, coração-de-jesus, cotó-cotó, endro, funcho, guaraná, hera-terrestre, limão, louro, manjerona, mil-em-rama, quássia, tejuco, tinguaciba.

DISPINÉIA: limão, alcaçuz.

DISÚRIA: urtiga-brava. V. diuréticos.

DIURÉTICOS: agrião, alcaçuz, alfavaca, alfazema, algodoeiro, angélica, anis, beldroega, cana-do-brejo, carnaúba, caroba, carqueja, cavalinha, cominho, coração-de-jesus, cordão-de-frade, erva-de-cobra, erva-tostão, fedegoso, funcho, guaiaco, hera-terrestre, imbiri, jurubeba, louro, manacá, maravilha, paracari, parietária, pariparoba, quebra-pedra, salsaparrilha, trapoeraba, trevo-cheiroso, ulmária, umbaúba. V. disúria.

DOENÇA DE CHAGAS: cipó-insulina.

DOR DE DENTE: desata-nó, dormideira, erva-cidreira, folha-da-fortuna, guando, malva-rosa, quina.

DOR DE ESTÔMAGO: batata-inglesa, casca-de-cebola, louro.

E

ECZEMA: amor-perfeito, arroz, babosa, cenoura, cenoura, cravo-de-defunto, douradinha, limo-da-costa, mil-em-rama, paracari, sucupira.

EDEMA: desata-nó, douradinha, limão.

EDEMA PULMONAR: desata-nó.

ELEFANTÍASE: cipó-caboclo, murta, pata-de-vaca, velame-do-campo, velame-do-mato.

EMENAGOGO: V. menstruação abundante; menstruação difícil.

EMOLIENTES: alteia, camomila, babosa, malva, pariparoba, uacima-da-praia, vassourinha, violeta.

ENJOO: tulipeira. v. náuseas.

ENTERITE: algodão, alteia, artemísia, cravo-branco, louro-preto, limão.

ENVENENAMENTO: anil, limão, losna.

ENXAQUECA: alfazema, cipó-insulina, colônia, confrei, erva-cidreira, erva-prata, erva-vintém, girassol, golfo, guiné, limoeiro, pincel, sálvia, serralha-brava. V. cefaleia.

EPLEPSIA: angelicó, anil, artemísia, cidreira, limão, macela, marupá-do-campo, velame-do-campo.

ERISIPELA: aroeira, babosa, carnícula, cipó-embé, fedefoso, guapeva, persicária, sabugueiro, saião, velame-do-campo, velame-do-mato.

ESCARLATINA: limão, mil-em-rama, sabugueiro.

ESCORBUTO: agrião, angélica, beldroega, caroba, centáurea-menor, cocleária, fumaria, limão, pariparoba.

ESCROFULOSE: agrião, cotieira, dormideira, limão, velame-do-campo.

ESPASMOS: alecrim-do-mato, cidreira, hortelã, prímula.

ESTERILIDADE: limão.

ESTIMULANTES: alfavaca, angélica, badiana, cravo-branco, hortelã, obi.

ESTÔMAGO: *afecções no*. alfavaca, angélica, anis, artemísia, bardana, camomila, casca-de-anta, cascarrilha, centáurea-do-brasil, cerefólio, cominho, cidreira, funcho, hera-terrestre, hortelã, jatobá, limão, louro-preto, manjerona, mil-em-rama, pacová, pariparoba, pita, poejo, quássia, quebra-pedra, acácia-falsa, sálvia, sete-sangrias, tamarindeira, transagem,

trevo-cheiroso.

ESTOMATITE: guando, manjericão.

EXPECTORANTE: alcaçuz, alfavaca-de-cobra, bananeira-de-jardim, cebolinha, feto, hortelã-pimenta, ipecacuanha, jaqueira, salsa.

F

FARINGITE: cipó-dourado, guando, heliotrópio, jequitibá, saponária, tomate.

FEBRE: alfavaca, anis, camomila, centáurea, caroá, eucalipto, fedegoso, guaco, jatobá, limão, marupá-do-campo, melão-de-são-caetano, mil-em-rama, pariparoba, persicária, picão-da-praia, tamarindo, tejuco.

FEBRE INTERMITENTE: centáurea-do-brasil, coração-de-jesus, juazeiro, perpétua.

FEBRE PUERPERAL: cavalinha, limão.

FEBRE TIFÓIDE: alecrim, angélica, coentro, limão, mil-em-rama, três-folhas-vermelhas.

FERIDAS: alecrim, algodoeiro, aperta-ruão, arruda, babosa, bardana, calêndula, camomila, caroba, carqueja, cavalinha, celidônia, erva-de-santa-luzia, erva-moura, eucalipto, girassol, imbiri, juciri, limão, manjerona, mil-em-rama, pacová, parietária, pita, saião, sálvia, serpão, tomilho, tinhorão, trevo-cheiroso.

FÍGADO: *afecções do*. abútua, acariçoba, agrião, alcaçuz, alfazema, angélica, aperta-ruão, artemísia, bardana, beldroega, boldo, bucha, carqueja, caruru, coerana, dente-de-leão, erva-tostão, fedegoso, flor-de-coral, fumaria, jurubeba, losna, mil-em-rama, mulungu, pariparoba, pita, quássia, sensitiva.

FÍSTULA: cipó-azougue, limão.

FLATULÊNCIA: anis estrelado, bejerecum, canela, casca-de-anta, cominho, dormideira, erva-cidreira, erva-doce, hera, hortelã-pimenta, laranjeira-do-mato, louro-preto, mamoeiro, manjericão, quitoco, robínia, sálvia, tomilho.

FRIEIRA: alho, nabo, limão, saião.

FURÚNCULO: arrebenta-cavalo, baobá, folha-da-fortuna, fruta-pão, repolho, sabugueiro.

G

GARGANTA: abacaxi, batata-doce, bolsa-de-pastor, cascarrilha, casuarina, cipó-insulina, gengibre, ipê, malva-rosa, quina, romanzeiro, sálvia, transagem, violeta.

GASES: V. flatulências.

GASTRALGIA: casca-de-anta, robínia, timbó. V. estômago.

GASTRITE: arroz, artemísia, bardana, caapeba, cascarrilha, confrei, espinheira-santa, romanzeiro, tamarineiro.

GENGIVAS: cocleária, transagem.

GENGIVITE: erva-santa, figo, guando, laranjeira.

GONORREIA: V. blenorragia.

GOTA: abacate, agrião, amoreira, bardana, batata-doce, carqueja, catinga-de-mulata, cerefólio, cordão-de-frade, cotó-cotó, crista-de-galo, fedegoso, fedegoso-verdadeiro, gengibre, guaco, guaiaco, itu, japecanga, limoeiro, margarida, morango, pepino, prímula, salsaparrilha, saponária, sassafrás, uva, velame-do-campo, velame-do-mato. V. hidroterapia.

GRIPE: agrião, balaio-de-velho, cajazeira, cambará, cadeia, canela, cebolinha, cipó-dourado, erva-de-passarinho, eucalipto, gengibre, guaco-verdadeiro, jabuticaba, limoeiro, losna, marapuama, margarida, melão-de-são-caetano, mexerica, poejo, quina, sabugueiro, romanzeiro, trevo-cheiroso.

H

HEMATÊMESE: tamarineiro.

HEMOPTISES: desata-nó, verbena.

HEMORRAGIAS: araça, bambu, bolsa-de-pastor, cavalinha, cordão-de-frade, erva-de-bicho, guaraná, mangueira, mangue-vermelho, mil-em-rama, pessegueiro, sucupira, urucum, uva.

HEMORRAGIA UTERINA: cordão-de-frade.

HEMORROIDAS: babosa, bambu, cacau, cerefólio, erva-de-macaé, motamba, persicária, quina, repolho, sabugueiro, sempre-viva, tomate, trapoeraba, trombeta-branca, trombeta-roxa, ulmária, verbena.

HEPATITE: confrei, flor-de-coral, sapê.

HÉRNIA: cana-do-brejo, jasmim-da-itália.

HERPES: cipó-azougue, cipó-mil-homens, cipó-suma, maravilha, trapoeraba.

HIDROPISIA: jurubeba, leque-da-oxum.

HIPERTENSÃO: chuchu, erva-de-macaé, folha-da-riqueza, guaiaco, maracujá, oliveira, paracari, pitangueira, sumaúma, sapê, sete-capotes, sete-sangrias, umbaúba, urtiga-de-folha-grande, urtiga-vermelha.

HIPOCONDRIA: alfazema, cidreira, fumária.

HISTERIA: assa-fétida, baunilha, catinga-de-mulata, coentro, endro, erva-cidreira, espinheiro, perpétua, prímula, quitoco.

I

ICTERÍCIA: anil, carqueja, celidônea, confrei, couve, cravo-de-defunto, dente-de-leão, guapeva, hortelã-pimenta, macieira, motamba, saponária.

IMPIGEM: fístula-amarela.

IMPOTÊNCIA: bambu, catuaba, jenipapo, marapuama, nega-mina, pau-tenente.

IMUNODEFICIÊNCIA: cipó-insulina.

INAPETÊNCIA: camomila, casca-de-anta, erva-de-bicho, losna, macela, oliveira, tinguaciba, uacima-da-praia.

INCHAÇO: arnica, cana-do-brejo, fava-divina, lágrima-de-nossa-senhora, pacová, patioba, yuca.

INFLAMAÇÃO NAS VIAS URINÁRIAS: begônia, caapeba, cotó-cotó, folha-de-fogo, tapixirica.

INFLAMAÇÕES: alho, aridan, aroeira-comum, arroz, árvore de cuia, babosa, batata-doce, batata-inglesa, beterraba, caapeba, calêndula, carrapicho, crisântemo, dama-da-noite, douradinha, girassol, mandioca, quina, pau-tenente, margarida, mamoeiro, malva-rosa.

INFLAMAÇÕES ÓSSEAS: *aaka*.

INGURGITAMENTO: cominho, jenipapo.

INSETOS: anil, coração-de-jesus, citronela, croton, guaco, levante-miúda, são-gonçalinho, silva-da-praia, tabaco, trapoeraba-roxa.

INSÔNIA: agnocasto, crisântemo, erva-cidreira, guiné, maracujá.

INSUFICIÊNCIA CARDÍACA: umbaúba.

INTESTINO: agave, centáurea-do-brasil, cruá, erva-cidreira, espinafre, manjericão, salsa, sete-sangrias.

INTOXICAÇÃO: limão, sassafrás.

L

LABIRINTITE: gengibre, jincobiloba, lobeira.

LACTAÇÃO: agnocasto, beldroega, cenoura, dandá-da-costa, erva-doce, funcho, vassourinha-de-santo-antônio.

LARINGITE: avenca, benjoim, erva-dutra.

LAXANTE: alcaçuz, alface, anil, chapéu-de-napoleão, espelina-falsa, ipesan, manacá, maravilha, maririçó, pára-raio, rosa-branca, rosa-vermelha, uva. V. prisão de ventre.

LEPRA: carqueja, limão, tiririca.

LEUCORRÉIA: açoita-cavalo, carrapicho-beiço-de-boi, cruá, desata-nó, marupá, melão-de-são-caetano, murta, rosa-vermelha, romanzeiro, tejuco, urtiga-brava.

LOMBRIGAS: arruda. V. vermes.

M

MALÁRIA: *ahùn*, peroba-rosa, quina.

MANCHAS NA PELE: boldo, celidônea, erva-andorinha, sucupira.

MAU HÁLITO: limão, losna.

MEMÓRIA: V. amnésia.

MENIGITE: batata-de-purga, limão, malagueta.

MENORRAGIA: V. menstruação excessiva.

MENSTRUAÇÃO ABUNDANTE: cavalinha, avenca, bananeira-de-jardim, calêndula, cipó-são-joão, coentro, crisântemo.

MENSTRUAÇÃO DIFÍCIL: artemísia, avenca, bananeira-de-jardim, calêndula, cipó-são-joão, coentro, crisântemo, erva-de-bicho, poejo.

MERCÚRIO: *envenenamento por.* anil.

METRITE: cruá, quitoco.

MICOSE: botão-de-ouro, coerana, erva-andorinha, mirra.

MORDEDURAS VENENOSAS: coração-de-jesus, mamica-de-cadela, paracari.

MUCOSIDADES: jequitiba, olho-de-gato, palma, rosa-vermelha.

MÚSCULO: amendoeira, angélica, aroeira-comum, *ayan*, bálsamo, confrei, copaíba, desata-nó, eucalipto, hortelã, pimenta, igui ata, manjerona, marapuama, pinhão, vence-demanda, vence-demanda-verdadeiro.

N

NÁUSEAS: coco, erva-moura, salsaparrilha, tulipeira.

NEFRITE: cana-do-brejo, erva-tostão, eucalipto, limão, tomate.

NERVOS: alface, artemísia, assa-fétida, ayan, boldo, cerefólio, erva-cidreira, espinheiro, figueira-do-inferno, flor-da-noite, macieira, malva-rosa, margarida, nogueira, olho-de-boi, pitangueira, prímula, serralha-brava, trevo-cheiroso, uva. V. calmante.

NEVRALGIA: alfazema, assurin, ataare, cipó-mil-homens, guarana, ipê, pimenta da costa.

O

OBESIDADE: beringela, graviola, jabuticaba, limão, melancia.

OFTALMIA: cavalinha, erva-cidreira, graxa-de-estudante, sálvia-do-marajó.

OTITE: imbiri.

OVÁRIO: camomila, ipê, jequitiba.

P

PANOS: arrebenta-cavalo, celidônea.

PARALISIA: salvia-do-rio-grande-do-sul.

PELE: *afecções e trato da*. acerola, ahùn, altéia, babosa, bardana, batata-de-purga, bucha, cacau, camomila, cenoura, cipó-azougue, cipó-são-joão, cipó-suma, confrei, crisântemo, curraleira, dama-da-noite, dendezeiro, erva-de-macaé, erva-moura, erva-de-santa-luzia, espinheiro, estrelinha, feijão-branco, folha-de-fogo, fumaria, guaiaco, jabuticaba, japecanga, limo-da-costa, louro, mandacaru, maria-preta, palmatória-de-exu, panaceia, pepino, sabugueiro, serralha-brava, sete-sangrias, taioba, tamareira, tarumã, vassourinha, violeta.

PIOLHO: alamanda, arruda, marupá-do-campo, tabaco.

PNEUMONIA: agrião, alfavaquinha-de-cobra, cipó-dourado, erva-de-passarinho, eucalipto, guaiaco, jambeiro-rosa, prímula.

PRESSÃO ALTA: V. hipertensão.

PRISÃO DE VENTRE: cebola, chicória, confrei, cravo-de-defunto, dente-de-leão, dormideira, jamelão, mamoeiro, mamona, pára-raio, quiabo, rosa-vermelha, sabugueiro, urtiga-de-folha-grande, urtiga-vermelha, uricum. V. laxante.

PRÓSTATA: fedegoso-verdadeiro, jatobá, limão, quebra-pedra.

PSORÍASE: cenoura, mil-em-rama, samambaia.

PULMÕES: *afecções dos*. goiabeira, losna, mandacaru, salsa, sálvia.

PÚSTULAS: baobá, espinho-de-roseta, mandioca, repolho.

Q

QUEIMADURAS: abóbora, açoita-cavalo, algodão, araruta, babosa, batata-inglesa, bomubomu, confrei, imbiri, limo-da-costa, manjerona, sabugueiro, sempre-viva, urucum.

QUILÚRIA: itu.

R

RESFRIADO: balaio-de-velho, cajazeira, cambará, cadeia, cebolinha, cipó-dourado, cidreira, erva-de-passarinho, eucalipto, gengibre, guaco-verdadeiro, limão, melão-de-são-caetano, mexerica, poejo, quina, sabugueiro, romã, tamareira, trevo-cheiroso, violeta.

RETENÇÃO DE URINA: V. diuréticos.

REUMATISMO: abútua, alecrim-do-mato, alfazema, amoreira, amor-perfeito, angélica, aroeira-comum, artemísia, batata-doce, boldo, carqueja, catinga-de-mulata, chapéu-de-couro, cipó-azougue, coerana, confrei, copaíba, cordão-de-frade, cotó-cotó, cravo-de-defunto, erva-moura, erva-de-são-joão, espinheiro, eucalipto, fava-divina, fava-de-obará, fumaria, guaco, guaiaco, guapeva, guiné, hortelã-pimenta, itu, jacarandá, japecanga, lágrima-de-nossa-senhora, macieira, manjerona, marapuama, maria-mole, morango, mostarda, motamba, murta, nega-mina, nogueira, panaceia, pepino, peregun, peregun-branco, pitanga, prímula, quitoco, sabugueiro, saponária, sassafrás, sempre-viva, serpão, sete-capotes, sete-sangrias, sucupira, tejuco, tinguaciba, tomate, tomilho, trapoeraba, trevo-cheiroso, trombeta-branca, urtiga-miúda, velame-do-campo.

RINITE: eucalipto.

RINS: *afecção nos*. alface, alfavaca-de-cobra, beldroega, berinjela, bertalha, cabelo-de-milho, carambola, cavalinha, chapéu-de-couro, chicória, cipó-escada, losna, maria-sem-vergonha, mastruz, mil-em-rama, morango, parietária, quebra-pedra, salsa, romã, tomate, urtiga miúda.

ROUQUIDÃO: avenca, erva-dutra.

RUBÉOLA: sabugueiro.

S

SARAMPO: quina, sabugueiro, violeta.

SARDAS: leque-da-oxum, maravilha, mexerica.

SARNA: alamanda, anil, arruda, batata-de-purga, cipó-azougue, quina, serpão.

SEIO: alfavaca-de-cobra, cacau, cominho, juciri.

SÍFILIS: batata-de-purga, boldo, carnaúba, chapéu-de-couro, cipó-mil-homens, cotó-cotó, cotieira, curraleira, erva-de-bugre, folha-de-fogo, guaco, guaiaco, ipê, itu, japecanga, leque-da-oxum, motamba, panaceia, persicária, salsaparrilha, saponária, sassafrás, tejuco, urtiga-miúda.

SINUSITE: cipó-insulina, eucalipto.

SOLITÁRIA: cipó-mil-homens, erva-de-santa-maria.

SONO: alface, alfazema, anis-estrelado, anil, bem-me-quer, bucha, capim limão, cidreira, cipó-suma, endro, jasmim-itália, pincel.

SUDORÍFICO: alfavaca-de-cobra, cana-do-brejo, capim-limão, nogueira, salvia-do-marajó, saponária.

T

TABAGISMO: agrião, transagem.

TENDINITE: amendoeira.

TERÇOL: nicurizeiro.

TÉTANO: cipó-insulina.

TIREÓIDE: cipó-insulina.

TIFO: angélica, coentro, mil-em-rama, três-folhas-vermelhas.

TÔNICOS: árvore-da-felicidade, catuaba, erva-de-são-joão, gervão, hera, marapuama, murta, obi, olho-de-boi, quiabo-roxo, rama-de-leite, salvia-do-marajó, tiririca, verônica-do-igapó.

TORÇÃO: corticeira, eucalipto, falso-íris, fava-divina, vence-demanda, vence-demanda-verdadeiro.

TOSSE: agrião, alecrim-do-mato, assa-peixe, avenca, barba-de-boi, camboatá, cana-de-açúcar, cana-do-brejo, carrapicho rasteiro, cravo-de-defunto, douradinha, cidreira, espada-de-santa bárbara, gengibre, graviola, guaco, limão, malva-rosa, nega-mina, perpétua, poejo, sumaré, sussuaiá, guaxuma, vassourinha, violeta.

TUBERCULOSE: alfavaca-de-cobra, cipó-insulina, erva-de-santa-maria, erva-de-passarinho, quiabo, tomate, vassourinha, velame-do-mato.

TUMOR: batata-doce, douradinha, fava de ọ̀bàrà, fruta-pão, manjerona, maria-sem-vergonha, mil-em-rama, pimenta-malagueta.

U

ÚLCERA: arroz, batata-inglesa, cipó-insulina, confrei, couve, curraleira, espinheira-santa, figo, ipê, jurema, mamoeiro, morango, pau-de-colher, repolho, serralha-brava, tinhorão.

ULCERAÇÕES: açoia-cavalo, agrião, cipó-azougue, cravo-de-defunto, erva-de-santa-luzia, imbiri, transagem, velame-do-campo.

UNHEIRO: erva-moura, limão, taquaril.

URTICÁRIA: limão, sucupira, urtiga miúda.

ÚTERO: camomila, jequitiba, pessegueiro.

V

VARICOCELE: limão.

VARÍOLA: sabugueiro.

VARIZES: erva-de-bicho, erva-de-macaé.

VERMES: abóbora, assa-fétida, beldroega, camomila, cebola, centáurea-do-brasil, cipó-mil-homens, couve, erva-de-santa-maria, figo, gameleira, losna, marupá, pau-d'alho, pau-tenente, persicária.

VERRUGAS: aveloz, calêndula, celidônea, erva-andorinha, figo, gameleira, sempre-viva.

VERTIGEM: cidreira e gincobiloba. v. enjoo.

VESÍCULA: dente-de-leão, erva-andorinha, quebra-pedra-branco.

VIAS RESPIRATÓRIAS: eucalipto, hera-terrestre, jatobá, transagem.

VIAS URINÁRIAS: V. inflamação nas vias urinárias.

VÔMITOS: erva-dutra, hortelã-pimenta, manacá, palma, salsaparrilha, uva.

GLOSSÁRIO PELO NOME DAS ERVAS

PORTUGUÊS

aaka,
abacate,
abacaxi,
abacaxi-roxo,
abóbora,
abre-caminho,
abre-noite-fecha-dia,
abútua,
acácia,
acácia-falsa,
açafroa,
açafroeira,
acariçoba,
acataia,
acerola,
açoita-cavalo,
agave,
agnocasto,
agnus-castus,
agoniada,
agrião,
agrião-do-brejo,
agrião-do-pará,

aguaceiro,
aguapé,
aguaxima,
agulha-de-adão,
ahùn,
aiapana,
aipim,
akó,
akokô,
alamanda,
albará,
alcaçuz,
alcanforeira,
alcanjoeira,
alecrim-de-caboclo,
alecrim-de-santa-catarina,
alecrim-do-mato,
aletria,
alevante,
alface,
alface-d'água,
alfarrobeira,
alfavaca-de-cobra,
alfavaquinha-de-cobra,
alfazema,
alfazema-brava,
alfazema-do-brasil,
algodão,
algodoeiro,
algodoeiro-da-praia,
alho,
alicuri,

aloísia,
alteia,
alumã,
alupaydá,
amaranto,
amargoseira,
ambrosia,
amendoeira,
amendoim,
amor-perfeito,
amoreira,
anágua-de-viúva,
anajá-cheiroso,
andará,
andiroba,
andu,
angélica,
angelicó,
angelim,
anhanga,
anil,
anis,
anis-estrelado,
apá,
apaga-fogo,
apaoká,
aperta-ruão,
arabá,
araça,
arália-cortina,
aramina,
araruta,

araticum,
arerê,
aricuri,
aridan,
ariós,
arnica,
arnica-do-brasil,
arnica-do-campo,
aroeira-branca,
aroeira-comum,
aroeira-de-fruto-branco,
aroeira-de-mangue,
aroma,
aromita,
arranca-pedra,
arrebenta-cavalo,
arroz,
arrozinho,
arruda,
artemísia,
arumbeva,
arvoeiro,
árvore-da-castidade,
árvore-da-felicidade,
árvore-da-felicidade-macho,
árvore-da-preguiça,
árvore-da-sede,
árvore-da-vida,
árvore-de-bálsamo,
árvore-de-cuia,
árvore-de-leite,
árvore-do-paraíso,

árvore-dos-mil-anos,
assa-fétida,
assa-peixe,
assacu-mirim,
assurin,
ataare,
atori,
aveloz,
avenca,
awedé,
awurepepe,
ayan,
azedinha,
azedinha-do-brejo,
azeitona-do-mato,
azeitona-preta,
azevinho,
azumã,
baba,
baba-de-burro,
babado,
babosa,
babosa-brava,
babosa-de-árvore,
babosa-de-pau,
balaio-de-velho,
bálsamo,
balsamona,
bambu,
bambu-amarelo,
bananeira,
bananeira-de-jardim,

bananeira-imbé,
baobá,
barba-de-bode,
barba-de-boi,
barba-de-são-pedro,
barba-de-são-pedro,
barba-de-velho,
barbasco,
bardana,
bariricó,
baronesa,
baronese,
barragem,
batata-de-purga,
batata-de-teiu,
batata-doce,
batata-inglesa,
batatinha,
bauínia,
baunilha,
begônia,
bejerecum,
beldroega,
bem-me-quer,
benjoim,
bergamota,
beringela,
bertalha,
beterraba,
bétis-branco,
bétis-cheiroso,
bico-de-papagaio,

bigode-de-gato,
bildreiro,
biriba,
boa-noite,
boas-noites,
bobó,
bola,
boldo,
boldo-brasileiro,
boldo-japonês,
boldo-paulista,
bolsa-de-pastor,
bomubomu,
bonina,
borboleta,
botão-de-ọ̀rúnmìlà,
botão-de-ouro,
botão-de-ouro
botão-de-ouro
botão-de-santo-antonio,
branda-fogo,
brasileirinho,
bredo,
bredo-de-espinho,
bredo-sem-espinho,
brilhantina,
brinco-de-princesa,
brio-de-estudante,
bromil,
bromil,
bucha,
caapeba,

cabaça,
cabaceira,
cabeça-de-frade,
cabeça-de-moleque,
cabeça-de-negro,
cabelo-de-milho,
cacália,
cacau,
cacau-do-sudão,
cactos-de-flor-grande,
cadeia,
café,
café-bravo,
café-do-sudão,
cafezeiro,
caiçara,
cajá,
cajá-mirim,
cajazeira,
cajueiro,
calancoe-fantasma,
calção-velho,
calêndula,
cálice-de-vênus,
camapu,
camará,
cambará,
camboatá,
camomila,
campainha,
cana-da-índia,
cana-de-açúcar,

cana-de-macaco,
cana-do-brejo,
cana-do-mato,
canafístula,
canaponga,
canela,
canela-branca,
canela-de-velho,
canela-preta,
canela-sassafrás,
canema,
canguçu,
cânhamo,
cânhamo-da-índia,
cansanção,
cansanção,
cansanção-de-leite,
capim-amoroso,
capim-carrapicho,
capim-cidreira,
capim-citronela,
capim-criador,
capim-dandá,
capim-de-bermuda,
capim-de-burro,
capim-de-nossa-senhora,
capim-gamoso,
capim-limão,
capim-pé-de-galinha,
capim-rei,
capim-rosário,
capim-roxo,

capim-sapê,
capixaba,
capoeira-branca,
caqui,
caquizeiro,
cará,
cará-barbado,
cará-moela,
carambola,
caraxixu,
cardamomo,
carnaúba,
carniça,
carnícula,
caroba,
caroba-branca,
carobinha,
carolina-miúda,
carqueja,
carrapateira,
carrapateiro,
carrapicho,
carrapicho-beiço-de-boi,
carrapicho-rasteiro,
cartucho-roxo,
caruru,
caruru
caruru-apé,
caruru-azedo,
caruru-da-bahia,
caruru-de-sapo,
casca-de-anta,

casca-dos-jesuítas,
cascarrilha,
cascaveleira,
castanheira-do-pará
casuarina,
cataia,
catinga-de-bode,
catinga-de-mulata,
catuaba,
cavalinha,
caxinguba,
cebola,
cebolinha,
cebolinha-branca,
celidônea,
celidônia,
cenoura,
centáurea-do-brasil,
cerefolho,
cerefólio,
cerejeira-do-pará,
chá-de-frade,
chapéu-de-couro,
chapéu-de-napoleão,
chichona-vermelha,
chico-magro,
chicória,
chicória-brava,
chocalho,
chorão,
chuchu,
chuva-de-ouro,

cidreira,
cidró-do-paraguai,
cinamomo,
cinco-chagas,
cinza-fétida,
cipó-azougue,
cipó-caatinga,
cipó-cabeludo,
cipó-caboclo,
cipó-dalho,
cipó-de-alçacruz,
cipó-de-leite,
cipó-dourado,
cipó-escada,
cipó-imbé,
cipó-insulina,
cipó-jabotá,
cipó-mil-homens,
cipó-são-joão,
cipó-suma,
cipó-timbó,
cipreste,
círio-de-nossa-senhora,
citronela,
citronela-de-java,
ciumo,
cocleária,
coco,
coentro,
coerana,
cogumelo,
cola,

cola-africana,
cola-de-sapateiro,
coleira,
colônia,
colorau,
comigo-ninguém-pode,
comigo-ninguém-pode-africano,
comigo-ninguém-pode-branca,
cominho,
confrei,
congonha-de-gentio,
copai,
copaíba,
copaíba-vermelha,
copaibeira,
coqueiro-de-vênus,
coqueiro-de-vênus-nativo,
coquilho,
coração-de-jesus,
corda-de-viola,
cordão-de-frade,
cordão-de-frade
cordão-de-são-francisco,
cordoban,
corindiba,
coroa-de-cristo,
coroa-de-rei,
coronha,
corredeira,
corrente,
corticeira,
costa-branca,

costela-de-adão,
cotieira,
cotó-cotó,
couve,
couvetinga,
cravo-branco,
cravo-da-índia,
cravo-de-defunto,
cravo-de-jardim,
cravorana,
crideúva,
crisântemo,
crista-de-galo
crotolária,
croton,
cruá,
cruatina,
cruzeirinho,
cuambu,
curraleira,
curuba,
dama-da-noite,
dama-da-noite
dama-do-lago,
dama-do-lago
dandá-da-costa,
datura,
dedal-de-moça,
dendezeiro,
dente-de-leão,
desata-nó,
diamba,

dinheiro-em-penca,
dinheiro-em-penca
dólar,
dorme-dorme,
dormideira,
douradinha,
dracena,
dracena-listrada,
dracena-verde-e-amarela,
duas-amigas,
elevante,
embaúba,
emília,
endro,
enjuá,
erva-andorinha,
erva-azeda,
erva-capitão,
erva-cidreira,
erva-cobra,
erva-cobre,
erva-curraleira,
erva-das-serpentes,
erva-de-bicho,
erva-de-bugre,
erva-de-cobra,
erva-de-lagarto,
erva-de-lavadeira,
erva-de-macaé,
erva-de-padre,
erva-de-passarinho,
erva-de-sangue,

erva-de-santa-luzia,
erva-de-santa-maria,
erva-de-são-caetano,
erva-de-são-joão,
erva-de-sapo,
erva-de-teiú,
erva-do-diabo,
erva-do-fígado,
erva-do-sapo,
erva-doce,
erva-doce
erva-dos-feridos,
erva-dos-vermes,
erva-dutra,
erva-fedorenta,
erva-grossa,
erva-lucera,
erva-moura,
erva-olmeira,
erva-pombinha,
erva-prata,
erva-santa,
erva-silvina,
erva-tipi,
erva-tostão,
erva-vintém,
ervilha-de-angola,
ervilha-do-congo,
escada-de-macaco,
espada-de-ogun,
espada-de-santa-bárbara,
espada-de-são-jorge,

espatódea,
espelina-falsa,
esperguta-rasteira,
espinafre,
espinheira-santa,
espinheiro,
espinho-de-cigano,
espinho-de-roseta,
espinilho,
esponja,
esterco do diabo,
estoraque,
estramônio,
estrelinha,
eucalipto,
falsa-serralha,
falso-íris,
fava-de-café,
fava-de-exu,
fava-de-obara,
fava-de-ọ̀bàrà,
fava-de-ọmọlu,
fava-de-oxossi,
fava-de-oxum,
fava-de-xangô,
fava-divina,
fava-elétrica,
faveiro,
fedegosa,
fedegoso,
fedegoso-verdadeiro,
feijão-branco,

feijão-de-árvore,
feijão-fradinho,
feijão-preto,
fel-da-terra,
feto,
figo,
figo-da-índia,
figueira-branca,
figueira-do-inferno,
fiolho,
fios-de-ovos,
fístula-amarela,
flamboyant,
flor-cheirosa,
flor-da-noite,
flor-da-paixão,
flor-d'água,
flor-das-almas,
flor-de-coral,
flor-de-ouro,
flor-de-quaresma,
flor-de-são-joão,
flor-do-baile,
flor-do-paraíso,
folha-da-amizade,
folha-da-costa,
folha-da-fortuna,
folha-da-palmeira,
folha-da-riqueza,
folha-de-fogo,
folha-de-leite,
folha-de-pajé,

folha-de-vintém,
folha-do-trovão,
folha-grossa,
folha-imperial,
forno-d'água,
forno-de-jaçanã,
fortuna,
fruta-de-cavalo,
fruta-do-lobo,
fruta-pão,
fumária,
fumo,
fumo-de-angola,
funcho,
funcho-romano,
fura-capa,
fura-parede,
gabiroba,
gameleira,
gameleira-branca,
gengibre,
gerânio,
gervão,
gervão-azul,
gervão-roxo,
ginkgo biloba,
girassol,
gladíolo,
goiabeira,
golfo,
golfo-de-flor-branca,
gorona timbó,

grama,
grama-sapo,
grama-seda,
gravatá-açu,
graviola,
graxa-de-estudante,
guaco,
guaco-verdadeiro,
guacuri,
guaiaco,
guaicuri,
guando,
guanxima,
guanxuma,
guanxuma,
guanxuma-fina,
guapeva,
guapoi,
guarambá,
guaraná,
guarapari,
guararema,
guaratimbó,
guaxima,
guaxima-cor-de-rosa,
guaxima-roxa,
guaxuma-lisa,
guiné,
guiné-piu-piu,
guizo-de-cascavel,
heliotrópio,
hera,

hera-de-cortina,
hera-terrestre,
hibisco-da-china,
hibiscos,
hortelã,
hortelã-pimenta,
ibapo,
ibirarema,
igui-ata,
ikó,
imbaúba,
imbiri,
imortal,
ingá,
ingazeiro,
inhame-cará,
inhame-roxo,
insulina-vegetal,
ipalé,
ipê,
ipeca,
ipecacuanha,
ipesan,
iroco,
iroko,
irosun,
itu,
jaborandi,
jaborandi-de-três-folhas,
jaborandi-verdadeiro,
jabotá,
jabuticaba,

jaca-de-pobre,
jacaranda,
jacaré,
jacinto-d'água,
jacuacanga,
jaguarandi,
jalão,
jalapa,
jalapa-falsa,
jalapão,
jambeiro-rosa,
jambol,
jambolão,
jambu,
jamelão,
japana,
japecanga,
japecanga-verdadeira,
jaqueira,
jardineira,
jarrinha,
jasmim-da-itália,
jasmim-do-paraguai,
jasmim-manga,
jatobá,
jenipapo,
jequiriti,
jequiriúba,
jequitibá,
jequitirana,
jiboia,
jitirana,

jitirana-vermelha,
jitó,
joá,
jorro-jorro,
juá,
juazeiro,
jucá,
jucaína,
juçapê,
juceri,
juciri,
judeu-errante,
junça,
junça-aromática,
junquilho,
junquinho-tiririca,
juqueri,
juquerionano,
jurema,
jurema-preta,
juremeira,
jureminha,
jurubeba,
juta azul,
lágrima-de-jó,
lágrima-de-nossa-senhora,
lágrima-de-vênus,
lambari,
lana-silvestre,
lanceta,
lanceta-milagrosa,
laranjeira,

laranjeira-brava,
laranjeira-do-mato,
laranjinha-branca,
leite-de-nossa-senhora,
leiteira,
leiteirinho,
leque-da-oxum,
levante,
levante-miúda,
licuri,
lima,
limão,
limãozinho,
limo-da-costa,
limoeiro,
limonete,
língua-de-galinha,
língua-de-sogra,
língua-de-teiú,
língua-de-tucano,
língua-de-vaca,
língua-de-vaca-miúda,
linho,
lírio-do-brejo,
lírio-roxo-das-pedreiras,
lobeira,
lombrigueira,
losna,
loureiro,
louro,
louro-preto,
luca-mansa,

lucero,
macaça,
macaé,
macaxeira,
macela,
macela-de-travesseiro,
macela-do-campo,
macelinha,
macieira,
maconha,
madrecravro,
mãe-boa,
majerioba,
major-gomes,
malmequer,
malva,
malva-branca,
malva-de-veludo,
malva-do-reino,
malva-maçã,
malva-preta,
malva-rasteira,
malva-rosa,
malvaísco,
malvarisco,
mamão,
mamica-de-cadela,
mamoeiro,
mamona,
mamona-branca,
mamona-roxa,
mamona-vermelha,

manacá,
manacá-cheiroso,
manacá-da-serra,
mandacaru,
mandioca,
mangarás,
mangareto,
mangarito,
mangue-vermelho,
mangueira,
manguezal,
maniçoba,
manjericão,
manjericão-comum,
manjericão-de-folha-larga,
manjericão-de-folha-miúda,
manjericão-grande,
manjericão-roxo,
manjerico,
manjerona,
manto-de-cristo,
maraca,
maracujá,
maracujá-comum,
maracujá-de-garapa,
marajoara,
marantã,
marapuama,
maravilha,
margarida,
maria-gomes,
maria-mole,

maria-preta,
maria-preta-verdadeira,
maria-sem-vergonha,
marianinha,
maricotinha,
maririçó,
marmelada-de-cavalo,
maroto,
marupá,
marupá-do-campo,
marupá-mirim,
marupaí-do-campo,
marupaúba,
mastruço,
mastruz,
mastruz,
mata-barata,
mata-cavalo,
mata-fome,
mata-pasto,
meladinha-verdadeira,
melambo,
melancia,
melão,
melão-d'água,
melão-de-caboclo,
melão-de-são-caetano,
meliloto,
mendanha,
menta,
mentrasto,
mentrasto,

mentrusto,
mentruz,
mexerica,
mil-em-rama,
mil-folhada,
mil-folhas,
milagre-de-são-joaquim,
milefólio,
milho,
milho-d'água,
milho-de-cobra,
mimo-de-vênus,
miola,
mirra,
mirto,
mogno-africano,
moisés-no-berço,
monsenhor,
morango,
moscadeira,
moscadeira-do-brasil,
mostarda,
motamba,
motambo,
mucana,
mucuna,
muiratã,
mulungu,
murere,
murici,
murici-do-campo,
murici-pitanga,

murta,
murta-cheirosa,
murta-cultivada,
murta-vulgar,
nabo,
namoscada,
não-me-toques,
naranazeiro,
nativo,
nega-mina,
nenúfar,
neves,
nhandiroba,
nicuri,
nicurizeiro,
nogueira,
nogueira-do-japão,
noz-de-cobra,
noz-de-cola,
noz-moscada,
noz-moscada-do-pará,
obi,
obó,
odan,
oê,
okô,
óleo-amarelo,
óleo-vermelho,
olho-de-boi,
olho-de-cabra,
olho-de-carneiro,
olho-de-gato,

olho-de-pombo,
olhos-de-santa-luzia,
oliveira,
olmeira,
orelha-de-macaco,
orelha-de-veado,
oriri,
oriri-de-oxum,
orobô,
oxô,
pacová,
paina-lisa,
paineira,
palha-da-costa,
palma,
palma-de-cristo,
palma-de-santa-rita,
palma-doce,
palmatória,
palmatória-de-exu,
palmeira-dama,
palmeira-de-guacuri,
panaceia,
pankeré,
pão-de-queijo,
papaia,
papariúba,
papo-de-peru,
papoula-simples,
paraqueda,
para-raio,
para-tudo,

paracari,
parietária,
pariparoba,
parreira,
pata-de-galinha,
pata-de-vaca,
patchuli,
patinho-roxo,
patioba,
pau-amargo,
pau-d'água,
pau-d'alho,
pau-de-colher,
pau-de-praga,
pau-de-santo-inácio,
pau-de-surinã,
pau-ferro,
pau-ferro,
pau-homem,
pau-paraíba,
pau-ripa,
pau-rosa,
pau-santo,
pau-tenente,
pé-de-perdiz,
pega-pega,
pega-pinto,
pepino,
peregun,
peregun-branco,
periquita,
peroba-rosa,

perpétua,
perpétua-brava,
persicária,
pessegueiro,
picão,
picão-preto,
picão-roxo,
pichulim,
pichuri,
pichurin,
pico-pico,
pimenta-da-costa,
pimenta-d'água,
pimenta-de-galinha,
pimenta-de-macaco,
pimenta-de-negro,
pimenta-do-brejo,
pimenta-do-guiné,
pimenta-dos-monges,
pimenta-malagueta,
pincel,
pincel-de-estudante,
pindaíba,
pinha-do-cerrado,
pinha-queimadeira,
pinhão,
pinhão-branco,
pinhão-de-barbados,
pinhão-de-purga,
pinhão-roxo,
piriquiteira,
pita,

pitanga,
pitangueira,
pixirica,
pixirica,
planta-da-vida,
planta-ursa,
pluma-de-névoa,
pó-de-santana,
poaia,
poejo,
poejo-do-brejo,
português
primavera,
primavera-de-caiena,
prímula,
quaresma,
quaresma-rasteira,
quaresmeira,
quaresmeira-rasteira,
quaresmeira-roxa,
quaresminha-rasteira,
quaresminha,
quássia,
quatro-patacas,
quebra-pedra,
quebra-pedra,
quebra-pedra-branco,
queimadeira,
quelidônia,
quiabo,
quiabo-roxo,
quina,

quina,
quina-branca,
quina-de-espinho,
quina-do-mato,
quina-peruana,
quina-quina,
quineira,
quiri-pininga,
quitoco,
rabanete,
rabo-de-cavalo,
rabo-de-lagarto,
rabo-de-tatu,
rabujo,
ráfia,
rainha-do-lago,
rainha-dos-lagos,
raiz-do-brasil,
rama-de-leite,
relógio,
repolhinho-d'água,
repolho,
retirante,
rinchão,
robínia,
romã,
romanzeiro,
rosa-branca,
rosa-pedra,
rosa-vermelha,
rosela,
rosmarinho,

rubim,
rubim,
sabiá,
sabugueiro,
saia-branca,
saião,
saião-curto,
salgueiro-chorão,
salsa,
salsa-brava,
salsa-da-praia,
salsa-pé-de-cabra,
salsaparrilha,
salva,
salva-das-boticas,
salva-do-brasil,
salva-dos-jardins,
sálvia,
sálvia-crespa,
sálvia-do-campo,
salvia-do-marajó,
sálvia-do-pará,
sálvia-do-rio-grande-do-sul,
samambaia,
samambaia-de-poço,
samambaiaçu,
samaúma-da-várzea,
sândalo,
sangue-cabeludo,
sanguelavô,
sanguineira,
santa-bárbara,

são-gonçalinho,
sapê,
saponária,
sapota,
sapoti,
sapotizeiro,
sassafrás,
sassafrás-do-brasil,
sempre-viva,
sempre-viva-dos-telhados,
sensitiva,
seringueira,
seriúva,
serpão,
serpilho,
serpol,
serralha-brava,
serralha-mirim,
serralheira,
sete-capotes,
sete-casacas,
sete-sangrias,
silva-da-praia,
soja,
soldinha,
sucupira,
sumaré,
sumaúma,
sumaúma-de-várzea,
suspiro-roxo,
sussuaiá,
tabacarana,

tabaco,
tagurá,
taioba,
taioba-fina,
tajá,
tamareira,
tamarindo,
tamarineiro,
tamba-tajá,
tanchagem,
tangaraça,
tangaraçá-açu,
tangerina,
tansagem,
taperebá,
tapete-de-oxalá,
tapete-de-oxossi,
tapete-de-oxum,
tapinhão,
tapinhoan,
tapira,
tapixaba,
tapixirica,
taquari,
taquaril,
tarumã,
tarumã,
tarumã-guaçu,
tarumão,
tatuaba,
tejuco,
tentinho,

teraxaco,
timbete,
timbó,
timbó-boticário,
timbó-de-raiz,
timo,
tinguaci-uba,
tinguaciba,
tinhorão,
tinhorão-roxo,
tipi-verdadeiro,
tira-teima,
tiririca,
tiririca-amarela,
tolonga,
tomate,
tomateiro,
tomilho,
tomilho-silvestre,
tracuá,
tranchagem,
transagem,
trapoeraba,
trapoeraba-roxa,
três-folhas-vermelhas,
três-quinas,
trevo-aquático,
trevo-cheiroso,
trevo-da-fortuna,
trevo-de-quatro-folhas,
trombeta-branca,
trombeta-de-anjo,

trombeta-roxa,
trombeteira,
tulipa,
tulipeira,
tulipeira-africana,
tuna,
tupitixá,
tupixá,
uacima-da-praia,
uapuim-açu,
ubacaia,
ubirarema,
ucuri-iba,
ulmária,
umbaúba,
unha-de-boi,
unha-de-vaca,
urtiga,
urtiga-brava,
urtiga-de-fogo,
urtiga-de-folha-grande,
urtiga-miúda,
urtiga-vermelha,
urtigão,
urtiguilha,
urubucaá,
urucu,
urucum,
urumbeba,
uva,
uva-moscatel,
uva-rosada,

uva-rubi,
vassotonga,
vassoura-vermelha,
vassourinha,
vassourinha,
vassourinha-benta,
vassourinha-de-botão,
vassourinha-de-oxum,
vassourinha-de-relógio,
vassourinha-de-santo-antonio,
vassourinha-de-santo-antonio,
vassourinha-do-campo,
vassourinha-doce,
velame-branco,
velame-do-campo,
velame-do-mato,
velame-miúdo,
velame-verdadeiro,
vence-demanda,
vence-demanda,
vence-demanda-branco,
vence-demanda-verdadeira,
verbasco,
verbena,
verbena-sagrada,
verônica,
verônica-do-igapó,
videira,
videira-milionária,
vinagreira,
vinagreira,
vinca-de-gato,

vinca-de-madagascar,
vintém,
violeta,
violeta-de-três-cores,
visgueiro,
vitória-régia,
viuvinha,
vomiqueira,
xaxim,
xique-xique,
yuca,

GLOSSÁRIO POR NOME DE ERVAS:

IORUBA

A ordem sequencial deste rol, segue o ordenamento alfabético da língua ioruba, quer seja:

A B D E Ẹ F G GB H I J K L M N O Ọ P R S Ṣ T U W Y

aaka,
aayù,
abàfè,
abàfè ilẹ̀,
àbámodá,
àbàrá òké,
àbàtà pupa,
ábẹ̀bẹ̀ kò sí,
abèbè òṣùn,
abẹ́rẹ́ òjò,
abẹ́rẹ́ olóko,
àbitọ́lá,
abo làbẹ̀làbẹ̀,
abo rere,
adé baàyànnì,
adé kírísítì,
àfákájù,
afóforo òyìnbó,
àfòmọ̀,
àfọ̀mọ̀ kéré

àfọ́n,
agẹ tútù,
àgogó,
àgógo igún,
agunmọ,
àgbá,
àgbàdo,
àgbaó,
àgbásá ọgbà,
agbéye,
àgbólà,
àgbọn,
àgbọ̀nrín,
ahọ́n agẹmọ,
ahọ́n awọ́nrínwọ́n,
ahùn,
àìrorò,
àjàgbaó,
àjàgbọn,
àjàrà,
àjàrà èké,
ajídirù,
ajíromi,
ajíṣomọbíàlá,
àjọ́bi,
àjọ́bi funfun,
àjọ́bi jinjin,
àjọ́bi oilé,
ájọ̀fà,
akan,
akeri,
akérí,

akẹ́,
akẹ́ rìrí,
akẹ́ṣin máṣo,
àkẹ́tún mímọ́,
àkẹ́tún òjò,
àko,
akòko,
akonijẹ́,
àkòró ọdẹ,
akosí,
akọ rere,
akọ yúnyun,
àkùkọ dúdú,
àkùkọ funfun,
àlà òdòdó,
alántakùn igbó,
alaṣẹ,
aláwọ̀,
alékèsì,
àlùbọ́sà,
àlùbọ́sà eléwé,
àlùbọ́sà oníṣu,
àlúkerésé,
àlúkerésé funfun,
àlùmọ́,
àlùpàyídà,
àlùrọ,
àmù,
àmúkàn,
amúnimúyè,
antijuí,
apá,

apàko,
apàla,
apàla èké,
apáọ̀ká,
aparun,
ápéjè,
àpèjebí,
apìkán,
ápùùlù,
àràbà,
àràse,
arère,
àrìdan,
àrìdàn àbàtà,
àrúnsánsán,
àrùṣò,
àsarágogo,
asíkutá,
àsùrìn,
aṣá,
ata ọlọ́bẹ́ríkàn,
ata omi,
ataare,
atalẹ̀,
àtẹ́lẹwọ́ èṣù,
àtẹ́sẹ̀ àwodi,
àtẹ́wọ́ ọrún,
àtòjò àtẹ̀,
àtópá kun,
àtòrì,
àtòrìnà,
awẹde,

awẹdẹ,
awo igbó,
awọ ọmọdé,
awọ́ pupá,
àwúrepẹ́pẹ́,
àyàn,
ayó,
bàlá,
balabá,
bani,
bánjókó,
baoba,
bàrá,
bèjérekún,
bímọbímọ,
bímọbímọ pupa,
bòbó,
bòbó èké,
bolobòló,
bomubómú,
bòtujẹ́ funfun,
bòtujẹ́ pupa,
bọni,
bùjé,
dágunró,
dakò,
dandá,
dankò,
dapa,
dígí,
eegun ìha,
èékán agẹmọ,

èékánná,
èèmọ́,
èèrẹ̀,
èèsì,
efín,
efínrín,
efínrín kékeré,
efínrín pupa,
ehín kìnìún,
ejìnrìn,
èkelèyí,
èkélẹ́gbára,
èkuro oko,
èkùyá,
elégédé,
èlè òṣàgìyán,
èmọ́,
èpè,
eré tuntun,
eré tútù,
erèé tìróò,
èrùyántẹfẹ́,
èsìsì,
èso àjàrà,
èso dúdú,
èso èké,
èso ìràwọ̀,
èso ìtóbi,
èso kòrikò,
èso mímọ́,
èso ojú òbúkọ,
èso pupa òyìnbó,

etí ológbò,
etí ọbà,
ètìpọnlá,
ètìtáré,
ewé abìyẹ̀,
ewé afẹ́éfẹ́,
ewé agoro,
ewé ajé,
ewé ajé oynbó,
ewé àjẹ́,
ewé akọ́gbà,
ewé alaṣẹ,
ewé aláwọ̀,
ewé àsùnwú,
ewé ayò,
ewé bàbá,
ewé bíyẹmí,
ewé bòbó,
ewé bojútòna,
ewé bonokó,
ewé boyí,
ewé dan,
ewé dídùn,
ewé èékú,
ewé ègùnmọ̀,
ewé ejò inú,
ewé èpè,
ewé èso dúdú,
ewé ẹ̀dọ̀,
ewé ẹ̀lẹ̀,
ewé ẹranko,
ewé gún,

ewé gbígbóná,
ewé gbúre ọ̀ṣùn,
ewé ìborí,
ewé ìborí dúdú,
ewé idà ògún,
ewé idà òrìṣà,
ewé idà ọya,
ewé ìdò,
ewé ifin,
ewé igbó,
ewé ìgbolé,
ewé ilẹ̀ rin,
ewé ilẹ̀ rin nlá,
ewé iná,
ewé inú,
ewé ìpalé,
ewé ìparuku,
ewé ìṣápá,
ewé iṣinisini,
ewé ìṣòṣó,
ewé ìyá,
ewé kaná,
ewé kawókawó,
ewé kókò,
ewé labalábá,
ewé lárà,
ewé lárà ẹlésè àlùkò,
ewé lárà funfun,
ewé lárà pupa,
ewé látípa,
ewé lẹ̀,
ewé lófíndà,

ewé lorogún,
ewé mẹ́ta pupa,
ewé mímọ́lẹ̀,
ewé mọnán,
ewé obaya,
ewé odán,
ewé oge,
ewé ogbe àkùkọ,
ewé ojú omi,
ewé ojúùsájú,
ewé olùṣọ́,
ewé omi ata,
ewé omi ẹ̀rọ̀,
ewé omi ojú,
ewé òòyà,
ewé orí funfun,
ewé òṣónú,
ewé òwú,
ewé ọba,
ewé ọbẹ́,
ewé ọdẹ,
ewé ọfẹ́rẹ̀,
ewé ọgbọ́,
ewé ọkùnrin,
ewé ọ̀pá,
ewé ọ̀pọ̀lọ́,
ewé ọ̀rẹ́,
ewé pàpó,
ewé pẹ́pẹ́,
ewé pípọ̀,
ewé pọ́n,
ewé pọ́nròrò,

ewé pupáyọ̀,
ewé rere,
ewé simi okó,
ewé sọlẹ̀,
ewé tópolá,
ewé túni,
ewé tútù,
ewé wẹ̀mọ́,
ewéná,
ewéré,
éwúuro,
éwúuro oko,
èfọ́ òyìnbó,
èfọ́ tètẹ̀,
ègẹ́,
ègungun Ògún,
ègúsí,
ejá ọmọdé,
èjọjú,
èka ọmọdé,
èka ọmú,
ẹkàn ìwú,
ẹkàn pupa,
èkọ òyìnbó,
èkọmọdé,
ẹkúẹ,
ẹkun,
ẹlẹ́nà kékeré,
ẹmi,
èpà,
èpà gidi,
èpà ikúnígbó,

èpà ilẹ̀,
èpà nlá,
èpàda,
ẹrẹ̀ sìì mọ́mi pàlà,
èrò ìgbín,
ẹrú òdundún,
èsọ fẹ́lẹ́lẹ́ pupa,
èsọ oya,
èṣà pupa,
ẹtába,
èwà,
èwà àkàrà,
èwà awujẹ,
èwà dúdú,
èwà funfun,
èwà igbó,
ẹyó,
ẹyó gànbẹ,
falákalá,
fifín rere,
fifínmi,
firirí,
fitíba,
gan ọrún,
gòdògbódò,
gọ̀dọ̀gbọ̀ odò,
gúáfà,
gúróbà,
gúróbà èké,
gúrófà,
gbági,
gbàgùúdá,

gbàjadà,
gbègi,
gbègbère,
gbéìyàwómi,
gbégi,
gbégidínà,
gbèrèfútù,
gbòrò ayaba,
háríhá,
ìbépe,
ìbíyemí,
idà yemoja,
idé,
ifé òdàrà,
ifin,
igàndo,
igi abo ajá,
igi àfòse,
igi àta,
igi àwúre,
igi eléerú,
igi èso pupa,
igi ekún,
igi gún,
igi ìgbàlè,
igi ikú,
igi ìnòró,
igi irin,
igi ìwín,
igi ìyè,
igi ìyeyè,
igi mángòrò,

igi mátamàta,
igi mẹ̀sàán,
igi ògún bẹ̀rẹ̀kẹ̀,
igi òjìji,
igi òkùnkùn,
igi oríta,
igi òrúru,
igi osùn,
igi ọ̀gbọ̀,
igi ọ̀gẹ̀dẹ̀,
igi ọ̀gòrọ̀,
igi okùnrin pupa,
igi omọ funfun,
igi òpẹ,
igi oya,
igi rere,
igi wàrà,
igun àgbà,
igbá,
igbá àjà,
igbá èké,
igbá igún,
ikan san,
ikèrègbè,
ikésé,
ikikigún,
ikiriwí,
ikiriwí alákisà,
ikiriwí funfun,
ìko,
ìkọ̀sílẹ̀,
ikú ẹkùn,

ilá,
ilerín,
ìlẹ̀kẹ̀ ọ̀pọ̀lọ̀,
imí ẹ̀sú,
imi iyín,
imọ̀ ọ̀pẹ̀,
ìmọ́lẹ̀ ìràwọ̀,
ìmu,
ìmumu,
ipasẹ̀ àkàlà,
ìpẹ̀sán,
ipòlerin,
ipòlerin nlá,
ìràwọ̀ yemọja,
ìreké,
irẹ́,
ìrẹ́sì,
ìrókò,
ìròsùn,
ìrù ẹ̀sin,
ìrù orẹ̀,
irúgbá àbàtà,
irúgbìn ìràwọ̀,
irùgbọ̀n,
irun ewé,
irun funfun,
ìrúwé àlùkò,
ìrúwé ata,
ìrúwé ayaba,
ìrúwé ẹ̀sù,
ìrúwé nàná,
ìrúwé ọbabínrin,

ìrúwé ọmọkúnrin,
isé,
ìsìn,
ìṣá,
iṣan,
ìṣápá,
ìṣígùn,
iṣu,
iṣu àwọ̀ ẹlésè àlùkò,
iṣu funfun,
iṣumiure,
ítà,
itakún,
ìtẹ̀lẹ́ nlá,
ìtẹ̀lẹ́ nlá yobá,
ítẹ̀tẹ̀,
ìtọ́wòtẹ́lẹ̀ ilẹ̀,
ìwérénjéje,
iwèrepe,
ìyá,
ìyá kólómi,
ìyábẹyín,
ìyangbẹ ẹnu,
ìyangbẹ ìlera,
ìyèyé,
jàganyìn,
jìmí,
jógbó,
jojòfa,
jokojé,
jokonijẹ́,
jọ́mbà méje,

káalẹ́,
kan kan,
kan san,
kana-kana,
kànérì,
kánkànésìn,
kankìnse,
kànrinkan,
karọti,
kisikisi,
kòkó,
kólómi,
koóko igbá,
koríko ọba,
koríko ọba èké,
kóró dúdú,
kóró èṣù,
kóró etí,
kóró mímọ́,
kóró ọbàrà,
kóró ọbọ,
kóró ọdẹ,
kóró okó,
kóró ọ̀ṣùn,
kóró wèrè,
kọ̀lá,
kọ́lé orógbà,
kọ́tòna,
kùbúsù ọdẹ,
kùbúsù ọ̀ṣùn,
kúkúndùnkún,
kùkùté sáféètì,

kùkùté wọ́,
kurukuru,
labẹ́ labẹ́,
lánàsé,
làtórìjẹ́,
lóbòtujẹ̀,
lọ́fíndà,
mákásá,
mánturusí,
màrìwò ìyá,
mẹ́sẹ́nmẹ́sẹ̀n,
moborò,
mójú kuku,
mójútómi,
mójútómi ẹgàn,
mójútómi funfun,
mójútómi òpọ̀lọ́,
monítúrusí,
músàn gbogbo,
nekigbé,
obì,
òbò ẹlésè àlùkò,
òdòdó alẹ́,
òdòdó aya,
òdòdó ayọ̀,
òdòdó égún,
òdòdó iyéyé,
òdòdó iyùn,
òdódó odò,
òdódó oko,
òdòdó òyìnbó,
òdòdó òyìnbó pupa,

ògòdó ọ̀dàn-ìṣeré,
ògòdó ọkàn-ìfà,
ògòdó ọkùnrin,
ògòdó ọ̀run,
ògòdó ọ̀ṣùn,
ògòdó ọta,
ògòdó ṣiré,
ògùkún,
ògùkún òyìnbó,
oè,
òfìo, ọ̀mu,
oge kàríká,
ògún,
ogbe,
òjìbọn,
òjìgbọn,
ojú àgùtàn,
ojú akọ màlúù,
ojú àlùkò,
ojú okùn,
ojú okùn pupa,
ojú yẹwà,
ojúgun funfun,
ojúoró,
ojúran,
okika,
okinkán,
ókò,
okówó,
okùn ọ̀bọ,
okùn ọdẹ,
olibẹ́,

olójobẹ̀,
olómi òjò,
olómù yìrín,
olótun iyangban,
olú,
oluku,
omi tútù,
omù,
òòka-etí ọya,
òòrẹ̀,
òòyà,
orí ọmọdé,
orín,
orógbó,
òrombó dídùn,
òrombó funfun,
òrombó igún,
òrombó kíkan,
òrombó múmu,
òróré,
òrúru,
osè,
osùn dúdú,
osùn ẹlẹ́dẹ̀,
ọ̀sè,
ọ̀sè ígbéèlùjù,
ọ̀sé ọba,
ọ̀sé ọba funfun,
òṣíbàtà,
ọ̀ṣó,
òṣónú,
òtili,

òwéré-njéje,
òwèwè,
owó nlá,
owú ẹ̀ẹ́gun,
òwú erémi,
ọ̀bẹ ọya,
ọ̀bọ̀,
ọdán,
ọdẹ àkòsùn,
ọ̀dundún,
ọ̀dundún odò,
ọ̀fun àkùkọ,
ọ̀gàn sòpọ̀nná,
ọ̀gànlara,
ọ̀gẹ̀dẹ̀,
ọgbọ́,
ọ̀gbọ̀,
ọjá kòríkò,
ọ̀jẹ̀ dúdú,
ọkàn ewé,
ọkàn jésù,
ọkàn-tútù,
ọlátoríjẹ,
ọ̀misin-mìsìn,
ọmọ ẹ̀dùn,
ọmọdébìnrin,
ọmú kékeré,
ọpà ikú,
ọ̀pá òdòdó,
ọ̀pá ṣóró,
ọparun,
ọ̀pẹ ọ̀yìnbò,

òra orí,
òrípépé,
ọsàn burúkú,
ọsàn nlá,
ọsàn tanjarinni,
ọsàn wẹwẹ,
òṣé pòtu,
ọwọ́ idẹ,
òyó,
pákí,
pankẹ́rẹ́ egbè,
pánróbà,
pápásan,
pasalókè,
patìọba,
patìọba dúdú,
patọnmọ́,
pèrègún,
pèrègun funfun,
pèrègún kò,
pìtángà,
ragbà àgbò,
rínrín,
sárá òrọ́bà,
sèníkawá,
ṣégun ṣétè,
ṣopá ṣopá,
sukuí,
ṣení,
ṣẹkẹṣẹkẹ,
ṣẹkúnwin,
ṣèrẹ ọba,

ṣéṣéré,
ṣígù,
tábà,
tábà èṣù,
tamandẹ́,
tànjàrín,
tannáposọ́,
tarapé,
téemi,
tẹnúbe,
tètẹ̀,
tètè gún,
tètèrègún,
tìlẹ́hìn nàná,
titẹ́ sílẹ̀ áùnsì,
tó
tòmátì,
tòmátò,
topónúrìn,
tòtò,
tòtò èké,
tùmáatì dídùn,
tùmátì,
wérénjéjé,
wèrepe,
wobọ́mú,
wobọ́mú funfun,
yẹrí ọya,
yólòbá,
yùn yùn,

GLOSSÁRIO PORNOME DE ERVAS

NOME CIENTÍFICO

Abricus precatorius L., Leguminoseae Papilionoideae,
Abrus precatorius,
Acacia farnesiana (L.) Willd., Leguminosae-Mimosoideae,
Acacia jurema Mart., Leguminosae-mimosoideae,
Acanthes virilis,
Acanthospermum hispidum D.C., Asteraceae (Compositae),
Achillea millefolium,
Achyrocline satureioides,
Adanronira Dignata,
Adansonia digitata (Bambaceae),
Afzelia africana (Caesalpinaceae),
Agaricus subrufescens,
Agave americana L., Amaryllidaceae (Agavaceae),
Ageratum conyzoides L., Compositae,
Allamanda catártica, Orelia grandiflora,
Allium aescalonicum L., Liliaceae,
Allium cepa L., Liliaceae,
Allium sativum L., Liliaceae,
Aloe vera L., Liliaceae,
Alpinia zerumbet (Pers.) Burt & Smith., Zingiberaceae,
Alstonia boonei,
Althaea officinalis, Althaea medicamentosa,
Althernantera tenella Colla., Amaranthaceae,

Amaranthus spinosus,
Amaranthus viridis,
Anacardium occidentale L., Anacardiaceae,
Ananas comosus (L.) Merr., Bromeliaceae,
Anchietea salutaris St. Hill
Anethum graveolens,
Anisum stellatum,
Annona muricata L., Annonaceae,
Annona Senegalensis,
Anthriscus cerefolium,
Apodanthera Smila-cifolia,
Arachis hypogaea L.,
Archangelica officinalis, Angelica archangelica,
Aristolochia cymbifera Mart., Aristolochiaceae,
Artemisia absinthium,
Artemisia vulgaris,
Artocarpus heterophyllus,
Artocarpus incisa L., Moraceae,
Arum esculentum Vent., Araceae,
Arun maculatum,
Aspidosperma gomezianum,
Attalea princeps M., Palmae,
Averrhoa carambola,
Bambusa vulgaris (gramínea),
Baphia nitida Lodd., Leguminosae Papilionoideae,
Basella alba,
Bauhinia Splendens,
Bauhinia thonningii (Caesaloinaceae),
Begonia fischeri Schrank., Begoniaceae,
Begonia salicifolia,
Beta,
Bidens pilosa L., Compositae,

Bixa orellana L., Bixaceae,
Brassica oleracea var. acephala L., Cruciferae,
Brassica oleracea var. acephala L., Cruciferae (Brassicaceae),
Brassica rapa L., Cruciferae (Brassicaceae),
Brassica rapa subsp. rapa,
Brillantaisia laminum (Ness) Benth., Acanthaceae,
Brugmansia Suaveolens Bercht. & Presl., Solanaceae,
Brunfelsia uniflora (Pohl) D. Don., Solanaceae,
Bryophyllum pinnatum (Lam.) Oken., Crassulaceae,
Byrsonima crassifólia (L.) H.B.K., Malpighiaceae,
Caesalpina ferrea,
Caesalpinia bonduc (L.) Roxb., Leguminosae-Caesalpinioideae,
Caesalpinia bonducella,
Cajanus indicus Spreng., Leguminosae-Papilionoidea,
Calendula officinalis L. Compositae (Asteraceae),
Callicoca ipecacuanha,
Calotropis procera – Asclepiadaceae,
Campomanesia guazumifolia(Camb.) Berg,
Canna augustifolia,
Canna indica L., Cannaceae,
Cannabis sativa L., Cannabaceae,
Capsella Bursa pastoris,
Capsicum frutescens L., Solanaceae,
Caput nigri,
Carapa procera D.C., Meliaceae,
Carica papaya L., Caricaceae,
Casearia sylvestris,
Casearia sylvestris Sw., Flacourtiaceae,
Cassia fistula L., Leguminosae,
Casuarina equisitifolia L., Casuarinaceae,
Catharanthus roseus (L) G. Don., Apocynaceae,
Cecropia palmata Willd., Moraceae,

Celba pentandra (L) Gaerth., Bombaceae,
Celosia cristata L., Amaranthaceae,
Cenchrus echinatus L., Poaceae (Gramineae),
Centrosema brasilianum (L.) Benth., Leguminosae-Faboidea,
Cereus grandiflorus,
Cereus jamacaru D.C., Cactaceae,
Chamaesyce hirta (L.) Millsp., Euphorbiaceae,
Chamaesyce prostata (Ait.) Small., Euphorbiaceae,
Chaptalia nutans (L.) Polack, Asteraceae (Compositae),
Chelidonium majus,
Chelidonium majus L., Papaveraceae,
Chenopodium ambrosoides L., Chenopodiaceae,
Chilfropora excelsa,
Chlorophora excelsa (Moraceae),
Cichorium intybus,
Cinchona calisaya,
Cinnamomum zeilanicum Breyne., Lauraceae,
Cissampelos parreira, Cissampelos vitis,
Cissus sicyoides,
Citrullus citrull (L.) Karst., Cucurbitaceae,
Citrullus lanatus (Thunb.) Mansf., Cucurbitaceae,
Citrus aurantium L., Rutaceae,
Citrus limettioides tanaka,
Citrus limonia Osb., Rutaceae,
Citrus nobilis Lour., Rutaceae,
Clidemia hirta Bail., Melastomaceae
Clitoria guianensis Benth., Leguminosae,
Cnidoscolus urens (L.) Arth., Euphorbiaceae,
Cochlearia officinalis,
Coco nucifera L., Palmae,
Codiaeum variegatum Blume, Euphorbiaceae,
Coeranum laevigatum, Cestrum laevigatum,

Coffea spp., Rubiaceae,
Coix lacryma-jobi L., Poaceae (Gramineae),
Cola acuminata,
Combretum sp. Combretaceae,
Commelina difusa Burm. f., Commelinaceae,
Commiphora sp., Burseraceae,
Copaifera langsdorffi Desf., Leguminoseae- Caesalpinioideae,
Corchorus olitorius L., Tiliaceae,
Coriniana brasiliensis,
Corypha cerifera, Arrudaria cerifera, Copernica cerifera,
Costus spicatus,
Crescentia cujete L., Bignoniaceae,
Crotolaria retusa L., Fabaceae (Leguminosae),
Croton antisyphiliticus,
Croton campestres Mart., Euphorbiaceae,
Croton eleutheria, Croton Glabellus, Croton slonei,
Croton fulvum,
Cucumis melo L., Cucurbitaceae,
Cucumis sativus L., Cucurbitaceae,
Cucurbita lagenaria (Lagenaria vulgaris),
Cucurbita máxima Duch., Cucurbitaceae,
Cucurbita odorata,
Cuminum cyminum,
Cupania vernalis Camb., Sapindaceae,
Cuphea balsamona Ch. & Sch., Lythraceae,
Cupressus pyramidalis Targ., Coniferae,
Cuscuta racemosa Mart., Convulvulaceae (Cuscutaceae),
Cyathula prostrata,
Cymbopogon citratus (DC) Stapf., Gramineae,
Cymbopogon winterianus,
Cynodon dactylon (L.) Pers., Paoceae (Gramineae),
Cyperus esculentus L., Cyperaceae,

Cyperus rotundus L., Cyperaceae,
Cyrtopodium punctatum,
Dalbergia monetaria,
Datura metel L., Solanaceae,
Datura stramonium L., Solanaceae,
Daucos carota L., Umbaliferae,
Davila rugosa Poir., Dilleniaceae,
Dejanira erubescens,
Delonix regia (Boj. ex Hook.) Raf., Leguminosae-Caesalpinoideae,
Desmodium adscendens (Sw.) D.C., Fabacea (Leguminosae),
Dialium ferrum,
Dianthus caryophyllus,
Dicksonia sellowiana H.B.K., Dicksoniaceae,
Dieffenbachia aglaonematifolia Engl. Araceae,
Dieffenbachia picta (Lodd.) Schott., Araceae,
Dioscorea bulbifera L., Dioscoreaceae,
Dioscorea heptaneura,
Dioscorea rotundata,
Diospyros kaki,
Dissotis rotuntifolia,
Distemonanthus benthamianus Baill., Leguminosae Caesalpinioideae,
Dondonaea viscosa,
Dracena fragrans (L) Ker. Gawl., Lilaceae,
Dracena fragrans var. Massangeana L. Liliaceae,
Drimys winteri,
Drymaria cordata (L.) Willd., Caryophyllaceae,
Dryopteris filix,
Echinodorus grandiflorus (Cham. & Schlech.) Mich., Alismataceae,
Eclipta alba (L.) Hassk., Asteraceae (Compositae),
Eicchornia azurea (Sx.) Kunth., Pontederiaceae,
Eichhornia crassipes (Mart.) Soms., Pontederiaceae,
Elaeis guineenses,

Elephantopus mollis Asteraceae,
Eleusine indica (L.) Gaertn., Poaceae (Gramieae),
Emilia sagitatta (Vahl.) DC., Compositae,
Entada sp., Leguminosae-Mimosoideae,
Entandrophragma Candollei,
Epipremnum aureum,
Equisetum arvense,
Eryngium foetidum L., Umbelliferae,
Erythrina corallodendron,
Erythrina crita-gali,
Erythroxilum catuaba,
Eucalyptus globulus Labill., Myrtaceae,
Eugenia pitanga Berg., Myrtaceae,
Eupatorium ayapana Vent., Compositae,
Eupatorium ballotaefolium H.B.K., Compositae,
Eupatorium odoratum L., Compositae,
Euphorbia milii,
Euphorbia tirucalli L., Euphorbiaceae,
Evodia febrifuga,
Ferula sp., Umbelliferae,
Fevillea trilobata,
Ficus anthelmintica,
Ficus carica,
Ficus doliaria Mart., Moraceae,
Ficus Mucoso,
Ficus thonningii Polypodium vaccinifolium Langsd & Fischer, Polypodiaceae,
Foeniculum vulgare Mill., Umbeliferae,
Fragaria vesca,
Fuchsia hybrida,
Fumaria officinalis,
Garcinia kola,

Genipa americana L., Rubiaceae,
Ginkgo biloba L.,
Gladiolus x hortulanus,
Glycine max,
Glyphaea brevis,
Gochnatia polimorfa,
Gomphrena globosa L., Amaranthaceae,
Gossypium arboreum,
Guarea guidonia,
Guayacum officinalis,
Gynandropsis pentaphylla (Capparicaceae),
Handroanthus chrysotrichus,
Hedychium coronarium Koenig., Zingiberaceae,
Hedychium coronarium Koening., Zingiberaceae,
Helianthus annus L., Compositae,
Heliotropium indicum L., Borraginaceae,
Hevea brasiliensis M. Arg., Euphorbiaceae,
Hibiscus rosa-sinensis L., Malvaceae,
Hibiscus sabdariffa L., Malvaceae,
Hibiscus tiliaceus,
Hydrocotyle bonariensis Lam., Umbeliferae,
Hymenaea courbaril,
Hyptis carpinifolia Benth., Lamiaceae,
Hyptis inacana,
Hyptis pectinata (L) Poit., Lamiaceae,
Ilex aquifolium L., Aquifoliaceae,
Imperata brasiliensis,
Indigofera anil,
Inga marginata Willd., Leguminosae-Mimosoidae,
Ipomea alba L., Convulvulaceae,
Ipomea hederifolia L., Convulvulaceae,
Ipomea pes-capre (L.) R. Br., Convolvulaceae,

Ipomea salzmanii Choizy., Convulvulaceae,
Ipomoeae batata,
Isotoma longiflora (Willd.) Presl., Campanulaceae,
Jacaranda brasiliana Person., Bignoniaceae,
Jatropha curcas L., Euphorbiaceae,
Jatropha gossypiifolia L., Euphorbiaceae,
Johannesia princeps Vell., Euphorbiaceae,
Juglans regia,
Justicia gendarussa Burm., Acanthaceae,
Kalanchoe brasiliensis Camb., Cassulaceae,
Kalanchoe waldheimi Ham. & Per. Crassulaceae,
Kalonchoe gastonis bonnieri Hamet. & Ferr. Crassulaceae,
Khaya ivorensis,
Lablabe vulgaris var. albiflorus, Leguminosae,
Lactuca sativa L., Compositae,
Lantana câmara L., Verbenaceae,
Laportea Aestuans (L.) Chew, Urticaceae,
Lappa officinalis,
Laurus nobilis,
Lecaniodiscus cupaniodes Planch. ex Benth & Hook., Sapindaceae.,
Leonotis Nepetifolia (L.) W.T. Aiton, Laminaceae,
Leonurus sibiricus,
Lepidium sativum L., Brassicaceae (Cruciferae),
Leucanthemum vulgare,
Leucas martinicensis, Stahys fluminensis,
Lippia citrata,
Lippia geminata Gardn., Verbenaceae,
Lithraea melleoides (Vell.) Engler., Anacardiaceae,
Luehea grandiflora Mart. et Zucc., Tiliaceae,
Luffa aegyptiaca,
Luhea grandiflora,
Lycopersicum esculentum Mill., Solanaceae,

Lygodium volubile Sw., Schizaeaceae,
Macrosiphonia velame,
Malpighia emarginata,
Mangifera indica,
Manihot esculenta Crantz., Euphorbiaceae,
Manilkara zapota,
Maranta arudinacea L., Marantaceae,
Marsilea quadrifólia L., Marsileaceae,
Matricaria chamomilla,
Maytenus ilicifolia Mart., Celastraceae,
Melampodium divaricatum D.C., Asteraceae (Compositae),
Melastoma akermani,
Melastoma albicans Sw.,
Melastomastrum theifolium (G. Don) A. Fern. & R. Fern.,
Melastomataceae,
Melia azedarach L., Meliaceae,
Melilotus officinalis,
Mentha citrata L., Labiatae,
Mentha piperita,
Mentha pulegium L., Labiatae,
Merostachis donax L., Gramineae,
Mikania glomerata Spreng., Compositae,
Mikania martusiana,
Mikania officinalis,
Mikania opifera,
Mimosa pudica L., Fabaceae (Leguminosae),
Mirabilis jalapa L., Nyctagninaceae,
Momordica charantia L., Cucurbitaceae,
Monnieria trifólia L., Rutaceae,
Monstera adansonii Schott., Araceae,
Monstera deliciosa Liemb., Araceae,
Moringaceae,

Morus nigra L., Moraceae,
Mundia brasiliensis,
Musa sapientum L., Musaceae,
Myristica fragans Hoult., Myristicaceae,
Myrthus communis,
Nectranda lanceolata Nees et Mart ex Ness., Lauraceae,
Nectranda mollis,
Neomarica caerulea Sprague., Iridaceae,
Nepeta glechoma,
Newboldia laevis Seem., Bignoniacea,
Nicotina tabacum L., Solanaceae,
Nymphaeaceae Nuphar,
Nymphea victoria Sch., Nymphaeaceae,
Ocimum basilicum L., Labiatae,
Ocimum minimum L., Labiatae,
Olea europaea Dioclea violácea, Mart., ex Benth., Leguminosae-faboideae
Oncocalamus Wrightiana Hutch., Palmae,
Opuntia cochenillifera (L.) Mill., Cactaceae,
Origanum majorana L., Labiatae,
Ormosia arbórea (Vell.) Harms, Leguminosae-Papilionoideae,
Orysa sativa L., Poaceae (Graminiae),
Ottonia ansium Spreng., Piperaceae,
Oxalis martiana,
Palicourea densifolia, Rudgea viburnoides,
Parietaria officinalis L., Urticaceae,
Parkia bicolor A. Chev., Leguminosae Mimosoideae,
Parkia multijuga Benth., Leguminosae-Mimosoideae,
Passiflora edulis Sims., Passifloraceae,
Paullinia cupana,
Paullinia pinnata,
Pavonia cancellata Cav., Malvaceae,
Pelargonium odoratissimum (L.) Ait., Geraniaceae,

Penax quinquefolium,
Peperomia pellucia (L.) Kunth, Piperaceae,
Periandra dulcis,
Periploca nigrescens Afzel., Asclepiadaceae,
Persea gratíssima G., Lauraceae,
Persicaria hydropiper,
Petiveria alliacea L., Phytolaccaceae,
Petroselium sativum L., Umbeliferae,
Phaseolus vulgaris L., Fabaceae,
Philodendron bipinnatifidum,
Phoenix dactylifera,
Phthirusa abdita S. Moore., Loranthaceae,
Phyllantus nituri L., Euphorbiaceae,
Phyllostachys aurea,
Physalis angulata L., Solanaceae,
Pilea microphylla Miq. Urticaceae,
Pilea nummularifolia Wedd., Urticaceae,
Pilocarpus pinnatifolius L., Rutaceae,
Pimpinela anisum L., Umbeliferae,
Piper amalago L., Piperaceae,
Piper arboreum Aubl. Piperaceae,
Piper mollicomum Kunth., Piperaceae,
Piper nigrum,
Piscidia erythrina,
Pistia stratiotes,
Plantago major L., Plantaginaceae,
Plectranthus nummularius Briq., Labiatae (Lamiaceae),
Plectranthusbrus barbatus,
Plinia cauliflora,
Pluchea sagittalis (Lam.) Cabr. Asteraceae (Compositae),
Plumeria lancifolia,
Plumeria rubra,

Pogostemon patchouly Pelletier., Labiatae,
Polygala paniculata L., Polygalaceae,
Polygonum hydropiper,
Polypodium vaccinifolium Langsd & Fischer, Polypodiaceae,
Polyscias fruticosa L., Araliaceae,
Polyscias guilfoylei Bailey., Araliaceae,
Portulaca oleracea L., Portulaceae,
Pothomorphe umbellata,
Primula officinalis,
Prunus pérsica,
Psidium cattleianum Sabine, Mirtaceae,
Psidium guajava L., Myrtaceae,
Pterocarpus erinaceous (Leguminosae),
Pterodon emarginatus,
Punica granatum L., Punicaceae,
Pyrostegia venusta,
Pyrus malus L., Rosaceae,
Quassia amara L.,
Raphia,
Renealmia brasiliensis,
Rhizofora mangle,
Ricinus communis,
Ricinus communis L., Euphorbiaceae,
Ricinus sanguneus,
Robinia pseudacacia,
Rosa centifólia L., Rosaceae,
Rosa galica L., Rosaceae,
Ruellia germminiflora H.B.K., Acanthaceae,
Ruta graveolens L., Rutaceae,
Saccharum spontaneum,
Salix babylonica,
Salvia officinalis L.,Labiatae,

Sambucus nigra L., Caprifoliaceae,
Sansevieria trifasciata Hort., ex Prain., Lilaceae,
Saponaria officinalis,
Sassafras officinalis,
Schinus terebinthifolius, Schinus antarthritica, Schinus aroeira,
Schizocentron elegans Meissn., Melastomaceae,
Schizolobium parahyba (Vell.) Blake, Leguminosae-Caesalpinoideae,
Scoparea dulcis (vassourinha-doce),
Scoparia dulcis L., Scrophulariaceae,
Sebastiana brasiliensis Muel., Arg., Euphorbiaceae,
Sechium edule (Jacq.) Sw., Cucurbitaceae,
Sedum dendroideum Moc. & Sessé, Crassulaceae,
Seguiera alliacea,
Senecio brasiliensis,
Senna obtusifolia (L.) Irwin & Barneby., Fabaceae (Leguminosae),
Senna ocidentalis (L.) Link., Fabaceae (Leguminosae),
Sida carpinifolia Lf., Malvaceae,
Sida cordifolia L., Malvaceae,
Sida linifolia Cav., Malvaceae,
Sida rhombifolia L., Malvaceae,
Simaruba officinalis,
Simaruba versicolor,
Siparuna guyanensis Aubl., Monimiaceae,
Sisymbrium nasturtium L., Cruciferae,
Sisyrinchium galaxioides,
Siymphytium Officinalis,
Smilax japecanga,
Smilax officinalis Kunth., Smilacaceae,
Solanum argenteum Dun., & Poir., Solanaceae,
Solanum arrebenta,
Solanum dasyphyllum Schumach. & Thonn., Solanaceae,
Solanum erianthum D. Don., Solanaceae,

Solanum lycocarpum,
Solanum melongena,
Solanum nigrum,
Solanum oleraceus,
Solanum paniculatum,
Solanum tuberosum,
Solidago microglossa DC., Asteraceae (Compositae),
Sonchus oleraceus L. Asteraceae,
Spathodea campanulata Pal. Beauv., Bignoniaceae,
Spermacoce verticillata L., Rubiaceae,
Spinacia oleracea,
Spiraea ulmaria,
Spondias mombin,
Stachytarpheta cayennensis (LC. Rich.) Vahl., Verbanaceae,
Stemodia viscosa Roxb., Escrophulariaceae,
Styrax pohlii A.D.C., Styraceae,
Syagrus coronata (Mart.) Becc., Palmae,
Synedrella nodiflora (L) Gaertn., Asteraceae (Compositae),
Syzygium aromaticum (L) Mert et Perry, Myrtaceae,
Syzygium jambolanum,
Syzygium jambos,
Tabernaemontana echinata,
Tagetes erecta L.,
Talinum paniculatum (Jacq.) Gaertn,
Tamarindus indica L., Leguminosae- Caesalpinioideae,
Tapinanthus sp., vel aff., Loranthaceae
Taraxacum officinalis,
Terminalia intermedia Bert., Combretaceae,
Tetradenia riparia (Hochst.) Codd., Labiatae (Lamiaceae),
Tetrepleura tetraptera (Schum & Thour.) Taub., Leguminosae-Mimosoideae,
Thevetia nerifolia Juss., Apocynaceae,

Thymus serpyllum,
Thymus vulgaris, 5
Tibouchina granulosa Cogn., Melastomaceae,
Tillandsia usneoides L., Bromelieaceae,
Tradescantia spathacea Sw., Commelinaceae,
Tradescantia zebrina Hort., ex Bosse, Commelinaceae,
Trema micranta (L) Engler., Ulmaceae,
Urena lobata L., Malvaceae,
Urera baccifera (L.) Gaudich, Urticaceae,
Urtica dioica L., Urticaceae,
Urtica urens Vell., Urticaceae,
Vanilla palmarum Lindl., Orchidaceae,
Veneris capillus, Avenca brasiliensis, Adianhum risophorum,
Verbena officinalis L., Verbenaceae,
Vermonia condensata Baker., Compositae,
Vernonia polyanthes Less., Compositae,
Vigna ungiculata (L.) Walp. Fabaceae (Leguminosae),
Viola odorata,
Viola tricolor, Viola arvensis,
Vitellaria paradoxa (antiga Butyrospermum paradoxum),
Vitex agnus-castus L., Verbenaceae,
Vitex montevidensis Cham.,
Vitis viníféra L. Ampelideae,
Waltheria douradinha, Stemodia arenaria,
Wedelia paludosa D.C., Compositae (Asteraceae),
Xanthosoma Atrovirens Koch., et Bouche., var. appendiculatum, Araceae,
Xanthosoma sagittifolium (L.) Schott,
Xanthoxylum tinguaciba,
Xylopia aromática (Lam.) Mart., Annonaceae,
Yucca gloriosa L., Liliaceae,
Zanthoxylum senegalense,
Zanthoxylum subserratum (Rutaceae),

Zea mays,
Zingiber officinale,
Zizyphus joazeiro,
Zornia diphylla Pers., Leguminosae,

GLOSSÁRIO DE ERVAS

POR *ÒRÌṢÀ*

A ordem sequencial deste rol, segue o ordenamento alfabético da língua ioruba, quer seja:

A B D E Ẹ F G GB H I J K L M N O Ọ P R S Ṣ T U W Y

A relação entre as ervas e as divindades não seguiu o padrão específico de nenhuma raiz do Candomblé jêje-nagô. Balizou-se nas fontes pesquisadas. Logo, notaremos que esta correlação erva-*òrìṣà* poderá ser diferente de acordo com as várias tradições religiosas do Candomblé e ainda da matriz africana.

ÒRÌṢÀ	**ERVA**	
Ajé ṣàlúgà	**FOLHA-DA-RIQUEZA**	
Àyàn	**AYAN**	
Ayrà	**MANJERICÃO-ROXO**	
Baàyànnì	**ÁRVORE-DA-FELICIDADE**	
Baàyànnì	**CAMBOATÁ**	
Dankò	**BAMBU-AMARELO**	
Divindades femininas	**BEGÔNIA**	
Egún	**AMOREIRA**	
Egún	**ATORI**	
Égún	**CIPRESTE**	
Égún	**CRAVO-DE-DEFUNTO**	

Égún	**FEDEGOSO**	
Égún	**FRUTA-PÃO**	
Égún	**JENIPAPO**	
Égún	**MARIA-MOLE**	
Égún	**MASTRUZ**	
Èṣù	**ABACATE**	
Èṣù	**ARREBENTA-CAVALO**	
Èṣù	**ARRUDA**	
Èṣù	**ATAARE**	
Èṣù	**AVELOZ**	
Èṣù	**AZEVINHO**	
Èṣù	**BERINGELA**	
Èṣù	**BETERRABA**	
Èṣù	**BREDO-DE-ESPINHO**	
Èṣù	**BOTÃO-DE-OURO**	
Èṣù	**CAMBARÁ**	
Èṣù	**CANA-DE-AÇÚCAR**	
Èṣù	**CANSANÇÃO**	
Èṣù	**CAQUI**	
Èṣù	**CARRAPICHO-RASTEIRO**	
Èṣù	**COERANA**	
Èṣù	**COGUMELO**	
Èṣù	**COMIGO-NINGUÉM-PODE**	
Èṣù	**COROA-DE-CRISTO**	

Èṣù	**CROTON**	
Èṣù	**DANDÁ-DA-COSTA**	
Èṣù	**DENDEZEIRO**	
Èṣù	**DORMIDEIRA**	
Èṣù	**ERVA-DE-BUGRE**	
Èṣù	**ERVA COBRE**	
Èṣù	**ERVA-MOURA**	
Èṣù	**ESPINHEIRO**	
Èṣù	**FAVA-DE-EXU**	
Èṣù	**FIGUEIRA-DO-INFERNO**	
Èṣù	**FLOR-DE-CORAL**	
Èṣù	**FOLHA-DE-FOGO**	
Èṣù	**GUARANA**	
Èṣù	**HORTELÃ-PIMENTA**	
Èṣù	**IGUI-ATA**	
Èṣù	**INHAME-ROXO**	
Èṣù	**JAQUEIRA**	
Èṣù	**JATOBÁ**	
Èṣù	**MANDIOCA**	
Èṣù	**MANDACARU**	
Èṣù	**MARAPUAMA**	
Èṣù	**MASTRUZ**	
Èṣù	**OLHO-DE-POMBO**	
Èṣù	**PALMATÓRIA-DE-EXU**	

Èṣù	**PAU-TENENTE**	
Èṣù	**PERPÉTUA**	
Èṣù	**PIMENTA-DA-COSTA**	
Èṣù	**PIMENTA-MALAGUETA**	
Èṣù	**PINHÃO**	
Èṣù	**QUIABO-ROXO**	
Èṣù	**SAPÊ**	
Èṣù	**SILVA-DA-PRAIA**	
Èṣù	**TINGUACIBA**	
Èṣù	**TRAPOERABA**	
Èṣù	**TROMBETA-ROXA**	
Èṣù	**URTIGA**	
Èṣù	**URTIGA-MIÚDA**	
Èṣù	**URTIGA-BRAVA**	
Èṣù	**URTIGA-DE-FOLHA-GRANDE**	
Èṣù	**URTIGA-VERMELHA**	
Èṣù	**YUCA**	
Ibéjì	**ARARUTA**	
Ibéjì	**BANANEIRA**	
Ibéjì	**CANA-DE-AÇÚCAR**	
Ibéjì	**COCLEÁRIA**	
Ibéjì	**FALSO-ÍRIS**	
Ibéjì	**FLAMBOYANT**	
Ibéjì	**MARACUJÁ**	

Ibéjì	**MORANGO**	
Ibéjì	**PITANGUEIRA**	
Ibéjì	**POEJO**	
Ibéjì	**PRÍMULA**	
Ibéjì	**QUIABO**	
Ibéjì	**SUSSUAIÁ**	
Ibéjì	**UVA**	
Ifá	**AÇOITA-CAVALO**	
Ifá	**AMENDOEIRA**	
Ifá	**ARABÁ**	
Ifá	**BOTÃO-DE-OURO**	
Ifá	**CRISTA-DE-GALO**	
Ìrókò	**BANANEIRA**	
Ìrókò	**GAMELEIRA**	
Ìrókò	**IROKO**	
Ìyámasé	**ÁRVORE-DA-FELICIDADE**	
Ìyámi Òṣòrọ̀ngà	**AHÙN**	
Ìyámi Òṣòrọ̀ngà	**ARERÊ**	
Ìyámi Òṣòrọ̀ngà	**ARIDAN**	
Ìyámi Òṣòrọ̀ngà	**ASSURIN**	
Ìyámi Òṣòrọ̀ngà	**BAOBÁ**	
Ìyámi Òṣòrọ̀ngà	**CAJAZEIRA**	
Ìyámi Òṣòrọ̀ngà	**IROKO**	
Ìyámi Òṣòrọ̀ngà	**JAQUEIRA**	

Ìyámi Òṣòrọ̀ngà	**LOMBRIGUEIRA**	
Ìyámi Òṣòrọ̀ngà	**OBÓ**	
Ìyámi Òṣòrọ̀ngà	**OÊ**	
Ìyámi Òṣòrọ̀ngà	**OKÔ**	
Ìyámi Òṣòrọ̀ngà	**APÁ**	
Ìyámi Òṣòrọ̀ngà	**APAOKÁ**	
Ìyámi Òṣòrọ̀ngà	**GAMELEIRA**	
Kitembu	**UMBAÚBA**	
Lógun ẹdẹ	**CITRONELA**	
Lógun ẹdẹ	**ESPINHEIRA-SANTA**	
Lógun ẹdẹ	**HERA**	
Lógun ẹdẹ	**PEREGUN-BRANCO**	
Lógun ẹdẹ	**PERSICÁRIA**	
Lógun ẹdẹ	**PRÍMULA**	
Lógun ẹdẹ	**SAPOTI**	
Lógun ẹdẹ	**TAIOBA-FINA**	
Lógun ẹdẹ	**TAPETE-DE-OXOSSI**	
Lógun ẹdẹ	**VELAME-DO-MATO**	
Lógun ẹdẹ	**BÉTIS-CHEIROSO**	
Lógun ẹdẹ	**CIPÓ-IMBÉ**	
Lógun ẹdẹ	**COMIGO-NINGUÉM-PODE**	
Lógun ẹdẹ	**COUVETINGA**	
Lógun ẹdẹ	**ENDRO**	
Nàná	**AGUAPÉ,**	

	FOLHA-DA-FORTUNA	
Nànà	**ALCAÇUZ**	
Nànà	**ALTEIA**	
Nànà	**ALUPAYDÁ**	
Nànà	**AMOR-PERFEITO**	
Nànà	**ANIL**	
Nànà	**ARNICA**	
Nànà	**ARROZ**	
Nànà	**AWEDÉ**	
Nànà	**BALAIO-DE-VELHO**	
Nànà	**BARONESE**	
Nànà	**BARDANA**	
Nànà	**BATATINHA**	
Nànà	**CATINGA-DE-MULATA**	
Nànà	**CAVALINHA**	
Nànà	**CHORÃO**	
Nànà	**CONFREI**	
Nànà	**ERVA-DE-MACAÉ**	
Nànà	**ERVA-DE-PASSARINHO**	
Nànà	**ESPELINA-FALSA**	
Nànà	**FALSO-ÍRIS**	
Nànà	**FETO**	
Nànà	**FUMÁRIA**	
Nànà	**GOLFO**	

Nànà	**GUAIACO**	
Nànà	**GUACURI**	
Nànà	**JEQUITIRANA**	
Nànà	**JURUBEBA**	
Nànà	**LARANJEIRA**	
Nànà	**LÍNGUA-DE-GALINHA**	
Nànà	**LOBEIRA**	
Nànà	**MÃE-BOA**	
Nànà	**MANACÁ**	
Nànà	**MANGUE-VERMELHO**	
Nànà	**MARIA-PRETA**	
Nànà	**MELÃO-DE-SÃO-CAETANO**	
Nànà	**ODAN**	
Nànà	**PARACARI**	
Nànà	**QUARESMA**	
Nànà	**SERPÃO**	
Nànà	**TAIOBA**	
Nànà	**TRAPOERABA**	
Nànà	**TRAPOERABA-ROXA**	
Nànà	**VELAME-MIÚDO**	
Nànà	**VIOLETA**	
Odùduwà	**ÁRVORE-DE-CUIA**	
Odùduwà	**BAOBÁ**	
Òdùduwà	**CARNAÚBA**	

Ògún	**AAKA**	
Ògún	**ABRE-CAMINHO**	
Ògún	**AKOKÔ**	
Ògún	**ALUMÃ**	
Ògún	**ARABÁ**	
Ògún	**ARAÇA**	
Ògún	**AROEIRA-COMUM**	
Ògún	**BABOSA**	
Ògún	**BOMUBOMU**	
Ògún	**CANA-DO-BREJO**	
Ògún	**CARRAPICHO-RASTEIRO**	
Ògún	**CORTICEIRA**	
Ògún	**COSTELA-DE-ADÃO**	
Ògún	**CRAVO-BRANCO**	
Ògún	**CRAVO-DE-JARDIM**	
Ògún	**CRISTA-DE-GALO**	
Ògún	**DANDÁ-DA-COSTA**	
Ògún	**DENDEZEIRO**	
Ògún	**DENTE-DE-LEÃO**	
Ògún	**ESPADA-DE-SÃO-JORGE**	
Ògún	**EUCALIPTO**	
Ògún	**FAVEIRO**	
Ògún	**FEIJÃO-PRETO**	
Ògún	**GENGIBRE**	

Ògún	**GOIABEIRA**	
Ògún	**GRAXA-DE-ESTUDANTE**	
Ògún	**GUACURI**	
Ògún	**GUARANÁ**	
Ògún	**GUINÉ**	
Ògún	**INHAME-CARÁ**	
Ògún	**JAMELÃO**	
Ògún	**JUCÁ**	
Ògún	**LARANJINHA-BRANCA**	
Ògún	**LÍRIO-DO-BREJO**	
Ògún	**MANGUEIRA**	
Ògún	**MARAPUAMA**	
Ògún	**MARUPÁ**	
Ògún	**MILHO**	
Ògún	**MOSTARDA**	
Ògún	**PAU-TENENTE**	
Ògún	**PEREGUN**	
Ògún	**PINHÃO-ROXO**	
Ògún	**QUITOCO**	
Ògún	**ROMANZEIRO**	
Ògún	**SAPÊ**	
Ògún	**SUMAÚMA**	
Ògún	**TINHORÃO**	
Ògún	**TIRIRICA**	

Ògún	**URTIGA-BRAVA**	
Ògún	**VENCE-DEMANDA--VERDADEIRA**	
Ògúnjà	**CIPÓ-DOURADO**	
Oko	**AROEIRA-BRANCA**	
Oko	**CIPÓ-CABOCLO**	
Oko	**SALSAPARRILHA**	
Olókun	**FOLHA-DA-FORTUNA**	
Orí	**ALFAVAQUINHA-DE-COBRA**	
Òṣàgiyán	**ALECRIM-DO-MATO**	
Òṣàgiyán	**ATORI**	
Òṣàgiyán	**BÁLSAMO**	
Òṣàgiyán	**BAMBU-AMARELO**	
Òṣàgiyán	**CHUCHU**	
Òṣàgiyán	**CIPÓ-AZOUGUE**	
Òṣàgiyán	**GIRASSOL**	
Òṣàgiyán	**MANJERICÃO-ROXO**	
Òṣàgiyán	**MARIA-SEM-VERGONHA**	
Òṣàgiyán	**PEPINO**	
Òṣàgiyán	**TABACO**	
Òṣàgiyán	**TAMAREIRA**	
Òṣàgiyán	**YUCA**	
Òṣàlá	**AGNOCASTO**	
Òṣàlá	**ALFAVAQUINHA-DE-COBRA**	

Òṣàlá	**ALFAZEMA**	
Òṣàlá	**ALGODÃO**	
Òṣàlá	**ALUMÃ**	
Òṣàlá	**AMENDOEIRA**	
Òṣàlá	**ANIS-ESTRELADO**	
Òṣàlá	**ARROZ**	
Òṣàlá	**ARTEMÍSIA**	
Òṣàlá	**AWUREPEPE**	
Òṣàlá	**BAMBU**	
Òṣàlá	**BANANEIRA**	
Òṣàlá	**BELDROEGA**	
Òṣàlá	**BENJOIM**	
Òṣàlá	**BIGODE-DE-GATO**	
Òṣàlá	**BOLDO**	
Òṣàlá	**BRILHANTINA**	
Òṣàlá	**BUCHA**	
Òṣàlá	**CABELO-DE-MILHO**	
Òṣàlá	**CARÁ-MOELA**	
Òṣàlá	**CEBOLA**	
Òṣàlá	**CHAPÉU-DE-COURO**	
Òṣàlá	**CIPÓ-CABELUDO**	
Òṣàlá	**COCO**	
Òṣàlá	**COLÔNIA**	
Òṣàlá	**CORAÇÃO-DE-JESUS**	

Òṣàlá	**COSTA-BRANCA**	
Òṣàlá	**DAMA-DA-NOITE**	
Òṣàlá	**ERVA-CIDREIRA**	
Òṣàlá	**ERVA-DE-BICHO**	
Òṣàlá	**ERVA-VINTÉM**	
Òṣàlá	**FALSO-ÍRIS**	
Òṣàlá	**FAVA-DIVINA**	
Òṣàlá	**FUNCHO**	
Òṣàlá	**FLOR-DA-NOITE**	
Òṣàlá	**FOLHA-DA-COSTA**	
Òṣàlá	**FOLHA-DA-FORTUNA**	
Òṣàlá	**FRUTA-PÃO**	
Òṣàlá	**GAMELEIRA**	
Òṣàlá	**GOLFO**	
Òṣàlá	**GRAMA**	
Òṣàlá	**GRAVIOLA**	
Òṣàlá	**GUACO-VERDADEIRO**	
Òṣàlá	**GUAIACO**	
Òṣàlá	**GUANDO**	
Òṣàlá	**INGÁ**	
Òṣàlá	**IKÓ**	
Òṣàlá	**INHAME-CARÁ**	
Òṣàlá	**IPÊ**	
Òṣàlá	**JAPECANGA**	

Òṣàlá	**JASMIM-MANGA**	
Òṣàlá	**JEQUITIBÁ**	
Òṣàlá	**JINCOBILOBA**	
Òṣàlá	**LÁGRIMA-DE- -NOSSA-SENHORA**	
Òṣàlá	**LEVANTE-MIÚDA**	
Òṣàlá	**LIMA**	
Òṣàlá	**LIMO-DA-COSTA**	
Òṣàlá	**MACELA**	
Òṣàlá	**MACAÉ**	
Òṣàlá	**MALVA**	
Òṣàlá	**MALVA-ROSA**	
Òṣàlá	**MAMOEIRO**	
Òṣàlá	**MAMONA**	
Òṣàlá	**MAMONA-VERMELHA**	
Òṣàlá	**MAMONA-ROXA**	
Òṣàlá	**MANJERICÃO**	
Òṣàlá	**MANJERICÃO-DE- -FOLHA MIÚDA**	
Òṣàlá	**MIL-EM-RAMA**	
Òṣàlá	**MILHO**	
Òṣàlá	**MIRRA**	
Òṣàlá	**MOTAMBA**	
Òṣàlá	**MURTA**	
Òṣàlá	**OLIVEIRA**	

Òṣàlá	**OLHO-DE-POMBO**	
Òṣàlá	**PARIETÁRIA**	
Òṣàlá	**PICÃO**	
Òṣàlá	**PICHURIN**	
Òṣàlá	**PINCEL**	
Òṣàlá	**ROSA-BRANCA**	
Òṣàlá	**SÁLVIA**	
Òṣàlá	**SALVIA-DO-RIO-GRANDE--DO-SUL**	
Òṣàlá	**SALVIA-DO-MARAJÓ**	
Òṣàlá	**TAMARINEIRO**	
Òṣàlá	**TREVO-DE-QUATRO-FOLHAS**	
Òṣàlá	**TROMBETA-BRANCA**	
Òṣàlá	**ULMÁRIA**	
Òṣàlá	**UVA**	
Òṣàlá	**VELAME-BRANCO**	
Oṣàlúfọ́n	**BÁLSAMO**	
Oṣàlúfọ́n	**MARIA-SEM-VERGONHA**	
Òṣùmàrè	**ALUPAYDÁ, ALFAVACA-DE-COBRA**	
Òṣùmàrè	**AMENDOIM**	
Òṣùmàrè	**ASSA-PEIXE**	
Òṣùmàrè	**BALAIO-DE-VELHO**	
Òṣùmàrè	**BANANEIRA**	

Òṣùmàrè	**BARONESE**	
Òṣùmàrè	**BATATA-DOCE**	
Òṣùmàrè	**BATATA-INGLESA**	
Òṣùmàrè	**BÉTIS-CHEIROSO**	
Òṣùmàrè	**CIPÓ-DOURADO**	
Òṣùmàrè	**CIPÓ-ESCADA**	
Òṣùmàrè	**CORAÇÃO-DE-JESUS**	
Òṣùmàrè	**ERVA-DE-PASSARINHO**	
Òṣùmàrè	**GUACO**	
Òṣùmàrè	**JIBÓIA**	
Òṣùmàrè	**JEQUITIRANA**	
Òṣùmàrè	**LARANJINHA-BRANCA**	
Òṣùmàrè	**LÍNGUA-DE-GALINHA**	
Òṣùmàrè	**MARIA-PRETA**	
Òṣùmàrè	**PEREGUN-BRANCO**	
Òṣùmàrè	**QUEBRA-PEDRA-BRANCO**	
Òṣùmàrè	**QUIABO**	
Òṣùmàrè	**SAMAMBAIA**	
Òṣùmàrè	**TOMATE**	
Òṣùmàrè	**VELAME-DO-MATO**	
Ọbà	**CIPÓ-SÃO-JOÃO**	
Ọbà	**CRUÁ**	
Ọbà	**ERVA-DE-BUGRE**	
Ọbà	**GERÂNIO**	

Ọbà	**IPALÉ**	
Ọbà	**LARANJEIRA**	
Ọbà	**LIMA**	
Ọbà	**MEXERICA**	
Ọbà	**PACOVÁ**	
Ọbà	**PANACEIA**	
Ọbà	**PAU-ROSA**	
Ọbà	**ROSA-VERMELHA**	
Ọbà	**SUMARÉ**	
Ọbà	**VITÓRIA-RÉGIA**	
Ọbalúwáiyé	**ALHO**	
Ọbalúwáiyé	**AROEIRA-COMUM**	
Ọbalúwáiyé	**AVELOZ**	
Ọbalúwáiyé	**AZUMÃ**	
Ọbalúwáiyé	**BALAIO-DE-VELHO**	
Ọbalúwáiyé	**BARBA-DE-BOI**	
Ọbalúwáiyé	**BARBA-DE-VELHO**	
Ọbalúwáiyé	**BARDANA**	
Ọbalúwáiyé	**CANELA**	
Ọbalúwáiyé	**CANELA-DE-VELHO**	
Ọbalúwáiyé	**CARQUEJA**	
Ọbalúwáiyé	**CIPÓ-SUMA**	
Ọbalúwáiyé	**COERANA**	
Ọbalúwáiyé	**COPAÍBA**	

Ọbalúwáiyé	**CORDÃO-DE-FRADE**	
Ọbalúwáiyé	**COTIEIRA**	
Ọbalúwáiyé	**ERVA-ANDORINHA**	
Ọbalúwáiyé	**ERVA-MOURA**	
Ọbalúwáiyé	**ERVA-DE-SANTA-MARIA**	
Ọbalúwáiyé	**ERVA-DE-PASSARINHO**	
Ọbalúwáiyé	**ESPELINA-FALSA**	
Ọbalúwáiyé	**FEDEGOSO-VERDADEIRO**	
Ọbalúwáiyé	**FEIJÃO-PRETO**	
Ọbalúwáiyé	**GERVÃO**	
Ọbalúwáiyé	**JEQUITIRANA**	
Ọbalúwáiyé	**MELÃO-DE-SÃO-CAETANO**	
Ọbalúwáiyé	**ODAN**	
Ọbalúwáiyé	**QUEBRA-PEDRA**	
Ọbalúwáiyé	**SETE-SANGRIAS**	
Ọbalúwáiyé	**TRANSAGEM**	
Ọbalúwáiyé	**TRAPOERABA**	
Ọbalúwáiyé	**TRAPOERABA-ROXA**	
Ọbalúwáiyé	**TUPITIXÁ**	
Ọbalúwáiyé	**VELAME-DO-CAMPO**	
Ọbàtálá	**CARNAÚBA**	
Ọdẹ	**ALECRIM-DO-MATO**	
Ọdẹ	**AMENDOIM**	
Ọdẹ	**ARAÇA**	

Ọdẹ	**CAMAPU**	
Ọdẹ	**CAPIM-LIMÃO**	
Ọdẹ	**CARNÍCULA**	
Ọdẹ	**CARQUEJA**	
Ọdẹ	**CARRAPICHO-BEIÇO-DE-BOI**	
Ọdẹ	**CARRAPICHO-RASTEIRO**	
Ọdẹ	**CIPÓ-CABELUDO**	
Ọdẹ	**CIPÓ-CABOCLO**	
Ọdẹ	**COCO**	
Ọdẹ	**CORDÃO-DE-FRADE**	
Ọdẹ	**COUVETINGA**	
Ọdẹ	**DANDÁ-DA-COSTA**	
Ọdẹ	**ESPINHEIRA-SANTA**	
Ọdẹ	**ESPINHO-DE-ROSETA**	
Ọdẹ	**FAVEIRO**	
Ọdẹ	**FÍSTULA-AMARELA**	
Ọdẹ	**GUACO-VERDADEIRO**	
Ọdẹ	**GUINÉ**	
Ọdẹ	**JUAZEIRO**	
Ọdẹ	**JUREMA**	
Ọdẹ	**LÁGRIMA-DE- -NOSSA-SENHORA**	
Ọdẹ	**MALVA-ROSA**	
Ọdẹ	**MARAJOARA**	

Ọdẹ	**MARAPUAMA**	
Ọdẹ	**MILHO**	
Ọdẹ	**NICURIZEIRO**	
Ọdẹ	**PERSICÁRIA**	
Ọdẹ	**PINHÃO-ROXO**	
Ọdẹ	**QUIABO**	
Ọdẹ	**RAMA-DE-LEITE**	
Ọdẹ	**SÃO-GONÇALINHO**	
Ọdẹ	**SAPÊ**	
Ọdẹ	**SAPOTI**	
Ọdẹ	**SASSAFRÁS**	
Ọdẹ	**TAIOBA-FINA**	
Ọdẹ	**TAPETE-DE-OXOSSI**	
Ọdẹ	**TAPIXIRICA**	
Ọdẹ	**TEJUCO**	
Ọdẹ	**TIMBÓ**	
Ọdẹ	**TIRIRICA**	
Ọdẹ	**TREVO-CHEIROSO**	
Ọmọlu	**AAKA**	
Ọmọlu	**ABACAXI**	
Ọmọlu	**AGAVE**	
Ọmọlu	**ASSA-PEIXE**	
Ọmọlu	**BABOSA**	
Ọmọlu	**BETERRABA**	

Ọmọlu	**BOMUBOMU**	
Ọmọlu	**CAMAPU**	
Ọmọlu	**CAQUI**	
Ọmọlu	**CHAPÉU-DE-NAPOLEÃO**	
Ọmọlu	**CIPÓ-AZOUGUE**	
Ọmọlu	**CIPÓ-DOURADO**	
Ọmọlu	**CIPÓ-INSULINA**	
Ọmọlu	**CURRALEIRA**	
Ọmọlu	**DOURADINHA**	
Ọmọlu	**ERVA-DE-BICHO**	
Ọmọlu	**ERVA-DUTRA**	
Ọmọlu	**GUACO-VERDADEIRO**	
Ọmọlu	**IKÓ**	
Ọmọlu	**JAMELÃO**	
Ọmọlu	**MACELA**	
Ọmọlu	**MAMICA-DE-CADELA**	
Ọmọlu	**MARIA-PRETA**	
Ọmọlu	**NABO**	
Ọmọlu	**PARACARI**	
Ọmọlu	**PATA-DE-VACA**	
Ọmọlu	**PINHA-DO-CERRADO**	
Ọmọlu	**SABUGUEIRO**	
Ọmọlu	**SAPÊ**	
Ọmọlu	**SERINGUEIRA**	

Ọmọlu	**TARUMÃ**	
Ọmọlu	**TRÊS-FOLHAS-VERMELHAS**	
Ọ̀rúnmìlà	**ABÓBORA**	
Ọ̀rúnmìlà	**ALGODÃO**	
Ọ̀rúnmìlà	**CORDÃO-DE-FRADE**	
Ọ̀rúnmìlà	**ERVA-DE-SÃO-JOÃO**	
Ọ̀rúnmìlà	**ESTRELINHA**	
Ọ̀rúnmìlà	**FAVA-DIVINA**	
Ọ̀rúnmìlà	**FAVA-DE-Ọ̀BÀRÀ**	
Ọ̀rúnmìlà	**FOLHA-DA-FORTUNA**	
Ọ̀rúnmìlà	**GUINÉ**	
Ọ̀rúnmìlà	**IROSUN**	
Ọ̀rúnmìlà	**JACARANDÁ**	
Ọ̀rúnmìlà	**LIMOEIRO**	
Ọ̀rúnmìlà	**OBI**	
Ọ̀rúnmìlà	**OROBÔ**	
Ọ̀rúnmìlà	**SILVA-DA-PRAIA**	
Ọ̀sányìn	**ABÓBORA**	
Ọ̀sányìn	**AGAVE**	
Ọ̀sányìn	**AKOKÔ**	
Ọ̀sányìn	**ARAÇA**	
Ọ̀sányìn	**ARIDAN**	
Ọ̀sányìn	**BAOBÁ**	
Ọ̀sányìn	**BAUNILHA**	

Ọ̀sányìn	**BEJERECUM**	
Ọ̀sányìn	**CACAU**	
Ọ̀sányìn	**CAFÉ**	
Ọ̀sányìn	**CARRAPICHO**	
Ọ̀sányìn	**CENOURA**	
Ọ̀sányìn	**CENTÁUREA-DO-BRASIL**	
Ọ̀sányìn	**CEREFÓLIO**	
Ọ̀sányìn	**CHAPÉU-DE-NAPOLEÃO**	
Ọ̀sányìn	**CIPÓ-DOURADO**	
Ọ̀sányìn	**CIPÓ-INSULINA**	
Ọ̀sányìn	**CIPÓ-MIL-HOMENS**	
Ọ̀sányìn	**COUVE**	
Ọ̀sányìn	**CRAVO-DA-ÍNDIA**	
Ọ̀sányìn	**DANDÁ-DA-COSTA**	
Ọ̀sányìn	**DENDEZEIRO**	
Ọ̀sányìn	**DENTE-DE-LEÃO**	
Ọ̀sányìn	**ERVA-VINTÉM**	
Ọ̀sányìn	**FALSO-ÍRIS**	
Ọ̀sányìn	**FEIJÃO-BRANCO**	
Ọ̀sányìn	**FEIJÃO-FRADINHO**	
Ọ̀sányìn	**GRAXA-DE-ESTUDANTE**	
Ọ̀sányìn	**GUACO-VERDADEIRO**	
Ọ̀sányìn	**INGÁ**	
Ọ̀sányìn	**ITU**	

Ọ̀sányìn	**JABUTICABA**	
Ọ̀sányìn	**LÁGRIMA-DE- -NOSSA-SENHORA**	
Ọ̀sányìn	**LIMOEIRO**	
Ọ̀sányìn	**LOURO**	
Ọ̀sányìn	**LOURO-PRETO**	
Ọ̀sányìn	**NOGUEIRA**	
Ọ̀sányìn	**OBI**	
Ọ̀sányìn	**OLHO-DE-CARNEIRO**	
Ọ̀sányìn	**OLHO-DE-BOI**	
Ọ̀sányìn	**OLHO-DE-GATO**	
Ọ̀sányìn	**OLHO-DE-POMBO**	
Ọ̀sányìn	**OROBÔ**	
Ọ̀sányìn	**OXÔ**	
Ọ̀sányìn	**PANKERÉ**	
Ọ̀sányìn	**PATIOBA**	
Ọ̀sányìn	**PAU-D'ALHO**	
Ọ̀sányìn	**PEPINO**	
Ọ̀sányìn	**PEREGUN-BRANCO**	
Ọ̀sányìn	**PIMENTA-DA-COSTA**	
Ọ̀sányìn	**PITANGUEIRA**	
Ọ̀sányìn	**QUARESMA-RASTEIRA**	
Ọ̀sányìn	**QUEBRA-PEDRA-BRANCO**	
Ọ̀sányìn	**QUINA**	

Ọ̀sányìn	**QUITOCO**	
Ọ̀sányìn	**RAMA-DE-LEITE**	
Ọ̀sányìn	**REPOLHO**	
Ọ̀sányìn	**ROBÍNIA**	
Ọ̀sányìn	**SAPÊ**	
Ọ̀sányìn	**SETE-CAPOTES**	
Ọ̀sányìn	**SOJA**	
Ọ̀sányìn	**SUCUPIRA**	
Ọ̀sányìn	**TARUMÃ**	
Ọ̀sányìn	**TIMBÓ-DE-RAIZ**	
Ọ̀sányìn	**TINHORÃO**	
Ọ̀sányìn	**TIRA-TEIMA**	
Ọ̀sányìn	**TIRIRICA**	
Ọ̀sányìn	**TROMBETA-ROXA**	
Ọ̀sányìn	**UMBAÚBA**	
Ọ̀sányìn	**VASSOURINHA-DE- -SANTO-ANTÔNIO**	
Ọ̀ṣùn	**ABACAXI**	
Ọ̀ṣùn	**ABÚTUA**	
Ọ̀ṣùn	**ACÁCIA**	
Ọ̀ṣùn	**AGONIADA**	
Ọ̀ṣùn	**AGRIÃO**	
Ọ̀ṣùn	**AGUAPÉ**	
Ọ̀ṣùn	**AHÙN**	

Ọ̀ṣùn	**ALAMANDA**	
Ọ̀ṣùn	**ALEVANTE**	
Ọ̀ṣùn	**ALFAVAQUINHA-DE-COBRA**	
Ọ̀ṣùn	**ALFAZEMA**	
Ọ̀ṣùn	**ANDIROBA**	
Ọ̀ṣùn	**AMENDOIM**	
Ọ̀ṣùn	**ANGÉLICA**	
Ọ̀ṣùn	**APERTA-RUÃO**	
Ọ̀ṣùn	**ASSA-FÉTIDA**	
Ọ̀ṣùn	**ASSA-PEIXE**	
Ọ̀ṣùn	**AVENCA**	
Ọ̀ṣùn	**AWUREPEPE**	
Ọ̀ṣùn	**BANANEIRA-DE-JARDIM**	
Ọ̀ṣùn	**BATATA-INGLESA**	
Ọ̀ṣùn	**BEM-ME-QUER**	
Ọ̀ṣùn	**BERTALHA**	
Ọ̀ṣùn	**BREDO-DE-ESPINHO**	
Ọ̀ṣùn	**BREDO-SEM-ESPINHO**	
Ọ̀ṣùn	**BOTÃO-DE-OURO**	
Ọ̀ṣùn	**BRILHANTINA**	
Ọ̀ṣùn	**CABAÇA**	
Ọ̀ṣùn	**CAJAZEIRA**	
Ọ̀ṣùn	**CALÊNDULA**	
Ọ̀ṣùn	**CANELA**	

Ọ̀ṣùn	**CARAMBOLA**	
Ọ̀ṣùn	**CATUABA**	
Ọ̀ṣùn	**CAVALINHA**	
Ọ̀ṣùn	**CEBOLA**	
Ọ̀ṣùn	**CEBOLINHA**	
Ọ̀ṣùn	**CELIDÔNEA**	
Ọ̀ṣùn	**CHICÓRIA**	
Ọ̀ṣùn	**CIPÓ-MIL-HOMENS**	
Ọ̀ṣùn	**COENTRO**	
Ọ̀ṣùn	**COMINHO**	
Ọ̀ṣùn	**COTÓ-COTÓ**	
Ọ̀ṣùn	**CRAVO-DA-ÍNDIA**	
Ọ̀ṣùn	**CRISÂNTEMO**	
Ọ̀ṣùn	**CRUÁ**	
Ọ̀ṣùn	**DINHEIRO-EM-PENCA**	
Ọ̀ṣùn	**DÓLAR**	
Ọ̀ṣùn	**ERVA-DE-SANTA-LUZIA**	
Ọ̀ṣùn	**ERVA-DOCE**	
Ọ̀ṣùn	**ERVA-VINTÉM**	
Ọ̀ṣùn	**ESTRELINHA**	
Ọ̀ṣùn	**FAVA-DIVINA**	
Ọ̀ṣùn	**FIGO**	
Ọ̀ṣùn	**FUNCHO**	
Ọ̀ṣùn	**GIRASSOL**	

Ọ̀ṣùn	**GOLFO**	
Ọ̀ṣùn	**GRAXA-DE-ESTUDANTE**	
Ọ̀ṣùn	**GUAPEVA**	
Ọ̀ṣùn	**HORTELÃ-PIMENTA**	
Ọ̀ṣùn	**IMBIRI**	
Ọ̀ṣùn	**IPÊ**	
Ọ̀ṣùn	**JAMBEIRO-ROSA**	
Ọ̀ṣùn	**JASMIM MANGA**	
Ọ̀ṣùn	**JUCIRI**	
Ọ̀ṣùn	**LARANJEIRA**	
Ọ̀ṣùn	**LEQUE-DA-OXUM**	
Ọ̀ṣùn	**LEVANTE-MIÚDA**	
Ọ̀ṣùn	**LÍNGUA-DE-VACA**	
Ọ̀ṣùn	**LÍRIO-DO-BREJO**	
Ọ̀ṣùn	**MACELA**	
Ọ̀ṣùn	**MANJERICÃO**	
Ọ̀ṣùn	**MANJERICÃO-DE- -FOLHA-MIÚDA**	
Ọ̀ṣùn	**MARGARIDA**	
Ọ̀ṣùn	**MARIRIÇÓ**	
Ọ̀ṣùn	**MARUPÁ-DO-CAMPO**	
Ọ̀ṣùn	**MELÃO**	
Ọ̀ṣùn	**MEXERICA**	
Ọ̀ṣùn	**OBÓ**	

Ọ̀ṣùn	**OÊ**	
Ọ̀ṣùn	**OKÔ**	
Ọ̀ṣùn	**PATA-DE-GALINHA**	
Ọ̀ṣùn	**PATCHULI**	
Ọ̀ṣùn	**PAU-DE-COLHER**	
Ọ̀ṣùn	**PESSEGUEIRO**	
Ọ̀ṣùn	**PITANGUEIRA**	
Ọ̀ṣùn	**POEJO**	
Ọ̀ṣùn	**PRÍMULA**	
Ọ̀ṣùn	**ROBÍNIA**	
Ọ̀ṣùn	**ROSA-VERMELHA**	
Ọ̀ṣùn	**SALSA**	
Ọ̀ṣùn	**SAPOTI**	
Ọ̀ṣùn	**SERRALHA-BRAVA**	
Ọ̀ṣùn	**TAIOBA**	
Ọ̀ṣùn	**TAPETE-DE-OXUM**	
Ọ̀ṣùn	**TREVO-DE-QUATRO-FOLHAS**	
Ọ̀ṣùn	**TULIPEIRA**	
Ọ̀ṣùn	**UVA**	
Ọ̀ṣùn	**VASSOURINHA**	
Ọ̀ṣùn	**VASSOURINHA-DE-RELÓGIO**	
Ọ̀ṣùn	**VERÔNICA-DO-IGAPÓ**	
Ọya	**ABACATE,** **DANKÒ**	

Ọya	**ACEROLA**	
Ọya	**AMOREIRA**	
Ọya	**AROEIRA-BRANCA**	
Ọya	**ATORI**	
Ọya	**BAMBU**	
Ọya	**BATATA-DE-PURGA**	
Ọya	**BRINCO-DE-PRINCESA**	
Ọya	**BUCHA**	
Ọya	**CAMBOATÁ**	
Ọya	**CÂNHAMO**	
Ọya	**CASUARINA**	
Ọya	**CINCO-CHAGAS**	
Ọya	**CIPRESTE**	
Ọya	**CRISTA-DE-GALO**	
Ọya	**DIAMBA**	
Ọya	**DORMIDEIRA**	
Ọya	**ERVA-MOURA**	
Ọya	**ERVA-SANTA**	
Ọya	**ESPADA-DE-SANTA-BÁRBARA**	
Ọya	**FEDEGOSO**	
Ọya	**FIGUEIRA-DO-INFERNO**	
Ọya	**FLAMBOYANT**	
Ọya	**FLOR-DE-CORAL**	
Ọya	**FOLHA-DE-FOGO**	

Ọya	**FRUTA-PÃO**	
Ọya	**GERÂNIO**	
Ọya	**GOLFO**	
Ọya	**IPALÉ**	
Ọya	**JABORANDI-VERDADEIRO**	
Ọya	**JENIPAPO**	
Ọya	**JITIRANA**	
Ọya	**LARANJEIRA**	
Ọya	**MARACUJÁ**	
Ọya	**MARIA-MOLE**	
Ọya	**MARUPÁ-DO-CAMPO**	
Ọya	**MOTAMBA**	
Ọya	**NOZ-MOSCADA**	
Ọya	**PANACEIA**	
Ọya	**PÁRA-RAIO**	
Ọya	**PATA-DE-VACA**	
Ọya	**PEROBA-ROSA**	
Ọya	**PINHÃO-ROXO**	
Ọya	**PITANGUEIRA**	
Ọya	**ROSA-VERMELHA**	
Ọya	**SUMARÉ**	
Ọya	**TAQUARIL**	
Ọya	**TIMBÓ**	
Ọya	**TROMBETA-ROXA**	

Ṣàngó	**ABACATE, SABUGUEIRO**	
Ṣàngó	**ALUPAYDÁ**	
Ṣàngó	**AROEIRA-BRANCA**	
Ṣàngó	**ARREBENTA-CAVALO**	
Ṣàngó	**AZEDINHA**	
Ṣàngó	**AYAN**	
Ṣàngó	**CAJUEIRO**	
Ṣàngó	**CAMBARÁ**	
Ṣàngó	**CARURU**	
Ṣàngó	**CASCAVELEIRA**	
Ṣàngó	**CASCARRILHA**	
Ṣàngó	**CRISTA-DE-GALO**	
Ṣàngó	**CROTON**	
Ṣàngó	**CRUZEIRINHO**	
Ṣàngó	**DESATA-NÓ**	
Ṣàngó	**ERVA-DE-SÃO-JOÃO**	
Ṣàngó	**FAVA-DE-XANGÔ**	
Ṣàngó	**FLAMBOYANT**	
Ṣàngó	**FLOR-DE-CORAL**	
Ṣàngó	**FOLHA-DE-FOGO**	
Ṣàngó	**HELIOTRÓPIO**	
Ṣàngó	**INGÁ**	
Ṣàngó	**IGUI-ATA**	

Ṣàngó	**IPECACUANHA**	
Ṣàngó	**IPESAN**	
Ṣàngó	**JAQUEIRA**	
Ṣàngó	**JITIRANA**	
Ṣàngó	**LÍNGUA-DE-VACA**	
Ṣàngó	**MANDIOCA**	
Ṣàngó	**MANJERONA**	
Ṣàngó	**MILHO**	
Ṣàngó	**MOTAMBA**	
Ṣàngó	**NEGA-MINA**	
Ṣàngó	**OROBÔ**	
Ṣàngó	**PEROBA-ROSA**	
Ṣàngó	**QUIABO**	
Ṣàngó	**QUIABO-ROXO**	
Ṣàngó	**RAMA-DE-LEITE**	
Ṣàngó	**SALSAPARRILHA**	
Ṣàngó	**ROMANZEIRO**	
Ṣàngó	**SUCUPIRA**	
Ṣàngó	**TAMARINEIRO**	
Ṣàngó	**UMBAÚBA**	
Ṣàngó	**URUCUM**	
Ṣàngó	**VASSOURINHA-DO-CAMPO**	
Ṣàngó	**VENCE-DEMANDA**	
Tempo	**GRAVIOLA**	

Kitembu)		
Yemọja	**LARANJEIRA-DO-MATO**	
todos os òrìṣà	**MACIEIRA**	
Yemọja	**AGONIADA**	
Yemọja	**AGRIÃO**	
Yemọja	**AGUAPÉ**	
Yemọja	**ALEVANTE**	
Yemọja	**ALFACE**	
Yemọja	**ALFAVACA-DE-COBRA**	
Yemọja	**ALFAVAQUINHA-DE-COBRA**	
Yemọja	**AMENDOEIRA**	
Yemọja	**ANIS-ESTRELADO**	
Yemọja	**ANGÉLICA**	
Yemọja	**ÁRVORE-DA-FELICIDADE**	
Yemọja	**BATATA-DOCE**	
Yemọja	**BERTALHA**	
Yemọja	**BIGODE-DE-GATO**	
Yemọja	**BOLSA-DE-PASTOR**	
Yemọja	**BREDO-DE-ESPINHO**	
Yemọja	**CAAPEBA**	
Yemọja	**CAMOMILA**	
Yemọja	**CADEIA**	
Yemọja	**CARDAMOMO**	
Yemọja	**CEREFÓLIO**	

Yemọja	**CHUCHU**	
Yemọja	**CHORÃO**	
Yemọja	**COCO**	
Yemọja	**COLÔNIA**	
Yemọja	**ERVA-PRATA**	
Yemọja	**ESPINAFRE**	
Yemọja	**FOLHA-DA-RIQUEZA**	
Yemọja	**GOLFO**	
Yemọja	**JASMIM-DA-ITÁLIA**	
Yemọja	**JASMIM-MANGA**	
Yemọja	**LÁGRIMA-DE- -NOSSA-SENHORA**	
Yemọja	**LARANJEIRA**	
Yemọja	**LEVANTE-MIÚDA**	
Yemọja	**LIMONETE**	
Yemọja	**LÍRIO-DO-BREJO**	
Yemọja	**LOSNA**	
Yemọja	**MAMOEIRO**	
Yemọja	**MANJERICÃO**	
Yemọja	**MANJERICÃO-DE-FOLHA-MIÚDA**	
Yemọja	**MARGARIDA**	
Yemọja	**MARIRIÇÓ**	
Yemọja	**MELANCIA**	
Yemọja	**MELÃO-D'ÁGUA**	

Yemọja	**MILHO**	
Yemọja	**MURTA**	
Yemọja	**PALMA**	
Yemọja	**PATA-DE-VACA**	
Yemọja	**PINCEL**	
Yemọja	**ROSA-BRANCA**	
Yemọja	**SALSA-DA-PRAIA**	
Yemọja	**SEMPRE-VIVA**	
Yemọja	**TAIOBA-FINA**	
Yemọja	**TOMILHO**	
Yemọja	**UACIMA-DA-PRAIA**	
Yemọja	**VASSOURINHA**	
Yemọja	**VERBENA**	
Yẹwà	**ALFAVAQUINHA-DE-COBRA**	
Yẹwà	**ANIL**	
Yẹwà	**AWEDÉ**	
Yẹwà	**BANANEIRA-DE-JARDIM**	
Yẹwà	**BATATA-DE-PURGA**	
Yẹwà	**CAMOMILA**	
Yẹwà	**CARRAPICHO**	
Yẹwà	**CASCA-DE-ANTA**	
Yẹwà	**ERVA-AZEDA**	
Yẹwà	**GOLFO**	
Yẹwà	**IPÊ**	

Yẹwà	**LARANJEIRA**	
Yẹwà	**MARAVILHA**	
Yẹwà	**PESSEGUEIRO**	
Yẹwà	**SAPONÁRIA**	
Yẹwà	**VELAME-MIÚDO**	

GLOSSÁRIO DE PALAVRAS EM IORUBA UTILIZADAS NO TEXTO

A

ààbò – s. segurança; refúgio; escudo; proteção. V. *asà*; *ẹbọ*.

àbàjà – s. marca facial. Serviam para identificar cada etnia. Com o passar dos anos, se transformaram em elemento de estética. No rito de Candomblé, as marcas identitárias não são feitas no rosto, mas em partes do corpo, como ombros, peito, costas e cabeça, ganhando assim um símbolo protetivo do adepto contra males e perigos. São chamadas comumente de "curas", ou de "fechamento do corpo".

àbàrà – s. comida litúrgica do Candomblé feita à base de massa de feijão fradinho embrulhada em folhas desidratadas de bananeira e cozida a vapor. Tornou-se prato da culinária brasileira.

abẹ – s. navalha, lâmina. Mesmo que *ọbẹ farí*.

abẹ̀bẹ̀ – **1**. s. leque; **2**. s. ferramenta ritual de *Ọ̀ṣùn* e *Yemọja*. Sua utilização como ferramenta ritual destas divindades, se dá pelo símbolo que este elemento detém: vaidade, elegância, charme. V. *irin*; *ọ̀ṣùn*; *yemọja*.

àbẹ́là – s. vela. Mesmo que *fìtílà*. É um elemento sempre presente nos ritos do Candomblé. A vela simboliza a luz, o caminho, a chama da fé. A vela é presente nos ritos à vida e à morte. Como a alma, a luz da vela representa a chama que não se acaba; que transcende a passagem da morte. Acender uma vela para o òrìṣà, é um dos ritos mais simples na liturgia do Candomblé. Este ato representa acender a chama da fé do devoto perante a divindade.

àbíkú – **1**. s. espíritos que compõem uma sociedade espiritual (*ẹgbẹ́ àbíkú*) que vêm à Terra com o propósito de viverem apenas por um curto período de tempo, cujo prazo de retorno (morte) teria sido preestabelecido entre os membros desta comunidade espiritual. Os iorubas acreditavam que as famílias nas quais nascia um *àbíkú* estariam sendo punidas por dívidas espirituais. Quando era detectado a tempo o nascimento de um *àbíkú* pelo oráculo, eram feitas inúmeras oferendas e cuidados para quebrar o pacto de morte prematura, a fim de evitar que este espírito voltasse para encontrar os demais componentes do *ẹgbẹ́ àbíkú*. Um de seus caminhos pode ser os espíritos *emèrè*. Os *àbíkù* podem ser de quatro tipos, ou linhagens: ***omi*** (ligados ao elemento água); ***iná*** (ligados ao elemento fogo); ***igbó*** ou ***ilẹ̀*** (ligados ao elemento terra) e ***afẹ́ẹ́fẹ́*** (ligados ao elemento ar). Cada qual, ao nascer, pode trazer suas próprias características. Ex.: ***àbíkù omi***: nascem

com a placenta "empilicada"; ***àbíkù iná***: a primeira parte de seu corpo a ser parida não é a cabeça; ***àbíkù ilẹ̀***: a mãe tem hemorragia no parto; ***àbíkù afẹ́ẹ́fẹ́***: nascem com o cordão umbilical enrolado no pescoço. Apesar das características distintas, somente através da consulta ao oráculo pode se identificar precisamente um *àbíkù*. O *àbíkù* pode ser iniciado, porém, mediante rituais específicos; **2**. s. o que nasce predestinado a morrer precocemente. Mesmo que *eléré*. Os rituais para evitar a morte de um *àbíkú*, em geral são feitos ao pé de um pé de ***Ìrókò***. Lá, é invocado ***Olómùsó*** (ou ***Aláragbó***), a divindade que tem o poder de prender os àbíkú no mundo dos vivos.

abíyán – **1**. s. aquele que nasce com dúvida. Lit.: *abi* (pref. que indica o estado ou a condição de algo) + ìyàn (s. que significa argumento, debate, controvérsia, dúvida); **2**. s. cargo no Candomblé ocupado por aqueles que frequentam a Casa, mas que ainda não foram iniciados. No Candomblé, o *abìyán* é aquele que está conhecendo a religião, os rituais e conceitos. No passado, os *abìyàn* não tinham direito a perguntar nada. Contudo, eram, são e serão sempre portadores das dúvidas essenciais, sobretudo no que diz respeito à dúvida se devem ou não ser iniciados. O "abianato" é uma das fases mais importantes da vida espiritual dos devotos do Candomblé. É nesse sublime período que o seguidor encontrará em si e em torno de si, as respostas que o impulsionarão em sua jornada pela religião dos *Òrìṣà*.

àbúrò – **1**. s. irmão(ã) mais novo(a); **2**. s. expressão utilizada para designar qualquer candomblecista que tenha menos tempo de iniciação do que o interlocutor, independentemente do cargo ou função ritual que ocupem. V. *ẹ̀gbọ́n*.

àdahún – s. ritmo sacro do Candomblé produzido por instrumentos de percussão litúrgicos para louvor a várias divindades.

adáhunṣe – s. herbalista, o que cura com as ervas. Lit.: *a* (pref. aquele que) + *dá* (v. derrubar) + *ohun* (s. coisa) + *ṣe* (adv. certamente).

adákẹ́dájọ́ – s. um dos títulos de *Ọlọ́run*: "Aquele que Julga em Silêncio". V. *ọlọ́run*.

àdàlú yẹ̀wà, ìdàlú – s. mistura de *Yẹ̀wà*: comida litúrgica do Candomblé oferecida ao *Òrìṣà Yẹ̀wà* que consiste em cozinhar separadamente um pouco de feijão-fradinho, um pouco de feijão-preto, coco picado em cubos, um punhado de milho vermelho e batata-doce cortada em cubos. Depois,

escorrer e refogar com dendê, camarões secos e cebola ralada. Por fim acrescentar banana-da-terra picada e frita no dendê. V. *yẹwà*.

adé – **1**. s. coroa. **2**. s. adorno de cabeça que compõe o traje de gala dos *Òrìṣà* no Candomblé. Somente os *Òrìṣà* manifestados em adeptos já iniciados no Candomblé podem usar o adé. O *adé* é, portanto, um símbolo do coroamento daquela divindade, assim como de consagração.

adènà – s. guarda; guardião; protetor; vigia.

adósù – s. pessoa iniciada no Candomblé: aquele que recebeu o *òṣù*. Lit.: *adá* (pref. aquele que causa algo) + *òṣù* (elemento ritual constituído por uma pequena massa que é moldada em formato cônico, colocada no alto da cabeça dos neófitos no ritual de iniciação no Candomblé). Mesmo que *ìyàwó*. V. *òṣù; ìyàwó; elégún*.

***adúpẹ́*!** – exp. *"Nós agradecemos!"*. Lit.: *a* (pron. pess. nós) + *dà* (v. derramar) + *ọpẹ́* (s. gratidão). **Resp**.: *ooo!;* ou *àṣẹ o!;* ou *ìyẹn kò tó ọpẹ́!*

àdúra – s. reza; prece; oração; invocação. As rezas podem ser invocatórias, louvatórias, ou de agradecimento. As orações estão presentes em muitos momentos na liturgia do Candomblé. Praticamente todos os ritos são antecedidos por preces de louvação, ou de rogação às divindades. As orações são sempre cantadas em diversos ritmos litúrgicos.

afẹ́ẹ́fẹ́ – s. ar; vento. Elemento símbolo dos *Òrìṣà Ọya* e *Òṣàlá*, o vento é um elemento sutilíssimo. É sinônimo de sopro. E na cultura ioruba, o sopro é vida. O vento também é uma forma como os antigos candomblecistas se referiam às suas divindades: *"O Òrìṣà é um vento."* Sereno, ou violento, o vento muda, areja, acaba com a estagnação, assim como *Ọya*. Através do vento as sementes voam, se deslocam e finalmente encontrarão vida na terra onde pousarem. O vento então traz vida, como *Òṣálà*, que povoou o mundo, conforme o mito da cosmogonia ioruba. V. òfuurufú; *ọ̀run*; *sánmọ̀*.

àfisè – s. um dos três tipos de doença mental: as ***ìran*** (hereditárias: herdadas geneticamente), as ***àmútọ̀runwá*** (sobrenaturais: causadas pela ira das divindades ou por feitiçarias) e as ***àfisè*** (naturais: originadas por acidentes, aflições ou traumas). V. *wèrè*.

àfọ̀ṣẹ – **1.** s. encantamento. V. *ọfọ̀*; **2.** s. tipo de culto a *Ifá*. V. *ifá*; **3.** s. bloco carnavalesco com inspiração afro.

agẹ – **1**. s. um *Vodun* originário do *Daomé*. Seu Templo foi construído entre

os locais de adoração de *Mawu* e *Lisa*, e localiza-se em *Abomé*, no bairro de *Djena*. Para os *fon*, *Agẹ* representa "a terra". É um caçador. *Agẹ* domina a mata com os animais que ali existem; **2**. s. uma das qualidades de *Ọ̀sányìn* no Candomblé. Foi assimilado como um auxiliar de *Ọ̀sányìn*, ou como uma qualidade deste no Candomblé. Na Casa Branca do Engenho Velho (Salvador-BA), um dos mais tradicionais terreiros do Brasil, nas cerimônias públicas de louvor aos *Òrìṣà* (*ṣiré*), canta-se para *Ọ̀sányìn* e, em seguida, para *Agẹ*. V. *ọ̀sányìn; vodun; àjèjì; ṣiré*.

àgùdà – s. termo utilizado para definir os africanos e os descendentes destes que retornaram do Brasil para a África (os retornados). V. *yorùbá; àjèjì; nkisi; yàgbà*.

agbára – s. poder, força, capacidade.

àgbáyé-gún – s. um dos títulos de *Ọlọ́run*: "O Regulador do Universo", segundo os *ìtàn* de Ifá. V. *ìtàn; ifá; ọlọ́run*.

agbára ọgbọ́n – s. controle dos nervos, autocontrole, equilíbrio. Lit.: *agbára* (s. força, poder) + *ọgbọ́n* (s. sabedoria).

agbe – s. planta medicinal utilizada pelos iorubas: *Echinops longifolius (Compositae)*.

agbè – 1. s. instrumento de percussão como um chocalho feito de cabaça; 2. s. *(Touraco porphyreolophus)*. Ave africana cuja pena azul é usada em rituais para representar riqueza. V. *ìkódídẹ*.

agbẹ̀dù – s. estômago; intestino, barriga. Mesmo que *àpòlúkù*.

àgbo – s. banho ritual preparado com a maceração de ervas. Tomar banho de *àgbo* é um rito comum a todos os membros da comunidade ao chegarem no terreiro, independentemente de cargo, ou tempo de iniciação. É uma forma de purificar o corpo e elementos simbólicos de energias ruins preparando-os para as funções/ utilizações litúrgicas. V. *sàsányìn; ọ̀sányìn*.

agbó – s. aquele que se torna velho, que envelhece.

àgẹ̀rẹ̀ – 1. s. ritmo sacro do Candomblé produzido por instrumentos de percussão litúrgicos para louvor a *Ọdẹ* e *Lógun*; 2. s. atabaque usado pelos caçadores.

àgùdà – s. termo utilizado para definir os africanos e os descendentes destes que retornaram do Brasil para a África (os retornados). V. *yorùbá; àjèjì; nkisi; yàgbà*.

àgùtàn – s. ovelha. Lã: *irun àgùtàn*. *Rọ̀rọ̀*: crina, juba, pelo, lã. V. *ọmọ àgùtàn*.

ahá – s. em forma de copo para beber líquidos. V. *igbá*.

ahọ́n – s. língua.

àìdára – 1. s. deformidade; aleijão; doença; enfermidade; 2. a deformidade: um dos quatro filhos nascidos do casamento entre *Ikú* (a morte) e *Àrùn* (a doença). Os outros ajogun seus irmãos são: a loucura (*wèrè*), a apreensão (*èèmọ̀*) e a infecção (*èèràn*). V. *ajogun; ikú*.

àìná – s. denominação da menina que nasce com o cordão umbilical atado no pescoço. V. *àbíkú*.

àìrẹ̀wẹ̀sì – s. pessoa que não esmorece; perseverante. Mesmo que *ṣáyan*.

àìsàn – s. enfermidade, doença. Mesmo que *òkùnrùn* e *àrùn*. V. *àrùn* e *àmọ́di*.

àìyà – s. peito; tórax.

àiyé, ayé – s. mundo terreno; Terra; local; planeta. Para o ioruba, ***àiyé*** é um dos nove céus. Aqui é um lugar de realizações e de felicidade. A felicidade terrena é justa e deve ser buscada, na filosofia ioruba. O *àiyé* é o palco onde o espírito encarnado deve realizar seu destino (*odù*), desenvolvendo boas ações a fim de se tornar um Ser virtuoso. Os ciclos reencarnatórios (*àtúwwá*) servem ao homem para tal propósito. Mesmo que *ilẹ̀ àiyé, òde-àiyé, ilé àiyé*. V. *ọ̀rún; àtúwwá; odù*.

àjà rin, àjà – s. sineta utilizada em rituais do Candomblé para invocar os *Òrìṣà* e/ ou a energia destes durante certas liturgias. Espécie de campânula tripla de metal, a qual só pode ser portada por iniciados no Candomblé que já possuam autoridade reconhecida.

ajagun – s. guerreiro; comandante.

ajàlá, àjàlé – 1. s. divindade responsável pela criação das cabeças; o modelador de cabeças (*orí*); 2. s. uma das qualidades de *Oṣàlúfọ́n* no Candomblé. V. *oṣàlúfọ́n*.

àjèjì – s. estrangeiro, estranho. Possível origem da palavra "jêji", utilizada pelos iorubas para denominar o povo *fon* que ocupava a área central do Daomé. V. *vodun*.

ajé – s. dinheiro. Mesmo que *owó*.

ajé ṣàlúgà – s. divindade que rege a riqueza; filha de *Olókun*, irmã de

Yemọja e *Àyè*; é representada por uma concha (*ajé*). É reverenciada e invocada em certos *ẹbọ*. Contudo, não há iniciação no Candomblé para esta divindade, nem tampouco gera transe mediúnico. V. *yemọja; àyè*.

àjèjì – s. estrangeiro; estranho. Possível origem da palavra "jêji", utilizada pelos iorubas para denominar o povo *fon* que ocupava a área central do Daomé. V. *vodun*.

àjẹ́ – s. feiticeira; bruxa. Uma das formas de denominação das Senhoras, ou *Ìyámi Òṣòrọ̀ngà*. V. *ìyámi òṣòrọ̀ngà*.

ajogun – s. situações e sentimentos negativos que causam dor à Humanidade. Compõem um total de 200 + 1 (significando que sempre haverá + 1). Ocupam o lado esquerdo do cosmo. São considerados guerreiros que contêm forças do mal e que perturbam o homem durante a vida. São oito os principais: ***Ikú***: a morte – o rei dos *Ajogun*; ***Àrùn***: a doença (a peste), considerada a esposa de *Ikú*; ***Ọfọ̀***: a avareza; ***Ẹgbà***: o ócio; ***Ọràn***: os problemas; ***Èpè***: a maldição; ***Èwòn***: a prisão; ***Èse***: a aflição (compêndio de todos os demais males). Não são oponentes do Criador. Agem com permissão de *Ọlọ́run*, pois através da ação dos *Ajogun* a humanidade aprende e desenvolve as virtudes. Em contra partida, existem 400 + 1 *Imọlẹ̀* (divindades do bem) para provar que são em dobro dos ajogun, bem como para demonstrar que sempre poderá haver uma nova divindade benfeitora). V. *imọlẹ̀*.

àkàràjẹ – s. mesmo que *àkàrà*; derivado da expressão: *àkàrà n´jẹ* = "comendo *àkàrà*", utilizada pelas chamadas escravas de ganho, ao venderem este quitute nas ruas; comida litúrgica do Candomblé feita à base de feijão-fradinho descascado e moído batido com água, temperado com camarão seco socado, cebola ralada e sal até formar uma pasta que, após descansar, é frita em formato de bolas no azeite de dendê; prato predileto do *Òrìṣà Ọya*. O "acarajé" transformou-se em prático típico da culinária brasileira e foi tombado desde 2004 pelo IPHAN como patrimônio nacional imaterial, assim como o ofício das baianas que preparam e vendem este quitute. O "acarajé" concerne em si a força do alimento ritual da divindade guerreira *Ọya*, bem como a força aguerrida das mulheres negras que fizeram desta iguaria um elemento de resistência secular, através do qual juntaram recursos para comprar a alforria dos seus familiares e amigos e, através dos tempos, para sustentar suas famílias e formar seus filhos.

àkàsà – s. comida litúrgica do Candomblé servida a todos os *Òrìṣà*, feita a base de farinha de milho branco cozida em água até transformar-se em um mingau e depois envolvida em folha desidratada de bananeira (*ṣáfẹ̀*), podendo ganhar forma de pirâmide, ou travesseiro, conforme a tradição da Casa. Mesmo que *ẹ̀kọ*. Os principais rituais de Candomblé usam o àkàsà como elemento indispensável. Representa o corpo. Em sua forma piramidal, o *àkàsà* aponta para o céu, como que mostrando ao homem a direção do Criador. O *àkàsà* só deve ser desembrulhado no momento do rito, como que desnudando o corpo para a beleza do etéreo. Sua cor imaculadamente branca remete à cor de *Òṣálà*: o branco da pureza, o branco do início e dos finais de cada ciclo. V. *òrìṣà; òṣàlá*.

akèngbè – s. cabaça em forma de garrafa para guardar/ transportar líquidos. V. *igbá*.

àko, ìko – s. palha-da-costa, folha da palmeira. ***Igi ò̀gọ̀rọ̀***: palmeira que produz a ráfia (*ìko*). A palha-da-costa seca é indispensável à confecção de diversos apetrechos nas Casas de Candomblé. Com ela é feita a vestimenta de *Ọmọlu* e *Ọbalúwáiyé*, bem como serve de adereço aos trajes de outros tantos *Òrìṣà*, como *Ọ̀sányìn, Òṣùmàrè, Nàná, Ògún, Ọdẹ Ibualamo* e *Yẹ̀wà*. A palha-da-costa está presente como mokan de todos aqueles que são iniciados para qualquer divindade. Tem a propriedade de afastar maus espíritos. Suas folhas servem ainda para *Ọmọlu, Ọbalúwáiyé* e *Nàná* (família mítica de *Òṣùmàrè*). V. *mokan; ọmọlu; ọbalúwáiyé; nàná; yẹ̀wà; òṣùmàrè; ògún; ọdẹ*.

àkọlà, ìkọlà – s. escarificações rituais, ou étnicas no corpo; marca facial. Mesmo que *àbàjà*. O Ritual das "Curas", constitui-se pelas incisões feitas no corpo dos adeptos na Sexta-Feira Santa. Um dos principais marcos estéticos iorubas são as incisões no rosto. Cada etnia caracterizava-se por cortes diferentes no rosto de homens e mulheres. Esta prática prestava-se para a identificação dos grupos, sobretudo, em conflitos bélicos. Mas com o tempo, ganhou contornos de beleza estética (moda) e até de prática religiosa. Durante as batalhas, as incisões no rosto facilitavam a identificação dos guerreiros e favorecia que se protegessem e apoiassem em qualquer situação. Este sentido foi transportado e adaptado para o ambiente religioso, que passou a identificar as incisões feitas no corpo dos iniciados no Candomblé como formas de proteção contra os males e contra

os inimigos. Nos Candomblés as incisões, denominadas como "curas" – marcas rituais (*àbàjà*) –, não são feitas no rosto, mas nos braços, peito e costas, também servindo para identificar as Nações originárias daquele culto. As mulheres iorubas também se embelezavam fazendo desenhos no rosto, no tronco, braços e pernas com plantas como o *bùjẹ, òsùn* (principalmente em casamentos, nascimentos e posse de um novo rei), l*ààlì, ẹfun* e *wájì*. As pinturas serviam para finalidades estéticas e religiosas. Poderiam significar fertilidade, longevidade, paz, sedução, conforme a tintura e a disposição. Orifícios nas orelhas, nariz ou lábios, também tinham valor estético. As pinturas no corpo, assim como as curas, também foram reproduzidas no ambiente religioso em rituais de Candomblé. No Candomblé, o ritual em que são realizadas as curas na Sexta-Feira Santa, simbolizam um marco de proteção para o ano todo. É neste momento que se "fecha", resguarda, o corpo dos perigos. Portanto, o "dia da cura" é único, insubstituível e deve ser a data da realização deste importante ritual a todos os ọmọ *Òrìṣà*. É um dia de resistência cultural, tradição, união e proteção.

àkúdàáyà – s. morto-vivo; espírito de alguém que morreu antes de completar seu destino e que permanece vagando em nosso mundo.

àkunra – s. pasta ou pomada curativa usada em tratamentos medicinais iorubanos.

aláàbáláàṣẹ – s. um dos títulos de *Ọbàtálá*: "O que tem o poder de criar com autonomia". V. *ọbàtálá*.

àlàáfíà – **1**. s. paz; bons presságios. Do idioma hausá: *"alef"*; **2**. s. denominação do 16º *Odù* no Oráculo *Mẹ́rìndílógún* (corresponde ao *Odù Òfún Méjì* no Sistema de *Ifá*). V. *ifá*; *odù*; *mẹ́rìndílógún*.

aluá, ***aruá*** – s. bebida alcoólica feita à base de milho (ou pão) fermentado em água, com açúcar mascavo, gengibre e cravo, servida em rituais de Candomblé. Considerada como a bebida sagrada das divindades.

àlùbọ́sà – s. cebola.

àlùkò – s. ave africana de penas púrpuras, que representa boas-novas: *Touraco ruspolli*. V. *ìkódídẹ*.

àmàlà – **1**. s. comida litúrgica utilizada em rituais de Candomblé feita à base de quiabo cozido refogado com cebola ralada, camarão seco socado e azeite de dendê, acrescido de rabada e peito de boi. É o prato predileto do *Òrìṣà Ṣàngó*; **2**. s. nome dado à Cerimônia de Candomblé dedicada a

Ṣàngó, realizada todas às quartas-feiras em alguns terreiros. V. *ṣàngó*.

àmútọ̀runwá – **1**. s. nome dado às crianças conforme as características de seu nascimento; **2**. s. um dos três tipos de loucura (***wèrè***): as ***ìran*** (hereditárias: herdadas geneticamente), as ***àmútọ̀runwá*** (sobrenaturais: causadas pela ira das divindades ou por feitiçarias) e as ***àfisè*** (naturais: originadas por acidentes, aflições ou traumas). V. *wèrè*.

anlọdò – s. um dos ritos iniciáticos de certas tradições do Candomblé, que consiste em levar o neófito à beira do rio para simbolizar o encerramento de sua vida profana e seu renascimento como adepto do culto aos *òrìṣà*. V. *balabá* (no Glossário de Plantas).

apá – **1.** s. braço; lado; **2.** s. asa.

apá òsì – **1**. adv. de lugar: esquerda, lado esquerdo; **2**. s. na tradição da Casa de Oxumarê (Salvador-BA), o ocupante deste cargo funciona como segundo auxiliar do *bàbálórisà*/ *ìyálórìsà*, responsável por fiscalizar e manter o correto funcionamento da hierarquia dentro do *Àṣẹ*. Atua ainda como interlocutor entre o sacerdote e os outros postos hierárquicos da comunidade, substituindo o *apá ọ̀tún*.

apá ọ̀tún – **1**. adv. de lugar: direita, lado direito; **2**. s. na tradição da Casa de Oxumarê (Salvador-BA), o ocupante deste cargo funciona como primeiro auxiliar direto do *bàbálórisà*/ *ìyálórìsà*, responsável por fiscalizar e manter o correto funcionamento da hierarquia dentro do *Àṣẹ*. Funciona ainda como interlocutor entre o sacerdote e os outros postos hierárquicos da comunidade.

ara ènìà, ***ara*** – s. corpo humano. O corpo humano do iniciado no Candomblé é o símbolo do altar vivo de seu *òrìṣà*. É no seu corpo que são realizados procedimentos rituais que sacralizam sua matéria: as pinturas, a raspagem da cabeça, os banhos, as incisões, o *bọrí* etc.. Segundo Barros (BARROS, 1989): *"Vale ainda lembrar mais uma vez que o corpo é considerado como centro das inscrições e símbolo do contrato sociorreligioso que se estabelece a partir da iniciação"*. O corpo é então um veículo da comunicação entre homens, deuses e forças da natureza. O indivíduo, a divindade e a comunidade se entrelaçam através do corpo. Diz Nina Rodrigues (RODRIGUES, 1977): *"A maneira de ser do adepto do Candomblé exprime esta valoração dada pela perspectiva religiosa que se imprime no corpo, estipulando seus usos e marcando a estrutura*

somática individual, de forma que o psíquico, o físico e o coletivo possam formar um complexo que somente a abstração pode separar". Apesar do corpo ser entendido como um todo, os iorubas fazem questão de compreender filosoficamente o que cada parte significa, representa e qual sua energia. Num dos ritos do processo iniciático, o sacerdote explica o nome ioruba que corresponde a cada parte do corpo (***ẹ̀yà ara***) do neófito, promovendo assim que ele se reconheça, se descubra enquanto Ser e desenvolva sua identidade própria neste renascimento simbólico pretendido. ***Apá iwájú*** (frente do corpo), sobretudo ***iwájú orí*** (a testa), está ligado ao futuro. ***Apá ẹ̀yìn*** (parte posterior), especialmente ***ẹ̀yìn ọ̀rùn*** (a nuca), é ligada ao passado. O ***apá ọ̀tún*** (lado direito do corpo), é considerado masculino; o ***apá òsì*** (lado esquerdo), feminino. ***Ẹsẹ̀/lẹ́sẹ̀***, os membros inferiores (pés/pernas) estão ligados aos ancestrais, sendo o direito dos ancestrais masculinos e o esquerdo, aos femininos. Os pés devem estar descalços no início do processo iniciático, para que o neófito sinta onde pisa, para que os seus ancestrais (expressados por suas pernas e pés) o conduzam sem tropeços. Os membros superiores, especialmente ***ọwọ́*** (mãos), são consideradas como entrada e saída das forças das divindades. As mãos são realizadoras. As mãos são beijadas, pedindo-se bênçãos à divindade que foi sacralizada naquela pessoa. ***Ayùn-ara*** (a genitália) não é entendida pelo ioruba como mero instrumento reprodutor, é também fonte de prazer e equilíbrio. ***Orí*** (a cabeça), é uma divindade a parte. É ela que conduz o corpo pelo destino. Por ter nascido antes do corpo, a cabeça é entendida como "*mais velha*", portanto, dentro destes valores étnicos, torna-se hierarquicamente mais importante que o restante do corpo. Cabe assim, a ela, impor-lhe comando. Um ìtàn conta a saga de *Èṣù* quando este foi escolher um lugar do corpo humano para acomodar o sexo (BARROS, 1989): *"Inicialmente, Èṣù experimenta colocar o sexo nos pés, o que provocou desconforto de tê-lo sempre empoeirado e sujo. Experimenta novamente, colocando o sexo embaixo do nariz, também não fica satisfeito, pois os odores que dele exalam incomodaram o Òrìṣà. Na terceira tentativa, Èṣù coloca o sexo nas axilas, porém o suor constante impede-o de deixá-lo nesta posição. Finalmente Èṣù descobre a posição ideal, ficando o sexo fixo entre as pernas, em local que o Òrìṣà considera preservado e confortável. Esta posição é considerada privilegiada, pois está a meio caminho entre os pés e a cabeça, em ponto visto como central*

o que ressalta a relevância da sexualidade para esta visão de mundo". Não por acaso cabe a *Èṣù* esta tarefa. Compete a esta divindade a regência sobre a energia sexual, o sexo, a fecundação. O elemento símbolo de *Èṣù*, é uma parte do corpo humano: um falo ereto (*ọ̀gọ*). Ele faz a comunicação entre os dois mundos também através do sexo, promovendo o nascimento dos espíritos reencarnados. O corpo, desde a concepção da disposição dos membros, indica a busca de equilíbrio, de harmonia. É o equilíbrio do corpo e do espírito, que promovem a saúde física. O corpo físico é um veículo e é um detentor de *àṣẹ*. Por tal razão, os iorubas entendiam a necessidade de reativar este àṣẹ através de obrigações rituais periódicas, *ẹat* de limpeza, banhos e demais liturgias para equilibrar corpo e espírito. Afinal, o corpo do iniciado torna-se um altar vivo da divindade. A transgressão dos tabus, o desequilíbrio espiritual e o contato com forças negativas, podem favorecer o adoecimento do corpo. O corpo precisa "descansar" quando chega ao terreiro. Deve-se tomar banho de ervas, para "limpar" o corpo antes de se entrar em ambientes sagrados. Até mesmo o consulente, antes de ser atendido, deve "descansar o corpo". Corpo e espiritualidade devem estar em harmonia e equilíbrio. Esta é a busca do ioruba. V. *orí*; *ẹnìkéjì*. èṣù.

àríwá – s. norte.

àrọ̀nì – **1.** s. nome de uma divindade dos vegetais descrita como um anão (duende), que só tem uma perna, um braço e um olho, tido como auxiliar de *Ọ̀sányìn* ou por uma das qualidades deste no Candomblé. V. *ọ̀sányìn*; **2**. s. deformidade. V. *àìdára*.

àrùn – s. moléstia; doença. Considerada um dos oito principais *Ajogun*. ***Àrùn*** é a esposa de ***Ikú*** (a morte) e com ele teve quatro filhos: a apreensão (***èèmọ̀***), a loucura (***wèrè***), a infecção (***èèràn***) e a deformidade (***àìdára***). Usa-se ainda para definir doença: ***àìsàn***, ***òkùnrùn*** e ***àmọ́di***. V. *ajogun*.

asà – **1**. s. defesa; proteção; escudo. Entende-se como proteção, o preparo ritual de oferendas, amuletos e breves que são portados pelos adeptos, com o intuito de proteger contra as energias negativas como a inveja, a doença, a intriga etc.. V. *ẹbọ*; *ààbò*; **2**. s. escudo: elemento ritual portado por *Ọbà* nas festividades de Candomblé. Usa-se também *apata*. V. *ọbà*; *irin*.

àsèmu – s. chás usados em tratamentos medicamentosos iorubas.

àṣẹ – **1**. s. força vital criadora de todos os seres e elementos do universo;

energia positiva; força; poder; **2**. s. forma de referir-se ao terreiro (*Àṣẹ*, ou *Ilé Àṣẹ*). V. *ilé*; **3**. exp. para saudação: força positiva dos *òrìṣà*; sorte; boas vibrações. Resp.: *Àṣẹ òo*...

aṣéṣé – s. ritual fúnebre. Este vocábulo é traduzido como: "completo", "perfeito". Na cultura ioruba, a morte é encarada como uma transição entre o mundo dos vivos e dos mortos, sendo certo que esses dois mundos permanecem em contato permanente. O ritual fúnebre é, portanto, de vital importância para que esta transposição se dê de maneira satisfatória. O *aṣéṣé* deve ser feito em toda pessoa que foi iniciada no Candomblé, independentemente do seu tempo de iniciação, variando apenas, em função disto, a complexidade dos ritos. O *aṣéṣé* promove uma espécie de redução do processo iniciático. São feitas liturgias com os elementos litúrgicos do morto, bem como em seu corpo e em sua cabeça (*orí*). O cerne deste rito é informar à cabeça do morto (*orí inú*) que sua vida neste mundo terminou e que ela deve seguir ao céu prosseguindo sua jornada em outro plano. Quando a morte se dá por razões naturais e em idade avançada, considera-se que o morto é um privilegiado. Ao contrário, quando a morte é prematura, ou traumática, devem ser analisadas as razões que levaram a isto. Mas, de uma forma geral, o *aṣéṣé* é concluído sempre com uma festa proporcional à honra do morto e às condições financeiras de sua comunidade/ clã. V. *égún; orí; ikú*.

ata – s. pimenta. V. *ataare*.

ataare – s. pimenta-da-costa, pimenta-do-reino. É utilizada em rituais para purificar o hálito (*ẹ̀mí*). V. *ata*.

atin – s. pó feito à base da composição de várias favas raladas, utilizado no Candomblé para diversos fins: saúde, apaziguamento do ambiente, sacralização de elementos rituais, etc.

àtòrì – s. *atori*. Árvore que produz madeira para a confecção de arcos *Glyphaea brevis*. De seus galhos mais finos, preparam-se varetas de madeira que são carregadas por Òṣàgiyán, utilizadas para percussões e rituais de Candomblé, bem como no culto *Egúngún* para afastar *Egún* (quando é denominada de *ìṣán*). É também chamada de "***Òrẹ́ ẹ̀wọ̀***" ("Brincadeira entre amigos"), conforme *ìtàn* que trata da amizade entre *Òṣàgiyán* e *Awóleje*. É com varas de *àtòrì* que na Cerimônia das Águas de *Òṣàlá*, *Òṣàgiyán* purifica e penitencia os adeptos do Candomblé, no ato denominado ***patiyẹ***.

Mesmo que *agdavi*. V. *òṣàgiyán; àwọn omi òṣàlá; patiyẹ*.

àtọ̀ – s. esperma; sêmen. Mesmo que *ohun-ọmọkùnrin*. V. *èjẹ̀ funfun*.

atọ́ – s. cabaça usada para guardar pós e remédios. V. *igbá*.

àtúnwá – s. reencarnação; ciclo de vidas sucessivas; regresso; retorno. Os iorubas acreditavam na reencarnação, a exemplo de outras culturas, como os gregos, romanos, egípcios, hindus, etc. Contudo, a reencarnação na filosofia ioruba não possui os mesmos elementos e valores daquelas citadas culturas, assim como não se confunde com o conceito kardecista a respeito. O "retorno", segundo os iorubas, só ocorria no mesmo clã e não era revestido dos componentes do "karma", nem do "darma", oriundos de outros credos. Não há um ritual específico, mas crer neste dogma é um princípio do Candomblé.

awo – **1**. s. segredo; mistério. Mesmo que *ẹ̀kẹ*. Os rituais de Candomblé são, em geral, revestidos de mistério, por ser esta uma religião iniciática. Contudo, grande parte das práticas e cerimônias não carecem do segredo, posto que foram sendo repetidas por questões circunstanciais e práticas que acabaram por se consolidar, sem qualquer razão teológica. Contudo, a revelação, ou o esclarecimento dos segredos, deve sempre pautar-se pelo respeito às diferentes vertentes e tradições e pelo bom senso. V. *kárò*; **2**. s. designação do clã do *bàbáláwo*.

àwo-tùrarí – s. turíbulo. Defumador: *ẹ̀ẹ́fín*; Defumação: *ìfínra*.

àwọn, wọ́n – pron. pess. eles ou elas. Colocado antes dos substantivos, faz o plural das palavras. Ex.: *Àwọn ọmọdé njó* (As crianças estão dançando).

àwọn omi òṣàlá – s. cerimônia do Candomblé dedicada anualmente a *Òṣàlá*. Lit.: *àwọn* (part. plural) + *omi* (s. água) + *òṣàlá* (s. *òrìṣà*) = Águas de Oxalá. Cerimônia composta por diversos rituais; chega a durar 16 dias consecutivos, conforme a tradição. Durante este período, todos os membros do terreiro se vestem de branco e cumprem os interditos de *Òṣàlá*, em respeito a esta divindade. Objetiva-se a purificação da alma, a pureza de caráter, a abundância de água que fertilize o solo e favoreça o plantio. V. *òṣàlá; patiyẹ, àtòrì; iṣu*.

àwọ̀sánmọ̀ – s. morada; nuvem.

àwọ̀sánmọ̀ dada – s. morada de Deus; céu. V. *ọlọ́run*; *ọ̀run*.

àwúre – s. bênção; felicidade; boa sorte. Mesmo que àbáfú, *ire* e *rere*.

Expressão de saudação usada em algumas Casas de Candomblé. **Resp**.: *àṣẹ! ou àṣẹ òo!*

awùsá – s. planta medicinal utilizada pelos iorubas. *Trichilia monadelpha (Thonn.) J.J. de Wilde, Meliaceae*.

aya – s. esposa. Mesmo que *ìyálé* e *ìyàwó*. V. *ìyàwó; ìyálé*.

àyà, àìyà – s. peito; tórax; imo; interior.

ayaba – s. rainha. Forma de tratamento nos Candomblés para se referir a qualquer das divindades femininas, quer sejam: *Ọ̀ṣùn, Ọbà, Yẹ̀wà, Ọya, Nàná, Yemọja.*

àyaba – s. cargo no Candomblé relativo à realização do *Sàsányìn*. V. *sàsányìn*.

àyàn – **1.** s. tipo de árvore chamada ***igi ajé***, da qual se fazem atabaques e barcos; **2.** s. nome de uma Divindade que é considerada patrona dos instrumentos de percussão utilizados nos ritos de Candomblé, a qual, após a cerimônia de consagração dos mesmos, passa a habitar no interior dos atabaques e a usá-los como suas vestes, sendo chamado de *ẹlẹ́kọtọ́* (*ẹlẹ́kọ* = s. aquele que prepara + *tọ́* = v. escolhe); **3.** s. uma modalidade de toques rituais; **4.** s. prefixo usado para denominar tocadores de atabaques: *àyàndé, àyànlááàjà, àyànwalé*. Na Casa de Oxumarê, exercem o cargo de àyàn os tocadores de atabaque sob a gestão dos *alágbè* e dos *onílù*.

B

baàyànnì – **1**. s. uma das qualidades de *Ṣàngó* no Candomblé; **2**. s. título de um dos membros do culto a esta divindade. V. *ṣàngó*.

bàbà – s. bronze; cobre.

bàbá, ***baba***, ***sà*** – **1**. s. pai; progenitor; mestre; usado para tratar anciãos respeitáveis; **2**. s. forma genérica de se referir ao sacerdote, ou aos mais velhos em um terreiro. V. *bàbálórìṣà*.

bàbá àgbà – s. patriarca; avô; idoso.

bàbá ewé – s. um dos títulos de *Ọ̀sányìn*: O Pai das Folhas. V. *ọ̀sányìn*.

bàbáláṣẹ – s. cargo masculino no Candomblé. "Pai" protetor do terreiro. Aquele que zela pelo Àṣẹ da Casa. Segundo a tradição a Casa de Oxumarê (Salvador-BA), a *ìyáláṣẹ*, ou o *bàbáláṣẹ* são os responsáveis por deter o conhecimento acerca de todos os ritos, tradições e práticas daquele terreiro, sendo tarefa destes transmitir ao sacerdote da Casa todas essas informações para condução do *Ilé Àṣẹ*. Na Casa de Oxumarê, quando do falecimento do sacerdote, cabe à *ìyáláṣẹ*, ou ao *bàbáláṣẹ* organizar e manter o terreiro até a indicação do sucessor(a).

bàbáláwo, ***olúwo*** – s. sacerdote do culto a *Ifá* encarregado da consulta oracular. Aquele que conhece os mistérios. Lit.: *bàbá* (s. pai) + *nì* (pron. dem. aquele) + *awo* (segredo; mistério). Mesmo que *olúwo*. V. *ifá*.

bàbálórìṣà – s. sacerdote de Candomblé, Zelador de Òrìṣà, Pai de Santo. Aquele que iniciou ou adotou como filhos de Santo, pessoas já iniciadas no Candomblé. Autoridade máxima na hierarquia do terreiro. Embora seja dada deferência aos mais velhos em relação ao tempo de iniciação, assim como ao sacerdote(isa) que cuida do *bàbálórìṣà*, ou da ìyálórìṣà, dentro do seu próprio Terreiro, oficialmente, estes terão o poder decisório. Lit.: *bàbá* (pai) + *l* (prep. que substitui "*ní*" – no, na, em – antes de palavra iniciada por vogal diferente de "i") + òrìṣà (divindade). V. ìyálórìṣà; *ọmọ òrìṣà*; *olórí ẹgbẹ́*.

bàbálósányìn, ***ọlọ́sányìn*** – **1**. s. sacerdote do culto a *Ọ̀sányìn*; **2**. s. cargo masculino conferido no Candomblé ao responsável por colher as plantas e prepará-las para os rituais. V. *ọ̀sányìn*; *sàsányìn*; *ìyálósányìn*; *káweó*.

bara – s. designação do *Òrìṣà Èṣù* que todo ser humano possui. É o *Èṣù* que habita em nós. Possivelmente o nome decorre da fusão dos vocábulos *ba* (v.

esconder) + *ara* (s. corpo); ou *ba* (prep. com, em companhia de) + *ara* (s. corpo). *Bara* é a energia inata, a própria essência dos seres humanos. *Èṣù* não é bom, nem mau. Ele "é". Nós é que fazemos nossas escolhas, quando estes sentimentos emergem. Este conceito filosófico permite compreender claramente porque *Èṣù* não pode ser visto como "demônio". V. *èṣù; ṣìgìdi; iyangi*.

bàtètè – s. comida litúrgica do Candomblé oferecida ao *Òrìṣà Ọdẹ* feita com feijão-fradinho torrado. V. *ọdẹ*.

benin – s. cidade ioruba localizada a oeste do Rio *Níger*, criada pelo povo *Edo*, também conhecido como *Bini*. A fundação original do *Benin*, ainda com o nome de Ubini, data de 1180 D.C. O Reino do *Benin* existiu entre os anos 1440 e 1897. Sua extensão e localização, não devem ser confundidas com as especificações do atual país chamado de *Benim* (antigo *Daomé*). Título do soberano da cidade: *ọbàbinní*.

bọrí – s. oferenda à cabeça; ritual de Candomblé dedicado à divindade *Orí*. Lit.: *ẹbọ* (s. oferenda) + *orí* (s. cabeça). O ritual do *bọrí* pode ser feito com qualquer pessoa, de qualquer idade, seja ela iniciada ou não. As finalidades do *bọrí* podem ser diversas: saúde, harmonização, equilíbrio, preparação para o rito iniciático. O *bpod* é indispensável aos ritos iniciáticos do Candomblé e sempre deve ser realizado antes do *farí*. V. *orí; ìbẹ̀rẹ̀*.

C

caruru – s. estrangeirismo originário do idioma bantu, absorvido pelo Candomblé para designar: **1**. s. bredo, planta nativa do Brasil; **2**. s. comida litúrgica do Candomblé oferecida ao *Òrìṣà Ibéjì* feito à base de quiabos cortados em rodelas finas, refogados com azeite de dendê, camarão seco pilado, cebola ralada e sal junto com a carne dos frangos de leite sacrificados. Acrescentar um pouco de água e cozinhar. Adicionar um pouco de amendoim e castanha ralados. Servir em gamela de madeira. Nesta receita, acompanha o *àkàrà*. Pode ser feito à base de bredo (*caruru*), ao invés de quiabos. É o prato predileto desta divindade. O caruru foi incorporado à culinária brasileira, como um prato típico nacional. Obs.: no idioma ioruba não existe a letra "c"; **3.** existe um tipo de caruru feito a base do heliotrópio. V. *nkisi*; *ibéjì*, heliotrópio (glossário ervas).

D

dáhùn, ìdáhùn – **1**. v. responder; **2**. s. ato de responder ao canto sacro; momento em que a divindade dança durante o *ṣ s.*, reproduzindo coreografias conforme os ritmos e músicas entoadas, através das quais representa seus feitos e atribuições míticas. V. *òrìṣà; ọ̀gá; ṣiré*.

dan – **1**. s. cobra. Usa-se ainda as palavras *ejò, erè, òjòlá* e *ọ́ká*; **2**. s. cobra de metal portada por *Òṣùmàrè* como sua ferramenta ritual; **3**. s. divindade (*vodun*) dos povos *fon*. V. *vodun*; àjèjì; òṣùmàrè; **3.** v. frustrar; atormentar.

danborọ – s. comida litúrgica do Candomblé feita à base de feijão-fradinho, servida ao *Òrìṣà Nàná*. Para fazer, deixe o feijão-fradinho de molho na água por uma noite. Descasque o feijão e leve ao fogo para cozinhar. Após cozido, separe e reserve a água. Em outra panela, refogue camarões frescos descascados em azeite de dendê, cebola ralada e camarão seco pilado. Junte o feijão e acrescente a água. Deixe ferver até os feijões desmancharem no cozimento.

dárúkọ – **1**. v. mencionar o nome; **2**. s. cerimônia pública na qual o *òrìṣà* do iniciado pronuncia seu nome iniciático. Em algumas tradições, usa-se como sinônimo a palavra *ìsọmọlórúkọ*. Momento mais esperado de todo o processo de iniciação do neófito. Este ato é tradicionalmente conduzido por um "padrinho de santo" ou "madrinha de santo", que são escolhidos pelo sacerdote da Casa somente para este fim. Quando o òrìṣà pronuncia seu nome, geralmente todas as divindades do terreiro de manifestam, saudando o novo iniciado. V. *ìyáwó; òrìṣá; orúkọ; ìsọmọlórúkọ*.

dídùn – adj. doce; adocicado. Mesmo que *àdídùn*.

dọ̀bálẹ̀ – v. prostrar-se no chão em reverência.

dúdú – **1**. v. ser preto; **2**. adj. cor escura. Usa-se também *àwọ̀ dúdú*: cor preta; ou *ṣíṣú*: escuro, preto.

dúpẹ́ – v. agradecer. V. *mo dúpẹ́*.

E

èédú – s. carvão. Carvão em brasa: *eyín*.

egúngún – **1**. s. culto a espíritos ancestrais masculinos de determinada família ou comunidade. O culto *Egúngún* é originário da cidade ioruba de *Ọ̀yọ́* e é de prática exclusivamente masculina. O sacerdote supremo é denominado *Alápini*, o qual é auxiliado pelos *ọ̀jẹ̀*. Os membros do culto são chamados de *màríwo* (voz dos *egúngún*). O *Òrìṣà Ṣàngó* é tido como o criador do culto *Egúngún* e considerado como seu sacerdote primaz. No culto *Egúngún*, os espíritos se manifestam em cômodos adequados e apresentam-se vestidos com roupas especialmente preparadas denominadas *agọ̀*. Seu culto se dá em terreiros próprios para tal, denominados *Lésẹ̀* Égun. Seus assentamentos e locais de oferenda ficam num quarto chamado de *Ìgbàlẹ̀*. Nas Casas de Candomblé (*Lésẹ̀ Òrìṣà*), não há manifestação dessas entidades, nem existe o *Ìgbàlẹ̀*, mas tão somente o *Ilé Ibọ Okú*, onde são cultuados os *ésà* daquela comunidade. Os *Egúngún*, quando manifestados, são conduzidos pelos *ọ̀jẹ̀* com os *ìṣan* (varetas de madeira, com cerca de 1,60 m), impedindo que estes espíritos se aproximem demais dos assistentes. Outra forma da palavra *egúngún*, é "*egígún*"; **2**. s. forma de designar espíritos de personalidades ou de pessoas de grande importância.

égún – s. espírito. Uma das formas de designar os espíritos familiares cultuados no culto *Egúngún*. Àìlabólá (tipo de *Egúngún*). V. *egúngún*.

egbògi – s. emplastros usados em procedimentos medicamentosos iorubas.

èkùrọ́ – s. caroço do dendezeiro, utilizado no culto a *Ifá*. V. *ikin; ifá*.

elédùmarè, ***olódùmarè*** – s. Deus; Divindade Suprema dos iorubas; um dos títulos de *Ọlọ́run*. V. *ọlọ́run*.

elégún – s. forma de designar aqueles que entram em transe mediúnico. Lit.: *elé* (pref. forma modificada de *oní* – senhor, possuidor – quando a vogal inicial da palavra seguinte for "*e*") + *égún* (s. espírito). V. *ìyàwó*; *adósù*; *olórìṣà*.

elénìnì – s. é a divindade do obstáculo, cuja atribuição é testar as virtudes e a determinação da humanidade. É tida como a inimiga de *Orí*. É chamada também de *Ido Boo*, ou de *Yèyé Múwó* (A Mãe da Desgraça). É uma divindade negativa. *Elénìnì* é a guardiã da câmara interior de *Ọlọ́run*, onde o destino é escolhido por cada Ser, antes do seu próprio nascimento. Não

há qualquer tipo de *ẹ o* contra a influência desta divindade. Só é possível afastar *Elénìnì* com a privação de ações negativas e através do culto ao *Orí*, por via do qual se fortalece a cabeça. *"Os dominados por Elénìnì têm suas vidas marcadas pela derrota, pelo fracasso e pelo desregramento. Muitos casos de loucura e de surtos de violência, em verdade, são resultantes do domínio de Elénìnì quando esta consegue desvirtuar o homem de seus objetivos, levando-os à derrota inevitável."* (JAGUN, 2015 – P. 58). A presença de *Elénìnì* em nossa vida é representada pela cavidade que todos carregamos nas costas, ao longo da espinha dorsal. Esta, seria a marca do dedo polegar de *Elénìnì*, a nos lembrar que a divindade dos obstáculos está sempre em nosso encalço. Enquanto *Elénìnì* é a divindade que personifica o risco do infortúnio que assombra o homem. Já os *ajogun* são guerreiros a serviço de *Ọlọ́run*. V. *orí*; *ajogun*.

èlùbọ́ – s. farinha de inhame usada no Oráculo de *Ifá* para desenhar os *odù*, em substituição ao *ìyẹ̀ròsùn*. V. *ifá; odù; ìyẹ̀ròsùn; ìròsùn*.

emèrè – s. é considerado como um "caminho de *àbíkú*". São espíritos pertencentes à sociedade denominada *Ẹgbẹ́ Ọ̀run*, (também constituída por *mùsó, ìbéjì*). O *emèrè*, em geral, é identificado por chorar ainda na barriga da mãe, ou pela morte de parentes de 1º grau, antes de seu nascimento. Mas apenas são identificados com precisão através do oráculo. Podem ser iniciados no Candomblé e até tornarem-se sacerdotes. Contudo, há ritos específicos. Mesmo que *ẹlẹ́gbẹ́*. V. *ẹlẹ́gbẹ́; àbíkú; mùsó; ìbéjì; ẹgbẹ́ ọ̀run; ẹgbẹ́ àbíkù*.

èpè – **1**. s. ódio; praga; a maldição, considerada um dos oito principais *Ajogun*. V. *ajogun*; **2**. s. erva ritual: cansanção, sabiá. Mesmo que *òfìà*.

epo – s. azeite; óleo. V. *epo dídùn*.

epo dídùn – s. azeite doce. V. *epo*.

epo pupa – s. azeite de dendê. Mesmo que àdín, àdí, *yánkò*. V. *èjẹ̀ pupa*; *ikin*; *ẹyìn*; *igi ọ̀pẹ*.

eré, aré, iré – **1**. s. jogo; brincadeira; atividade lúdica; **2**. s. espírito infantil que se manifesta nos iniciados que podem incorporar, com o intuito de trazer alegria, distração e até recados do *Òrìṣà*.

ésà – s. espírito ancestral cultuado por um clã, família, ou grupo de pessoas. É comum que certas Casas de Candomblé tenham seus fundadores, sacerdotes e personalidades importantes cultuados como *Ésà*, quando da

morte deles. Estes espíritos passam a ser reverenciados como protetores e orientadores da comunidade.

èse – **1**. s. desgraça; "a aflição": considerado como o oitavo *Ajogun* principal (o compêndio de todos os demais males). V. *ajogun*; **2**. s. gato. Usa-se ainda: *ológbò*, *ológìnnì*, *ológìn*.

èṣù – **1**. s. esfera; **2**. s. Òrìṣà que é o dono dos caminhos, o interlocutor das divindades, portador das oferendas aos deuses. Èṣù não deve ser confundido com o Diabo, nem Satanás, pois não representa o opositor ao Criador. *Èṣù* não é bom e nem mau, é a própria ambiguidade humana. É o irmão primogênito de *Ògún* e *Ọ̀ṣọ́ọ̀sì*; filho de *Ọ̀ṣàlá* e *Yemọja*; originário da cidade ioruba de *Ìgbẹ̀tì*. Denominado também como *Bara* (V. bara). **Elemento:** é ligado ao elemento fogo; **Regência:** a comunicação, a mídia, a energia sexual, a ambição e a ambiguidade; **Saudação:** *Làròyé*! (Ele é a Controvérsia!); **Sua ferramenta ritual**: *ògọ* (um **pênis** ereto em forma de bastão), que representa a energia sexual e a fecundação; **Seus Títulos**: *Àgbérù* (O que carrega as oferendas), *Ẹlẹ́bọ* (O Transportador das oferendas a todas as Divindades), *Ẹlẹ́gbára* ou *Ẹlẹ́gbá* (O dono do poder – referindo-se à energia do corpo humano), *Òjíṣẹ́* (O Mensageiro), *Ṣìgìdi* (O Vulto), *Olọ̀nà* (O Senhor dos Caminhos); **Suas Qualidades no Candomblé:** *Elépo Pupa* (O Dono do azeite de dendê), *Ẹnugbárijọ* (A Boca Coletiva, o princípio da comunicação entre *Èṣù* e os oráculos), *Akèsán, Ìjèlú* ou *Ajelú* (ligado a *Yemọja*, *Ọ̀ṣàlá* e *Ọ̀ṣùn, Iná* (representa a energia do fogo), *Lálù*, *Ọ̀dàrà* (O Dono de Tudo o que é bom e bonito), *Ọ̀nà* (O Dono dos Caminhos), *Iyangi* (A Pedra Fundamental), *Ẹlẹ́rù* (O Transportador das oferendas a todas as divindades), *Ìgbárábó* ou *Bárábó*, *Tiriri*, *Eléèdú* (O Dono do Carvão), *Aláàádú* (O Dono do óleo de amêndoa de palma), *Alé*, *Sàsányìnèji* (Aquele que atende a *Ọ̀sányìn*), *Alákétu*, *Àlákẹ́fọ̀* (associado a *Nàná*, segundo algumas Tradições), *Baraifá*, *Gbìrì*, *Gẹ̀rí*. **Sua cor ritual**: vermelho e preto. V. *bara*; *iyangi*.

ewé – s. folha; folhagem. É um dos principais elementos da natureza utilizados em ritos do Candomblé, utilizadas de modo indispensável desde o processo iniciático, aos ritos fúnebres. Através do uso ritual das folhas, o homem consegue conectar-se com as divindades. Daí o provérbio ioruba (òwe): *"Kò sí ewé, kòsí Òrìṣà"* (Sem folha, não há Òrìṣà). As folhas são classificadas conforme os 4 Elementos da Natureza: ***ewé iná*** (folhas do

fogo); ***ewé ilẹ̀*** (folhas da terra); ***ewé omi*** (folhas da água); ***ewé afẹ́ẹ́fẹ́*** (folhas do ar). Cada tipo de folha pode ter capacidades **ẹ̀rọ̀** (calmantes), ou ***gún*** (energizantes). São denominadas conforme seu porte: ***igi***: árvores frondosas; ***kékeré***: arbustivas, ou rasteiras; ***àfòmọ́***: trepadeiras, ou parasitárias. Conforme suas características são consideradas pelo sexo masculino – ***ewé ọkúnrin*** (em geral de formato fálico, cor mais escura, sem perfume, espinhosas); ou feminino – ***ewé obínrin*** (em geral de formato uterino, mais aveludadas, de cor mais clara, perfumosas e delicadas).

ẹbọ – s. oferenda ritual; trabalho ritual. Conforme a filosofia ioruba, *ẹbọ* (a oferenda), consiste em um sacrifício, em um empenho, em um esforço daquele que oferenda. Este é o princípio basilar. É preciso que o ofertante mobilize a energia de seu esforço em prol de algo que almeja. Os *ẹbọ* podem ter várias finalidades: apaziguamento, agradecimento, limpeza espiritual, etc.

ẹbọra – s. espírito sagrado; designação genérica dos deuses da etnia *yorùbá*; mesmo que *òrìṣà* e *ẹlẹ́dá*. V. òrìṣà; *ẹlẹ́dá*; *imọlẹ̀*; *irúnmọlẹ̀*.

ẹ̀dá – **1**. s. criatura; ser vivo de qualquer espécie; **2**. s. natureza, personalidade, inclinações pessoais.

ẹ̀ẹ́fín – s. defumador; fumaça. Defumação: *ìfínra*. Turíbulo: *àwo-tùrarí*.

ẹfun – **1**. s. giz; mineral branco utilizado no ritual. É um dos elementos mais importantes, largamente utilizado e indispensável em diversos ritos do Candomblé, seja na iniciação, em diversas oferendas e até nos ritos fúnebres. Está ligado ao culto de *Òṣàlá*. Inclusive, serve muitas vezes como prefixo aos nomes dos iniciados para esta divindade. Ex.: *Ẹfundayọ̀* (*Òṣàlá* nos trouxe alegria); *Ẹfunẹ̀wà* (*Òṣàlá* é belo). Representa a própria criação. O *ẹfun* é considerado como um dos tipos de sangue branco existentes na natureza. Os iniciados no Candomblé têm seu corpo pintado com *osùn*, *ẹfun* e *wájì*, que representam as três cores primordiais: vermelho, branco e preto, respectivamente; **2**. adj. branco. Mesmo que *funfun*; **3**. s. forma de designar um dos ritos que compõem o processo iniciático do neófito no Candomblé. Chamam popularmente ainda de "queima de *ẹfun*". A "queima de *ẹfun*" consiste nos momentos em que os neófitos saem do quarto de recolhimento, são pintados com desenhos rituais feitos com *ẹfun* e trazidos ao Barracão para aprenderem a dançar para as divindades. V. *sarapokan*.

ẹgán, ***wèrè*** – **1**. s. loucura; estupidez. **2**. a loucura: um dos quatro filhos

nascidos do casamento entre *Ikú* (a morte) e *Àrùn* (a doença). Seus outros irmãos são: a deformidade (*àìdára*), a apreensão (*èèmọ̀*) e a infecção (*èèràn*). Os iorubanos acreditam que as doenças mentais podem ser de três tipos diferentes: as *ìran* (hereditárias: herdadas geneticamente), as *àmútọ̀runwá* (sobrenaturais: causadas pela ira das divindades ou por feitiçarias) e as *àfisè* (naturais: originadas por acidentes, aflições ou traumas). V. *ajogun*.

ẹ̀gbà – **1**. s. paralisia; inércia; o ócio: considerado como um dos oito principais *Ajogun*. V. *ajogun*; **2**. s. bracelete; pulseira.

ẹgbẹ́ – **1**. s. comunidade; sociedade; associação. V. *ẹnìkéjì*; **2**. s. forma de se referir à comunidade religiosa que pertence a um terreiro.

ẹgbẹ́ àbíkú – s. sociedade de espíritos que vêm à Terra com o propósito de viverem apenas por um curto período de tempo, cujo prazo de retorno (morte) teria sido preestabelecido entre os membros desta comunidade espiritual. Seus membros são chamados de espíritos *àbíkú*. V. *àbíkù*.

ẹgbẹ́ ọ̀run – s. sociedade de espíritos infantis que possuem um pacto entre si. São caracterizados por nascimentos, ou fatos incomuns ligados ao parto. Os demais membros desta sociedade são os espíritos *mùsó*, *ìbéjì* e *emèrè*. A sociedade *ẹgbẹ́ ọ̀run* também pode designar os ancestrais de determinado terreiro. V. *àbíkù; mùsó; ìbéjì; emèrè*.

ẹ̀gbọ́n – **1**. s. irmão(a) mais velho(a), pessoa mais experiente; **2**. s. forma de se referir a todo membro do terreiro, de qualquer sexo, que já tenha realizado a Obrigação Ritual de 7 Anos de Iniciação. Forma usual: ***ẹ̀gbọ́n mi*** (meu irmão mais velho). V. *àbúrò*.

ẹiyẹ – s. pássaro; passarinho; ave.

ẹ̀jẹ̀ – s. sangue. O sangue é o maior símbolo da vida e da criação. Este elemento representa a energia, a determinação de viver e realizar. O sangue é o veículo da vida. Segundo a filosofia ioruba, existem três tipos de sangue na natureza: ***ẹ̀jẹ̀ funfun*** (sangue branco), ***ẹ̀jẹ̀ dúdú*** (sangue preto) e ***ẹ̀jẹ̀ pupa*** (sangue vermelho). O tipo de sangue utilizado nos rituais de Candomblé é prescrito criteriosamente, conforme a necessidade energética e litúrgica descrita através do oráculo. V. *ẹ̀jẹ̀ funfun; ẹ̀jẹ̀ dúdú; ẹ̀jẹ̀ pupa*.

ẹ̀jẹ̀ funfun – s. sangue branco; é constituído pelo giz branco (***efun***), pela água (***omi***), pelo sêmen humano (**àtọ̀**) e pela hemolinfa do caracol (***ẹ̀jẹ̀ ìgbín***, ou ***omi ẹ̀rọ̀***). O sêmen humano não é utilizado em nenhum ritual do

Candomblé. V. *ẹ̀jẹ̀; ẹfun; omi; ìgbín; ẹ̀jẹ̀ dúdú; ẹ̀jẹ̀ pupa*.

ẹ̀jẹ̀ dúdú – s. sangue preto; é constituído pela seiva macerada das folhas (**àgbo**) obtida no ritual do *sàsányìn*; pelo carvão (**èédú**) e pelo pó azul extraído da planta *ẹ̀lú* (**wájì**). V. *ẹ̀jẹ̀; sàsányìn; wájì; èédú; ẹ̀jẹ̀ dúdú; ẹ̀jẹ̀ pupa*.

ẹ̀jẹ̀ pupa – s. sangue vermelho; é constituído pelo sangue dos animais (***ẹ̀jẹ̀***), pelo pó vermelho extraído da árvore *osùn* (***osùn***) e pelo azeite de dendê (***epo pupa***). V. *ẹ̀jẹ̀; ẹ̀jẹ̀ dúdú; ẹ̀jẹ̀ funfun; osùn; epo pupa*.

ẹlẹ́dá – s. um dos títulos de *Ọlọ́run*: "O Senhor da Criação"; divindade; deus. Designação dada também ao guardião ancestral (*òrìṣà*), ou ao próprio *Orí*. Mesmo que *òrìṣà* e *ẹbọra*. Uma das quatro partes integrantes do ser humano, segundo a filosofia ioruba: ***orí*** (a cabeça), ***òjìji*** (sombra), ***ẹ̀mí*** (o hálito sagrado) e ***ẹlẹ́dá*** (Deus). V. *orí; òjìji; ẹ̀mí; ẹbọra; òrìṣà*.

ẹlẹ́gbára, ***ẹlégbá*** – s. um dos títulos do Òrìṣà Èṣù: O Dono do Poder (referindo-se à energia do corpo humano). V. èṣù.

ẹlẹ́gbẹ́ – **1**. s. colega; companheiro. Mesmo que *ògbóni*; **2**. s. designação dos espíritos que compõem a sociedade *àbíkú*, os quais fazem um pacto de retorno. Assim, quando um espírito *àbíkú* nasce, deve morrer cedo para retornar ao encontro de seus companheiros, honrando a promessa firmada entre eles. V. *emèrè; àbíkú*; **3**. s. cargo utilizado na tradição da Casa de Oxumarê (Salvador-BA), que consiste no sacerdote supremo dos ritos à sociedade *ẹgbẹ́ ọ̀rún*.

ẹlẹ́gùn – s. médium de incorporação. Lit.: *ẹlẹ́* (pref. possuidor) + *gùn* (v. montar). Mesmo que *olórìṣà*.

ẹlẹ́rí ìpín – s. um dos títulos de *Ọ̀rúnmìlà*: Aquele que é testemunha dos destinos. V. *ọ̀rúnmìlà*.

ẹlẹ́rù – s. uma das qualidades do *Òrìṣà Èṣù* no Candomblé: O portador das oferendas a Todas as Divindades. V. *èṣù*.

ẹ̀mí – s. hálito; hálito sagrado de *Ọlọ́run*; sopro mítico da vida exalado pelo Criador. Uma das quatro partes integrantes do ser humano, segundo a filosofia ioruba: ***orí*** (a cabeça), ***òjìji*** (sombra).

ẹ̀mí – (o hálito sagrado) e ***ẹlẹ́dá*** (Deus). A tradição oral é baseada na sacralidade do hálito (*ẹ̀mí*). Tendo os seres humanos ganho vida pelo sopro do Criador, todo homem, ao falar, emite uma partícula de Deus: o hálito.

Por esta razão, todo o conhecimento é transmitido oralmente, de forma que o mais velho abençoe o mais novo com a dádiva divina do conhecimento. Todos os ritos sagrados do Candomblé são balizados na importância da palavra (condutora do *ẹ̀mí*): a cultura ioruba é perpetuada geração após geração através dos ***ìtàn*** (parábolas, histórias), os deuses são invocados por meio dos ***orin*** (cânticos sagrados), as súplicas são feitas através dos ***àdúrà***, os ensinamentos são transmitidos por meio dos ***òwe*** (provérbios), os elementos são encantados por via dos ***ọfọ̀***, os deuses são louvados através dos ***oríkì*** (louvações). Sempre através da palavra, sempre mediante a partícula divina contida no hálito (*ẹ̀mí*). V. *ìkómọjáde; ìtàn*.

ẹmu – s. vinho de palma. O *ẹmu* é uma bebida alcoólica extraída diretamente do caule do dendezeiro (*igi ọ̀pẹ*), a qual já é obtida pronta para o consumo, posto que a água fermenta ainda dentro da árvore em um processo natural. É um dos principais interditos de *Ọ̀ṣàlúfọ́n*.

ẹní – s. esteira utilizada em rituais do Candomblé. É considerada como um elemento sagrado. Sobre ela, ninguém deve pôr os pés calçados em sinal de respeito. Nos rituais, deve ser portada por uma mulher iniciada para *Ọya*. É indispensável em muitos ritos e largamente utilizada nos Candomblés, nas iniciações, obrigações de tempo, oferendas, etc.

ènìà, ẹni – s. pessoa; povo; alguém; seres humanos.

ẹnìkéjì – **1.** s. sócio; amigo; assistente. V. *ẹgbẹ́*; **2**. *ẹnìkéjì*: duplo etéreo de cada indivíduo. Lit.: *ènìà* (s. pessoa) + *kéjì* (num. ord. segunda). Uma forma simbólica que os iorubas tinham de descrever as duas percepções do corpo humano: a física e a espiritual. Com este princípio, entendiam que energias podem ser dirigidas no corpo e surtir efeito no "espírito" e vice versa. Os iorubas entendiam corpo e alma, como um único elemento. Embora com duas nuances distintas, os dois componentes agem e reagem diante de tudo e de todos. Ambos sofrem influências iniciadas por cada flanco: o homem pode adoecer a alma (por depressão, ou ódio, ou mágoa, por exemplo) e transbordar estas mazelas para o corpo. Assim como pode ser curado por ações e medicamentos ministrados no corpo (chás, banhos de ervas, *ẹbọ*) e reconstituir a saúde e o equilíbrio do espírito. Esse é o entendimento filosófico do ioruba acerca do *ẹnìkéjì*: um símbolo de complementação e integração total entre matéria e espírito. Nas palavras de Lépine: *"No Candomblé não encontramos o dualismo corpo e alma. Ao contrário,*

percebemos que a alma tem qualquer coisa de material e o corpo tem alguma coisa de espiritual". (LÉPINE, 1978). Esta nossa interpretação teológica, baseada nas fontes arroladas, dentre outras pesquisas de campo havidas no Continente Africano, dão uma visão mais ampla à tese defendida pela Profª Juana Elbein dos Santos, que em seu antológico "Os Nagô e a Morte", defende que, enquanto o ser humano está vivendo na Terra (*àiyé*), seu *ẹnìkéjì* reside simultaneamente no Céu (*ọ̀run*). V. *ara ènià*.

ẹnugbárijọ – s. uma das qualidades do *Òrìṣà Èṣù* no Candomblé: "A Boca Coletiva – o grande comunicador". V. *èṣù*.

ẹ̀rọ̀ – **1**. s. calma; **2**. exp. saudação a *Ìrókò*: "*Calma*!"; **3**. s. antídoto.

ẹrú – s. escravo.

ẹrùpin, ***ẹrù pin*** – s. Cerimônia do Candomblé realizada ao final das Obrigações rituais; elementos a serem dispensados ao final de um ritual; despacho; carrego final.

ẹ̀wà àkàrà ibéjì – s. feijão-fradinho de *Ibéjì*: comida litúrgica do Candomblé ofertada ao Òrìṣà Ibéjì feita com feijão-fradinho cozido na água e refogado com dendê, camarões secos, sal e cebola ralada. V. *ibéjì*.

ẹ̀wà àkàrà ọbà – s. feijão-fradinho de *Ọbà*: comida litúrgica do Candomblé ofertada ao *Òrìṣà Ọbà*, feita com feijão-fradinho cozido em água e depois refogado com dendê, camarões secos e cebola ralada, ao qual posteriormente é adicionado um pouco de farinha de mesa em água até fazer um pirão com tudo. V. *ọbà*.

ẹ̀wà dúdú ibéjì – s. feijão-preto de *Ibéjì*. Comida litúrgica do Candomblé oferecida ao *Òrìṣà Ibéjì* feito à base de feijão-preto cozido na água e refogado com dendê, camarões secos, cebola ralada e sal. V. *ibéjì*.

ẹ̀wà dúdú – s. feijão-preto. Comida litúrgica do Candomblé oferecida ao *Òrìṣà Ògún*, feita à base de feijão-preto cozido e refogado com alho, cebola e azeite de oliva, acrescido de carnes salgadas, constituindo uma feijoada. "A tradição do oferecimento de feijoada para *Ògún*, inicia-se no Brasil, por intermédio do *Bàbálórìṣà Procópio de Ògúnjà*, na Cidade de Salvador *(Procópio Xavier Souza (1888-1958), conhecido como Procópio de Ọ̀júnjà, cujo nome iniciático era Ògún Jọ́bí* – Ògún nos deu nascimento – foi iniciado por Marcolina de *Ọ̀ṣùn*, da Cidade de Palha, Bahia. Por diversas vezes foi preso por enfrentar a *polícia, como forma de protesto diante das perseguições religiosas, e que eram comuns em Salvador,*

desde meados do século passado. Por ser um grande conhecedor do uso de ervas, mantinha uma loja de venda dos produtos. No Rio, consta que Procópio organizou um terreiro no bairro de Santo Cristo, à Rua Nabuco de Freitas. Faleceu em 1958, com pouco mais de 70 anos de idade. "Conta-se que um filho seu estava passando por dificuldades e foi procurá-lo. Procópio o recebeu mal, negando-lhe ajuda e até lhe recusando um prato de comida. Logo em seguida, Ogum se manifestou em Procópio e ordenou-lhe que fizesse um repasto para todos, com uma grande feijoada e convidasse em especial, o filho que pedia auxílio. Colocava uma esteira no chão onde todos deveriam comer juntos. Ao tocarem a comida, viravam com seus orixás. O fato passou a ser celebrado todos os anos dentro do calendário religioso da casa durante o mês de agosto. E isto foi imitado por outros terreiros, tornando-se comum o oferecimento de feijoada nas festas de Ogum." (Beniste J., in *"História dos Candomblés do Rio de Janeiro – O encontro dos africanos com o Rio e os personagens que construíram sua história religiosa"*, no prelo). V. *ògún*.

ẹ̀wà dúdú-iṣu – s. feijão-preto com inhame: comida litúrgica do Candomblé oferecida ao *Òrìṣà Ògún*, feita à base de feijão-preto e inhame cozidos separadamente. O 'feijão é refogado com cebolas raladas, toucinho, sal, pimentas e dendê e o inhame inteiro é servido por cima. V. *ògún*.

ẹ̀wà jagun – s. feijão de *Jagun*. Comida litúrgica do Candomblé oferecida a *Jagun*, feita com feijão-preto cozido e refogado com dendê, camarão seco e cebola ralada e encimado por bifes de carré fritos no dendê. V. *jagun*.

ẹṣẹ – **1**. s. poema de *Ifá*. Versos associados aos *odù*, através dos quais, recitados pelo olhador, vão revelando a mensagem do oráculo ao consulente. Haveria cerca de 600 *ẹo* para cada um dos 256 *odù*. V. *odù*; *ifá*; **2**. s. lista; rol. A "lista" é elaborada pelo sacerdote (ou por alguém de sua confiança) e contém todos os apetrechos rituais, roupas, comidas, etc. que serão necessários durante cada obrigação litúrgica a ser realizada pelo adepto dentro da Casa de Candomblé. Com base nela, não só o adepto, mas toda a comunidade se organiza para cada evento religioso; **3**. s. fila, sequência, ordem.

ẹtù – s. galinha-d´angola. Mesmo que *awó*. A galinha-d´angola é o símbolo do iniciado no Candomblé. As pintas brancas feitas no corpo do neófito

reproduzem as mesmas marcas na penugem desta ave. Assim como o òṣù colocado no alto da cabeça do *ìyàwó* simbolizam a crista deste animal. Segundo o mito da criação do povo ioruba, foi a galinha-d´angola que espalhou a terra que forma nosso mundo. Um dos quatro animais símbolo dos elementos da natureza: ***pombo*** (**ar**); ***galinha-d´angola*** (**fogo**); ***galo*** (**terra**); ***pato*** (água). V. *òṣù; ìyàwó.*

ẹ̀wọ̀n – s. grilhão; corrente; egoísmo; prisão. Considerado um dos oito principais *Ajogun*. V. *ajogun*.

ẹyin – s. ovo. O ovo é uma célula reprodutora feminina dos animais, denominada macro-gameta. É o rudimento de um novo ser organizado, significando o primeiro produto do encontro dos dois sexos, através do qual desenvolve a possibilidade de existência de um terceiro ser. É o principal símbolo de fertilidade, utilizado em vários ritos do Candomblé, sejam *ẹbo* de limpeza, comidas litúrgicas e ritos iniciáticos. Serve para retirar energias negativas, assim como para reativar as positivas, valendo-se para atrair prosperidade. O ovo pode ser de três tipos, conforme a cor de sua casca: **casca azul** (*ẹyin dúdú*: representando o sangue preto, relacionado à escuridão, às profundezas da terra e dos mares); **casca vermelha** (*ẹyin pupa*: representando o sangue vermelho, associado ao fogo, ao poder criador); **casca branca** (*ẹyin funfun*, representando o sangue branco, relacionado à renovação, à explosão de luz). *Ẹyin*, é compreendido em 4 partes: a casca (que representa o útero); a membrana interna (que representa a placenta); a clara (o cordão umbilical); a gema amarela (que representa o novo ser). A força germinal contida no ovo, está associada à energia das *Ìyámi*. Nas oferendas a estas, o ovo jamais deve ser quebrado, ou cozido. Tal fato constitui afronta às Senhoras dos Pássaros, provocando sua revolta. Os ovos de diferentes aves, possuem também distintas funções e energias: **ovo da pata (*ẹyin pẹ́pẹ́iyẹ*)**: é um símbolo de grande vitalidade e força, afastando assim *Ikú* – a morte, *àrùn* – a doença e quaisquer outras perdas. É um dos interditos de *Ikú*. Pode ser utilizado cru em *ẹbọ* para saúde e contra a morte. É usado cozido para ser posteriormente esfarinhado juntamente com *èkuru*, para atrair vitalidade. A casca dos ovos de pata, seca ao sol e transformada em pó, é utilizada nos *igbá orí* e nos ìdí òrìṣà (que tenham relação com a morte); **ovo de galinha (*ẹyin adìẹ*)**: tem o poder de limpar energias negativas (da pessoa, ou do ambiente) e de atrair o poder da

transformação, renovação e abundância; **ovo de codorna (*ẹyin àparò*)**: neutraliza feitiços. Pode ser utilizado cru, para passar no corpo, ou para ser depositada em vasilhas com água, para limpar ambientes; **ovo de galinha-d´angola (*ẹyin ẹtù*)**: atrai sorte, sucesso e prosperidade; **ovo de pomba (*ẹyin ẹiyẹlé*)**: atrai paz, harmonia e tranquilidade. V. *éjẹ́; ìyámi; ikú*.

ẹyìn – s. fruto do dendezeiro, matéria prima para extração do azeite de dendê. V. *ikin; igi òpẹ; epo pupa*.

ẹyọ – s. búzio; cauri. *"Os búzios são também denominados de cauris, cuja palavra deriva do vocábulo "kauri" (da língua hindustani), que eram moedas correntes na China desde o segundo milênio A.C.. Os kauris teriam sido levados para o Congo através de operações comerciais e, a partir daquele país, se disseminado na África. Os búzios são crustáceos cuja concha possui uma abertura natural, que no oráculo* é considerada como sua "boca", sendo*, portanto, a parte pela qual o oráculo irá se expressar mediante as caídas (posições em que as conchas ficam após a manipulação nas mãos do olhador e sua jogada no tabuleiro)."* (JAGUN, 2014). O búzio é largamente utilizado no Candomblé. Preparado adequadamente pode servir como oráculo aos iniciados que forem autorizados a manuseá-lo. É usado nos assentamentos das divindades, bem como na forma de adorno de paramentos, ferramentas e vestimentas dos *Òrìṣà*. É um símbolo de riqueza e reconhecimento, apenas podendo ser portado como *ìlẹ̀kẹ̀*, por sacerdotes ou iniciados com graduação. ***Owó ẹ̀rọ̀***: búzio de tamanho pequeno. ***Owó ẹyọ***: búzio de tamanho grande. V. *mẹ́rìndílógún; ìdí òrìṣà; ìlẹ̀kẹ̀*.

F

fárí – **1**. v. raspar a cabeça com navalha; **2**. s. cerimônia de raspagem da cabeça durante o ritual de iniciação no Candomblé. V. *labẹ́; ìbẹ̀rẹ̀*.

funfun – adj. branco. V. *ẹfun; òyìbó*.

fúrá – s. bebida de teor alcoólico produzida a partir da fermentação do milho branco ou do arroz, adocicada com mel. Mesmo que *ọtí ògidì*.

G

gúsù – s. sul.

gẹ̀lẹ̀dẹ́ – s. máscaras utilizadas no culto às *Ìyàmi Òṣòrọ̀ngà* (sociedade feminina controlada pelas *Ìyàmi*). V. *ìyàmi òṣòrọ̀ngà*.

H

hunkọ – s. cômodo das Casas de Candomblé para recolhimento dos oficiados em rituais; camarinha.

I

iyangí – s. laterita; rocha avermelhada; matéria prima da bauxita. *Èṣù* é considerado a laterita: a "protoforma universal". É o *"símbolo da matéria individualizada"*, nas palavras de Juana Elbein (*Os Nàgó e a Morte, Santos J.E., 9ª ed. Vozes, 1986*). A laterita é uma espécie de rocha que surge a partir de um processo de formação especial de terreno. Vale dizer que a laterita, ou laterite, é qualificada como um tipo de solo dotado de grande concentração de hidróxitos de ferro e de alumínio, que se identifica como um chão muito avermelhado. Este processo é denominado tecnicamente de "laterização" e se constitui pelo excesso de chuvas em contato com este solo, criando uma espécie de crosta. São chamados de solos lateríticos, aqueles típicos de regiões de clima úmido e quente. A laterização do solo é dúbia e surpreendente como *Èṣù*: é água em contato com a terra, gerando pedra; **2**. s. uma das qualidades de *Èṣù* no Candomblé. V. *èṣù; ìlẹ̀pa; òkúta; yangí*.

ibéjì – **1**. s. gêmeos. V. *ẹdun*; **2**. s. *Òrìṣà* gêmeos infantis que regem o nascimento de gêmeos e a alegria. Seu culto é originário da cidade ioruba denominada *Ọ̀yọ́* e existe também em Epapo, à margem da lagoa da cidade de Lagos (na Nigéria). Em algumas tradições, são consideradas as seguintes qualidades desta divindade: *abankin, àlàbá* e *iàbòkú*.

ìbẹ̀rẹ̀ – **1**. s. início; começo; iniciação; **2**. s. cerimônia do Candomblé que consiste no processo iniciático na religião: Iniciação do neófito. O processo iniciático é composto pelos diversos ritos e liturgias realizados neste período e que compõem a iniciação do neófito como um todo. A iniciação propõe o retorno ao útero materno para um renascimento em vida. Esta trajetória espiritual requer profunda reflexão, meditação, orientação e preparo. Razão pela qual necessita de ambiente próprio, pessoas capacitadas para a realização desta tarefa e de muitos dias, para a efetivação dos diversos rituais. O processo iniciático tem como objetivo sacralizar o corpo do neófito, transformando-o em um altar vivo de seu *òrìṣà*. A iniciação pretende que aquele indivíduo busque as virtudes e se transforme em um *ọquele in*. Cada tradição de Candomblé possui seu próprio processo iniciático. Contudo, apesar das variações, tem-se basicamente a seguinte ordem genérica: *ìkúnjú, ẹbọ, bọ́rí, farí, labẹ́, dárúkọ, ẹrù pin, paná*, dentre vários outros rituais. V. *ẹbọ, bọ́rí, farí, labẹ́,*

dárúkọ, ẹrù pin, paná; ọmọlúwàbí.

ìbírí – s. bastão ritual utilizado por *Nànná* em rituais de Candomblé, feito com nervuras da folha do dendezeiro. Representa o útero. V. *nànná*.

ìbúra – s. promessa; juramento. Mesmo que *ẹ̀jẹ́* e *ìlérí*. Considerada como uma das principais virtudes a ser buscada pelo ioruba: ***oore*** (a bondade), ***sùúrú*** (a paciência), ***ìbúra*** (a promessa), ***ọ̀wọ̀*** (o respeito), ***òótọ́*** (a verdade), ***òdodo*** (a justiça), ***ìfẹ́ni*** (a caridade), ***èèwọ̀*** (o tabu), ***ìwà*** (o caráter – resumo de todas as demais). O cumprimento das virtudes faz com que o ioruba alcance seu objetivo de vida, tornando-se um *ọmọlúwàbí* (filho de bom caráter). O compromisso de lealdade às autoridades, à comunidade e às divindades é considerado como uma lei, cujo descumprimento é tido como crime na sociedade ioruba.

ìdí – s. nádegas; traseiro; fundo; assentamento. V. ì*dí òrìṣà*.

ìdí òrìṣà – s. recipiente litúrgico de culto ao òrìṣà; assentamento de *òrìṣà*. Lit.: *ì* (pref. adicionado ao verbo para formar substantivo) + *dí* (v. atar, prender, amarrar) + *òrìṣà* (s. divindade ioruba). "Assentar o *òrìṣà*" consiste no ato de sacralizar elementos com a energia da divindade. Usa-se também a palavra "*igbá*" com esta designação. V. *igbá*.

ifá – **1**. s. oráculo feito com coquinhos do dendezeiro, considerado também como divindade, dada a sua relevância. Muitas vezes esta palavra é utilizada como sinônimo de *Ọ̀rúnmìlà*, que na verdade é a divindade da adivinhação. Desta forma, o Oráculo de *Ifá* é considerado como a própria presença de *Ọ̀rúnmìlà* no mundo. Foi a existência de Ifá que supriu a ausência de *Ọ̀rúnmìlà*. Daí considera que o oráculo é o próprio deus da adivinhação e do destino. Por isso confundem-se em uma só personagem *Ọ̀rúnmìlà/ Ifá*. O sistema oracular de *Ifá* foi trazido para o Brasil a partir do século XVIII, com a chegada de escravos oriundos do iorubo. Originalmente na África, a consulta divinatória ao Oráculo de *Ifá* era prerrogativa exclusiva de homens. Os sacerdotes encarregados desta prática (*Bàbáláwo*) não existiam no Brasil. Já os búzios, poderiam ser manuseados tanto por homens, quanto por mulheres. Desta forma, o oráculo composto pelos búzios (*Mẹ́rìndílógún*) passou a ser a melhor opção para os primeiros Candomblés constituídos no Brasil, cuja estrutura era matriarcal. Contam os decanos do Candomblé que *Ìyá Nàsó* (fundadora do Candomblé do Engenho Velho em Salvador-BA nos idos de 1820) e

Ọbatosí (que viria a ser sua sucessora como *Ìyálórìṣà*), já libertas, fizeram uma viagem à Cidade de *Kétu*, de onde trouxeram africanos para as auxiliarem no Candomblé. Dentre estes, destaca-se Rodolfo Martins de Andrade, que ficou conhecido como *Bámgbòṣé Obitiko*. Através destes protagonistas, o Candomblé começa a ganhar forma e a desenvolver-se como religião de Matriz Africana, mas adaptada às realidades e necessidades locais. Uma das mais significativas adaptações na transposição da religiosidade afro para o Brasil deu-se principalmente no tocante ao Oráculo de *Ifá*. Este processo resultou na modificação do posicionamento original dos *Odù* de 1 a 16, assim como as combinações entre os *Odù* maiores, fazendo surgir os *Odù* menores no sistema de *Ifá* totalizando 70 caminhos, ao contrário dos 256 originais. Assim, a consulta tornou-se mais dinâmica e simples. Esta nova versão ficou conhecida como "Sistema *Bámgbóṣé*" e rapidamente alastrou-se por todos os Candomblés brasileiros, inclusive sendo absorvida por outros grupos étnicos como os bantu e os fon, além daquele ao qual pertencia *Ìyá Nàsó* (ioruba). Neste novo sistema, houve modificações também em relação aos *ẹbọ* prescritos, assim como quanto aos animais utilizados, plantas e minerais tudo sendo adequado à fauna, à flora e à geologia brasileiras. Segundo Verger, *Ifá* teve origem na Arábia Saudita. Teria sido expulso de sua terra e desceu o Egito, passou pelo Sul do Deserto do Saara chegando ao Daomé. A partir do antigo Daomé, o Oráculo de *Ifá* foi disseminado em toda a África subsaariana, sofrendo algumas adaptações. Entre os *fon*, o *Ọpẹ̀lẹ̀* é jogado para frente, os yorùbá o jogam para trás e os árabes para cima. Preservou-se, contudo, a tradição de fazer a leitura dos sinais dos *Odù* de *Ifá* em qualquer lugar, sempre da direita para a esquerda, conforme a escrita árabe. Entre os *fon*, as pontas da corrente divinatória do *Ọpẹ̀lẹ̀* ficam voltadas na direção do consulente, já os yorùbá jogam o rosário com as pontas viradas para o olhador. Ao invés das nozes de palmeira, o *Ọpẹ̀lẹ̀* também pode ser confeccionado com caroços de manga selvagem (*Mangifera gabonensis*). Porém, esses caroços não são tirados diretamente da árvore. Para que possam ser utilizados, eles precisam ser retirados do estômago dos elefantes. Quando os caçadores abatem um elefante e encontram em seu estômago esses caroços não digeridos, passam a ser considerados como dádivas, porque o elefante é um símbolo de força, o qual é associado a *Ifá*. Apesar de ser considerado um instrumento masculino, cada um dos lados do

Oráculo de *Ifá* é consagrado a um sexo. Para diferenciá-los, na ponta masculina é colocado um búzio, um guizo, ou um pedacinho de marfim. Este lado fica sempre à direita do olhador. Ao contrário do *Mẹ́rìndílógún*, o *Ifá* pode ser jogado às sextas-feiras. O *Ifá* é jogado no chão, sobre uma esteira, mantendo-se a tradição africana de quando não eram utilizadas mesas nas casas, até o período de colonização. Os instrumentos auxiliares à consulta de *Ifá*, além do *Ọ̀pẹ̀lẹ̀* (espécie de rosário no qual são atadas sementes o dendezeiro), são o *ọpọ́n ifá* (bandeja de madeira na qual são desenhados os símbolos dos *Odù* que aparecem no oráculo conforme a caída do *Ọ̀pẹ̀lẹ̀*); o *ìyẹ̀ròsùn* (pó obtido a partir da ação do cupim (*ìyẹ̀*) na casca da árvore *ìròsùn*, resultando em um pó amarelo que serve para forrar o tabuleiro onde serão riscados os *odù* no jogo de *Ifá*); o *ìrofá* (sineta em formato cônico utilizada pelo olhador para invocar as divindades); e o *Òsún* (é um bastão que simboliza o poder do *Bàbáláwo*). A dinâmica do jogo de *Ifá* consistia originalmente na África, na manipulação do *Ọ̀pẹ̀lẹ̀* pelo olhador que o jogava na superfície. Conforme sua queda e a posição dos coquinhos, ele verificava o *Odù* correspondente e o desenhava no *ọpọ́n ifá*. Depois, ele recitava um dos 600 poemas (*ẹsẹ*) correspondente àquele *Odù*, para que o consulente fizesse suas próprias associações e conclusões. O olhador deveria ir narrando os poemas até o consulente assimilar a história ao seu momento presente. Ao final, o olhador receitava os *ẹbọ* necessários ao caso. Embora *Ọ̀rúnmìlà/ Ifá* faça parte do Panteão das divindades iorubas, ele compõe um complexo oracular-filosófico-religioso tão detalhado e peculiar, que originou um culto a parte. Desde a África, havia uma iniciação para *Ifá*, distinta da iniciação para os demais *Òrìṣà*. É o chamado culto *Ifá*. A iniciação a *Ifá* variava nas diferentes regiões iorubas. Mas em geral, dava-se a partir dos 12 anos de idade dos meninos. Desde essa idade, os meninos aprendiam e decoravam diariamente os *ẹsẹ*. Na cidade de *Lálúpòn*, começava com oferendas a *Èṣù*, *Ọ̀ṣun* e a *Odù* (uma divindade local). Depois eram colhidos e preparados os coquinhos de dendezeiro. Em seguida, iam à floresta para consultar *Ifá* aos pés de uma palmeira que tivesse três troncos. Ali seria verificado o destino do neófito e se o *ẹbọ* seria para *Ọ̀rúnmìlà* ou para outro *Òrìṣà*. Posteriormente, iam à mata onde eram feitas imolações rituais sobre a cabeça já raspada do iniciado, que ficava postado sobre folhas maceradas de *ire* (símbolo de sorte). O período de preparação dos sacerdotes de *Ifá* durava 3, 5, 10 e até 30 anos, para ser

completo e satisfatório. A prova final para que o iniciado pudesse ser considerado um *Bàbáláwo*, era pronunciar um *ọfọ̀* (encantamento) capaz de matar um pássaro diante dos olhos do seu mestre. Tanto no *Mẹ́rìndílógún*, quanto no sistema *Ọ̀rúnmìlà/ Ifá*, quem responde às consultas é sempre *Èṣù*. O *Òrìṣà* da comunicação é o encarregado de fazer a interlocução entre homens e deuses. Por isso *Èṣù* é considerado como o *Òrìṣà* mais ligado a *Ọ̀rúnmìlà*. *Èṣù* só não intermedeia pedidos, nem *ẹbọ* a *Ọlọ́run*, o Deus Supremo. Pois *Ọlọ́run* não pode ser influenciado por oferendas: *"Tani le f´Olódùmaré ẹbọ?"* (Quem ousa oferecer sacrifícios a *Olódùmaré*?). *Èṣù* apoia ou pune aqueles que atendem às predições do oráculo. Daí o provérbio: *"Ẹni ó rúbọ l´Èṣù gbè"* (*Èṣù* apoia somente aqueles que ofereceram o sacrifício). Normalmente é recomendado aos olhadores manterem um *Èṣù* assentado especificamente para bem atendê-los na consulta ao Oráculo (*Márcio de Jagun: "Odù, Os Yorùbá e o Destino", Instituto Ori, 2014, RJ*). Os dois primeiros seguidores de *Ọ̀rúnmìlà* na Terra, foram *Aṣẹ̀dá* e *Akọ́dá*. V. *ọ̀pẹ̀lẹ̀; ọ̀rúnmìlà; ṣẹ̀tilu; mẹ́rìndílógún; àbọ̀rúbọyè bọ̀ṣiṣẹ̀*!

ifá àyà – s. oráculo interior; conceito ioruba de que todos nascem com as noções de ética dentro de si; capacidade inata de discernimento da qual é dotado todo ser humano.

ifalogia – s. neologismo. Ciência pela qual o ioruba se baseia em princípios filosóficos de *Ifá*, para reconhecer nos números energias e potencialidades. A imparidade, a paridade o *àṣẹ* dos *odù*, e a compatibilidade entre eles e os *àwọn òrìṣà* (*orixás*), pode ser entendido como ifalogia.

ifẹ̀ – s. cidade ioruba considerada a origem do mundo conforme a cultura ioruba.

ìfẹ́-àtinúwá – s. livre arbítrio. Para os iorubas, o livre arbítrio significava mais do que simplesmente a liberdade de escolha. Era a capacidade de tomar decisões que dessem ao indivíduo o bem-estar de agir conforme o seu oráculo interior. Lit.: *ìfẹ́* (s. desejo) + *àtinuwá* (adj. agradável).

igbá – **1.** s. cabaça; cuia; fruto do cabaceiro – *Cucurbita lagenaria (Lagenaria vulgaris)*. A folha da cabaceira é considerada uma erva forte para desfazer feitiços maléficos. A cabaça é um utensílio largamente utilizado nos Candomblés, paramento de diversas divindades, seja como cuia para banhos, como vasilhame para a culinária, em inúmeros rituais e

também para percussão. A cabaça inteira simboliza a ligação entre o céu (*ọ̀run*) e a Terra (*àiyé*), enquanto estes ainda eram unidos. A cabaça partida ao meio no sentido horizontal representa o equilíbrio entre o masculino e o feminino. A cabaça pode ter diferentes formatos. Cada qual, cortada conforme o interesse, ganha uma denominação e uma destinação próprias, mediante sua utilização: ***igbájẹ̀*** (para lavar roupas); ***àdo*** ou ***atọ́*** (para guardar pós e remédios); ***ahá*** (em forma de copo para beber líquidos); ***pọ̀kọ́*** (em forma de prato para comer alimentos); ***kòtò*** (em forma de vasilha); ***akèngbè*** (em forma de garrafa para guardar/ transportar líquidos); ***akèrègbè*** (em forma de pote); ***alugbá*** (como instrumento musical de percussão); ***ṣẹ́rẹ́*** (paramento de *Ṣàngó*); ***igbádù*** (cabaça utilizada como recipiente de quatro vasilhames pequenos que representam os *odù* principais, simboliza a existência do mundo – "a cabaça da existência"). V. *igbádù*; **2**. s. Mesmo que *ìdí òrìṣà*. V. *ìdí òrìṣà*.

igbádù – **1**. s. cabaça utilizada como recipiente de quatro vasilhames pequenos que representam os *odù* principais; **2**. s. cabaça da existência: Para representar a gênese e o útero primordial, os iorubas utilizaram o *igbá-odù* (ou *igbádù*) – uma cabaça pintada de branco, cortada horizontalmente ao meio em duas metades que devem manter-se sempre unidas, contendo em seu interior quatro pequenos recipientes de casca da noz do coco cortado ao meio contendo, cada qual, um elemento que simboliza os três sangues do *àṣẹ*: o *ẹfun* (branco), o *osùn* (vermelho), o *wájì* (preto) e ainda lama (matéria-prima do homem). Esses elementos significam também os quatro *Odù* principais: *Èjì Ogbè, Ọ̀yẹ̀kú Méjì, Ìwòrì Méjì* e *Òdí Méjì*. Separar as duas metades de *igbádù* significa a própria destruição do mundo. A parte de cima de *igbádù* representa *Ọbàtálá*, e a parte de baixo, *Odùduwà* (JAGUN, 2014). V. *igbá*.

ìgbín – s. caracol.

igbó – **1**. s. floresta; mata; bosque; campo. Uma das formas de designar o elemento terra. A terra é considerada pela filosofia ioruba como um elemento masculino, embora a divindade que a domine seja feminina (*Onílẹ̀*). A terra é um elemento concreto, que representa o real, opondo-se ao etéreo (ar). A terra sustenta, enquanto o ar cobre. Na terra o homem constrói sua vida: edifica sua casa, planta seu sustento, adquire suas riquezas, realiza seu destino. Na terra se vive e se morre. Sobre ela

passamos a vida e sob ela somos acolhidos na morte. A terra é um bem emprestado pelo Criador. Na maioria das sociedades tradicionais ioruba, não se adquire a propriedade da terra. O rei (representante de Deus) autoriza apenas o uso da terra, concedendo sua posse. O ioruba tem uma relação profunda com a terra onde estão seus ancestrais e onde vive seu clã; **2**. s. uma das qualidades de *Ọdẹ* no Candomblé: "O Senhor das Matas". **Mata fechada**: *ẹgàn*. V. *ọdẹ*; *ilẹ̀*.

igi – s. árvore; madeira; pedaço de pau.

igi ọ̀pẹ, ***imọ̀ ọ̀pẹ*** – s. dendezeiro. *Elaeis guineenses*. Quando suas folhas são desfiadas em um ritual próprio, passam a ser chamadas de ***màrìwò*** e têm como finalidades a proteção da Casa, dos adeptos e também como paramentos de *Ògún* e *Ọya*. O dendezeiro é uma das principais árvores de culto no Candomblé. Dela extrai-se o azeite de dendê, ingrediente indispensável na culinária e nos temperos rituais, bem como as sementes para os oráculos e as folhas para proteção. Esta árvore possui uma energia combustível, que dinamiza a vida e protege contra a morte. ***Ẹyìn***: fruto. ***Èkùrọ́***: caroço do dendezeiro. ***Ikin***: caroço seco. ***Epo pupa***: azeite de dendê. V. *màrìwò*; *epo pupa*; *ikin*; *ẹyìn*.

ikin – s. semente seca do dendezeiro, utilizada para confeccionar o Oráculo de *Ifá*. V. *èkùrọ̀; ifá; ẹyìn; igi ọ̀pẹ; epo pupa*.

ìkódídẹ – s. pena do rabo do papagaio africano denominado *odídẹ*, ou *ìkóódẹ* (*Psittachus erithracus*), utilizada em rituais de Candomblé para representar a fertilidade. É o elemento símbolo dos iniciados no Candomblé. Segundo o *ìtàn*, *Òṣàlá* permitiu que fossem colocadas as penas de três pássaros sagrados nos iniciados para *Ọdẹ*: ***odídẹ***, (*Psittachus erithracus*) – pena vermelha, que representa o nascimento, fertilidade, ***àlùkò*** (*Touraco ruspolli*) – pena púrpura, que representa boas novas e ***agbè*** (Touraco *porphyreolophus*) – pena azul, que representa riqueza. Algumas tradições ainda incluem o ***lékeléke*** (*Bulbucus gún*) – pena branca, que representa a paz, sendo símbolo dos *Òrìṣà funfun*.

ìkómọjáde – s. batismo, cerimônia de batizado, realizada ao 9º dia de nascido para meninos, ao 7º dia de nascida para meninas e 8º no caso de gêmeos, que consiste (para recém-natos de ambos os sexos) no ato de enterrar o cordão umbilical e a placenta (*olóbi*) ao pé de uma árvore nas cercanias da casa paterna (ou no terreiro), para após consultar o oráculo

(*ìkọsẹ̀dáyé*) a fim de saber o *Odù* daquele bebê. Assim, a criança receberá seu nome conforme seu clã, ou origem espiritual, ou ainda conforme as características de sua energia, numa cerimônia chamada de *ìsọmọlórúkọ*. Após, há um rito no qual a criança batizada é sacralizada com elementos mágicos, como o dendê, o sal, cana-de-açúcar, mel, terra, peixe, etc... Denominado também como "culto à placenta". Conforme a mitologia ioruba, a placenta (*olóbi*) é impregnada pelas últimas lembranças do espírito que escolhera seu destino, antes de nascer. Enterrar a placenta na terra é solidificar as escolhas feitas antes de nascer, para que se cumpram durante sua permanência no mundo. V. *odù; ẹ̀mí; orúkọ*.

ikú – **1**. s. morte. Mesmo que ìfẹ̀hìntì; **2**. s. divindade masculina encarregada de tocar os seres vivos com o *kùmọ̀* e trazer-lhes a morte física; considerada como rei dos oito principais Ajogun. ***Ikú*** tem como esposa ***Àrùn*** (a doença) e com ela teve quatro filhos: a apreensão (***èèmọ̀***), a loucura (***wèrè***), a infecção (***èèràn***) e a deformidade (***àìdára***). Conforme um *ìtàn*, *Ikú* mostrou ser a divindade mais fiel a *Olọ́run*, pois quando este convocou todos os deuses e pediu que algum deles impusesse fim à vida, para o equilíbrio da Criação, todos se opuseram, temendo serem odiados pelos humanos, à exceção de *Ikú*, que aceitou a tarefa ingrata por fidelidade e amor a Deus. É representado pelo pássaro *àgbìgbò*. Um ***ìtàn*** do ***Odù Éjì Ọlọ́gbọn Méjì***, revela como ***Àrùn*** (doença – esposa de *Ikú*) evitou a morte (*Ikú*), fazendo uso de seus interditos: ***... "Os sacerdotes de Ifá disseram que ela deveria armar uma armadilha para pegar um animal jovem, a fim de assustar Ikú. Ela disse que Ikú, seu marido, não podia comer animais jovens, nem sobras, nem restos. Ela disse que Ikú se esconde e foge de medo de resto de comida. Ela disse que o mistério de Ikú é sempre mover-se em direção ao som, ao ruído. Ela disse que Ikú, seu marido, não pode comer animais jovens, como peixe, ratos ou pintinhhos. Ikú é contra comer alguém assim, Ele recusa alimentar-se. Ela disse que Ikú é inteligente e, realmente, percebe a aparência e fica sempre abalado. Ela disse que Ikú, seu marido, não come ovo de pata. Ela disse que Ikú se esconde, foge de medo de resto de comida. Ela disse que Ikú não suporta comer ovo de pata, Ele vomita. Ela disse que Ikú sempre fica embaraçado quando vomita estrondosamente."***

ila – s. brado proferido pela divindade no momento da incorporação, quando

o médium já foi iniciado no Candomblé. Contudo, somente após o ritual próprio o *Òrìs*. passa a usar seu *ila*.

ìlà-oòrùn – s. leste, oriente. V. ***ìwọ̀-oòrùn***.

ilé – **1**. s. casa; habitação. ***Olúgbé***: habitante; morador de um local; **2**. s. designação genérica dos terreiros de Candomblé da Nação *Kétu*; Casa de Santo; Barracão; Roça de Santo. Casa Tradicional de Culto aos *Òrìṣà*: *ilé ìbílẹ̀*. Fundação de um *Ilé*: ìpilẹ̀. V. *ilé àṣẹ*; *ilé òrìṣà; àṣẹ*.

ilé àṣẹ – s. forma de designar os terreiros de Candomblé da Nação *Kétu*. V. *ilé; àṣẹ; ilé òrìṣà*.

ilé ìbọ òkú – s. local onde se cultuam os mortos. Dependência dos terreiros de Candomblé, geralmente posicionada em local mais isolado, onde são feitos os ritos aos égún e *ẹ̀sà*. Lit.: *ilé* (s.casa) + *ìbọ* (s. adoração) + *òkú* (s.morto). V. *égún; ésà*.

ilé ìdáná – s. cozinha. Mesmo que *kísìnì*.

ilé ìdáná òrìṣà – s. cozinha de Santo; cozinha onde são preparadas as comidas litúrgicas e rituais.

ilé òrìṣà – s. Casa de Candomblé, Terreiro, Barracão, Roça, Roça de Santo, Casa de Santo, *Ilé*, ou *Ilé Àṣẹ*.

ilẹ̀ – s. solo; terra; chão; piso.

ilẹ̀ àiyé – s. mundo. V. *àiyé*.

ìlẹ̀kẹ̀ – **1**. s. cordão; **2**. s. cordão de miçangas utilizado por adeptos e divindades do Candomblé, com as representações das cores relacionadas aos deuses cultuados, servindo também para demonstrar a importância do adepto na hierarquia do Candomblé, conforme a beleza do cordão. É chamado também de "fio de contas". O "fio de contas" serve como elemento de ligação entre os homens e os deuses. Portar um *ìlẹ̀kẹ̀* no pescoço é sentir-se próximo e protegido por aquela divindade ali representada. O preparo e a entrega do *ìlẹ̀kẹ̀* ao adepto do Candomblé, representam sua primeira ligação com a Casa que frequenta e com a própria religião. À medida que o iniciado vai contando tempo de iniciação e vai galgando postos na hierarquia do Candomblé, seus *ìlẹ̀kẹ̀* vão ganhando "graus", que são constituídos por alguns elementos e por certos adornos que denotam sua importância. Os *ìlẹ̀kẹ̀* são preparados ritualmente, sendo elaborados preferencialmente em fios de barbante feitos de algodão

(evitando-se produtos sintéticos), em momentos de contrição e em locais apropriados dentro da Casa de Santo. Posteriormente, são rezados e lavados em uma infusão de ervas. Ou, em certas Obrigações, recebem também os mesmos elementos de àsã que o próprio adepto. Origem do neologismo *elẹ̀kẹ̀*, com mesmo significado. Mesmo que *yàyá*.

ìlù – **1**. s. ritmo sacro do Candomblé produzido por instrumentos de percussão litúrgicos para louvor a *Ọ s*; **2**. s. tambor ritual do Candomblé; atabaque. V. *hun; hunpi; lit síkí*.

imọlẹ̀, ***irúnmọlẹ̀*** – s. designação dos espíritos benignos e divindades. Mesmo que *Ẹbọra* e *Òrìṣà*. V. *òrìṣà*.

iná – **1**. s. fogo; luz. Fósforo: ìṣáná; **2**. s. uma das qualidades do *Òrìṣà Èṣù* no Candomblé: representa a energia do fogo. V. *èṣù*; **3.** s. uma espécie de planta cujas folhas são avermelhadas; **4**. s. elemento da natureza: o fogo é um dos quatro elementos da natureza. Os demais são: *omi* (água), *afẹ́ẹ́fẹ́* (ar) e *ilẹ̀*, ou *igbó* (terra). É associado ao poder realizador, à chama das ideias, ao fulgor do sexo. Está presente no corpo humano através da libido, da eletricidade havida no corpo humano, da impetuosidade e do poder realizador. Quanto à eletricidade no corpo humano, vale dizer que o mesmo é composto por 64% de solução salina chamada na medicina de "soro fisiológico", ou de "solução eletrolítica", que é um condutor de eletricidade. A "solução eletrolítica", em contato com as células nervosas, gera bioeletricidade química. A cada batida do nosso coração (pulsação) produz-se uma corrente de um ciclo por segundo de um watt de potência elétrica dissipada. Segundo Einstein, todo corpo, em virtude da sua constituição atômica, possui um campo de energia eletromagnética. O sistema nervoso constitui a rede de distribuição elétrica e as células são os semicondutores, funcionando à semelhança dos diodos e transmissores. A bioeletricidade pode ser detectada através do eletrocardiograma e do eletroencefalograma. A tensão eletrostática gerada durante as 24 horas do dia pode ser medida por meio de um sensível voltímetro eletrostático. Os *Òrìṣà Èṣù* e *Ṣàngó*, estão associados ao elemento fogo. V. *ewé iná*.

inú – **1**. s. estômago; **2**. s. ventre; **3**. s. algo interior; interno. Serve para designar todas as vísceras, ou algo interior.

ìpàdé – **1**. s. encontro; reunião. Mesmo que àws. e; **2**. s. cerimônia ritual de Candomblé para reverenciar os antepassados.

ìpankan – s. imolação; sacrifício ritual; matança litúrgica. Mesmo que ìparúbọ, pípa, ou *rírúbọ*.

ìpara – s. unguento, emplastro curativo feito à base de ervas. Mesmo que *àkunra, ìkunra*.

ìpẹ̀tẹ̀ – **1**. s. comida litúrgica do Candomblé feita a base de inhame cozido e pilado, temperado com azeite de dendê. É um dos pratos prediletos do *Òrìṣà Ọ̀ṣùn*; **2**. s. cerimônia do Candomblé realizada em louvor a *Ọ̀ṣùn*. V. *ọ̀ṣùn*.

ìpọ́njú – s. testa. Mesmo que *iwájú orí* e *ojú orí*.

ìpọ̀nrí – s. dedão do pé. Lit.: *ìpín* (s. porção) + *orí* (s. cabeça). Esta parte do corpo representa a ancestralidade. ***Ìpọ̀nrí ọ̀tún*** (dedão do pé direito: simboliza os ancestrais masculinos da pessoa; ***ìpọ̀nrí òsì*** (dedão do pé esquerdo: simboliza os ancestrais femininos da pessoa). V. *orí*.

ìpọ̀rí – s. elemento do *Orí* que concentra a essência de cada ser humano registrando suas experiências, emoções e sabedoria ao longo das encarnações (*àtúnwá*). Lit.: O final de *Orí*: *ìpín* (s. final) + *orí* (s. cabeça). V. *orí*.

ìran – **1**. s. hereditariedade; descendência; genética. Mesmo que *àjẹ̀bí*; **2**. s. um dos três tipos de loucura: ***ìran*** (hereditárias: herdadas geneticamente), ***àmútọ̀runwá*** (sobrenaturais: causadas pela ira das divindades ou por feitiçarias) e ***àfisè*** (naturais: originadas por acidentes, aflições ou traumas). V. *wèrè; ajogun*; 3. s. transe.

ìrofá – s. sineta em formato cônico, feita originalmente de chifre de cervo (hoje de madeira); utilizada pelo *bàbáláwo* para invocar as divindades na consulta ao Oráculo de *Ifá*.

ìrókò – s. erva ritual sem similar. *Chlorophora excelsa (Moraceae)*. A própria árvore é considerada como um *Òrìṣà* originário do Daomé. Suas folhas costumam ser postas no travesseiro dos doentes, com o propósito de afastar *Ikú* (a morte). Aos pés desta árvore são feitos ritos a *Olómùsó*, a fim de manter neste mundo os *àbíkú*. No *Ìrókò* fazem morada as *Ìyámi*, mas nela não ficam por muito tempo, pois os frutos desta árvore não lhe agradam e também os *àbíkú*. Suas folhas transformadas em pó podem substituir o *ìyẹ̀ròsùn*. No Brasil, foi substituída pela gameleira-branca (*Ficus gomelleira*). Os cacos de louças que se quebram aleatoriamente no *Ilé* são depositados ao pé desta árvore, para que ela depure as más energias.

ìrònú – s. pensamento; reflexão; meditação. Mesmo que *ìhùmọ̀*. A meditação não é praticada enquanto ritual específico. É considerada pela filosofia ioruba como um comportamento a ser buscado, não como um rito litúrgico, mas como um rito habitual. Um *ìtàn* do *Odù Éjì Onílẹ̀*, recomenda a prática da meditação ao dizer: *"Ọ̀rúnmìlà ensina que as coisas devem ser feitas pouco a pouco. Deve-se medir o comprimento e a largura. (...) É pedaço por pedaço que se come a cabeça do peixe. (...) Nenhum colar é tão longo quanto o colar que é usado pela divindade Yẹmidérégbẹ – aquela que atinge a sublimação através de uma respiração adequada"*. (*O que as Folhas Cantam*, Mª. S. Azevedo e G. Domini, 2014, INCTI, Brasília).

ìròsùn – **1**. s. árvore típica da flora africana *(Baphia Nitida-Papilonaceae)*, cujo tronco roído por cupins (***ìyẹ̀***), produz um pó amarelo, denominado ***ìyẹ̀ròsùn***, utilizado para forrar a bandeja do Oráculo de *Ifá* (***ọpọ́n ifá***) onde são marcados os signos dos ***odù*** de ***Ifá***. Quando o tronco desta árvore é machucado, apresenta cor vermelha intensa, como se estivesse sangrando. A parte interna desta árvore serve para a produção do ***osùn*** (V. ***ẹ̀jẹ̀ pupa***). Na ausência de *ìyẹ̀ròsùn*, este pode ser substituído por ***èlùbọ́*** (pó da farinha de inhame), ou por ***ìyẹ̀rẹ̀*** (pó do bambu, obtido a partir da ação do cupim); **2**. s. pássaro da fauna africana, cujas penas são usadas em rituais de Candomblé; **3**. S. designação do 4º Odù no Oráculo *Mẹ́rìndílógún*. Corresponde ao *Odù Òdí Méjì* no Sistema de *Ifá*. Representa "A Calma". Quem percorre esse *Odù* é *Yemọja*. É ligado ao elemento terra. V. *ifá; odù*.

ìròsùn – pássaro da fauna africana, cujas penas são usadas em rituais de Candomblé

ìròsùn méjì – s. denominação do 5º *Odù* no Sistema de *Ifá* (corresponde ao *Odù Ọ̀ṣẹ́* no Oráculo *Mẹ́rìndílógún*). V. *odù*; *ifá*; *mẹ́rìndílógún*.

ìrùẹ̀ṣin, ìrúkẹ̀rẹ̀ – s. bastão encimado pela crina do cavalo, utilizado por monarcas; ferramenta ritual de *Ọdẹ* e *Ọya*. O *ìrúkẹ̀rẹ̀* de *Ṣàngó*, segundo Lody, seria feito da cauda de vaca branca, representando a barba do rei. V. *ọdẹ*; *ọya*. Neologismos: *erukéré*, *eruṣin*.

irúnmọ̀lẹ̀, imọ̀lẹ̀, mọ̀lẹ̀ – s. espíritos divinos; deuses yorùbá; termo genérico para referir-se ao Panteão das divindades. Mesmo que *Òrìṣà*. V. *òrìṣá*.

isà-òkú – s. sepultura; jazigo; túmulo.

ìsìnkú – s. funeral; enterro; sepultamento. Lit.: *ì* (pref. que indica ação a ser realizada) + *sìn* (v. conduzir) + *ikú* (s. morte). Mesmo que *ìjáde òkú* e

sínsin. O sepultamento do corpo de um iniciado é parte do ritual fúnebre. Neste momento específico, são feitos preparos no corpo e também há cânticos próprios para retirar o corpo do local do velório, levá-lo ao local do sepultamento e também para baixá-lo à sepultura. Vale dizer que, de acordo com a tradição, os corpos devem ser sepultados no chão e não em gavetas, ou cremados. As sepulturas também recebem preparos rituais antes do corpo ser baixado. V. *áṣéṣé*.

ìsọmọlórúkọ – s. Cerimônia do Candomblé que consiste no ato de dar um nome para uma criança recém-nascida, precedendo o batismo. Esta expressão é usada por algumas tradições como sinônimo de *dárúkọ* (cerimônia do nome na iniciação do Candomblé). V. *ìkómọjáde; dárúkọ; orúkọ*.

ìṣán – s. cajado de madeira utilizado em rituais do Candomblé e de culto *Egúngún*. V. *egúngún*.

iṣu – s. inhame. *Dioscorea rotundata*. **Folha do inhame**: *ewé ọdọ́*. Base da alimentação dos ioruba. Seu plantio e colheita são repletos de ritos e liturgia a diversas divindades, conforme reproduzido na Cerimônia Anual das Águas de *Òṣàlá*, realizada nos terreiros da Nação *Kétu*. O inhame fez o homem inventar o pilão. Por isso, o uso da sua folha é ligado ao potencial criativo e realizador. Também é usado com o propósito de unir famílias, pois os clãs se juntavam para juntos degustar o inhame.

ìtàn – s. conto sobre as divindades; parábola. Não há rito litúrgico especial para a declamação dos *ìtàn*. Mas, o momento em que os *ìtàn* são contados é revestido de atenção e reverência. Através dos *ìtàn* são perpetuadas tradições, símbolos, valores éticos, morais e rituais do Candomblé. Sempre os narradores são mais velhos (em idade, ou em tempo de iniciação) do que seus interlocutores. Nas terras *yorùbá*, os narradores de *ìtàn* eram preparados por anos para desempenhar este ofício, a fim de preservar a memória destas histórias e de seu Povo. Eram denominados *òfófó*.

ìwà – s. caráter; dignidade; moral. Considerada como uma das principais virtudes a ser buscada pelo ioruba: ***oore*** (a bondade), ***sùúrú*** (a paciência), ***ìbúra*** (a promessa), ***ọ̀wọ̀*** (o respeito), ***òótọ́*** (a verdade), ***òdodo*** (a justiça), ***ìfẹ́ni*** (a caridade), ***èèwọ̀*** (o tabu), ***ìwà*** (o caráter – resumo de todas as demais). O cumprimento das virtudes faz com que o ioruba alcance seu objetivo de vida, tornando-se um *ọmọlúwàbí* (filho de bom caráter). V.

ọmọlúwàbí.

iwájú orí – s. testa. Lit.: *iwájú* (s. frente) + *orí* (s. cabeça). Mesmo que ìpọ́njú e *ojú orí*.

ìwẹ̀ ewé – s. cerimônia do Candomblé que consiste no banho ritual de folhas. As folhas maceradas em água e consagradas através do ritual do *sàsányìn* se transformam em *àgbo*, um líquido sagrado, capaz de curar certos males e de trazer energias positivas. Tanto pessoas, quanto certos elementos rituais são banhados, antes dos rituais de Candomblé. V. *àgbo*; *sàsányìn*.

ìwọ̀ọ̀kùn – s. lua nova. Outra forma: ***òṣùpá tútù***. V. Capítulo "Fases da Lua".

ìyá, màmá – s. mãe. Forma genérica de referir-se à sacerdotisa, a outras mulheres que exerçam cargos no terreiro, ou a senhoras respeitáveis.

ìyálórìsà – s. sacerdotisa de Candomblé, Mãe de Santo. Aquela que iniciou, ou adotou como filhos de Santo, pessoas já iniciadas no Candomblé. Autoridade máxima na hierarquia do Candomblé. Embora seja dada deferência aos mais velhos em relação ao tempo de iniciação, assim como ao sacerdote(isa) que cuida do *bàbálórìṣà*, ou da *ìyálórìṣà*, dentro do seu próprio terreiro, oficialmente, estes terão o poder decisório. Lit.: *ìyá* (mãe) + *l* (prep. no) + *òrìṣà* (s. divindade). V. *bàbálórìsà*; *ọmọ òrìṣà*.

ìyámi òṣòrọ̀ngà – s. denominação das ancestrais femininas primordiais. Representam o próprio poder feminino. Regem as vísceras e a noite (enquanto o dia, a partir do nascer do sol, é regido por *Òṣàlá*). São também conhecidas como as "Donas dos Pássaros" (***Elẹyẹ***), como "as Grandes Mães" (***Ìyá Nla*** – conforme poema do *Odù Ogbè Ọ̀sá*), como as "Senhoras", como "Mães de Todos" (***Ìyá Wọn***), ou ainda como as "Feiticieiras" (***Àjẹ́***), que se transformam nos seguintes pássaros à noite: àgbìgbò, ***ẹ̀luùlú*** e ***ẹ̀hurù***. São as controladoras da sociedade *gẹ̀lẹ̀dẹ*. Segundo o *ìtàn*, foram as únicas mulheres a fazer parte do grupo de divindades primordiais, tendo vindo ao mundo (*àiyé*) no número de 7, para ajudar *Odùduwà* em sua missão criacional. Cada uma dessas sete Senhoras, pousou em uma árvore, respectivamente: ***Arère*** (*Annona Senegalensis*), ***Àsùrìn*** (*Entandrophragma Candollei*), ***Ókò*** (*Chilfropora excelsa*), ***Ìyá*** (*Daniellia Oliveira*), ***Ọ̀bọ̀*** (*Ficus Mucoso*), ***Orógbó*** (*Garcinia Kola*) e ***Oè*** (*Adanronira Dignata*). Fora estas, outras árvores de grande porte também pertencem às Senhoras, tais como: cajazeira, gameleira, jaqueira, amendoeira, baobá, figueira, aridãn. Podem ser "**branca**", "**pretas**", ou

"**vermelhas**", sendo que cada qual exige as respectivas cores para os animais que lhes são ofertados. As "**pretas**" são as maléficas, as "**vermelhas**" as bondosas e a "**branca**" faz a interlocução entre aquelas. *Òṣòròngà* é um pássaro africano que produz um som parecido com seu próprio nome. Possui cabeça arredondada e bico adunco, lembrando a cabeça de uma bruxa. No Brasil, passou a ser representado pela coruja. Segundo o mito ioruba, à noite as *Ìyámi* se transformam em pássaros e, quando retornam de suas missões, ficam dentro da cabaça. Por isto, este elemento lhes pertence, pois representa seu poder. As cabaças são largamente utilizadas em diversos ritos e também como utensílios no Candomblé, sendo certo que são "emprestadas" pelas *Ìyámi*. As *Ìyámi* controlam o sangue da menstruação, podendo fazê-la cessar, ou progredir em hemorragias. Por isso, dominam todas as mulheres. As vísceras lhes pertencem. Suas principais oferendas são compostas pelo fígado e os intestinos dos animais, juntamente com *àkàsà* e *epo*, colocados na mata, aos pés de uma jaqueira (*apáòká*), ou outra árvore de porte que seja dos seus domínios. Lit.: minha mãe *Òṣòrọ̀ngà*: *ìyá* (s. mãe) + *mi* (pron. poss. meu, minha) + *òṣòrọ̀ngà* (s. espécie de ave noturna). V. *apáòká*.

iyán – **1**. s. inhame pilado ou amassado (ver *iṣu*); **2**. s. designação de comida litúrgica do Candomblé oferecida aos *Òrìṣà Òṣàgiyán* e *Lógunède*, que consiste em inhame descascado, cozido e pilado, temperado com mel, ou açúcar mascavo (conforme o caso). V. *iṣu; òṣàgiyán; lógunède.*

iyangi – s. laterita; rocha avermelhada; matéria-prima da bauxita. Mesmo que *ìlẹ̀pa*. *Iyangi* é considerado como uma das qualidades de *Èṣù* no Candomblé. *Èṣù* é tido como a laterita: a "protoforma universal". É o *"símbolo da matéria individualizada"*, nas palavras de Juana Elbein (*Os Nàgó e a Morte, Santos J.E., 9ª ed. Vozes, 1986*). A laterita é uma espécie de rocha que surge a partir de um processo de formação especial de terreno. Vale dizer que a laterita, ou laterite, é qualificada como um tipo de solo dotado de grande concentração de hidróxitos de ferro e de alumínio, que se identifica como um chão muito avermelhado. Este processo é denominado tecnicamente de "laterização" e se constitui pelo excesso de chuvas em contato com este solo, criando uma espécie de crosta. São chamados de solos lateríticos, aqueles típicos de regiões de clima úmido e quente. A laterização do solo é dúbia e surpreendente como *Èṣù*: é água em

contato com a terra, gerando pedra; **2**. s. uma das qualidades de *Èṣù* no Candomblé. V. *èṣù*; *bara*.

ìyàwó – **1**. s. esposa. Mesmo que *ìyálé* e *aya*. **2**. s. cargo conferido no Candomblé aos iniciados no culto aos *Òrìṣà*, sejam homens ou mulheres, até que completem a Obrigação de 7 anos, quando se tornam *ẹ̀gbọ́n mi*.

ìyẹ̀rẹ̀ – **1**. s. recitação cantada das poesias de *Ifá*; **2**. s. designação do pó produzido pelo cupim ao roer o bambu. Este pó pode ser utilizado em substituição ao *ìyẹ̀ròsùn*. V. *ìyẹ̀ròsùn; ìròsùn*.

ìyẹ̀ròsùn – s. pó utilizado em determinados rituais de Candomblé, bem como para que se risquem os símbolos dos *odù* (*ojú ọpọ́n*) na consulta ao *Ifá*. Após o desenho, o cliente deve ingerir parte do pó e outra parte é esfregada em sua testa. O *ìyẹ̀ròsùn* é o resultado da ação do cupim (*ìyẹ̀*), ao roer uma árvore denominada *ìròsùn*. O *ìyẹ̀ròsùn*, pode ser substituído pelo *ìyẹ̀rẹ̀*, ou pelo *èlùbọ́*. Lit.: *ìyẹ̀* (s. cupim) + *ìròsùn* (s. árvore específica). V. *èlùbọ́; ìyẹ̀rẹ̀; odù; ifá; ìròsùn*.

iyọ̀ – s. sal; ou adj. salgado. Para os iorubas, o sal dá sabor à vida e torna o solo fértil, por isso, o sal é um elemento utilizado como um dos temperos rituais, à exceção de certas divindades. Ex.: *omi iyọ̀* (água salgada).

iyọ̀ ìreké – s. açúcar; ou adj. doce. Mesmo que *ṣúgà*, ou *iyọ̀ òyìnbó*. Lit: *iyọ̀* (s. sal) + *ìreké* (s. cana-de-açúcar). Açúcar mascavo: *iyọ̀ ìrèkè dudu*.

iyọ̀ ìrèkè dudu – s. açúcar mascavo.

iyọ̀ òyìnbó – s. açúcar. Lit.: *iyọ̀* (s. sal) + *òyìnbó* (s. abacaxi). Mesmo que *iyọ̀ ìreké*, ou *ṣúgà*.

J

jeji – s. estrangeiro, estranho. Possivelmente originária da palavra "***àjèjì***", utilizada pelos iorubas para denominar o povo *fon* que ocupava a área central do Daomé. V. *vodun*.

K

kékeré – **1**. s. adj. pequeno. Mesmo que òrénte, *pẹnpẹ* e *ṣókótó*. **2**. s. designação genérica das plantas arbustivas, ou rasteiras.

kélé – s. colar ritual utilizado pelos iniciados durante certos rituais de Candomblé. O *kélé* representa o próprio cordão umbilical, ligando o adepto ao seu *Òrìṣà*. Durante o uso do *kélé*, o adepto fica extremamente sensível, ficando sujeito à possessão da divindade com muita frequência, por qualquer razão que afete seu bem-estar, como susto, medo, ansiedade, tristeza, etc. O *kélé* é confeccionado com miçangas e adereços nas cores votivas do *Òrìṣà* da pessoa.

kétu – s. cidade ioruba onde originou-se o culto a *Ọ̀ṣọ́ọ̀sì* (ou *Ọdẹ*). O Candomblé da Nação *Kétu*, deriva da população desta cidade, trazida para o Brasil na condição de escravos. Vale dizer que o culto a *Ọ̀ṣọ́ọ̀sì* é mais intenso hoje no Brasil, do que na própria origem. Devido à redivisão da África pós 2ª Guerra Mundial, atualmente, a cidade de *Kétu* fica parte no território da Nigéria e parte no Benim. Título do soberano local: *Alákétu*. V. *ọdẹ*; *ọ̀ṣọ́ọ̀sì*.

kitembu, ***ntembu***, ***tempo*** – estrangeirismo oriundo do idioma *kimbundu*, que designa uma das divindades do panteão da etnia Bantu. Um dos *Nkisi* cultuados nos Candomblés de Nação Angola. V. *tempo; nkisi*.

kọrin ewé – ritmo sacro do Candomblé produzido por instrumentos de percussão para louvor a *Ọ̀sányìn* e outras divindades. Cânticos litúrgicos utilizados durante o ritual do *sàsányìn*. V. *sàsányìn*; *ọ̀sányìn*.

L

labẹ́ – s. Cerimônia do Candomblé havida no dia em que são realizados sacrifícios rituais às divindades. Lit.: *l* (pref. forma modificada da preposição "*ní*" – no, na – quando o substantivo que o segue inicia por letra diferente de "*i*") + *abẹ* (s. lâmina). V. *fárí; ìbẹ̀rẹ̀; rírúbọ*.

lápàtá, alápàtá – **1**. s. comida ritual de Candomblé feita à base de massa de feijão-fradinho temperada com camarão seco, cebola ralada e frita no dendê em formato de disco. Oferecida à *Ọbà*. V. *ọbà*; **2**. s. pão de milho frito. Mesmo que *mọ́sà*.

láròyé – **1**. s. debate; controvérsia; **2**. exp. saudação a *Èṣù*: "*Aquele que é controverso!"*. Lit.: *l* (forma modificada ní – verbo ser) + *àròyé* (s. debate, controvérsia, discussão). V. *èṣù*.

latipá – s. *latipa adun*: comida litúrgica do Candomblé dedicada a *Nàná*, feita à base de folhas de taioba, ou de mostarda, ou ainda de língua de vaca. Para fazer, cozinhe as folhas em água até que fiquem macias. Depois, refogue em azeite de dendê, camarão seco pilado e cebola ralada.

lógun ẹ̀dẹ, lógun – s. *Òrìṣà* adolescente de sexo masculino, originário da cidade ioruba de *Ilésà*. Filho mítico do pai *Erinlẹ̀* (V. ọdẹ) e da mãe *Ìpọ̀ndá* (V. *ọ̀ṣùn*); **Elemento**: terra e água; **Regência**: rege a pesca, a caça e a vaidade; **Saudações:** *lò sí lò sí*! *("O reverenciamos neste momento!")*. Lit.: *lò* (v. inclinar-se) + *sí* (adv. exatamente); *Olúwa o*! ("Oh, Mestre!"); **Elementos Rituais:** *abẹ̀bẹ̀* e *ọfà*; **Títulos:** não se conhece designações honoríficas deste *Òrìṣà*; **Qualidades:** *Ìgbàyin, Lápàná, Bẹlẹ́kóké*; **Cor**: veste-se com roupas estampadas em tons de amarelo e azul-turquesa. Seus fios de conta são amarelo cristal e azul-turquesa (alternados).

M

màrìwò – s. elemento utilizado em rituais de Candomblé feito à base de folhas de dendezeiro desfiadas manualmente, através de ritual próprio. O *màrìwò* é um símbolo de proteção para a Casa de Candomblé, razão pela qual fica pendurado nas portas de entrada e janelas. O *màrìwò* também serve como adereço para as vestimentas de alguns Òrìṣà, como *Ògún* e *Ọya*. V. *igi ọ̀pẹ*.

mẹ́rìnndílógún – **1**. num. dezesseis; **2**. s. designação do *obì* de dezesseis gomos. V. *obì*; **3**. s. Oráculo no qual utilizam-se 16 búzios para consulta. Originalmente na África, a consulta divinatória ao Oráculo de *Ifá* era prerrogativa exclusiva de homens. Os sacerdotes encarregados desta prática (*Bàbáláwo*) não existiam no Brasil. Já os búzios, poderiam ser manuseados tanto por homens, quanto por mulheres. Desta forma, o oráculo composto pelos búzios (*Mẹ́rìndílógún*) passou a ser a melhor opção para os primeiros Candomblés constituídos no Brasil, cuja estrutura era matriarcal. Contam os decanos do Candomblé que *Ìyá Nàsó* (fundadora do Candomblé do Engenho Velho em Salvador-BA nos idos de 1820) e *Ọbatosí* (que viria a ser sua sucessora como *Ìyálórìṣà*), já libertas, fizeram uma viagem à Cidade de *Kétu*, de onde trouxeram africanos para as auxiliarem no Candomblé fundado em Salvador-BA. Dentre estes, destaca-se Rodolfo Martins de Andrade, que ficou conhecido como *Bámgbòṣé Obitiko*. Através destes protagonistas, o Candomblé começa a ganhar forma e a desenvolver-se como religião de Matriz Africana, mas adaptada às realidades e necessidades locais. Uma das mais significativas adaptações na transposição da religiosidade afro para o Brasil deu-se principalmente no tocante ao Oráculo de *Ifá*. Este processo resultou na modificação do posicionamento original dos *Odù* de 1 a 16, assim como as combinações entre os *Odù* maiores, fazendo surgir os *Odù* menores no sistema de *Ifá* totalizando 70 caminhos, ao contrário dos 256 originais. Assim, a consulta tornou-se mais dinâmica e simples. Esta nova versão ficou conhecida como "Sistema *Bámgbóṣé*" e rapidamente alastrou-se por todos os Candomblés brasileiros, inclusive sendo absorvida por outros grupos étnicos como os *bantu* e os *fon*, além daquele ao qual pertencia *Ìyá Nàsó* (ioruba). Até hoje, este sistema é utilizado na consulta ao *mẹ́rìnndílógún* pelos mais variados Candomblés. A equivalência entre os *Odù* do Oráculo de *Ifá* e dos

utilizados no *Mẹ́rìndílógún* é a seguinte: ***Mẹ́rìndílógún/ Ifá***: *1- Ọ̀nkànràn/ Éjì Ogbè*; ٢- *Éjì Òkò/ Ọ̀yẹ̀kú Méjì; 3- Ẹ́tà Ògúndá/ Ìwòrì Méjì; 4- Ìròsùn/ Òdí Méjì; 5- Ọ̀ṣẹ́/ Ìròsùn Méjì; 6- Ọ̀bàrà/ Ọ̀wọ́nrín Méjì; 7- Òdí/ Ọ̀bàrà Méjì; 8- Éjì Onílẹ̀/ Ọ̀kànràn Méjì; 9- Ọ̀sá/ Ògúndá Méjì; 10- Òfún/ Ọ̀sá Méjì; 11- Ọ̀wọ́nrín/ Ìká Méjì; 12- Èjílá Ṣẹ̀bọrà/ Òtúrúpọ̀n Méjì*; *13- Éjì Ọ̀lọ́gbọn/ Otùwá Méjì; 14- Ìka/ Ìrẹ̀tẹ̀ Méjì; 15- Ògbegúndá/ Ọ̀ṣẹ̀ Méjì; 16- Àlàáfíà/ Òfún Méjì*. Neste novo sistema, houve modificações também em relação aos *ẹbọ* prescritos, assim como quanto aos animais utilizados, plantas e minerais tudo sendo adequado à fauna, à flora e à geologia brasileiras. Enquanto o *Ọ̀pẹ̀lẹ̀* (Oráculo de *Ifá* composto pelas nozes de palmeira) foi dado por *Ọ̀rúnmìlà*, o *Mẹ́rìndílógún* (Oráculo de búzios) foi criado pelo *Òrìṣà Ọ̀ṣùn*. Reza o *ìtán* que *Ọ̀ṣùn* começou a adivinhar para os clientes de *Ọ̀rúnmìlà* quando este estava ausente. Quando *Ọ̀rúnmìlà* descobriu, expulsou imediatamente *Ọ̀ṣùn*. Por isso *Ọ̀ṣùn* não conseguiu aprender totalmente os segredos de *Ifá*. Os búzios são também denominados de cauris, cuja palavra deriva do vocábulo *kauri* (da língua hindustani), que eram moedas correntes na China desde o segundo milênio A.C. Os *kauris* teriam sido levados para o Congo através de operações comerciais. Os búzios são crustáceos cuja concha possui uma abertura natural, que no oráculo é considerada como sua "boca", sendo portanto, a parte pela qual o oráculo irá se expressar mediante as caídas (posições em que as conchas ficam após a manipulação nas mãos do olhador e sua jogada no tabuleiro). A parte originalmente fechada, às vezes é cortada para dar equilíbrio à concha no jogo. Segundo alguns *Bàbáláwo*, a prática de usar os cauris cortados na parte originalmente fechada, remonta tradições de utilização por mulheres, enquanto usá-los somente com a fenda natural, remonta a manipulação por olhadores de sexo masculino. Tanto no *Mẹ́rìndílógún*, quanto no sistema *Ọ̀rúnmìlà/ Ifá*, quem responde às consultas é sempre *Èṣù*. O *Òrìṣà* da comunicação é o encarregado de fazer a interlocução entre homens e deuses. Por isso *Èṣù* é considerado como o *Òrìṣà* mais ligado a *Ọ̀rúnmìlà*. *Èṣù* só não intermedeia pedidos, nem *ẹbọ* a *Ọlọ́run*, o Deus Supremo. Pois *Ọlọ́run* não pode ser influenciado por oferendas: *"Tani le f´Olódùmaré ẹbọ?"* (Quem ousa oferecer sacrifícios a *Olódùmaré*?). *Èṣù* apoia ou pune aqueles que atendem às predições do oráculo. Daí o provérbio: *"Ẹni ó rúbọ l´Èṣù gbè"* (*Èṣù* apoia somente aqueles que ofereceram o sacrifício). Normalmente é recomendado aos olhadores

manterem um *Èṣù* assentado especificamente para bem atendê-los na consulta ao oráculo (*Márcio de Jagun: "Odù: Os Yorùbá e o Destino", Instituto Ori, 2014, RJ*). V. *ẹyọ; ọ̀ṣùn; èṣù; ọ̀rúnmìlà; ifá; dáfá; ọ̀pẹ̀lẹ̀*.

mokan – s. colar feito de palha-da-costa utilizado por iniciados no Candomblé. É um amuleto dedicado ao *Òrìṣà Nànà* (divindade da vida e da morte) e é portado pelos iniciados como forma de proteção contra a *Ikú*. V. *nànà; ikú; ìlẹ̀kẹ̀; àko*.

N

nàgó – s. *yorùbá; ànágó*. Mesmo que *olukumy* e *lucumy*. O termo "*nàgó*" é moderno. Trata-se de uma reinvenção da identidade ioruba já na América, pós-diáspora. O antropólogo americano William Bascom, esclarece que o termo "*nàgó*" se refere ao subgrupo ioruba *Ifo-nyin*. Para R.C. Abrahamns, a palavra "*nàgó*" seria originária do idioma *fon* (*ànágó*) e serviria para designar os ioruba de *Ipó Kiyà*, localidade da Cidade de *Abẹ́òkúta*, onde também viveriam alguns descendentes do povo popo do antigo Daomé. Segundo Nicolau Parés, *"... nagô, anagô ou anagonu era o etnômio ou autodenominação de um grupo de fala ioruba que habitava a região de Egbado, na atual Nigéria, mas que emigrou e se disseminou por várias partes da atual República do Benim. Ao mesmo tempo, os habitantes do Daomé, reino que se manteve desde meados do século XVII até o final do século XIX, começaram a utilizar o termo "nagô", que na língua fon tinha provavelmente um sentido derrogatório, para designar uma pluralidade de povos ioruba-falantes sob a influência do reino de Oyo, seu vizinho e temido inimigo. Desse modo, uma autodenominação étnica, restrita a um grupo particular, passou a ser utilizada por membros alheios a essa comunidade para assinalar um grupo de povos mais amplo."* No passado, o substantivo "nàgó" significaria "piolhento". Fora utilizado para identificar os yorùbá que chegavam à fronteira do Daomé fugindo de conflitos étnicos. Como se apresentavam maltrapilhos, esfomeados e repletos de piolhos eram ridicularizados pelos daomeanos com a designação de "*nàgó*". Não se sabe exatamente quando os ioruba começaram a ser chamados de "*nàgó*" em terras brasileiras. Mas ao que tudo indica, devem ter sido os escravos de origem *fon* que os denominavam dessa forma, quando chegavam ao Brasil após a deplorável travessia do Atlântico, já na condição de escravizados. De qualquer forma, é imperioso entender que não existe nenhum idioma conhecido como *nàgó*, nem este termo identifica qualquer etnia específica de origem africana. É simplesmente uma designação conjectural que ganhou força em território brasileiro, para nominar escravos de língua ioruba. A etnia *yorùbá*, *nàgó-yorùbá*, ou simplesmente *nàgó*, acabou por prevalecer e por influir diretamente na formação da religiosidade afro brasileira. Vale dizer que nas últimas décadas do tráfico negreiro, um enorme contingente de escravos

dessa região foi trazido para Salvador, na Bahia. Nesse momento, os núcleos familiares também não foram tão desmembrados como no início da escravidão, favorecendo sobremaneira uma maior manutenção da cultura e dos costumes daquele povo em nossas terras. A etnia *nàgó-yorùbá*, deu origem ao Candomblé da Nação *Kétu*. V. *yorùbá; olucumy; locumy; yàgbà; àgùdà*.

nànà – s. Òrìṣà feminina originária de *Ikunu* ou *Okuni*, próximo a Atakpamé, no Dassa Zumé, região do Benim. Considerada a matriarca do panteão das divindades do Candomblé. **Elemento**: água; **Regência**: *Nànà* rege a vida e a morte. É a Senhora dos pântanos de água salgada e das águas paradas. É a dona da lama que dá origem à vida e dá forma à morte; **Saudação**: *Sàlúgbá*! ("Venha em nosso auxílio!). **Elemento Ritual**: *ìbírí* (V. *ìbírí*); **Títulos**: não se conhece designações honoríficas desta divindade; **Qualidades**: *Àsáyíọ, Burúkú, Ìgbàyí, Igbóná, Ikúré, Tinolokun, Hondó, Kpahan*, dentre outras; **Cores**: *Nànà* traja-se de branco, ou em tons de lilás. Usa ainda cores estampadas, conforme a qualidade. Seus fios de contas são brancos, rajados de azul-marinho.

nkisi, ***inkise*** – s. estrangeirismo oriundo do idioma *kikongo*. Plural: *minkisi*. Deuses de origem *Bantu* (agrupamento de línguas e povos), cujo culto é feito nos Candomblés desta descendência, que passaram a ser denominados com Candomblé da Nação Angola, ou Angola-Congo. *Mukisi* (*Mukixi*) *kibundo* – Angola e Congo. São gênios, encantados, expressões da natureza (segundo o terreiro Bate Folhas-RJ). Para o professor e pesquisador da etnia *bantu*, Walter de *Nkosi*, foram reis divinizados. Muitas vezes assemelhados e sincretizados com as divindades cultuadas pelas etnias *yorùbá* (*Òrìṣà*). Os principais *Nkisi* cultuados nos Candomblés da Nação Angola são: ***Nzambi***, ou ***Nzambi Mpungu*** (o Deus Onipotente); ***Aluvaiá*** (cultuado nos candomblés de caboclo) ou ***Pambu*** (fronteira, encruzilhada) ***Njila*** (intermediador entre homens e as demais divindades; guardião). ***Pambu Njila*** é uma divindade masculina; ***Nkosi***, ***Hosi*** ("*Roxi*" – rei) ***Mukumbi*** – deus da agricultura; ***Xauê*** (patrono dos terreiros, culto forte em Moçambique e Zimbabuwe); ***Mukongo*** (significa caçador em *kibundo*); ***Mutatalambo***, abrasileirado para Mutalambo (principal deus da caça); ***Kabila*** (deus da pastoreação e protetor dos caçadores – ele zelava pelo rebanho); ***Lembarianganga***; ***Lemba***; ***Teleku Mpensu*** (pescador e

caçador); ***Nkongobila*** (caçador e pescador – sobrinho de um rei do *Kongo*), ou ***Nkongo Mbila***; ***Katende*** (curandeiro, conhecedor das folhas – jinsaba e dos segredos das plantas); ***Nzazi*** (divindade do raio – *nzazi* = raio); ***Luango*** (deus do trovão – anuncia a chuva – e do nascimento – auxilia *Vunji* no nascimento das crianças. Seu animal é o cágado. Diz-se que quando o cágado morde só solta com autorização de luango); ***Kavungo***, ***Kingongo*** (quer dizer varíola); ***Nsumbo***, ou ***Nsambo*** (quer dizer sorte) – divindades com poder da cura das doenças); ou ***Ntoto*** (dono da terra – não há iniciação); ***Hongolo*** (a serpente arco-íris – a palavra quer dizer arco-íris), masculino e na expressão feminina é ***Hongolo Menha*** (o arco-íris, a água); ***Kitembu***, ou ***Tembu*** (ar) – rege os ventos); ***Kaiango*** ou ***Kaiangu*** – uma das esposas de *Mutatalambo*, divindade feminina ligada aos espíritos adivinhos e à caça); ***Matamba*** (guerreira ligada ao fogo); ***Bambulusema*** – ligada aos fenômenos que provém do alto como ventos, raios; ***Bambulusema Nvula*** (chuva e raios); ***Kisimbi*** – divindade das águas doces e subterrâneas; ***Samba*** (rege as águas salgadas); ***Ndanda Lunda*** (principal divindade das águas doces e o brotar das raízes – é representada como a serpente de água); ***Kaiaia*** (=peixinho), ***Kaiala*** – vive no encontro das águas, habita as águas doces e salgadas; ***Kukueto*** – água salgada; **Samba Kalunga** – água salgada; ***Kisanga*** – enseadas e ligada ao nascimento de crianças; ***Nzumba*** – divindade madura ligada ao eclipse, rege as águas turvas; ***Vunji*** – deus da justiça, ligado ao nascimento de qualquer criança e não apenas de gêmeos; **Lemba** – deus da procriação; ***Lemba Ria nganga*** – guerreiro; ***Ngonga*** – responsável pela prosperidade e felicidade. A etnia *bantu*, deu origem ao Candomblé da Nação Angola-Congo.

nù lára ènià – s. Cerimônia do Candomblé que consiste na limpeza energética de ambiente, ou de pessoa; sacudimento. Lit.: *nù* (v. limpar) + *lára* (adj. material) + *ènià* (s. pessoa). V. *jànewé; kasípálara; ẹbọ*.

O

obì, ***kọ̀lá*** – s. fruto: noz de cola. *Cola acuminata*. Este fruto é considerado sagrado e utilizado largamente em diversos rituais de Candomblé e para consulta oracular. O *obì* representa a lealdade, a fidelidade entre os homens e entre estes e seus deuses. Mesmo fora da liturgia, tradicionalmente era usado para presentear pessoas como forma de demonstrar respeito e amizade. O uso litúrgico do *obì* se dá desde os ritos do nascimento de uma criança, até as cerimônias fúnebres. O *Obì* é altamente energético, possuindo enormes quantidades de tobromina e cafeína, sendo consumido também como alimento na África. Na farmacologia ioruba, a semente do *obì* é usada como estimulante digestivo, inibidor de apetite, tônico para o coração e afrodisíaco. O *Obì* é considerado um interdito para *Ṣàngó* e para as pessoas iniciadas a este *Òrìṣà*, pois esta divindade teria se enforcado em um pé desta árvore. A semente do *obì* pode apresentar-se de forma diferente, em relação às divisões naturais. Tipos de *obì*: ***obì gbànja*** (*obì* de dois gomos) – geralmente é mais utilizado para alimentação do que para a ritualística; ***obì àbàtà*** (*obì* avermelhado e que possui quatro gomos) – o mais utilizado no ritual, pois representa o equilíbrio; ***obì márún*** (*obì* de cinco gomos) – nunca se oferecem as cinco partes deste *obì* para a divindade, pois a quinta parte deve ser separada e oferecida para que as mulheres comam, fortalecendo o poder das "Senhoras dos Pássaros". ***Ọ̀fúwá*** significa "o quinhão que deve ser repartido para que os poderes sobrenaturais proporcionem alívio imediato"; ***obì ìwàrẹ̀fà*** (*obì* de seis gomos) – com este *obì*, se realizada grande preceito a *Ṣàngó* objetivando sua intervenção em casos de justiça, utilizando-se seis mulheres para oferecer uma das partes ao Deus do Trovão. Ìwàrẹ̀fà, é a designação do grupo de seis chefes na Sociedade *Ògbóni*; ***obì mẹ́rìnndílógún*** (*obì* de dezesseis gomos) – que não pode ser comercializado, pois este tipo de *obì* só pode ser dado.

odù – destino; caminhos; signos do Oráculo de *Ifá* retratados através de poemas; há 16 principais e cada um destes tem mais 16 *odù* menores, ou sub *odù*, totalizando 256 no sistema de *Ifá*; os 16 principais: *1º- èjì ogbè, 2º- ọ̀yẹ̀kú méjì, 3º- ìwòrì méjì; 4º- òdí méjì, 5º- ìròsùn méjì, 6º- ọ̀wọ́nrín méjì, 7º- ọ̀bàrà méjì, 8º- ọ̀kànràn méjì, 9º- ògúndá méjì, 10º- ọ̀sá méjì, 11º- ìká méjì, 12º- òtúrúpọ̀n méjì, 13º- òtùnwá méjì, 14º- ìrẹ̀tẹ̀ méjì, 15º- ọ̀sẹ́*

méjì, 16º- òfún méjì.

odùduwà, odùduà – s. divindade masculina que criou os seres vivos; primeiro rei de *Ifẹ̀*. É considerado como uma das qualidades de *Oṣàlúfọ́n* no Candomblé. *Odùdùwà* foi um grande herói mítico do povo *yorùbá*. Ele teria renunciado ao islamismo e migrado em fuga do extremo norte da África, liderando um grupo oriundo de Aksun, Meroé, Núbia e Meca, de onde seria o príncipe herdeiro, filho de *Lámúrúndù*. Quando chegou a Òkèora liderando os imigrantes, chamava-se *Olunwi*. Òkèora era, a esta altura, uma cidade decadente, guardando a remota lembrança do seu apogeu no comércio dos produtos da forja de ferro, nos idos de 450 AC. Conforme A.P. Dahoui, Olunwi prestou reverência ao rei, jurou-lhe obediência e presenteou-lhe com bens, gado e outras riquezas, selando assim seu pacto. Anos se passaram até que Òkèora entrou em colapso devido à seca. Com isso, Olunwi e Owere resolveram levar seu povo em busca de uma nova terra. Subiram do sudoeste em direção ao sul. Após longa peregrinação, travessias e perigos, resolveram se estabelecer em um local aprazível, em formato de vale, circundado por belos morros, revestidos das florestas equatoriais, de onde brotava água em abundância, justamente por quedar-se na confluência dos rios Níger e Benué. Era também um local estratégico, pois não ficava na rota das lutas tribais, nem era próximo demais dos belicosos *igbôs*, estes mais a leste do Níger. Depois de tantas dificuldades, *obatalá* teria escolhido o nome da terra onde ergueriam sua nova morada: *ilé nfẹ̀* (a morada permanente), donde veio a contração: *ilé ifẹ̀*, ou simplesmente *ifẹ̀*. Com a morte de Owere, Olunwi foi escolhido pelo conselho para sucedê-lo no comando de Ifẹ̀, mas não aceitou o título de *Ọbàtálá*, sendo apenas conhecido como *ọ̀ni* (Senhor, dono). Em razão da saga pela busca da nova terra, Ifẹ̀ ganhou a aura de "terra prometida", "cidade sagrada". E assim foi perpetuada sua fama. Olunwi, com o passar dos anos, mostrou-se um rei sábio e generoso. Evitou guerras, desenvolveu Ifẹ̀ e a fez crescer a custa de inúmeros acordos de paz que incorporavam aldeias e tribos, além de ajustes comerciais que deram pujança à cidade, fazendo-a prosperar. Por tudo isso, o Ọ̀ni de Ifẹ̀ passou a ser respeitosamente chamado de *Odùduwà*. O nome de *Odùduwà*, significaria "A Cabaça de Onde Jorrou Vida" (*odù* – pote + *du* – correr + *da* – criar + *wà* – existir), ou ainda "Aquele que Existe por si Mesmo" (*odù* – destino +

ti – do + *o* – ele + *dá* – que se faz sozinho + *wà* – existir), ambas em alusão a sua função divina enquanto criador da Terra.

Verger apresenta outra versão. Segundo ele, *Ọbàtálá*, rei dos igbôs, haveria lutado contra *Odùduwà*. E o segundo haveria ganhado a guerra, expulsando *Ọbàtálá* de *Òkèora* e vindo a assumir o trono.

Ọbàtálá teria então se refugiado em Ideta-Oko, onde manteve seu poder religioso, embora tivesse perdido seu domínio político. Mais tarde, *Ọbàtálá* teria se instalado em definitivo no seu templo situado na cidade de Ideta-Ilé. Enquanto isso, *Odùduwà*, sozinho, teria comandado a expedição que viria a fundar *Ilé Ifẹ̀*. Esta hipótese parece mais coerente e sincronizada com o mito da criação. Afinal, nesta versão há uma divergência entre os dois protagonistas (*Ọbàtálá* e *Odùduwà*). Observa-se também que *Odùduwà*, ao conduzir sozinho seu povo e fundar *Ifẹ̀*, "cria o mundo", enquanto *Ọbàtálá* exila-se e perde esta oportunidade. Assim, *Odùduwà* fica como o "criador do mundo" e *Ọbàtálá*, que já era rei e tinha seus súditos, figura no ìtàn como "o criador dos seres vivos".

A rivalidade entre *Ọbàtálá* e *Odùduwà* também é conservada no mito, bem como o risco que a mesma oferece "ao equilíbrio da vida". Vale dizer que em *Ilé Ifẹ̀*, os templos erguidos em louvor a *Ọbàtálá* e a *Odùduwà* são independentes e distantes um do outro. Cada qual fica em um bairro da cidade. Em *Ọ̀yọ́*, *Odùduwà* também é reverenciado como o fundador da dinastia dos reis *yorùbá*. Há registros de um templo erguido à *Odùduwà* em Djabata, próximo Savé, já em terras *fon*. Segundo Barreti Filho (http://aulobarretti.wordpress.com/revista-ebano-ile-ife/esposas-de-oduduwa/), *Òdùduwà* teria se casado várias vezes e os nomes de suas esposas seriam: *Olókun, Ọsàárá, Omìtótó-Ọ̀ṣẹ́, Ojùmmu-Yàndà, Lakanje* (mãe de *Ọ̀ránmíyàn*), *Ọmọnide, Ogunfunminire, Yèyémòólú* (a mais velha e reverenciada num poço do palácio do *ọ̀ni* de *Ifẹ̀*. Todos os reis da cidade, antes de assumirem o trono, se casam simbolicamente com ela, *Àtìbà* (sua estátua fica na entrada do Museu Nacional de *Ifẹ̀*) e *Ogido*. Há uma terrível confusão ao considerarem que *Odùduwà* era mulher e faria com *Ọbàtálá* o par mítico da criação. Em verdade esta subversão iniciou com o Padre Baudin e estendeu-se graças aos autores que o seguiram, ou copiaram. Este fato não corresponde a nenhum mito de origem ioruba. Possivelmente decorre de conclusões precipitadas do reverendo, ou da tentativa de

recontar os fatos pela ótica que permeava seu olhar cristão. Pierre Verger (*Orixás*, Currupio, 2002, 6ª edição, pág. 258) sentencia encerrando definitivamente a controvérsia:

"Precisamos falar aqui das extravagantes teorias do Padre Baudin e dos seus compiladores, encabeçados pelo Tenente-Coronel A. E. Ellis, sobre as relações existentes entre Ọbàtálá e Odùduà. Mal informado e dotado de uma imaginação fértil, o reverendo padre expôs no seu livro sobre as religiões de Porto Novo (que não é um país iorubá) informações erradas, às quais nos referimos nos capítulos sobre Xangô e Iemanjá.

O Padre Baudin feminiliza Odùduà para fazer dele a companheira de Ọbàtálá (ignorando que este papel era desempenhado por Yemowo). Fechou este casal Ọbàtálá-Odùduà (formado por dois machos) numa cabaça e construiu, partindo desta afirmação inexata, um sistema dualista, recuperado com proveito por posteriores estruturalistas, onde Ọbàtálá (macho) é tudo o que está em cima e Odùduà (pseudofêmea), tido o que está embaixo; Ọbàtálá é o espírito, Odùduà a matéria; Ọbàtálá é o firmamento e Odùduà é a terra."

E conclui ainda Verger:

"Lembremos que há, entretanto, um casal do qual faz parte Òrìṣàálá, mas sua mulher é Yemowo. Ela pode ser vista em forma de imagens, no ilésìn do templo de Ọbàtálá-Òrìṣàálá, em Ideta-Ilê, em Ilê Ifé. Estas mesmas divindades levam os nomes de Lisa e Mawu, adotados pelos fon. Elas são adoradas no templo do bairro Djena, em Abomey, e simbolizam: "Lisa, o princípio masculino, com o oriente, o dia e sol, e Mawu, o princípio feminino, com o ocidente, a noite e a lua". Mas, insistimos, eles correspondem ao casal Òrìṣàálá e Yemowo e não Ọbàtálá e Odùduà."

Há várias estátuas, bustos e homenagens ao grande patriarca dos iorubas. A principal delas fica na Praça Enuwa, em frente ao Palácio do rei, bem na Capital de *Ifẹ̀* (no atual Estado de *Ọ̀ṣùn*), onde pode ser vista nos dias de hoje. V. òrìṣà funfun; òṣàlá; *ọbàtálá*; *ifẹ̀*; *agẹmọ*.

òfófó – s. contador de histórias. São homens idosos, especializados em memorizar e transmitir a cultura e a filosofia do povo ioruba, através de contos (*ìtàn*). São respeitados por sua sabedoria, considerados como verdadeiras bibliotecas ágrafas, responsáveis por perpetuar as tradições

ancestrais, mantendo vivos seus costumes, valores e saberes. Mesmo que *griot*, para os *bantu*. V. *ìtàn*.

òfuurufú – s. ar; céu; firmamento. Considerado também como o sopro divino do Criador (*Ọlọ́run*). V. *ọlọ́run*; *afẹ́ẹ́fẹ́*; *ọ̀run*; *sánmọ̀*.

ògìyán – s. mesmo que *Òṣàgiyán*. V. *òṣàgiyán*.

ògún – s. *Òrìṣà* da guerra cultuado no Candomblé, originário da cidade ioruba de *Ìré* (V. *ìré*). Irmão mítico de *Èṣù* e *Ọdẹ*. **Elemento**: terra (onde se encontra o minério de ferro – sua matéria-prima) e também onde desenvolve sua regência. Os filhos de *Ògún* têm por hábito tocar a terra quando juram por sua divindade, pois é na terra que *Ògún* se escondeu quando se tornou deus, conforme reza o respectivo *ìtàn*. **Regência**: a forja de metais, a guerra, a agricultura e a caça. Considera-se que a tecnologia está entre suas regências, pois ele detinha o conhecimento da forja de instrumentos agrícolas e bélicos, o que representou grande avanço tecnológico à época. Atualmente, em terras *yorùbá*, *Ògún* é considerado como o patrono da internet e dos grandes inventos. **Saudações**: *Ògún yè*! ("*Ògún* é vida!"), *Pàtàkòrí*! ("O Importante!") e *Pàtàkòrí jẹ̀'sè jẹ̀'sè*! ("O Mais Importante neste banquete!" – saudação feita nas cerimônias de imolação a esta divindade); **Elementos Rituais**: *idà* ou *àdà* (espada, alfange); **Títulos**: *Aládá Méjì* (O Senhor das Duas Espadas), *Alágbẹ̀dẹ* (O Senhor dos Ferreiros), *Bàbá Irin* (O Pai dos Metais), *Ẹlẹ́mọ̀nà* (O Senhor da Direção (Caminho)), *Olóde* (O Senhor do Espaço Exterior), *Ọ̀ṣìnmalẹ̀* (Chefe das Divindades), *Asíwájú, Olùlọ́nà* (Aquele que Desbrava os Caminhos); **Qualidades**: *Lakàiyé*, *Méje*, *Meme*, *Oníré* (O Senhor de Ìré), *Wárí*, ou Àwárí, ou *Eware* (teria sido rei do Benin no século XV. Na liturgia, é companheiro de *Ọ̀ṣùn*, considerado perigoso e feiticeiro. Possui temperamento muito difícil e autoritário. Aprecia carne de marreco – em referência à sua ligação com *Ọ̀ṣùn*), *Ògúnjà* (costuma vestir-se com trajes brancos e apenas com detalhes em azul, fazendo referência à sua ligação com *Ògìyán*), *Oròminá*, *Ṣoròkè*, *Aláàkòró* (O Dono do *Àkòró* – capacete), *Mábẹ*, *Ikolá*, *Pọpọ*, dentre outras; **Cor**: azul caneta. V. *ìré; ògúnjà; àwọn omi òṣàlá;* Capítulo "Qualidades e Títulos".

ògbóni – s. sociedade secreta ioruba que tem na terra seu objeto de veneração. Os líderes desse grupo são: *Olúwo, Àpènà* e *Ìwàrẹ̀fà*.

ójà – s. planta africana utilizada medicinalmente.

òjìji, ìji, bòòji, ìbòji – s. sombra. Uma das quatro partes integrantes do ser humano, segundo a filosofia ioruba: ***orí*** (a cabeça), ***òjìji*** (sombra), ***ẹ̀mí*** (o hálito sagrado) e ***ẹlẹ́dá*** (Deus). A sombra é o reflexo da existência, é a imagem de quem se é. A sombra é a única parte etérea do indivíduo que pode ser vista. Só produz sombra o corpo que está em contato com a luz. Muitos trabalhos podem ser feitos na sombra de uma pessoa. Ela é uma dos elementos que compõem a pessoa humana, pois somente os vivos têm sombra. V. *orí; ẹ̀mi; ẹlẹ́dá*.

òjíṣẹ́ – **1**. s. mensageiro. Mesmo que *apínlẹ́tà*; **2**. s. um dos títulos do *Òrìṣà Èṣù*. V. *èṣù*.

ojú – **1**. s. olho; **2**. s. olheiro; pessoa de confiança; **3**. s. rosto. Conforme a filosofia ioruba, embebida na tradição oral e, portanto, repleta de metáforas e simbolismos, os olhos significam muito mais do que os órgãos da visão. Representam a compreensão, a sabedoria, a calma. *"Para o Candomblé, não se pode, ou melhor, não se deve entrar em um ambiente sem que seu olhar esteja manifestando calma. Um olhar calmo* é *o suficiente para enxergar as coisas com clareza e nitidez, isto é, sob todos os ângulos. A calma é parceira inseparável do silêncio"* (O que as Folhas Cantam, M.S. de Azevedo Santos e G. Domini, INCTI, 2014, Brasília).

ojúbọ – s. local de culto aos espíritos e divindades; altar; ambiente onde ficam os assentamentos e elementos rituais (*ìdí òrìṣà*); quarto de santo. V. *ìdí òrìṣà*.

òkè – **1**. s. divindade originária da cidade ioruba de *Abẹ́òkúta* que rege as montanhas. Seu culto não foi difundido no Brasil, por isso, este *Òrìṣà* não é cultuado no panteão do Candomblé. **2**. s. montanha; palavra usada na composição e palavras que designam algumas cidades iorubas. Ex.: *Òkè-àre, Òkè ìgẹ̀ti*. Como a cultura ioruba é repleta de simbolismos, os substantivos acabam, por vezes, ganhando significados metafóricos tornando-se adjetivos. Ex.: "*òkè àró*!": saudação a *Ọdẹ*: "Honrado das Alturas!.

oko – s. *Òrìṣà* patrono da agricultura originário de *Ìràwọ̀*; uma das qualidades de *Oṣàlúfọ̀n* no Candomblé. O culto a *oko* não sobreviveu no Brasil, razão pela qual esta divindade não compõe o panteão das deidades reverenciadas no Candomblé.

òkú ọ̀run – s. espíritos ancestrais.

òkúdù – s. silêncio. Nada é possível fazer sem a palavra. Entretanto, nesta cultura de ambiguidades, em confrontação a toda a importância da palavra (*ọ̀rọ̀*), existe a relevância do silêncio, chamado de *òkúdù*. O silêncio está presente em muitos e importantes momentos, situações e sentimentos relevantes para os iorubas. *Ìrònú*, o pensamento, a reflexão, a meditação, carecem do silêncio. A meditação não é praticada enquanto ritual específico. É considerada pela filosofia ioruba como um comportamento a ser buscado, não como um rito litúrgico, mas como um rito habitual. Um *ìtàn* do *Odù Éjì Onílẹ̀*, recomenda a prática da meditação ao dizer: *"Ọ̀rúnmìlà ensina que as coisas devem ser feitas pouco a pouco. Deve-se medir o comprimento e a largura. (...) É pedaço por pedaço que se come a cabeça do peixe. (...) Nenhum colar é tão longo quanto o colar que é usado pela divindade Yẹmidérégbẹ – aquela que atinge a sublimação através de uma respiração adequada"*. (Azevedo e Dominini, 2014).

Muitas vezes o perseverante (*àìrẹ̀wẹ̀sì*) se imbui do silêncio como companheiro. A piedade (*ìyọ́nú*) e o perdão (*fójì*), não raro, estão contidos no silêncio e não nas palavras. As principais virtudes buscadas pelos iorubas são: *ìbúra* (a promessa); *oore* (a bondade); *sùúrú* (a paciência), *ọ̀wọ̀* (o respeito), *òótọ́* (a verdade), *òdodo* (a justiça), *ìfẹ́ni* (a caridade), *èèwọ̀* (o tabu), *ìwà* (o caráter – resumo de todas as demais). Todas podem ser praticadas apenas e tão somente com o silêncio. O silêncio e a palavra coabitam no limite da sabedoria. São fronteiriços. Ambos importantes, pertinentes e necessários. Como dia e noite, se alternam, carecendo um do outro. Completam-se e se afastam como intangíveis auroras e crepúsculos em busca de equilíbrio. Entre o relacionamento da palavra e do silêncio, nasce *awo*, o segredo. V. *ọ̀rọ̀*.

òkúta, ọta – s. pedra. É o principal elemento para assentamento das divindades no Candomblé. A pedra representa a força, a perenidade, a resistência da energia dos deuses, a construção do destino. As pedras utilizadas para assentamento dos *Òrìṣà*, são geralmente de material bastante resistente e liso. Isto porque as pedras com tais características são mais fortes e duradouras e já foram lapidadas pela ação do tempo, como se deseja a vida do adepto. V. *ìdí òrìṣà*.

olóbi – s. placenta. Conforme a mitologia ioruba, a placenta (*olóbi*) é impregnada pelas últimas lembranças do espírito que escolhera seu destino,

antes de nascer. Enterrar a placenta na terra é solidificar as escolhas feitas antes de nascer, para que se cumpram durante sua permanência no mundo. V. *ìkómọjáde*.

olódúmarè, ***elédùmarè*** – s. Deus Supremo; o Criador. Mesmo que *Ọlọ́run*. V. *ọlọ́run*.

olófin – **1**. s. juiz. Mesmo que *adájọ́*, *onídájọ́* e *alága*; **2**. s. um dos títulos de *Ọlọ́run*: "O Grande Juiz". V. *ọlọ́run*.

olókun – **1**. s. divindade feminina dos mares e dos oceanos; mãe mítica de *Yemọja*, Àyè e *Ajé Ṣàlúgà*; **2**. s. considerada como uma das qualidades de *Yemọja* no Candomblé.

olómùsó – s. divindade que tem o poder de prender os *àbíkú* no mundo dos vivos. Os rituais dedicados a esta divindade para evitar a morte de um *àbíkú*, em geral são feitos ao pé de um pé de *Ìrókò*. Mesmo que *Aláragbó*. Lit.: *oló* (pref. senhor) + *mùsó* (s. espíritos); ou *alá* (pref. possuidor do poder) + *ra* (v. amarrar) + *agbó* (s. aquele que envelhece). V. *mùsó; àbíkù; ìrókó*.

olórìṣà – s. pessoa na qual o Òrìṣà se manifesta; médium de incorporação do Òrìṣà; mesmo que *ẹlẹ́gùn*. V. *ẹlẹ́gùn*.

olọ̀nà – s. um dos títulos do *Òrìṣà Èṣù*: O Dono do Caminho. V. *èṣù*.

olúbájẹ – **1**. s. cerimônia ritual de Candomblé feita em homenagem a *Ọmọlu* e *Ọbalúwáiyé*; **2**. s. banquete com uma autoridade. Lit.: *olú* (s. senhor) + *gbà* (v. receber) + *jẹ* (v. comer); V. *sàráà*; *ọmọlu*.

olukumy, ***lucumy*** – s. formas de designar a etnia nàgó, ou *yorùbá*. *"Um outro termo que também foi utilizado para designar os iorubá durante a diáspora foi 'Olukumi', que apareceu frequentemente nos escritos europeus do século XVIII e do início do XIX (...) Este termo, que após sofrer variações virou 'Ulcumy', 'Lucumy', refere-se ao mesmo grupo de pessoas que agora chamamos de iorubá."* (Adediran, 1984:60-1). V. *nàgó*; *yorùbá*.

olúwo, ***bàbáláwo*** – s. sacerdote do culto a *Ifá*, olhador, consultor do Oráculo de *Ifá*. V. *ifá*.

omi – s. água. Elemento feminino que representa a vida e a fecundidade. Um dos quatro elementos primordiais da natureza: ***omi*** (água), ***iná*** (fogo), ***afẹ́ẹ́fẹ́*** (ar) e ***ilẹ̀***, ou ***igbó*** (terra). A água, embora sutil, demonstra

perseverança e poder, através dos rios e mares. A placidez dos lagos e lagoas, proporciona serenidade e abastece os seres vivos do essencial. A água está presente em todos os ritos do Candomblé, dos iniciáticos, aos fúnebres. Quando um adepto morre, o primeiro ato é derramar a água contida nas quartinhas de seus elementos de culto, demonstrando que a vida se foi. A água está presente no corpo humano, compondo cerca de 70% do mesmo. Para equilibrar sua temperatura, o ser humano bebe água e transpira água. Sem ingerir água, o homem morre. Os *Òrìṣà* ligados ao elemento água, são: *Yemọja*, *Yẹwà*, *Ọ̀ṣùn*, *Ọbà*, *Lógun* (terra e água), *Ọ̀ṣùmàrè* (terra e água) e *Òṣàlá* (água e ar). V. Capítulo "Divindades e Espíritos Ancestrais"; "Elementos da Natureza".

omi ẹ̀rọ̀ – **1**. s. água da torneira; **2**. s. líquido extraído do caracol (hemolinfa) durante o sacrifício ritual. Mesmo que *ẹ̀jẹ̀ ìgbín*; **3**. s. líquido produzido pela mistura de temperos e elementos rituais durante certas liturgias de Candomblé; **4**. s. líquido extraído do *ìgbín* para rituais. V. *ẹ̀jẹ̀; ẹ̀jẹ̀ funfun*.

omi èsokéso – s. sumo de frutas usado em tratamentos medicamentosos ioruba.

òmòlòkún – s. comida litúrgica utilizada em rituais de Candomblé oferecida aos *Òrìṣà Ọ̀ṣùn* e *Yẹwà*, feita à base de feijão-fradinho cozido e refogado com cebola ralada, camarão seco socado e azeite de dendê, consistindo no prato predileto do *Òrìṣà Ọ̀ṣùn*. V. *ọ̀ṣùn; yẹwà*.

oníbodè – **1**. s. porteiro; **2**. s. guardião mítico do pórtico do céu.

onílẹ̀, ***alálẹ̀*** – s. divindade feminina que rege o solo, a face da Terra. *Onílẹ̀* é uma importante deidade cultuada no Candomblé, pois é sobre o solo (que pertence a *Onílẹ̀*), que os homens realizam seu destino, plantam e colhem seus alimentos, erguem suas casas e criam seus filhos. A terra sustenta os seres. Contudo, não há iniciação no Brasil para esta divindade.

onísègùn – **1**. s. médico. Atualmente utiliza-se o vocábulo *dókítà* (do inglês *doctor*), com o mesmo sentido. Sinônimo de *elégbògi* e *oníwọ̀sàn*; **2**. s. um dos títulos de *Ọ̀sányìn*: O Grande Médico. V. *ọ̀sányìn*; **3**. s. cargo ritual utilizado na Casa de Oxumarê (Salvador-BA), ligado ao culto a *Ọ̀sányìn*, cuja atribuição é preparar as infusões e unguentos.

oníbodè – **1**. s. porteiro; **2**. s. guardião mítico do pórtico do céu; **3**. alfândega, fronteira; **3**. s. cargo utilizado na Casa de Oxumarê (Salvador-BA), cuja função é zelar pelo patrimônio material e imaterial do terreiro,

bem como guardar as chaves. V. *ojúbodé*.

onílẹ̀ – divindade que rege o solo, a face da Terra; dono ou senhor da terra.

oníṣègùn – médico; curandeiro; um dos títulos de *Ọ̀sányìn*.

onjẹ, ***ounjẹ*** – s. comida; alimento, refeição. V. *àsè*.

onjẹ bílé, ***onjẹ gbígbẹ*** – s. comida seca. Designação genérica das comidas litúrgicas (cruas ou cozidas) sem a realização de sacrifícios animais, utilizadas em rituais de Candomblé oferecidas a diversas divindades. Resume todo alimento que provém da terra: grãos, frutas, legumes.

orí – **1**. s. cabeça; **2**. s. divindade que rege a condução do homem pelo seu destino. *Orí òde*: cabeça material, caixa craniana. ***Orí inú*** (cabeça espiritual, essência do homem). Uma das quatro partes integrantes do ser humano, segundo a filosofia ioruba: ***orí*** (a cabeça), ***òjìji*** (sombra), ***ẹ̀mí*** (o hálito sagrado) e ***ẹlẹ́dá*** (Deus). *Orí* é uma divindade independente dos *Òrìṣà* e subjetiva a cada indivíduo. *Orí* recebe diversos cultos no Candomblé, denominados *bọrí*. Dentro do *orí*, existe um registro de todas as emoções e experiências ancestrais, denominado ìpọ̀rí. Independentemente do *Òrìṣà* da pessoa, *Yemọja* é considerada como mãe de todas as cabeças (*Ìyá Orí*), conforme fundamenta um *ìtàn*, pois ela rege a sanidade mental. V. *orí; ìpọ̀rí*.

oríkì – **1**. s. título; nome; **2**. s. louvações; relato de fatos religiosos; acontecimentos; histórias. Como a cultura ioruba é oral, a palavra tem grande poder não apenas filosófico, como religioso. A transmissão de sua ancestralidade é feita basicamente através dos ***ìtàn*** (parábolas), dos ***òwe*** (provérbios), dos ***oríkì*** (louvações) e ***ẹsẹ*** (poemas de *Ifá*). Todas estas formas de expressão são lúdicas e repletas de metáforas. Não há cerimônia litúrgica para a declamação das parábolas, dos provérbios, nem dos poemas de *Ifá*. Contudo, o momento em que são ditos, é revestido de contrição e respeito. Sempre é alguém mais velho e sábio, que narra estas expressões milenares aos ouvintes. Até hoje nos Candomblés, mantém-se a importância dessas manifestações tradicionais da oralidade.

orin – **1**. s. cântico; **2**. s. cântico sagrado utilizado nos ritos de Candomblé. Os cânticos são entoados por alguém respeitável na comunidade (geralmente um *ọ̀gá*). Existe um protocolo ritual para os *orin*: aquele que os entoa, primeiro canta sozinho e sem o acompanhamento do atabaque. Em seguida, a comunidade repete o mesmo cântico, já com a percussão. Os

cânticos estão presentes em praticamente todos os ritos do Candomblé. V. *ògá*.

òrìṣà – s. deuses africanos da etnia ioruba; energias do universo que estão presentes nos sentimentos, emoções, elementos e fenômenos da natureza. O culto a estas divindades objetiva equilibrar tais energias dentro do ser humano e em torno dele. São considerados miticamente como ancestrais iorubanos deificados, que atuam como intermediários entre os homens e o Criador (*Ọlọ́run*). Mesmo que *ẹlẹ́dá* e *ẹbọra*. V. *ọlọ́run*; *irúnmọlẹ̀*; *ẹlẹ́dá*; *ẹbọra*.

òrìṣà funfun – s. *Òrìṣà* primordiais, ou seja, existentes antes da criação do mundo. Lit.: *òrìṣà* (s. divindade) + *funfun* (adj. branco): Divindades do Branco. Dentre eles, temos *Ọṣàlúfọ̀n, Ọbàtálá, Òṣàlá, Odùduwà, Òṣapópò, Òṣàgiyán* e *Ọbàlùfọ̀n*. Este último, contudo, segundo alguns autores, estaria fora do rol das divindades primordiais. A ele seria atribuída a arte da tecelagem. A cor branca está relacionada à criação, pois este matiz conserva a essência de todas as outras, bem como simboliza o início e o fim de todas as coisas. Originalmente na África, conta-se que os *Òrìṣà funfun* eram, ao todo, cerca de 154. Não se deve confundir os *Òrìṣà funfun* (ou primordiais – citados acima), com os *Òrìṣà Aṣọ Funfun* (os que se vestem com roupas brancas, mas que não foram primordiais – como *Jagun*, *Ọya Ìgbálẹ̀*, etc.).

òrìṣànlá, òòṣànlá – s. um dos títulos de *Ọbàtálá*: "O Grande *Òrìṣà*". Forma completa da palavra *Òṣàlá* (nome do *Òrìṣà* patriarca do panteão do Candomblé). Lit.: *òrìṣà* (s. divindade) + *nlá* (adj. grande).

orò – **1**. s. designação genérica de qualquer ritual de Candomblé; tarefa realizada durante as obrigações rituais; função ritual de Candomblé; cerimônia. **2**. s. divindade ioruba celebrada nas florestas, cujo culto é vedado às mulheres. O sacerdote deste culto é denominado *abẹrẹ*; **3**. s. ritual, costume, tradição. Mesmo que àṣà (tradição). Calcado na oralidade, o Candomblé se desenvolve enquanto religião brasileira, de Matriz Africana, ultrapassando os séculos com resistência, persistência e tradição. Sem um sacerdote supremo, nem dotado de um livro sagrado, diferentemente de outras matrizes religiosas, o Candomblé se estrutura na sabedoria dos mais velhos, na experiência e nos saberes ancestrais. Em nossa religião, ninguém inventa nada. Daí surge a força do *"orò*" (tradição,

rito). No Candomblé, nosso norte é balizado pela tradição. Temos orgulho em reproduzir, secularmente, práticas, liturgias e rituais, com base no que nossos ancestrais nos ensinaram, com base no que os ancestrais destes trouxeram na diáspora africana. Por mais que nossos deuses tenham passado por releituras no solo brasileiro, por mais que o sincretismo tenha dado novos matizes aos *Òrìṣa*, o Candomblé enquanto religião consolidada, constituiu suas próprias tradições. Há pouco e pouco, como o desenvolvimento de uma árvore mãe (*igi àgbà*), antigos Calundus se formaram em Candomblés e estes em Casas Matrizes, das quais galhos frondosos e frutíferos se estendem por todo território nacional. Cada uma dessas chamadas Casas Matrizes, gerou centenas de novos terreiros, nos quais milhares de candomblecistas foram iniciados, tomaram suas obrigações e estão se preparando para dar continuidade à nossa religião. Por isso, torna-se enorme a responsabilidade da geração presente, que prepara o legado que será deixado para o Candomblé. Logo, o fortalecimento das tradições, o resgate dos costumes, e a valorização dos saberes ancestrais, são fundamentais. A tradição não deve ser entendida como verdade absoluta, não com um engessamento incapaz de compreender os novos contornos do mundo, mas respeitando o poder e o valor do "*orò*". Cabe o provérbio (*òwe*): ***"Agbasà ni bàbá òkúta"*** *(A rocha é o pai da pedra)*. O Candomblé não nos pertence. Nós é que pertencemos a Ele.

orógbó – s. *orobô*. *Garcinia kola*. A semente do *orógbó* é um símbolo de longevidade, de determinação e de força contra as negatividades. Por isso é usada nos assentamentos de todos os *Òrìṣà* e em especial nos ritos ligados a *Ṣàngó*. É também utilizada para consulta como oráculo. O mito do *Odù Òdí Méjì* conta que o orobozeiro foi a primeira das sete árvores nas quais as mães feiticeiras (*Ìyámi Òṣòròngà*) pousaram em forma de pássaros negros. Contudo, não permaneceram ali porque a árvore as repeliu. Possui propriedades curativas no combate à bronquite. No culto aos ancestrais, a semente do *orobô* simboliza a descendência que não se acaba. Esta semente é relacionada com a vida e com a morte. Eis um ***oríkì*** (louvação) ao *orógbó*: ***"Bàbá orógbó, bàbá orógbó, bàbá ojú gbó, bàbá àjà nà gbò tì jẹ́ tì jẹ́, adífá fún igún ọmọ àlá rán bá wọn gbó fon. Orógbó kan gé ré. Orógbó kan gé ré níjẹ́. Àlá rán bá wọn gbó fon. Orógbó ọmọ lò jọ̀ gbó lọ́rọ̀. La kọ́ lá gbó orógbó. Lá kọ́ lá kọ́ lá bẹ̀ ẹ̀kún. Olódúmarè máa jẹ́ àṣẹ***

òkú láyè.” – *“Pai orobô, Pai orobô, Pai que dá maturidade aos olhos, Pai que encoraja a ganhar as lutas e castiga quem gosta de ferir pessoas as humilhando, que deixa os filhos do abutre sob os cuidados dos sacerdotes de Ifá para que os ancestrais enviem sonhos que façam encontrar com quem está separado. Orobô solta a casca quando é cortada e seu amargor é de surpreender. Orobô amarga quando é cortada sua casca. Orobô solta a casca quando é cortada e seu amargor é de surpreender. Orobô amarga quando é cortada sua casca. Envia sonhos para que os filhos dos ancestrais possam encontrar-se com quem está separado. Orobô ensina os filhos a fazerem uso do ato de pedir perdão para que fiquem ricos e saudáveis. Orobô ensina a ser purificado e amadurecido. Ensina a ser purificado, ensina a ser purificado, para suplicar abundância e plenitude. Com o poder de Olódúmarè, tanto o vivo quanto o morto sempre ganha.”* V. *odù; ìyámi òṣòròngà; ṣàngó*.

òròmbó – s. planta africana utilizada medicinalmente. CITRUS spp., *Rutaceae*.

orúkọ – **1**. s. nome; **2**. s. nome pronunciado pelo *Òrìṣà* na cerimônia pública do processo de iniciação. Com base na cultura oral, através da qual a palavra exerce um poder divino, o nome dado a alguém adquire força cósmica. Todas as vezes em que um nome é pronunciado, se fortalece a capacidade de realização daquele ser. Por isso, a escolha do nome é revestida de inúmeros preceitos e ritos. Quando a criança nasce, no ritual do batismo (*ìkómọjáde*), o Olhador verifica a origem daquele espírito e o destino que terá na Terra. Daí, seu nome é escolhido conforme estas características, objetivando-se potencializar e favorecer seu futuro. A iniciação no Candomblé propõe um renascimento mítico. A partir de então ganhará outro nome. Este, diretamente ligado ao seu *Òrìṣà* e à sua missão religiosa. Este novo nome é pronunciado pela própria divindade no rito denominado *dárúks*. V. *ìbẹ̀rẹ̀; ìkómọjáde; dárúkọ; ìsọmọlórúkọ; ìpìtàn*.

òsì – **1**. adj. esquerdo, lado esquerdo. *Ọ̀tún* = direito; **2**. s. baço; **3**. s. cargo no Candomblé cuja atribuição é funcionar como 2º auxiliar ou 2º substituto direto do sacerdote. V. *apá òsì; ọ̀tún*.

osùn – s. pó vermelho utilizado em diversos rituais de Candomblé, produzido a partir da árvore denominada *ìròsùn* (*Baphia Nitida-Papilonaceae*). O *osùn* é considerado como um dos tipos de sangue

vermelho existentes na natureza. Os iniciados no Candomblé têm seu corpo pintado com *osùn*, *efun* e *wájì*, que representam as três cores primordiais: vermelho, branco e preto, respectivamente. V. *ìròsùn; èjè pupa*.

òṣàgiyán, ògìyán – s. *Òrìṣà* masculino e guerreiro, regente das batalhas apaziguadoras, conhecido como o comedor de inhame pilado, cuja origem é a cidade ioruba de *Èjìgbò* (V. *èjìgbò*). É considerado como uma das qualidades *Òṣàlá* no Candomblé, representando a energia jovem deste *Òrìṣà*. **Elemento**: ar e água; **Regência**: rege as guerras contra o mal, a vitória do bem; **Saudações**: *Eèpàà*! (Saudamos!); **Elementos Rituais**: *ọmọ odó* (mão de pilão) e *idà* (alfange); **Títulos**: *Eléjìgbò* (Rei de *Èjìgbò*); **Qualidades:** *Ajàgunà*, *Dankò* ou *Dakò*, *Akinjolé*, *Bàbáelétekò*, *Ẹlẹ́mọ̀ṣọ́*, *Bàbá Àjàlé*, entre outras; **Cor**: branco com detalhes em azul.

òṣàlá – s. *Òrìṣà* patriarca do panteão do Candomblé. É o mais velho *Òrìs*. masculino. Denominação genérica usada para todos os *Òrìsculino*. (V. *òrìṣà funfun*) no Brasil. Seu nome é a forma reduzida de *Òrìo Bras* (*Òòìo Br*). Todos os *ÒrìTo* primordiais, ou seja, existentes antes da criação do mundo, são denominados como *Òrìstentes* a (divindades do branco). Dentre eles, temos *O* (divindades do branco). Dentre eles, temos nominados e *Ọe ivinda*. Este último, contudo, segundo alguns autores, estaria fora do rol das divindades primordiais. A ele seria atribuída a arte da tecelagem. Não se sabe ao certo se são diversas denominações do mesmo deus, ou se são diferentes membros de um mesmo remoto panteão de divindades de uma região africana. Assim, os nomes e os títulos destes deuses se confundem como formas de se referir, vez por outra, ao mesmo *Òrìmo*. Mas no Brasil, todos estes são considerados genericamente como *Ò Mas*, ou no mínimo, como qualidades deste. Portanto, ao falarmos de *Ò ou*, entendemos que nos referimos a um *Òrìnt* que tem várias qualidades, dentre as quais se incluem O que tem, *Ọbàtálá*, e *Ò Ọbàtál*, por exemplo. *Ọor exe*, portanto, não pode ser considerado como qualidade de *Ò por*, face à sua supremacia. Frise-se que no Candomblé não há culto, ritos específicos, nem iniciação para *Ọ face*. Considera-se que os *Òrìon* são seus intermediários. *Ọsão se* e *Odùduwà* são os protagonistas da fundação de *Ifẹ̀*, a cidade considerada a origem do mundo conforme a cultura ioruba. Já o culto a *O a cidad*, tem origem na cidade de *Iftem*. Ifá (oráculo considerado como divindade) e *Ọoráculo* (*Òrìrá* conhecedor do destino de todas as pessoas), são também

deuses funfun e para algumas raízes de Candomblé são considerados como qualidades de *Òe Ca*. Todavia, o melhor entendimento é no sentido de compreendê-los como divindades distintas de *Ò Tod*, apesar de também serem primordiais. V. *o apesar de também serem primordiais*. V. *tido de compreendê-los c*; Capítulo "Qualidades e Títulos dos *Òrìap*".

òṣàlá – s. *Òrìṣà* patriarca do panteão do Candomblé. É o mais velho *Òrìṣà* masculino. Denominação genérica usada para todos os *Òrìṣà funfun* (V. *òrìṣà funfun*) no Brasil. Seu nome é a forma reduzida de *Òrìṣànlá* (*Òòṣànlá*). Todos os *Òrìṣà* primordiais, ou seja: existentes antes da criação do mundo, são denominados como *Òrìṣà funfun* (divindades do branco). Dentre eles, temos *Oṣàlúfọ́n, Ọbàtálá, Òṣàlá, Odùduwà, Òṣapópò, Òṣàgiyán* e *Ọbàlùfọ̀n*. Este último, contudo, segundo alguns autores, estaria fora do rol das divindades primordiais. A ele seria atribuída a arte da tecelagem. Não se sabe ao certo se são diversas denominações do mesmo deus, ou se são diferentes membros de um mesmo remoto panteão de divindades de uma região africana. Assim, os nomes e os títulos destes deuses se confundem, como formas de se referir, vez por outra, ao mesmo *Òrìṣà*. Mas no Brasil, todos estes são considerados genericamente como *Òṣàlá*, ou no mínimo, como qualidades deste. Portanto, ao falarmos de *Òṣàlá*, entendemos que nos referimos a um *Òrìṣà* que tem várias qualidades, dentre as quais se incluem *Oṣàlúfọ́n, Ọbàtálá,* e *Òṣàgiyán*, por exemplo. *Ọlọ́run*, portanto, não pode ser considerado como qualidade de *Òṣàlá*, face à sua supremacia. Frise-se que no Candomblé não há culto, ritos específicos, nem iniciação para *Ọlọ́run*. Considera-se que os *Òrìṣà* são seus intermediários. *Ọbàtálá* e *Odùduwà* são os protagonistas da fundação de *Ifẹ̀*, a cidade considerada a origem do mundo conforme a cultura ioruba. Já o culto a *Oṣàlúfọ́n*, tem origem na cidade de *Ifọ́n*. *Ifá* (oráculo considerado como divindade) e *Ọ̀rúnmìlà* (*Òrìṣà* conhecedor do destino de todas as pessoas), são também deuses *funfun* e para algumas Raízes de Candomblé são considerados como qualidades de *Òṣàlá*. Todavia, o melhor entendimento é no sentido de compreendê-los como divindades distintas de *Òṣàlá*, apesar de também serem primordiais. V. *oṣàlúfọ́n; òṣàgiyán; òrìṣàfunfun; ọbàtálá; odùduwà; ifá; ọlọ́run*; Capítulo "Qualidades e Títulos dos *Òrìṣà*".

oṣàlúfọ́n – s. uma das qualidades de *Ò– s*. no Candomblé que representa sua

energia enquanto ancião. Originário da cidade *yorùbá* de *Ife b*. **Elemento**: ar e água; **Regência**: regente do início e do final de todos os ciclos e também da sabedoria. Rege o dia, a partir do nascer do sol, enquanto a noite, é regida pelas *Ìyámi*; **Saudações**: *Eèpàà Bàbá*! (Saudamos o Pai!); só para *O* (*Saudamo*: *Ẹ Saudamo* (Obrigado!); **Elemento Ritual**: *ọèmento* (V. *ọ̀ . nto*); **Títulos**: *Ọ tuloso* (Rei dos *Ìgbo*); **Qualidades**: *Ajàlá* ou *Àjàlé, Aláàáláli*!; só para a ou *Alámòrere*, *Léjúgb* ou *Ìjùgbrere, Léjúgb*) só para al de todos os ciclos e também da sabedoria. Rege o dia, a partir do nascer do sol, enquanto a noite, entre outras; **Cor**: branco. V. *ò branco*. V. s; b) só para al de todos os ciclos e também da sabedoria. Rege.

oṣàlúfọ́n – s. uma das qualidades de *Òṣàlá* no Candomblé que representa sua energia enquanto ancião. Originário da cidade yorùbá de *Ifọ́n*. **Elemento**: ar e água; **Regência**: regente do início e do final de todos os ciclos e também da sabedoria. Rege o dia, a partir do nascer do sol, enquanto a noite, é regida pelas *Ìyámi*; **Saudações**: *EèpààBàbá*! (Saudamos o Pai!); só para *Oṣàlúfọ́n*: *Ẹ ṣe é o*! (Obrigado!); **Elemento Ritual**: *ọ̀páṣóró* (V. *ọ̀páṣóró*); Títulos: *Ọba Ìgbo* (Rei dos *Ìgbo*); **Qualidades**: *Ajàlá* ou *Àjàlé, Aláàáláṣẹ, Alámòn Rere* ou *Alámòrere, Léjúgbè* ou *Ìjùgbè, Òṣàfuru, Ọbalubẹ, Akajapriku, Òṣàìgbọ̀, ỌbaÌgbó, Ọbàlùfọ̀n, Òṣàbọlá, Ọlọfun, Ijaiye, Inifunkẹ́, Ìnkálẹbàbá, Bàbábúrukan*, entre outras; **Cor**: branco. V. *òṣàlá; òṣàgiyán; òrìṣàfunfun; ọbàtálá; odùduwà; òrìṣànlá; ifá; ọlọ́run; ifọ́n*.

oṣé – s. machado de dois gumes utilizado como ferramenta ritual de *Ṣàngó*. É um símbolo de justiça, pois corta indistintamente para os dois lados, assim como a justiça bem feita, que não deve tender apenas para uma posição. V. *ṣàngó*.

òṣù – s. elemento utilizado no ritual de iniciação no Candomblé, constituído por uma pequena massa feita por diversos elementos rituais, disposta em formato cônico, colocada no alto da cabeça dos neófitos durante o ritual de iniciação no Candomblé. Serve para representar a crista da galinha-d ´angola (animal símbolo do iniciado no Candomblé). O iniciado no Candomblé que usou o ò´a na cabeça passa a ser considerado como um *adóss* e tem seu corpo transformado em um altar vivo da divindade. Após a morte do iniciado, o *òe* deve ser simbolicamente retirado, no ritual de *áṣéṣé*. V. *adóṣù; ìyàwó; áṣéṣé*.

òṣùmàrè – **1.** s. *Òṣùmàrè* é um *Òrìṣà* ioruba, que tem sua origem no Vodun *Dan*, divindade da etnia *fon* (jêje) cujo culto surgiu na cidade de Mahi, localidade do antigo reino do Daomé. Dan era intitulado como "*Gbèsèn*", do *fongbè*: *gbè* (s. vida, princípio vital), *sèn* (v. cultuar). No Candomblé é comum a fusão das identidades de *Dan*, *Gbèsèn* e Òṣùmàrè, como sendo a mesma divindade, ou qualidades de um mesmo deus. Todavia, tem-se que *Dan* é uma divindade fon (Vodun); *Òṣùmàrè* é uma divindade ioruba (*Òrìṣà*) – cujo culto remonta os ritos a *Dan*; e *Gbèsèn* era um título dado a Dan (do *fongbè*: *Gbè*, princípio vital; *Sèn*, cultuar). O culto a *Òṣùmàrè* foi introduzido nas terras *yorùbá* quando o Rei *Ṣàpọ̀nà* tomou *Savalu* e expulsou *Boku* e inúmeros sacerdotes que se refugiaram na cidade de *Ọ̀yọ́*, fazendo surgir divindade equivalente a *Dan* denominada *Òṣùmàrè*. O culto a *Òṣùmàrè* foi bem simplificado ao que era no tocante a *Dan* nas terras fon. Na versão *yorùbá*, Òṣùmàrè acabou sendo fundido com a Vodun feminina *Frèkèn* e ganhando assim uma expressão masculina (*Gbèsèn*) e uma expressão feminina (*Frèkuèn*). Portanto, no Candomblé, embora seja compreendido como uma divindade masculina, *Òṣùmàrè* encerra em si uma energia masculina e outra feminina; **2.** s. arco-íris. **Elemento**: ar e água; **Regência**: rege as mudanças, as transformações, as renovações. *Òṣùmàrè* rege o dinheiro, rege também a interligação entre o céu e a terra através de seu maior símbolo e seu próprio significado: o arco-íris; **Saudação**: *Ahògbógbóyi!* (Do idioma *fogbè*: "*Axògbógbóyi* – "Saudamos o Grandioso Rei da Terra!" (em *fongbè*: *axò* (abrev. de *axòsù*, rei – tendo o "x" "pronúncia de "rr") + *gbógbó* (grandioso) + *ayi* (terra). Ou *Ahò!* ("Rei!"); **Elemento Ritual**: *dan* (uma serpente de metal portada nas mãos da divindade); **Títulos**: não se conhece títulos distintivos desta divindade; **Qualidades**: *Aidowedo, Akotukuen, Araká, Besẹn* (representa a expressão masculina deste *Òrìṣà*). V. *Besẹn, Frèkuèn* (representa a expressão feminina deste *Òrìṣà*). V. *Frèkuèn, Danjiku, Danvisile, Dangbè, Dangbala, Bafono* ou *Bafonodan, Kaforidan, Akolo, Ahunbetá, Sogbò* (V. *Sogbò*), *Sogboadan*; **Cores**: veste-se com cores variadas (expressão do arco-íris). Seus fios de conta são verde rajado de amarelo (*Besẹn*), amarelo rajado de verde (*Frèkuèn*), ou amarelo rajado de preto. V. *vodun; dan; àjèjì; ji; mahi*.

òṣùpá – s. lua; a divindade da lua. **Luar**, brilho da lua: *ìmọ́lẹ̀ òṣùpá*. **Lua**

Nova: *ìwọ̀ọ̀kùn*, ou *òṣùpá tútù*; **Lua Cheia**: *òṣùpá kíkún*; **Lua Minguante**: *òṣùpá rẹ̀wẹ̀sì*, ou *ìdámẹ́rin rẹ̀wẹ̀sì;* **Lua Crescente**: *òṣùpá nídàgbà*, ou *ìdámẹ́rin nídàgbà*. V. Capítulo "Fases da Lua".

òwe – s. provérbio; parábola; dito popular. Como a cultura ioruba é oral, a palavra tem grande poder não apenas filosófico como também religioso. A transmissão de sua ancestralidade é feita basicamente através dos ***ìtàn*** (parábolas), dos ***òwe*** (provérbios) e ***ẹsẹ*** (poemas de *Ifá*). Todas estas formas de expressão são lúdicas e repletas de metáforas. Não há cerimônia litúrgica para a declamação das parábolas, dos provérbios, nem dos poemas de *Ifá*. Contudo, o momento em que são ditos, é revestido de contrição e respeito. Sempre é alguém mais velho e sábio, que narra estas expressões milenares aos ouvintes. Até hoje nos Candomblés mantém-se a importância dessas manifestações tradicionais da oralidade.

owó, ajé – s. dinheiro. O dinheiro não deve ser a única finalidade dos ritos, nem por parte do sacerdote, nem por parte do consulente. Mas a energia que este elemento possui é de extrema importância. O dinheiro é visto como uma ferramenta, a qual deve ser positivamente utilizada para construir, realizar, e não subsidiar caprichos, desmandos. Mal utilizado, o dinheiro escraviza, corrói e destrói. "Na relação entre consulente e sacerdote, o dinheiro deve existir. Ele significa o sacrifício, a oferenda, a contribuição, a manutenção e a valorização. Enquanto intermediário das mensagens oraculares entre os demais *Òrìṣà* e os humanos, *Èṣù* apoia ou pune aqueles que atendem às predições do oráculo. Daí o provérbio: "*Ẹni ó rúbọ l´Èṣù gbè*" (*Èṣù* apoia somente aqueles que ofereceram o sacrifício). A consulta aos oráculos e a realização de *ẹbọ*, é geralmente cobrada pelo sacerdote. Esta prática já existia na África. O provérbio "*A kì ndífá kámá yan ẹbọ*" (Ninguém consulta *Ifá* sem ter de fazer uma oferenda) é utilizado para tal justificativa. Contudo, este ditado tem sentido bem mais amplo. Ou seja, sua intenção é mostrar aos consulentes que o oráculo não deve ser provocado por mera curiosidade, ou leviandade. Quem recorrer ao oráculo, deve estar disposto a se sacrificar. Neste aspecto, o sacrifício tem sentido latu. Sacrificar-se significa abrir mão de certas atitudes, esforçar-se em prol de alguém ou de algo, respeitar algum tabu, etc. Não necessariamente retribuir com pagamento em dinheiro. Embora tal atitude, muitas vezes, seja mais prática e descomprometida, tanto para o consultor, quanto para o

consulente." (***Márcio de Jagun, "Odù: Os Yorùbá e o Destino", Instituto Ori, 2014, RJ***). V. *ẹbọ; ifá; èṣù; òrìṣà*.

oyin – s. mel.

òyìbó, òyinbó, òìbó – s. o homem branco; designação étnica dada aos europeus e a tudo que diga respeito à sua cultura;. V. *funfun*.

ọbà – **1**. s. nome de um rio do Sudoeste da África que corta a cidade de Ọyọ́ e se encontra com o rio Ọ̀ṣùn; **2**. s. *Òrìṣà* feminina, 3ª esposa de *Ṣàngó*. Seu culto é originário da cidade yorùbá de Elẹkò. Elemento: água; Regência: rege as águas turbulentas dos rios, as quedas da água e as enchentes. Sua energia está presente nas paixões, no ciúme, na fúria feminina, na dor da perda amorosa. *Ọbà* é caçadora e guerreira. É a divindade do rio de mesmo nome na atual Nigéria. É também patrona da dedicação em um relacionamento. *Ọbà* é a divindade que protege o lado esquerdo corpo humano, por conseguinte rege as mulheres, cuja energia reside nesta parte do corpo. *Ọbà* é *Ìyá Àbíkú*, logo é encarregada de enviar ao mundo as crianças que nascem como castigo para os pais; **Saudação**: *Ọbà ṣiré*! (Festejemos Ọbà!); **Elementos Rituais**: *Ọfà* (arco e flexa) e *èlè* (alfanje: espada curta e curva) ou *idà* (espada); **Títulos**: *Ọbà Elẹkò* (Guardiã da Sociedade *Elẹkò*) e *Ìyá Àbíkú* (Mãe dos *Àbíkú*); **Qualidades**: *Lóde, Ẹlẹkò, Jidèó, Réwà, Syó*; **Cor**: Veste-se de vermelho, vinho, ou estampas nestes tons. Seus fios de conta são vermelhos, ou cor de abóbora, de acordo com a tradição da Casa. V. *àbíkú*; **Capítulo** "Qualidades dos *Òrìṣà*".

ọbàlùfọ̀n – s. É um *Òrìṣà funfun* a quem é atribuída a arte da tecelagem; uma das qualidades de *Oṣàlúfọ́n* no Candomblé. Filho primogênito de *Odùduwà* e irmão de *Ọ̀ránmíyàn* (portanto tio de *Ṣàngó*). Foi rei de *Ifẹ̀* sucedendo o pai. Tem o búfalo como seu interdito. Durante os ritos a *Ọbàlùfọ̀n*, as mulheres grávidas e os cavalos devem ser retirados de perto, sob pena de correrem o risco de morrer.

ọbalúwáiyé – s. *Òrìṣà* originário do Daomé, senhor do interior da terra, que rege a saúde e a doença. Considerado como a energia jovem de *Ọorig* no Candomblé.

ọbàtálá – s. divindade masculina criadora do mundo: "O Rei do Pano Branco". Mesmo que *Òrìṣànlá*. Rei mítico dos *Ìgbó*. Todos os *Òrìṣà* primordiais, ou seja: existentes antes da criação do mundo, são denominados genericamente como *Òrìṣà funfun* (divindades do branco).

Dentre eles, temos *Ọ̀ṣàlúfọ́n, Ọbàtálá, Òṣàlá, Odùduwà, Òṣapópò, Òṣàgiyán* e *Ọbàlùfọ̀n*. Este último, contudo, segundo alguns autores, estaria fora do rol das divindades primordiais. A ele seria atribuída a arte da tecelagem. À cor branca atribui-se a criação, pois esta matiz conserva a essência de todas as outras. O branco é também considerada a cor do luto iorubano. Isto, porque, ao pertencer a *Òṣàlá*, passa a servir para representar uma das principais atribuições deste *Òrìṣà*: o início e o encerramento dos ciclos. Portanto, como a morte é mais significativo período da vida, a cor branca é usada indispensavelmente em todas as cerimônias fúnebres do Candomblé. Seu nome (*Ọbàtálá*), derivaria da elisão das palavras *ọba* (s. "rei") + *ti* (prep.. "do") + *àlà* (s. pano branco). Só que o substantivo "àlà" teria a compreensão metafórica de pureza. *Ọbàtálá* também era chamado de *Òrìṣànlá* ("O Grande *Òrìṣà*"). Originalmente na África, conta-se que os *Òrìṣà funfun* eram, ao todo, cerca de 154. Não se sabe ao certo se são diversas denominações do mesmo deus, ou se são diferentes membros de um mesmo remoto panteão de divindades de uma região africana. Assim, os nomes e os títulos destes deuses se confundem, como formas de se referir, vez por outra, ao mesmo *Òrìṣà*. Mas no Brasil, todos estes são considerados de forma global como *Òṣàlá*, ou no mínimo, como qualidades deste. *Òṣàlá*, é a forma reduzida do nome *Òrìṣànlá* (ou *Òòṣànlá*). *Òṣàlá* é considerado como o *Òrìṣà* patriarca do panteão do Candomblé. Portanto, ao falarmos de *Òṣàlá*, entendemos que nos referimos a um *Òrìṣà* que tem várias qualidades, dentre as quais se incluem *Ọ̀ṣàlúfọ́n, Ọbàtálá,* e *Òṣàgiyán*, por exemplo. Destes, *Ọbàtálá* e *Odùduwà* estão diretamente ligados à criação. Ao primeiro coube a criação dos seres vivos e ao segundo o mundo. Porém, ainda assim, tanto na África antiga, como no Candomblé (religião constituída no Brasil), compreende-se que há uma divindade superior, acima destes dois e de todos os demais: Ọlọ́run, ou *Olódùmarè* – o Deus Supremo. *Ọlọ́run*, portanto, não pode ser considerado como qualidade de *Òṣàlá*, face à sua supremacia. Frise-se que no Candomblé não há culto, ritos específicos, nem iniciação para *Ọlọ́run*. Considera-se que os *Òrìṣà* são seus intermediários.*Ọbàtálá* e *Odùduwà* são os protagonistas da fundação de Ifẹ̀, a cidade considerada a origem do mundo conforme a cultura ioruba. Já o culto a *Ọ̀ṣàlúfọ́n*, tem origem na cidade de Ifọ́n. A história de *Ọbàtálá* indica que, antes de receber este nome, ele teria sido o rei de *Òkòọra*. *Òkèọra*, ainda existe hoje como uma

importante cidade do Estado de Èkìtì, na Nigéria. Na entrada do Templo de *Ọbàtálá* em Ilé Ifẹ̀, existem três árvores de *akòko* e entre elas, são pregados bambus na horizontal, servindo para a fixação de folhas de dendezeiro desfiadas e preparadas liturgicamente (*màrìwò*).Em frente ao Templo, nota-se à direita três montículos de terra em sequência, representando os *Òrìṣà Ògún*, *Ọdẹ* e *Ṣòpọ́ná*, respectivamente. E do lado esquerdo, um outro montinho de terra representando *Èṣù Làlú*. No portal de entrada do Templo, observa-se uma frase escrita em inglês logo no frontispício triangular, cuja tradução é: "Castelo de *Ọbàtálá* em Ifẹ̀, Guardião do *Àṣẹ* de *Òrìṣànlá*, Senhor que Conhece o Dia." No altar principal, constam duas esculturas em madeira, na mesma altura e prateleira, que são *Ọbàtálá* e sua esposa mítica *Yemòwo*. Ambas as estatuetas têm as mãos cruzadas sobre as pernas, sentadas, em um ângulo de 90 graus. Em torno delas, vasilhas com búzios e varas de *àtòrì*. *Yemòwo* no Brasil é considerada uma das qualidades de Yemọja. Ela seria filha de um antigo rei de *Òkèọra*, chamado *Níìjítà*. Conforme os registros, foi a única esposa de *Ọbàtálá*, fato raro em um período em que o casamento de um homem poderia ser sacramentado com muitas mulheres simultaneamente, além de significar um importante instrumento de acordos comerciais e militares. Nas cerimônias públicas anuais a *Ọbàtálá* em Ifẹ̀, realizadas sempre no início do ano civil (atualmente são feitas em janeiro) e com a lua em seu primeiro quarto crescente do ano, *Yemòwo* também é louvada, só que no último dia das festividades. Lá, o sacerdote de *Yemòwo* incorpora esta divindade. *Yemòwo* derivaria da junção das palavras *Yè* (forma reduzida de *yèyé* – mãezinha) e *Mówó* (nome próprio). O culto a *Yemòwo* é bastante difundido e intenso. Em Ifẹ̀, não há a menor dúvida de que o par mítico de *Ọbàtálá* é *Yemòwo* e não *Odùduwà*, como alguns equivocadamente insistem. Trataremos mais amiúde deste assunto, no capítulo dedicado a *Odùduwà*. Os sacerdotes de *Ọbàtálá* se vestem de branco, em homenagem à cor consagrada a esta divindade. Os principais cargos são: *Ọbàlèṣù* (ligado aos ritos relacionados a *Èṣù*), *Ọbàlẹ̀ṣìn* (encarregado dos rituais e tradições), *Ọbàlalẹ* (derivado da expressão "lamber o chão" – responsável pelos rituais à Terra), *Ọbàlorin* (possivelmente encarregado de entoar os cânticos, embora Verger o indique como um guerreiro), *Ọbàlẹpọn* (incumbido das oferendas a *Ògún*) e *Ọbàlàṣẹ* (a quem cabe a presidência das cerimônias). Os interditos (*èèwọ̀*) no culto a esta divindade, são: vinho de palma, azeite de dendê, cavalo

(para uso ou consumo), cachorro, porco, carvão e sal. O sal tornou-se seu *èèwọ̀*, por causa de uma outra pendenga entre *Ọbàtálá* e *Èṣù*, esta, narrada em um *Odù* de Ifá (*Ọ̀sá-Ọ̀wọ́nrín*), que passamos a discorrer: "Quando *Ọbàtálá* veio ao mundo, foi consultar Ifá para conhecer seu destino. Disse-lhe o *bàbáláwo*:

— Você deve fazer uma oferenda de muito sal em uma cabaça, bem como oferecer bem como oferecer um pano para se usar à noite, mas que seja branco.

— Por que devo fazer estas oferendas, questionou Ọbàtálá?

— Para não encontrar vergonha na terra, respondeu o bàbáláwo.

Ọbàtálá, contudo, recusou-se a fazer o ẹbọ. Foi então sentar-se em sua casa e todo mundo foi visita-lo. A noite caiu e, enquanto todos dormiam, Èṣù foi às escondidas na casa de Ọbàtálá. Èṣù levava consigo a cabaça que Ọbàtálá havia se recusado a oferecer e pregou nas costas dele, cobrindo-a com um pano branco. Quando Ọbàtálá acordou, estava corcunda. Todo mundo perguntava porque Ọbàtálá tinha se tornado corcunda. Todos fugiram da deformidade de Ọbàtálá. Èsù então disse:

— Você se recusou a oferecer uma cabaça e agora será para sempre corcunda (é por isso que até hoje existem corcundas). Você se recusou a oferecer sal e a partir de hoje nunca irá comê-lo."

Novamente observa-se a contenda entre *Ọbàtálá* e *Èṣù*. Não entre o "bem" e o "mal", nem entre "deus" e o "diabo", mas entre a sabedoria representada por *Ọbàtálá* e a sagacidade, simbolizada por *Èṣù*. Note-se aqui que a sabedoria, também deve reverenciar e respeitar a humanidade que há nos homens (significada por *Èṣù*). Esta foi outra situação em que a sabedoria sofre desastrosas consequências por agir com desdém em relação a *Èṣù*. *Ọbàtálá*, o rei do pano branco, poderoso *Òrìṣà* criador de todos os seres vivos, recebeu uma punição eterna de *Èṣù*, o mais dual, o mais imprevisível, o mais humano dos ẹbọra. Portanto o bom sábio, é o que não menospreza as fraquezas do Homem. No Brasil, *Ọbàtálá* é conhecido como uma das dezesseis qualidades de *Ọ̀ṣàlá*. **Títulos**: Aláàbálá àṣẹ (O que Tem o Poder de Criar com Autonomia); *Alámòn Rere* (O Perfeito Escultor); *Alámòrere* (O Proprietário da Boa Argila); *Òrìṣànlá* (O Grande *Òrìṣà*). Seu próprio nome já o intitula como o Rei do Pano Branco. V. *òṣàlá*; *òrìṣà funfun; odùduwà; òrìṣànlá; àlà; yemòwo;ìgbó; ifẹ̀*.

ọ̀bẹ – s. faca; lâmina; objeto cortante; adaga. Mesmo que *agbándán*.

ọ̀bẹ farí – s. navalha; lâmina. V. *abẹ*.

ọdẹ – **1**. s. caçador; **2**. s. mesmo que *Ọ̀ṣọ́ọ̀sì*. Òrìṣà originário da cidade ioruba de *Kétu*. Patrono da Nação *Kétu* de Candomblé. Irmão mítico de Ògún e Èṣù; **Elemento:** terra; **Regência:** caça; fartura; prosperidade; **Saudações:** *arò lè!* ("O Poderoso dos *Arò*!"). Lit. *arò* (s. povo que teria fundado a cidade de *Kétu*, onde foi iniciado o culto a *Ọdẹ*) + *lè* (s. poder físico) e *òkè àró*! ("Honrado das Alturas!" Lit.: *òkè* (s. montanha) + *àró* (s. título de honra civil); **Elementos Rituais:** *ọfà, bílálà, oge* e *erukéré* ou *eruṣin*. V. àró; **Títulos:** *Ọba Igbó* (Rei da Floresta); *Olódẹ* (Senhor dos Caçadores); *Alákétu* (O Rei de *Kétu*), *Ọ̀kan Ṣoṣo* (O Caçador de Uma Flecha Só); **Qualidades:** *Ajayípapo, Ákẹran, Apáọ̀ká, Danadana, Ibúalámọ, Erinlẹ̀* ou *Inlẹ̀, Àrólé, Ọ̀tìn, Karé, Igbó*; **Cor**: azul-turquesa.

ọdọọdún ṣíṣẹ́ – s. festival anual que celebra o acordo mediado por *Ọlọ́run* entre *Ọ̀ṣàlá* e *Odùduwà* quando da criação do mundo, que permitiu a sobrevivência do universo e da vida. Algumas tradições incorporaram este rito à cerimônia das Águas de *Ọ̀ṣàlá*.

ọfọ̀ – s. encantamento; declamação que objetiva direcionar energia. Os *ọfọ̀* são pronunciados em diversos ritos e situações: durante a realização de alguns *ẹbọ*, no uso de certas ervas; no preparo de alguns apetrechos rituais, antes de determinados ritos, etc.. Não há rito para a utilização dos *ọfọ̀*. Mas, o momento em que são declamados é revestido de atenção e reverência. Os *ọfọ̀* conservam e preservam tradições, símbolos, valores filosóficos e conteúdos religiosos do Candomblé.

ọ̀fọ̀ – s. luto; avareza. Mesmo que *akóniję*, *ojúnlá* e *ìháwọ́*. Considerado um dos oito principais *Ajogun*. V. *ajogun*.

ọ̀fun – s. abandono; considerado um dos oito principais *Ajogun*. V. *ajogun*.

ọ̀gá, ***ọ̀gán*** – **1**. s. tocador dos atabaques rituais no Candomblé. Cargo masculino conferido nos Candomblés a homens que não entram em transe mediúnico. Este cargo é conferido pelo *Òrìṣà* em transe no sacerdote(isa), ou em outro membro do terreiro que possua posição hierárquica de importância no *Ilé*. **2**. s. mestre; chefe. Mesmo que *ọ̀gán*; **3.** s. empregador; patrão.

ọ̀gà – s. camaleão. Mesmo que *agẹmọ*. O camaleão, na cidade ioruba de *Ifọn*, é considerado como o secretário mítico de *Ọbàtálá*. Como o

camaleão foi um dos animais utilizados por *Odùduwà* na criação do mundo, *agẹmọ* recebe culto na cidade ioruba de Ìjẹ̀bu, sendo o mesmo restrito aos homens. V. *odùduwà*.

ọ̀gọ – s. ferramenta ritual de Èṣù: pênis; bastão. V. *okó*; è ó.

ọkàn – s. coração; sentimento; espírito; consciência.

ọ̀kànbí – pai de *Ọ̀ránmíyàn*, de quem foi o sétimo filho. *Ọ̀kànbí* era filho de *Odùduwà* e também conhecido como *Idẹkoṣẹroạke*.

ọlọ́run – s. Deus Supremo; o Criador. Mesmo que *Ólódùmarè*, ou *Elédùmarè*. Os ioruba louvavam e cultuavam inúmeras divindades, as quais reconheciam como regentes da natureza, de emoções e sentimentos. Mas fundamentavam sua estrutura religiosa em um Deus Supremo: *Olódùmarè* (O Onipotente), ou *Ọlọ́run* (O Senhor dos Céus). *Olódùmarè* teria criado o universo através de seu próprio desdobramento quântico, assim como criou os primeiros *Òrìṣà* em uma espécie de gênese de Si mesmo. Estes seriam os *Òrìṣà funfun*, os preexistentes à Criação do Mundo. O *Ọlọ́run* é um espírito perfeito e infinito. O Povo ioruba reconhecia a existência de um Deus Supremo, uma inteligência superior a influenciar no mundo e em suas existências. Uma força capaz de ordenar o cosmo. Para os iorubas, o Deus Supremo criou o Universo, incumbiu *Ọbàtálá* de criar os seres e *Odùduwà* de criar a Terra. Os *Òrìṣà* entram no contexto não como similares, nem como equiparados a *Ọlọ́run*, mas como forças auxiliares, responsáveis pelo equilíbrio de parte da Criação: os elementos da natureza, as emoções e sentimentos humanos. Os Òrìṣà são intermediários entre os homens e o Ser Supremo. O surgimento dos *Òrìṣà* guarda certas semelhanças como a origem dos santos e deuses de outras religiões. São também definidos como ancestres que se destacaram por grandes feitos, qualidades ou virtudes, tornando-se verdadeiros mitos inesquecíveis e cultuáveis. A classificação das religiões como politeístas, ou monoteístas, era fruto de um preconceito de origem judaico-cristã. Em determinada época servia como um indicador do "atraso" espiritual e intelectual daqueles que cultuassem os deuses não reconhecidos pela Igreja Católica. A riqueza do Candomblé e dos Cultos de Matrizes Africanas não precisam ser considerados como poli ou monoteísta para crescerem em similaridade com nenhuma religião, a fim de que sejam melhor reconhecidos. No entanto, tem-se historicamente que a religião tradicional africana é sim monoteísta conceitualmente. O reverendo Samuel

Crowter (*A Vocabulary of the Yoruba Language*, London, 1852), missionário encarregado de implantar o cristianismo entre os iorubas, define *Ọlọ́run* como "*... Deus, o Ser Supremo, o Todo-Poderoso, o Ser que existe por si*". O reverendo Bowen (*Adventures and Missionary Labors in Several Coutries in the Interior of Africa*. Charlston, 1857), relata que *"Todo o povo ioruba acredita em um Deus universal, criador e guardião de todas as coisas, a quem, em geral denominam Ọlọ́run (O li ọ̀run), proprietário ou senhor do céu. Algumas vezes dão-lhe outros nomes, como Olódùmarè, aquele que sempre é justo, Ọ̀gá Ògo, o glorioso que é elevado, Olúwa, senhor, etc."* E prossegue: *"Eles têm a doutrina da imortalidade e de recompensas e punições futuras, mas nesse ponto, seus conceitos são obscuros."*. Outro missionário cristão que atuou na África, o Padre Godefroy Loyer (*Voyage au Royaume d´Issiny*. Paris, Seneuze e Morel, 1714), atesta: *"Os negros reconhecem um só Deus, criador de todas as coisas, mas autor sobretudo dos fetiches, que ele pôs no mundo a serviço dos homens..."*. O Padre Labat (V*oyage du Chevalier des Marchais em Guinée, Isles Voisines et à Cayenne*, Paris, 1929): *"Eles reconhecem um ser supremo, criador de todas as coisas, infinitamente maior e mais poderoso do que a serpente. Dizem que ele habita o céu, de onde governa todo o universo, que é todo poderoso, infinitamente bom e justo."*. Diante dessas assertivas indiscutíveis e claras, que partem de sacerdotes cristãos, não podemos deixar de notar o quão distorcido é o discurso de uns tantos neopentecostais que tentam associar as religiões de matrizes africanas a cultos demoníacos e a seres malévolos. O descalabro no âmbito religioso e o equívoco no campo histórico desses pregadores modernos revelam toda a dimensão que essas calúnias merecem. A tentativa de europeus converterem povos africanos às suas religiões cristãs é percebida desde o século XV. Ficou famosa a tentativa de conversão e batismo do rei do Benin em 1484, na véspera da cerimônia, devido a um incêndio havido na igreja, o qual foi atribuído à ira de seus deuses nativos àquele ato. Há registros de padres capuchinhos bretões e franceses e ainda outros tantos missionários franceses, holandeses, portugueses e alemães que atuavam entre os iorubas e fons, desde os idos de 1460. Apesar de Todo Poderoso, *Ọlọ́run* não possuía culto específico, nem lhe rendiam liturgias, rituais, nem construíam templos em seu louvor. Ele não recebe orações, nem oferendas diretamente. Nem mesmo *Èṣù*, o mensageiro de todos os deuses,

lhe serve como intermediário. *Ọlọ́run* é respeitado sempre, mas seu trato não é direto com os homens. Cabe aos *Òrìṣà* interagirem com a Humanidade para o equilíbrio do Universo. Nas expressões idiomáticas cotidianas, nas saudações (*Ọinteragirem com a* – Deus esteja com você!), agradecimentos (*Ọlọ́run mo dúpẹ́*! – Que Deus reconheça seu favor!), súplicas (*Ọlọ́run bá o*! – Que Deus ajude você!) e predições (*Àṣẹ Ọlọ́run*! – Que Deus lhe dê força!), o Ser Supremo é sempre mencionado. Jamais é esquecido, nem menosprezado. Ele é o grande juiz que haverá de julgar as realizações de cada pessoa após a morte. V. *òṣàlá; òrìṣà; ọlọ́run*. Títulos: *Ẹlẹ́mí* (Senhor da Vida); *Olùmọ̀* ou *Olùmọ̀ràn* (O Compreensivo); *Ọlọ́jọ́ Òní* (O Senhor de Hoje e de Todos os Dias); *Olùpèsè* (O Provedor), *Ọ̀gá Ògo* (O Mestre da Glória), *Olùfúnní* (Senhor da Generosidade), *Olùgbàlà* (Aquele que Salva), *Olùgbani* (Aquele que Ajuda e Liberta), *Olùràpadà* (Aquele que Resgata), *Olùdándè* (O Redentor); *Adákẹ́dájọ́* (Aquele que Julga em Silêncio); *Elédùmarè* (Divindade Suprema), *Aláànú* (O Piedoso), *Olùmọ̀nọ́kàn* (O Grande Coração), *Olúwa* (O Soberano), *Ẹlẹ́dá* (O Senhor da Criação), *Olófin* (O Grande Juiz), *Àgbáyé-gún* (O Regulador do Universo), *Atẹ́rẹ́kaiyé* (Aquele que Cobre o Mundo), *Olùtùnú* (O Consolador), *Olùpilẹ̀ṣẹ̀* (O Supremo Arquiteto), *Olùbùkún* (Aquele que Abençoa). V. *òṣàlá; àjàlọ́run*.

ọlọ́ṣà – **1**. s. Divindade das lagoas; **2**. s. uma das qualidades de *Yemọja* no Candomblé. V. *yemọja*.

ọmọ – s. filho; criança; descendente.

ọmọ àgùtàn – s. cordeiro. V. *àgùtàn*.

ọmọ òrìṣà – s. filho de Santo. É considerado como "filho de santo" a pessoa que se torna oficialmente membro da comunidade do terreiro, sendo iniciada, ou não, naquele ou em outro terreiro, mas que compõe o corpo de integrantes daquele Àa , assumindo suas regras, calendários e compromissos. V. *bàbálórìṣà; ìyálórìṣà; ilé*.

ọmọlu – s. *Òrìṣà* originário da região de Empe, ou Nupe no território Tapá no antigo Daomé. No Brasil, *Ọorig* e *Ọe iginári* são considerados como um mesmo *Òrìo*, sendo o primeiro uma versão mais velha, enquanto o segundo sua energia mais jovem. **Elemento**: terra; **Regência**: as doenças de pele e endêmicas, a saúde e a doença, em geral; **Saudação**: *Atótóo!* (Silêncio em Respeito a Ele!); **Elementos Rituais:** *ṣlemen* (para *Ọ(par* e *Ọe ara os*) e

ọe r (para *Ọ(para os*); **Títulos:** são comuns a *Ọão c* e a *Ọe a omuns*: *Ayna* (O Dono da Terra); *Olóde* (O Senhor do Indivisível); *Olóore* (O Senhor da Bondade); *Bàbá Ìgbóná* (Pai da Quentura – febre, calor); **Qualidades:** *Aràwé*, Àfòmé, *Alápadúpes* (V. *Alápadúpes*), *P, pa*, *Ṣọ̀padúp* ou *Ṣọ̀ adúpes*, *Jagun* (qualidade de *Ọ(qualidad*).

ọmọlúwàbí – **1**. cavalheiro; pessoa educada. **2**. s. filho de bom caráter. Aquele que alcança as virtudes: Considerada como uma das principais virtudes a ser buscada pelo ioruba: ***oore*** (a bondade), ***sùúrú*** (a paciência), ***ìbúra*** (a promessa), ***ọ̀wọ̀*** (o respeito), ***òótọ́*** (a verdade), ***òdodo*** (a justiça), ***ìfẹ́ni*** (a caridade), ***èèwọ̀*** (o tabu), ***ìwà*** (o caráter – resumo de todas as demais). O cumprimento das virtudes faz com que o *yorùbá* alcance seu objetivo de vida, tornando-se um *ọmọlúwàbí* (filho de bom caráter); **3**. s. cargo utilizado na Casa de Oxumarê (Salvador-BA) cuja finalidade é evitar, sanar abusos de autoridade e desrespeito à hierarquia da Casa. V. *ìbẹ̀rẹ̀*.

ọ̀nà – **1**. s. caminho; rua; estrada. **2**. s. uma das qualidades do *Òrìṣà Èṣù* no Candomblé: o Dono dos Caminhos. V. *èṣù*.

ọ́ọ́yọ́ – s. planta medicinal utilizada pelos iorubas: *CORCHORUS OLITORIUS L., Tiliaceae*.

ọ̀pá – s. cajado; haste; bengala; suporte; vara; bastão. **Kondó**: bastão grande; cajado. ***Aparun, ọ̀arun. gr***: bengala.

ọ̀pá ṣóró – s. cajado utilizado por *Òṣàlá*. Representa a ligação entre o céu (*ọ̀run*) e a Terra (*àiyé*). É a principal ferramenta ritual desta divindade. V. *òṣàlá*.

ọ̀pẹ̀lẹ̀ – s. cordão com oito sementes de dendê côncavas, utilizado como oráculo para consulta a *Ifá*.

ọpọ́n ifá – s. bandeja de madeira onde são riscados os símbolos dos *odù* no jogo de *Ifá*. V. *ifá*; *odù*.

ọ̀ràn – s. contrariedade; aborrecimento; problema. Considerado um dos oito principais *Ajogun*. V. *ajogun*.

ọ̀rànfẹ̀ – **1**. s. uma das qualidades de *Ṣàngó* no Candomblé; **2**. s. divindade dos raios e trovões cultuado na cidade ioruba de *Ifẹ̀*. V. *ṣàngó*.

ọ̀ránmíyàn – **1**. s. fundador da cidade ioruba de *Ọ̀yọ́* e pai de *Ṣàngó*; **2**. s. no Candomblé, ora é tido como qualidade de *Ṣàngó*, ora de *Oṣàlúfọ́n*. *Ọ̀ránmíyàn* (filho de *Odùduwà* – uma qualidade de *Òṣàlá* no Brasil) era

pai de *Ṣàngó* e *Dàdá*. Possivelmente em razão disso, ora *Ọ̀ránmíyàn* seja considerado como uma qualidade de Òṣàlá, ora do próprio *Ṣàngó*. O mesmo ocorre com *Ọbalubẹ*.

ọrẹ – **1**. s. divindade cultuada na cidade ioruba de *Ifẹ̀*; **2**. s. favor; presente; doação.

ọ̀run – s. céu; espaços siderais onde se encontram as divindades e espíritos diversos conforme seu merecimento. Existiriam nove espaços siderais, sendo 4 acima de *Àiyé* (a Terra), 4 abaixo de *Àiyé* e o 9º seria *Àiyé,* o próprio planeta Terra, o qual é ocupado pelos espíritos encarnados durante a vida. Após sua morte, os espíritos são direcionados por *Ọya* para cada qual dos 9 *ọ̀run*, conforme seu desempenho durante a vida e pelo julgamento feito após a morte por *Ọlọ́run*. Os nomes dos outros 8 *Ọ̀Os* são: ***Ọ̀run Alàáfià*** (local de paz, reservado aos bons e pacatos); ***Ọ̀local de p*** (local dos inocentes, puros e sinceros); ***Ọ̀run Bàbá Eni*** (reservado aos grandes sacerdotes e dignatários do culto aos *Òrìṣà*); ***Ọ̀run Aféfé*** (local de correção dos espíritos, para alguns seria a própria Terra – *Àiyé*); ***Ọ̀run Ìsòlú***, ou *Àsàlú* (local onde *Ọlọ́run* realiza o julgamento das almas após a morte e determina qual *ọ̀eal* cada espírito irá ocupar); ***Ọ̀run Àpáàdì*** (onde ficam os espíritos sem possibilidade de regeneração); ***Ọ̀run Rere*** (onde ficam os que tiveram virtudes e agiram bem durante a vida); ***Ọ̀run Burúkú*** (reservado para os espíritos maus); ***Ọ̀run Mare*** (local onde ficam os espíritos divinizados e o próprio *Ọlọ́run*). V. *ọlọ́run*; *sánmọ̀*.

ọ̀run àkàsọ̀ – escada do céu; local onde *Ọlọ́run* mostrou a *Odùduwà* o lugar determinado para a criação do mundo; fronteira por onde transitam os espíritos. V. *ọlọ́run*; *odùduwà*.

ọ̀rúnmìlà – **1**. s. *Òrìṣà* conhecedor do destino de todas as pessoas, senhor de *Ifá* (sistema divinatório), originário da cidade de *Òkè Ìgẹ̀ti* e posteriormente radicado em *Adó*. **Títulos**: *Àgbọnnìrègún, Ẹ̀là* (O Espírito Divino – usado para referir-se a Ifá, enquanto "Espírito de *ỌO Espír*"), *Èlàásòdè* (O Orador de todas as Línguas), *Ẹlẹ́rí ìpín* (O Testemunha do Destino), *Yebìírú*, *Akéré Finú nha do* (O homem Pequeno com a Mente Cheia de Sabedoria), *Alátúnmem Peq* (Aquele que Coloca o Mundo em Ordem), *Gbàyé Gb que* (Aquele que Vive Tanto na Terra Quanto no Céu). Não há qualidades deste *Òrìqu*. Os dois primeiros seguidores de *ỌOs dois* na Terra, foram *Ana Te* e *Ak Te*; **2**. s. Considerado uma das qualidades *O s.*

Cons, por algumas tradições de Candomblé. V. *ifá*; *ṣẹ́áCan*; *adó*; òkè ìgalgu.

ọ̀sányìn – s. *Òrìṣà* masculino originário da cidade ioruba de *Ìràwò* (na fronteira com o *Daomé*) que é dono das folhas, médico e conhecedor das propriedades medicinais da flora. **Elemento**: terra; **Regência**: o domínio sobre os vegetais; a medicina natural; a flora; **Saudações**: *Ewé o!* (Oh, as folhas!) ou *Ewé ásà!* (A folha é a tradição!); **Elementos Rituais**: um ramo de *pèrègun*, ou uma haste de ferro encimada por um pássaro, cercada por mais seis lanças apontadas para cima, de tamanho menor que a central; **Títulos**: *Bàbá Ewé* (O Pai das Folhas) e *Onísègùn* (O Grande Médico); **Qualidades**: *Agẹ* (oriundo da assimilação do *Vodun Agẹ* originário da cidade jeje do *Daomé* – V. *agẹ*), *Àrọ̀nì* (V. *àrọ̀nì*), dentre outras; **Cor**: veste-se com roupas estampadas de verde. Seus fios de conta são brancos rajados de verde.

ọ̀sẹ̀ – s. semana. A semana ioruba era composta por apenas quatro dias, os quais representavam os quatro princípios da sua filosofia, respectivamente: *Ọjọ́ Awo* (a Sabedoria), *Ọjọ́ Ògún* (a Luta pela Sobrevivência), *Ọjọ́ Jàkúta* (a Justiça) e *Ọjọ́ Ọbàtálá* (a Criação).

ọ̀ṣẹ́ – **1**. s. sabão; limpeza. Mesmo que àwẹnù. *Ìṣù-ọ̀ṣẹ́*: sabão em formato de bola. *Ọ̀ṣẹ́ dúdú*: sabão da costa; **2**. s. ritual de limpeza dos objetos sacros do Candomblé. Sabonete: *ọ̀ṣẹ́ ìwẹ̀*. Sabão em pó: *ọ̀ṣẹ́ ètù*.

ọ̀ṣẹ́ dúdú – s. sabão da costa; sabão feito à base de ervas litúrgicas para a limpeza do corpo e de objetos rituais no Candomblé.

ọ̀ṣọ́ọ̀sì – s. Òrìṣà originário da cidade ioruba de *Kétu*. Patrono da Nação *Kétu* de Candomblé. Mesmo que *Ọdẹ*. V. *ọdẹ*; *kétu*.

ọ̀ṣùn – s. *Òrìṣà* feminina das águas doces, originária da cidade ioruba de *Ilẹ́ṣà*. **Elemento**: água; **Regência**: as águas doces dos lagos, rios e cachoeiras. É a dona da fecundidade das mulheres, do amor e da sedução. Rege também a gestação; **Saudações**: *Oore yèyé, o*! (Oh Mãezinha da Bondade!) ou *Ofyderimán!* (Muito doce!); **Elementos Rituais**: *abẹ̀bẹ̀* e *èlè* (alfanje: espada curta e curva) ou *idà* (espada); **Títulos**: *Ìyálóde* (Mãe da Comunidade); *Ọ̀gágun àti Ọ̀gájúlọ nínú àwọn Ìyámi Òṣòròngà* (Chefe Suprema e Comandante de todas as Senhoras Ancestrais – "*Igbadu*", Oxalá A., Pallas, 2ª Ed., pág. 64); *Ọlọ̀tọ̀jú Àwọn Ọmọ* (Aquela que Cuida dos Filhos – "*Igbadu*", Oxalá A., Pallas, 2ª Ed., pág. 77); **Qualidades**: *Ọ̀párà*, *Ominíbú* (V. *Ominíbú*), *Abòtò, Ajágùrà, Èwùji, Karé* (V. *Karé*), *Ìpọ̀ndá* (V.

Ìpọ̀ndá), *Yèyéòkè*, *Yèyéodò*, *Ayalá*, *Abalò*, *Gbọ̀*, *Ioní*, *Mẹ́rinmẹ́rin*, dentre outras; **Cores**: veste-se de amarelo, dourado, ou estampado nestes tons, conforme a qualidade. Seus fios de contas são de cor amarelo cristal.

ọtí – s. bebida alcoólica; aguardente. Mesmo que *mímu ọtí*. Lit.: *mímu* (s. bebida) + *ọtí* (bebida, bebida alcoólica).

ọtí bà – s. bebida alcóolica fermentada.

ọtí èhó, ***ọtí ní bẹ*** – s. bebida alcóolica espumante.

ọtí funfun – s. vinho branco.

ọtí ní bẹ, ***ọtí èhó*** – s. bebida alcóolica espumante.

ọtí pupa – s. vinho tinto.

ọ̀tún – adj. direito; lado direito. Esquerdo = *òsì*.

ọtùn – s. quartinha; recipiente de barro utilizado para armazenar água em rituais de Candomblé. As quartinhas cheias de água colocadas junto aos assentamentos das divindades representam o corpo vivo do respectivo adepto ao qual pertence o *ìdì òrìṣà*. Quando este falece, o primeiro rito fúnebre é despejar a água que havia contida na quartinha, demonstrando que não existe mais vida. V. *ìdì òrìṣà*.

ọwọ́ – s. mão. Usado também para indicar segurança; gesto ou ação.

ọya – **1**. s. nome original do rio Níger; **2**. s. *Òrìṣà* feminino originária da cidade ioruba de *Irà* que fica no Estado de *Kwarà*, a sudoeste de *Ọ̀yọ́*. Mesmo que *Yánsàn*. V. *yánsàn*; **Elemento**: ar; **Regência**: os movimentos de ar, os ventos em todas as suas intensidades, da brisa aos furacões. É também cultuada nas águas do rio Níger. Compete a *Ọya* conduzir os espíritos ao *ọ̀run*, após a morte. Por isso é considerada a senhora dos *Égún*. V. égún; *ọ̀run*; **Saudação**: *Eèpàà hey Ọya!* (Salve *Ọya*!); **Elementos Rituais**: *ìrùkẹ̀rẹ̀* ou *ìrùẹ̀ṣín*; *èlè* (alfanje: espada curta e curva) ou *idà* (espada); *oge* (chifre) – é utilizado em seus assentamentos retomando o *ìtàn* que conta como *Ọya* chamava seus filhos através deste elemento; **Títulos**: *Ìyá Mẹ̀sàn Ọ̀run* (Mãe dos Nove Céus); *Alákòko* (Senhora do *Òpákóko* = tronco ritual do *akóko* que une os 9 espaços siderais entre o *ọ̀run* e o *àiyé* – "Os Nagô e a Morte"; dos Santos J.E., Ed. Vozes, 9ª Ed., pág.58); **Qualidades**: *Ìgbálẹ̀* (V. *ìgbálẹ̀; égún; egúngún*), *Eegúnitá; Ìjẹ̀bẹ̀, Pẹ̀tú, Onírà* (V. *onírà*), *Niké*, *Padà* (V. *padà*), *Taná*, *Kàlà*, *Akolasun*, *Busun*, *Funá*, *Bàgá*, *Tọ́pẹ́*, *Màgánbélé*, *Bìnìkan*, *Lẹ̀yẹ̀*, entre outras; **Cor**:

dependendo da qualidade, veste-se de branco, rosa, estampas em cor pêssego, ou em vermelho. Seus fios de conta são da cor marrom.

P

paná – **1**. v. apagar o fogo; **2**. s. cerimônia de Candomblé no qual a pessoa que passou por certos rituais é preparada para não correr riscos: "quebra de quizilas". Nesta cerimônia, alguns dos tabus (*èèw.*) cumpridos durante o período de recolhimento são liberados para que o adepto possa gradativamente voltar à sua vida cotidiana.

patiyẹ – **1**. s. açoit; vara; **2**. s. forma de designar ato no qual *Òṣàgiyán* penitencia e perdoa os males feitos pelos adeptos do Candomblé durante a Cerimônia das Águas de *Òṣàlá*. V. *àtòrì; òṣàgiyán; àwọn omi òṣàlá*.

pawọ́ – **1**. v. bater (palmas); **2**. s. palmas com ritmo próprio utilizadas em rituais de Candomblé, com o objetivo de pedir licença, ou para agradecer. Certas liturgias são encerradas com o *pawọ́*.

pẹpẹlé – s. altar; prateleira. Lit.: *pẹpẹ* (s. altar) + *ilé* (s. casa). V. *ojúbọ*.

pupa – adj. vermelho; rubro. Mesmo que *àwọ̀ pupa bi ẹ̀jẹ̀*. V. *yankan*.

R

rírúbọ – s. imolação; ato e sacrificar animais liturgicamente. Mesmo que *ìpankan, ìparúbọ, pipa*. A imolação requer pressupostos indispensáveis, tais como: prévia consulta oracular para averiguar a pertinência do sacrifício; elementos adequados para a realização; rezas proferidas antes, durante e depois do ato; sacerdote habilitado; contrição dos presentes; cuidados e respeitos com o animal para que ele não sofra desnecessariamente; aproveitamento da carne para consumo da comunidade, etc. O princípio litúrgico da imolação no Candomblé se atém ao princípio da troca de energias. A imolação é antes de tudo um ato religioso, portanto requer respeito à vida e a comunhão do grupo. V. *labẹ́*.

S

sánmọ̀ – s. atmosfera; céu; local mítico existente entre o *ọ̀run* e *àiyé* onde formou-se um vão, que foi preenchido pelo sopro de *Ọlọ́run*, dando origem à atmosfera (*sánmọ̀*). Este vão possui nove espaços, sendo quatro superiores e quatro inferiores (*ọ̀run ìsàlẹ̀ mẹ́rin*), postando-se a Terra no espaço central. V. *ọ̀run; ọlọ́run; afẹ́ẹ́fẹ́; òfuurufú*.

sarapokan – s. estrangeirismo oriundo do idioma *fon* (*fongbè*) utilizado nos Candomblés para designar um dos rituais realizados no processo iniciático. Similarizado à "queima" de *ẹfun* da tradição *Kétu*, consiste em ensinar os neófitos em processo iniciático a dançar em louvor aos deuses. Cada dia em que são trazidos ao salão do terreiro para este fim, os iniciados têm seus corpos pintados com *ẹfun*. V. àjèjì; *ẹfun*.

sàsányìn – s. cerimônia do Candomblé que consiste na colheita, preparo, reza, cânticos e maceração das folhas e elementos rituais com a invocação do *Òrìṣà Ọ̀sányìn*, para obter das ervas suas propriedades materiais e litúrgicas. Durante este ritual, são feitas rezas e cânticos em louvor a *Ọ̀sányìn*. As folhas de maior importância litúrgica possuem cânticos próprios e são metodologicamente cantadas em sequências específicas, conforme suas propriedades energéticas. Após, o resultado da maceração das folhas em água é denominado *àgbo*. É realizado em toda a obrigação ritual. Lit.: *asà* (s. celebração, ritual) + *ọ̀sányìn* (s. divindade das ervas). V. *ìwẹ̀ ewé*; *àgbo*; *ọ̀sányìn*.

sàsányìnèji – s. uma das qualidades do *Òrìṣà Èṣù* no Candomblé; aquele que atende a *Ọ̀sányìn*. Para algumas tradições, possui uma perna só e um olho coberto com uma folha. No seu assentamento, usam-se ervas, frutas colhidas no caminho, raízes maceradas, vinho, azeite doce e mel. V. *èṣù; ọ̀sányìn.*

sùúrú – s. paciência. Mesmo que *àtẹmọ́ra, ìrọ́jú* e *ìsapá*. É considerada como uma das virtudes a ser alcançada pelo ser humano, conforme a ética ioruba. A paciência atingida pela pessoa idosa é uma conquista apenas lograda por aqueles que têm fé e confiança no poder do tempo. A paciência é valorizada e buscada através de todos os ritos do Candomblé. Uma oferenda é feita e espera-se seu resultado. Uma iniciação é concretizada e aguardam-se os efeitos do amadurecimento pessoal. Desde a iniciação do

neófito, ensina-se ao *ìyàwó* a ouvir sem falar, a esperar seu momento para se alimentar, a somente agir depois dos mais velhos, etc. Considerada como uma das principais virtudes a ser buscada pelo ioruba: ***oore*** (a bondade), ***sùúrú*** (a paciência), ***ìbúra*** (a promessa), ***ọ̀wọ̀*** (o respeito), ***òótọ́*** (a verdade), ***òdodo*** (a justiça), ***ìfẹ́ni*** (a caridade), ***èèwọ̀*** (o tabu), ***ìwà*** (o caráter – resumo de todas as demais). O cumprimento das virtudes faz com que o ioruba alcance seu objetivo de vida, tornando-se um *ọ̀alcance* (filho de bom caráter).

ṣagbejẹ – v. esmolar para comer. Denominação do ritual de esmolar durante os ritos a *Ọmọlu*. Faz parte da tradição das Casas de Candomblé levar seus adeptos para pedir esmolas em locais públicos, devidamente paramentados, em troca de *gúgúrú* durante a semana do *Olúbájẹ*. O ato reproduz a saga de *Ọ O a*, que adbicou da condição de príncipe, para ajudar os doentes e necessitados. V. *olúbájẹ*, *ọmọlu*; *sáráà*.

ṣàngó – s. *Òrìṣà* masculino da justiça, do fogo, raios e trovões. Rei da cidade yorùbá de *Ọ̀yọ́*, originário de Nupê. Considerado como o 3º, ou o 4º *Aláàfin* de *Ọ̀yọ́* (V. ọ̀yọ́). **Elemento**: fogo; Regência: o fogo, o trovão e a justiça; **Saudações**: *kábíyèsí*!(“Saudamos sua Majestade que Veio dos Céus!”). Lit.: *kí* (v. saudar) + *abíyè* (adj. alado) + *sí* (v. existir) + *lé* (prep. complementar de cumprimento a um chefe); *Káwò ó o kábíyèsí lé!* (“Permita-nos Olhar para Vossa Majestade Celestial!”).Lit.: *káwò ó o* (exp. que possamos olhá-lo) + *kábíyèsí* (s. saudação que se faz a um rei) + *lé* (prep. complementar de cumprimento a um chefe); ou *ọbakòso*! (“O Rei não se Enforcou!”). Lit.: *ọba* (s. rei) + *kò* (adv. negação: não) + *so* (v. enforcar); **Elementos Rituais**: *ṣẹ̀rẹ̀* e *ọ̀ṣé*; **Títulos**: *Ọba Jàkúta* (Aquele que Lança Pedras – referindo-se às pedras de raio – trovões), *Aládò* (Aquele que Racha o pilão); *Ọbakòso* (rei da cidade de Kòso;ou uma expressão usada para dizer que ele não se enforcou – também considerado como qualidade de *Ṣàngó*), *Aláàfin* (soberano da cidade yorùbá de *Ọ̀yọ́* – também considerado como qualidade de *Ṣàngó*); **Qualidades**: *Àfọ̀njá* (V. *ìlọrin*), *Àjàká, Aganjú* (filho do rei Àjàká), *Ayrà Ajaòsì, Ayrà Ìgbóná, Ayrà Ìntilẹ̀, Àjùwọ̀n, Akorombẹ, Baàyànnì, Baru* ou *Igbaru* (V. *baru*), *Sogbò* (V. *Sogbò*), *Jàkúta* (V. *Ọba Jàkúta*), *Ògòdò* ou *Àgòdò, Ọbalubẹ, Ọ̀ràànmíyàn* (V. *Ọ̀ràànmíyàn*), *Dàdá* (rei de *Ọ̀yọ́* e irmão de *Ṣàngó* – ambos filhos de *Ọ̀ràànmíyàn* com *Ìyámàsé* – teria adbicado ao trono em favor de *Ṣàngó*),

Ọ̀ránfẹ̀ (divindade dos raios de trovões da cidade yorùbá de Ifẹ̀); **Cores**: vermelho, marrom. V. *kòso; ọ̀yọ́; orógbó; obì; ọba*.

ṣàṣàrà – s. bastão feito de nervuras do dendezeiro, utilizado por *Ọmọlu* e por *Ọbalúwáiyé* para curar; ferramenta ritual de *Ọmọlu* e de *Ọbalúwáiyé*. Mesmo que *iléwọ́*. V. *ọmọlu*.

ṣẹ̀rẹ̀, ***ṣẹ̀kẹ̀rẹ̀*** – **1**. s. cabaça inteira, de pescoço longo, usada como chocalho; instrumento musical de percussão utilizado no Candomblé; **2**. s. uma das ferramentas rituais de *Ṣ s.*, utilizada diretamente por este, ou por seus adeptos para invocá-lo, representando o rugido dos trovões. V. *igbá*; *ṣàngó*.

ṣìgìdi – **1**. s. escultura feita de barro e outros elementos, para representar *Èṣù*; **2**. s. vulto; símbolo de proteção ou vingança para os iorubas; **3**. s. um dos títulos de *Èṣù*: "O Vulto". V. *èṣù; bara*.

ṣiré – **1**. s. cerimônia pública de Candomblé quando toda a comunidade se reúne para louvar as divindades através de cânticos e danças, ao som dos instrumentos de percussão. No *ṣiré* os *Òrìṣà* se manifestam através do transe e também dançam, paramentados com suas roupas de gala e apetrechos rituais. O *ṣse* é dançado em sentido anti-horário, em torno dos elementos centrais do terreiro. Em algumas Casas tradicionais, dançar o *ṣ Em* é prerrogativa exclusiva de mulheres já iniciadas. Lit.: *ṣe* (v. agir) + *ire* (s. sorte). **2**. v. brincar.

ṣọ̀pọ̀ná, ***ṣọ̀npọ̀nná*** – **1**. s. divindade das doenças que marcam a pele, como o sarampo, a rubéola, a varíola, a catapora; **2**. s. uma das qualidades de *Ọmọlu* no Candomblé.

T

tempo – s. neologismo criado a partir da palavra de origem *kimbundu*: *kitembu*, *ntembu*. *Nkisi* de origem bantu cujo culto foi absorvido nos Candomblés com esta origem, bem como por outras Casas de Candomblé de descendências distintas. É considerado o patriarca dos *Bantu*. Rege todas as mudanças climáticas e também as variações de marés. Por isso é intitulado *Tata Nzaria* (Pai dos Climas). V. *nkisi*.

U

unlẹ̀ – s. ritual existente na tradição da Casa de Oxumarê (Salvador-BA), que consiste na apresentação lúdica ao neófito, no idioma ioruba, de diversos apetrechos rituais, elementos de culto, cargos hierárquicos do terreiro, animais votivos, partes do corpo humano. Lit.: *un* (pron. pess. eu) + *lẹ̀* (v. procurar).

V

vodun, ***vodon***, ***vodoun***, ***voudou***, ***vudu*** – s. estrangeirismo de origem no idioma *fon*. **1.** s. força espiritual, espírito; **2.** s. deuses da etnia *ewe-fon*, cujo culto é feito nos Candomblés desta descendência (Jêje, ou nação Jêje). São muitas vezes assemelhados e sincretizados com as divindades cultuadas pelas etnias ioruba (*òrìṣà*), no chamado Candomblé nagô-vodun, ou jêje-nagô. No Haiti são conhecidos como *Vodu*, ou *Vudu*. *Vudu* é atualmente a religião oficial de mais de 7 milhões de pessoas entre o Haiti, República Dominicana, Lousiana (EUA), Cuba, Daomé, Togo, Brasil, etc. Na África, os *Voduns* são agrupados em ɛ grandes famílias as quais são lideradas cada qual por um *Vodun* principal que ora representa fenômenos da natureza, ora um elemento cultural. Estes quatro grupos familiares são: ***Ji-Vodun*** (divindades do alto), chefiados por ***Sô*** (forma básica de *Heviossô*); ***Ayi-Vodun*** (divindades da terra), cujo chefe é ***Sakpatá***; ***Tô-Vodun*** (*Voduns* específicos de várias localidades diferentes); ***Henu-Vodun*** (*Voduns* cultuados por clãs diferentes que se dizem seus descendentes diretos). Os principais *Voduns* cultuados, sobretudo, nos Candomblés jêje, são: ***Mawu*** (A Deusa Suprema, criadora do mundo, de todos os seres vivos e das divindades). É associada à ***Lissá***, divindade masculina, corresponsável pela criação do mundo e dos seres. Os *Voduns* seriam filhos de *Mawu* e *Lissá*. A união de *Mawu* e *Lissá* comporia uma divindade dupla denominada ***Dadá Sogbó*** (O Grande Pai e Espírito Vital); ***Loko*** (O Mais Velho dos *Voduns*, representado pela gameleira Branca – árvore sagrada); ***Gu*** (rege as guerras, os metais, a tecnologia e o fogo); ***Heviossô*** (Dono dos Rraios e Relâmpagos); ***Sakpatá*** (O Senhor da Varíola) – V. *ilègbóná*; *azonsu*; ***Dan*** (rege a riqueza, sendo representado pela cobra e pelo arco-íris); ***Agué*** (divindade da caça, dono das plantas); ***Agbê*** (Senhor dos Mares); ***Ayizan*** (Dona dos Mercados e da Crosta Terrestre); ***Agassu*** (deus que representa a linhagem real do *Daomé*); ***Aguê*** (Senhor da Terra Firme); ***Legba*** (O Mais Novo dos *Voduns*, rege as entradas e saídas e a sexualidade); ***Fa*** (Senhor da Adivinhação e do Destino). No idioma ioruba não existe a letra "v". Segundo Pai Paulo de Oxalá, ***"A palavra Vodun vem da língua ewe/ Fongbè: vo (mistério) + dun (do tempo). Alguns pesquisadores como Luis Nicolau Parés autor do livro "A Formação do Candomblé História da Nação Jeje na Bahia" define Vodun como "o***

que não pode ser conhecido". Segundo Parés, estes povos chamavam seus Voduns de "Hun". Em ewe-fon a palavra "hun" determina tudo que é grandioso como, por exemplo, "Hunpame" que significa: "Terra grande", pois o culto aos Voduns necessita de grandiosos terrenos com muitas árvores que são chamadas de "Atinsa'. Cada Vodun é assentado aos pés de sua árvore litúrgica como, por exemplo, Loko que é assentado aos pés da árvore Iroko, Ajunsun na cajazeira e Besen o grande senhor aos pés de uma palmeira sagrada chamada Indan (exclusivo da cobra). No Benin, o dia 10 de janeiro é dedicado aos Voduns. Durante todo o dia em vária régiões do país, os Voduns são comemorados com cânticos danças.". V. *àjèjì*.

W

wájì – s. índigo; pó azul utilizado em diversos rituais de Candomblé. O *wájì* é considerado como um dos tipos de sangue preto existentes na natureza. Os iniciados no Candomblé têm seu corpo pintado com *osùn*, *efun* e *wájì*, que representam as três cores primordiais: vermelho, branco e preto, respectivamente. V. *èjè*; *èjè dúdú*.

wèrè – **1**. s. loucura; estupidez. Usa-se também ***egán***, ou ***ìsínwin***. Os iorubanos acreditam que as doenças mentais podem ser de três tipos diferentes: as ***ìran*** (hereditárias: herdadas geneticamente), as ***àmútòrunwá*** (sobrenaturais: causadas pela ira das divindades ou por feitiçarias) e as ***àfisè*** (naturais: originadas por acidentes, aflições ou traumas); **2**. a loucura: um dos quatro filhos nascidos do casamento entre ***Ikú*** (a morte) e ***Àrùn*** (a doença). Seus outros irmãos são: a deformidade (*àìdára*), a apreensão (*èèmò*) e a infecção (*èèràn*). V. *ajogun*.

Y

yánsàn – s. *Òrìṣà* feminino que rege os ventos e tempestades, originária da cidade ioruba de *Irà* que fica no Estado de *Kwarà*, a sudoeste de *Ọ̀yọ́*. Mesmo que *Ọya*. V. *ọya*.

yemọja – s. *Òrìṣà* feminino originária da cidade ioruba de *Abẹ́òkúta*. Seu nome é a junção das palavras: *yèyé* (s. mãezinha) + *ọmọ* (s. filho) + *ẹ (s* (s. peixe), significando "A Mãe dos Filhos Peixes". Seu culto começou à beira do Rio *Lákáṣà*, afluente do rio *Ògùn*, na Cidade africana de *Ibará*, distrito de *Abẹ́òkúta*. Ali, as mulheres levavam seus filhos para serem banhados nas águas sagradas, buscando a cura de enfermidades e a prevenção contra a morte prematura, problemas comuns no Continente africano desde aquela era. *Yemọja*, era associada aos rios, à fertilidade das mulheres, à maternidade. Seu culto original era ligado à colheita e ao plantio de inhames (base da alimentação dos africanos) e também à pesca. Sua imagem era representada por uma escultura de mulher gorda, de seios fartos apoiados nas mãos. Na cabeça, havia uma espécie de recipiente, onde eram colocados os seus elementos de culto. Foi o povo *ẹ̀gbá* que primordialmente começou a cultuar *Yemọja*. Com a expansão do território dos *ẹ̀gbá* devido às guerras entre as diversas etnias, que o culto chegou finalmente a *Abẹ́òkúta*, onde ganhou força e tradição. Com o tempo, se espalhou por quase todo o território iorubano. Assim, *Yemọja* foi gradativamente se tornando a grande mãe dos *ẹ̀gbá*, dos *Ọ̀yọ́* e dos *ìjẹ̀ṣá*. Já seria um prenúncio de que *Yemọja* estava fadada a ser admirada e querida por milhares, mundo afora. Quando todos esses povos foram aprisionados e vendidos ao Brasil como escravos, trouxeram com eles o amor à Mãe *Yemọja*. Na África, Yemọja era a deusa do rio, filha de *Olókun* (a divindade dos mares – V. *olókun*) e irmã de *Ajé Ṣàlúgà* (V. *ajé ṣàlúgà*) e *Àyè* (V. *àyè*). No Brasil, talvez, no universo mítico de seus filhos e devotos, tenha sido emancipada e elevada à herdeira de *Olókun*, finalmente assumindo seu posto como rainha de todos os mares. No convívio entre os negros e os brancos, as culturas, as crenças e os ritos foram se entrelaçando, no processo de sincretismo. *Yemọja*, a grande mãe africana, foi naturalmente associada a Nossa Senhora (a grande mãe dos católicos). Assim, seu aspecto, seu mito, seu culto e até sua personalidade seriam adaptados ao novo continente. Desta forma, nascia no Brasil a mais popular devoção: o

amor a Mãe *Yemọja*. A tradição brasileira de colocar flores no mar em oferta a *Yemọja* no último dia do ano, é chamada de "*Yemanjismo*" (expressão do Prof. Armando Vallado), sendo considerada como uma devoção cultural e espontânea, realizada pelos brasileiros de um modo geral, independente de seu credo ou religião. **Elemento**: água; **Regência**: rege a sanidade mental e a harmonia do lar. Embora originalmente na África fosse cultuada nas águas doces, aqui no Brasil tornou-se a patrona dos mares, adquirindo mais esta atribuição. Seu domínio passou a ser o local de encontro do rio com o mar; **Saudações**: *Odò fçõessanidade* (Amada Matriarca do Rio!), ou *Odò Ìyá* (Mãe do Rio!), ou *Orí o*! (Oh Senhora das Cabeças!), ou *Èérú Ìyá*! (Mãe das Espumas!); **Elementos Rituais**: *abement* (leque) e, para *Ògúntue*, também o *èlè* (alfanje: espada curta e curva) ou *idà* (espada); **Títulos**: *Odò Ìyá* (Mãe do Rio); *Ayaba* (Rainha); Ólómú (Senhora dos Grandes Seios); *Ìyá Orí* (Mãe das Cabeças); **Qualidades**: *S al ou Sábá, Asbái, A bái, Àwóyó, Ìyálata, Ìyámasé, Yemòwo* ou *Yemòó* (V. *Yemòwo*), *Ògúntoé, Olókun* (V. *olókun*), *Tòrósí, Àkùrà, Àtáràmagbá, Kónlá, Ọ nlám*, dentre outras; **Cores**: veste-se azul, ou de verde, ou ainda de verde e rosa, conforme a qualidade. Seus fios de contas são de cor cristal, ou verde cristal, conforme a qualidade.

yemòwo, ***yemòó*** – s. divindade cultuada em *Ifé* como esposa de *Ọbàtálá*. É considerada como uma das qualidades de *Yemọja* no Candomblé. V. *yemọja*; *ọbàtálá*.

yẹmidérégbẹ – s. divindade que atingiu a sublimação através da respiração adequada. Segundo a Religião Tradicional *Yorùbá*, este seria um Título de *Olókun*.

yẹwà – s. *Òrìṣà* feminina cultuada na cidade ioruba de *Ègbádò* (atual *Yẹwà*), no Estado nigeriano de *Ogun*. Algumas tradições a consideram como a vertente feminina de *Òṣùmàrè*; **Elemento**: ar e água; **Regência**: rege o pôr do sol (V. **àfẹ̀mọ́jú**), a beleza, a timidez, a evaporação. *Yẹwà* acompanha os mortos até a cova. Ela é guerreira e também caçadora; Saudação: *rírọ̀*! (Brandura!); **Elementos Rituais**: *Ọfà* (arco e flexa) e *Ọkọ̀* (lança). Às vezes *Yẹwà* também é vista portando uma cobra (dan) de metal na mão, quando representa a metade feminina de *Òṣùmàrè*; **Títulos**: *Bímòye* (Nascida Filha de um Chefe); **Qualidades**: *Olójò, Ojolomi, Jibẹwi, Jyran*; **Cor**: veste-se de vermelho e tons de vinho em estampados. Seus fios de conta são

amarelos rajados de vermelho.

yorùbá – s. nome dado ao agrupamento cultural que fala o idioma ioruba, localizado no Sudoeste africano que ocupa a área geográfica denominada de iorubo, ou iorubolândia. Existem pelo menos duas possibilidades para as origens dos iorubas na África Ocidental, de acordo com estudos desenvolvidos por linguistas, arqueólogos e historiadores. A primeira vertente, (Bascom, 1984 e Ray, 2000) aponta que eles teriam se formado do encontro de populações já estabelecidas na região florestal do Golfo da Guiné (possivelmente os *igbos* com povos vindos do centro-norte africano, que se estabeleceram ali em torno dos séculos IX e X), antes do primeiro milênio da Era cristã. Esta teoria é, em parte, reforçada pelos estudos dos linguistas, que perceberam a identidade idiomática. A segunda hipótese se baseia na possibilidade da articulação entre populações da própria África Ocidental, algumas habitantes multisseculares das regiões florestais e outras advindas da área de savanas mais ao norte, que teriam se influenciado ou mesclado. Para esse segundo encontro a data mais provável seria o período referente aos séculos XIV e XV (Smith, 1965, Law 1973 e Silva, 1996). O termo "*yorùbá*" como forma de designação desta etnia, é relativamente recente. A expressão foi usada como maneira de identificar como um único grupo, os diversos povos que ocupavam áreas no sudoeste da África Ocidental e que continham entre si identidades sociais, idiomáticas, históricas, culturais e religiosas. Esse grupo ocupava a região florestal do Golfo da Guiné, sobretudo a área que hoje compõe a Nigéria, o Togo e o Benin, desde o primeiro milênio depois de Cristo. Ao longo dos anos, aqueles que seriam chamados posteriormente de *yorùbá*, foram se organizando em cidades-Estado (pequenos reinos independentes), mas que mantinham entre si relações comerciais e algumas identidades cosmogônicas. As principais cidades-Estado que comporiam o chamado iorubo, localizavam-se entre a margem oriental do rio *Ògun* e a margem ocidental do rio Níger. Diversas cidades-Estado da África pré-colonial formavam então o que os europeus passariam a chamar de "iorubo", ou "iorubolândia" desde 500 D.C: *Ọ̀yọ́, Ìbàdàn, Benin, Èkìtì, Ọ̀ṣùn, Ondó, Àkùré, Ìlọrin, Ìré, Ògbómọ̀ṣo, Ìsẹ̀yín, Òṣogbo, Ìjẹ̀ṣà, Kwara, Ògún, Lagos, Ótá, Abẹ́òkúta, Ṣagàmú, Ẹ̀gbáadò, Kétu* e *Ifẹ̀*. A rotulação dessa etnia era resultante do interesse europeu em identificar os grupos para com eles

desenvolver interesses comerciais, políticos, bem como para facilitar as chamadas ações missionárias de conversão. Para bem compreendermos os *yorùbá*, é fundamental entendermos o processo de criação desta roupagem identitária. Pode parecer, a princípio, que esse aglomerado sempre tivesse se identificado como membros do mesmo grupo, mas isto não é verdadeiro. Segundo o Prof. Anderson Oliva: *"Estudiosos perceberam que a construção dessa identidade étnica foi fruto das pressões sofridas por algumas cidades-Estado presentes no Golfo da Guiné, do século XVIII em diante, e dos esforços dos próprios "iorubás" em se defender da ação escravagista de europeus e do reino do Daomé. Ao mesmo tempo em que a relação com outros grupos africanos como os haussás delineou sua elaboração. Neste caso é preciso lembrar que as diferenças entre os "iorubás" eram tão evidentes que durante grande parte de suas trajetórias históricas eles não se identificam como iguais e nem com este termo."* A explicação de Klaas Woortmann a respeito foi clara: *"É bastante evidente que falar dos Iorubá é tão difícil quanto falar dos brasileiros, esquecendo a imensa diversidade que existe entre o campesinato nordestino, o campesinato teuto-brasileiro ou a classe média metropolitana, ou entre os diferentes grupos religiosos, dos quais fazem parte os Nagô. Os iorubás são, de certa forma, uma abstração; o que existe de fato são o reino e o povo de Ifẹ̀, de Ọ̀yọ́, de Ìjẹ̀ṣà, de Kétu, etc., todos eles produtos particulares de combinações socioculturais ao longo de suas histórias."* (*Woortmann, 1978: 12*). Os fatores de criação da identidade *yorùbá* foram pautados em aspectos como os cosmológicos, a língua, a filiação à *Odùduwà*, as relações comerciais e outros padrões culturais. Por que não dizer que missionários preocupados em converter os africanos, careciam de uma maneira de identificar simplificando as etnias em busca de uma Bíblia traduzida para um só povo, ao invés de adaptada a todas as singulares etnias? Foram sem dúvida esses motivos que levaram a uma tentativa de construir, principalmente a partir dos séculos XVIII ou XIX, a idéia de uma unidade denominada ioruba, que se revelaria posteriormente não tão africana, nem espontânea como pensaram aqueles que se utilizaram delas nos séculos XIX e XX. Pierre Verger constatou que a expressão *yorùbá* passou a ser utilizada como referência daquele grupo populacional, somente a partir do final do século XIX e mais ainda já no século XX: *"O termo iorubá, escreve S. O. Biobaku, aplica-se a um grupo*

linguístico de vários milhões de indivíduos." Ele acrescenta que, *"além da linguagem comum, os iorubá estão unidos por uma mesma cultura e tradições de sua origem comum na cidade de Ifé, mas não parece que tenham jamais constituído uma única entidade política e também é duvidoso que, antes do século XIX, eles se chamassem uns aos outros por um e mesmo nome"*. (...) O termo iorubá, efetivamente, chegou ao conhecimento do mundo ocidental em 1826, através de um livro do capitão Clapperton. Foi encontrado em um manuscrito, em língua árabe, trazido por ele do 'reino de Takroor (atual Sokoto), naquela época dominado pelo Sultão Mohamed Bello, de Haussa'... Clapperton e Richard Lander utilizam esta palavra para os povos de *Oyó*. (Verger, 1997b: 11-14). O caráter inventivo da identidade yorùbá pode ser atestado por relatos dos séculos XVII, XVIII e XIX, através dos quais administradores estrangeiros lotados na África, comerciantes e pesquisadores referiam-se àquele grupo utilizando outra nomenclatura para defini-los: "Um outro termo que também foi utilizado para designar os iorubá durante a diáspora foi '*Olukumi*', que apareceu frequentemente nos escritos europeus do século XVIII e do início do XIX(...) Este termo, que após sofrer variações virou '*Ulcumy*', '*Lucumy*', refere-se ao mesmo grupo de pessoas que agora chamamos de iorubá." (Adediran, 1984:60-1). Até os dias de hoje, é mais comum que os africanos daquela região se identifiquem como "*ifés*", "*oyos*", "*egbas*", "*ketus*", etc. do que como "*yorùbá*". Apesar das identidades já relatadas, algumas basilares diferenças (elementos de caracterização étnica) entre esses povos não permitiam que eles próprios se vissem como um único povo. A variedade de deuses, de interesses econômicos e políticos e até as cicatrizes faciais, distinguiam naturalmente essas etnias que foram batizadas como "*yorùbá*". Numa tradição comum a todos os milhões de iorubófonos, o berço dos "iorubas" seria a cidade sagrada de *Ifẹ̀*, ou *Ilé Ifẹ̀*. Apesar disso, jamais houve entre esses povos uma unidade política em comum. Nem mesmo os povos que falavam o idioma ioruba se identificavam como "*yorùbá*". Todavia, indiscutivelmente, por sua unidade linguística, e cultural, foram reconhecidos como formadores de um único grupo étnico. Contudo, o ato de se reconhecer e de serem reconhecidos como iorubás, deu-se somente a partir do final do século XVIII. Os iorubófonos compõem hoje cerca de trinta milhões de pessoas na África Ocidental e constituem aproximadamente 21% da população da Nigéria, composta por cerca de

130 milhões de pessoas e ocupam as áreas de maior importância econômica do país. Contudo, os iorubás não são o maior grupo étnico da atual Nigéria. Os haussás são 23%, os fulanis 22% e os igbos 18%. Além da Nigéria, atualmente há comunidades iorubas na República do Benin, em Gana, no Togo, em Serra Leoa, em Cuba, na República Dominicana e no Brasil. Esta etnia, no Brasil, eu origem ao chamado Candomblé da Nação *Kétu*. V. *nàgó; olukumi; lucumy*.

APÊNDICE

ÀṢẸ E ATITUDE SUSTENTÁVEL

A natureza para os iorubas é sagrada. Os ancestrais iorubanos há milhares de anos, desde o continente africano, reconheciam a presença divina na natureza. Ensinaram a perceber a importância da terra (*ilẹ̀*), do fogo (*iná*), da água (*omi*) e do ar (*afẹ́ẹ́fẹ́*) que estão em torno de nós e também dentro de nós. Aprendemos que cada um desses elementos expressa emoções como o amor, a calma, o dinamismo, a sensatez, as quais devem estar sempre em pleno equilíbrio conosco. Por isso, para os adeptos do Candomblé, cuidar da natureza é parte do ritual. Quem degrada o meio ambiente, atenta contra as divindades.

Conforme a filosofia ioruba, os seres humanos ocupam o mesmo grau de importância do que os vegetais, os animais e os minerais. Deus (*Ọlọ́run*) não os criou para "nos servir", mas para habitarem o mesmo mundo (*àiyé*) conosco, como irmãos. Por isso, conseguimos enxergar a divindade em uma árvore (*Ìrókò*) e num animal (*Dan*).

Por esses motivos, há de se ressaltar a necessidade de estimular que os praticantes, assim como toda a população preservem a natureza para que tenham uma qualidade de vida mais harmônica e sustentável.

Aliás, é importante destacar que, as diversas atividades econômicas, bélicas e irresponsáveis, realizadas fora do contexto sociorreligioso do Candomblé, poluem e degradam muito mais nosso meio ambiente, do que qualquer liturgia afrorreligiosa.

Para preservarmos nosso ambiente são necessárias atitudes muito simples, que nos ajudarão a vivermos melhor, a economizarmos recursos naturais e também econômicos.

Praticar a religiosidade não se restringe aos rituais. Por isso, na elaboração de propostas ecológicas, consideramos atividades litúrgicas e

também aquelas que são praticadas fora do espaço do terreiro. Mas em todas elas, desejamos alcançar equilíbrio, paz e a renovação positiva. Desta forma, propomos dezesseis atitudes sustentáveis, inspirados na sabedoria daqueles que, a pedido de *Ọlọ́run*, criaram o mundo em que vivemos (*Odùduwà*) e a vida que nele habita (*Ọbàtálá*). *Àlàáfíà*!

1- **Colheita**: as plantas são sagradas. As dádivas que elas nos oferecem, devem ser colhidas respeitosamente, de forma a não comprometer sua vida. ***Kò sí ewé, kò sí Òrìṣà!*** (Sem folha, não há *Òrìṣà*!).

2- **Preservação**: não desmate e não coloque fogo nas matas. Pratique o replantio e ajude a recuperar as áreas verdes e as espécies, para que não entrem em extinção. ***Èní bá dá omi sí iwájú a tè ilẹ̀ tútù***. (Quem joga água em sua frente, pisará no chão molhado).

3- **Oferendas**: quantidade não significa qualidade. Evite o desperdício. Economize os recursos naturais e econômicos. Quando depositar as oferendas na natureza, use recipientes e materiais biodegradáveis como folhas, cabaças, cuias. Não use garrafas, copos, panos sintéticos, nem plásticos. ***Àwọn àbẹ́là máa ta pẹpẹlé***. (Velas demais queimam o altar).

4- **Descarte**: oferendas não são lixo. Devem ser respeitadas quando colocadas e quando retiradas. A relação com a natureza se dá através da troca. Portanto, sempre que possível, enterre as oferendas após o descarte. Você estará devolvendo vida à natureza. ***Bẹ́ẹ̀ni ni bẹ́ẹ̀ni. Rárá ni rárá***. (Sim é sim. Não é não).

5- **Velas**: na natureza, a luz do sol e a claridade da lua são iluminações divinas, as velas podem ser dispensadas. ***Àyàfi máa dìde láti kọ́, ẹnití ti jókó láti kẹ́kọ́***. (Só se levanta para ensinar, aquele que sentou para aprender).

6- **Reciclagem**: separe o lixo no dia da coleta seletiva. Elementos como vidro, papel, metal e plástico podem ser reciclados. ***Àiyé kò ní orígun***. (O Mundo não tem esquina).

7- **Lixo**: não jogue lixo na rua, terrenos baldios, nas praias, rios, cachoeiras, nem encostas. A natureza devolverá para nós o cuidado ou a sujeira que lhe oferecermos. ***Nígbà tí ẹnu jìn, ni burú jù lẹ́sẹ̀***. (Quando a boca tropeça, é pior do que o pé).

8- **Compostagem**: é a arte de transformar lixo em adubo orgânico. Esse adubo pode ser usado em jardins, plantas e para a agricultura. Podemos

utilizar materiais aparentemente inúteis, para melhorar a saúde do solo sagrado em que vivemos. ***Èso bí ní tirẹ àsìkò***. (A fruta só nasce no seu tempo).

9- **Óleo**: não jogue dendê, óleos lubrificantes ou de cozinha na sua rede de esgoto. Você estará poluído rios, lagoas, praias, o solo, o ar e deteriorando a rede de encanamentos. Estes materiais podem ser armazenados facilmente em *pet´s* para descarte correto, ou usados para a fabricação de sabão caseiro. ***Asúnramú kò tẹ̀ bọ̀rọ́bọ̀rọ́***. (Aquele que é trabalhador nunca fica em dificuldades).

10- **Água**: evite o desperdício. Não deixe torneiras, mangueiras e chuveiros abertos à toa. Conserte os vazamentos. A água é um recurso que precisa ser controlado. Lembre-se: o consumo de água gera gasto de energia elétrica. ***Kò gbòdo kan orísun wípé ọjọ́ pa wà òngbẹ***. (Não devemos destruir a fonte que um dia dissemos que matou nossa sede).

11- **Reaproveitamento da água**: armazene água da chuva para lavar calçadas e tudo mais que for possível. A água pode ter reuso para várias finalidades, como lavar o chão, regar as plantas, lavar o carro e dar banho em animais. Lembre-se que água parada gera a proliferação de insetos e de doenças. ***Ògiri nlá bẹ̀rẹ̀, pẹ̀lù òkúta kékeré***. (A grande muralha começa, com a pequena pedra).

12- **Alimentação**: evite desperdício de materiais e de alimentação. A comida é sagrada. Na hora do cozimento, tampe as panelas, isso economiza gás e tempo. Para seu consumo e preparo, priorize os produtos orgânicos (sem agrotóxicos). ***Wa ìgbẹ́sẹ̀ máa fọ̀ nítorí àwa, kò wa ẹnu!*** (Nossas ações falam por nós, não a nossa boca!).

13- **Luz**: acenda a luz apenas quando necessário. Aproveite a claridade do sol, abrindo janelas, cortinas e persianas. Não deixe ambientes vazios com a luz acesa. Desligue os aparelhos eletrônicos da tomada quando não estiverem sendo usados. Não use lâmpadas incandescentes, elas gastam muita energia. Entre as fluorescentes e as de led, prefira as que têm maior durabilidade. Você estará economizando recursos ambientais e financeiros. ***Bì etí kò gbọ́ inú kì í bàjẹ́!*** (Se o ouvido não ouve, o coração não sente!).

14- **Eletrodomésticos**: instale a geladeira e o freezer longe do fogão e dos raios solares. Manter a borracha de vedação da porta em bom estado

garante melhor resultado e economia de luz. Procure passar as roupas de uma vez só. Ligue a máquina de lavar apenas quando estiver cheia. Opte pelos eletrodomésticos mais eficientes. Você estará economizando energia a longo prazo. ***Ológìn ìbọ̀wọ́ kò gan èkúté***. (Gato de luva não pega rato).

15- **Locomoção**: deixe o carro na garagem. Caminhe, reveze carona, vá de bicicleta e sempre que possível, utilize o transporte público. Use as escadas, em vez do elevador, quando puder. Você estará cuidando da sua saúde, poluindo menos o ambiente e economizando energia. ***Ọmọ ènìà rìn odù wa, pẹ̀lù gbàwà ésà***. (O homem pisa no seu destino, com a herança dos seus ancestrais).

16- **Consumo**: compre o que é realmente necessário. Evite produtos e embalagens plásticas que não serão novamente utilizadas. Prefira bolsa própria (lona ou pano) quando for às compras ou reutilize as sacolas. Escolha produtos que tenham a opção de refil. Não compre móveis de madeira ou que não tenham a certificação. O "selo verde" garante que a madeira foi extraída de forma legal e sem destruição das florestas primárias. Aproveite os dois lados das folhas e use, sempre que puder, produtos feitos com papel reciclado. Priorize comprar materiais reaproveitáveis, inclusive pilhas. Pratique a customização: roupas, brinquedos, livros e jogos que você não usa mais podem ser reaproveitados por outros. ***Ayọ̀ mọ́lè púpọ̀, dé ojú***. (Alegria que brilha muito, cega os olhos).

Ensine as crianças o amor e o respeito pela natureza!

BIBLIOGRAFIA

ABIMBOLA, W. *Ifá Divination Poetry*. Indiana: Indiana University Bloomington, 1973.

ABRAHAMNS, R.C. *A Hausa-english dictionary and english-hausa vocabulary*. London: Oxford University Press, 1934. 1226p.

_____, *Dictionary of modern yorùbá*. New York: Hodder and Stougton, 1981.

ADERONMU, Otunba Adekunle. *Ifá: filosofia e ciência de vida*. São Paulo: GMA Gráfica Editora, 2015.

BALBACH, A. *As plantas curam*. Itaquacetuba: Missionária, 1992.

BARROS, J.F.P. *O Código do corpo: inscrições e marcas dos orixás*, in cativeiro e liberdade. Rio de Janeiro: UERJ, 1989.

_____ *Ewé òrìṣà: uso litúrgico e terapêutico de vegetais. Rio de Janeiro:* Bertrand Brasil, 2000.

_____ *O Segredo das folhas: sistema de classificação de vegetais no candomblé jêje-nagô do Brasil. Rio de Janeiro: Pallas/ Uerj, 1993.*

_____ (Organizador). Terapêuticas e culturas. Rio de Janeiro: Uerj, Intercon, 1998.

BASCOM, *W. The Relationship of yoruba folklore to divining.* Illinois: Journal of American Folklore, 1943.

BASTIDE, Roger. *O segredo das ervas*. Anhembi, 18:333-334, SP, 1955.

BENISTE. José. *Dicionário yorubá português*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BUCKLEY, A.D. *Highlight: studies in the sociology of diversion.* Nova

Iorque: Free Press, 1985.

CABRERA, Lidia. El monte – Igbo-Finda; Ewe Orisha; Vititi Nfinda. Miami, Flórida: Ediciones Universal, 1992.

CAPUTO, Stela G. *Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de candomblé*. Rio de Janeiro: Pallas: 2012.

CASEMIRO, J., DIAS, J, CHIFFOLEAU, M. & SCHOTTZ, V., *Comida: esse diálogo sem palavras*, *in*, Dossiê: a questão da segurança alimentar e nutricional: avanços e retrocessos, nº 34, dez/2015, Rio de Janeiro: Publicação da Associação de Docentes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ASDUERJ), 2015.

CASTRO, Yeda Pessoa. *Falares africanos na Bahia – um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/ Topbooks Editora e Distribuidora de Livros Ltda, 2011.

CHEVALIER, J & GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 11ª ed., 1997.

DEVEREUX, G. *De l´angoisse à la méthode dans les sciences du comportement*. Paris: Flammarion, 1980.

DURKHEIM, Emile. *The elementary forms of religious life*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELLIS, A.E. *The yoruba speaking peoples*. London: Chapman and Hall Ltd., 1894.

EPEGA, A. & NEIMARK, P.J. *The secret ifa oracle*. New York: Harper Collins Press, 1995.

GAMA, T.S. *Cura*. *in Anais do Seminário "segredos da cura – as ciências do comportamento num espaço coletivo de reconhecimento da multiplicidade*". Rio de Janeiro: UERJ/Proeper/CCS, 2014.

HAHN, R.A. *Yoruba medicine*. Oxford: Clarendon Press, 1995.

HÉRISSÉ, René Le. *Voyage au Dahomey et en Côte d'Ivoire*. Paris: H. Charles-Lavauzelle, 1903.

HERSKOVITS, Melville J., & BASCOM, W.R. *Continuity and change in African cultures*. Chicago: University of Chicago Press, 1959.

JAGUN, Márcio. *Odù: os yorùbá e o destino*. Rio de Janeiro: Instituto Ori, 2014.

_____ *Orí – a cabeça como divindade*. Rio de Janeiro: Litteris, 2015.

_____ *Yorùbá – vocabulário temático do candomblé*. Rio de Janeiro: Uerj/ Litteris, 2017.

JEGEDE, A.S. *Disease and cure: anthropological perspective*. New Haven and Londres: Yale University Press, 1994.

_____ *The notion of 'were' in yoruba concept of mental illness*, "in" The Journal of African Studies 14 (1): 117-126. Ibadan: University of Ibadan, 2005.

JOHNSON, Samuel. *The history of the yorubas***.** Lagos: Brookshops, 1921.

JUNG, C.G. *On the Nature of the Psyche*. EM Collected Works, vol. 8. Londres: Routledge & Kegan, 1954.

KLEINMAN, A. *Patients and healers in the contexto of culture. An exploration of the borderland between Antropology Medicine and Psychiatry.* Califórnia: University of Califórnia Press, 1980.

LÉPINE, Claude. Contribuição ao estudo da classificação dos tipos psicológicos no candomblé ketu. São Paulo: Tese de Doutoramento – USP, 1978.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *La pensée sauvage.* Paris: Librairie Plon: 1966.

_____. *Totemism*. London: Merlin Press, 1964.

LODY, Raul. *Tem dendê tem axé – etnografia do dendezeiro*. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.

MAUPOIL, Bernard. *Geomancia na antiga costa dos escravos*. Paris: Instituto de Etnologia, 1988.

MBITI, J.S. *Magic medicine: a nigerian case study*. New York: Oxford

University Press, 1969.

MCINTYRE, A. *Guia completo de fitoterapia*. São Paulo: Pensamento, 2011.

MONTEIRO, Marcelo. Apostila de Toques e Cânticos. Rio de Janeiro: Cetrab, 2001.

NAPOLEÃO, E. Abiodun. *Blog Ìwé ewé òsányìn*: http://ewif.blogspot.com/2010_03_21_archive.html

NEIVA, L. *A cura do câncer pelo aveloz*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

NOBRE, Carlos. *Guia patrimonial da pequena áfrica*. Rio de Janeiro: Centro Portal Cultural do Rio de Janeiro, 2014.

NUMEN, *Revista de estudos da religião*. *Universidade Federal de Juiz de Fora*, v. 5, n 1 (1º sem. 2002). Juiz de Fora: Editora UFJF, 2001.

ODEBIYI, A.I. & OGEDENGBE, R.O. *Religion and philosophy african*. London and New York: Heinemann Press, 1995.

PARÉS, Luis Nicolau. *A formação do candomblé, história e ritual da nação jeje na bahia.* Campinas: Unicamp, 2007.

PENNA, A. dos Santos. *Èjì Ologbon, Àwọn Àmúlù – Ọ̀yẹ̀kú* e Suas Combinações. Rio de Janeiro: Editora Àdájo Òná Ẹ̀sin – vol. III, 2006.

POSSATO, Lourdes. *Equilíbrio emocional: como a harmonia entre o pensar, agir e sentir*. São Paulo: Lúmen, 2008.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1977.

SANTOS, E. & Stela Caputo, *Diário de pesquisa na cibercultura – narrativas multirreferenciais com os cotidianos*. Rio de Janeiro: Ọmọdé, 2018.

SANTOS*, Juana Elbein dos. Os nagô e a morte. Petrópolis: Vozes. 1986.*

SANTOS*, Maria Stella de Azevedo & DOMINI, Graziela. O que as folhas*

cantam. Salvador: Ossos do Ofício, 2014.

SCHLEICHER, Fọlàrín & YÉTÚNDÉ Antonia. *Colloquial Yoruba: The Complete Course for Beginners*. New York: Routledge, 1ª ed., 2008.

SIMPSON, G.E. *Yoruba religion and medicine*. Nigéria: Ed. Ibadan University Press, 1980.

SOCIEDADE, Meio Ambiente. Jornal o globo, pág. 38, 16.04.2017: https://oglobo.globo.com/sociedade/as-arvores-cuidam-uma-das-outras-diz-engenheiro-florestal-21206855.

SOUZA, F. & LIMA, Mª N. (Organizadoras). *Literatura afro-brasileira*. Brasília: CEAO-UFBA, 2006.

THOMPSON, Robert Farris. *Yoruba beaded and brass crowns, an artistic image of leadership*. Los Angeles: U.C.L.A., 1969.

TOGUN, Altair B. Oliveira. *Cantando para os orixás*. Rio de Janeiro: Pallas, 2ª ed. 1997.

VERGER, Pierre Fatunbi. *Ewé – o uso das plantas na sociedade ioruba*. Salvador: Corrupio, 2000.

_____, *Notas sobre o Culto aos Orixás e Voduns*. São Paulo: EDUSP – 2ª edição, 2000.

_____, *Poisons (orô) and antidotes (èrò): from evil works (abílù) and protection from them Idáàbòbò. Stimulants and tranquilizers. Anais, Semiar*. Ifé: University of Ifé, 1976.

_____, *Awon ewé osanyin: yoruba medicinal leaves*. Nigéria: University of Ifé: ed. Institute of African Studies, 1967.

WOHLLEBEN, P. *A Vida secreta das árvores – o que elas sentem e como se comunicam*. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

ZOHAR, D. & Ian Marshall. *Inteligência Espiritual*. Rio de Janeiro: Viva Livros, 2012.

MÁRCIO DE JAGUN



Márcio de Jagun é Bàbálórìsà do Ilé Àse Àiyé Obalúwáiyé, advogado, escritor, professor e consultor em cultura ioruba no Programa de Estudos e Pesquisas das Religiões (PROEPER/UERJ); professor de cultura e idioma ioruba no Programa de Letras Estrangeiras Modernas (PROLEM/UFF); membro do Conselho Estadual de Defesa e Promoção da Liberdade Religiosa; pesquisador responsável pelo projeto de inclusão do idioma ioruba no Inventário Nacional de Diversidade Linguística (INDL) junto ao IPHAN; proponente da lei que tombou o idioma ioruba praticado nas religiões afro brasileiras como patrimônio imaterial do Estado do Rio de Janeiro. É conferencista, articulista e autor dos seguintes livros: Orí - A Cabeça como Divindade, Yorùbá – Vocabulário Temático do Candomblé, Odù – os Iorubas e o Destino. No ano de 2000 começou a militar no combate à intolerância religiosa e contra o clientelismo religioso, atuação que mantém até hoje. Foi um dos fundadores da Associação Nacional de Mídia Afro – ANMA.